



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

CARTAS
DO
PADRE ANTÓNIO VIEIRA

BIBLIOTECA DE ESCRITORES PORTUGUESES
(SÉRIE C)

CARTAS
DO
PADRE ANTÓNIO VIEIRA
COORDENADAS E ANOTADAS

POR
J. LÚCIO D'AZEVEDO

TOMO SEGUNDO



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1926

**Desta edição
fez-se uma tiragem especial de 200 exemplares
numerados e rubricados**

ÍNDICE

Cartas	DESTÊRRO E PROCESSO EM COIMBRA .		Páginas
			1
I. — Ao Marquês de Gouveia	1662	Setembro 9	3
II. — Ao mesmo	1663	Janeiro 20	7
III. — Ao mesmo		Fevereiro 13	11
IV. — A Duarte Ribeiro de Macedo	-	-	11
V. — A D. Rodrigo de Meneses	»	Dezembro 17	13
VI. — Ao Marquês de Gouveia	»	19	15
VII. — A D. Rodrigo de Meneses		24	17
VIII. — Ao Marquês de Gouveia		» 26	19
IX. — Ao mesmo	1664	Janeiro 2	21
X. — A D. Rodrigo de Meneses		14	24
XI. — Ao Marquês de Gouveia	»	16	27
XII. — Ao mesmo		25	30
XIII. — A D. Rodrigo de Meneses		» 28	31
XIV. — Ao Marquês de Gouveia	»	Fevereiro 6	34
XV. — Ao mesmo		20	35
XVI. — A D. Rodrigo de Meneses	»	Março 3	37
XVII. — Ao Marquês de Gouveia		» 19	40
XVIII. — A D. Rodrigo de Meneses		» 31	43
XIX. — Ao mesmo	»	Abril 14	45
XX. — Ao mesmo		» 28	47
XXI. — Ao mesmo		Maio 5	51
XXII. — Ao mesmo	»	19	52
XXIII. — Ao mesmo		» 26	55
XXIV. — Ao mesmo	»	Junho 2	58
XXV. — Ao mesmo	»	» 9	60
XXVI. — Ao Marquês de Gouveia	-	18	64

Cartas			Pág.
XXVII. — A D. Rodrigo de Meneses	1664	Junho	23 65
XXVIII. — Ao mesmo.		Julho	7 67
XXIX. — A D. Teodósio de Melo	"	"	19 68
XXX. — Ao mesmo.			20 69
XXXI. — A D. Rodrigo de Meneses	"	"	21 70
XXXII. — Ao mesmo		"	28 72
XXXIII. — Ao mesmo.	"	Agosto	3 73
XXXIV. — Ao mesmo.	"		11 75
XXXV. — A Frei Luis de Sá.	"		15 76
XXXVI. — A D. Rodrigo de Meneses.		"	19 77
XXXVII. — Ao mesmo.	"	"	25 78
XXXVIII. — Ao Marquês de Gouveia.	"		31 81
XXXIX. — A D. Rodrigo de Meneses.	"	Setembro	1 83
XL. — Ao mesmo.	"	"	8 85
XLI. — Ao mesmo.	"		22 87
XLII. — Ao Marquês de Gouveia.		"	28 89
XLIII. — A D. Rodrigo de Meneses.	"		29 90
XLIV. — Ao mesmo.	"	Outubro	6 91
XLV. — Ao mesmo.	"	"	20 93
XLVI. — Ao mesmo.	"	Novembro	3 95
XLVII. — Ao mesmo.	"		10 96
XLVIII. — Ao mesmo.			17 98
XLIX. — Ao mesmo.	"	Dezembro	8 100
L. — Ao Marquês de Gouveia.	"	"	" 102
LI. — A D. Rodrigo de Meneses	"	"	22 105
LII. — Ao mesmo.		"	29 107
LIII. — A um fidalgo	1665	Janeiro	2 109
LIV. — A D. Rodrigo de Meneses			19 110
LV. — Ao mesmo.			26 112
LVI. — A D. Teodósio de Melo		"	27 114
LVII. — A D. Rodrigo de Meneses	"	Fevereiro	3 115
LVIII. — A D. Teodósio de Melo.		"	7 116
LIX. — Ao Duque de Cadaval.	"	"	" 118
LX. — A D. Teodósio de Melo.	"		10 119
LXI. — A D. Rodrigo de Meneses.	"	"	15 120
LXII. — Ao Marquês de Gouveia.			16 122
LXIII. — Ao mesmo.	"		23 123
LXIV. — A D. Rodrigo de Meneses.	"	"	" 126
LXV. — A D. Teodósio de Melo.		"	27 128

Cartas		Pág.
LXVI. — A D. Rodrigo de Meneses	1665 Março	2 130
LXVII. — Ao mesmo	» »	9 131
LXVIII. — Ao Marquês de Gouveia.	»	133
LXIX. — Ao mesmo	» »	16 135
LXX. — A D. Rodrigo de Meneses	» »	» 137
LXXI. — Ao Duque de Cadaval	» »	20 139
LXXII. — A D. Teodósio de Melo	»	» 141
LXXIII. — A D. Rodrigo de Meneses	»	23 142
LXXIV. — Ao Marquês de Gouveia.	»	» 144
LXXV. — A D. Teodósio de Melo	»	26 147
LXXVI. — Ao mesmo	» »	31 149
LXXVII. — Ao mesmo	» Abril	12 150
LXXVIII. — Ao Marquês de Gouveia		13 152
LXXIX. — A D. Rodrigo de Meneses	» »	» 154
LXXX. — Ao mesmo		26 156
LXXXI. — Ao mesmo	» Maio	4 158
LXXXII. — Ao Marquês de Gouveia.	» »	» 159
LXXXIII. — A João Nunes da Cunha.	»	6 162
LXXXIV. — A D. Teodósio de Melo		8 164
LXXXV. — A João Nunes da Cunha.	»	13 167
LXXXVI. — Ao mesmo .	»	20 171
LXXXVII. — Ao Marquês de Gouveia.	»	31 172
LXXXVIII. — A D. Teodósio de Melo	» Junho	7 174
LXXXIX. — A D. Rodrigo de Meneses	»	8 175
XC. — Ao mesmo .	»	15 176
XCI. — A D. Teodósio de Melo	» »	16 178
XCII. — Ao Duque de Cadaval	»	20 180
XCIII. — A D. Teodósio de Melo		26 182
XCIV. — Ao Duque de Cadaval.	»	» 184
XCV. — A D. Rodrigo de Meneses	»	22 185
XCVI. — Ao mesmo		29 186
XCVII. — A D. Teodósio de Melo	» Julho	3 188
XCVIII. — Ao Duque de Cadaval .	» »	» 189
XCIX. — A D. Rodrigo de Meneses	» »	6 192
C. — A D. Teodósio de Melo	»	11 194
CI. — Ao mesmo.	»	12 196
CII. — A D. Rodrigo de Meneses .		13 198
CIII. — A D. Teodósio de Melo.	» »	16 199
CIV. — A D. Rodrigo de Meneses .	»	20 200

— VIII —

Cartas			Pág.
CV. — A D. Teodósio de Melo	1665	Julho	25 202
CVI. — A D. Rodrigo de Meneses .		»	27 204
CVII. — Ao Marquês de Gouveia.		»	31 206
CVIII. — A D. Rodrigo de Meneses		Agosto	3 208
CIX. — A D. Teodósio de Melo	»	»	7 210
CX. — Ao Duque de Cadaval.		»	10 212
CXI. — A D. Teodósio de Melo .	»		» 214
CXII. — A D. Rodrigo de Meneses	»	»	» 215
CXIII. — A D. Teodósio de Melo	»	»	11 218
CXIV. — Ao Duque de Cadaval.		»	14 219
CXV. — A D. Rodrigo de Meneses	»		17 220
CXVI. — Ao Duque de Cadaval .	»		22 222
CXVII. — A D. Teodósio de Melo		»	» 223
CXVIII. — A D. Rodrigo de Meneses			24 226
CXIX. — Ao mesmo			31 228
CXX. — A D. Teodósio de Melo	»		» 231
CXXI. — Ao Marquês de Gouveia.	»	»	» 232
CXXII. — Ao Duque de Cadaval.		Setembro	4 234
CXXIII. — A D. Teodósio de Melo			7 236
CXXIV. — A D. Rodrigo de Meneses		»	» 238
CXXV. — Ao Marquês de Gouveia.		»	» 240
CXXVI. — Ao Duque de Cadaval	»	»	9 241
CXXVII. — A D. Teodósio de Melo			» 243
CXXVIII. — Ao mesmo		»	10 244
CXXIX. — A D. Rodrigo de Meneses		»	14 246
CXXX. — Ao Marquês de Gouveia.	»		» 250
CXXXI. — A João Nunes da Cunha.	»	»	15 251
CXXXII. — A D. Rodrigo de Meneses	»		21 253
CXXXIII. — A D. Teodósio de Melo		»	» 255
CXXXIV. — Ao Duque de Cadaval	»		» 256
CXXXV. — Ao Marquês de Gouveia .			» 257
CXXXVI. — A Diogo Velho			» 258
CXXXVII. — A D. Teodósio de Melo			25 259
CXXXVIII. — Ao Duque de Cadaval.	»	»	» 261
CXXXIX. — A D. Rodrigo de Meneses	»	»	28 263
CXL. — Ao Marquês de Gouveia.	»	»	» 264
CXLI. — Ao Duque de Cadaval .	1668	Janeiro	3 265
CXLII. — Ao mesmo	»	»	9 266
CXLIII. — Ao mesmo	»	»	16 267

Cartas			Pág.
CXLIV. — Ao Duque de Cadaval .	1668	Fevereiro 20	269
CXLV. — A D. Teodósio de Melo	1669	— —	271
CXLVI. — Ao Marquês de Gouveia.	»	— —	273
SEGUNDA JORNADA A ROMA			275
CXLVII. — Ao Duque de Cadaval.	1669	Novembro 22	277
CXLVIII. — A D. Rodrigo de Meneses	»	» 27	278
CXLIX. — Ao mesmo .		Dezembro 3	280
CL. — Ao Duque de Cadaval .		» 6	283
CLI. — A D. Teodósio de Melo	»	» 16	286
CLII. — Á Rainha D. Catarina		» 21	288
CLIII. — A certo prelado	1670	Fevereiro 14	291
CLIV. — A D. Rodrigo de Meneses.		15	292
CLV. — Ao Marquês de Gouveia.	»	» 21	295
CLVI. — A D. Rodrigo de Meneses .	»	Março 15	296
CLVII. — A Duarte Ribello de Macedo		Abril 12	299
CLVIII. — A D. Rodrigo de Meneses.	»	Maiio 10	301
CLIX. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	Junho 16	303
CLX. — A D. Rodrigo de Meneses		Agôsto 2	305
CLXI. — A Duarte Ribeiro de Macedo		Setembro 26	308
CLXII. — A D. Rodrigo de Meneses .		Outubro 11	312
CLXIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	Novembro 18	315
CLXIV. — Ao Marquês de Gouveia.	1671	Janeiro 31	320
CLXV. — Ao mesmo .	»	Fevereiro 14	323
CLXVI. — Ao mesmo .	»	» 21	325
CLXVII. — A D. Teodósio de Melo		23	327
CLXVIII. — A D. Rodrigo de Meneses	»		329
CLXIX. — Ao Marquês de Gouveia.		» 28	333
CLXX. — Ao Duque de Cadaval .		Março 13	335
CLXXI. — Ao Marquês de Gouveia.	»	14	337
CLXXII. — Ao mesmo.		» 28	339
CLXXIII. — Ao mesmo.	»	Abril 11	340
CLXXIV. — Ao mesmo.		» 25	341
CLXXV. — A D. Rodrigo de Meneses		Maiio 11	343
CLXXVI. — Ao Marquês de Gouveia.		» 12	345
CLXXVII. — Ao mesmo.		23	347
CLXXVIII. — Ao mesmo.		Junho 6	348
CLXXIX. — Ao mesmo.	»	» 20	349

Cartas		Pág.
CLXXX. — A Duarte Ribeiro de Macedo	1671 Junho	30 351
CLXXXI. — Ao Marquês de Gouveia	Julho	18 354
CLXXXII. — A D. Rodrigo de Meneses.	»	» 356
CLXXXIII. — Ao Marquês de Gouveia.	Agosto	1 358
CLXXXIV. — A D. Rodrigo de Meneses.	»	» 360
CLXXXV. — Ao Príncipe D. Pedro.	Setembro	7 362
CLXXXVI. — Ao Marquês de Gouveia		12 364
CLXXXVII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	15 365
CLXXXVIII. — Ao Marquês de Gouveia	»	26 368
CLXXXIX. — Ao mesmo	Outubro	10 371
CXC. — A D. Rodrigo de Meneses.		24 372
CXCI. — Ao Marquês de Gouveia.	Novembro	7 378
CXCII. — A Duarte Ribeiro de Macedo		10 380
CXCIII. — Ao Marquês de Gouveia.	»	21 384
CXCIV. — A D. Rodrigo de Meneses.	»	» 386
CXCV. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	24 392
CXCVI. — Ao Marquês de Gouveia.	Dezembro	19 396
CXCVII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	22 398
CXCVIII. — Ao Marquês de Gouveia	1672 Janeiro	3 402
CXCIX. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	5 403
CC. — Ao mesmo.	»	12 406
CCI. — Ao mesmo.		26 408
CCII. — Ao Marquês de Gouveia	»	30 411
CCIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	9 413
CCIV. — Ao Marquês de Gouveia.		13 416
CCV. — Ao mesmo.		27 417
CCVI. — A Duarte Ribeiro de Macedo		29 419
CCVII. — Ao mesmo	»	9 422
CCVIII. — Ao Marquês de Gouveia	»	12 425
CCIX. — Ao mesmo.		26 427
CCX. — Ao mesmo.	»	9 429
CCXI. — Ao Marquês das Minas		430
CCXII. — A D. Rodrigo de Meneses.	»	» 432
CCXIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	11 434
CCXIV. — Ao mesmo.	»	16 437
CCXV. — Ao Marquês de Gouveia.		23 440
CCXVI. — Ao mesmo.	»	7 441
CCXVII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	10 443
CCXVIII. — Ao mesmo.	»	17 447

Cartas		Pág.
CCXIX. — Ao Marquês de Gouveia.	1672 Maio	21 449
CCXX. — A Duarte Ribeiro de Macedo		31 451
CCXXI. — Ao Marquês de Gouveia.	» Junho	4 454
CCXXII. — Ao mesmo.		18 456
CCXXIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	» »	21 458
CCXXIV. — Ao mesmo.	» »	28 460
CCXXV. — Ao Marquês de Gouveia	» Julho	2 464
CCXXVI. — A Duarte Ribeiro de Macedo	» "	466
CCXXVII. — Ao mesmo.		12 469
CCXXVIII. — Ao mesmo	»	19 472
CCXXIX. — Ao mesmo.		26 474
CCXXX. — Ao Marquês de Gouveia	» "	30 476
CCXXXI. — A Duarte Ribeiro de Macedo	» Agôsto	9 478
CCXXXII. — Ao Marquês de Gouveia		13 480
CCXXXIII. — A D. Rodrigo de Meneses.		482
CCXXXIV. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	16 485
CCXXXV. — Ao mesmo.	» "	23 487
CCXXXVI. — Ao Duque de Cadaval.		27 490
CCXXXVII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	Setembro	6 492
CCXXXVIII. — A D. Rodrigo de Meneses.		10 494
CCXXXIX. — Ao Marquês de Gouveia.		498
CCXL. — A Duarte Ribeiro de Macedo		13 500
CCXLI. — Ao Marquês de Gouveia.	»	24 502
CCXLII. — A Duarte Ribeiro de Macedo		26 504
CCXLIII. — Ao Marquês de Gouveia.	Outubro	3 506
CCXLIV. — Ao mesmo		8 508
CCXLV. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	510
CCXLVI. — Ao Marquês de Gouveia	»	22 512
CCXLVII. — A D. Rodrigo de Meneses		514
CCXLVIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	25 517
CCXLIX. — Ao Marquês de Gouveia	Novembro	5 519
CCL. — Ao Marquês das Minas	»	16 520
CCLI. — Ao Marquês de Gouveia		19 522
CCLII. — A D. Rodrigo de Meneses.	» »	» 524
CCLIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	» »	22 526
CCLIV. — Ao mesmo.	» Dezembro	4 529
CCLV. — Ao mesmo.	»	5 532
CCLVI. — Ao mesmo.	» "	13 534
CCLVII. — Ao Marquês de Gouveia.		17 537

Cartas		Pág
CCLVIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	1672 Dezembro	18 538
CCLIX. — Ao mesmo	»	20 540
CCLX. — Ao mesmo .	»	27 543
CCLXI. — Ao Marquês de Gouveia	»	31 545
CCLXII. — A D. Rodrigo de Meneses	»	» 546
CCLXIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	1673 Janeiro	3 552
CCLXIV. — Ao mesmo	»	10 556
CCLXV. — Ao Marquês de Gouveia.	»	14 558
CCLXVI. — A Duarte Ribeiro de Macedo		17 560
CCLXVII. — Ao Marquês de Gouveia.		28 562
CCLXVIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	31 564
CCLXIX. — Ao mesmo	Fevereiro	7 566
CCLXX. — Ao Marquês de Gouveia.	»	11 568
CCLXXI. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	21 570
CCLXXII. — Ao Marquês de Gouveia.		25 573
CCLXXIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	Março	7 575
CCLXXIV. — Ao Marquês de Gouveia.		11 577
CCLXXV. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	14 579
CCLXXVI. — Ao mesmo.	»	21 581
CCLXXVII. — Ao Marquês de Gouveia.	»	25 584
CCLXXVIII. — A Duarte Ribeiro de Macedo	Abril	4 585
CCLXXIX. — Ao mesmo.	»	11 588
CCLXXX. — Ao mesmo.	»	18 590
CCLXXXI. — Ao Marquês de Gouveia.		22 592
CCLXXXII. — A Duarte Ribeiro de Macedo		25 594
CCLXXXIII. — Ao mesmo.		30 596
CCLXXXIV. — Ao mesmo.	Maio	16 599
CCLXXXV. — Ao Marquês de Gouveia .	»	20 601
CCLXXXVI. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	30 603
CCLXXXVII. — Ao Marquês de Gouveia.	»	Junho 3 604
CCLXXXVIII. — Ao Padre Manuel Fernandes	»	» 606
CCLXXXIX. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	6 611
CCXC. — Ao Marquês de Gouveia .	»	17 613
CCXCI. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	20 614
CCXCII. — Ao mesmo.		27 616
CCXCIII. — Ao Marquês de Gouveia.	»	Julho 1 617
CCXCIV. — A Duarte Ribeiro de Macedo		4 619
CCXCV. — Ao Marquês de Gouveia	»	11 621
CCXCVI. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	» 623

Cartas		Pág.
CCXCVII. — Ao mesmo	1673 Julho	24 625
CCXCVIII. — Ao Marquês de Gouveia	»	29 627
CCXCIX. — A Duarte Ribeiro de Macedo	» Agôsto	1 628
CCC. — Ao mesmo	»	8 630
CCCI. — Ao mesmo	»	22 632
CCCII. — Ao mesmo	»	29 634
CCCIII. — Ao mesmo	Setembro	5 637
CCCIV. — Ao Marquês das Minas .	»	9 639
CCCV. — Ao Padre Manuel Fernandes.	»	640
CCCVI. — A Duarte Ribeiro de Macedo	»	12 653
CCCVII. — Ao mesmo	»	19 655
CCCVIII. — Ao mesmo	»	26 657
CCCIX. — Ao mesmo	Outubro	10 660
CCCX. — Ao mesmo	»	17 663
CCCXI. — Ao mesmo	»	24 667
CCCXII. — Ao mesmo	»	31 669
CCCXIII. — Ao mesmo	Novembro	7 672
CCCXIV. — Ao mesmo	»	14 675
CCCXV. — Ao mesmo	»	21 679
CCCXVI. — Ao mesmo	» Dezembro	5 681
CCCXVII. — Ao mesmo		12 683
CCCXVIII. — Ao mesmo		19 685
CCCXIX. — Ao mesmo	»	26 687
CCCXX. — Ao mesmo	»	28 690
CCCXXI. — Ao mesmo	Outubro	20 693
 APÊNDICE .	 ..	 697

DESTÊRRO E PROCESSO EM COIMBRA

(SETEMBRO DE 1662 A FEVEREIRO DE 1668)

Ao chegar Vieira a Lisboa em 1661, encontrou acesa a discórdia na côrte entre as duas facções que pretendiam, uma investir no govêrno a D. Afonso VI, ainda sob a tutela da Rainha sua mãe, a outra protelar a regência, e porventura alterar a sucessão da corôa aclamando o Infante D. Pedro. A esta última logo aderiu António Vieira, e se lhe atribue a redacção da reprimenda, lida ao Rei em grande assemblea, quando se procedeu à prisão e destêrro do valido Conti.

Entretanto ocupava-se o Padre em defender os missionários das acusações que um procurador da colónia trouxera à côrte, e compunha o longo arrazoado, de que existe cópia na Biblioteca de Évora, sem nome de autor, onde rebatia os argumentos de seus adversários, e por seu turno formulava contra êles queixas não de todo infundadas (1).

O golpe de Estado pelo qual D. Afonso VI, em Junho de 1662, se apossou do govêrno, anulou a defesa dos Jesuítas, que perderam muitos dos seus privilégios no Maranhão, sendo-lhes todavia assegurado o regresso à colónia, excepto ao Superior António Vieira, que na ocasião de terminar a Regência fôra desterrado para o Pôrto, e de aí transferido para Coimbra. Aqui lhe iniciaram no Santo Ofício o processo por ofensas à fé, contidas naquela carta ao Bispo do Japão, em que comentava o Bandarra e anunciava a ressurreição de D. João IV (2).

(1) Manuscrito intitulado: *Resposta aos capitulos que deu contra os religiosos da Companhia o Procurador do Maranhão Jorge de Sampaio*. Publicado em 1860 no Rio de Janeiro, sem nome do autor, que também não existe no original, por Melo Moraes, em *Corographia Historica, Genealogica, etc.*, t. 4.º

(2) Carta de 29 de Abril de 1659, LXXXIII do tômo 1.º

Desde chegar a Coimbra ficou como em detenção, à ordem do Santo Officio, não podendo sair do termo sem licença do Inquisidor, e alternando a residência entre o Colégio na cidade, e a quinta de Vila Franca, pouco distante, à beira do Mondego, de onde se afastou algumas vezes para clandestinas visitas em Tentúgal ao Duque de Cadaval e seu irmão D. Teodósio. No correr do processo foi amiúde chamado à Inquisição de Coimbra e interrogado, até que afinal recolheu ao cárcere em 1 de Outubro de 1665.

Até essa data manteve aturada correspondência com, entre outras pessoas, o Duque de Cadaval e o Marquês de Gouveia, desterrados como êle, e D. Rodrigo de Meneses, Regedor das Justiças, e irmão do Marquês de Marialva, grande amigo do Infante D. Pedro. Nos vagares ia compondo a extensa obra que tinha em mente e não concluiu, a que chamava *História do futuro*.

A 23 de Dezembro de 1667 voltou ao Colégio, acabado o processo, em que o sentenciaram a reclusão e outras penas, delas a privação de prêgar, todas as quais lhe foram dentro em pouco relevadas. Recluso estava nesse tempo D. Afonso VI, governava o Infante, e ditavam leis na côrte o Duque de Cadaval e outros amigos de Vieira, que por êle intercediam. As cartas, que sucederam de perto à sentença, descobrem abatimento de ânimo e mágoa verdadeira. Bem depressa porém veio a reacção. Transferido de Coimbra para o noviciado da Cotovia, em Lisboa, Vieira achava-se junto do Príncipe, de quem esperava galardão merecido; na côrte, que fôra por tantos anos teatro de sua actividade e de seus triunfos; restituído à liberdade e ao direito de prêgar.

Na expectativa de satisfações de amor próprio, que lhe negou o destino, ali permaneceu até Agôsto de 1669.

CARTA I

Ao Marquês de Gouveia (1)

1662 — Setembro 9

Ex.^{mo} Sr. — Quatro sextas feiras há que são todos os correios para mim correios de Job : o primeiro me trouxe a nova da perda e sentimento de V. Ex.^a; o segundo a da expulsão dos padres do Pará (2); o terceiro a de ser mandado sair de Lisboa o sr. conde de Soure (3), e sôbre a pessoa de V. Ex.^a estar determinado o mesmo, que assim mo escreveram; e êste último a de ser tomado o maço do meu correspondente, em que ia também carta para V. Ex.^a

A dita carta continha sòmente a significação do meu sentimento, e o de não poder assistir ao de V. Ex.^a de mais perto, e era tão breve que não chegava a passar da primeira página, por não permitir mais a dor de V. Ex.^a nem

(1) Segundo do título, D. João da Silva, Mordomo-mór, depois Presidente do Desembargo do Paço. Impressa pela primeira vez esta carta em 1746, no t. 3.^o das *Cartas*.

(2) Em Maio tinha a Câmara feito embarcar para o Reino os missionários, que se achavão no sertão do Pará, quando Vieira foi prêso e expulso.

(3) D. João da Costa, Presidente do Conselho Ultramarino, aparentado com o Marquês. Desterrado pela opposição que fazia ao novo govêrno.

necessitar mais o crédito da minha. Não sei de quem será esta curiosidade, nem com que fundamento ou a que fim. No correio passado não escrevi a V. Ex.^a em suposição do aviso que tive, e por não saber aonde nem por que via. Emfim, senhor, que nem a comunicação natural, que é do direito das gentes, se me permite, como se êsse destêrro fôra excomunhão, sendo que ainda nessa é exceptuada a necessidade e a utilidade. Veio-me ao pensamento se seria isto fôrça do tabaco do Maranhão, que me dizem está muito valioso, por não dizer valido; mas o partido dos nossos inimigos está tão amparado, que não necessita a sua vitória destas diligências.

Bemdito seja Deus, que sôbre fazermos tantos éxtremos pelo ir servir, e sôbre o servirmos e padecer tanto por êle, e sôbre nos despojarem de nossas casas e igrejas, e nos afrontarem e nos prenderem e nos desterrarem, ainda havemos de ser réus, e isto em terra de católicos, e do mesmo rei que lá nos mandou, e cujas são as leis que se quebraram e o nome que se desprezou (1).

Muita paciência há mister quem isto sofre, e mais vendo-se em tal ocasião atado de pés e de mãos e até com a bôca tapada. A apelação, que podia ter êste desamparo, era na inteireza e cristandade do sr. conde de Soure (2); mas também essa quis Deus que nos faltasse; em parte o estimo, e estimára que se nos desse por juiz o maior inimigo, para que a pureza da verdade saíra da frágua da perseguição com mais êsses quilates.

Estes dias, pôsto que muito doente, estive respondendo aos capítulos que se apresentaram contra nós, nos quais

(1) Alusão ao levantamento do povo no Maranhão e Pará contra os jesuítas, e sua expulsão. Vejam-se as cartas XCI e XCII do t. 1.º

(2) Como Presidente do Conselho Ultramarino.

não há palavra nem sílaba, nem letra, que não seja clara e manifesta mentira (1); mas estavam tão dispostos os ânimos dos afeiçoados, que assim foram recebidos nêles, como se fôsem verdades do evangelho. Muito trabalhou o diabo e seus ministros para que eu não viesse a Portugal nesta demanda; e no cabo eu estou em Portugal e êles conseguem o seu intento, sinal que não é menos poderoso o diabo em Lisboa que no Maranhão.

Mas que disparate é o meu em estar cansando a V. Ex.^a com estas impertinências? Não tem outra desculpa mais que a de não poder calar a V. Ex.^a o que tenho no coração. A justiça que S. M. fez no corregedor e seus companheiros me animou muito a esperar que também no-la há de fazer a nós, pois toda é contra ladrões; e se S. M. lhes confiscar o que têm furtado, eu lhe prometo que lhe renda mais esta confiscação de poucos sujeitos que o novo tributo de todo o reino, e mais sem opressão nem queixa, antes com aplauso e exemplo de todos, e sobretudo com grande serviço de Deus e aumento da fé e da Igreja; e, se é verdade infalível, como é, que sem justiça e religião não pode haver reino, ocasião tem S. M. entre mãos, em que pode estabelecer sua coroa ou perdê-la. Emfim não me posso sair desta matéria: perdoe-me outra vez V. Ex.^a

A última nova da carta de V. Ex.^a e seus discursos tem *pro* e *contra*, e, com ser tão particular, já esta semana a tinha publicado aqui o Desembargador Salema; mas tem-se experimentado que as suas correspondências são mais co-

(1) Os capítulos ou representação do Procurador do Maranhão Jorge de Sampaio e Carvalho foram publicados no 4.º vol. dos *Documentos para a História do Brasil e especialmente do Ceará*, coligidos pelo Barão de Studart. (Fortaleza — Ceará, 1921). O original falta no arquivo do Conselho Ultramarino.

piosas que certas. Pedro Vieira⁽¹⁾ se crê por fé que está nêstes arredores do Pôrto, mas não me consta onde: querem dizer que na quinta de um abade parente de seus filhos. Os medidores das léguas dizem que não se cumprem assim inteiramente as cincoenta; mas a mim me sobejam duas ou três, que posso emprestar aos amigos, se lhe forem necessárias.

As novas desta província são continuação das passadas: o inimigo está na serra de Nóbrega, onde subiu e plantou a mais grossa de sua artilharia em sítio para nós inexpugnável. Correm dali três estradas abertas, uma para Braga, que dista sòmente três léguas; outra para Galiza com raia sêca, sem mais impedimento que um castelejo chamado Lindoso, que dizem estará já ocupado; a terceira para Ponte de Lima, mas esta não tão fácil como as demais. Os avindos servem e sustentam o exército do inimigo, cujo general é grande soldado e grandíssimo trabalhador⁽²⁾. O seu poder consta de doze mil infantes e mil e seiscentos cavalos; o nosso de sete mil infantes e cavalos mil e duzentos.

Tôda esta relação é de João Nunes da Cunha⁽³⁾, que aqui chegou têrça feira, por ocasião do aviso de S. M., em que mandava estar prevenida esta cidade para a invasão que lhe havia de fazer por mar uma armada partida de Cádiz; e, posto que o dito aviso afirmava serem as notícias certas, e que já cá estaria a dita armada, até hoje não tem aparecido, nem já se espera, como se as cousas do mar não tiveram

(1) Pedro Vieira da Silva, secretário de Estado, desterrado como António Vieira, quando D. Afonso VI tomou conta do govêrno.

(2) D. Baltasar de Rojas Pantoja, Governador das armas em Galiza.

(3) Governador das armas em Setúbal, Deputado à Junta dos Três Estados, mais tarde Conde de S. Vicente e Vice-rei da Índia.

detenções e incertezas. Por esta razão, e por haver vindo o Balio de Leça provido no govêrno das armas desta cidade, se voltou outra vez João Nunes para o exército.

Do segrêdo das suas negociações não sei nada, nem tenho curiosidade de o saber(1); mas, se os poderes que traz são os que se escrevem dessa côrte, não parece que poderá negociar muito; mas, a páz e a felicidade que não entrar pelo Minho, poderá entrar pelo Tibre, que também deve obrigações ao Tejo.

Faça V. Ex.^a os officios, que sempre V. Ex.^a os faz bons, e eu cá me não descuido de os acompanhar com os sacrificios meus e de meus companheiros, rogando todos a Nosso Senhor nos guarde a pessoa de V. Ex.^a com as felicidades de uma e outra vida, que eu a V. Ex.^a desejo. Pôrto, 9 de Setembro de 1662. — Capelão e maior servidor de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA II

Ao Marquês de Gouveia (2)

1663 — Janeiro 20

Senhor. — Com razão diz V. Ex.^a que andam os trabalhos encadeados. E, quanto ao do sr. Conde de Soure,

(1) Negociações com o Marquês de Penalva, por parte de Castela; para a paz. Acordaram os dois haver tréguas de um mês em Entre Douro e Minho e Galiza, e nomearem-se de cada lado três plenipotenciários para o ajustamento, o que não teve efeito. Veja-se a alusão ao acontecimento no *Portugal Restaurado*, Liv. VII, e a menção por menorizada no *Mercúrio Português* de Fevereiro de 1663, publicação mensal com as notícias da guerra, de que era redactor António de Sousa de Macedo.

(2) Impressa no t. 1.º da 1.ª edição, e reproduzida nas seguintes,

não acho outro alívio a tão grande matéria de sentimento mais que a consideração de haver Deus trocado as sentenças, deixando-nos a vida do Conde para muitos anos, como havemos mister, e levando para o céu aquele penhor, cuja saudade se pode consolar com muitos outros que Deus ainda lhe dará.

Mas, applicando a cadeia dos trabalhos aos meus, tem-se ela travado de maneira que, sendo o meu maior sentimento a ausência de V. Ex.^a dessa côrte, quasi me vem a ser alívio ou remédio a mesma ausência, pois seria nova circunstância de pena faltar-me a comunicação de V. Ex.^a, sem V. Ex.^a faltar de Lisboa.

Narrarei o caso como tem passado, pôsto que já dei a V. Ex.^a as primeiras noticias dêle. Tive aviso, haverá quinze dias, que me estava decretado novo destêro: uma versão diz que para o Brasil, outra para o Maranhão, outra para Angola; saiu isto de um dos maiores ministros, e com termos tão effectivos, que se tomou informação dos navios que havia para aquelas partes. Desejei saber a causa desta novidade, e no correio passado me avisaram, ou notificaram, fôra por uma carta ou cartas, que eu escrevera a V. Ex.^a, discorrendo sôbre as pazes do Minho, a favor da negociação, e de quem a obrava, etc. (1), e que, comunicando V. Ex.^a estas cartas, chegara de mão em mão o que nelas se dizia a parte, onde de tudo se fizera (palavras formais) refinadíssima peçonha.

Não há heresia que se não tirasse da Sagrada Escri-

com o enderêço ao Duque do Cadaval. Na colecção manuscrita da Academia das Ciências *Várias Obras do Padre António Vieira*, t. 8.º, acha-se o título exacto. Aliás o conteúdo exclui tôda a dúvida.

(1) *Etc.*: sinal empregado na 1.ª edição, para significar que foi truncado o texto, também incompleto na colecção da Academia das Ciências; mas pode ser aqui conforme ao original.

tura, e contudo as palavras são ditadas pelo Espírito Santo. Mas não está o mal nas palavras, senão na interpretação que lhes querem dar: e, como dizem que foram de mão em mão, bem pode ser que chegassem tão diferentes, que totalmente não fôsem as minhas, e assim o creio. Mas de qualquer modo que haja ou não haja sido, eu estou pela sentença, e irei para onde me mandarem, seja África ou América, que em toda a parte há terra para o corpo e Deus para a alma, e lá nos acharemos todos diante daquele tribunal, onde só testemunha a verdade, sentença a justiça e nunca é condenada a inocência.

Além dêste castigo, que dizem está decretado, se me notifica outro, pôsto que me não declaram de que tribunal saiu, em que me ordenam, por modo de conselho, que me abstenha de escrever àquela personagem, a quem escrevi o sobredito (porque não nomeiam a pessoa de V. Ex.^a), e que só o faça por esta vez, dando satisfação de mim e conta da ocasião. Esta é, senhor, tôda a história com que entrou o ano de 1663, e se vai declarando por crítico contra mim, pois não só desterram a V. Ex.^a de Lisboa (1), mas a mim de V. Ex.^a; da qual sentença o meu coração se ri muito no meio do seu sentimento, apelando dos instrumentos da memória para a mesma memória, e dando graças a Deus, porque os que têm jurisdição sôbre o papel não a têm sôbre a alma.

São hoje os 20, que V. Ex.^a tem sinalado por dia decretório da partida. O tempo está claro e concertado, ainda que o não esteja o mundo. O que importa é que

(1) O Marquês tinha pedido licença para se ausentar da côrte e, como resistisse às instâncias da parte do govêrno para o não fazer, foi-lhe determinado que, chegando a Gouveia, não tornasse a Lisboa sem ordem do rei.

V. Ex.^a tenha mui boa viagem, e que V. Ex.^a a procure fazer com o maior descanso e comodidade. E, se V. Ex.^a em Gouveia achar menos Lisboa, também será alívio achá-la menos; e nenhuma cousa faltará a V. Ex.^a em toda a parte, pois se leva consigo.

De mim não tenho que dizer a V. Ex.^a, porque o mesmo que tenho dito serve para todos os tempos, pois sou e hei de ser o mesmo em todos.

Se com efeito me mandarem embarcar, como na hora da morte não há reservação, aproveitar-me-ei do privilégio para dizer a V. Ex.^a o *a Dio*; no entretanto, se me não é lícito procurar novas de V. Ex.^a em direitura, fá-lo-ei por outra via, que não me hão de impedir todos os homens. E quando êles o façam, as de Deus estão fora da sua jurisdição, e empregar-se-á o meu affecto todo em orações e sacrificios, rogando ao mesmo Senhor, como sempre faço, pela felicidade da pessoa e casa de V. Ex.^a; e sobretudo pedindo à sua Divina Magestade tenha a V. Ex.^a no número de seus vassallos, conservando sempre a V. Ex.^a em sua graça, com grandes aumentos dela, que é o que só há-de durar e o que só importa.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos como desejo. Pôrto, 20 de Janeiro de 1663.

Convém que a notícia desta resolução não passe de V. Ex.^a, por respeito de quem ma notificou, principalmente não se me dizendo de onde manou, o que eu procurarei saber. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA III

Ao Marquês de Gouveia (1)

1663 — Fevereiro 13

Ex.^{mo} Sr. — No caminho soube juntamente da chegada e do achaque de V. Ex.^a, e trabalhando por chegar depressa, como o pedia qualquer dêstes dois cuidados, há vinte e quatro horas que cheguei, e não me é ainda possível ir aos pés de V. Ex.^a; e vem a ser a causa os termos da ordem de S. M., em que me manda que do colégio de Coimbra não saia fora, e não têm ainda os prelados averiguado a intelligência desta clausura, nem o podem fazer hoje por estar o Padre Provincial impedido. Não pode chegar a mais a perfeição.

V. Ex.^a se sirva de me mandar de palavra melhores novas da saúde de V. Ex.^a, que é só o alívio que posso ter em tanta desgraça. Essa carta veio de Lisboa.

Guardede Deus a V. Ex.^a muitos anos, como desejo.
Coimbra, 13 de Fevereiro de 1663. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA IV

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1663 — Fevereiro 13

Senhor. — Com razão chama V. M.^{cê} tempestade mà á que me arrancou do Pôrto, e mais quando eu gozava nêle

(1) Na 1.^a edição, t. 3.^o, com a data do mês de Janeiro.

(2) Desembargador na Relação do Pôrto; mais tarde embaixador

a quietação que há tantos anos busco e me foge, com os outros emolumentos de gôsto e satisfação, que não repito por não agravar as saúdes. Não era bem chegado à nossa Atenas, quando achei ou me achou uma novidade tão grande, como a vinda repentina do Padre D. Abade (1), e a carta que me leu de seu irmão, que concordava muito com a outra que eu tive de Lisboa. O seu decreto e o meu se passaram juntos. E é muito para dar graças a Deus que, fazendo-se tão pouco caso de D. João da Áustria com oito mil cavalos, se tema tanto a Frei Jorge em uma mula e a António Vieira a pé. O certo é que o Pôrto está mui bem vigiado; conheça V. M.^{cê} as sentinelas e guarde-se. As novas do enviado tem muita parte de boas; o amigo João Nunes da Cunha dobrará com elas o sentimento que tem do pouco que se ajuda a paz com as prevenções de guerra. Vi carta sua em que fazia esta queixa. Nos comissários se fala variamente: neste correio se espera a nomeação; crê-se que será um dêles Niza (2).

O Marquês de Gouveia está ainda aqui muito contra sua vontade. Deteve por muitos dias a carruagem que por fim despediu, porque as sezões, ainda que mais moderadas, continuam, e o tempo com as neves que caíram vai tão rigoroso que não promete breve convalescença.

Eu passo bem por que em toda a parte me faz Deus tanta mercê que acho conformidade com a sua vontade.

a Paris e Madrid. Autógrafo desta carta no Cód. 901 da Bibl. Nac. Publicada em *História de Antonio Vieira*, por J. Lúcio de Azevedo, t. 2.º

(1) Frei Jorge de Carvalho, abade de S. Bento no Pôrto, tio bisavô do primeiro Marquês de Pombal. O irmão dêle, designado em seguida, seria provavelmente o Desembargador Paulo de Carvalho, mencionado na Carta XLIX do t. 1.º

(2) Comissários para tratar a paz com Castela (supra, p. 7).

O mesmo Senhor guarde a V. M.^{cê} muitos anos, com os aumentos de sua graça, que a V. M.^{cê} muito do coração desejo. Coimbra, 13 de Fevereiro de 1663. — Servo de V. M.^{cê}

António Vieira.

CARTA V

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1663 — Dezembro 17

Senhor. — Algum privilégio se há de tomar à conta da saude de S. A. (2), de que a V. S.^a são devidos os primeiros parabens, como tão interessado, e mais que todos, no desejo e estimação dela. Confesso a V. S.^a que, depois de três vezes morto e três vezes ressuscitado neste ano, foi tanta a minha desconfiança da vida como nos dias dêste grande cuidado. Bemdita seja a divina bondade que tão inteiramente nos livrou dêle, e a V. S.^a do extrêmo sentimento, em que acompanhei e considerei sempre a V. S.^a, como quem tão lembrado está do affecto com que V. S.^a amava e adorava a S. A., no tempo em que eu podia ser testemunha dêle, que não considero hoje diminuido, senão mui crescido sempre, como o pede a razão.

Eu, senhor, como tenho dito a V. S.^a, três vezes cheguei às portas da morte nesta minha doença, de que tornei a arribar, fora de toda a esperança, por mercê de Deus. Sirva-se sua Divina Majestade que seja para o saber ser-

(1) Regedor das Justiças, Gentil-homem da câmara do Infante D. Pedro, irmão e genro do Marquês de Marialva. Foi grande amigo e protector de Vieira, até morrer em 1674. Carta impressa no t. 1.º da 1.ª edição.

(2) O Infante D. Pedro.

vir, ainda que pouco posso, mal convalecido e com receios de recair; porque não pode a minha fraqueza com a intemperança dêstes ares, e com os rigores dêste segundo cárcere de Coimbra, para onde me mandaram, não sei por que culpas. Esta há sido também a causa do meu diuturno silêncio, e de não procurar novas de V. S.^a por carta, como ainda agora o não fizera, se o padre Reitor de Santo Antão, que também me não escreve há mais de um ano, por terceira pessoa me não avisara que V. S.^a o determinava fazer; com que supponho não haverá de presente o perigo, que experimentei com a última de V. S.^a que recebi no Pôrto, que, como alheia de todo o mistério, não duvidei mostrar a algum amigo, o qual na interpretação dela devia de não guardar a sinceridade, que êste honrado nome significa. Emfim aqui estou, e aqui estive tantas vezes para morrer; e entendendo os médicos que só a mudança dos ares me podia dar saúde, não me quis conceder êsse favor aquella pátria por quem eu tantas vezes arrisquei a vida (1).

Sobretudo estimo que V. S.^a e o sr. Marquês (2), de quem sempre procuro novas por tôdas as vias que me é possível, hajam passado sempre com a vida e saúde que a S. Ex.^a e a V. S.^a desejo, acompanhando em todas as fortunas dêste ano, já com o gôsto, já com o sentimento, a diferença que nelas experimentou a casa de V. S.^a; e rogando sempre a Deus a conserve e aumente, com as felicidades que V. S.^a e o sr. Marquês merecem a todo êste reino, como tão principais colunas dêle. O mesmo Senhor

(1) Pretendeu Vieira ir para a residência do Canal, casa dos jesuítas junto a Buarcos, mas por ordem do Santo Officio teve de permanecer em Coimbra.

(2) De Marialva.

guarde a V. S.^a, e dê a V. S.^a tão alegres festas como a V. S.^a desejo. Coimbra, 17 de Dezembro de 1663.— Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA VI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1663 — Dezembro 19

Ex.^{mo} Sr. — Também cá se experimentou a esterilidade dos correios desta semana, assim do Tejo como do Minho; só o de Gouveia nunca é estéril, nem o será enquanto me trazer tão boas novas de saúde de V. Ex.^a, que sendo sempre de mim sumamente estimadas, neste tempo, pelo cuidado que traz consigo o mesmo tempo, o são muito mais.

Grande mercê nos fez Deus na saúde de S. A., e agora o conheço muito mais pelo estado em que esteve, de que não chegou cá tão particular notícia. Sanfins (2) o deixou já sem febre, que diz que se terminou no dia 21; veio acudir à doença de quem o tinha mandado, mas já o achou morto. Não conta de Lisboa cousa notável mais que o sentimento que havia no povo, sôbre a doença de S. A., porque não só a sentiam muito, mas sentiam mal dela; e se temia, se Deus nos não fizesse a mercê que nos fez, que a uma desgraça se seguisse outra: não é pequena a de estarmos em

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) Médico de fama em Coimbra. Não figura no catálogo dos lentes na *História da Universidade* por Teófilo Braga, t. 2.^o

tempo em que se cuidem cousas tão alheias de tôda a razão.

Do amigo, que se não lembrou mais de ninguém depois que se viu em letra redonda (1), tive ontem carta em que promete ser melhor correspondente depois de cessar o estrépito da guerra, com a retirada da campanha; e, pôsto que êle não diz quando será, por outras vias se avisa que já hoje estará recolhido o exército, deixando bem fortificado e guarnecido o forte que se tomou em Galiza.

Bárbara foi a crueldade que se usou com o capitão e soldados de Val de la Mula (2), sôbre cuja fortificação, e intentos que nela pode ter o inimigo, ouço discorrer variamente aos práticos dêsses países. Concordam que o inimigo não pode sustentar o pôsto, mas isto não concorda com êle se haver empenhado tanto em sua tomada e fortificação. Importa que os generais desta província o recuperem, para que não fique ela menos airosa na campanha dêste ano do que nas outras.

Ao Pôrto chegou quinta feira navio do norte com cartas de Duarte Nunes da Costa, agente de el-rei em Hamburgo (3), em que manda contar o sítio de uma cidade de Alemanha (não me escreveram o nome) a qual diz se renderá sem dúvida ao poder do turco; porque, indo os imperiais em socorro, foram totalmente desbaratados por êle. Deve de

(1) Deve ser a referênciã a João Nunes da Cunha, mencionado com grandes louvores no *Mercúrio Português* de Outubro, por serviços na direcção da campanha nas províncias do Norte.

(2) Forte situado uma légua distante de Almeida, que acometido por grandes fôrças se rendeu ao inimigo, capitulando o governador José de Abrunhosa sair a guarnição com armas e bagagens, cláusula não respeitada pelos castelhanos, que despojaram os rendidos de tudo quanto levavam.

(3) Judeu português, também conhecido por Jacob Curiel.

ser a praça sem dúvida de grande fôrça e importância, pois se empenhou sôbre ela todo o exército; o qual, depois da dita vitória, se dividiu em três partes, uma que ficou continuando o sítio, e as duas que entraram por diversas partes da mesma Alemanha, e estavam já tanto no interior dela, que lhes ficava muito atrás Viena de Áustria, onde actualmente reside o Imperador; o qual, diz na mesma carta, ficava em total desconfiança de se poder defender por falta de socorro.

O certo é que as profecias se vão cumprindo por seus passos contados, e que, segundo elas, por meio dêstes grandes trabalhos e calamidades da Igreja, lhe podemos esperar a ela e ao nosso reino as grandes felicidades que lhe estão prometidas, e que Deus aumente, e guarde a V. Ex.^a com tão alegres festas como a V. Ex.^a desejo. Coimbra, 19 de Dezembro de 1663. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA VII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1663 — Dezembro 24

Senhor. — Já no correio passado dei conta de mim a V. S.^a, e da causa por que me não atrevia até agora a procurar novas de V. S.^a, fazendo-o por todas as vias que é possível a quem está metido nesta tão estreita prisão, onde nem para viver me deixaram liberdade, quanto mais para o maior alívio que eu tenho na vida, que era o favor e mercê que V.^a S.^a me fazia, na lembrança de suas cartas.

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

Mas uma delas, como já escrevi a V. S.^a, foi a que me degredou do Pôrto, onde vivia, para êste sertão frigidíssimo de Coimbra, onde estive já três vezes morto, e não sei como poderei sustentar êsses poucos alentos, com que ainda estou, mais sem doença que com saúde.

Pela obra de misericórdia com que V. S.^a falou aos ministros, dou a V. S.^a as graças; mas não espero que a tenham, por nenhuma intercessão, ainda que seja tão poderosa como a de V. S.^a

Ora, senhor, eu dêste mundo não quero nada, como nunca quis, ainda no tempo que estava menos desenganado e ofendido dêle. Mas as contas do meu rosário também se ajustam muito com as de V. S.^a, e, como nunca me mentiram até agora, cada vez as tenho por mais verdadeiras; e, pôsto que haja alguma razão para duvidar do primeiro objecto da fé (não me explico mais porque falo com quem me entende), não há nenhuma para vacilar na esperança, antes muitas de novo para estar mais firme e mais confirmado nela. O sr. Marquês, a quem de novo beijo a mão, pode ser que encontre primeiro a paz que a guerra, e se fôr uma só guerra a que falta, quem fala nela também promete a vitória.

El-rei, que Deus guarde, é o mais feliz monarca do mundo, e para êle tem guardado o céu os bens que sua real grandeza repartirá liberalmente com seus vassallos, e mais com os mais beneméritos, e nesta confiança me prometo grandes felicidades, e muito brevemente, assim à pessoa como à casa de V. S.^a

Não me fale V. S.^a em sermões, porque estas regras, e as que remeti no correio passado, são o maior excesso a que me tem dado lugar o sangue, dor e fraqueza ou total desmaio do peito; mas ainda neste estado, quando o espírito se sente com algum alento, o que discorre e vai di-

tando é sôbre aquela obra de que ùltimamente falei a V. S.^a, a qual está muito adiante e é necessário adiantar-se, para que os sucessos não cheguem primeiro (1).

Estamos em notável era, e desejando todos os bens desta e da outra vida a V. S.^a, só quisera de presente que Deus a conserve a V. S.^a e ao sr. Marquês; porque quem viver terá tudo o que pode desejar, em todo o género de felicidades. Só para êste ponto desejara eu muito que a romaria de S. M. tivesse efeito, com que V. S. pudesse passar por esta banda; mas para tudo haverá tempo, se Deus me emprestar a vida por mais alguns dias, e senão, espero em sua divina misericórdia que verei do céu o muito que haverá que ver na terra. Bem parece que me confesso com V. S.^a, pois tenho manifestado toda a minha consciência: se forem erros, V. S. me absolva dêles. E Deus guarde a V. S.^a (3) com tão alegres festas como o meu coração a V. S.^a muito deseja. Véspera de Natal de 1663. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA VIII

Ao Marquês de Gouveia (3)

1663 — Dezembro 26

Senhor. — Não poderei dizer a V. Ex.^a que tenho boas festas, pois me faltam novas de V. Ex.^a, sem as quais é

(1) A *História do Futuro*, começada em 1649 e que então continuava.

(2) *Deus me guarde* no texto impresso, talvez êrro na transcrição.

(3) No t. 1.^o da 1.^a ed., com a data de 20 de Dezembro. Parece preferível a de 26, como na Colecção da Academia das Ciências, t. 8.^o

fôrça cresça o cuidado, em que sempre me tem a saúde de V. Ex.^a, nos rigores dêsse lugar e dêste tempo. Queira Nosso Senhor seja outra a causa, com a qual mais facilmente me comporei.

Por estas partes não há cousa digna de relação, mais que parecer se tem recolhido o exército do Minho, pois me dizem em carta do Pôrto que o amigo João Nunes da Cunha vem ter a festa a sua casa. Na mesma carta vem o parágrafo seguinte: «Anda aqui que o rei de Argel é português de junto a Pinhel, e que mandou presente a El-rei, e recomendações para seus parentes, e certa peça para o vizinho da porta, que é um crucifixo, e que já El-rei dera dois lugares em mosteiros a duas sobrinhas do dito». Se assim é, parece se cumpre a profecia: *Uma porta se abrirá num dos reinos africanos*, etc. (1). Até aqui a carta: em confirmação da qual conta um padre, que aqui chegou os dias passados de Roma, que é certo haver no dito reino de Argel um português de Pinhel, que lá é baxá muito poderoso, muito bemquisto e de grande autoridade; e que é verosímil que a êste o levantassem por rei, porque consta ser morto violentamente o turco que ali reinava.

E, nos últimos avisos que vieram de Roma, se escreve também que outro filho de um rei daquelas partes, convertido à fé, se fôra apresentar ao Pontífice e pedira ser recebido na Companhia, em cujo noviciado já ficava feito religioso.

Pela mesma via de Roma me avisaram também de Lis-

(1) Cópia do Bandarra :

Uma porta se abrirá
Num dos reinos africanos
Contrária dos arrianos
Que nunca se cerrará.

boa, neste correio, que o exército do turco tinha tomado sete cidades de Alemanha, e que a sitiada era Praga, com que ficavam cortados todos os socorros de Viena de Áustria, e o Imperador em suma desconfiança. Tudo se vai encaminhando ao castigo da cristandade, que, segundo as profecias, é a última disposição das felicidades que se esperam. Traga-me Deus a de boas novas de V. Ex.^a para que comece o ano de 64 com tão felizes princípios como a V. Ex.^a desejo. Cuja pessoa o céu guarde por muitos anos, como havemos mister, e eu continuamente lhe peço em todas as minhas orações e sacrificios. Coimbra, 26 de Dezembro de 1663. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA IX

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Janeiro 2

Senhor. — Já estamos em ano novo que, assim como é o de 1664 do nascimento de Cristo, assim lhe podemos também já chamar o terceiro da transmigração de Babilónia, sendo muito dificultoso de crer, e ainda de imaginar, que nem elle nem ela durassem. O que eu estimo muito é a confiança com que V. Ex.^a o espera mais favorável que o passado, e que elle vá entrando com dias brandos e serenidade de primavera, e sem os rigores tão naturais desse sitio. Mas Deus, como V. Ex.^a pondera, pode dar o sol na serra da Estrêla e tempestade e naufrágios em Lisboa.

(1) No t. 2.º da 1.º ed.

E pois falamos em Lisboa e naufrágios, que me diz V. Ex.^a ao daquela nau, que parece navegava tão vento em pôpa e com as velas todas tão cheias? Corre por certo que N. N. é morto, seu pai desconfiado da vida e N. N. mandado arrazoar a final. Não creio tantas desgraças juntas; mas basta a primeira, sôbre a de Coimbra, dentro em tão poucos dias, para ser cousa fatal e providência ou justiça mais que ordinária de Deus. Com êste acidente há quem considere muito só ao nosso valido; mas nem por isso em pior estado que quando tinha aquele companheiro, quanto mais que, se quizer outro para os mesmos officios, achará N. N. aos pares e ainda às dúzias(1).

Ora já que o amigo da letra redonda paga mal às espias, quero eu que me diga V. Ex.^a se são melhores as minhas. É o caso que, poucos dias antes da doença de S. A., estava resoluta no govêrno supremo que a Rainha nossa senhora viesse para o paço, e que a obrigassem a isso com tôdas as fôrças: que o primeiro móvel desta grande novidade fôra Contes(2), e que o valido, vendo que me não podia estorvar a resolução, a quisera fazer sua e que era o que mais se empenhava nela; e que estava tudo tão assentado e disposto que cada dia se esperava o efeito, havendo já prevenções mui particulares para fazer mais

(1) Na cópia desta carta, na colecção cit. da Academia das Sciências, t.º 8.º, acham-se expressos os nomes occultos no texto por N. N.: o primeiro Henriques Henriques de Miranda, grande valido de D. Afonso VI, e que êste fizera, com escândalo da côrte, Tenente General da artilharia; filho de António de Miranda Henriques, do Conselho do rei, e Deputado da Junta do Comércio; o segundo, Manuel de Miranda, irmão mais velho de Henrique Henriques; o terceiro é ainda Henrique Henriques.

(2) O valido António Conti, desterrado para o Brasil por ordem da Rainha regente, e que tinha regressado ao Reino, havia pouco.

célebre a solenidade do acto. Tudo, dizem, se atalhou e se pôs em silêncio com a doença de S. A., que também se cuida tinha boa parte nesta resolução.

Eu, como tantas vezes naufragante, sei quão mal se cumprem em terra os votos feitos na tempestade; mas, como êste teve seu princípio antes dela, poderá ser que tenha o efeito depois. Digo a V. Ex.^a tudo o que me disse pessoa que o podia saber; mas eu estou com o ânimo tão alheio de semelhantes novas, que nem as creio nem as quero. Haja vida, que o tempo trará consigo mais do que pode pretender o desejo.

Mas vamos a outra revelação das minhas espias.

Dizem elas últimamente que Xumberg(1) veio à côrte, sentido de se lhe não dar o govêrno das armas, e com resolução declarada ou de as governar ou de não servir; e, como está de permeio a nomeação e autoridade do Marquês de Marialva, que se procuram arbítrios para contentar a Xumberg, e que são de tal qualidade que já se não repara na conveniência, senão na consciência, e que sôbre êste ponto se têm consultado teólogos, de que não há dúvida.

Estimarei me diga V. Ex.^a onde é êste casamento de S. M., porque se fala nêle com grandes mistérios, e por esta notícia darei a V. Ex.^a a do confessor de S.^aA., que é o de S. M., tio do valido, Geral que foi de S. Bento(2), e que será tudo o que seus talentos merecem, de que eu não tenho mais conhecimento que o da fama.

Muito alentados nos deixa a nova da prevenção e su-

(1) Armando Frederico, Conde de Schomberg, alemão de nascimento, Marechal de Campo em França, que passara em 1660 ao exército português, com o pôsto de Mestre de campo general.

(2) Frei Pedro de Lima, Bispo eleito de Angra.

perioridade com que nessa província estão os nossos generais e exército. Quererá Nosso Senhor dar-lhe o bom sucesso que prometem, para que Mercúrio(1) tenha larga matéria de espraiair a eloquência, e nos dar neste Janeiro bons princípios de ano novo, que eu torno a desejar a V. Ex.^a com os maiores aumentos da vida e felicidades. Guarde Deus a V. Ex.^a, etc.(2). Coimbra, 2 de Janeiro de 1664. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA X

A D. Rodrigo de Meneses (3)

1664 — Janeiro 14

Senhor. — Se os tempos não correram tão contrários, então merecera o meu desejo e affecto o título, com que V. S.^a o honra, de antecipado nas diligências de procurar novas de V. S.^a; mas o medo, em que as calúnias puseram minha inocência, me tem até agora acovardado na continuação dêste tão devido cuidado, a que de aqui em diante não faltarei, pois V. S.^a me anima tanto.

As cartas de que V. S.^a me fez mercê, encaminhadas pelo Padre Baltasar Teles (4), me foram dadas; e, se eu escrevi cousa em que parecesse dizer o contrário, foi equivocação das palavras, porque chamei última à carta do

(1) O *Mercúrio Português*.

(2) Assim na 1.^a ed.

(3) Do t. 2.^o da 1.^a ed.

(4) Antigo Reitor e Provincial. Escreveu a *Crónica da Companhia de Jesus em Portugal* até o ano de 1557.

Pôrto, em respeito das que naquele lugar havia recebido, e não das que chegaram depois de estar em Coimbra; as quais, sôbre me serem dadas a tempo que entendi seria a resposta delas a nova da minha morte, tive depois notícias averiguadas que daquela carta, a que chamei última, se tinham formado as culpas, porque fui condenado a êste segundo destêrro, e por isso me não atrevi à resposta.

Conhecídissimo (1) estou a todo o affecto que devo ao coração de V. S.^a, e fôra o mais ingrato de todos os homens se assim o não confessara, e se no meu não tivera sempre o primeiro lugar esta fé e esta adoração; não com nome de maior e mais verdadeiro amigo, como V. S.^a lhe chama por me fazer mercê, mas com verdade e experiência de único, pois, na fortuna em que todos faltam, só a V. S.^a tenho achado sempre. Pelo apêrto com que V. S.^a tem falado na minha restituição, beijo a mão a V. S.^a muitas vezes, mas com o mesmo peço a V. S.^a me deixe V. S.^a estar assim, até que Deus queira. Não quero ressuscitar com Lázaro, senão com a resurreição universal do género humano; porque tenho por certo que há de ser muito cedo o nosso dia de juízo, com muita glória de Portugal e de El-rei que Deus guarde. Na demonstração dêste assunto vou trabalhando quanto me permite o frio e a fraqueza, e está muito adiante aquela obra, a que por conselho e mandado de V. S.^a tinha lá dado principio (2). A livraria dêste colégio tem tesouros, de que se tiram antiguidades de muito preço; mas a seu tempo me valerei também dos livros e documentos, que V. S.^a naquela ocasião foi servido comunicar-me.

Ao presente me eram mui necessárias as profecias do

(1) *Conhecer* no sentido de *agradecer*.

(2) *Supra*, p. 19.

Beato Amadeu e a relação de um livro que dizem tem fechado na mão, com uma inscrição notável acêrca do tempo em que se há de abrir (1). Também tenho notícia de um expositor do Apocalipse, chamado Serafino de Razis, que não posso descobrir por esta parte, e estimaria muito que V. S.^a encomendasse a alguma pessoa curiosa fizesse diligência por êle; e com aviso de que o há, darei ordem a que me possa vir com toda a segurança. V. S.^a me não estranhe o atrevimento, de empenhar a pessoa de V. S.^a nesta obra, porque, como ela é e há-de ser toda de V. S.^a, à grandeza de V. S.^a pertence acudir-lhe, não só com o patrocínio mas também com os instrumentos.

O memorial incluso é de um irmão do padre Ministro dêste colégio, a quem na minha doença e agora devo grande cuidado e obrigação; e, como o favor de V. S.^a é todo o meu cabedal, peço a V. S.^a que, no que der lugar a justiça, entenda êle que o sirvo em lhe solicitar o amparo de V. S.^a, em que receberei particular mercê.

Da memória, que de mim tem o sr. Marquês, faço a estimação que devo, não me esquecendo nunca de rogar igualmente a Deus pela saúde e felicidade de S. Ex.^a como pela de V. S.^a. O mesmo Senhor guarde a V. S.^a como desejo e havemos mister. Coimbra, 14 de Janeiro de 1664.
— Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Beato Amadeu. Nome porque ficou conhecido D. João de Meneses da Silva, da casa dos Condes de Portalegre, o qual apaixonado pela infanta D. Leonor, irmã de D. Afonso V, se a tradição é verdadeira, tomou o hábito monástico quando a viu casada com o imperador Frederico III. Faleceu em 1482 em Milão, e diziam os Sebastianistas que o cadáver, na sepultura, tinha nas mãos um livro com esta inscrição: *Successus regni Lusitaniae suo tempore aperiendus.*

CARTA XI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Janeiro 16

Senhor. — Pôsto que faltam tão poucos dias para o ano do destêrro, já V. Ex.^a não poderá deixar de fazer profissão nêle. E é o meu juízo de tão mau gôsto que, com desejar a V. Ex.^a as maiores felicidades, dou a V. Ex.^a os parabens dêsse estado, e me parece que devia V. Ex.^a festejar o dia, no qual eu me atrevera a prègar, e com mais evidentes discursos do que foram os de Alcântara, na igreja da Quietação, que é o nome que eu dera ao orago desta religião do destêrro.

Segundo os sucessos do mundo e o que êles prometem, melhor é ver os touros, ainda que seja de mau palanque, que ter parte nos riscos dêles. A mim me coube havê-los de ver das escadas do hospital, e ainda assim não tenho invejas aos que se têm por melhor livrados.

As novas que V. Ex.^a me dá das nossas armas da Beira não são boas para princípio do ano(2); e as que V. Ex.^a remete ao *Mercúrio* haverão mister toda a sua eloquência para que não façam o Janeiro funesto. Quererá Deus que tudo se recupere na de Alentejo, se bem ouvi ontem ler uma carta que não alenta nada o nosso partido; sendo

(1) Do t. 2.º da 1.ª ed.

(2) Do *Portugal Restaurado*, Liv. IX: «Deixámos no fim do ano passado (1663) ao Duque de Ossuna aquartelado junto da Aldeia do Bispo, fabricando um forte, em que imaginava consistia a ruina da província da Beira; Pedro Jaques de Magalhães gravemente enfermo na praça de Almeida, etc.».

que não é por falta de recomendações e assistências de S. M., mas a nossa desunião e os nossos vagares são os nossos maiores inimigos. Queira Nosso Senhor converter em bem os prognósticos de tantos incêndios, aos quais pode V. Ex.^a ajuntar um de S. Roque, onde na mesma noite se ateou o fogo em um corredor, a tempo que todos estavam recolhidos, e, tendo passado as tábuas, entrava já pelas traves; mas quis Deus que se recolhesse àquella hora um religioso, que ficara em oração diante do Santíssimo Sacramento, e pela grande fumaça, de que já tudo estava cheio, se acudiu a tamanho perigo.

Folguei de ver a forma do decreto, em cujos apêrtos reconheço também as comodidades que V. Ex.^a nêles considera; o que importa é que tenha o sr. Conde de Soure tanta saúde como António de Sousa de Macedo (1) lhe deseja.

Em carta que tive do Padre Provincial, que está em Lisboa, me diz que o casamento de S. M. é com uma filha do duque de Nevers, vassalo de França. Fomos ver os Atlantes (2) e achamos o dito Estado, e que a descendência é da casa de Lorena, com casamento da real de França, pôsto que não legítimo, e que últimamente ficou a casa em uma filha, que casou com um irmão do duque de Mântua, do qual matrimónio nasceu esta princesa, que não chega a catorze anos.

Os progressos do Turco são de maneira que me escreve o dito padre provincial as palavras seguintes: « O Turco

(1) Secretário de Estado, que substituiu a Pedro Vieira da Silva. O trecho parece referir-se ao decreto, que autorizava o Conde de Soure, desterrado em Loulé, a transferir-se para outro lugar que escolhesse, não sendo Lisboa.

(2) Vocábulo italiano, por *atlas*.

vai concluindo com a Áustria; perdeu no primeiro assalto de uma cidade três mil homens, mas levou-a do segundo. *Acuda Deus à Itália* ». Até aqui o texto; e não sei como concorda com a verdade dêle, e com a cristandade de Castela e parentesco com a casa de Áustria, moverem-se neste tempo suas armas contra nós.

O amigo que veio do Minho(1) me escreveu que de lá se tornavam a pedir conferências, mas não devem ser para este negócio, nem para algum outro da nossa conveniência.

No Pôrto se passaram as noites da festa passada com comédias(2) que fez o conde de Miranda, para entretenimento dos senhores e senhoras, que hoje se acham naquela nova côrte; e um padre de autoridade, que isto me escreveu, acrescenta uma nova ou novidade que não diz com isto. Referi-la hei por suas mesmas palavras, que são as que se seguem: « De Luís de Sousa, Deão aqui(3), cuida-se não estar contente, mas também não creio ser certo que o desterrarão para o mar ». Eu também me conformo com este autor no que êle não crê, porque não lhe vejo fundamento, nem há semelhante notícia por outra via; mas bem podiam chegar primeiro ao Pôrto os ecos desta novidade, em caso que seja certa.

Também se afirma que succede o Marquês de Marialva na presidência do Comércio. Deus lhe dê na paz e na guerra os sucessos que o reino há mister, e não dirá V. Ex.^a que de Coimbra se não mandam também novas. Mas, enquanto não vierem passadas pela chancelaria, não terão para comigo nenhuma autoridade. Guarde Deus

(1) João Nunes da Cunha.

(2) Primeiro do título. Governador da cidade e Relação do Pôrto.

(3) Mais tarde Arcebispo de Lisboa.

a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e lhe peço. Coimbra, 16 de Janeiro de 1664.— Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA XII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Janeiro 25

Ex.^{mo} Sr.— O memorial incluso recebi agora por um próprio do Padre Reitor do Pôrto, o qual me pede com o maior encarecimento esta carta para V. Ex.^a, por ser muito de sua obrigação a pessoa empenhada. Devo grande affecto a êste religioso, de quem sou amigo há muitos anos, e no tempo em que estive no Pôrto me obrigou com grande particularidade, a qual continua ainda, não se passando correio em que me não escreva, e é o autor das novas que mando a V. Ex.^a do mar e terra daquela banda.

A mercê que deseja de V. Ex.^a parece mais de piedade que de justiça, e assim estimarei que, havendo lugar sem ofensa dela, V. Ex.^a se digne de interpôr sua autoridade para o perdão ou desistência da parte, no que receberei particularíssimo favor e mercê de V. Ex.^a, por ser esta a primeira ocasião em que o dito padre me ocupa, e desejara mostrar-me agradecido às obrigações que lhe devo, e não terei facilmente outra ocasião; pois todo o meu cabedal é o favor e mercê que V. Ex.^a me faz.

O correio de Lisboa não trouxe mais novidade que a partida de S. M. e A., que dizem seria a 22 dêste, à ro-

(1) Do t. 3.^o da 1.^a ed.

maria de Santarém(1), para dali passarem a Salvaterra até o entrudo.

Não deixará de pasmar o mundo, vendo que toda a potência de Espanha armada contra Portugal dá tão pouco cuidado aos nossos príncipes, que lhes não tira o divertimento da caça, nos mesmos meses em que se preparam as campanhas. Agora me lembraram aquelas palavras do meu sermão do Advento, com que V. Ex.^a rematou a última carta. Poderoso é Deus, para em todo o tempo e de todos os modos conseguir os fins de sua providência, e dar a El-rei e ao reino as felicidades que lhe desejamos.

O mesmo Senhor guarde a V. Ex.^a muitos anos, como havemos mister. Coimbra, 25 de Janeiro de 1664. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA XIII

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1664 — Janeiro 28

Senhor. — Vão estas regras, pois V. S.^a lho consente, acompanhar a V. S.^a na peregrinação de Salvaterra, e testificar o maior gosto com que o fizera, se lhe fôra permitido, quem as escreve; e bem pode V. S.^a dar-me crédito, que é êste o termo mais encarecido, com que o meu cora-

(1) Ali foi D. Afonso VI para lançar a primeira pedra da igreja de Nossa Senhora da Piedade, a cujo auxilio se attribuí a vitória do Canal.

(2) Do t. 1.^o da 1.^a ed.

ção pudera declarar o extrêmo, com que ama e se reconhece obrigado à pessoa de V. S.^a, pois não haveria outra fôrça nem respeito humano, que o obrigasse a tornar a ver o mundo, depois de estar tão desenganado e aborrecido dêle. Mas, como em V. S.^a se quebraram todas as leis do mesmo mundo, razão era que se quebrassem também todas, para de mais perto servir, venerar e lograr a presença de V. S.^a

Bem sei que pelo bordo de V. S.^a não faz a nau água, e êste conhecimento só me basta, ainda que tudo mais se perdera, para que a minha satisfação e gôsto não possa jamais fazer naufrágio. Tudo o mais pertence ao exterior, e eu só quisera viver dos bens da alma, em que não tem poder o tempo nem jurisdição a fortuna. A de S. M., que Deus guarde, ainda é maior do que provaram os sucessos do ano passado, e em mim, pôsto que seja particular instituto o conhecê-la, não é merecimento o desejá-la; porque, sôbre as obrigações de vassalo, tenho as que herdei dos mortos e as que devo aos vivos, e as que espero dever à pessoa de S. M., quando, assim na verdade do meu affecto como nas minhas interpretações, reconhecer um menor Daniel e lograr uma maior monarquia.

E que seria, senhor meu, se o princípio desta felicidade estivesse guardado pãra o sr. Marquês, como principal instrumento dela? Eu não acho, naquele nosso profeta, mais que um só encontro com os castelhanos, que estaria ainda por cumprir, mas êsse de tanta felicidade que haja de assombrar o mundo. Se esta última sentença há-de ter alguma interlocutória, não me consta; só poderei afirmar que não faz menção dela alguma o mesmo autor. Essa é uma das razões por que seria de grande importância apressarem-se os meios da sucessão a nossos principes. Nenhum sentimento tenho de que o casamento de França

não esteja concluído. Poderá ser que tenha Deus determinado outra união mais vizinha e de maior grandeza e conveniência (1).

Entretanto estimo a peregrinação de V. S., sobre tão repetida assistência do Corpo Santo, e me alegra sumamente que a alma dêle tenha tão bom gosto (2). Enfim, senhor, não é tempo de o tomar a V. S.^a

Aquele papel se vai fazendo quanto o permite a frieza do tempo e a fraqueza da saúde, mas não o verá o mundo sem que V. S.^a o veja e o emende primeiro. Aqueles documentos em que falei na carta passada não dêem cuidado a V. S.^a, porque ainda depois do entrudo virão a tempo (3). A obra há-de ser larga, e já o começa a ser e ainda não é obra.

Que o sr. Marquês me tenha em sua graça estimo quanto devo, e, pôsto que em todos os meus sacrificios tenho particular cuidado de os oferecer a Deus pela vida, estado e felicidade de S. Ex.^a, de aqui por diante o farei com o maior affecto e instância que pede a ocasião.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e ha-

(1) O casamento que se negociava em França para D. Afonso VI era então com M.^{lle} de Nemours, e não com a filha do Duque de Nevers, como tinha pensado António Vieira (supra, p. 28). Êste, fiel a suas ideas de outrora, optava por *união mais vizinha*, isto é com uma infanta de Espanha, que oferecia a vantagem da paz imediata, por todos desejada.

(2) No palácio chamado do Côrte Real ao Corpo Santo, construído pelo Marquês de Castelo Rodrigo, D. Cristóvão de Moura, residia o Infante D. Pedro, desde que a Rainha sua mãe lhe deu casa em 1662.

Peregrinação: a jornada a Salvaterra, para as caçadas, no séquito do Infante, acompanhando a côrte.

(3) Profecias do Beato Amadeu e escrito sobre o Apocalipse.

vemos mister. Coimbra, 28 de Janeiro de 1664. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XIV

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Fevereiro 6

Ex.^{mo} Sr. — Já sei chegou a V. Ex.^a a triste nova, que eu supunha se tinha encoberto a V. Ex.^a, como a mim se me encobriu de Lisboa, e neste colégio por muitos dias (2). Tão público era entre todos o muito que eu amava a pessoa do sr. Conde que está no céu, e o muito que desejava e estimava sua vida, e quanto sentimento me havia de causar a perda dela!

Perdeu S. M. um tão grande vassalo; perdeu Portugal um tão grande ministro; perdeu V. Ex.^a um tão grande, tão fiel e tão honrado amigo e parente; e eu também o perdi, e nas circunstâncias em que o Rei, o reino e todos mais o havíamos mister.

Mas, pois a perda em tôdas as considerações é tão irreparável, só nos fica o alívio e consolação da fé, esperando que, assim como Deus o livrou das perseguições tão mal merecidas dêste mundo, lhe haverá dado no céu o descanso, que nos assegura a cristandade de sua vida e o juízo e piedade com que a soube acabar.

Assim que, senhor, V. Ex.^a vença a dôr e as saudades

(1) Do t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) A morte do Conde de Soure, concunhado do Marquês, ambos genros de D. Pedro de Noronha, senhor de Vila Verde.

com a mesma razão delas, e ofereçamos por sua alma, em quanto eu lhe não vou fazer companhia, o mesmo sentimento que nos causa sua ausência, pois é o mais custoso sufrágio com que nos podemos mostrar lembrados e bons amigos.

Já o nosso destêrro tem no céu esta vítima de sua inocência; queira Deus que com ela se acabem de aplacar e desenganar os homens, e que, por desconto desta desgraça, vejamos a V. Ex.^a restituído ao descanso de sua casa, e nos lugares que à pessoa e merecimento de V. Ex.^a se devem, e Portugal para sua conservação há mister.

Console Deus e guarde a V. Ex.^a por muitos anos, com a vida e felicidades que tanto do coração desejo a V. Ex.^a Coimbra, 6 de Fevereiro de 1664. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA XV

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Fevereiro 20

Ex.^{mo} Sr. — Em tempo que tantas causas traz de sentimento, e em sujeito a que tanto tocam as mesmas causas, não podem elas deixar de obrar efeitos muito sensíveis, e assim o tenho eu experimentado. Fico em cama há quatro dias, resistindo quanto posso às sangrias, pelo dano que me têm feito sempre: mas os indícios são de qualidade que me parece não poderei continuar mais esta resistência; e o que mais receio é que me toma a recaída

(1) Do t. 3.^o da 1.^a ed.

ainda mal convescido, e tão debilitado que nem haverá cabedal de fôrças para a doença, nem para os remédios. Faça-se a vontade de Deus, e seja êle servido de conservar a V. Ex.^a a saúde tão inteira como desejo; e será o alívio maior que terei em meus trabalhos.

Do Pôrto chegaram ontem notáveis novas: a primeira e principal que estavam guerras apregoadas em França contra Castela, e que assim o tinham testemunhado pessoas que chegaram de França, em um navio de Nantes, que pôs só dez dias na viagem, e que no mesmo dia de sua partida fôra a dita publicação. Acrescentam-me, que faz a nova crível, não sei que discurso e notícias de João Nunes da Cunha, que devem ser as que trouxe do Minho.

Um tenente-general que aqui está levantando gente, me disse ontem o médico, concordava com isto, e o confirmava com os avisos que diz tem das espias de Castela, as quais contestam em que D. João de Áustria está fortificando Badajós; mas, como os meus discursos são melancólicos, ainda temo que sejam tudo isto invenções de Castela, para nos divertir da prevenção, como também fizeram o ano passado, em que sem dúvida nos achariam muito menos prevenidos, se Deus com as chuvas e enchentes de Abril e Maio não dilatara tanto a primavera.

Escrevem mais do Pôrto que em Dezembro chegara a frota das Índias, mas que a maior parte do dinheiro fôra logo para o Imperador, e que esta era a prática que traziam a Bragança os mercadores de Castela, de cuja verdade ou engano se pode tomar nova confirmação, ou para crer o que os outros crêem, ou para suspeitar o que eu suspeito.

Também se tinha já escrito, no correio passado, que se passavam a nós alguns franceses, dizendo que todos os que militavam em Castela tinham ordem para assim o faze-

rem. Ultimamente dizem que tivemos no Minho o bom successo de uma emboscada, em que tomámos quantidade de cavalos (1).

De Lisboa nos entristeceu o correio, com a nova da morte da sr.^a Duquesa (2), e com receios de que a sua doença se tinha pegado ao Duque, que será maior desgraça. Esta comecei ontem, e hoje me parece amanheço com melhoria.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e havemos mister. Coimbra, 20 de Fevereiro de 1664. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA XVI

A D. Rodrigo de Meneses (3)

1664 — Março 3

Senhor. — Com grande cuidado esperava neste correio por certas novas, que espalhou nesta Universidade o passado, em muitas cartas dessa nossa côrte, em que o ódio e emulação parece está hoje mais desaforado ou furioso do que em outros tempos; mas com as novas, que V. S.^a me fez mercê dar, de haver chegado o sr. Marquês à província, e do que havia disposto em Montemór, e com as mais particularidades, que o Padre Reitor de Santo Antão me en-

(1) Junto ao forte de S. Luís, defronte de Valença, em que, refere o *Portugal Restaurado*, Liv. IX, « foram degoladas muitos valões e tomados cincoenta cavalos ».

(2) De Cadaval, primeira mulher do Duque, D. Nuno Álvares Pereira de Melo, que foi três vezes casado. Seria a moléstia bexigas.

(3) Do t. 1.^o da 1.^a ed.

viou, do aplauso e festas públicas com que S. Ex.^a entrara e fôra recebido em Évora, não só cessou o cuidado mas se converteu na maior alegria, de que eu logo me fiz cronista, por ser assim necessário. Tanto prevalecem na nossa pátria os rumores contra a verdade, e as invenções ou suspeitas de poucos, contra o conhecimento e experiência de todos.

As justificações do livro do Beato Amadeu (1) estimei grandemente ver, pela variedade e incerteza com que nêle falam os autores, e o melhor que têm é estarem desimpedidas daquele sêco, onde as cousas dêste género costumam encalhar na nossa terra. As de S. Frei Gil (2) tomara também ver, e me lembra que as tinha antigamente um esparteiro das portas da Mouraria, em um de quatro livros destas curiosidades, que êle emprestou agora faz vinte anos ao Padre João de Vasconcelos, quando compunha o livro da Restauração de Portugal, que imprimiu com o nome do dr. Gregório de Almeida (3).

Por cá não há cousa digna de relação mais que haver-se hoje dado princípio às mesas na sala dos nossos estudos, onde o mestre, que é o Padre Francisco Guedes, tomou por problema dos futuros contingentes se havia de vir ou não el-rei D. Sebastião. E depois de o disputar com aplauso por uma e outra parte, resolveu que o verdadeiro Encoberto profetizado é El-rei que Deus guarde, D. Afonso VI. Por sinal que, para eu o crer e confessar

(1) Supra, p. 26.

(2) S. Frei Gil de Santarém, a quem se atribuiam certas profecias, interpretadas pelos sebastianistas no sentido da própria crença.

(3) Neste livro, intitulado *Restauração de Portugal prodigiosa*, justificava o autor, jesuíta, por meio de profecias e prodígios acontecidos, a aclamação de D. João IV. Publicado em 1643.

assim, não foi necessário nenhum dos argumentos que ouvi, porque, depois que observei as felicidades de S. M., e a providência tão particular com que assiste o céu a todas as suas acções, estou inteiramente persuadido a isso. Nem se poderá dizer por mim que mudei a opinião depois que me vi ao remo, porque êste meu destêro nunca o tive por galé; antes, se não fôra tão sujeito às inclemências do tempo, o tivera por paraíso da terra. Se aquella obra chegar a merecer êste nome (1), será uma grande prova, e pode ser que admirável, disto que digo.

Como para ela me eram necessários os livros, tomei por minha conta a disposição de toda esta livraria, que está hoje mui melhorada na ordem e concôrto que não tinha, e se descobriram nela muitos autores, principalmente antigos, que não só estavam encobertos mas perdidos em tanta confusão.

Um official, que aqui trabalhou com bôa vontade, tem o requerimento do memorial incluso, que peço a V. S.^a seja servido passar pelos olhos, e mandar-me dizer se tem lugar, e que diligência se deve fazer; e não me culpe V. S.^a de tanta importunidade, porque não tenho esta obra só por de caridade senão de obediência, pois V. S.^a me manda tão repetidamente o faça assim.

A cautela que representou a V. S.^a o Padre Reitor tenho por mui conveniente ao tempo, e para que seja maior importa que se não leia no sobrescrito o nome de V. S.^a

Guarde Deus a V. S.^a tantos anos, para tantas felicidade, como eu a V. S.^a desejo. Coimbra, 3 de Março de 1664.

António Vieira.

(1) *História do Futuro.*

CARTA XVII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Março 19

Ex.^{mo} Sr. — Algum dia havia de haver também em que eu pudesse fazer invejas a V. Ex.^a, como V. Ex.^a me as faz com o Padre Manuel Pereira, ou êle com a presença que logra de V. Ex.^a. Tal foi o dia de ontem, em que no geral da teologia desta Universidade tivemos o acto de conclusões do sr. D. Diogo (2).

Não digo a V. Ex.^a que foi admirável o successo, porque êste nome só tem lugar nas causas contingentes e de que se duvida. A matéria das conclusões, a substância do saber, e os accidentes da galhardia com que se defenderam, tudo foi divino. Não se viu tal segurança, tal compreensão, tal clareza, tal facilidade, junto tudo com uma tal autoridade, que não era necessário conhecer a pessoa para saber quem era. Emfim, bem se sabe a irmandade: parecia-me que estava ouvindo a V. Ex.^a no antigo Conselho de Estado. V. Ex.^a terá em Gouveia muitos bons dias; mas o de ontem, que não pode ter igual, tivemo-lo nós: tenha V. Ex.^a paciência.

Não me espanto que o prègador apertasse demasiadamente no sermão daquele domingo, porque o caminho da glória não é largo; só lhe parecia assim a um rei que olhando para o fim dêle dizia: *Omnis consummationis vidi*

(1) Do t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) D. Diogo da Silva, irmão do Marquês, colegial de S. Pedro na Universidade.

finem, latum mandatum tuum nimis. Já dei a S. Francisco Xavier o parabem de ter achado tão bom amigo em terra de tão poucos, como êle bem deve saber por experiência, pois viveu entre nós. Parece-me que o apóstolo da Índia se há de fazer apóstolo da casa de V. Ex.^a, pois na grandeza dela acha a Índia mais parecida ao que era no seu tempo, do que na mesma Índia.

A maravilha, que V. Ex.^a me refere tem das portas adentro, é caso inaudito e estupendo, e que de nenhum modo se pudera crer, se não estivera tão provado. Todas as circunstâncias da pessoa mostram que o favor é do céu; e eu cuido que uma maravilha tão rara, e em tal tempo, não é para parar só no seu cilício e pés desçalços, nem será a primeira vez que para Deus obrar os maiores prodígios escolheu pastores: notável era esta em que estamos!

Do amigo João Nunes da Cunha tive hontem carta, em que me assegura que as fôrças e poder de Castela estão no mais miserável e desordenado estado, que se pode considerar; e, segundo me diz também que corre com todas as inteligências daquela parte, deve de ter estas noticias fundadas em avisos muito seguros. Só diz que temos contra nós o espírito guerreiro do Duque de Ossuna e o desejo da vingança de D. João de Áustria (1): se não fôr mais que desejo, facilmente lhe faremos uma opposição muito igual.

Do Conde de Miranda (2) disse a V. Ex.^a o que correu nesta terra; agora se afirma que, indo para entrar no paço,

(1) Duque de Ossuna, comandava as fôrças de Castela, que operavam contra a Beira e Trás-os-Montes. D. João de Áustria, tinha a vingar a derrota do Ameixial, que o Conde de Vila Flor lhe infligira em Junho antecedente.

(2) Assim na colecção da Academia das Sciência, t. 8.º No texto impresso, occulto o nome, substituído por N.

o mandaram ir preso, mas não ouço dizer para onde. Liche é desgraçado por mar e por terra. Muito de estimar é que tope a sua fugida com tantos impedimentos, e que os caminhos de Portugal para Castela estejam tão dificultosos (1).

Folguei de ver a epístola consolatória, sem o estilo de Mercúrio; mas não é de Séneca: devem de andar mais correntes na nossa secretaria de Estado os decretos de pesares que as cartas de pêsames (2).

Muito me diz V Ex.^a das esperanças de Contes, mas muito mais me admira que, bafejadas de lembranças e suspiros tão poderosos, estejam ainda tão em botão que, depois de tão entrado Março, não cheguem a ser flores: façam-lhe muito bom proveito, se algum dia o forem. Eu não espero outro dia, nem outras flores, nem de outra mão, senão aquelas que neste tempo nos promete o hino do Breviário:

*Dies venit, dies tua,
In qua reflorent omnia;
Lætetur et nos in via,
Tua reducti dextera.*

Se V. Ex.^a e eu, como espero da bondade divina, tiver-

(1) Marquês de Liche, filho primogénito de D. Luís de Haro, ministro de Felipe IV, prisioneiro na batalha do Ameixial. Internado no castelo de Lisboa, quis escapar-se em uma fragata holandesa, que viera ao Tejo, com o fim de preparar-lhe a evasão. Descoberto o trama, frustrou-se a tentativa, e durou-lhe o cativo até que, em 1668, foi nomeado comissário para o ajuste das pazes, por parte de Espanha.

(2) Parece referência a carta de pêsames, que António de Sousa de Macedo, redactor do *Mercúrio Português*, dirigisse na qualidade de Secretário de Estado ao Marquês de Gouveia, pela morte do Conde de Soure.

mos esta ventura, pouco importa que só para nós ande o mundo concertado.

Garde Deus a V. Ex.^a muitos anos como desejo. Coimbra, 19 de Março de 1664.

Também mando papéis a V. Ex.^a, muito próprios do tempo em que mais encomenda Deus as obras de caridade que as da penitência, com serem tanto dêle. Êsse memorial é de uns parentes de meu companheiro (1), a quem devo as maiores obrigações, principalmente depois da doença em que me deu a vida. V. Ex.^a lhes mandou fazer mercê noutra ocasião, e se nesta houver o mesmo lugar, far-ma-á V. Ex.^a a mim.

António Vieira.

CARTA XVIII

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1664 — Março 31

Senhor. — Só nas saudades de V. S.^a creio; e, se as de V. S.^a são de ver e as de outros de me ouvir, as minhas todas são de ver e ouvir V. S.^a, que é o que mais desejo nesta vida. Eu, senhor, não prèguei a Cinza nem determino prègar a vivos nem a mortos, porque até pelos mortos me caluniam os vivos, e, quando padeço tanto pelo que não disse, não me quero expôr a maiores riscos pelo que

(1) Padre José Soares, que fôra para o Maranhão em 1652, na missão organizada por António Vieira. «Foi inseparável companheiro do Padre António Vieira no Maranhão, em Portugal, em Roma, outra vez em Lisboa, e últimamente por quási dezassete anos no Brasil». Padre André de Barros, *Vida do Padre António Vieira*, Liv. IV.

(2) Do t. 1.^o da 1.^a ed.

disser ; e, para que V. S.^a veja quão curiosa é a boa vontade de meus caluniadores, neste mesmo correio se mandou informar certo ministro dessa côrte se estivera eu em Coimbra pela Cinza, porque se afirmava em Lisboa que estava eu lá escondido nesse tempo. Se eu tivera habilidade para semelhantes furtos, quem os havia de saber primeiro que V. S.^a ?

Mas, tornando aos sermões, ainda que não posso mandar a V. S.^a o de Cinza, que não houve, poderei remeter outros e todos, e assim o prometo, tanto que a isso der lugar a obra com que estou entre mãos, a qual é necessário que se apresse, porque não venha depois do tempo : trabalho nela quanto posso e mais do que posso.

As profecias de S. Frei Gil estimei muito. O livro de Serafino de Razis procurei por terceira pessoa, como avisei a V. S.^a ; a resposta depois de muitos dias foi que no colégio do Carmo não havia tal livro, nem ainda notícia dêle. O Padre Frei Isidoro da Luz (1), que é grande meu amigo, e tomou por sua conta esta diligência, entende que o dono do livro o não quis emprestar e tomou êste desvio ; e, como dizem que compõe sôbre o Apocalipse, terá razão para o fazer ; mas ainda haverá tempo para nos ajudarmos do que V. S.^a tem mandado vir de França.

A nova do descasamento tem sido mais aceita de muitos do que foi a do casamento (2) ; e eu entro também neste nú-

(1) Religioso trinitário, doutor e lente na Universidade ; autor de várias obras latinas de mística e teologia.

(2) O casamento do Rei com M.^{lle} de Nemours, desfeito por ter ela anteriormente ajustado núpcias com o príncipe Carlos de Lorena. Depois propôs-se a filha do Duque de Elbeuf, que a côrte de Lisboa rejeitou, e últimamente tocou o enlace e a corôa a M.^{lle} de Aumale, irmã de M.^{lle} de Nemours, e noiva que tinham pretendido dar ao Infante D. Pedro.

mero, porque, havendo o nosso rei de casar com filha de vassalo, não faltaria uma lavradora em Portugal, quando o juiz do povo não tivesse filha. Atrevo-me a dizer isto só a V. S.^a, porque me disseram que até os mesmos casamenteiros eram dêste parecer.

Algum dia o não fui eu de que o príncipe D. Teodósio casasse em Sabóia, porque não era bem que o privássemos de uma tão grande esperança, como a de poder casar com a Princesa de Castela e vir a herdar Espanha; pois por certo que me não deve menos amor El-rei, que Deus guarde, nem lhe espero nem profetizo menos felicidades, antes esta é a menor das suas. E que será se as prevenções de Castela fôsem as disposições de tudo isto! Deus pode mais que êles e ama-nos mais que a êles; e não me pesa de ver ao sr. Marquês tão empenhado em tão notáveis tempos. Deus guarde a V. S.^a com tanta vida e felicidade como a V. S. deseje. Coimbra, último de Março de 1664.

António Vieira.

CARTA XIX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Abril 14

Senhor. — Com uma firma de V. S.^a, que o Padre Reitor de Santo Antão me remeteu em um seu escrito, tive mui alegres páscoas, porque ela me seguiu do meu maior cuidado, que é a saúde de V. S.^a, e do que mais estimo

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

depois dela neste mundo, que é saber me tem V. S.^a em sua graça.

Na mesma carta que aquele meu recomendado havia de apresentar a V. S.^a, significava eu a V. S.^a quão pouco empenhado estava no seu despacho : mas V. S.^a, pela muita mercê que em tudo me quer fazer, mede os favores com a sua grandeza e não com o meu desejo ; por que beijo muitas vezes a mão a V. S.^a

Cá tive meus rebates, como o ano passado, de me quererem mudar o degrêdo para mais longe nesta ocasião de naus da Índia : mas não são necessárias as calmas de Guiné nem as tormentas do Cabo da Boa Esperança ; bastam os frios de Coimbra para satisfazerem à vontade de meus amigos. Depois que entrou Abril se esfriaram notavelmente os dias, e ao mesmo passo se atrazou a saúde ; mas nem por isso levantei a mão da nossa obra, cujo successo depende tanto do tempo, que poderá ser se apresse mais do que alguns cuidam.

Na livraria de El-rei há um comento do Abade Joaquim (1) sôbre o Apocalipse, que há muitos anos se me emprestou, e agora me importava muito torná-lo a ver, podendo ser ; V. S.^a me fará mercê mandá-lo entregar ao Padre Reitor para que mo remeta.

De cá não há mais novidades que ouvirmos sômente os estrondos que se publicam de exércitos de Castela sôbre Alentejo ; e, como eu vou tão dobradamente empenhado nos bons successos daquela província, desejo que Deus ouça

(1) Monge cisterciense, que viveu no século XII e, segundo os sebastianistas, foi celebrado por milagres e venerado como santo. « Pouco antes da sua morte no Monte Tabor lhe comunicou Deus a luz e misteriosa intelligência das Sagradas Escrituras ». Do Mss. intitulado *Vaticínios de Portugal*, códice 400 da Biblioteca Nacional.

as minhas orações, pôsto que indignas, e as de meus companheiros, que são contínuas. O mesmo Senhor guarde a V. S.^a com tão alegres páscoas como a V. S.^a desejo. Coimbra, 14 de Abril de 1664.

António Vieira.

CARTA XX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Abril 28

Senhor. — Muito se deteve esta carta de V. S.^a, que recebi em 25 sendo escrita aos 12; devia ser a causa a ausência do Padre Reitor, que foi passar a festa à banda de além, logrando os privilégios da liberdade, que eu lhe não invejo mais que até o Loreto (2). Mas tornando à carta, foi recebida com maior gôsto, porque foi esperada com mais compridas saudades; e ela me trouxe as festas, que sem ela não há outra via por onde chegassem, e sempre que me trouxerem tão boas novas, de V. S.^a e do sr. Marquês que Deus guarde, serão para mim novas páscoas.

Esta minha com razão se pode chamar certidão de su-

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Reitor do colégio de Coimbra, o Padre Gaspar Moreira, de 1661 a 1665. As cartas de Vieira a D. Rodrigo eram remetidas por êle ao Reitor de S. Antão, com tanta sêgrêdo que não levavam o nome no sobrescrito (Cf. a carta XVI, p. 36), e as que vinham de D. Rodrigo passavam da mesma forma.

À banda de além: a Lisboa, Província do Alentejo, na divisão da Companhia.

Loreto: onde era palácio do Marquês de Marialva, residência de D. Rodrigo.

pervivência, porque, quando escrevi a última, ficava já com rebates de grave doença de que ainda não estou totalmente livre, pôsto que lhe tenho aplicado os remédios negativos com todo o rigor, por me não sujeitar ao dos médicos. Vai-me parecendo escaparei, que não será pequena mercê de Deus, em tempo que os ares desta cidade andam tão contagiosos. Morre muita gente, fogem todos os que podem, e ninguém sai de casa senão com os defensivos de peste, tendo-se mandado assim com pregões públicos, a requerimento dos mesmos que vivem das nossas enfermidades.

Neste mesmo Abril se tem padecido aqui os mais rigorosos frios de Dezembro, e as maiores calmas de Julho, em que nos ficamos abrazando, e não é muito que com a intemperança dêstes extremos sejam tantas as doenças e tão agudas, que só nesta freguesia do Salvador se enteraram ontem cinco, sendo uma das que se estimam por mais sadias. Dou o parabém a V. S.^a de se escrever neste mesmo tempo que não há doenças em Alentejo, que é grande disposição para os felizes sucessos, que aquela província nos promete êste ano com a presença do sr. Marquês.

Não posso encarecer a V. S.^a quanto estimei, e se estimou neste colégio, a relação por menor do exército que S. Ex.^a tem prevenido para esta campanha. Fizeram-se muitas cópias para irem a todos os colégios desta banda, que serão de grande ânimo para todos, e também para que se saiba o que nem todos publicam.

Por esta razão queria eu já representar a V. S.^a que importaria muito, quando V. S.^a me fez mercê escrever, virem as novas do que passar em Alentejo, para que conste sempre da verdade, e para que tenham opposição e se não dê crédito às que costumam espalhar as penas dos menos

afectos. Mas espero que-hão de ser os sucessos tão grandes e tão manifestos, que os não possa escurecer nenhuma inveja. Todas as profecias mo prometem assim, e só me faz temor que, entre o mundo presente e a glória que se espera, haja algum purgatório em meio, no qual se paguem pecados de escândalo público, cujo remédio desejara eu que tomaram muito por sua conta, não os prègadores, que dizem em comum, senão os confessores, os conselheiros e os amigos, que podem falar em particular. Não ponhamos a Deus em estado em que deixe de nos fazer mercês, por parecer injusto.

Se o sermão de Santa Engrácia estivera em estado de se poder ler, fôra com esta (1); mas como a maior parte foi por apontamentos, é necessário informá-lo de novo, para que seja o que era. O princípio, que por lá anda copiado, vi eu antes de vir, mas tem mui poucas palavras que concordem com o original, e tais andam a maior parte dos meus, de mistura com outros que o não são; e tudo se pode remediar sòmente com a estampa. Se Deus quiser que assim seja, êle dará saúde. Por agora quisera ver se posso levar a cabo esta obra que, para que seja obra, é necessário saia a tempo ou antes do tempo (2). Agora me retirei a Vila Franca (3) por ordem dos médicos, e espero ter mais horas, de que prometo a V. S.^a que não perderei nenhuma das que puder aproveitar sem risco.

(1) Deve ser o sermão do Sacramento, na igreja de Santa Engrácia, em 1662, no qual Vieira prègava a concórdia à nobreza, dividida pelas dissensões, que culminaram no golpe de Estado de D. Afonso VI.

(2) A *História do futuro* onde prognosticava acontecimentos, que temia se antecipassem à publicação.

(3) Quinta à beira do Mondego, pouco acima de Coimbra, pertencente aos jesuítas.

Não me mandou V. S.^a o escrito de Frei João da Silveira (1), e só me disse V. S.^a que o livro estava no colégio desta Universidade, mas sem nomear o religioso que o tinha. A diligência em comum fez o mestre Frei Isidoro da Luz, meu grande amigo, mas responderam-lhe, como avisei a V. S.^a, que não havia no Colégio tal livro nem notícia de tal autor.

Sôbre o Abade Joaquim escrevi haverá dois correios, e pôsto que também me serão necessários os outros papéis, que vi quando V. S.^a mos mandou a Xabregas, ainda não chego ao lugar aonde êles servem. Os alicerces e primeiras paredes vão todas fundadas em autoridade divina, e pasmo de ver quão grandes tesouros estão escondidos, no que todos trazem entre mãos e diante dos olhos. Já tomara que alguma parte estivera em estado de se apresentar aos de V. S.^a, mas Deus ajudará. O mesmo Senhor guarde a V. S.^a muitos anos como desejo. Coimbra, 28 de Abril de 1664.

António Vieira.

(1) Carmelita, grande teólogo. « Não se altercou controvérsia grave no seu tempo que dela não fôsse consultado », diz a *Biblioteca Lusitana* a seu respeito. Publicou em latim *Commentaria in textum evangelicum*, 6 vols., de 1640 a 1687; e *Commentaria in Apocalypsin*, 2 vols., 1663, ambas as quais obras tiveram repetidas edições. Talvez a obra sôbre o Apocalipse fôsse a que interessava a Vieira.

CARTA XXI

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Maio 5

Senhor. — Ainda as naus da Índia na altura do Cabo Verde não estarão (2) e, pôsto que nos perdoaram o deçrêdo, padecemos em Coimbra as calmas da Guiné, e menos mal fôra se só se padeceram as calmas ; mas são as doenças tão gerais e tão malignas, que já os médicos lhes mandaram aplicar os defensivos da peste, e falta pouco para lhes darem o nome. Espero na divina bondade que não há-de dar tamanho castigo a esta terra, pôsto que bastem só os meus pecados para o merecer ; mas, quando assim succedesse, também confio me há de dar sua graça, para dedicar a vida ao serviço e cura destas almas, como já lho tenho oferecido, com que darei por bem trocada a minha missão. Assim que, senhor, quando a restituição de que V. S.^a tanto se lembra, por me fazer mercê, tivera algum lugar, não é o do tempo presente (2), em que pode haver ocasião de fazer a Deus, que tanto nos merece, algum particular serviço.

As novas que V. S.^a me faz mercê dar do sr. Marquês, que Deus guarde, estimo sempre igualmente, e agora muito mais pela circunstância do tempo em que imos entrando.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) « Aos 19 saíram dêste pôrto um galeão e um bom navio para a Índia, com o Capitão-mór Bernardo de Miranda Henriques ». *Mercurio Português*, Abril de 1664.

(3) Parece que D. Rodrigo fazia diligências em favor de Vieira, para lhe ser remitido o destêrro.

O inimigo, como autor, sairá primeiro, e nós observaremos seus desígnios, segundo as leis da guerra defensiva; mas o successo da campanha consiste na vitória, e esta há-de ser daquele a quem Deus a quizer dar, e há de querer dá-la a quem a tiver prometido. É certo que, se não tivera tanta confiança nas suas promessas, não sei se me desconfiaram os nossos merecimentos; mas Deus pode primeiro castigar aos culpados, e depois fazer os castigados vitoriosos: permita V. S.^a estes receios ao meu amor, que quem ama muito teme tudo.

O meu recomendado do perdão tardou em me avisar da mercê que recebera de V. S.^a, pela qual torno a beijar a mão a V. S.^a muitas vezes. Vim de Vila Franca ao Colégio assistir a uns actos; passados êles, se Deus der vida, faço conta de voltar, porque não perde nada na mudança aquella obra de V. S.^a

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo. Coimbra, 5 de Maio de 1664.

António Vieira.

CARTA XXII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Maio 19

Senhor. — O cuidado com que espero novas da saúde de V. S.^a, particularmente depois que se escreve que também Lisboa não está sadia, merece tôda a mercê que V. S.^a me faz, pôsto que, quando olho para a minha dignidade, conheço quão devedor fica sempre o meu coração ao ex-

(1) Do t. 1.^o da 1.^a ed.

cesso com que V. S.^a me honra : espero na bondade divina me há-de dar vida e tempo em que mostre a V. S.^a que, ainda que sou indigno de tanto favor, não sou ingrato a êle.

As doenças do Colégio estão paradas, e o mesmo se diz da cidade, não sei se por estar despovoada, porque todos os que puderam fugiram dela. Agora vão os dias frescos, e já Maio parece Maio; queira Deus levantar um tão grande castigo, e reduzir à ordem natural estas causas segundas, que são os instrumentos de sua justiça.

Esta Vila Franca está feita a casa da saúde, e todos os convalescentes que se passam a ela experimentam melhora; eu vou continuando na minha mediocridade, sem perder as horas que Deus me dá de maior alento, entendendo que o mesmo Senhor as haverá por bem empregadas, e que só para lhe poder fazer êste serviço me conservou a vida. Tão unida está em tudo a sua glória com as nossas felicidades! E verdadeiramente, senhor, que quando considero no mesmo que vou escrevendo, que até agora são escrituras e promessas divinas, assim como por uma parte me assombra o que Deus quer fazer em nós, assim por outra me admira igualmente o pouco que os portugueses fazemos por merecer estas misericórdias.

Esta é a razão que me faz temer que, antes da felicidade que se espera, venha algum castigo que se não teme, e que se execute em nós aquela que V. S.^a chama dura lei, de padecer o comum pelos pecados dos particulares. Todo o português, que não procura ser santo, não merece que Deus o guarde para as felicidades que tem prometido e de que cedo há de meter de posse a Portugal.

As novas de Castela são quais podemos desejar, se são verdadeiras. Eu confesso a V. S.^a que não sei tomar pé nelas, porque, se é certo o grande número que dizem tem

o inimigo de cavalaria, parece que a não fez nem sustenta sem fim. Por outra parte, o tempo de sair à campanha, principalmente em ano tão sêco, parece que vai passando. Se o inimigo tivesse poder marítimo, dissera eu sem dúvida que esperava por Junho, para navegar com galés os mares da nossa costa; mas disto não ouço falar, e assim me tem em grande suspensão êste ano, o qual há muito me promete ou muita guerra ou nenhuma guerra, e sempre terei por melhor êste segundo; mas não posso não me inclinar a que havemos de ter uma grande vitória. E que seria se fôsse em Lisboa?

Muitos disparates são estes para escritos. Mas que fará quem não pode encobrir nada do seu coração a V. S.^a?

A carta do sr. Marquês, que Deus guarde, li com os extremos de gôsto com que estimo tôdas as cousas de S. Ex.^a Quererá Nosso Senhor que os sucessos respondam às disposições. As listas folgarei de ver, e são mui boas todas aquelas adições, para os que não sabem fazer conceito das despesas de um exército. Oh quem pudera falar de perto com V. S.^a! Mas não quero nem devo fazer senão o que Deus quere.

O mesmo Senhor guarde a V. S.^a com a vida e saúde que desejo, nem é necessário desejar mais. Vila Franca, 19 de Maio de 1664.

O memorial incluso é de um padre amigo meu, irmão do pretendente; mas o meu empenho é que se faça justiça e o que fôr maior serviço de Deus, como V. S.^a faz em tudo. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XXIII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Maio 26

Senhor. — As cartas de V. S.^a são todas, quando chegam, o único alívio, assim como antes de chegarem o único cuidado, do meu coração, o qual tenho sempre dividido em Lisboa e Alentejo(2), esperando as novas que me trazem com a suspensão que causa o tempo, tão ocasionado para os receios da saúde, e tão próximo aos sucessos e accidentes da guerra.

Mas esta que recebi de V. S.^a, escrita em 17 de Maio, com a do sr. Marquês, que Deus guarde, de que ela, pela excessiva mercê que V. S.^a me faz, veio acompanhada, não só foram para mim o costumado alívio e consolação, mas para toda esta grande comunidade do colégio de Coimbra (que na verdade é a côrte da Companhia) um alento e uma alegria geral, a maior que eu nunca nêle vi.

Todos amam extraordinariamente a conservação do reino, e todos têm mui particular affecto à pessoa do sr. Marquês, como a principal coluna dêle; e, como a mercê que V. S.^a me faz é tão grande e tão pública que se não pode encobrir, todos procuram saber de mim a certeza do estado do nosso exército, de que por todas as outras vias se escreve com grande variedade e pouco fundamento. Eu lhes communico o que se pode comunicar, e guardo só para mim o que convém reservar, em que sou mui acautelado e eseru-

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Em Lisboa D. Rodrigo, no Alentejo o Marquês de Marialva.

puloso; e o mesmo faço em algumas cópias que envio ao Padre Provincial, com quem tenho esta correspondência, o qual anda visitando a Província. Assim, que em toda a Companhia desta banda é notável o aplauso com que estas novas são recebidas, e toda ela goza a mercê que V. S.^a me faz, pela qual não tenho eu cabedal de palavras com que dar a V. S.^a as devidas graças, as quais remeto todas ao silêncio do coração, que V. S.^a tão bem conhece.

O discurso, que V. S.^a faz, sôbre a maior e mais útil operação que podem fazer êste ano as nossas armas, tomara eu ver consultado a El-rei por todos seus Conselheiros de guerra, e decretado e firmado por S. M.; e, se no conselho de Estremôs(1) se resolver assim, entenderei que temos a Deus muito da nossa parte, pois nos inspira os mais seguros meios da conservação, e ainda os de maior glória e reputação do reino.

Que maior crédito pode desejar Portugal, que dizer-se nas nações estrangeiras que, tendo Castela ajuntado e unido todo o seu poder, foi tão superior o nosso que se não atreveu a sair em campanha? E que maior utilidade e felicidade para o público e particular do reino, que conservá-lo em tais circunstâncias, sem perder um homem nem um cavalo, nem derramar uma gota de sangue, que sempre na casa onde falta faz triste a vitória, por mui vantajosa que seja? E que maior ventura nem vitória que conseguir os efeitos dela, sem os riscos de uma batalha nem os danos da guerra? Emfim, senhor, eu tomara ver êste discurso de V. S.^a impresso com letras de ouro, e que falaram pelo estilo dêle os do nosso desgraçado Mercúrio, tão pouco ponderado no que diz, como no que não

(1) Estremôs : quartel-general do Marquês de Marialva.

diz. Ele é de opinião que façamos alguma cousa: e pudera considerar, como tão lido nos exemplos de Fáblio Máximo, que há ocasiões em que no não fazer consiste tudo; e que os conselhos dos grandes generais se não desprezem, e que os rumores do vulgo nem são grandes nem são conselhos (1).

O nosso exército, graças a Deus e ao sr. Marquês, é o maior que viu Portugal e excede o crédito de quanto êste ano se esperava (2). Os intentos do inimigo, se não tem poder marítimo, como parece que não tem, não posso atinar quais sejam, havendo-se empenhado tanto, salvo se o novo governador das armas, Marcim (3), como me disse o Desembargador Duarte Ribeiro (4) lho ouvira em França,

(1) O *Mercúrio Português* do mês de Maio instiga a sair em campanha, e diz que D. João de Áustria se achava desanimado, com poucas fôrças e receoso de acometer. No conselho de guerra, em Estremôz, dividiram-se os votos: Schomberg era pela offensiva immediata contra a opinião da maioria. Conta o *Portugal Restaurado* que o Marquês de Marialva, depois de ouvir os pareceres, aceitou o de Schomberg, que era também o do autor, D. Luís de Meneses. De idêntica forma decidiram na côrte os Conselhos de Estado e de Guerra, e expediram-se então as ordens para avançarem as tropas a encontrar o inimigo.

(2) «Feita mostra se achou que constava de 12.524 infantes, entrando os officiais, em 18 têtços pagos e só um auxiliar, todos portuguezes; 3.300 infantes estrangeiros, em cinco têtços, que todos faziam 15.824 infantes com 24 têtços; e de 4.924 cavalos, dos quais 1.020 eram franceses e ingleses, em cinco regimentos; e 15 peças de artilharia, e as munições, petrechos, carruagens de mantimentos, e outras cousas competentes a êste exército, cujo número e grandeza se deixa bem considerar». Do *Mercúrio Português*, Junho de 1664.

(3) Marcim, depois de ter combatido contra os espanhóis em Catalunha, tinha passado ao serviço de Espanha, com o Príncipe de Condé, por ocasião da Fronda.

(4) Duarte Ribeiro de Macedo.

quere praticar o seu ditame de nos cansar com levas e despesas, para nos vencer sem batalhas. Se assim fôr, nós aceitaremos o partido.

Com o Padre mestre Frei Isidoro, depois que V. S.^a me mandou a sua carta, comuniquei alguns pontos daquela obra(1), e estimei muito a aprovação do seu parecer, como de tantas letras e juízo. Para quando voltar avisarei a V. S.^a de alguns papéis que podem vir por sua via, que ainda agora me não são tão necessários. Deus guarde a V. S.^a muitos anos, e me traga sempre tão boas novas de V. S.^a e do sr. Marquês como desejo e havemos mister. Coimbra, 26 de Maio de 1664.

António Vieira.

CARTA XXIV

A D. Rodrigo de Meneses(1)

1663 — Junho 2

Senhor. — Muito rico chegou êste último correio de Maio, e muito certas esperanças nos dá de haver de ser o ano mais fértil na campanha, do que tem sido nos campos. Com grandíssimo aplauso li a todos as novas de Alentejo, e foi necessário lê-las muitas vezes, sempre com dobrado gosto meu, porque o tenho do que leio e do que ouço, que são graças a Deus e vivas ao sr. Marquês, que êle guarde. Nunca tal poder viu Portugal, nem tal disposição, nem tal concurso de cousas, nem tão manifestos favores do céu, e

(1) Frei Isidoro da Luz, supra, p. 44. As referências são sempre à *História do Futuro*.

(2) Do t. 1.^o da 1.^a ed.

diligenciados, como V. S.^a pondera, por nossos próprios inimigos. Com que podemos dizer que não só nos socorre Inglaterra e França, mas também Castela. Quererá o mesmo Senhor, autor de tôdas estas felicidades, dar iguais fins a tão notáveis princípios?

Ao sr. Marquês beijo mil vezes a mão, pela lembrança que tem dêste seu menor criado, e grande mercê que me faz. Não dou as graças particularmente a S. Ex.^a, pela razão do tempo e por todas as que a V. S.^a são presentes, mas todas as letras daquelas regras pago à vista nos sacrificios de cada dia, com que acompanho as orações gerais que todos fazemos, em que o meu coração vai tão empenhado na utilidade e felicidade comum de toda a casa de V. S.^a

Creia V. S.^a do meu affecto que, só pelo gôsto dêste motivo, empreendera de muito boa vontade o trabalho com que lido(1), do descobrimento das nossas esperanças e felicidades, das quais não pode deixar de caber a maior parte à casa de V. S.^a, pois Deus a tem tomado pelo primeiro e principal instrumento delas. Cada hora se me vão descobrindo maiores e mais seguros fundamentos, para cuja estabilidade, como já ôtras vezes signifiquei a V. S.^a, o que sobretudo se deve desejar, nos instrumentos e causas segundas, é humildade e mais humildade, confiança e mais confiança em Deus, e um profundo e verdadeiro conhecimento que da sua mão vem e há de vir tudo; e certo que não há para mim maior consolação que ler, em todas as cartas de V. S.^a, como V. S.^a refere tudo à divina misericórdia.

O roteiro do abade Joaquim ainda nos não faz falta na altura em que imos. Ele fez outro livro dos Pontífices, em

(1) *A História do Futuro.*

que se vêem as suas imagens estampadas, com uma inscrição breve em que se descobrem os mistérios de cada uma; e, porque a do Papa presente tem cousas mui notáveis, e que grandemente conduzem ao intento, estimara eu muito vê-lo, pôsto que já o li em Roma. Aqui teve um livro dêstes o Reitor Saldanha (1), que não posso descobrir; no reino deve haver outros.

S. M. haverá já resoluto aqueles votos. O do sr. Marquês é qual devia ser, mas eu não me despego ainda do de V. S.^a, porque quando menos é mais seguro.

Cá me mandaram um cometa, com duas meias luas no meio, que dizem appareceu em Alemanha em 12 de Janeiro. Sirva-se V. S.^a de me dizer se é cousa certa e de que se possa fazer fundamento. Se lá está o céu irado, cá está propício.

Deus, que tanta mercê nos faz, guarde a V. S.^a, muitos anos como desejo. Vila Franca, 2 de Junho de 1664.

António Vieira.

CARTA XXV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Junho 9

Senhor. — As cartas de que V. S.^a me fez mercê esta semana fizeram no meu ânimo os efeitos que sempre, e maiores, se o podem ser, porque os favores de V. S.^a sem-

(1) D. Manuel de Saldanha, que foi Reitor e Visitador da Universidade, já então falecido.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.

pre são avantajados. De aqui por diante as esperarei com a mesma ânsia, mas com maior cuidado, pois temos ao sr. Marquês, que Deus guarde, e o nosso exército em campanha, com uma resolução em que os inconvenientes são tão conhecidos, o risco tão certo e a utilidade nenhuma. Qual nesta matéria seja o meu parecer tenho já manifestado a V. S.^a, e também V. S.^a veria que me não descidi dêle, depois de ver a primeira proposta do Alentejo, e todas suas razões, que são todas as que se podem considerar pela parte contrária.

Acharam se nesta quinta a semana passada alguns religiosos muito bem entendidos, e como em Coimbra tudo são disputas, na quarta feira à noite, em que se esperavam as cartas do correio, se disputou a questão se convinha ou não sair o nosso exército: e foi cousa para mim maravilhosa, e poucas vezes vista, que todos concordassem em que não convinha sair, sendo que os votos dos religiosos são ordinariamente os mais arrojados. Chegaram emfim pela manhã as cartas, e mostrando-lhe eu a segunda proposta (1), foi grandíssimo o aplauso que se fez a todas as razões dela, e triunfavam todos grandemente com a sua opinião, pôsto que não havia de quem triunfar, por ser, como digo, de todos.

No correio do Minho tive carta de pessoa que tem as melhores inteligências, em que me dizia que sabia de certo que o intento do inimigo era cansar-nos e quebrantar-nos êste verão, para depois nos entrar com todo o poder, o qual ia ajuntando secretamente de todas as partes; e que a

(1) Dêste passo, e outros adiante, na mesma carta, parece ter o Marquês de Marialva mandado à côrte segundo parecer, que contrariava as ordens recebidas, para a iniciativa das operações da nossa parte.

êste fim tinha junto o conde de Castriho (1) grande soma de dinheiro de moeda nova: e sábadó tivemos carta de Évora de 3o do passado, em que um padre desta Província que acompanha o conde de S. João (2), diz como o exército era mandado sair, e pedia o encomendassem muito a Deus, porque saía contra a opinião e brados de todos. O que eu estimo muito é que o sr. Marquês tenha feito a segunda proposta, porque, como S. Ex.^a diz, quem diz o que entende e faz o que lhe mandam não é mais obrigado.

O reparo das assistências do francês é mui galante (3); folguei de ver o conceito que V. S.^a faz dos seus intentos nos socorros que nos dá por apistos (4). Mui certo estou que nos não há-de ver no estado que presume; mas é lástima que possam tanto connosco os seus respeitos, quando êles são desta qualidade.

Por outra via tive notícia que o mesmo francês fazia uma poderosa companhia para a Índia Oriental, em que o Rei entrava com quatro milhões e fazia notáveis partidos a todos os que metessem nela seus cabedais. Mui diferentemente dizem estas pretensões com aqueloutros pensamentos. Mas não há de querer quem nos deu as conquistas

(1) Ministro de Felipe IV, desde 1661, pela morte de D. Luís de Haro.

(2) Governador das armas de Trás-os-Montes, que viera com tropas juntar-se ao exército do Marquês de Marialva, e votara no conselho de guerra pela ofensiva.

(3) Pode ser a referência a Colbert de quem, como Inspector Geral da Fazenda de Luís XIV, dependia o envio de socorros; e o trecho abaixo, sôbre a Companhia das Índias Orientais, criada por êle neste ano de 1664, nas condições referidas por Vieira, fortalece a conjectura.

(4) Esta palavra com maiúscula na 1.^a edição, evidentemente por incompreensão do sentido.

que sejam elas roupa de franceses. Oh! que grande cousa fôra contentarmo-nos com a vitória de o inimigo se não atrever a sair em campanha connosco, fortificarmo-nos e esperar com o nosso exército inteiro, e receber nesta rodela a estocada, que só assim não podia ser penetrante! Emfim, senhor, o meu coração não se pode apartar um ponto do parecer de V. S.^a, pôsto que o não sei explicar com tal evidência; e me admiro muito que ouvisse a V. S.^a ministro grande aquele discurso, e não se rendesse a êle. Eu me tenho resoluta a que é vontade ou permissão divina que o nosso exército saia, apesar dos juízos humanos. O efeito mostrará quais são os fins desta sua providência.

E, porque esta há-de chegar a V. S.^a já depois do Corpo de Deus, digo a V. S.^a que um matemático de boa vida, sciência, e muito amigo do reino, diz que ameaçam as estrê-las naquele dia a Portugal um caso fatal. Não duvido que o Santíssimo Sacramento seja mui ofendido nêste reino, mas em nenhum da cristandade é mais venerado nem servido: poderá ser que seja a fatalidade (se tem algum fundamento) a mesma saída à campanha, com tão pouco fim e utilidade como se considera.

Atrevo-me a falar assim porque falo com V. S.^a. Deus sabe e pode mais que os homens, e anda tão zeloso de suas misericórdias que, por todas as vias, quere que conheçamos que são suas. Por momentos esperamos mui boas novas. O senhor dos exércitos, a quem oferecemos todas as nossas orações e sacrificios, no-las mande quais havemos mister, e a V. S.^a guarde muitos anos para maiores felicidades como desejo. Vila Franca, 9 de Junho de 1664.

António Vieira.

CARTA XXVI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Junho 18

Ex.^{mo} Sr. — Bem cuidei eu que nem estas duas regras de mão alheia pudesse mandar a V. Ex.^a neste correio. Foi o caso que, vindo dia de *Corpus* de Vila Franca a êste colégio, para assistir à festa interior que nêle se faz com grande solenidade, no fim da procissão, de tarde, me deu uma grande febre, de que logo me sangraram seis vezes nos braços e nos pés, a duas cada dia.

Entendem os médicos que foi causado todo êste acidente de uma erisipela, que se não conheceu senão ao terceiro dia, cuja inflamação fica já mui remitida, e com ela também a febre. E, se a doença não tem outra maior causa, esperamos em Deus que aqui parará: sendo assim, responderei no correio seguinte às de V. Ex.^a, cujas acertadas resoluções, que são as que não dependem da vontade alheia, estimo quanto devo, e sobretudo que V. Ex.^a passe o trabalho dos caminhos com saúde (2); e conserve-a Deus e guarde a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e havemos mister. Coimbra, 18 de Junho de 1664. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) De regresso à côrte, para que recebera o Marquês autorização.

CARTA XXVII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Junho 23

Senhor. — Muito me mortifica Deus, e na parte e tempo mais sensível; seja êle por tudo louvado! No correio passado não pude escrever a V. S.^a, nem agora o posso fazer mais que estas duas regras de mão alheia, porque vindo de Vila Franca a êste colégio em dia de *Corpus*, naquela mesma tarde me deu uma grande febre, e depois uma grande erisipela, cuja inflamação e fôrça amainou com seis sangrias; mas ficou e vai continuando em febre lenta, com crescimentos de todas as tardes, na mesma forma do ano passado, que muito me molestam e enfraquecem. Entramos em estio, que não é bom tempo para curas, mas julga o doutor Sanfins que é necessário aplicar alguns medicamentos, e assim o começa a fazer. Deus, que é o verdadeiro médico, dará o que fôr servido. No mesmo dia dêste meu acidente recebi a nova de V. S.^a se haver livrado do da pedra, que foi e é para mim o maior alívio, pois estimo e devo estimar a saúde de V. S.^a muito mais que a própria.

A mercê que me faz o sr. Marquês, que Deus guarde, e o affecto de que sou devedor a S. Ex.^a, conheço muito bem; e se eu fôra digno de que Deus ouvira minhas orações, também V. S.^a conhecera nos efeitos que não é meu ânimo desagradecido, e que sabe meu coração desejar, ainda

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

que não possa satisfazer. Não posso agora oferecer mais sacrificios que os da penitência, pôsto que são muitos e continuos, e com grande affecto, os que neste Colégio se fazem a Deus pelo bom successo de nossas armas, em cuja felicidade considero a V. S.^a igualmente empenhado, pelo comum como pelo particular. Queira Nosso Senhor dar-nos muito que festejar com êste dobrado gôsto. O meu coração e o meu juizo se não aparta um ponto do de V. S.^a, e assim espero as novas com tanto alvoroço como susto.

Quando vejo os meios que se empreendem, parece-me que tiramos os olhos do fim e de todos os fins. Se queremos honra e crédito com o mundo, que maior crédito que não se atrever o inimigo a pelejar com o nosso exército? E se queremos utilidade e conveniências, que maior utilidade que conservar o mesmo exército e a nossa cavalaria inteira, e defender a provincia e a campanha, e os frutos dela em tal ano, e acrescentar segurança para o futuro com fortificar os postos de maior importância? Tudo isto se arrisca e se pode perder em qualquer ausência do nosso exército; e na distância de Valença (1) não se representam menos riscos que noutras emprêsas.

Emfim, senhor, quando contra todas estas razões considero a resolução que se mandou tomar, não posso deixar de entender que há debaixo dela algum intento particular da Providência Divina, que o tempo nos mostrará qual seja; e para todo o successo estimo grandemente que o sr. Marquês tenha uma e outra vez declarado seu parecer, que também se avisa é o de todo o exército (2).

A carta de Madrid ajuda muito o pensamento de V. S.^a, e me admira que os nossos conselheiros façam tão pouca

(1) Valência de Alcântara, na Extremadura espanhola

(2) Veja-se a nota de pág. 61.

ponderação daquelas notícias, que não são para desprezar. A relação impressa em Sevilha folguei e folgaram muito todos de ver: fica guardada com os mais papéis. As profecias do Abade Joaquim não vieram ainda. Os anagramas e tudo o mais dêstê género estimarei; e certo que é grande a mortificação com que me vejo atalhado, porque ia a obra vento em pôpa, e cada vez se descobriam maiores e mais firmes esperanças; mas ainda as não perco de que Deus me não há-de matar antes de chegar ao pôrto desejado.

Deus guarde a V. S.^a, muitos anos como desejo. Coimbra, 23 de Junho de 1664.

António Vieira.

CARTA XXVIII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Julho 7

Senhor. — Nunca tanto desejei poder escrever, e muito largamente, a V. S.^a, como nesta ocasião da vitória do sr. Marquês, que Deus guarde, cuja nova chegou a esta cidade primeiro que as cartas de V. S.^a; e foi nela tão festejada e celebrada como a felicidade do successo e a importância da praça merece (2). Com as cartas de V. S.^a soubemos as circunstâncias e autoridade das capitulações, que com alvoroço se esperavam, e se renovou e acrescentou com elas a alegria de tudo se concluir com grande crédito

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Valência de Alcântara, que se rendeu ao Marquês de Marialva em 24 de Junho.

de nossas armas, e menos reputação do poder contrário. Por tudo sejam dadas muitas graças a Deus, a quem o sr. Marquês, com maior glória sua, refere todo o louvor. Êle pagará êste grande serviço, que tanto redundava em bem de tôda a cristandade, na moeda que costuma, e com as vantagens que merece, as quais nunca igualará a pátria, que por natureza é tão invejosa e tão ingrata.

De mim não posso dar as novas que V. S.^a deseja, como já não pude no correio passado, por estar então recaído, como ainda fico, cada vez mais penetrado e mais quebrantado do mal, pôsto que os médicos o não conhecem e me animam, que é o mesmo caminho por onde o ano passado me levaram tão perto das portas da sepultura. Alguns medicamentos me applicaram esta semana, com que se não remediou, antes se dobrou, a doença; e êste é o estado em que fico, sempre ao serviço de V. S.^a com o mesmo coração, rogando a Nosso Senhor guarde a V. S.^a muitos anos, e ao sr. Marquês com a vida e saúde que o reino há mister, e com as felicidades e aumento de estado que eu a toda a casa de V. S.^a, como o mais afeiçoado criado dela, desejo. Coimbra, 7 de Julho de 1664. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XXIX

A D. Teodósio de Melo (1)

1664 — Julho 19

Senhor. — Da jornada de V. S.^a tinha já ouvido com a admiração que ela merece, e também ouvi que V. S.^a era

(1) D. Teodósio de Bragança e Melo, irmão do Duque de Cada-

chegado a êsse lugar, onde V. S.^a me não teve logo a seus pés, porque a estreiteza da minha prisão não consente tão comprida cadeia.

A mercê que V. S.^a me quiere fazer (1) advinhou o meu coração, que a esperava com o maior alvoroço no dia e hora que dirá o portador, a quem agora não posso sinalar o lugar, porque sou pouco prático dêste, e é necessário informar-me do mais seguro. Vila Franca, 19 de Julho de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XXX

A D. Teodósio (2)

1664 — Julho 20

Senhor. — Em ocasião de tanta tempestade não é seguro navegar sem roteiro. Informei-me de pessoa mais prática e o que me disse é o seguinte: que a viagem se faça, como estava assentado, pela banda de além do rio; que o vau se passe muito antes de S. Jorge, em um pôrto que chamam Quinta das Canas, que é a passagem seguida

val, e como êle grande amigo de Vieira. Eclesiástico, cónego da Sé de Lisboa e Capelão-mór por nomeação da Regente D. Luísa, cargo de que nunca tomou posse. Tinha chegado a Tentúgal, desterrado ao mesmo tempo que Sebastião César de Meneses e António Conti, por suspeita de maquinarem contra o Conde de Castelo-Melhor. Carta impressa no t. 2.º da 1.ª ed.

(1) A visita a Vila Franca. Na carta seguinte manda instruções sôbre o modo de a realizar encobertamente.

(2) No t. 2.º da 1.ª ed.

de carros; e que, saindo no fundo do olival, se tome a estrada direita à porta desta quinta, onde estará esperando quem guie.

Até aqui o roteiro do lugar, e também é necessário mudar o do tempo; porque soube agora que amanhã vêm a êste sítio alguns religiosos, com outros eclesiásticos de fora, a passar nêle todo o dia, e não é possível estorvar êste impedimento, nem vir V. S.^a no mesmo dia, sem se arriscar muito o segrêdo que tanto importa; assim que será fôrça ficar a jornada para têrça feira, que é demasiada dilação para quem espera a vista de V. S.^a com tanta impaciência.

Bem pudera Deus dar esta glória sem purgatório em dias de jubileu; mas tanta fôrça tem no mundo estar fora da graça dos que o mandam.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister. Vila Franca, 20 de Julho de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XXXI

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Julho 21

Senhor. — Não sei com que hei-de pagar a V. S.^a o cuidado que V. S.^a tem desta minha tão cansada saúde, senão com desejar muito larga vida para a empregar toda no serviço de V. S.^a, a que há tantos anos está dedicada; mas por mais que seja o tempo, e as ocasiões que êle pode ofe-

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

recer, nunca eu poderei satisfazer a menor parte das obrigações tão multiplicadas, com que V. S.^a todos os dias me empenha e captiva de novo. Aceite V. S.^a esta confissão e conhecimento, que acompanhará perpétuamente minha alma ainda depois da vida.

No correio passado fiz avisar ao Padre Reitor do estado em que ficava, para que a V. S.^a fôsse presente a causa por que não pude escrever. Foi terrível o acidente que naquele dia passei, com a mudança do Colégio para Vila Franca; mas quis Deus que passasse, e fico em pé com esperanças de melhora. Têm-me receitado agora os banhos do Mondego; experimentarei se me é mais favorável a água de Coimbra do que o tem sido o ar e a terra. E quando o não seja, resolver-me-ei que tenho contra mim todos os elementos; mas conformar-me-ei com a vontade do senhor dêles, que são as armas com que só os posso vencer.

Ontem se publicou aqui um bem novo successo de Alentejo (1), de que dou a V. S.^a o parabem. Parece que andam as felicidades encadeadas; e não foi pequena a de Castelo Rodrigo, com que os castelhanos queriam desquitar, ainda que tão desigualmente, a perda de Valença (2). Por toda a parte soam os ecos do muito que lhe tem doído. Com grande alvoroço esperamos todos a cópia da carta de Madrid, e eu as de V.^aS.^a sempre com a mesma ânsia, como quem recebo nelas o alento e alimento de que vivo.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e ha-

(1) Um trôço português desbaratou um combóio castelhano, destinado a Arronches, então em posse do inimigo, e tomou-lhe cem cavalos, que conduzia.

(2) Em Castelo Rodrigo fôra derrotado o Duque de Ossuna, que sitiava a praça, e obrigado a retirar-se.

vemos mister. Vila Franca, 21 de Julho de 1664. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XXXII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Julho 5

Senhor. — A pena que recebo com o cuidado, que dá a V. S.^a a minha saúde, é igual à estimação que dela faço, de que muitas vezes desejei dar a V. S.^a as graças; mas nunca sei nem o poderei fazer bastantemente. A melhora de que já dei conta a V. S.^a vai continuando, pôsto que lentamente, sentindo muito não me dar lugar à continuação daquela obra, que, depois que V. S.^a a tem recebido debaixo da sua protecção, a considero como cousa de V. S.^a, e a quisera ver já muito adiantada e que não se lhe antecipasse o tempo. Muito concordam com êle todas as disposições de Castela, se vierem a ser como se descrevem na carta de Madrid, que muito folguei ver, e só comuniquei dela o que não pode fazer dano, com todas as cautelas necessárias.

Do novo successo que o sr. Marquês, que Deus guarde, teve no combóio de Arronches, dei já a V. S.^a o parabém (2) e agora o dou de todos os outros, que todos, assim os grandes como os pequenos, são muito para estimar, por se acrescentar com êles a nossa cavalaria e se diminuir a do inimigo, que é o que mais havemos mister, e por se

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Na carta antecedente.

conhecer em todos êles quão vitoriosos e quão briosos andam os ânimos dos nossos soldados, e quão quebrados os dos castelhanos. Tudo são efeitos da providência e misericórdia de Deus, que assim vai dispondo nesta escola nossas armas para maiores vitórias e felicidades. Uma de V. S.^a me contaram, não há muitos dias, da qual eu nunca duvidei, mas estimei muito o certificarem-me dela.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister. Vila Franca, 28 de Julho de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA XXXIII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Agôsto 3

Senhor. — Não sei como hajam faltado tanto a V. S.^a as minhas cartas, porque em todos os correios últimos tenho escrito, e só o deixei de fazer quando a fôrça da doença foi tanta, que nem para ditar duas regras me dava lugar: que V. S.^a o tenha sempre, no meio de tantas e tão grandes occupações, é confusão minha, e mercê que nunca poderei nem saberei gratificar ao affecto de V. S.^a, como ela merece e eu tantas vezes tenho confessado.

Até agora supunha a V. S.^a morador de Lisboa; mas a vivenda da quinta me faz saudades da nossa de Enxobregas, onde é certo que, com tão boa vizinhança, se convalesceria agora melhor que na de Vila Franca. Mas segundo se multiplicam e agravam os desterros nestes dias, não há

(2) N.º t. 1.º da 1.ª ed.

inocência tão segura que se atreva a lhe passar por pensamento tal esperança : com Deus dar saúde, em qualquer parte que seja, nos contentaremos.

Os caniculares por cá não só vão frescos mas chuvosos ; e, se esta irregularidade do tempo não causar alguma alteração nos corpos, parece que se sairá do verão mais sadiamente do que entramos na primavera. O que importa, e o que eu sobretudo desejo, é que V. S.^a e o sr. Marquês, que Deus guarde, logrem a saúde que tanto havemos mister.

O memorial incluso é da pessoa que V. S.^a deve mui conhecer, e hoje partiu para essa côrte : a desposada é irmã de um religioso dêste colégio, a quem eu devo grandes obrigações e affecto, e sabe êle e os mais que todo o meu cabedal é o favor de V. S.^a No caso em que estejam providos os lugares do Pôrto, como já se diz, pretende a beca sem exercício, e a principal mercê, que querem peça eu a V. S.^a, é que a sua petição seja posta no Paço (1) de tal modo que possa ser consultada : se isto é cousa possível, em todo o favor que V. S.^a lhes fizer o receberei eu mui particular, e perdôe V. S.^a tão repetidos enfados, que, como a mercê que V. S.^a me faz é tão grande e tão pública, não me posso livrar de dar a V. S.^a estas moléstias.

Fico esperando aquele papel, e ainda sem alento para poder dar penada no outro, com que algum dia, se Deus fôr servido, poderei dar a V. S.^a alguma hora de entretenimento, como agora dou tantas de enfado.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo.—
Coimbra, 3 de Agôsto de 1664.

António Vieira.

(1) No Desembargo do Paço. Pretenderia o recomendado um lugar de Desembargador no Pôrto.

CARTA XXXIV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Agôsto 11

Senhor. — Acho-me neste correio sem carta de V. S.^a, mas não sem as novas que nela principalmente esperava, porque me as deu o Padre Reitor; com que fico livre do cuidado que me pudera causar esta falta. Conserve Nosso Senhor sempre a V. S.^a a saúde que para tantas occupações e de tanto seu serviço é necessário. Por cá se passa geralmente com pouca; e o eclipse dêstes caniculares tem entrado com os mesmos efeitos do do ano passado, com que não é menos o temor. Nos dois dias de ontem e ante-ontem se enterraram na cidade onze pessoas, que para tempo de férias é bastante número.

Eu fico nesta Vila Franca, onde o retiro é da gente e não do clima, e assim me trata em uma e outra parte com pouca diferença. Já disse a V. S.^a que é dobrada mortificação para mim ver correr o tempo, e temer que se antecipem os sucessos à esperança, e ao gôsto de os ver primeiro escritos; e, pôsto que algumas vezes arremeti à continuação daquele papel, é tão pouco o alento que não pode acompanhar o desejo. Se fôra matéria capaz de se encomendar a terceiro, já o tivera feito; mas nem ela o é, nem desta banda tenho encontrado pessoa de cujo talento se possa fiar esta emprêsa, ainda dando-se-lhe a matéria junta e disposta; emfim, se Deus quizer que se faça, êle dará saúde, e se a der êste ano, e nos princípios do que vem, ainda virá a tempo (2).

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Refere-se à *História do Futuro*, onde fazia prognósticos de

Por cá se fala em liberdade de consciência em Inglaterra e côrtes em Madrid. Sirva-se V. S.^a de mandar dizer se tem isto fundamento, e se nos navios de Itália vieram algumas novas da guerra do Turco, porque dos seus successos depende grande parte da conjectura dos tempos.

Guardede Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister. Vila Franca, 11 de Agôsto de 1664.— Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XXXV

A Frei Luis de Sá (1)

1664 — Agôsto 15

Rev.^{mo} Padre Mestre. — As honras que V. Rev.^{ma} faz a Vila Franca são só iguais às saudades que lhe deixou, as quais nem o Mondego pode escrever com todas suas águas, nem contá-las ainda hoje com todas suas areias. Ele, sempre alegre na quinta de V. R.^{ma}, corre e discorre lá

que temia se antecipasse o successo à publicação da obra. Em todo o caso seria a tempo antes de 1666, ano em que os acontecimentos esperados haveriam de efectuar-se.

(1) Da Ordem de S. Bernardo. Vice-reitor e lente na Universidade. Tinha ido em visita a Vila Franca, e regressando à quinta da Alegria, onde habitava, escreveu a Vieira, a significar-lhe o prazer que tivera no passeio. Acompanhavam a carta três sonetos, cada um em sua língua, latim, castelhano e português, em desculpa do Mondego, que durante a cheia derrubara o braço a uma cruz da cêrca, em Vila Franca. Com isso o presente de um côngro, a que correspondeu Vieira com uma remessa copiosa de versos latinos. A tudo alude a carta em trocadilhos, e também a não ter querido o visitante aceitar a merenda dos jesuítas. Impressos os versos, parte no t. 3.^o das *Cartas*, 1.^a ed., e parte em *Obras Inéditas* (1857), 3.^o

com três línguas ; mas nesta nossa enmudeceu totalmente, depois que nela se leram os versos com que V. Rev.^{ma} quis coroar o assunto da sua cruz. Esta devia ser sem dúvida a causa das que V. Rev.^{ma} chama grossarias do Mondego, para que depois as vissemos tão delicada e copiosamente desculpadas. As outras cruces têm um só título de três línguas, mas esta nossa de aqui por diante terá dois, pois merece êste estar pendente do mesmo braço direito dela, não só como satisfação mas como troféu daquela injúria.

Enmudecido o Mondego, remete o seu silêncio às penas, pôsto que mal aparadas com o ócio das férias, e rústicas com o agreste do sítio. V. Rev.^{ma} receba o affecto com que êsses versos foram escritos, e perdoe a pressa com que não puderam ser limados. Desejava toda a escola responder não só ao cõngruo, mas ao condigno; mas o superior da matéria lhe desenganou êste pensamento, e oferece Vila Franca só essas fôlhas, pela desconfiança em que V. Rev.^{ma} a deixou de não querer tocar o sabor de seus frutos.

Guarde Deus a V. Rev.^{ma} não só setenta mas muitos centos de anos, para Mecenas e honra das divinas e humanas letras. Vila Franca, 15 de Agôsto de 1664.

António Vieira.

CARTA XXXVI

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Agôsto 19

Senhor. — Parte o correio e, por me haverem tomado impensadamente todo o dia, não tenho tempo mais que para

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

dizer recebi a de V. S.^a, e com a satisfação dos meus dois cuidados, que é a saúde de V. S.^a e do sr. Marquês que Deus guarde, cuja conservação entendo eu pertence muito à Providência Divina, no meio de tantas e tão grandes ocupações da guerra e da república, e todas de tão particular serviço seu.

Da minha saúde não posso dar ainda a V. S.^a as novas que V. S.^a deseja, mas, se continuar com o alento com que me tenho achado estes dias, farei dela mais conta do que cuidava nos passados. Emfim Deus, *qui mortificat et vivificat*, e em cujas mãos a tenho pôsto, com desejo somente de a empregar em seu serviço, a dará perfeita quando fôr servido, e será bom que seja muito larga, para chegar alguma hora em que as minhas saudades tenham o alívio, que o tempo e suas variedades lhe vão tanto alongando. Se V. S.^a lhe chama insofríveis, eu prometo a V. S.^a que tenho muito menos paciência, e que esta estivera de todo acabada, *si non haberemus solatio sanctos libros*. O do Abade Joaquim espero com alvoroço.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister. Coimbra, 19 de Agôsto de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XXXVII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Agôsto 25

Senhor. — Todas as cartas de V. S.^a são para mim de igual contentamento, e, se em algumas se pode considerar

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

maior, é nas mais largas, como esta que ultimamente recebi, por que beijo a V. S.^a a mão.

O meu affecto e cuidado merece ao sr. Marquês, que Deus guarde, a mercê que me faz e lembrança que de mim tem. A quietação das fronteiras de Alentejo é a coroa dos bons successos de S. Ex.^a, pela semelhança que tem de paz, que eu entendo deve ser sempre mais desejada que as maiores vitórias. A ponderação, com que V. S.^a os considera por obras puramente da mão de Deus, mercê grande fôra sua, que estivera mui impressa no conhecimento de todos, para que nos não fizessémos indignos da continuação dêles; e certo que, quando li na de V. S.^a a razão de não haver merecimento sôbre que assentem tantos beneficios, se me imprimiu esta verdade no coração, como se fôra fé ou evidência.

O que me contaram de V. S.^a não foi uma, senão muitas cousas (1), porque não perco eu ocasião de as ouvir e procurar, como quem vai tão interessado no gôsto delas. Muito deve V. S.^a a Deus, porque não é condição de homens, e muito menos de portuguezes, haver pessoa, e mais em tamanhos lugares, de quem todos e em tudo digam bem. Muito poderosa é a verdade, mas obra poucas vezes milagre como êste.

O parabém, que particularmente dei a V. S.^a, era de me haverem dito (e depois se me confirmou por outras vias) que V. S.^a tinha o primeiro lugar e muito grande na graça do Corpo Santo, e, pôsto que os que não padecem tempestades necessitam menos do favor de Santelmo (2), onde a devoção fica mais qualificada por devoção, é também mais conhecida a graça por graça. O certo é que os santos,

(1) Supra, p. 73.

(2) Corpo Santo, Santelmo: equívocos em alusão ao Infante D. Pedro, que morava ao Corpo Santo.

ainda os da primeira jerarquia, não deixam de ser homens, e ainda que eu nunca tive lugar de lhe rezar nem uma Ave Maria, estimo muito que tenha tão bom gôsto, e que sejam tão acertadas suas eleições. Só êste alívio considero no muito trabalho das occupações de V. S.^a, que verdadeiramente são grandes e molestas, e não pouco ocasionadas a dissabores, e mais nas circunstâncias do tempo presente.

Grande prova é, do que pouco há dizia, não haver algum desafeiçoado, que se quisesse aproveitar da ocasião contra V. S.^a, pois não há inocência que esteja segura de um falso testemunho; de que V. S.^a com muita razão dá graças à Divina Bondade, como eu lhas tenho dado, se bem entre muitas novas, que por cá se espalharam, nunca entre elas se ouviu o nome de V. S.^a, sendo muito raros aqueles a quem guardou êste respeito a primeira fama.

O Padre Reitor me avisou do livro do Abade Joaquim que virá na primeira ocasião; o outro papel folguei muito de ver, pelo que tem de curioso, e não se lhe pode negar, ao menos nas primeiras advertências, que são notáveis os mistérios que nelas se descobrem e que, supostos os outros fundamentos desta esperança, têm grande semelhança de verdade. O que Roque Monteiro (1) disse (que supponho devia ser a seu pai) foi a resposta, que eu lhe dei de palavra, a algumas cousas que me mandou dizer e perguntar sôbre notícias antigas, que já em Lisboa tínhamos praticado, muito diferentes, na esperança e nos fundamentos, de tudo o que depois se foi descobrindo com o estudo e com o tempo (2), que é a obra que está reservada para V. S.^a

(1) Roque Monteiro Paim, que foi depois secretário de D. Pedro e do seu Conselho, e Juiz da Inconfidência. Filho de Pedro Fernandes Monteiro, Desembargador do Paço e Procurador da Fazenda.

(2) Nesta época António Vieira tinha renunciado à crença na

sòmente, e para com a aprovação e censura de V. S.^a, ou se sepultar para sempre ou sair à luz a seu tempo, se Nosso Senhor der saúde e o espaço que para ela é necessário.

Guardede Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister. Coimbra, 25 de Agôsto de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XXXVIII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Agôsto 31

Ex.^{mo} Sr. — O excesso da mercê e honra, que V. Ex.^a me faz nesta carta, é mais conforme à firma que ao sobrecrito, porque a ditou a grandeza do ânimo de V. Ex.^a sem atenção à minha incapacidade, em que não há nem eu co-nheço outro ser, mais que o que V. Ex.^a por sua benignidade lhe quiere dar, por que beijo mil vezes os pés a V. Ex.^a

Tudo são novos motivos para sentir mais os apertos desta prisão, de que ainda me não poderei livrar nesta

ressurreição de D. João IV, e na *História do Futuro* attribuia o quinto império do mundo a um dos filhos, dêles, mais preferido do seu espírito, D. Pedro. Cf. o plano da obra, publicado por J. Lúcio de Azevedo, no *Boletim da segunda classe da Academia das Sciências de Lisboa*, vol. 12.^o, onde o autor cita os versos do Bandarra —

Vejo subir um Infante
No alto de todo o lenho,

para tema do último capítulo.

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

semana nem na seguinte : passadas elas, farei por não perder um momento, como quem os conta todos e lhe parecem largos ; então me fará V. Ex.^a mercê de comunicar a nova ridícula, e pode ser que haja já outras de maior pêso, com que aliviar das calmas e dos discursos e expectações, que todas são pesadas.

De Lisboa se escrevem princípios de misérias, que podem ocasionar outras maiores. De Madrid o que V. Ex.^a verá por essa relação, que é daquele autor incógnito, o qual sabe adular e fazer o seu negócio ; queira Deus que faça também o nosso. Conforma com ela dizer-se que D. João está em Çafra, onde se veio avistar com Carracena (1).

Nós corremos touros, e fôra melhor prevenir cavalos e mandar buscar de fora o que êles houverem de comer. Deus que nos governa suprirá tudo, e guarde a V. Ex.^a muitos anos como seus criados e Portugal há mister.

Vila Franca, último de Agôsto de 1664. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) «D. João» : de Austria, filho bastardo de Filipe IV. Comandou as tropas castelhanas, que invadiram o Alentejo ; tomou Évora, mas foi derrotado no Ameixial, e outra vez infeliz quando tentou entreprender Elvas. Substituiu-o no comando o Marquês de Caracena, D. Luís de Benavides, que fôra seu subalerno em Flandres.

«Çafra» : Zafra, povoação na provincia de Badajós.

CARTA XXXIX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Setembro 1

Senhor. — Ainda que faltem os navios de fora, sempre V. S.^a me dá as novas que mais me importam e mais me aliviam: sejam sempre assim, que eu me dou por satisfeito; as demais não me dão tanto cuidado, porque as creio e espero por fé, e não pode Deus faltar às suas promessas, depois que tantas prendas nos tem dado de não serem condicionais.

Por via do Pôrto se asseguram de Madrid e Paris todas as que podemos desejar, que não repito a V. S.^a, porque entendo haverão lá chegado as mesmas. Alfim Deus se tem declarado por nós e contra Castela, a qual me faz já lástima, e se pode entender que vai caminhando com passos mui apressados à sua última ruina, e que aquela monarquia se acaba, para Deus levantar outra (2).

Dessa cidade me mandou o papel incluso uma pessoa que eu tenho por digna de todo o crédito, e já não longe de Coimbra me tinha comunicado outra, de igual opinião, quasi o mesmo. Nenhum destes testemunhos nem ambos juntos bastariam a persuadir a minha incredulidade; mas como confrontam com outros, que eu estimo por de verdade provada, não posso deixar de esperar que a tenham, ainda que seus autores se hajam enganado. Também me

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) A monarquia portuguesa, à testa do quinto império do mundo, anunciado nas profecias. Supra, p. 80, nota 2.^a

consta que êles nos não enganam, ao menos êste que me remeteu o papel. Deus é senhor dos seus segredos, e pode-os comunicar e fiar de quem fôr servido.

Por aqui passou um prisioneiro do Pôrto, que ao principio se disse era o Gama, mui conhecido por nome nos arredores do Mondego, onde se afirma esteve mui de público há poucos dias, sem embargo de estar publicado pelas esquinas das ruas. Depois se soube que era um criado ou camarada de António de Conti, por cujos merecimentos se vai qualificando com estas demonstrações; mas o mesmo argumento poderá êle fazer contra outros, com quem a sua fortuna, ainda quando adversa, o tem igualado.

Com a nova de estar o Marquês de Gouveia restituído à côrte, e aos seus postos, se cuida por aqui tem dado S. M. principio à remigração dos desterrados, e assim com boas razões, ainda os que se prezam da mais refinada política: mas eu não acabo de me persuadir a isso, porque há texto em contrário, se eu mal o não entendo; e o que está em letra redonda parece que não pode deixar de se cumprir(1). Dê-me Deus vida e saúde, que o mais dá-lo á o tempo; e quando o não dê, importa pouco.

Eu me vou passando as férias em Vila Franca, onde alternativamente vai tendo seus oito dias toda a nossa Universidade, e os dias vão mais frescos do que os havia mister a continuação dos banhos, que ainda ontem me tornou a receitar o doutor Sanfins. Só V. S.^a vive da occupação e do trabalho, merecendo sempre muito com ambas as Majestades. A Divina guarde a V S.^a muitos anos, como também ambas hão mister e eu desejo.

Coimbra, 1 de Setembro de 1664. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Referência a profecias impressas.

CARTA XL

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Setembro 8

Senhor. — A saúde de V. S.^a, e a melhoria do sr. Marquês que Deus guarde, estimo quanto devo, e que esta noticia chegasse primeiro que as das queixas de S. Ex.^a, que é grande mercê de Deus não passarem a mais, sôbre tanto trabalho e em clima e tempo tão rigoroso. As calmas dêstes dias foram por cá tão extraordinárias que se não lembram os homens de outras semelhantes, mas lembrava-me eu muito, pelos respeitos do meu maior cuidado, quais seriam no mesmo tempo as de Alentejo; quererá Deus que se hajam moderado lá, como cá também o experimentámos, pôsto que com tão repentina mudança, que do extrêmo dos caniculares temos passado ao do inverno, com tempo chuvoso e frio. Eu me aproveito dos dias de maior calor para a continuação dos banhos do Mondego, com nova instância do doutor Sanfins, mas os efeitos não são os que se esperavam, senão os contrários; basta porém que sejam os que Deus quiere, para que os aceite como da sua mão e me conforme com a sua vontade.

O papel romano estimei e se estimou muito em todo êste Colégio, e foi o primeiro ou único que apareceu desta banda. O meu parecer sôbre êle não saberei dizer a V. S.^a, porque verdadeiramente o não entendi; como tenho já quasi dois anos de rústico, não alcanço o estilo das côrtes, e menos o de uma tão grande côrte como a primeira do mundo.

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

Pessoas que tenho por de bom juízo achei menos contentes da primeira demonstração; e geralmente parece que é fado das nossas vitórias, sendo tão grandes e para estimar, que os nossos mesmos escritores lhes tirem o preço, e que nenhum até agora acertasse a ponderar os seus maiores quilates.

Se o intento dêste papel demonstrativo foi porventura querer mostrar ao mundo, e à cabeça dêle, que Portugal não pode ser conquistado de Castela, e mostrar à mesma Castela que, ainda na suposição possível ou provável da sua conquista, lhe seria mais conveniente ter a Portugal por amigo que por sujeito, assuntos eram estes dois que só podiam conseguir-se com muito vivas, muito claras e muito sólidas demonstrações, a que não falta matéria neste mesmo papel, se se lhe dera outra forma: mas o autor é somente discreto de profissão; e o compreender e dispôr um discurso demonstrativo, que fira diretamente os pontos, e os convença sem se divertir, pede outros fundamentos. Tenho dito mais do que quisera, porque sempre quisera dizer bem; mas faria agravo grande à minha fé e obediência, se, mandando me V S.^a, não dissera com sinceridade tudo o que tenho na alma.

Os verdadeiros papéis, e os discursos e demonstrações que hão-de defender a nossa causa, são o forte real de Valença (1), e as fortificações das outras praças, e a defesa geral em que o sr. Marquês tem pôsto a provincia de Alentejo. A falta de mantimentos, que o inimigo padece em toda a parte, mostra bem quanto Deus está da nossa, pois no mesmo ano é tanta a fertilidade, por toda a Beira e Minho, que se diz não haverá onde se recolher o pão, e já hoje se está

(1) Valença de Alcântara, cujas fortificações tinha melhorado o Marquês de Marialva.

dando de graça, sem haver quem o queira. Tudo são misericórdias de Deus, tanto maiores quanto menos merecidas.

O mesmo Senhor guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 8 de Setembro de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XLI

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664—Setembro 22

Senhor. — Dou a V. S.^a o parabém e beijo a mão a meu novo amo (2), que não pode deixar de nascer com mui feliz estrêla, pois vem ao mundo em tal tempo: os presentes são muito para se passarem sem uso da razão, e os futuros o serão também para se lograrem com grande felicidade por toda a vida, e mais quando V. S.^a desde logo o dedica ao serviço do que só é bom Senhor, e nem se muda nem morre. Logre-a V. S.^a por muitos anos, para que os criados da casa de V. S.^a vejamos nela mui repetidos gôstos.

Quem está tão longe do mundo como eu, e com os olhos de tão curta vista, não pode ver muito dêle, pôsto que pela

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) O filho de D. Rodrigo, recém-nascido. Na colecção da Academia das Sciências, t. 10.^o, o sumário desta carta refere o parabém ao nascimento de D. José de Meneses, que foi Conde de Viana, o que não parece exacto. Das palavras de Vieira se infere destinava o pai êste menino à vida eclesiástica, o que não faria com o varão primogénito.

experiência da minha cela não deixo de suspeitar o que passará pelos corredores; e assim sinto, quanto devo, dizer-me V. S.^a que todas as cousas do mundo vão a caso, e que nada se obra com fim, nem espiritual nem político. As obras da justiça divina assentam sôbre merecimento, e ainda as da Providência esperam cooperação; e não sei que confianças são as nossas, se nos falta uma cousa e outra. Sabe-lo-ão os mequetrefes; e V. S.^a, pois os ouve, também saberá o que êles dizem, pôsto que êles não digam sempre o que sabem ou que cuidam; mas, como a sessão era mais para Vila Franca que para carta, fique para o silêncio, que nunca foi depositário de tantos e tão preciosos mistérios, como os que eu estes dias lhe fio. Não sei se haverá vida nem tempo para lhos tornar a pedir.

Os dois sermões, como quasi todos os outros, estão em apontamentos, e é necessário reduzi-los de novo a estilo: nisso fico trabalhando, pois V. S.^a assim o ordena, e descansará entretanto a outra tão cansada obra; farei muito por que um dêles possa ir no correio que vem. Em todos esperô muito boas novas de V. S.^a e do sr. Marquês que Deus guarde, porque soa por cá que o inimigo prepara grande campanha para êste outono, o que eu não creerei enquanto V. S.^a o não confirmar.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister. Coimbra, 22 de Setembro de 1664.— Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XLII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Setembro 28

Ex.^{mo} Sr. — Vou seguindo a V. Ex.^a, pôsto que não sei as jornadas mais que até Leiria, onde considero a V. Ex.^a alojado a esta hora, que são as seis de domingo à tarde; por sinal que tem ela sido por esta banda tão fresca como desejo a V. Ex.^a todos os dias, ainda que, por muito sol e calores que façam, nunca V. Ex.^a parecerá na côrte que vai da serra (2).

Depois da partida de V. Ex.^a tive aviso de pessoa certa, em que se confirmam muito assim as notícias de V. Ex.^a como as minhas, acêrca daquele ponto em que V. Ex.^a falou no primeiro lugar. Torno a pedir a V. Ex.^a que deixemos fazer a Deus, porque importa muito, para a satisfação do ânimo, conhecer a sua vontade pelas suas disposições; e ainda para o intento de ajudar aos amigos servirá muito o despêgo dêles.

Segure-me V. Ex.^a os ciúmes, que eu seguro a V. Ex.^a o amor, e por isso sou tão importuno nesta minha teima, temendo-me da condição de V. Ex.^a, pois tenho ficado fiador dela. Não há mais que começar já a esperar com grande alvorôço a nova da chegada de V. Ex.^a, por cujo feliz succêso se oferecem os sacrificios e orações de todos estes dias.

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) Findo o destêrro, viajava para a côrte o Marquês. Veja-se a carta a D. Rodrigo, supra, p. 84.

Leve Deus e guarde a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 28 de Setembro de 1664. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA XLIII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Setembro 29

Senhor. — Não sei que desvio pudessem ter as minhas cartas nos correios] passados, que as retardasse, porque sempre se entregam muito a tempo e pelas mesmas vias, nem há nelas ocasião que dê motivo à curiosidade de que muitas vezes se têm queixado os desterrados desta banda; mas estimo que, ainda que tarde, chegassem, pois são testemunhas do meu cuidado, e sôbre tudo que as de V. S.^a me tragam boas novas da saúde de V. S.^a e do sr. Marquês, que Deus guarde como desejo.

A larga e retirada de Arronches é uma nova vitória em consequência da primeira, que se não deve festejar menos (1); e assim se espera a última certeza dela com grande alvoroço: veio em mui boa ocasião para que o sr. Marquês entrasse em Lisboa com maior aplauso; mas tudo isto não são mais que as vésperas dos triunfos que eu a S. Ex.^a espero.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Nesse tempo preparavam-se os castelhanos para abandonar a praça, e começavam a dismantelar as fortificações.

A primeira vitória: a tomada de Valença de Alcântara.

No Pôrto, dizem, desembarcou um dêstes dias um clérigo de Roma, que certifica as vitórias do Turco contra o Imperador, e que ficava já não muito longe de Itália. Não me admira tanto o caso, quanto o pouco abalo que faz naqueles a quem toca mais de perto; tudo são fatalidades e tudo demonstrações de se chegarem ou estarem muito perto já os tempos do remédio prometido (1).

O sermão está já acabado a se começa a tirar em limpo para ir sem dúvida no correio que vem.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 29 de Setembro de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XLIV

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1664 — Outubro 6

Senhor. — De grande contentamento foi para todo êste colégio a carta de V. S.^a, e particularmente as últimas regras, de que todos dão graças a Deus, e multiplicados parabens à vitória do sr. Marquês, cuja campanha ficou

(1) Na imaginação de Vieira, e segundo a sua interpretação do Bandarra, seria destruído pelos turcos o quarto império do mundo, que era o da Alemanha, e começaria o quinto, na casa real portuguesa, quando por seu turno fôsem vencidos aqueles. No parágrafo antecedente Vieira dava a entender que seria o Marquês de Marialva o general vencedor.

(2) Do t. 1.^o da 1.^a ed.

coroadada com êste successo. O haver saído Marcim (1), pôsto que com ocasião tão conhecida, parece que pudera dar algum cuidado, se a esterilidade daquela parte não fôra segura de outros intentos; e é tão particular a misericórdia de Deus connosco, que no mesmo tempo são tais as novidades nestas províncias, que se diz não haverá onde recolher o pão.

Vai o sermão, entendo que bastantemente restituído à forma em que foi prêgado (2), que será bem diferente da cópia que se tomou de memória, e que V. S.^a leu os dias passados. Estimarei que não passe da mão de V. S.^a, nem saiba pessoa alguma que eu remeti sermão, porque se me pediu nesta mesma ocasião para uma pessoa muito grande, e sentirei que possa cuidar que não tenho muita vontade de o servir. Não nomeio o sujeito, porque o não fio do papel, e isto bastará para que V. S.^a entenda quem é.

Chegaram novas de uma grande vitória do Imperador contra o Turco, e que assim o escrevera Alexandre Brandão (3): importa-me a certeza dêste caso, e se a houver em Lisboa, para a continuação das minhas conjecturas.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 6 de Outubro de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Marcim tinha saído de Badajós, supunha-se que no intuito de acometer alguma praça portuguesa; mas sem fazer nada recolheu-se a Arronches, que abandonou em seguida (Cf. o *Mercúrio Português* de Setembro).

(2) Supra, p. 88 e 91.

(3) Batalha de S. Gotardo, na Hungria, em que Montecuculi derrotou o Grão-visir Cuprili.

CARTA XLV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Outubro 20

Senhor. — Quem poderá comigo esta semana com duas cartas de V. S.^a e uma do sr. Marquês que Deus guarde? Não beijo a mão repetidamente a S. Ex.^a, porque me não atrevo a tanto, e me basta tenha conhecido o meu affecto; a V. S.^a o faço uma e mil vezes (2), afirmando a V. S.^a, com toda a verdade, que não há, neste meu deserto, nem outro alívio quando chegam, nem outro cuidado e alvoroço quando se esperam, mais que o das cartas e novas de V. S.^a, que estimo sejam sempre quais eu desejo, que são as da boa saúde com que V. S.^a passa; que tudo o demais, abaixo da graça de Deus, importa menos ou não importa nada. Oh! quanta consolação me dá ver a V. S.^a tão entregue a esta filosofia, e tão constante na verdade de seus ditames, que até para esta vida são os melhores, os mais independentes e os de menos cuidado, ou de nenhum cuidado nem receio! Se isto escolheram por felicidade da vida presente os que não conheciam outra, quanto mais *qui ex fide vivunt!*

O successo de Arronches(3) é muito para não se crer, ainda depois de visto com os olhos. De todos os milagres se deve a glória a Deus, mas esta não tira o merecimento.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Na 1.^a ed.: - V. S.^a o faça uma e mil vezes », o que certamente é engano, seja do copista ou do próprio Vieira.

(3) A retirada de Marcin, deixando os castelhanos a praça, onde estiveram três anos.

aos santos, que o mesmo Senhor toma por instrumento dêles. Tão bem pareceriam as memórias dêste milagre penduradas das paredes da casa de V. S.^a, como estão bem postas nela as peças da vitória de Elvas.

Mais fortuna temos com a guerra de fora, que com a paz de dentro. Ontem nos deu um caminheiro bem pouco gôsto com a relação de um caso, por todas as suas circunstâncias desastrado. Queira Deus que não seja verdadeiro.

Emquanto nós nos matamos, marcha o Turco contra a cristandade, e fôra melhor que êste sangue se derramasse pelejando contra inimigos da fé, e em defesa dela e de sua Igreja. *Mas quomodo implebuntur scripturæ?*

O sermão do Maranhão (1) bem entendo qual é, mas não pôderá ir com tanta brevidade, porque é fôrça trabalhar em outro papel, que também irá a V. S.^a, porque há cousas que se lhe passa o tempo. O mais bem empregado são estes instantes, e o papel de mais gôsto é êste papel em que escrevo a V. S.^a; mas não é bem que eu tome o tempo a V. S.^a, quando V. S.^a tem tanto em que o empregar e de tanto serviço de Deus.

O mesmo Senhor guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister. Coimbra, 20 de Outubro de 1664.

O Padre Procurador geral do Brasil tem um requerimento com o doutor Fernandes Monteiro (2) sôbre cousas da missão do Maranhão: se V. S.^a me fizer mercê dizer-lhe que acabe de lhe deferir com efeito (porque só está o dano na dilação), far-me-á V. S.^a particular favor e àque-

(1) Provavelmente o que prègou no Maranhão em 1657, nas exéquias de D. João IV, de quem predizia a ressurreição.

(2) Pedro Fernandes Monteiro, que teria de decidir, como talvez Procurador da Fazenda.

les servos de Deus esmola; mas não saiba êle que sou o intercessor, porque não tenha occasião de desconfiança a amizade que professamos. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XLVI

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Novembro 3

Senhor. — Da letra julgará V. S.^a que já esta não levará tão más novas da saúde como a passada, mas ainda as não posso dar tão boas a V. S.^a, como sei que V. S.^a as deseja, nem entendo que poderá ser emquanto o inverno fôr inverno, e Coimbra Coimbra. O maior cuidado que me deu o estilicídio foi vir misturado com sangue, mas como parou a febre parei eu também com os medicamentos, e quero antes passar com os achaques que intentar livrar-me dêles com mais risco. Venham-me sempre mui boas novas da saúde de V. S.^a, e do sr. Marquês que Deus guarde, que com o mais me comporei facilmente emquanto o mesmo Senhor fôr servido.

As tempestades que por cá correram estes dias nos têm em grande cuidado, juntas com o perigo dessa barra: queira Nosso Senhor guardar a frota e trazê-la a salvamento, que não será pequeno favor do céu em tempo tão tormentoso(2); eu a encomendo particularmente a S. Pedro

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Esperava-se a frota do Brasil, que chegou a 19 e 20 dêste mês, com grande carregamento da América e da Índia. Cf. o *Mercúrio Português* de Novembro.

Gonçalves, que, como tenho tantos anos de marinheiro, também creio nêste santo e fio muito de seus poderes(1).

Grandemente estimei as novas que V. S.^a me dá, e, pôsto que o meu encomendado não ia na pauta, estimei muito a lembrança que V. S.^a teve do seu memorial, para que constasse ao religioso, seu parente, a mercê que V. S.^a lhe queria fazer e me faz (2). Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 3 de Novembro de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA XLVII

A D. Rodrigo de Meneses (3)

1664 — Novembro 10

Senhor. — Com esta última carta de V. S.^a acabei de crer o que não cria, e conhecer o mundo em que vivemos, cujos mistérios só pode alcançar a providência infinita que o governa; e dera eu muitas passadas por falar e ouvir a V. S.^a nesta matéria, que o pode ser dos maiores discursos e também das maiores suspensões. Quantas vezes consegue Deus seus intentos pelos caminhos por onde os querem estorvar os homens! Ainda que V. S.^a poderá

(1) S. Pedro Gonçalves: ou S. Pêro Gonçalves Telmo, advogado dos mareantes, também designado por Santelmo e Corpo Santo, quando lhes aparecia em chama fugitiva nos mastros, durante as tempestades.

(2) Referência ao pedido em carta de 3 de Agôsto, p. 74.

(3) No t. 1.^o da 1.^a ed.

querer o retiro de Cantanhede(1), Deus quiere a V. S.^a na occupação e inquietação de Lisboa. Ninguém serve melhor a Deus que quem o serve como e onde êle quiere, e esta é a verdadeira philosophia, não só cristã, senão ainda estóica.

Do santo da devoção de V. S.^a ouço por cá milagres bem notáveis; estimo que V. S.^a seja êste ano e o que vem juiz da sua confraria, e eu prègara na festa de muito boa vontade, não para delicadezas nem conceitos, senão para edificação dos fiéis (2).

Não alimpo os outros sermões, porque todos os instantes, que me deixam livres os meus achaques, emprego naquella outra obra, que bem vejo quanto importa sair a a tempo. Cá me mandaram o papel do Flamengo, e também vi por escrito quanto se tem contentado dêle Pedro Fernandes Monteiro, de que não pouco me admirei. Não é a minha fé tão cega que se convença ou se cative de tão leves fundamentos (3). Nunca V. S.^a me disse nada acêrca dos sujeitos que às profecias podem ser oppositores e se, além do rei presente, do ausente e do defunto, e ainda do castelhano que também é décima sexta geração, ocorre a V. S.^a outro algum, que possa fazer argumento ainda que não chegue a fundar opinião (4). Pergunto isto, porque

(1) Solar da família. Tinha sido o pai de D. Rodrigo segundo conde e nono senhor de Cantanhede.

(2) Provavelmente alusão ao Infante D. Pedro, e ao valimento que tinha com êle D. Rodrigo. Para o terceiro ano, 1666, não formulava desejos; cumprir-se-iam as profecias e seria talvez D. Pedro o predestinado imperador do mundo.

(3) Nicolau Bourey, de nação flamengo, residente em Lisboa, tinha feito um escrito, onde analisava as profecias do Bandarra, e confirmava as ideas de Vieira, nas *Esperanças de Portugal* (carta LXXXIII do t. 1.º da presentê edição) acêrca da ressurreição de D. João IV. O papel anda junto ao processo de António Vieira no Santo Officio.

(4) Na décima sexta geração de D. Afonso Henriques se deviam

quem disputa as matérias ex-professo é bem que toque todos os pontos, e eu o faço aqui.

Tivemos ontem grande inundaçãõ do Mondego com uma terrível tempestade, mas haverá querido Deus que não alcançasse a frota, pela qual se fazem muitas orações. Se o Padre João Pimenta, Procurador geral do Brasil, oferecer a V. S.^a uma carta minha de recomendaçãõ, todo o favor e mercê que V. S.^a lhe fizer haverei por próprios, porque lhe devo grandes obrigações, e não tenho outro desempenho mais que a graça em que V. S.^a me tem.

A meu amo, o sr. Marquês que Deus guarde, beijo sempre a mão, e Deus me guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo.

Coimbra, 10 de Novembro de 1664. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XLVIII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Novembro 17

Senhor. — Não posso negar a V. S.^a que sou homem do tempo; com êle vivo, com êle morro, com êle adoço, com êle sarõ. Entrou S. Martinho com o seu veranico,

realizar as grandezas de Portugal, segundo os sebastianistas. Conforme os modos de interpretar o oráculo e contar a progénie, assim variamente terminava a série, e por isso a carta menciona o rei presente, D. Afonso IV; o ausente, D. Sebastião; o defunto, D. João IV; e o castelhano, Filipe IV. Mas, no final do período, a simulada pergunta, indica o Infante D. Pedro.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

que nas calmas pode competir com o maior verão, e comô não há frio logo estou em paz com os ares de Coimbra. Passo estes dias em Vila Franca só comigo e com os livros, e se Deus fôr servido que continuem os alentos com que me acho, aquela obra se porá em estado que possa ir a tempo às mãos de V. S.^a

Do successo ou costume de Alentejo (1) dou o parabém ao sr. Marquês que Deus guarde, e me alegre com V. S.^a de ter tão constante a sua fortuna. Bemdita seja a Providência divina, que tão conhecidamente nos assiste nos campos e nas campanhas, no mesmo tempo em que nossos competidores colhem nêles e nelas tão pouco sustento e tão pouca opinião.

Pelas cópias de ambas as cartas beijo a V. S.^a a mão: foram tão festejadas de todos como merecem; e também, pelo lugar e circunstância em que foram recebidas, tiveram no meu coração particular aplauso. Não quero dizer com isto a V. S.^a que moram as minhas esperanças no mesmo lugar, porque, ainda que todos os dias se confirmam mais, não sei se estão depositadas em S. Vicente de Fora, se fora de S. Vicente, mas sempre será lugar santo (2). Já pedi a V. S.^a me fizesse mercê dizer seu sentimento, porque sempre seguirei e estimarei a opinião de V. S.^a como de V. S.^a

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister. Vila Franca, 17 de Novembro de 1664. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Recontro de cavalaria perto de Campo Maior, em que foram desbaratados os castelhanos.

(2) Em S. Vicente estava sepultado D. João IV. Lugar santo, fora de S. Vicente, o palácio do Corpo Santo, onde morava D. Pedro. Compare-se com a carta precedente.

CARTA XLIX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Dezembro 8

Senhor. — Três recebo juntas de V. S.^a, e bastava uma só para grande alívio meu, se não lera na última os desgostos e sentimento tão justo de V. S.^a (2), que me têm lastimado o coração, com o qual faço ao de V. S.^a toda a companhia que posso. Altíssimos são os juízos de Deus, e creio eu que, para dar exemplo a V. S.^a em um caso dêstes, quis êle também ter um filho inocente morto, para que conheçam os homens por sua própria dor o muito que lhe devem, e quanto o mesmo Senhor estimará a conformidade de V. S.^a com sua divina vontade neste sacrificio tão sensível; em nenhuma chaga é remédio tão eficaz a fé como nesta de V. S.^a, em que a razão não tem motivo para duvidar, nem eu quero sofrer que V. S.^a lhe chame castigo, pôsto que tenhamos exemplos de que mostra Deus o rigor de sua justiça em a executar nos inocentes.

Eu lhe dou graças neste caso (e assim o creio) por querer premiar o merecimento dos pais na inocência do filho. Ah! meu senhor D. Rodrigo, quanto Deus ama a V. S.^a, e quanto se agrada da verdade do coração de V. S.^a, e da resolução com que V. S.^a só a êle estima e preza, e faz do mundo a conta que êle merece! Bem pode ser que comutasse outra sentença nesta, e que cortasse naquela vida os anos para os acrescentar na de V. S.^a, cuja pes-

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

(2) Pela morte do filho, que parece ser o nascido em Setembro. Supra, pág. 87.

soa, entendo eu há muito tempo, guarda sua divina Providência, para a empregar, nos que esperamos, em muito heróicas acções de seu serviço e glória; obrigações, meu senhor, a que V. S.^a deve mui liberaes correspondências e mui agradecidas.

Sôbre esta matéria tomara eu poder gastar a V. S.^a algumas horas de feitoria, já que não podem ser as do soalheiro de Vila Franca: nela vou passando com menos queixa, experimentando já quanto pode a continuação e o costume, ainda contra os mesmos elementos. Trabalho as horas que posso, mas afirmo a V. S.^a que me desmaiou a carta de V. S.^a com a resposta das minhas perguntas, em que V. S.^a me disse, em poucas regras, mais do que eu tenho sabido escrever em muito papel.

Agora sinto os danos do meu destêrro, pois me priva de consultar mui freqüentemente os oráculos de V. S.^a: em tudo me conformo com a doutrina e autoridade de V. S.^a, e só cuidava que, sem novidade, se podia também esperar que fizesse algum milagre o Corpo Santo.

Não digo nada neste particular por affecto nem juízo próprio, mas é muito o que tenho ouvido a gente que discorre pelas estrêlas e discorre delas abaixo; e, como cada santo tem as suas prerogativas, não é muito que se tenha mais fé naquele em tempo de tantas tempestades: elas foram causa de faltar com a carta no correio passado, tendo-me em grande suspensão a tardança das de V. S.^a, por se haver dito de boa parte que havia quem as tomasse.

E pôsto que nem as de V. S.^a nem as minhas podem dar motivo à malícia nem à curiosidade, quis esperar a notícia que agora tive, não podendo ainda atinar com a causa de se não darem as minhas no Colégio, onde sempre as remeti fora do maço do Padre Reitor, por êle estar ausente.

Emfim, senhor, V. S.^a com seu grande coração trate de se aliviar e viver, para que também vivamos os criados de V. S.^a, e particularmente êste, que tanto ama a V. S.^a e tanto sente que V. S.^a tenha ocasiões de desgosto.

Guardede Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 8 de Dezembro de 1664. — Criado de V. S.^a

António Vieira

CARTA L

Ao Marquês de Gouveia (1)

1664 — Dezembro 8

Ex.^{mo} Sr. — Fico com cuidado, e a queixa passada de João Nunes da Cunha me o acrescenta mais, por me dizer V. Ex.^a que tinha faltado carta minha em um correio, sendo certo que por todos escrevi, e não entra neste número a carta do Procurador (2) que êle devia levar juntamente, e a terá guardada para a dar em mão própria em outra ocasião. Fazendo exame de consciência e de memória, não acho haver escrito cousa em que pudesse topar a curiosidade ou malícia. Deus sôbre tudo, que só o que êle guarda é guardado.

Muito sinto que o achaque da sr. Marquesa, que Deus guarde, obrigasse a trocar tanto sangue de Gouveia, que eu tinha por mais sadio que o de Lisboa (3); quererá o mesmo

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Deve ser o Procurador geral do Brasil, jesuíta.

(3) Na colecção da Academia das Ciências, t. 8.^o: «trocar os ares

Senhor que a melhora esteja já tão segura, e V. Ex.^a tão livre dêste sentimento, que o fiquemos também os criados de V. Ex.^a de todo o cuidado, e possa V. Ex.^a passar da enfermaria de Lisboa para a convalescença de S. Bento, a lograr a formosura dos dias. Cá têm sido estes muito desabridos e frios; mas vou experimentando, a Deus graças, que tudo vence a continuação e o costume, e que não há melhor remédio para todos os males que fugir da gente, em que é mais certo estar o contágio que nos elementos: assim vou passando nesta Vila Franca com menos queixa, e também com menos causa da que V. Ex.^a, pela mercê que me faz, quer que seja bastante para mudar a cela para mais longe.

Do Padre Reitor tive carta; está no mesmo parecer de V. Ex.^a, e quer que eu me governe pela Providência divina dos padres Caetanos, ajudada dos meios humanos. A êle digo o que me não atrevo a V. Ex.^a, porque nem quero ser desobediente nem parecer ingrato; só me parece que a diligência que V. Ex.^a tem feito é bastante, se da outra parte houver vontade, e, se a não a houver, que será escusado e ainda menos decente à autoridade de V. Ex.^a continuar o empenho sem efeito: emfim, das mãos de V. Ex.^a não há para onde apelar senão para as de Deus. Êle se sirva de inspirar a V. Ex.^a o que fôr maior vontade sua (1).

Grande bem é que as máquinas de Marcim estejam

de Gouveia, que eu tinha por mais sadios», etc.; o que estaria certo se soubessemos que a Marquesa não tinha acompanhado o marido na viagem para a côrte. Se, porém, fôr válida a lição do texto, ocorre a idea de sangrias.

(1) Parece que o Marquês se empenhava para que o destêrro de Vieira fôsse perdoado.

conhecidas, para se poder a nossa vigilância armar contra elas. Por estas fronteiras nenhuma cousa se ouve senão vozes de paz ou pazes, espalhadas sem dúvida ao mesmo fim, tendo experimentado outras vezes quão crédulo é o nosso descuido.

As novas da Índia me admiram, quando a considerávamos tão perdida e tão desesperada; de lá tive carta, que não fala tanto por êsses termos: quaisquer que sejam os daquele Estado, haverão mister um grande vice-rei. Por cá se fala para vice-rei em um grande e de venturoso apelido nas conquistas da Índia (1), se o valor, a prudência, a ventura e o desinterêsse se herdarem. Quem agora fôr restaurar a Índia, também lhe é necessário o conquistá-la de novo; mas temo que não sejam tão fáceis de vencer os holandeses como os canarins.

A oração de Mercúrio (2) também deve de sair êste mês: temos muito e bom latim para os estudantes das classes menores.

Guardedeus a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 8 de Dezembro de 1664. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) João Nunes da Cunha?

(2) António de Sousa Macedo, redactor do *Mercúrio Português*?

CARTA LI

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Dezembro 22

Senhor. — Volta hoje o sol para nós, e com o rôsto tão benigno que espero se facilitem os caminhos aos correios, com que me não faltem, como nêste, as novas de V. S.^a, em cuja esperança se passa com alívio parte da semana, e com dobrado tormento o resto dela e da seguinte, até que cheguem. Bem creio que as ausências de V. S.^a também concorrem a êste desencontro; mas pois assim o permite Deus, e o aconselham os tempos, eu me componho com a parte de paciência que me cabe, e peço ao mesmo Senhor componha o que êle sabe que o há mister, de maneira que fora e dentro haja tanta paz e socêgo quanta, para seu mesmo serviço, é necessária.

Em grande suspensão tem pôsto a todos êste portentoso cometa, que na grandeza tenho por não inferior ao de 1618, e o mesmo julga o doutor Sanfins, que o viu em idade que podia fazer melhor juízo dêle que eu. Os livros não prognosticam cousas de gôsto, e se forem contra Castela, como se espera, não deixarão de ser em utilidade nossa. A vida de el-rei Filipe tem contra si todas as leis da natureza; e o cometa verdadeiramente é funesto e funereal. Mas nenhum mortal, daqueles a quem ameaçam estas vozes do céu, se deve ter por seguro na terra, e fôra mui bom que a todos se lhe fizera esta lembrança.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

V. S.^a me fará grande mercê dizer-me os juízos que lá se fazem; o que eu só posso dizer a V. S.^a é que há dias que êste portento nos tardava, a mim e a alguns amigos da mesma opinião e esperanças, porque, sendo estas tão grandes e tão fatais, parecia cousa alheia da ordinária Providência de Deus, nos casos em que houve mudanças notáveis no mundo, não prevenir e admoestar ao mesmo mundo com os prenúncios delas, para que ninguém o possa negar por autor de todas. A ocasião e circunstância do tempo é a mais precisa que se podia imaginar nem desejar; e as novas, que vêm de Alentejo, de prevenções extraordinárias do inimigo, parece que concordam com êste farol do céu. A mais segura resolução é pôr os olhos nêle, e procurar tê-lo mui propício, porque de lá há de vir a boa ou má sentença aos que forem dignos dela.

E sinto grandemente não ver nos ânimos desta banda mais comoção que a da curiosidade, e lá pode ser que seja o mesmo, como se Deus houvesse de acender no céu ociosamente um corpo tão prodigioso, ou produzi-lo de novo como outros querem, porque se averiguou que o de 1618 tinha trezentas e oitenta mil léguas de comprido, que é a cousa que excede toda a admiração, mas ainda hão-de ser maiores as que êste anuncia. Eu confesso a V. S.^a que a minha fé se confirma muito com êste testemunho tão claro de Deus, e tomara valer alguma cousa com sua Divina Majestade, e que seus servos, pois tem tantos, aplacaram sua justa ira, que sempre deve descarregar sôbre grande parte da cristandade.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 22 de Dezembro de 1664. — Capelão e menor servidor de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1664 — Dezembro 29

Senhor. — Desejo a V. S.^a e ao sr. Marquês, que Deus guarde, tão alegres princípios de ano como foram para mim as festas, com o favor de duas cartas de V. S.^a no meio de tantas occupações; mas nunca V. S.^a tem impedimento para multiplicar a mercê que me faz, por que beijo mil vezes a mão a V. S.^a

Bem me parecia a mim que não havia faltar, entre tantas opiniões, quem desse o seu voto para a cadeira ao opositor recomendado de V. S.^a, e, sôbre ser conforme aos estatutos da Universidade a inteligência daquele texto, tem por si o aplauso geral de todos. O que a mim me satisfaz muito é a informação de V. S.^a, que sempre tenho por mui verdadeira e desinteressada, ainda que V. S.^a confesse a afeição do sujeito: admiro-me de ver quantos afeiçoados tem de perto e de longe. O Reitor dizem que não há-de vagar as cadeiras senão no fim do ano; então veremos que sorte tem, porque a pode ter muito grande sem ofensa de nenhum dos opositores.

Já disse a V. S.^a quando em Coimbra se começou a observar, ou a ver, o cometa, porque não há quem o possa observar em toda esta Universidade, pagando el-rei uma cadeira de matemática; e, se V. S.^a me não mandara dizer o lugar do céu onde sai, ainda cá o não souberamos. A

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

figura em toda a parte é a mesma, mas a côr não o parece; será pela diferença dos ares e dos vapores, até agora se nos representou sempre pálido e funesto. Sanfins se resolve em que é saturnino e que anuncia enfermidades. O certo é que, segundo o que dizem os professores desta arte, fundados nos exemplos das histórias, sempre Deus costuma ameaçar trabalhos e castigos com semelhantes sinais, e quando menos será muito útil que nós o interpretemos assim, para que o céu ache menos que executar, e faça a emenda o que havia de fazer a justiça.

Dessa côrte chegou aqui um padre, que nos contou um grande exemplo de um amigo de V. S.^a, que foi mui estimado e louvado de todos.

O cometa de 1577, a que se atribue a perda de El-rei D. Sebastião, segundo a conta de V. S.^a saiu ou apareceu no mesmo dia que êste, e não falta quem ache grandes mistérios nesta correspondência, que verdadeiramente é notável. Eu fiz meu estudo no caso, não como matemático mas como marinheiro, que é o mais a que se estende a minha arte ou experiência, e achei um texto que pareceu notável a algumas pessoas a quem o comuniquei, e é de Ptolomeu no texto 54: *Cum haec ostenta orientalia sunt, et solem antecedunt, et in Oriente apparent, celeritatem eventus secuturi significant.* E como êste cometa seja tão pròpriamente oriental, e apareça no mesmo ponto do Oriente onde nasce o sol, e vá diante do mesmo sol, e com curso tão apressado, parece, se há verdade no texto, que não tardarão muito seus efeitos, que é o que havemos mister, e o que promete a circustância do tempo e o concurso de todas as outras causas.

Esta vai por via do Padre Procurador do Brasil, que é mais assistente no Colégio que o Padre Reitor, e a êle pode V. S.^a mandar entregar o livro do Abade Joaquim. A

mercê que V. S.^a faz à nossa Província pagará Deus a V. S.^a (1), e o mesmo Senhor guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 29 de Dezembro de 1664. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LIII

A um fidaigo (2)

1665 — Janeiro 2

Meu senhor. — Os anos passam e a eternidade se chega: e que bom fôra se os gastássemos todos em amor divino, e logo teríamos a eternidade em sua glória!

Todos os desejo assim a V. S.^a, para que, em uma e outra parte, dê Deus a V. S.^a o prêmio grande de suas gloriosas e repetidas empresas militares e políticas, em que V. S.^a tem dado tantos créditos ao reino como lições ao mundo.

Em meus sacrificios peço sempre ao mesmo Senhor pela vida e saúde de V. S.^a, como criado por tantos títulos da illustríssima casa de V. S.^a

Coimbra, 2 de Janeiro de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Referência ao pedido a favor do Procurador do Brasil, p. 98.

(2) No t. 1.º da 1.ª da 1.ª ed. Dirigida talvez ao Conde da Ericeira, D. Luís de Meneses.

CARTA LIV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Janeiro 19

Senhor. — Já no correio passado significuei a V. S.^a o sentimento da ocasião por que me havia faltado carta de V. S.^a; e pôsto que, com a notícia que V. S.^a me faz mercê nesta última, fica aliviado o cuidado do perigo do mal, não é menor o em que me deixa a dificuldade com que se admitem os remédios, por cuja falta de muito leves princípios se vem a padecer grandes danos. Terrível pensão é viver da vida alheia, e soberana obrigação conservar a própria como a de todos. Por muitas partes nos chega esta mesma queixa envolta no mesmo receio, que só se pode estimar pelo que argúe de amor e benevolência geral, que verdadeiramente se experimenta melhor ao longe, e é notável o excesso com que se deixa conhecer (2).

O cometa se nos mostrou ainda quinta feira muito diminuído da cauda; depois o encobriram as cerrações e perpétuas chuvas, com que os dias vão tristíssimos.

Aos 13, quasi espaço de vinte e quatro horas, se cobriu tudo de neve altíssima, chovendo copiosamente no mesmo tempo, e ventando, por espaço de quatro horas, com tal fúria a espaços que, se durara mais tempo e com maior continuação, nenhuma cousa ficara em pé. O estrago nos

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(2) A falta da carta antecedente de Vieira, que devia ser do dia 12, deixa obscuro êste passo, o qual todavia parece referir-se a enfermidade do Rei.

olivais e em todo o género de árvores foi grandíssimo, e maior nos montes que nos vales, umas arrancadas de todo, outras quebradas. Na nossa quinta da Cheira vieram ao chão mais de duzentos pinheiros, que são ali mui grandes e fortes, e nesta cêrca do Colégio vinte e quatro ciprestes, e muitos mais na de Santa Cruz. Queira Deus que não passe o castigo dos corpos vegetativos às vidas racionais, que são as que ofendem. Grande escândalo é que, ainda ameaçados, os não temamos, e grande barbaria que queiramos ser valentes contra o céu.

Os juízos dos matemáticos sempre se conformam mais com o que observam na terra; mas a sua sciência, que ainda não conhece a influênciã das estrêlas que se vêem há seis mil anos, como há-de conhecer a significação de um sinal, que todos os dias tem variedade, e mais é guiado pelos rumos da Providência que pelos movimentos da natureza?

Estas conjecturas, a meu ver, pertencem mais aos lidos nas histórias que aos observadores das estrêlas, para que se tirem os efeitos pelos exemplos, pois a primeira causa e sua justiça é sempre a mesma. Isto é o que se pratica nesta Universidade, entre os mais entendidos e timoratos, e o opositor amigo de V. S.^a é o maior fautor desta opinião tão cristã, e espero que seja com fruto, pela grande autoridade que tem em toda a escola.

Beijo a mão de V. S.^a pela fineza da separação daquelle quaterno, e pela do affecto com que V. S.^a intercede pelo cesteiro(1). Bem pudera eu chamar obra de misericórdia ao querer-me V. S.^a libertar, não do destêrro senão do frio,

(1) Trecho enigmático na primeira parte. Da segunda e da continuação se infere que intervinha D. Rodrigo a favor de Vieira, para que pudesse sair de Coimbra.

que com estas neves vai insuportável, sôbre a experiência de elas, agora faz dois anos, me pôrem tantos meses em uma cama, e me terem nela morto tantas vezes. Mas não é tanto o desejo que tenho de me livrar dêste clima, quanto o de passar a algum sítio onde pudesse ver e ouvir a V. S.^a, e falar alguma cousa sôbre os futuros, não só da eternidade senão do tempo. Mas estes têm seus momentos, *quae Pater posuit in sua potestate*: Êle governe tudo como fôr maior glória sua.

O padre João Pimenta tem remetido o livro, pôsto que ainda não é chegado. Dá-lhe grande cuidado um negócio que tem do Rio de Janeiro no tribunal de V. S.^a (1); espero que V. S.^a me faça nêle todo o favor possível, porque também sou parte. Sempre estou aos pés de meu amo o sr. Marquês, cuja vida e estado e o de V. S.^a guarde e prospere Deus, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 19 de Janeiro de 1665. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA LV

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1665 — Janeiro 26

Senhor. — Andam tão retardados os correios que não é muito faltasse carta minha, havendo escrito em todos, e nestes últimos com maior cuidado, pelo em que V. S.^a ficava: agora dou as devidas graças a Deus, pela grande mercê que nos fez em livrar tão brevemente dêle a V. S.^a

(1) Desembargo do Paço, de que era então Presidente D. Rodrigo.

(2) No t. 2.º da 1.ª ed.

e a todos; ao menos eu, ou pelo que amô ou pelo que temo, nunca me persuadi que V. S.^a pudesse fazer a jornada de Salvaterra, e mais em tempo tão rigoroso; mas a Providência Divina sabe muito bem quando e onde há-de aplicar a especialidade de seus poderes (1).

A do favor que V. S.^a me refere é maior que a capacidade que eu tenho para o saber estimar, e assim como o creio por fé, o venero com o mais humilde e affectuoso silêncio; mas é tal a minha fortuna, que até para não ser ingrato me acho com as mãos atadas, sem poder levantar a pena da obra que tenho avisado a V. S.^a, na qual há maior segrêdo (2).

Lembre-se V. S.^a de certo negócio, em que, estando eu nessa terra, me fez mercê o sr. Marquês de querer ter parte, e daqui inferirá V. S.^a qual pode ser a matéria e inevitável o impedimento (3). O tempo é com limitação, e os tempos com diferença, e eu combatido de todos os elementos, com falta de todo o abrigo, em clima tão contrário e inimigo da vida como sempre experimentei; mas esta e outras e muitas outras cousas que desejara falar com V. S.^a não são para papel. Deus me dê paciência, e a V. S.^a guarde muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 26 de Janeiro de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Refere-se à doença a que aludia na carta precedente. A 19 foi a côrte para Salvaterra, e D. Rodrigo no séquito de D. Pedro.

(2) A defesa que preparava para apresentação aos inquisidores, e que era a própria *História do futuro*; tratando-se porém de matéria do Santo Ofício estava obrigado ao segrêdo.

(3) Quando Vieira chegou do Maranhão, tentou o Santo Ofício iniciar o processo contra êle, o que não succedeu, por intervir o Marquês de Marialva e também a Rainha D. Luísa.

CARTA LVI

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Janeiro 27

Senhor. — Além de outros negócios, reparos, e impedimentos ocasionados do tempo e do meu estado, retardou atégora êste aviso ser necessário aguardar um e outro correio de Lisboa, que nestes dias são mais vagarosos, para entender por consequências o estado que tinha, ou podia ter, a introdução daquele negócio; e digo por consequências, porque a pessoa incógnita, que se dispõe a empregar sua indústria nesta mediação, suspeito que me não declara o que nela vai obrando, assim como não quer que se saiba nem eu revele quem é.

Debaixo dêste sacramento aceitou a comissão, que eu não fiara de seu talento, se não tivera bons motivos para esperar que se consiga por êle ao menos a primeira parte do que se deseja: o que tenho entendido, depois de toda esta dilação, é que o negócio se reserva para ser tratado na presença em que se podem dar e receber razões; mas esta ocasião não chegará antes da entrada da quaresma. A de eu poder falar e ouvir a V. S.^a sempre está no mesmo

(1) No t. 2.º da 1.ª ed. Impressa como sendo para D. Rodrigo de Meneses, o que está errado, como se verifica pela data, pois não tinha por costume Vieira escrever a D. Rodrigo em dias sucessivos; pelo assunto; e pela forma menos cerimoniosa do fecho: *criado de V. S.^a* e não *capelão e menor criado*, consoante sempre usava com o fidalgo protector. Comparem-se as cartas seguintes para cada um. O assunto desta é misterioso, e não parece fácil ajustar a menção do homicídio com o que do seguimento da correspondência se depreende.

estado; mas, quando fôr mais nas vésperas da partida do mediador, tanto parece será mais conveniente, pelas maiores e novas notícias que pode oferecer o tempo.

Assegurei o que V. S.^a me afirma acêrca do homicídio, e foi mui bem aceita a resposta; eu o ratifiquei e certifiquei quanto pude, porque era assim necessário. Agora me ordenará V. S.^a o que hei-de fazer ou não fazer, pois a minha vontade se logra tão mal ou se dilata tanto etc. (1).

Coimbra, 27 de Janeiro de 1665. — Criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA LVII

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1665 — Fevereiro 3

Senhor. — Muito mal me vai com a ausência de V. S.^a, porque não só tardam os correios mas chegam sem carta, e tudo acrescenta o cuidado. Já nos livrámos dos primeiros sustos, que foram de tempestades, naufrágios e outros desastres; agora nos têm em suspensão as sangrias de S. M., que ainda se não averigua se são efeitos da montaria ou de doença. Bem pudera (Deus o guarde!) desestimar menos a saúde e arriscar menos a vida, pois vivem tantos dela.

Por cá se fala em morte do Papa e de El-rei Filipe, ambas por via de Castela e por isso dignas de menos crédito; se assim fôsse, já o cometa, como diziam os antigos,

(1) Assim no impresso.

(2) No t. 1.º da 1.ª ed.

se tinha expiado. Os efeitos que tem causado nos elementos são violentíssimos: ainda um dia dêstes deu à costa com um navio do Pará, de que escaparam alguns homens; e ainda são mais lastimosas as novas que dão daquela gentildade, onde a justiça de Deus sôbre os portugueses, e a justiça dos portugueses sôbre os miseráveis índios, parece que competem.

Não são boas as disposições para Deus nos fazer as mercês que esperamos, e dar vitórias aos que tão mal defendem sua causa; melhores são as novas que se mandam de Aldagalega e se afirmam por certas.

V. S.^a, pois está da parte de Alentejo (1), se sirva de me dizer o que hei-de crer nêste acidente, que na substância da fé não hei mister instruído.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 3 de Fevereiro de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LVIII

A D. Teodósio de Melo (2)

1665 — Fevereiro 7

Senhor. — A ocasião da tardança daquela resposta representei já a V. S.^a, e não foi antes aviso da mesma oca-

(1) Em Salvaterra com a côrte.

(2) No t. 2.º da 1.ª ed., com a indicação de ser para D. Rodrigo de Meneses, como a antecedente. Aqui a referênciã ao Duque de Cadaval obriga a pôr de parte toda a dúvida.

sião pela dificuldade da pousada, onde todos são especulativos, e as minhas acções e correspondências não pouco observadas. Debaixo dêste pressuposto me fará V. S.^a mercê interpretar qualquer falta, quando suceda, tendo V. S.^a conceito de mim que me não descuido da minha obrigação, e que a de maior criado de V. S.^a é a que mais zelo.

Bem desejara beijar a mão ao Duque, que Deus guarde, pela mercê que me faz (1); mas seria arriscar muito o mesmo negócio, emquanto a confiança não está segura, que é todo o tope dêste ajustamento: se houvesse meio de a persuadir, estava tudo facilitado; e para êste é necessária a eloquência, a qual, se fôsse ajudada das acções, seria ainda muito mais eficás. Ao menos importa que, com todo o recato, se evite qualquer suspeita de acto contrário; vigiarei o tempo da partida do mediador e farei aviso a V. S.^a

O cometa parece que se tem despedido. Os efeitos naturais vão continuando com tempestades e inundações, de que se têm duas peiores conseqüências, que são: fome e contágio. A guerra, se as prevenções são as que se dizem, não é necessário que o cometa a prognostique; não faltam outras muitas desgraças de mortes, por muitos modos improvisos, que também se attribuem a esta causa ou sinal do céu. Dizem que não teme a Deus quem o não teme; e a mim me parece que só o não deve temer quem teme a Deus. Os exemplos de quantos se têm visto no mundo atégora persuadem que falou verdade quem disse: *Et nunquam spectatum impune cometam.*

Beijo a V. S.^a a mão pelas veras com que V. S.^a tomou à sua conta o despacho daquele encomendado: da carta

(1) O Duque de Cadaval teria vindo de Almeida a Tentúgal, onde Vieira mais tarde o visitou.

que êle levou entenderia V. S.^a quão leve empenho era o meu, e assim quero o tenha V. S.^a entendido sempre, porque são intercessões que se não podem negar a quem as pede; quando haja ocasião em que me importe que V. S.^a me faça mercê, eu me explicarei por termos menos gerais, etc. (1).

Coimbra, 7 de Fevereiro de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LIX

Ao Duque de Cadaval (2)

1665 — Fevereiro 7

Ex.^{mo} Sr. — Para dar motivos ao negócio, em que falei ao sr. D. Teodósio, não é necessário recorrer às obrigações que professo de mais fiel criado e mais devoto amante da pessoa de V. Ex.^a, porque basta ser cristão para sentir os desconfortos do tempo com que V. Ex.^a passa, e bastava ser português para me doer muito que o reino, em ocasião que tanto necessita da assistência, autoridade, conselho e valor de V. Ex.^a, se prive a si e a nós das melhoras, que por êste meio lhe podíamos esperar.

Êste zêlo, senhor, me obriga a procurar, por todas as vias que são possíveis ao meu estado, que o mundo ao

(1) Assim no impresso.

(2) D. Nuno Álvares Pereira de Melo, Marquês de Ferreira e Conde de Tentúgal. Duque, primeiro do título, em 1648. Mandado em 1662 no desagrado do Rei para Almeida, onde serviu com distinção na guerra. Em 1665 recolheu a Tentúgal.

Impressa esta carta no t. 2.^o da 1.^a ed. Dela se entende que o negócio oculto, a que Vieira trazia o mediador, seria o regresso do Duque à côrte, e a sua reconciliação com o Rei.

menos nesta parte tenha a emenda que todos os bons lhe desejam; e, porque tive alguma comunicação com a pessoa incôgnita de que dei conta, e me parece muito acomodada para a abertura e conclusão do negócio, a introduzi nêle. Não tenho licença para declarar a côr do pêlo; mas, ainda que fôsse ruivo, bem poderá ser excepção da regra (1), porque comigo se confessa algum sujeito desta pintura, de cuja consciência e bom zêlo tenho toda a satisfação.

Muito estimara eu poder lograr a ventura de estar uma hora aos pés de V. Ex.^a, mas a casa em que vivo tem tantos olhos, que é impossível não se dar fé dêste furto, como também se não pôde encobrir outro os dias passados; e a menor suspeita nesta matéria seria de mui grande dano ao mesmo negócio.

Ao sr. D. Teodósio escrevo que mandarei aviso a seu tempo, e então farei conta que ouço a pessoa de V. Ex.^a, a cuja obediência estou sempre.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos, como o reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Coimbra, 7 de Fevereiro de 1665. — Capelão de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA LX

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Fevereiro 10

Senhor. — Faltam-me novas de V. S.^a há muitos dias, e do Duque meu senhor, de quem as esperei na ocasião do

(1) Conforme o ditado: ruivo (ou ruço) de mau pêlo.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed. Trata dos preparativos da jornada a Tén-tugal, distante duas léguas.

correio, porque, como estou já no Colégio, não tenho comodidade de as procurar.

V. S.^a me diga se está já de todo livre da queixa: basta que eu as tenha tão multiplicadas como signifiquei a V. S.^a; e, porque os primeiros dias desta semana espero sejam de trégua, para me lograr da liberdade dêles e dela, peço a V. S.^a que quinta feira pela manhã bem cedo estejam as cavalgadas em algum lugar retirado, perto da ponte desta cidade, da outra parte do rio, onde as irei demandar com meu companheiro (1); e, porque espero ver-me tão cedo aos pés de V. S.^a e do Duque que Deus guardé, só peço a V. S.^a me avise se há algum inconveniente naquele dia, tendo por certo que o não haverá no lugar, pois V. S.^a o dispõe.

Importa que o portador desta não tenha notícia da jornada, que também hei-de procurar dissimular a toda esta grande casa quanto fôr possível: e Deus me guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e hei mister.

Coimbra, 10 de Fevereiro de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXI

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Fevereiro 15

Senhor. — Muitos dias havia me faltavam novas de V. S.^a, mas hoje 15 de Fevereiro recebo uma de V. S.^a,

(1) Presumivelmente o Padre José Soares. Supra p. 43.

(2) No t. 1.º da 1.ª ed.

escrita em 26, tempo em que pudera vir de Itália e ainda de mais longe; mas, como V. S.^a passe com a saúde que desejo e com o gôsto que considero, os inconvenientes da distância e do tempo todos têm restauração, como eu experimento sempre que V. S.^a me faz mercê de carta sua.

Os excessos destas invernadas tudo trazem descomposto. Queira Deus que o cometa não descomponha mais que os elementos, como muito temem os médicos desta Universidade; êle há dias que desapareceu desta banda, mas por um navio do Pará, que aqui deu à costa, soubemos como lá fôra visto aos 12 de Novembro, que é um mês antes do que cá apparecesse ou se advertiu nêle.

O prognóstico que V. S.^a me fez mercê mandar diz o que dizíamos. Deus só sabe o que quer significar nos com êle, e os efeitos no-lo dirão, pôsto que fôra bom estar prevenidos para todos.

Eu passei estes oito dias em Exercícios (1), que foi a causa de não escrever o correio passado, mas sei-me tão mal aproveitar do conhecimento, que Deus nêles costuma dar, que temo que seja para maior confusão: as cartas de V. S.^a me a causam mui grande sempre, e me parece que as montarias de V. S.^a são como as de S. Francisco de Borja, de que também se podem aproveitar os companheiros (2).

Beijo a mão a V. S.^a pelos fragmentos de Santo Isidoro (3): também me chegou quási no mesmo tempo o livro do Abade Joaquim, que estimei quanto não sei encarecer a V. S.^a, porque vêm no mesmo volume obras várias de ou-

(1) Exercícios espirituais.

(2) D. Rodrigo encontrava-se ainda em Salvaterra, onde provavelmente caçava

(3) Profecias atribuídas a Santo Isidoro, bispo de Sevilha no sétimo século.

tros autores daquele tempo, que eu tinha curiosidade de ver, e, por não me parecer que se podiam achar, deixava de fazer diligência por elas.

Corre que os castelhanos não fazem campanha, e se dão as causas; nem uma nem outra cousa creio até V. S.^a me o não dizer.

Ao sr. Marquês meu amo beijo a mão. E Deus me guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 15 de Fevereiro de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Fevereiro 16

Ex.^{mo} Sr. — Faltam-me novas de V. Ex.^a neste correio, e fôra para mim esta falta de grande cuidado, se o dilúvio universal e seus efeitos nos não asseguraram de presumir outras causas. Seja Nosso Senhor bemdito, que tão brevemente nos livrou do susto em que as sangrias nos puzeram.

Também faltará carta minha a V. Ex.^a desta passada, porque me retirei em Exercícios, que é modo de deixar o mundo, depois de tão deixado dêle; e certo que me não eram necessárias tantas horas de consideração, para o conhecer e estimar como êle merece.

Isto quanto ao mundo de dentro: do de fora corre que os castelhanos nos não querem inquietar êste ano com cam-

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

panha ; mas sempre as vésperas da primavera se nos adoçam com estas esperanças, em que eu não terei fé até as ver qualificadas com texto de V. Ex.^a

O matemático amigo me promete o seu juízo do cometa para o correio seguinte: veremos se vem de paz ou de guerra. Ontem disse a meu companheiro (1) um dos marinheiros, que escaparam do naufrágio do Pará, que lá se começou a ver em 12 de Novembro; e, segundo as cousas tremendas que contam daquela terra, pode-se cuidar, como elles cuidam, que o açoute os ameaçava.

Eu, pela parte que me toca, também começo a sentir os efeitos, porque os estilicídios, que com o extrêmo destes frios são mais contínuos, vêm com suas manchas vermelhas, que é côr que eu tenho razão para temer muito; mas a conformidade com a vontade divina é remédio universal para todos os males.

De todos livre Deus a pessoa de V. Ex.^a e guarde a V. Ex.^a, muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 16 de Fevereiro de 1665. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA LXIII

Ao Marquês de Gouveia (2)

1665 — Fevereiro 23

Ex.^{mo} Sr. — Já me não admiro que ande tão pouco corrente a correspondência dos correios, porque eu cuidava

(1) Padre José Soares.

(2) No t. 3.º da 1.ª ed.

que escrevia a Salvaterra e não às ilhas, como V. Ex.^a me diz (1): quererá Deus que esta ache a V. Ex.^a já em Lisboa, porque estar de cêrco em quaesma, em pôrto não marítimo pôsto que cercado de água, seria dobrado trabalho; salvo se se apelasse para o privilégio dos cercados, ou se houvesse de levar a quaesma à Xumberga, que só isso nos falta; mas não faltarão confessores e médicos mui católicos que dêem dispensação para tudo (2).

Dou a V. Ex.^a mil parabens do valimento, lembrando que é máxima da casa de V. Ex.^a ser melhor o valimento dos validos que o dos reis. Se V. Ex.^a não tirar outros baratos do garito, bem se poderá sofrer o gasto das cartas e das velas: nos tentos não falo, porque sei com quantos V. Ex.^a ou joga de dentro ou vê de fora; o não falhar nenhum dia pode ser mais ou menos bom, conforme estiver armado o tabuleiro.

Muito nos tem alegrado a breve convalescença de S. M., e ajudará não pouco a ela o trocar a chaminé dos serões pelas madrugadas do campo. Se a isto se acrescentara o saltar menos, ainda fôra melhor, pôsto que V. Ex.^a me diga que pode ser boa ocasião de algum bom salto, para saltar de aqui (3).

Eu apresso o livro quanto posso (4), por sinal querendo vermelho, como avisei a V. Ex.^a, o encubrc

(1) O Marquês, de caminho para Lisboa, teria ido a Salvaterra beijar a mão ao Rei. Adiante as referências ao valido Castelmelhor. Talvez, por efeito da cheia, Salvaterra estivesse cercada de água. Os cercados têm dispensa de abstenção na quaesma.

(2) Schomberg era protestante, e deixou a França com autorização de Luís XIV em 1685, quando da revogação do edito de Nantes.

(3) «Para [eu] saltar de aqui»?

(4) A *História do futuro*.

que os médicos me não tirem a pena da mão. Os frios e destemperanças dêstes ares não vão para menos.

O prognóstico prometido do Pôrto não veio ainda, e me dizem se está acrescentando, com resposta a outros dois que ali chegaram de Castela, em que os matemáticos daquela parte resolvem que o cometa presente é em tudo semelhante ao de El-rei D. Sebastião; e que, assim como aquele prognosticou a sujeição de Portugal a Filipe II, assim êste a Filipe IV. Pelas propostas do enviado ou do embaixador de Inglaterra se poderá conjecturar alguma cousa (1). Eu estou a pés juntos: com o parecer de V. Ex.^a, que é entretenida, e que o successo da campanha será o que decifre tudo; mas bom é sempre não largar o fio ao novêlo. Se não fôra quaresma, bem pudera o nosso Mercúrio (2), dêste mêz casar êste novêlo com aquela novela. Antigamente era cousa mui presada ter um conselheiro de estado para saber um segrêdo; agora se compra tudo isto com um vintem. Muito sentirão os castelhanos ver públicos seus segredos; mas consolar-se-ão com saber os nossos. Falo por informações, porque ainda não tive tempo de ler o que ouvi.

Mas tornando ao cometa, pôsto que os marinheiros do naufrágio disseram que o começaram a ver no mar do

(1) Esperava-se ou chegara já de Londres *sir* Roberto Southwell, encarregado de dispôr o govêrno português a uma trégua. Nas propostas de paz, que o embaixador de Inglaterra em Madrid, *sir* Ricardo Fanshawe, apresentou, era a primeira o reconhecimento de D. João IV, ficando êle sujeito à suzerania do monarca espanhol, nas mesmas condições dos príncipes alemães para com o Imperador. Cf. o manuscrito do Museu Britânico, sumariado pelo Visconde de Santarém no *Quadro elementar*, t. 18.º É provável que dessas propostas fôsse portador o emissário Southwell.

(2) O *Mercúrio Português*.

Maranhão aos 12 de Novembro, como avisei, ontem falei com um frade mercenário do mesmo naufrágio, que me disse havia dias que em terra o tinham visto, e que era mui vermelho e abrasado, e que logo dissera lá um religioso nosso, alemão, bom matemático(1), que era universal.

O Padre Reitor de Santo Antão me diz tinha representado a V. Ex.^a o que lhe escrevi, por isso o não repito, e só peço a Nosso Senhor me guarde a V. Ex.^a, como desejo e todos havemos mister.

Coimbra, 23 de Fevereiro de 1665. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA LXIV

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1665 — Fevereiro 23

Senhor. — Com todo o coração sinto que V. S.^a passe com achaques; mas, pois êles se agravaram com a incomodidade de Salvaterra, espero que com a mudança do lugar tenham remitido de todo, e V. S. restituído à inteira saúde que desejo a V. S.^a, e Senhor peço sempre em todas as minhas orações ficios. Também considero outras conveniências em V. S.^a antecipar a vinda de S. M., que a tudo dá motivo êste mau mundo em que vivemos.

(1) Devia ser o Padre Valentim Estancel, natural de Olmütz, que tinha ido em 1663 para o Maranhão.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.

Eu passo como permite o rigor do tempo, escarrando vermelho, que não é boa tinta para quem está com a pena na mão ; mas a tudo obriga não só o gôsto, senão também a necessidade (1). Isto é o que signifiquei a V. S.^a, de cujo favor e do sr. Marquês, que Deus guarde, me valerei, quando a verdade se não possa defender por si mesma : mas a matéria, sendo para muito papel, não é para êste (2). Até a esperança se nos tolhe, que é o último alívio que ninguém tirou na mais triste fortuna aos mais desafortunados. V. S.^a, pela mercê que me faz, não tome pena pelo que digo, que o meu coração é muito grande e muito costumado a navegar com grandes tormentas, e só me falta nesta o alívio da comunicação de V. S.^a, que de tudo o mais me rio e verdadeiramente é para rir.

Bem a propósito da tormenta vinha agora o sr. Santelmo. Dizia o nosso Príncipe (3) que não havia pior gente que os semidoutos e ainda são piores sem boa vontade. Deus sabe o que faz e porquê e para quê. Se eu pudera tomar as lições que V. S.^a me dá com o seu exemplo da conformidade com a vontade divina, nenhuma cousa me faltava ; mas, ainda que não chego a padecer com alegria, soffro com paciência, e é tal o costume, que pode parecer constância.

Também isto pode ser cometa dos que V. S.^a diz se vêem todos os dias ; o nosso se viu ainda menos há de quinze, e hontem falei com outro religioso matemático, dos que escaparam do naufrágio do navio do Maranhão, que me

(1) O gôsto e a necessidade, porque a *História do futuro* era igualmente a sua defesa no Santo Officio.

(2) Alusão velada ao processo e ao segrêdo obrigatório. Referência à carta de Janeiro 26.

(3) D. Teodósio, filho de D. João IV.

disse fôra visto não só no mar aos 12 de Novembro, como avisei a V. S.^a, mas muitos dias antes em terra, e que era lá mui vermelho e afogueado ao princípio, e que logo dissera um padre alemão que anda naquela missão, bom matemático, que era universal. Se apparecerem cartas dos padres, de que tenho algumas esperanças, elas dirão com alguma miudeza o que lá se viu.

De Castela vieram ao Pôrto dois prognósticos que mandei pedir; se me os mandarem, irão a V. S.^a Dizem que êste cometa é parecido em tudo ao de El-rei D. Sebastião e que, assim como aquele significou a sujeição de Portugal a Filipe II, assim êste a Filipe IV. Mas o nosso Mercúrio (1) nos segura de todos estes temores com o pouco medo que tem às prevenções de Castela. Quererá Deus que assim seja. Pela mercê que V. S.^a faz ao Padre Procurador (2) beijo mil vezes a mão a V. S.^a

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 23 de Fevereiro de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXV

A D. Teodósio de Melo (3)

1665 — Fevereiro 27

Senhor. — Hoje ao meio dia escrevi a que espero tenha chegado a esta hora, e logo na seguinte me buscou o me-

(1) O *Mercúrio Português*.

(2) *Supra*, p. 112.

(3) No t. 1.^o da 1.^a ed.

diador(1), que parte domingo pela manhã, mui affecto ao negócio da união, e mui persuadido da minha parte à verdade do ânimo que eu lhe assegurei com todos os encarecimentos; e promete fazer da sua parte por si e por seus amigos quanto puder. Eu lhe representei as finezas do Duque que Deus guarde, e a resolução e verdade do ânimo de V. S.^a que por ventura se duvida ainda mais; e em desfazer a desconfiança me parece, pelo que tenho alcançado, persiste o bom princípio e fim deste negócio.

O Marquês amigo(2) está hoje bem visto, e se tem de toda a confiança, e parece a esta pessoa que tudo o que por seu meio se introduzir será bem aceito, com que haverá lugar de o terem maior as outras diligências.

João Nunes da Cunha, escrevem, fica nomeado para Vice-rei da Índia. Encarece o rigor e descómodo de Almeida, quanto ao caso merece(3), e julgo, pelo que ouvi, que neste ponto haverá mais breve recurso. Emfim, quanto soube dizer o meu zêlo e o meu affecto, disse. Quererá Nosso Senhor encaminhar tudo ao bem comum do reino e particular da casa de V. S.^a e da mesma pátria, e à pessoa mais interessada em tudo o que se obra, conveniência que também se discorreu(4) e vai mui bem entendida, etc.

Coimbra, 27 de Fevereiro de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Supra, p. 118.

(2) Marquês de Gouveia.

(3) Rigor e descómodo referidos ao Duque de Cadaval. Trecho obscuro, talvez por defeituosa transcrição.

(4) *Diç correu*, no texto impresso, provavelmente êrro.

CARTA LXVI

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Março 2

Senhor. — Sinto que os achaques de V. S.^a se hajam dilatado tanto tempo; mas os tempos não vão para menos, se são em Lisboa como em Coimbra. Tal rigor e tal variedade nunca se viu. O nosso doutor Sanfins teme que os efeitos destas causas, e da celeste que as move, sejam piores e mais gerais; mas a ocasião que nós damos ao céu e aos elementos é a que mais se deve temer, como V. S.^a teme. Bastante inimigo era Castela para quereremos ter a Deus da nossa parte; terrível cousa será, se tivermos ambos estes poderes contra nós.

Por cá soa que fazem os castelhanos maiores esforços que nunca. Dos favores últimos, e das felicidades que Deus tem aparelhadas a Portugal, estou sempre certo com a mesma firmeza; mas antes delas não sei se nos quererá Deus purificar com algum grande açoute, pois nós o não fazemos com a emenda.

Sôbre aquele particular tornei a dizer alguma cousa a V. S.^a nas últimas cartas, e procurei dá-lo mais a entender pelo que se zela o segrêdo destas matérias. Quando me seja necessário o favor de V. S.^a, recorrerei a êle com a confiança que V. S.^a me merece (2).

Ao sr. Marquês, que Deus guarde, beijo a mão; estimarei me diga V. S.^a quando parte para Alentejo, e com

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Alusão ao processo.

que satisfação das assistências; em meus sacrificios me não esqueço nunca de os fazer pela felicidade de toda a casa de V. S.^a

Deus Guarde a V. S.^a muitos anos.

Coimbra, 2 de Março de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXVII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Março 9

Senhor. — Muito estimo sempre as novas de V. S.^a, e desta vez estimei também, como já disse, o achaque, pela ocasião em que veio e pelo susto de que me livrou, por razão das novas que por esta banda corriam, que não sei como o meu coração se havia de acomodar com escrever a V. S.^a de Março a Março, quando as monções do correio de cada semana me parece tardam tanto (2). Já agora se vão pondo mais em ordem, mas a primavera não acaba de chegar; estes são os efeitos saturninos que causa o cometa, e também não faltam os de Marte.

Fica preso Salvador Correia por um desafio, e António de Saldanha pelo haver apadrinhado, havendo sido esta pendência efeito de outra mais pública. Roque Monteiro também está preso por outra valentia (3). Não sei se pro-

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

(2) A D. Rodrigo foi oferecido o cargo de Vice-rei da Índia, no intuito de o afastarem do Infante D. Pedro, nomeação que elle recusou. A êste caso, ou boatos que lhe diriam respeito, parece aludir o texto.

(3) Salvador Correia de Sá, filho do Governador do Rio de Ja-

gnostica isto, ou aconselha, que até os estudantes e clérigos devem tomar as armas; e assim era bem que fôsse, e que ninguém tratasse de outra cousa, se é verdade, como se escreve, que o inimigo faz dois exércitos, e que Marcim passa a governar o de Galiza, ficando Carracena em Alentejo. Livre-nos Deus do terceiro, que é o que eu mais temo, e por parte de onde se teme menos.

Vi o prognóstico de João Nunes da Cunha, em que responde ao de Castela que se promete êste ano a restauração de Portugal: êle diz que as vitórias hão-de ser nossas, os perigos em Veneza e Constantinopla, e as doenças graves com perigo de contágio em toda a Espanha. Bom é ir para a Índia em tal tempo, mas Deus é senhor dos tempos. Bom fôra para tudo se tomasse o conselho de V. S.^a; e que fizessémos muito todos por merecer as misericórdias e não provocar os castigos.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister, e a meu amo sr. Marquês dê os sucessos que eu desejo e peço em meus sacrificios.

Coimbra, 9 de Março de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

neiro, restaurador de Angola, do mesmo nome; António de Saldanha, pensionista do Colégio de S. Paulo: ambos clérigos, o primeiro foi depois Chantre da sé de Lisboa, o segundo Bispo de Portalegre. — Roque Monteiro (Paim), filho de Pedro Fernandes Monteiro, e nesse tempo colegial de S. Pedro.

CARTA LXVIII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Março 9

Ex.^{mo} Sr. — Já o correio anda mais concertado, mas só para mim se não emenda o mundo; porque, havendo chegado na noute de quarta feira, não recebi a de V. Ex.^a senão ao domingo; por sinal que, desesperado já dela e receando que fôsse por algum achaque de V. Ex.^a, fui por meio de um dilúvio de água buscar ao sr. D. Diogo (2), e não o achando, me seguiu Francisco Barreto (3) que V. Ex.^a estava com saúde; com que o meu coração ficou socegado, e muito mais depois que vi a carta de V. Ex.^a, sem embargo das juntas nocturnas, que me dizem são muito dilatadas; mas estou muito certo que para a continuação da mercê que V. Ex.^a me faz nunca pode haver estôrvo.

Cá imos padecendo os efeitos do cometa, ainda com maior rigor do que em Lisboa se experimentam; e deve êle de ter seu pouco de Marte, porque fica prêso Salvador Correia por um desafio, e António de Saldanha pelo apadrinhar, causada esta pendência de outra que já tinha sucedido. Também está prêso Roque Monteiro, sem lhe valer o Desembargo do Paço (4), todos por valentias: não sei se querem medrar antes por valentes que por letrados; mas eu cuido que esta influêcia nos ensina que até os

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) D. Diogo da Silva, irmão do Marquês.

(3) Francisco Barreto Froes, colegial de S. Pedro como D. Diogo.

(4) O pai, Pedro Fernandes Monteiro, era Desembargador do Paço.

estudantes e os clérigos fôra bem que nesta ocasião tomaram as armas, se é certo, como se diz, que o inimigo faz tão grande esfôrço para nos conquistar com multiplicados exércitos.

Chegou o prognóstico de João Nunes da Cunha, sem licença para me passar da mão; êle o mostrará a V. Ex.^a, porque, ainda que se escusa, entendo que sem dúvida irá; mas fôra melhor ter já ido: promete doenças a toda a Espanha, vitórias a Portugal, ruínas a Veneza e Constantinopla, e a El-rei, que Deus guarde, felicidades grandes, pôsto que também se lembra dos mortos, e a um dêles dedica o mesmo prognóstico, isto é às cinzas do Príncipe D. Teodósio.

O Reitor da Universidade, que cada três semanas tem uma doença, e deve a vida a V. Ex.^a pelo haver livrado de Aveiro e da Feira, êle me disse que Marcim passava a governar as armas de Galiza.

Fico com grande alvorôço para ver o papel de V. Ex.^a, e agora com maior pejo e raiva do que V. Ex.^a vira um dêstes dias, que em tudo me parece se há-de julgar por um grande despropósito; e, se não fôr capaz, como entendo, para o intento, ainda com as emendas, irão os capítulos do principio, que, ao menos pelo que prometem, não podem deixar de parecer menos mal. Não tenho outra desculpa em tudo senão a da obediência, e de me dizer o Padre Reitor que V. Ex.^a o julga e ordena assim.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 9 de Março de 1665. — Criado de V. Ex.^a...

António Vieira.

CARTA LXIX

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Março 16

Ex.^{mo} Sr. — Recebi a carta de V. Ex.^a com o papel que a acompanhava, e por êste segundo favor beijo mil vezes a mão a V. Ex.^a O que se argúe do papel e se supõe nêle me desconsolou muito, e é o que sempre cri de Castela e temi de Inglaterra, pôsto que o Embaixador inglês, para melhor fazer o negócio dos prisioneiros, pode ser que o quisesse exprimir com aquele torcedor; mas a matéria é de tanto pêso, que não acabo de me persuadir que êle, sem o trazer assim nas instruções do seu príncipe, se arrojasse a nos representar uma condicional tão desabrida (2). Emfim Deus quer que só dêle nos fiemos e só nêle ponhamos toda a nossa esperança, e que conheçamos nós e o mundo que só êle é o autor da nossa conservação e vitórias.

A esta providência divina atribuo também a resolução de ficar excluído Xumberg de Alentejo, em tal ocasião e em tal ano. Se V. Ex.^a foi dêste parecer, entendo que seria com muito fundamentais razões, as quais se não podem ver de tão longe; mas temo que as confianças do bemaventurado S. Lourenço (3) nos queiram pôr a assar nas

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) Veja-se p. 125, nota.

(3) O segundo Conde de S. Lourenço, Martim Afonso de Melo, foi Conselheiro de Estado e de Guerra. Talvez a êle e ao seu voto em Conselho, seja a referência. Versava a controvérsia sôbre o comando das tropas estrangeiras, que Schomberg pretendia exercer livremente. Cf. *Portugal Restaurado*, p. 11, Livro X.

suas grelhas. Os mareantes são mui devotos dêste santo, e lhe rezam todos os dias um Padre Nosso e uma Ave Maria pelo bom tempo ; mas nem por isso deixam de olhar para as nuvens, e de observar as conjunções da lua, e por estes sinais se governam os bons pilotos, depois dos quais muito bem observados ainda talvez se perdem : isto quanto ao que o papel supõe.

Mas quanto ao que êle discorre e aconselha, me parece ditado pelo Espírito Santo ; tudo se compreende nêle : o útil, o necessário e o decoroso. Queira Deus que assim se execute ; ao menos, se o successo fôr mau, não será por falta de bom conselho. Eu me persuado que não haverá quem se não conforme com êle, e terá Mercúrio(1) mui pouco que trabalhar, pois até os termos com que há-de escrever se lhe mostram prescritos. Quem assim vota, bem pudera ter voto mais que nas montarias ; e a mim me parecerão sempre mais acertados e mais seguros os que sem outro fim, dependência ou interêsse se ditarem com os olhos só postos em Salvaterra. Lembre-se Deus da nossa terra e de sua salvação.

Desta não tenho que dizer a V. Ex.^a mais que continuarem os tempos com a mesma variedade que atégora, sem haver dia inteiro em que o céu e os elementos nos mostrem o mesmo rosto. Fazem-se levas(2) com grande zêlo e assistência ; mas, por muito que se trabalha, levam-se os que puderem ficar crescendo, e ficam os que não há poder que os leve. Temo que o Reitor da Universidade se mate, e já estivera morto, se V. Ex.^a lhe não valera(3).

(1) António de Sousa de Macedo no *Mercúrio Português*.

(2) De recrutas para o exército.

(3) Supra, p. 134.

Guarde Deus a V. Ex.^a, como desejo e havemos mister.
Coimbra, 16 de Março de 1665. — Capelão e menor
criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA LXX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Março 16

Senhor. — Estou de correio para o Maranhão, e nem por isso tenho muito que escrever; porque as cartas de lá comeu-as o mar, e as de cá não podem levar o alívio que os naufrágios, que aquelas tristes cristandades padecem, haviam mister. Prenderam-se os pastores e soltaram-se os lobos, e não tem Cristo quem acuda pelo seu rebanho: não pode haver maior lástima que, estando eu há três anos em Portugal, me tenham em parte onde não posso falar, e em estado que me não queiram ouvir. Como me temo daquela sentença: *Vineam suam locabit aliis agricolis!*

Se eu escarrara vermelho e me deixaram falar claro, dera por bem empregado o sangue, que tantas vezes arrisquei por esta causa. E com tudo isto esperamos que Deus nos faça mercês! Seja sua paciência bemdita, que tanto sofre. Mas diz Êle, e mais falando dos nossos tempos: *Vae qui praedaris! Nonne ipse praedaberis?* Em ocasião estamos, que tudo pode suceder. Bem haviam estas tempestades mister os milagres de Santelmo; mas quem acende os cometas é aquele Deus, a quem os santos não

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

rogam, quando quer o que quer ou permite o que não quiserá.

O caso do sermão é muito digno do reparo que V. S.^a faz; êle se pediu com grandes instâncias e por diversas vias, e há oito meses que se resiste a esta porfia, até que finalmente não houve outro remédio, pelas causas e considerações que V. S.^a ouvirá algum dia (1). Foi em segredo, mas no mesmo dia, segundo êste aviso de V. S.^a, devia de se romper, que só as gavetas de V. S.^a o sabem guardar: por esta fineza beijo mil vezes os pés de V. S.^a, e peço a V. S.^a seja servido de que ela se continue na mesma forma, porque pareça singular êste meu obséquio ou violência.

Os mistérios que encerra êste apetite não os entendo, e não param só nos sermões: por todos os modos me querem ler os que me não querem ouvir; e os mediadores dêste trato me asseguram dêle as conseqüências que V. S.^a pode considerar, e, como me importa tanto ser ouvido naquele negócio de maior cuidado (2), a tudo me vou sujeitando e tenho sujeito. O maior sentimento meu é que possa alguém ler cousa minha, ainda que sejam só duas fôlhas de papel, sem V. S.^a a aprovar primeiro; mas todas estas violências se podem sofrer pelo interêsse de me poder ver aos pés de V. S.^a, que é minha maior ânsia.

A obra se vai já copiando quanto ao primeiro tÔmo, que eu quisera se não retardara muito (3); mas a matéria tem em Portugal as dificuldades que experimentam outras menos novas, e para tudo era necessária a presença.

Neste correio espero alguma resolução ou notícia do

(1) Sermão pedido da cÔrte; porventura o das exéquias de D. João IV.

(2) O processo.

(3) A *História do futuro*.

que se pode esperar, de que farei logo aviso a V. S.^a. Ao Marquês, meu amo, e a V. S.^a beijo a mão mil vezes, e Deus me guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Coimbra, 16 de Março de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXXI

Ao Duque de Cadaval (1)

1665 — Março 20

Ex.^{mo} Sr. — Se não fôra tanto para sentir a ocasião, sempre é muito para estimarmos os criados de V. Ex.^a achar-se V. Ex.^a fora de Almeida e menos longe de Lisboa(2); mas em Lisboa quisera eu a pessoa de V. Ex.^a nesta ocasião.

O Voto do Marquês de Carracena, de que V. Ex.^a não pode deixar de ter cópia neste correio, é o que sempre se temeu(3). Se o puserem em execução, grande trabalho nos

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(2) O Duque tinha obtido licença para se ir tratar nas Caldas.

(3) Publicado no *Mercúrio Português* de Março. Começa dêste modo: «Señor, V. M. quiere derribar a Portugal; David enseña como se derriba un cuerpo; arrojemosle la piedra a la cabeza». Aconselhava a arrasar as povoações de Portugal, e transferir os moradores para as duas Castelas desertas. — «Lleguen ya al oído de aquel inobediente joven coronado (D. João IV) las espantoses voces del clarin y la caja, y aquella Babilónia europea vea tender la cuchilla». Talvez suposto, ainda que em parte fundado nas próprias opiniões de Carracena, conforme se vêem no *Portugal Restaurado*, p. 11, Livro X.

podem dar. Tirar a pedra à cabeça do gigante, como êle mesmo diz, é o que só nos pode derribar de um golpe, principalmente estando ela tão fraca, tão desordenada e tão despercebida. Se neste apêrto S. M. não chama logo a V. Ex.^a, entenderei que a fatalidade é certa, cujo princípio também tenho considerado na exclusão de Xumberg (1).

O clérigo que chegou de Castela sexta feira passada muito importará averiguar-se com certeza se veio ou se o mandaram, para sabermos se havemos de temer ou se quer Castela que temamos. Os termos por que fala Caracena mais parecem de trovão que de raio; mas tudo pode ser e para tudo seria boa a prevenção.

A João Nunes da Cunha querem mandar mais longe que para Setúbal (2); mas agora me escrevem que não irá senão para Setembro. Antes disso pode dar o mundo muitas voltas. O mediador, como fiz aviso ao sr. D. Teodósio (3), vai bem instruído e, quanto pude entender, afeiçoado; mas não se atreve a introduzir por si a prática e promete que pode fazer mais persuadindo que requerendo. Se o consultam, como se diz, parece-me que não faltará o seu voto. Assim valerão alguma cousa os meus sacrificios.

Guardede-nos Deus a pessoa de V. Ex.^a como êste reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Coimbra, 20 de Março de 1665. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Cf. a carta de Março 16 para o Marquês de Gouveia.

(2) A governar a Índia.

(3) *Supra*, p. 129.

CARTA LXXII

A D. Teodósio de Melo (1)

1664 — Março 20

Senhor. — Se V. S.^a não falara com êste seu criado, entendera que era suposto a ocasião da boa companhia com que V. S.^a se acha (2), que é mui recíproco alívio para tão continuado destêro; mas, como creio e sinto o cuidado de V. S.^a, não me alegra a ausência de Almeida quanto àquela má terra me merece e eu quisera. Bom será esquecer dela, enquanto estes rebates de Castela divertem os olhos das nossas sentinelas em outras atenções. Eu espero que nos há-de vir a saúde por mãos de nossos inimigos, e que há-de obrar a necessidade o que não acaba de fazer a razão.

Veio o clérigo de Castela, e vêm muitos frades por todas as fronteiras. Temo ver que o braço secular pede ajuda ao eclesiástico.

Hoje acabei de saber que Carracena era conde de Peñaranda (3). Êle me conhece muito bem e me fez desterrar de Roma; mas, se eu fôra qual êle cuidava, não me tivera

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(2) Do Duque de Cadaval.

(3) Equívoco de Vieira. O Marquês de Caracena, D. Luís de Benavides Carrillo y Toledo, serviu em Flandres com D. João de Austria, e comandou depois em Portugal. O Conde de Peñaranda, D. Gaspar de Bracamonte, foi Vice-rei de Nápoles e plenipotenciário em Munster. Sendo, em 1650, embaixador em Roma o Duque del Infantado, fez de lá retirar a Vieira, com ameaças de morte, supunha êste que a instigação de Peñaranda.

Portugal desterrado, e em terra onde aos achaques passados se acrescenta lançar há muitos dias sangue pela boca. Bem é que cuspa vermelho quem falava claro.

Coimbra, 20 de Março, de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXXIII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Março 23

Senhor. — Não posso deixar de me admirar com V. S.^a da variedade do tempo, a qual neste mesmo dia tem sido tal que, amanhecendo muito claro, está a tarde com tal cerção que parece noite fechada: fortissimas são as influências daquele meteoro, e a mais dura de todas é a que V. S.^a considera na dureza dos corações, nos quais vejo os mesmos efeitos, sem haver quem se lembre de que Deus nos pode castigar, nem ainda aqueles que têm por officio fazer estas lembranças.

Ontem se me esteve queixando Sanfins dos pregadores, aos quais se não ouve palavra que se conforme com as ameaças do céu, devendo ser as suas vozes o pregão daquele açoute: todo o meu temor é que, antes das esperadas felicidades, dê Deus alguma grande satisfação à sua justiça. Se o papel é de Carracena, êle bem tem pôsto o ponto; mas há mister muita pólvora para tão grande tiro (2). Quanto folgara agora Lisboa de se ver fortificada! O

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Referência ao Voto mencionado a p. 139.

pior que tem é a sua mesma fama, porque, uma vez que o inimigo se delibere a essa empresa, medindo as fôrças com a opinião, necessariamente hão-de ser mui superiores ao que conhecemos os de casa. Como temo que a Babilónia europeia seja Babilónia na confusão (1), não o sendo nos muros nem nos defensores! Mas basta sê-lo nos pecados. V. S.^a applicará a semelhança do texto ao demais que eu não digo. Deus nos dê a união, que V. S.^a deseja, nos pequenos, nos grandes e nos maiores.

Acêrca do papel que V. S.^a viu naquela mão (2), tenho já dado a V. S.^a as noticias, mas nunca poderei explicar o sentimento que tenho desta violência, que tem sido a mais porfiada que se pode imaginar; e, como se pediu para um fim que sei V. S.^a muito deseja, supuz que V. S.^a haveria por bem que eu cortasse êste pequeno retalho da peça, para que o principal comprador julgasse se lhe servia ou o servia. Por esta causa fiz eleição daqueles capítulos mais capazes, por sua matéria, de aceitação de S. M., ainda que a obra toda vem a ser sua; mas as outras partes dela necessitam de fé, e para esta bastam os olhos. Se por êste meio se conseguir que a impressão se vá fazer onde V. S.^a emende as erratas, excusar-me-á o trabalho de mandar em pedaços todo o livro, em que não quero que haja palavra que V. S.^a não aprove primeiro, dando-me esta confiança a mercê que V. S.^a me faz; mas se não bastar êste obséquio para que se conceda (pôsto que não se pede) a mudança de lugar (3), tenho por certo que morrerão os trabalhos e se sepultarão antes de nascidos, porque para sairem à luz têm a dificuldade que já representei a V. S.^a, que só

(1) Alusão ao Voto de Caracena.

(2) Trechos da *História do futuro*, talvez na mão de Castelmelhor.

(3) De Vieira, para fora de Coimbra.

se poderá vencer com a presença, e ainda com a autoridade real, que é também um dos fins por onde me pareceu aceitável a abertura dêste caminho.

Sôbre Esdras(1) tenho eu algum pensamento, que terei por verdadeiro emquanto não vir outro que melhor acertasse; e assim estimarei muito que V. S.^a me participe o novo comento.

A meu amo o sr. Marquês desejo toda a felicidade: o ano e as promessas dêle são muito para Deus as meter nas mãos de S. Ex.^a Eu o peço assim ao mesmo Senhor em todos os meus sacrificios, e que me guarde a pessoa de V. S.^a como desejo e havemos mister.

Coimbra, 23 de Março de 1665. — Cápelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXXIV

Ao Marquês de Gouveia (2)

1665 — Março 23

Ex.^{mo} Sr. — Diz-me V. Ex.^a que cada dia se vai emendando o tempo; mas V. Ex.^a nem emenda nem quer emendar, com que é necessária toda a minha fé para não entrar em desconfiança, apelando só para aquela cega propriedade do amor, que não tem olhos para ver erros. Ve-los-ão os inimigos e não lhe perdoarão, se o desastrado papel, antes da última mão, chegar às suas. Bem procurei prevenir

(1) As profecias no 4.^o livro, tido por apócrifo, e aproveitado pelos sebastianistas.

(2) No t. 3.^o da 1.^a ed.

êste inconveniente na recomendação do segrêdo; mas é dificultoso pôr leis a quem as dá (1).

Já confessei ao Padre Reitor que fôra melhor terem ido os primeiros cadernos que'aquele remendo, mas fiz eleição dêle pela matéria, pôsto que os pecados que se impu- tam à minha fé não cuido que são castelhanos. Emfim eu me pús nas mãos de V. Ex.^a, como V. Ex.^a me ordenou; a minha obediência será o meu escudo e as ordens de V. Ex.^a a minha defesa. Mas o amor e ódio ambos sentenciam sem vista, um porque a não tem e outro porque a não dá, e, quando me devera queixar do primeiro, beijo mil vezes a mão a V. Ex.^a pela mercê que me faz.

Mui bem está ao Vice-rei da Índia dilatar-se-lhe a par- tida para Setembro, que sempre será êste Março que vem; porque melhor é esperar no Pôrto ou em Lisboa que em Moçambique; mas, se o clérigo de Castela fala verdade (2), muitas voltas podem dar neste ano todas as resoluções, e muito haverá em que servir sem passar o Cabo da Boa Esperança. A minha é tão segura como sempre disse a V. Ex.^a; só temo que queira Deus dar alguma satis- fação à sua justiça, antes que chegue o dia das misericór- dias.

Bravo está o papel de Carracena; a algumas pessoas tem parecido suposto, mas eu o tenho por seu, e que se não fez em Portugal, salvo por pena castelhana; o estilo é da escola de Savedra, que foi companheiro de Carracena na dieta de Munster (3). Não sabia que era o conde de

(1) Referência à *História do futuro*. Supra, p. 143. *Última mão*, provavelmente a do Rei.

(2) Supra, p. 140.

(3) Diogo Fajardo Saavedra, plenipotenciário em Münster com Peñaranda, que Vieira novamente confunde com Caracena.

Penharanda que governou Flandres quando eu estive em Roma, ou quando me fez sair dela o Duque del Infantado: por sinal que se desculpou desta violência, que me fazia, com cartas multiplicadâs do mesmo Penharanda, que em todas as estafetas lhe escrevia me não consentisse ali, pelo conhecimento que de mim tinha do tempo que estivera em Holanda. Eu o não vi nunca nem êle a mim; mas estava na Haia um secretário seu. Assim se enganam os homens grandes com os pequenos: se eu fôra qual Penharanda cuidava, não me tivera El-rei de Portugal desterrado.

Mas tornando ao papel, êle fere o ponto, e muitos dias há que eu ouvi discorrer a V. Ex.^a sôbre o mesmo na varanda da quinta de Xabregas. Dos fins aos meios há muitas jornadas: as notícias da prevenção de Castela, e dos lugares assim da terra como do mar em que se fizerem, nos podem mais que tudo ensinar se devemos temer, e quê, e por onde. O que melhor que tudo me parece no papel é a arrogância em que parará tudo: toma por exemplo a David e fala como o gigante (1); pode ser que se encaminhe a funda mais à sua cabeça que à nossa. União e mais união, e Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 23 de Março de 1665. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Cf. a nota, p. 133.

CARTA LXXV

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Março 26

Senhor. — O portador me não dá lugar a falar muito com V. S.^a, nem as matérias são muito para papel, pôsto que são todas para penas. A minha maior é não me acabar V. S.^a de dizer que o Duque (2), que Deus guarde, é chamado e mui chamado a Lisboa; mas espero que o seja brevissimamente, porque: é possível que El-rei esteja tão endurecido, vendo sôbre si maiores portentos do céu e da terra, que os do Egipto? Ah, meu senhor, quanto temo que se nos aparelha um tremendo açoute, e que havemos de sentir primeiro os rigores da divina justiça do que cheguem as promessas da sua misericórdia! Assim é bem que sejamos emendados, já que não queremos emendar-nos.

Eu ainda não li as cartas de Lisboa, mas todas falam em felicidades e esperam triunfos, que é o maior sinal de fatalidades. Para mim o mais acertado juízo do cometa é o voto de N: N. Se os cometas, como tem provado a experiência de todos, anunciam ruínas de reinos, nem um reino há hoje na Europa que tenha disposições para uma grande ruína senão Portugal. Todos estão em paz e nós só em guerra; e pôsto que Castela a tem connosco, ela quer-nos conquistar e não nós a ela; ela pode perder um exército, e nós perdemo-nos.

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

(2) De Cadaval.

A resposta de Sabugal(1), ainda que seja mui bem discursada, não me alivia, porque esta questão há-de averiguar-se em campanha e não no gabinete, e nas fôlhas das espadas e não nas do papel. Digamos nós o que quisermos, o certo é que N. N. feriti o ponto e todos os pontos; e a melhor resposta é a prevenção, e a melhor prevenção a reconciliação do Rei com os grandes, e dos grandes entre si e de todos com todos; porque todos é bem conspiremos em um só corpo e em um só espírito, e que todos nos dêmos as mãos e os corações; e não será pouco, se bastarmos todos.

Torno a dizer que há-de fazer o temor e a necessidade o que fôra melhor que fizera a razão; mas temo que o faça mais tarde do que convinha, porque nos movemos mais pelo sentimento do que nos governamos pelo racional.

De mim só tenho notícia que mostra o valido estar-me bem afecto. A mudança para Santarém me não parece provável nem conveniente; só a de Lisboa aceitára para poder falar de mais perto e servir a V. S.^a com alguma eficácia; eu fizera no tal caso o que o mediador se não atreve a fazer, e tivera êle ocasião de aplicar os seus meios. Deus ordenará o que fôr melhor, que em tempos tão arriscados não é fácil acertar a eleger nem ainda a desejar.

Mais casamentos vieram na nau de Francisco de Melo, que o de El-rei(2). Também vieram casadas as duas províncias de Alentejo e Beira(3), cuja união se publicou em Lisboa

(1) Parece referência ao Conde de Sabugal, Conselheiro de Guerra e a discussão havida no Conselho.

(2) Francisco de Melo, Marquês de Sande, chegou de Inglaterra neste mês tendo ajustado o casamento de M.^{lle} d'Aumale, Maria Francisca Isabel de Sabóia, com D. Afonso VI.

(3) Da Companhia de Jesus. Separadas em 1654, por imposição de D. João IV, uniram-se novamente, formando como antes a província de Portugal.

dia de S. José, e aqui nesta mesma hora com grande aplauso de todos ; não há na Companhia outra vontade nem outro juízo mais que a obediência, com que tudo o que se manda, logo que chega a mandar-se, parece o melhor.

O padre António Barradas é o Provincial de tudo. Ainda que eu haja de fazer mudança, que não espero, não será sem fazer aviso e me avistar de vagar com V. S.^a etc.

Coimbra, 26 de Março de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXXVI

A D. Teodósio de Melo⁽¹⁾

1665 — Março 31

Senhor. — Acha-me esta carta de V. S.^a com três dias de cama, por ocasião de uma febre que, havendo entrado com grande rigor, não quer despedir de todo, pôsto que tem abrandado ; mas, assim pela experiência que tenho de mim, como pelas febres de ruim casta que estes dias têm dado neste colégio, de que actualmente estão três religiosos em grande perigo, não deixo de ficar com receio e cuidado, se bem os médicos ainda o não reconhecem.

Segundo os avisos de Lisboa parece que não há dúvida no casamento ; sôbre o tempo e modo em que há-de vir a Rainha não ouvi atégora nada. A conveniência da jornada de V. S.^a, por si mesma e por suas consequências, me parece muito para não desprezar da parte de V. S.^a, e para se prezar e estimar muito da parte de S. M. e seus minis-

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

tros; e aqui é que eu ponho toda a dúvida, pelas razões que a V S.^a são presentes, que não sei se se deixaram vencer facilmente de outro respeito.

Nesta ocasião se me representava a mim que era mais fácil conseguirem-se ambos os negócios que um só, por meio da reconciliação de toda a casa de V S.^a, e pela conveniência e autoridade dêste segundo (1); da jornada de V. S.^a se poderia introduzir o primeiro, da restituição do Duque que Deus guarde. Emfim, senhor, como seja por pessoa que guarde segredo ao segredo, não me parece que há risco em intentar.

Vai o papel de Carracena, que ficou da outra vez por erro, e com as cheias e tempos daqueles dias não achei quem o levasse logo, etc.

Coimbra, 31 de Março de 1665. — Criado de V S.^a

António Vieira.

CARTA LXXVII

A D. Teodósio de Melo (2)

1665 — Abril 12

Não estou capaz de ditar duas regras ao Duque meu senhor, de quem me vejo favorecido com tão repetidas demonstrações: V S.^a me há-de fazer mercê de suprir os

(1) Os dois negócios seriam: o regresso do Duque de Cadaval à côrte, e o seu consórcio com a infanta D. Maria, filha natural de D. João VI, recolhida no convento de Carnide. Anos depois, quando em Roma, ainda Vieira recomendava êste projecto.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

defeitos e affectos desta minha incapacidade, de modo que a S. Ex.^a seja presente quanto estou sempre a seus pés com toda a alma, e a estimação que ella faz de tanto favor.

A doença começou dia de Ramos, e os remédios, por mal conhecida, começaram dia de Páscoa; e de então para cá nenhum dia houve sem martírio, e quasi todos de sangue. Falta-me Sanfins, que está anojado por morte de sua mulher; outros dois que aqui vêm asseguram que não é doença de perigo, pôsto que seja de moléstia, e me prometem que antes do fim do mês poderei ir buscar a convalescença a Vila Franca, com que eu muito me alento, pela esperança de poder ver a V. S.^a daquela parte, como avisarei a seu tempo, se Deus me fizer tanta mercê.

Do novo governador da casa de S. A. tinha eu já noticia, e por boas vias, de que o dito senhor não estava satisfeito do casamento (1), nem ainda inclinado a tomar estado, e que era ponto este que dava muito cuidado, e sobre que se fizera um largo conselho em quarta feira de Trevas, em que, além do valido e Secretário de Estado, entraram somente Atouguia, Arcos e S. Lourenço, com o embaixador Sande. De tudo se infere que o Marquês de Gouveia não está tão admitido como se cuidava; antes se afirma que ficava acomodado à sua quinta para ir passar nella a primavera.

Atégora não há mais efeitos de Marte que a empresa de Valença, com mau principio de campanha para os castelhanos (2), de cujos aprestos por mar e terra continuam

(1) Com M.^{llo} de Bouillon, sobrinha do Marechal de Turenne, que o Marquês de Sande tinha ajustado em França.

(2) A 20 de Março tentaram os castelhanos recuperar Valença de Alcântara, sem effeito, sendo comandante das tropas o Príncipe de Parma.

as notícias ; se estas são verdadeiras, podê-lo-á ser o justo receio dos zelosos.

O discurso de Carracena (1) também o pode ser, pôsto que o estilo seja tão alheio do com que costumam e devem falar aqueles homens. Para tudo se me representava fazer a praça de armas em Lisboa, alojando o exército de uma e outra parte do Tejo, com que se acudia a Setúbal, Lisboa e mais vizinhos, podendo-se unir facilmente todo o poder, e aplicar-se à parte onde a ocasião o pedisse. O certo é que o falar com V. S.^a, ainda de tão longe, alenta, porque, nem tresvariando, me pareceu que pudesse falar tanto, etc.

Desta enfermaria, 12 de Abril de 1665 — Criado de V S.^a

António Vieira.

CARTA LXXVIII

Ao Marquês de Gouveia (2)

1665 — Abril 13

Ex.^{mo} Sr. — Espero que o Padre Reitor de Santo Antão haja dado notícia a V. Ex.^a da causa por que não pude escrever nos dois correios passados, como encomendei a meu companheiro (3) lhe escrevesse: agora que me acho com mais algum alento, quero dar conta de mim a V. Ex.^a, pôsto que as novas não sejam de haver passado tão bem a festa como V. Ex.^a me desejava.

(1) O Voto citado atrás.

(2) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(3) Padre José Soares.

A doença começou em dia de Ramos, e, pelo muito dó que têm de mim estes médicos, dilataram os remédios até dia de Páscoa, os quais continuam até hoje com diferentes martírios, quasi todos de sangue; falta-me Sanfins, porque lhe faltou a mulher um dia destes, e assim estou pôsto nas mãos só do nosso Vale, o qual não reconhece perigo na enfermidade, pôsto que a febre não despega, e nesta vizinhança da enfermaria, depois que estou na cama, morreram dois, e o terceiro está perto disso, não sendo os anos de todos três tantos como só os meus. Bemdito seja o Senhor, que me mostra nestes exemplos quão grande é a mercê que me faz, ainda quando passo com queixas.

Grande alívio é para mim, em todo o estado, saber que V. Ex.^a goza a saúde que a V. Ex.^a desejo, ainda que no officio das Trevas não se ouvissem no paço as lições de V. Ex.^a(1). As cinco vözes que as cantaram me parece fariam grande consonância, como tão escolhidas; mas estou certo que muito melhor será ouvir V. Ex.^a os rouxinois das ribeiras do Tejo, que é o que o mundo não sabe invejar, e o que Deus dá a lograr aos que mais ama. Se a matéria é buscar o meio com que concordar a vontade, que se mostra menos afeiçoada a êste estado, ainda me alegro mais de V. Ex.^a não dar voto nela; porque, entre todos os sacramentos, não é tão certo o arrependimento no da penitência como no do matrimónio, e o pesar ou pesares abrangem mais que os contraentes: emfim a Santa Madre Igreja não quer nesta matéria cousas clandestinas.

O cometa, depois que se desencontrou da lua, dizem que tem mostrado muito maior grandeza: alguns o têm

(1) Em quarta feira de Trevas se tratou o assunto do casamento de D. Pedro, faltando ao conselho o Marquês. Veja-se a carta antecedente.

por diverso ; mas o mais certo é ser o mesmo, e que desapareceu os dias passados por fazer o curso de dia neste nosso hemisfério. De qualquer sorte que seja, a duração ou repetição é fatal, e não se viu outra semelhante sem mui notáveis efeitos.

Por Portalegre chegou aviso dos castelhanos haverem intentado tomar Valença por empresa, e que faziam grandes aprestos de mar e terra : se os do mar forem certos, e ainda não o sendo, ocorreu-me entre os tresvarios da febre que a praça de armas este ano devia ser Lisboa, alojando-se o exército de uma e outra banda do Tejo, com que ficava defendida a mesma Lisboa, Setúbal, Peniche, Cascais e todos os outros lugares de desembarcação, podendo-se unir facilmente todo o exército, e aplicar-se à parte onde o pedir a necessidade, depois de conhecido o intento do inimigo. Mas de Lisboa nos avisam que lá não há pensamento de inimigo nem de guerra.

Livre-nos Deus da dos médicos e sangradores, e a V. Ex.^a guarde Deus muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 13 de Abril de 1665. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vigira.

CARTA LXXIX

A D. Rodrigo de Meneses(1)

1665 — Abril 13

Senhor. — Por via do padre João Pimenta, procurei se desse conta a V. S.^a da causa por que faltei com carta : eu senti a doença dia de Ramos, os médicos dissimularam

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

os remédios até dia de Páscoa, e de então para cá continuam as sangrias dos pés com outros martírios. Faltou-me o doutor Sanfins por morte de sua mulher. Outro médico que nos cura, que não é de grande fama, entende que o mal, pôsto que dê moléstia, não será de perigo; mas, depois que estou na cama, morreram nesta enfermaria dois, e está para morrer terceiro, de doenças muito breves, e são mais só os meus anos que os de todos três; os tempos vão terríveis e o cometa, ou seja outro, ou o mesmo como se cuida, não deixa de ameaçar. Estimo eu muito que V. S.^a e meu amo o sr. Marquês passem com a saúde que havemos mister.

A primavera se apressou a secar a campanha mais do que se cuidava; e se os âprestos do inimigo, como por cá sôa, forem também marítimos, não se me daria a mim nada que S. Ex.^a se detivesse muito em Lisboa, e os alojamentos do exército fôssem nos arredores dela, de uma e outra parte do Tejo, com que a cabeça do gigante (1) e todos os lugares de maior perigo ficavam seguros, e quando o inimigo tivesse outro intento, parece se podia acudir de ali tão prontamente como de qualquer outra parte. Perdoe V. S.^a êste delírio, que é de quem já começa a sentir os princípios do crescimento.

Das negociações da embaixada de Inglaterra e França nem [do?] embaixador tenho notícia alguma, nem o estranho, porque os tempos não são sempre os mesmos; só ouço por várias vias que alguns dos desposados (2) se não contentam muito do contratado ou do oferecido, que também não sei debaixo de qual dêstes nomes se encobrem os mistérios deste segrêdo.

(1) Alusão ao Voto de Caracena.

(2) O Infante D. Pedro.

Deus nos escolha em tudo o melhor, e a V. S.^a guarde muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 13 de Abril de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXXX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Abril 26

Senhor. — Muito estimo que V. S.^a haja passado com bem o trabalho da semana santa; e, se êle foi tão grande como se escreveu por muitas vias, ainda é mais para estimar, e seriam as Páscoas verdadeiramente tão alegres como eu as desejei a V. S.^a (2).

As minhas continuam como começaram: ontem foi o dia 21 da doença, e hoje não é ainda o primeiro da me-

(1) Do t. 1.^o da 1.^a ed

(2) Do *Portugal Restaurado*, P. II, Liv. X: «Ao dia seguinte (sábado de Aleluia) saiu El-rei da missa, chamou à sua câmara Simão de Vasconcelos e D. Rodrigo de Meneses, e o Secretário de Estado que lhes disse que El-rei lhes ordenava reduzissem o Infante a aceitar o casamento, que se lhe havia proposto, advertindo-lhes que, se não conseguissem o que lhes mandava, se daria por mal satisfeito do seu procedimento». Referindo os dois ao Infante o que havia passado, êle «resolutamente mandou a El-rei o desengano de que se não havia de efetuar o casamento». Já na sexta feira santa tinha havido na tribuna da Capela real uma scena violenta entre D. Afonso VI e o irmão, a propósito do mesmo assunto. Talvez a isso, e às diligências de D. Rodrigo para acomodar o ressentimento de D. Pedro, queira aludir Vieira.

lhoria. Esperamos por Sanfins para se resolver o modo que se há-de tomar na cura. Não era por certo êste o tempo em que eu menos houvesse de sentir o ver-me assim impedido, mas é bem que se faça a vontade de Deus e não a nossa.

As doenças vão picando e fazendo se malignas. Conserve Deus a V. S.^a a saúde que havemos mister, que nas que importam tão pouco menos é ainda o que se perde. Verdadeiramente que não eram estes anos, em que entramos, para morrer.

Ontem afirmou um cónego desta sé, Manuel dos Reis de Carvalho, que na véspera do dia, em que o cometa voltou a cauda para o Oriente, o vira êle e toda a sua familia correr com grande pressa para o lugar onde estava a lua, e meter a cauda pelo meio dela, e que êste tão extraordinário movimento fôra tão apressado e sensível, que o distinguíam e notavam claramente os olhos. Dizem-me que é pessoa digna de toda a fé. De Lisboa se escreveu neste correio chegara por via de Itália que o Turco tinha quebrado a trégua: se é verdade, tudo são disposições muito próximas do que se espera.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos como desejo.

Coimbra, 26 de Abril de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXXXI

A. D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Maio 4

Senhor. — Ainda não posso dar a V. S.^a tão boas novas, como creio V. S.^a deseja, desta minha terrível pensão que todos os anos pago a Coimbra. Mas agora se aparta de aqui o doutor Sanfins, e me afirmou que estava sem febre, pôsto que esta noite não faltou o costumado crescimento; mas a mim me basta que não seja habitual, que é o que mais temo, pelo hábito em que está êste Colégio de degenerarem nêle as febres em tísicas e écticas. V. S.^a me ensina a me conformar em tudo com a vontade de Deus, e assim procuro de o fazer.

Muito estimei ouvir da bôca de V. S.^a o ponto do sermão da semana santa, e a resposta de V. S.^a à proposta dêle. Emfim o juízo de V. S.^a sempre e em tudo é o mesmo; assim o tivera Portugal por piloto em todas as suas tempestades.

Grandes prodígios se referem de perto e de longe. De Melgaço vi carta de um notável meteoro que, correndo da parte de Valença do Minho, e durando por muito espaço, se desfez sôbre Galiza em raios e coriscos: era de figura de uma espada de côr verde e amarela, que saía de duas nuvens, uma branca e outra vermelha, e com a mesma figura foi visto em outras partes. No colégio dos Tomaristas desta cidade se viu depois de meia noite um globo de fogo, que nascia na parte do Sueste, e subia por espaço

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

de duas ou três horas até se desfazer, e continuou algumas noites. Em Guimarães vomitou um homem enfermo um dragão com duas asas, de comprimento quási de um côvado; da cabeça até o meio largo de dois dedos, vermelho e escuro; do meio para a cauda mais delgado e de côr parda. De Roma se escreve houve três dias de névoas tão espessas e escuras, que se não viam os homens nem os edificios, e que as trevas eram palpáveis como as do Egipto. Tudo são sinais e prodígios que solenizam as vésperas do ano fatal (1), por cujas maravilhas nenhum há já tão incrédulo que não espere.

Espero eu que à pessoa de V. S.^a e do sr. Marquês, que Deus guarde, há-de caber uma grande parte das felicidades, como instrumentos mui principais das do nosso reino, para que Deus tem guardado a corôa de todas. Sua Divina Majestade e misericórdia se esqueça de nossos peccados e no-las deixe ver, e a V. S.^a guarde Deus muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 4 de Maio de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira

CARTA LXXXII

Ao Marquês de Gouveia (2)

1665 — Maio 4

Ex.^{mo} Sr. — Beijo a mão a V. Ex.^a muitas vezes pelo crédito que V. Ex.^a tem da minha fé, e não estimo menos

(1) 1666, segundo os prognósticos.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.

o desencontro, com que na carta do correio passado tinha eu desejado, para o desengano da minha febre, o mesmo aresto em que V. Ex.^a me fala nesta última que recebi. Sanfins acha febre, Vale diz que não acha, e ambos depois de esgotada toda a sua sciência, que vem a ser sangrias e purgas, tratam de me mandar esta semana para Vila Franca, que é a Telha dêste nosso Colégio, onde vão acabar os navios velhos e apodrecer os novos(1). Quási com o mesmo pensamento têm mandado ao Reitor da Universidade para junto à mesma quinta, cuja vizinhança servirá de haver algum médico dos que lá forem, que nos queira levar de caminho, emquanto Deus não leva.

O Padre Reitor de Santo Antão haverá dito a V. Ex.^a a resposta que lhe deram na Ribeira das naus(2), tão resoluta e tão sêca como sempre a presumi; e, em suposição dêste desengano, julgo por inútil a explicação ou interpretação do favor que o Padre Provincial podia pedir, o qual se virá a resolver em mais ou menos um companheiro que ajude a escrever; o mais se pode remediar sem autoridade nem valia de fora, se Deus conceder saúde para a continuação da obra; e, quando a primeira parte dela esteja acabada, que poderá ser sem grande dilação, então se podia pedir abertamente a licença para o prelo, etc. (3).

Saem por esta banda novos prodígios. Em Guimarães vomitou um doente um dragão de quási um côvado de comprimento, com duas àsas, e grossura até o meio de dois dedos,

(1) Telha: lugar na margem Sul do Tejo, onde havia estaleiros e oficinas navais.

(2) Dariam para aí os aposentos do Conde de Castelmelhor, os mesmos que tinham sido do Príncipe D. Teodósio. Cf. *História Genealógica*, t. 7.^o, p. 377.

(3) Não se pode saber se o sinal *etc.* é da própria carta, ou indica, como de outras vezes, a mutilação do texto, todavia mais provável.

e côr vermelha escura; de ali para a cauda menos grosso e de côr parda. Disse-me Sanfins que o vira pintado, e com certidão de médico jurada ao pé. Outra carta vi, de pessoa digna de fé, escrita de Melgaço em que diz apparecem naquelas partes muitos sinais horrendos, de dia e de noite, que não especifica; só refere que no dia 16 de Abril, ao sair do sol, apparecera um raio de côr verde e amarela, o qual se remata em duas nuvens pequenas, uma muito branca e outra muito vermelha; e, correndo por grande espaço para a parte interior de Galiza, últimamente se desfizera sôbre ela em raios e coriscos de fogo.

Aqui em Coimbra se viu também por algumas vezes um globo de fogo para a parte do Sueste, que nascia à meia noite e se ia levantando de vagar, e durava pôr espaço de duas ou três horas; mas, se o que se escreve de Roma é verdade, eu o tenho por maior prodígio de todos. A carta que o refere é de um portuguez que está naquela curia, chamado Fernão Lopes de Sousa; e diz que nela houve por três dias uma névoa, tão espessa e tão escura que se não viam os homens nem os edificios, e que as trevas eram palpáveis como as do Egipto.

Outra carta diz que o cometa se teme lá muito, e que demostra muito maior cauda, e que a Rainha de Suécia, com dois grandes matematicos que tem, o observa sempre, mas não se fala no juízo.

Deus se lembre da sua Igreja e do nosso reino, que também é seu, e a V. Ex.^a guarde muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 4 de Maio de 1665.

Depois dê escrita esta veio Sanfins, e afirma que não havia febre. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA LXXXIII

A João Nunes da Cunha (1)

1665 — Maio 6

Senhor. — Não podia V. S.^a ter mais certas novas do estado de minha saúde, que a falta de as haver procurado de V. S.^a nos dois correios passados. Mas ontem foi Deus servido que o doutor Sanfins me achasse livre de febre, com que nos persuadimos ser intermitente e não habitual, que é o que mais se teme nesta cidade e colégio, onde a éctica e tísica parece que têm feito o seu assento. Não cessam contudo os crescimentos de todos os dias, para cujo remédio, depois de experimentados todos os outros, se me receitam agora os ares de Vila Franca. Deus, com cuja vontade me desejo conformar sempre, não depende de lugares; êle fará o que fôr servido, e se me conservar a vida para ver chegar à Europa as vitoriosas bandeiras do Oriente, não serei eu o que com menor affecto e aplauso celebrarei sempre os triunfos de V. S.^a

Antes dêles nos têm em grande suspensão os sucessos da guerra dêste ano, para cuja operação ainda em Maio não estão eleitos os cabos, pôsto que há dias continuam as levas, mas todas por esta parte de meninos, que mais

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed. Impressa como sendo para D. Rodrigo de Meneses, o que evidentemente é êrro, e se verifica pela análise interna. D. Rodrigo não se encontrava no Pôrto, nem o tocava a referência às bandeiras do Oriente, alusão ao govêrno da Índia. Ambas as circunstâncias convêm, pelo contrário, a João Nunes da Cunha, nomeado Vice-Rei.

parecem vítimas de Herodes que defensores de Portugal.

Das prevenções de bastimentos tirados dos assentistas, é tal a opinião dêste ano como foram as experiências do passado. França nos tem socorrido só com os casamentos(1), de que também se escreve de Lisboa o que V. S.^a me diz; mas ontem chegou nova (não sei se é certa) de que temos novos provimentos ou nomeação de bispados, sôbre que V. S.^a fará o discurso que eu não sei entender.

Os prodígios continuam, e não são menores os de Roma, de onde se escreve houve três dias de trevas palpáveis como as do Egipto, com o que o céu e a terra parece começam a solenizar as vésperas e expectação do ano de 66.

As novas de Castela são várias, que umas nos prometem muita guerra, outras nenhuma. V. S.^a me fará mercê dizer, como sempre, o que devo crer, e também folgarei saber se estas duas naus de Inglaterra, unidas em uma, que dizem entrára nesse Pôrto, são na forma que de lá se pintam, e se passa um barco por entre os costados de dentro, e em que parte tem os mastros e quantos são, e com quantos lemes se governa.

Deus nòs dê um tão seguro e com tão bons pilotos como havemos mister, e guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Coimbra, 6 de Maio de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) De D. Afonso VI e D. Pedro, em projeto.

CARTA LXXXIV

A D. Teodósio de Meio (1)

1665 — Maio 8

Senhor. — Faz hoje quarenta dias que estou de cama, e pôsto que alguns médicos dizem ser êste o período desta casta de febre, os crescimentos crescem, e ela promete continuar: contudo antes desejo a conformidade com a vontade de Deus que a saúde; e pelo cuidado tão repetido que V. S.^a tem dela, e pelo excesso da mercê que me faz, beijo a V. S.^a mil vezes a mão.

Da resposta ao Voto de Carracena ouvi já falar, e agora verei o que diz Mercúrio, reservando o juízo para quando seus discursos vierem emendados nos papéis que espero com sumo alvoroço. Em ocasião estamos que se poderá lograr mui bem o acêrto dêles, e em que fôra muito melhor que seus próprios autores os reduzissem à praxe; mas se o estrondo, com que ontem aqui rebentaram as novas do poder, que Castela tem sôbre Alentejo, é verdadeiro, brevemente fará êle puxar por todos e por tudo, e se deverá à necessidade e à fortuna o que os homens não quiseram que se agradecesse à razão. Nós estamos, segundo se escreve, mui desarmados de toda a prevenção de dentro e de fora; e com uma invasão tão repentina não deixará de haver grande perturbação e confusão, que é o que mais temem os que amam isto. De Schomberg se escreve que irá a Alentejo, e que os seus franceses em Estremôs inten-

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

taram certa acção, não só de menos obediência mas de pouca fidelidade.

Da carta que se há-de interpretar não espero cousa efectiva, pelas razões que representei ao enviado de V. S.^a, as quais concorrem igualmente na jornada de França, que se entende será do Marquês de Sande, e que só a poderá pleitear o Conde de Atouguia, a título de general e de haver de trazer a Rainha na sua capitania; mas veremos primeiro como se julgam os embargos, que a tudo nos querem pôr os castelhanos nesta campanha.

Poderá ser que ela dê sentença a tudo, e que seus accidentes e conseqüências causem grandes mudanças em Portugal e em todo o mundo. Constantemente se afirma que o segundo casamento está desfeito por parte do desposado (1), e que já se não insiste em o quererem persuadir; Deus dê aos nossos príncipes e a todos a união que havemos mister.

Os prodígios continuam, e não é menor haver suado sangue uma imagem de Nossa Senhora junto a Tôrres Novas. Assim me o refere pessoa digna de toda a fé, que viu a relação escrita por um religioso ao Provincial da Trindade.

Também eu desejo muito fazer romaria a Santo António dos Olivais (2), mas não poderá ser dêste lugar, senão de Vila Franca, cujos ares me têm receitado os médicos, quando as fôrças me derem lugar a poder sair daquele sítio. E para que V. S.^a veja quão necessário é jogar a esconder, e recatar dos olhos não só às pessoas próprias senão às dos embaixadores, neste correio me avisaram se dissera logo em S. Roque os que a esta casa tinham vindo,

(1) Do Infante D. Pedro com M.^{lle} de Bouillon. Supra, p. 151.

(2) Arrabalde de Coimbra.

e a mercê que o Duque que Deus guarde e V. S.^a me fazem; acrescentando que esta notícia, se chegasse a outra parte, poderia atrazar muito o estado em que o negócio da minha restituição estava.

Desta restituição e dêste negócio, pelo que a mim me toca, faço eu o caso que a V. S.^a é presente; mas nêstes últimos dias se puxou muito, e por muitas vias, por aquele fio do ano passado (1); e, sendo obrigado por obediência a mandar uns cadernos, resultou da vista dêles mandar S. M., por um decreto do Secretário de Estado, que o Padre Provincial me assistisse com tudo o que me fôsse necessário para a continuação e breve conclusão da obra; mas Deus, que me pôs nesta cama, parece que tem decretado outra cousa. Quando êle se sirva de me dar alguns alentos, eu terei cuidado de avisar a V. S.^a, e de empregar os primeiros no encontro daquela romaria que tanto desejo. Fiar-se-á das árvores e do seu silêncio o que não sabem ver e calar os homens.

Ao Padre Manuel Luís remeterei com toda a segurança as lembranças de V. S.^a, que êle estimará quanto merecem. Aceitou a divisão (2) com tanta alegria e aplauso como todos, e na congregação, que agora se ajuntou em Lisboa, poderá ser que esteja hoje eleito em Procurador para Roma, por ser entre todos a pessoa de que se escreve terá mais votos.

Ao Duque, meu amo e senhor, beijo a mão muitas vezes, e não posso deixar de dizer a S. Ex.^a e a V. S.^a: *Respicite et elevate capita vestra, quoniam appropinquat re-*

(1) Depreende-se haver desde então na côrte curiosidade pela *História do Futuro* em composição.

(2) Quere dizer a reunião das províncias da Companhia. *Supra*, p. 148.

demptio vestra. Muito haverá que ver em pouco tempo, etc.

Coimbra, 8 de Maio de 1665. — Criado de V. S.^a

_____ *António Vieira.*

CARTA LXXXV

A João Nunes da Cunha (1)

1665 — Maio 13

Senhor. — As melhores receitas para mim são sempre as cartas de V. S.^a, pois só nelas acho certo o alívio, e em todas as outras até agora tenho experimentado tão pouco remédio que, com cada um dos que me aplicam, cresce e empiora o mal; e este é o estado em que fico, quasi com cinquenta dias de cama.

Começou a doença dia de Ramos em uma sezão declarada, e depois ficou em uma terçã notha, com os crescimentos nocturnos que, por não serem reconhecidos dos médicos, e as águas mostrarem cozimento, me deixaram passar oito dias sem aplicar remédio. Ao cabo dêles foi o primeiro umas sanguessugas; e, porque este não aproveitou, me deram quatro sangrias nos pés, e no dia catorze uma purga, com que se acrescentou a febre, que ainda se não julgava por contínua; ao dia dezoito se applicou contra esta outra sangria de pé, e nada mais até o dia vinte e sete, em que houve nova purga sem melhoria. Continuei depois com uns xaropes de frango e raízes diu-

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed. Impressa como para D. Rodrigo de Meneses.

réticas, com que no dia quarenta e um e no seguinte me deram duas sangrias nos braços, havendo já muitos dias que a febre mui conhecidamente não despede, e os crescimentos duram toda a noite, ocupando toda a tarde antecedente os correios dêles, que não passam de bocejos e extremidades frias.

O maior receio é de que a febre ou se faça ou seja já habitual, e de que a debilidade do sujeito fique incapaz de outros remédios, por quanto se viu últimamente que o sangue era todo dessorado, que foi causa de pararem com as sangrias; mas as águas sempre perfeitas na côr e sedimento.

Desta informação tão miuda julgará V. S.^a o conceito que eu tenho da medicina e boticas de V. S.^a, não sendo necessária mais prova que dizer-me V. S.^a tem dado alguma aplicação a esta sciência, e conforme a ela espero a direcção de V. S.^a, para se seguir neste particular como em todos.

Não me diz V. S.^a nada do segundo cometa ou repetição do primeiro: cada dia se fala em novos meteoros, vistos nestes arredores a diversos tempos do dia e da noite. O maior de todos para mim é o arsenal do Turco, que também temo seja o açoute da Itália, pelo muito que concorda com todas as escrituras, ainda canónicas.

A descrição da nova fábrica da nau inglesa admirou a todos, e é um dos grandes monstros da arte (1).

As novas de Castela dizem com a cópia que me veio neste correio de Frei Lucas de los Angeles. Folguei de ver por ella que estivessem seus trabalhos aliviados. Caracena e Marcim são chegados a Badajós; mas ainda há quem creia e aposte que não teremos campanha.

(1) Supra, p. 163.

Não pude falar com o impressor Manuel Dias, mas busquei pessoa de autoridade que lhe falasse. Sôbre tudo dificulta a brevidade, e mal vem em prometer que poderá dar a obra acabada para Setembro, dando-se-lhe os originaes por todo êste mês. Não tem papel, e diz que o há-de mandar V. S.^a; nem se pode fazer o preço sem se saber a qualidade da letra e o número dos volumes, e se hão-de ter margem ou não, e se hão-de ser em quarto ou noutra forma. O que eu mais receio é a perfeição, para que, quando me parecia que poderia imprimir alguma cousa, só a de Évora me contentava, ou discontentava menos; e é esta a impressão que eu inculcara a V. S.^a, se não temera o impedimento da guerra, e em Coimbra me não vira no estado em que estou, porque sempre aproveitariam muito os escrúpulos da minha má condição, se eu pudera assistir à fôlha (1). Mas em tudo me mortifica Deus: se êle fôr servido de dar a saúde, um dos motivos por que muito a estimarei será para poder servir a V. S.^a em alguma cousa de seu gôsto, ainda que tão pequeno.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 13 de Maio de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) João Nunes da Cunha publicou em 1666: *Panegyrico ao senissimo rei D. João IV, o restaurador lusitano, e Epitome da vida e acções de D. Pedro, entre os reis de Castela o primeiro dêste nome*; ambas as obras impressas por António Craesbeeck, às quais provavelmente alude o texto.

CARTA LXXXVI

A João Nunes da Cunha (1)

1665 — Maio 20

Senhor. — Tomara eu ter muitas palavras, com que poder declarar a V. S.^a a estimação que faço do affecto e repetidas finezas, com que o cuidado de V. S.^a solicita minha saúde. Mas o silêncio, e o coração que V. S.^a tão bem conhece, me desempenharão melhor dêste desejo e obrigação: e assim peço a V. S.^a se sirva de entender destas regras o que com nenhuma letra se pode dizer.

Faltou-me carta de V. S.^a às horas ordinárias do correio; e, quando já me compunha com saber por outra via que não havia motivo de cuidado, que pudesse ocasionar esta falta, se dobrou o sentimento dela com a notícia de que a carta se perdera. Assim o diz uma mulher que trouxe ontem à noite a esta casa a caixa de que V. S.^a me faz mercê, que reconheci pelo sinete dos lacres, e muito mais pelo que trazia dentro, que tudo chegou a salvamento, exceptas as partes líquidas, que, sem quebrar o vidro, padeceram algum naufrágio; em tudo se vê e reconhece o amor de V. S.^a, e quão grande e verdadeiro é o que assim supre as distâncias, e de tão longe aplica os remédios. Eu os tenho suspendido até novo aviso de V. S.^a, porque não sei o tempo nem a quantidade em que a triaga se deve tomar, que V. S.^a me fará mercê dizer, e juntamente quais são as águas em que se há-de fazer a infusão dos pós. A

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed., para D. Rodrigo de Meneses.

febre e os crescimentos continuam na mesma forma, e amanhã me mandam para os ares de Vila Franca; mas dá-me Deus o sentir que do Pôrto me há-de vir ou tem já vindo o remédio, e que a V. S.^a, depois da sua Divina Providência, hei-de dever a saúde.

De Lisboa nos certificam ser chegado a Badajós Caracena, e que tem dois mil infantes e novecentos cavalos, posto que acrescentam que no paço não só se não crê este número, mas se sofre mal dizer-se que o inimigo tem grande poder. Também me escrevem que há-de sair em campanha aos 21: deve ser pela devoção de quinta feira. Mas, se estamos tão bem prevenidos como V. S.^a me dizia, pode ser que a festa do Corpo de Deus seja da serpe (1).

Ontem ouvi que se tornara a ver o cometa, cuja duração vai excedendo a todos os exemplos que houve depois de Cristo, excepto somente o da destruição de Jerusalém. Lembre-se Deus de Roma, que pasmo de ver como todas as disposições se concertam com o que se lê nas escrituras.

O que agora me deixa com maior cuidado é não saber o que V. S.^a me diria na sua, e que fôsse dar em mão alheia, de algum intérprete malévolo que queira descobrir mistérios onde os não há. É certo me tem em não pequena confusão considerar que uma carta de V. S.^a se houvesse de perder tanto sem propósito. Mas dizem-me que ao correio sucederam outros desastres, que fazem este mais digno de perdão, o qual eu peço com todo o encarecimento a V. S.^a, e que o pobre homem por esta causa não padeça moléstia, para que a obra de misericórdia, que

(1) A serpe era um dos emblemas conduzidos pelos mesteres na procissão, e representava a tentação de Eva.

V. S.^a faz aos enfermos, seja por todas as circunstâncias de misericórdia.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 20 de Maio de 1665. — Capelão e menor servidor de V. S.^a

António Vieira.

CARTA LXXXVII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Maio 31

Ex.^{mo} Sr. — Muitos dias há que falto com carta a V. Ex.^a, e não é por haver mudado de condição com a mudança do sítio, senão por haver crescido tanto a enfermidade, antes e depois da diferença dos ares, que nem para êste alívio me deixa lugar nem alento.

No princípio desta semana se resolveram os médicos, em claustro pleno, de tomar outro caminho na cura, com que agora vou continuando; mas, para descansar de sessenta dias de cama e febre, serão necessárias mais fôrças que as com que eu me acho, que verdadeiramente são já debilitadas.

No dia desta resolução tive eu ventura de ver nesta cela ao sr. D. Diogo (2), que houve a boa estreia, e se a imaginação tiver tanta eficácia para os remédios, como tem para a enfermidade, posso esperar que me não faltará o da presença de V. Ex.^a, que tenho experimentado tão verdadeiro e affectivo.

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) D. Diogo da Silva, irmão do Marquês.

Pelas novas da saloia de Sacavem beijo mil vezes a mão a V. Ex.^a: sempre são para mim grande mercê, e no estado presente é a maior obra de caridade, pois não há nêle outro alívio. V. Ex.^a tem tão boas eleições no campo como na côrte; porque a saloia, sôbre falar sempre ao certo, é discretissima, e com tão boa conversação bem se podem suprir as distâncias de Lisboa.

As notícias da armada se verificam por toda a parte, e, ainda que os galeões não excedam o número que concede Mercúrio, são bastantes ossos para formarem um corpo que nos dê grande cuidado. Eu me persuado cada dia mais que o golpe há-de ser à cabeça (1), e tomara ver mais perto dela o escudo que só o pode reparar. Querêr Deus que me engane; mas creio que não erro em folgar de ver a V. Ex.^a para a parte de Sacavém, onde os accidentes que pode trazer o tempo não chegarão tão facilmente.

Amanhã entramos no mês de Junho: queira Deus que saíamos dêle com a mesma paz em que estamos, pôsto que Julho não é menos acomodado para a guerra marítima. Tudo parece que se vai armando ao cumprimento das esperanças que, ainda que tenham no princípio algum susto, nem por isso serão menos certas. Ditosos os que tiverem vida para as verem. Mas são elas de qualidade que também no céu se hão de festejar.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 31 de Maio de 1665. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Alusão ao Voto de Carracena, p. 139, cuidando Vieira que os castelhanos viriam acometer Lisboa por mar.

CARTA LXXXVIII

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Junho 7

Senhor. — Porfia a minha doença com as minhas saudades, e, pois não posso vencer a primeira, rendo-me a que elas se vençam com o trabalho de V. S.^a

Estes dias não avisei, porque quasi todos os dêste sítio têm sido de medicamentos, que levam as mais horas dêles, com serem tão grandes. O dia de amanhã é livre desta pensão, e também espero que o seja de visita do Reitor da Universidade, que vem aqui algumas vezes e veio ante-ontem. V. S.^a o disporá como fôr servido, com tanto que não seja sábado, porque é dia que vem a comunidade à quinta.

As minhas saudades dizem que quanto mais cedo melhor, e se vier diante dar recado quem acompanhar V. S.^a, haverá cautela para se evitarem alguns olhos, quando não sejam todos.

Ao Duque meu senhor beijo as mãos muitas vezes, a cujos pés e aos de V. S.^a estou sempre. *Veni, Domine, et noli tardare.* Etc. (2).

Vila Franca, 7 de Junho de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) No t. 2.º da 1.ª ed. Resposta a carta em que D. Teodósio propunha ir visitar Vieira a Vila Franca.

(2) Assim no impresso.

CARTA LXXXIX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Junho 8

Senhor. — Sôbre o mal que padeço, me não affige menos o cuidado de V. S.^a, e não poder dar a V. S.^a tão boas novas de mim como sei que V. S.^a as deseja. Por ora me contento com as não dar piores.

O médico o tem a bom sinal, em consideração de se não aumentar a febre com quatro purgas e outras seis beberagens, com que me tem martirizado a fio estes dez dias; só na sêde experimento grande excesso, com que estes compridissimos dias se fazem mais compridos, bastando para o serem a ânsia com que esperamos as novas de Alentejo, que quererá Nosso Senhor sejam quais eu mais que todos desejo, pelo muito que vai empenhada nelas toda a casa de V. S.^a

É bom anúncio a grande confiança em que todos estão de que o sr. Marquês, que Deus guarde, não deixará fazer progressos ao inimigo naquela província; com que todos os receios vêm a ser da armada.

Mas agora nos dizem que temos outra de França, engastada entre as tôrres dêste rio. Miserável estado é haver de temer igualmente os inimigos que os amigos! Deus dê aos nossos conselheiros a grande luz, que nêstes casos é necessária para defender de uns e não ofender outros.

V. S.^a me fará mercê de me não faltar com novas suas,

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

que é o único alívio dêste meu trabalho, e Deus me guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 8 de Junho de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XC

A D. Rodrigo de Menezes (1)

1665 — Junho 15

Senhor. — Começando pelo fim da de V. S.^a, também eu tivera grande alívio, e com muito maior razão, em falar espiritualmente com V. S.^a, muito de vagar e à minha vontade; e, como neste mundo não há espírito sem corpo, também poderia ser que das matérias espirituais se passasse a alguma temporal ou do tempo. O certo é, senhor, que êle vem chegando, e que os sinais do céu e as disposições da terra prometem que não pode tardar muito.

Os mistérios do exército de Badajós têm introduzido o teatro dêste ano com notável suspensão e expectação; e se a armada, em que topam os discursos todos, se desvanecer ou fôr tão pouco poderosa como a fazem os estrangeiros, não sei que possa obrar o inimigo depois de tão entrado o verão, sem nenhum útil da campanha, antes sujeito a todas as incomodidades e rigores dela. Mas eu me não posso persuadir senão que, debaixo dêstes accidentes, se encobre grande substância, a qual se manifestará brevemente, quando já hoje o não esteja; se bem o pouco, que

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

vemos ferver novas prevenções, nos persuade haver notícias certas e mui seguras, que nos livrem de todo o temor do mar e também da terra.

Os rumores que cá chegam, como foi o da armada franceza (1), me desenganam a não dar crédito senão ao que vir firmado por V. S.^a, cujas cartas, que eu comunico com as cautelas necessárias, se ouvem neste colégio como oráculo; e assim peço muito a V. S.^a que agora mais que nunca me não falte V. S.^a com novas suas, e das acções do sr. Marquês que Deus guarde, por cuja felicidade ficamos fazendo contínuas e públicas orações, confiando em Deus que os sucessos de S. Ex.^a nesta campanha hão-de ser á coroa de todas as passadas.

Emfim, senhor, quando peço tempo a V. S.^a no meio de tantas occupações, não é razão que eu o tome; e para acabar esta com nova, que sei há-de ser de gôsto a V. S.^a, digo que a esta hora se aparta de aqui o médico, mui contente do efeito dos seus remédios, e dizendo que me achava o pulso quási natural. O tempo e a esperança que V. S.^a me manda ter em Deus são circunstâncias muito para estimar a saúde. Toda a que o mesmo Senhor fôr servido conceder-me folgarei sempre de empregar no serviço de V. S.^a, com o affecto e coração que devo.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 15 de Junho de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Supra, p. 175.

CARTA XCI

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Junho 16

Senhor. — V. S.^a me obriga a responder por pontos, sendo que a minha arte não chega a um mal rasgado, e o tempo me obriga a que seja muito brevemente a todos três.

Dia de Santo António à tarde veio aqui o médico António Mendes, e disse em uma palavra que eu estava são, e começou a triunfar muito da sua sciência e medicamentos, attribuindo a êles o milagre, sendo todo da véspera de Santo António (2); e não será o primeiro nem o último que tem feito e fará o Duque meu Senhor, a cuja verdade e poderes eu reconheço os efeitos de toda esta obra, sem querer dar parte dela a V. S.^a, assim pelo argumento da experiência, como porque não tenho a V. S.^a por tão santo, se bem não desespero que seja V. S.^a muito bom advogado para os outros achaques.

Dos castelhanos corre de ontem para cá a mesma nova de estarem nos campos de Vila Viçosa, mas ainda nesta suposição não tenho por forçosa consequência a de não terem armada; e se a têm deviam de lhe tardar as galés, e darem êste segundo saltinho para mudarem de alojamento, e lograr no meio de tão rigorosas calmas a frescura

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed., com a data de 16 de Julho, de que a referência ao dia de Santo António mostra o êrro.

(2) Nêsse dia, sexta feira, se realizou a visita a que alude a carta de 7, p. 174, tendo o Duque de Cadaval acompanhado a D. Teodósio.

e a comodidade daqueles campos; contudo há aqui uma carta do Padre Baltasar Teles, escrita a Sanfins, em que diz lhe certificava o Conde valido que a armada do inimigo se desvanecera, e que não havia que temer por mar. Se eu fôra êle, folgara muito com a certeza desta notícia, e aproveitara-me dos rumores do contrário para, sem nota da opposição, me valer de todos os cavalheiros do reino e multiplicar os infieis; diligência que sempre se devera fazer quando fôra mui superior o nosso exército, quanto mais sendo inferior.

Acêrca da mesma guerra me diz o futuro Vice-Rei (1) em carta de 13 as palavras seguintes: «O N. N., criado de Aveiro (2), diz que em Portugal são muitos os traidores, e eu creio que êle veio acrescentar o número. Diz muito do poder de Espanha neste ano, mas que, se nêle não consegue a conquista, no seguinte faz pazes: que vêm direitos a Setúbal ajuntar-se o exército com a armada».

Atéqui êste autor, com o qual passarei ao terceiro ponto, em que continua assim: «El-Rei de França está arbitro das cousas de Castela, de tal maneira que teme o Imperador, e que os ingleses tratam das cousas de Portugal à medida do seu interêsse». Finalmente, senhor, resumindo em tudo o que se diz, não há cousa certa nem em que o discurso possa fixar pé, ainda nas cousas da nossa côrte e reino, quanto mais nas dos estranhos. Quanto à resistência de S. A. (3), tem contra si, quando menos, ser contra o gôsto de El-rei e contra os conselhos de sua mãe.

(1) João Nunes da Cunha.

(2) O Duque de Aveiro, D. Raimundo de Lencastre, tinha emigrado para Castela em 1659, e como traidor foi degolado em estátua em 1663.

(3) Ao projecto de casamento. Supra, p. 151.

Deus lhe dê muita luz do céu, para que acerte com o que mais convém à conservação pública, que é e deve ser sempre o primeiro motivo nos casamentos dos príncipes.

Estimo que Sande e Atouguia estejam reconciliados, e só me pesa de que nesta ocasião se não faça uma reconciliação geral entre todos os títulos e grandes do reino, pois até os brutos se sabem unir quando se vêem cercados de seus inimigos. Bastava para esta grande obra um só aceno do Rei, ou de quem tem na mão os seus acenos.

Se a melhoria fôr por diante, porque ainda amanhã me mandam purgar, logo irei oferecer as minhas muletas aos pés do Duque que Deus guarde, e beijar-lhos muitas vezes, assim pela saúde como pelas saúdes que me deixou; e antes disso avisarei a V. S.^a, se houver alguma hora mais desocupada e livre das sentinelas, na publicidade desta estalagem. Tudo por cá são trovoadas, e hoje com pedras mais grossas que nozes. V. S.^a discursará melhor as razões por que merecemos que o céu nos apedreje.

Vila Franca, 16 de Junho de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XCII

Ao Duque de Cadaval (1)

1665 — Junho 20

Ex.^{mo} Sr. — É V. Ex.^a tão amigo do bem comum que, ainda em circunstâncias que podem continuar ou perpetuar os males próprios, o estima V. Ex.^a e zela tanto. Se a

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

nova fôra certa, mui justa ocasião era de toda a alegria e aplauso; mas nem o Reitor teve tal nova, pôsto que ontem à tarde se divulgou por toda a Coimbra que êle a tivera, nem a meu ver era possível que, depois de nos avistarmos com o inimigo, pudesse já chegar; porque êle partiu de Évora em sábado 6 do corrente, alojou na noite de segunda-feira entre Alcaraviça e Estremoz, e na tarde do dia seguinte entrou a vila com perda de duzentos homens, como avisa o Marquês de Marialva na última sua, que é de 10; lhe haviam referido uns franceses que a nós se passaram.

Pareceu a todos os cabos conformemente que a praça se socorra, e assim o confirmou e mandou S. M.; mas a mim lembra-me que D. João de Áustria não quis acometer com um exército de vinte mil homens a seis mil nossos, com fortificação de uma só noite, e me parece tão desigual o partido nesta nossa emprêsa, que entendo veiu Carracena buscar Vila Viçosa, não para se empenhar com ela, mas para nos empenhar a nós, e pelejar com o nosso exército com uma vantagem tão grande, como a de estar nos seus alojamentos e nós o havermos de buscar nêles, com fortificação de mais de oito dias e outras tantas noites, em que também poderá ter crescido o seu poder com os presídios das suas praças, como nós fazemos.

Bem vejo que contra êste fraco discurso está o dos nossos cabos, os quais vêm a disposição de tudo mais de perto e com a verdadeira sciência, e não se pode julgar que queiram arriscar suas pessoas e o exército e o reino sem grandes fundamentos. Dizem que haviam de estar juntos segunda feira à maior pressa; com que não é possível chegarem a Vila Viçosa menos de quarta feira ou quinta; com que o negócio a esta hora, e muitas horas antes, devia de ficar concluído.

Quererá Nosso Senhor que seja com tão bom successo:

como estes primeiros ecos começaram a apregoar ; mas eu antes da idade de ouro espero a de ferro, e estou certo que a de ouro não há de ser em tempo em que não seja para todos.

Entre as novas comuns me vieram essas particulares de Madrid. Nem por mar nem por terra se pode tomar pé em cousa alguma.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos annos, como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 20 de Junho de 1665. — Capelão e criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA XCIII

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Junho 26

Senhor. — Chegou emfim o correio, e quasi nos vemos depois dêle na mesma confusão que antes, porque não há concordar os textos, e cada um fala pela bôca do seu affecto ou da sua credulidade(2). A relação do Padre Manuel Luís(3) diz o que corre em Lisboa e o que ouviu no paço ; a de Alentejo tem por si o haverem escrito no mesmo exército, pôsto que o Reitor que me a deu não sabe quem foi o autor. As letras são do Marquês de Marialva, cujos escriptos, por domésticos, me fará V. S.^a mercê restituir, e o pequenino,

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

(2) Refere-se à batalha de Montes Claros, no dia 17, sôbre que eram as notícias ainda confusas.

(3) Jesuíta. Fôra muito da confiança do Padre André Fernandes, Bispo do Japão. Escreveu em latim a vida do Príncipe D. Teodósio.

que fala na curiosidade do valido, o qual no mesmo dia prometeu a outra pessoa que havia de pedir nesta ocasião a S. M. me tirasse de lugar tão nocivo à saúde; mas isso diz aquele amigo. Queira Deus que queira.

D. Rodrigo me escreve que, no último aviso de Madrid, se dizia que estava El-rei deliberado a vir em pazes com Portugal, se o successo desta campanha não fôsse qual esperava. Eu ainda não dou por conquistada a Terra Santa, e, por mais favores que veja do céu, não deixo de temer as nossas ingratidões. Ainda estamos em Junho, e há dois meses para a campanha do mar, e não me persuado que haja de baldar o inimigo um tão grande empenho. Agora é que eu o havia de começar, e fazer maior e melhor exercício; e êste é o que havia de fazer a boa paz, e depois de boa guerra, e divertir a do mar com a terra, prevenindo mui bem as costas, principalmente a do Algarve; porque o inimigo há-de procurar obscurecer a glória dêste successo com qualquer fumo de vitória, ainda que não seja de grande consequência para a conquista. A galanteria é que ontem afirmava o nosso govêrno que não tinha o inimigo armada, e hoje conhece que a tem, e com tamanhas prevenções.

Do Pôrto avisam eram partidos para Aveiro, por ordem de S. M., João Nunes da Cunha e o Conde de Miranda. Deve ser negócio não pequeno, de que V. S.^a já terá notícia.

Eu, como de antes, mas sempre para servir a V. S.^a etc.

Vila Franca, em sexta feira, 1665 (1). — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Assim na 1.^a ed., e provávelmente no original.

CARTA XCIV

Ao Duque de Cadaval (1)

1665 — Junho 26

Ex.^{mo} Sr. — Até ontem não chegaram de Alentejo mais que rumores vagos, sem cousa de que pudesse fazer aviso a V. Ex.^a; e pôsto que supponho terá V. Ex.^a por outras vias estas mesmas notícias, por obedecer a V. Ex.^a mando as que me vieram com uma relação que ontem à tarde me mostrou aqui o Reitor da Universidade, que fiz copiar, e por isso se dilatou esta até hoje. O certo é que nas circunstâncias do successo não há ainda cousa certa; mas todos concordam em que o inimigo tem armada, provida de todos os petrechos de saltar em terra, e falam não menos que em dez mil homens, fora a marinhagem. Bem pode Caracena fornecer de aqui o resto que lhe ficou do exército, e, se voltar logo logo, pode ser que consiga da segunda o que não fez da primeira, porque a gente que perdemos dizem que foi muita com excesso, e os demais vão-se recolhendo a suas casas. Deus, que nos dá as vitórias, nos ensine a usar bem delas.

A carta (2) e a eleição de V. Ex.^a a mandar a S. M., me pareceu tão acertada como todas as resoluções de V. Ex.^a Quererá Deus que com ela se abra caminho à desejada reconciliação. O tempo vai disso, e o coração de S. M. parece que já se abranda, porque, beijandolhe a mão

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

(2) Provavelmente de felicitação pela vitória de Montes Claros.

D. João de Mascarenhas pela vitória, lhe disse: Dai muitos recados a minha mãe».

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e êste reino há mister.

Vila Franca, sexta feira. — Capelão e criado de V. Ex.^a

António Vieira

CARTA XCV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Junho 22

Senhor. — Se o contentamento fizera milagres, tivera-me V. S.^a nesta hora a seus pés, ajudando a celebrar a nova dêste successo (2), com que o Marquês que Deus guarde co-roou todas as suas felicidades, e Deus nos tornou a dar por sua mão o reino, que tantas vezes nos tem dado por ela.

Mas, pois o estado da minha enfermidade me não consente esta pequena demonstração, contento-me com que V. S.^a tenha conhecido que, entre todos os criados da casa de V. S.^a, nenhum tanto tem festejado e estimado êste triunfo dela, de que dou a V. S.^a mil vezes o parabém.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos como desejo e hei mister.

Vila Franca, sábado (3), 22 de Junho de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) A batalha de Montes Claros, em que foi general o Marquês de Marialva.

(3) Aliás segunda feira, como na Colecção da Academia das Sciências, Mss. t. 11.^o, que é o dia correspondente à data.

CARTA XCVI

A D. Rodrigo de Meneses(2)

1665 — Junho 29

Senhor. — Já no correio passado dei a V. S.^a o parabém, e ajudei a festejar, pôsto que não como quisera, êste último milagre do céu, e esta felicidade tão estranha de todo o reino, e tão particular e tão própria da pessoa e casa de V. S.^a Com as cartas e listas do sr. Marquês, que mil anos viva, de que V. S.^a me fez mercê, cresceram as notícias e os aplausos, os quais cada dia se aumentaram com as novas circunstâncias que vão chegando, em que a grandeza da vitória e as misericórdias de Deus se conhecem mais e mais. Agora se espera com grande alvoroço a relação de todo o successo, em que costumamos ser menos venturosos que na campanha. Queira Deus encaminhar a pena do nosso Mercúrio, de maneira que a glória de tamanho caso não fique escurecida, e acabe de conhecer Europa e o mundo o que é Portugal, emquanto não chega brevemente o tempo do que há-de ser(2).

O voto de V. S.^a acêrca dos progressos do exército me não parece só o melhor, mas o único; porque em qualquer outro aparecem grandes inconvenientes, e em nenhum tão grande abalo há feito, como esta entrada pode causar nos ânimos de todos os castelhanos, e muito mais nos que têm votado na paz, principalmente acomodando-se El-rei a êle com o successo desta campanha, que não podia ser

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(1) Alusão às grandezas anunciadas nas profecias.

melhor para de todo o desenganar. Os clamores seriam gerais, e todos cairiam sôbre Castrilho, em cuja obstinação sòmente parece se poderá sustentar hoje a opinião contrária; e, se é certo, como escrevem todos, que o inimigo tinha e tem armada, também esta invasão tão interior serviria não pouco de divertir e suspender qualquer intento dela, porque não me persuado que, se têm feito o empenho, o hajam de querer perder totalmente, podendo-o empregar quando menos ná costa do Algarve, em que não será dificultoso obrarem alguma cousa, pôsto que de menor conseqüência, com que queiram mostrar ao mundo que se desquitaram do descrédito passado.

Nenhuma cousa mais desejo sãber que o modo com que se tem portado nêlo o Carracena, depois de haver blasonado tanto.

Seja Deus bemdito, que assim confunde a soberba de nossos inimigos e nos exalta a nós, sendo ingratos e não humildes. Tudo são excessos de sua misericórdia, e novas obrigações de começar a o servir, ou de acabar já de o ofender tanto. Não se me tira da memória as muitas vezes que V. S.^a, em todas as suas cartas, repetia êste nosso desmerecimento, a cujo reconhecimento attribuo eu em grande parte parte a mercê que nós fez.

O mesmo Senhor guarde a V. S.^a como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 29 de Junho de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XCVII

A D. Teodósio de Melo(1)

1665 — Julho 3

Senhor. — O gôsto com que recebo e leio todas as cartas, de que V. S.^a me faz mercê, se me assustou não pouco no fim desta, por me dizer V. S.^a passa com pouca saúde, e mais nestes dias, em que a frescura das ribeiras do Mondego não são bastante reparo ao fervor dos caniculares. Guarde Deus a V. S.^a e me livre dêste cuidado e sentimento, que é maior que o que me causam todos os meus males.

Com esta remeto os papéis do correio de Lisboa ou de Alentejo, em que V. S.^a lerá melhores novas da batalha do que são as que se não escrevem. A mim me parece que uns e outros mentem, porque todos falam pela boca do affecto. O certo é que a resistência de Vila Viçosa foi bizarra, e que a perda da artilharia, e o número e qualidade dos prisioneiros, são bastantes testemunhas da vitória, que toda foi de Deus, ou para fim da guerra ou para principio de outras felicidades.

Do Brasil me veiu um famoso papel sôbre os dois cometas, escrito pelo Padre Estancel, mestre que foi da matemática em Santo Antão(2), que não remeto a V. S.^a por ser obscurissimo, feito de propósito debaixo de metáforas e enigmas de nomes gregos, os quais eu tenho bastante-

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

(2) Padre Valentim Estancel, natural de Olmütz. Tinha ido em 1663 para o Brasil.

mente decifrado, e reservo esta fábula, que não tenho por fabulosa, para quando eu esteja em estado de poder passar duas horas entre as canas ou debaixo das oliveiras. Por maior digo que os cometas parece que anunciam mudanças dos tempos e das cousas, e todas para bem e bem de todos.

V. S.^a se sirva de me restituir estes papéis, porque tenho prometido a comunicação dêles a algum amigo, exceptas as cartas do Marquês de Marialva, que se mandam em toda a confiança e segredo, e só de V. S.^a as fio, e folgarei que nenhuma outra pessoa saiba que eu as comunico, porque tudo se diz e em toda a parte há espias. Também me conformo com V. S.^a no parecer de que não estamos em tempo, mas não põe Deus tempo em ò mudar. Etc.

Vila Franca, 3 de Julho de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA XCVIII

Ao Duque de Cadaval (1)

1665 — Julho 3

Ex.^{mo} Sr. — Quando ontem recebi a carta de V. Ex.^a, estava eu prevenindo todas as que tive de Lisboa, para as remeter; mas nem fazer resposta a V. Ex.^a permitiu a visita do Reitor da Universidade, que durou até noite fechada. Êle está muito contente com haver livrado da

(1) Do t. 2.^o da 1.^a ed.

refrega o seu Roque, ou o Roque de S. M. (1), que já ficava em Lisboa, acudindo às saúdes de seu amo, depois de haver acudido a seu serviço.

A relação que V. Ex.^a teve da batalha folguei muito de ver, porque são informações de vista, e de quem sabe entender e dizer o que vê. Pelas cartas do Marquês de Marialva verá V. Ex.^a o que S. M. ordenava (2), e as razões por que se não executa. O certo é que em Lisboa ouvem-se os repiques, e no exército sentem-se as feridas e experimentam-se as faltas. Muito devemos a Deus, porque em tudo as supre: e seremos nós tão ingratos que lhe não dêmos toda a glória?

Se os avisos de Madrid são certos, grande disposição para a paz será êste successo, e muito se ajudarão dêle os que tiverem a mesma opinião, e mais em ódio de Castriho: o filho fica arriscado a morrer das feridas, e será perda de consequência, como é caso notável que dos três últimos validos de Castela estejam presos os filhos em Portugal (3). Também estes refens e os demais não hão-de ajudar pouco ao pensamento da paz.

A êste propósito referirei aqui o que me escreve o Rei-

(1) Roque da Costa Barreto, Tenente General de Cavalaria, muito valido de D. Afonso VI; sobrinho do Bispo do Algarve D. Francisco Barreto, e do Reitor Manuel Côrte Real e Abranches.

(2) «Despachou o Conde de Castelo Melhor um correio ao Marquês de Marialva com cartas de El-rei, de agradecimento do valor e acêrto com que havia procedido, e ordem que continuasse os progressos, na forma que julgasse mais conveniente ao crédito e utilidade das suas armas». *Portugal Restaurado*, Parte I, Liv. X.

(3) «Tenemos prisionero el hijo heredero del valido que fué, Don Luis de Haro, y de los dos validos de hoy, el Conde de Castriho y Duque de Medina de las Torres». Da relação da batalha, que se publicou em castelhamo, apensa ao *Mercúrio*, para divulgar em Espanha.

tor de Santo Antão, que é o seguinte: «Uma das cartas que agora vieram de Vila Viçosa conta que, chegando a Estremoz o general de cavalaria castelhana, lhe mandou um refresco grandioso a mulher do nosso general Denis de Melo, com cem dobrões em uma bolsa. Disse que aceitava tudo pelo tempo em que se achava, mas que em agradecimento de tamanha mercê assegurava a S. S.^a que não veria mais em risco ao sr. General, porque a guerra com Castela estava acabada. Ante-ontem chegaram a êste pôrto os cabos; e, porque se levou recado a El-rei, que estava em Alcântara, esperaram na praia em dois barcos, das quatro da manhã até às dez, tempo em que ali cheguei, e vi dez cabos maiores desembarcar, e entrar em uma liteira o general de cavalaria e D. Francisco de Alarcon, filho de D. João Soares (1), e no coche do conde da Tôrre, que foi de D. João de Áustria, os oito. D. Francisco foi com os mais para o castelo, de ali porém o levaram logo para a tôrre de Belém. Mandou-os visitar ao barco o Marquês de Liche (2), e com licença do Tenente os veio receber à entrada do castelo, dizem que vestido de gala. E perguntando ao General: *Que es esto señor? como fué esto?* êle respondeu: *Fué como lo de V. Exc.^a*. E contando-lhe todo o successo, concluiu o Liche: *Enfin no quiere Dios!*

Até aqui a carta.

O mesmo Senhor guarde a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 3 de Julho de 1665. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) D. João Soares de Alarcão, Alcaide-mór de Tôrres Vedras, que em 1641 tinha passado a Castela.

(2) Era o filho de D. Luís de Haro, prisioneiro no Ameixial. *Supra*, p. 42.

CARTA XCIX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Julho 6

Senhor. — A terceira vez é esta que falo a V. S.^a na mercê, que Deus nos fez por mão do sr. Marquês, que êle guarde tantos anos quantos Portugal há mister. Mas ainda que sempre a tive por cousa grande e grandíssima, nunca àcabei de conhecer quão milagrosa foi, e quantas graças devemos a Deus por ela, senão depois que vi e ponderei as duas cartas originaes, de que V. S.^a me fez mercê com os outros papéis nêste correio: eu as comuniquei, *servatis servandis*, a alguns amigos, e foi assim muito conveniente, assim para conhecimento e estimação do muito que se obrou, como para se saberem os motivos tão urgentes e justificados do que se deixou de obrar, ou do que se queria que se obrasse, e se tinha já publicado na expectação.

Emfim, senhor, o milagre foi evidente e provado, que assim o julgam os filósofos e teólogos, quando a forma que se introduz é contrária às disposições; e, sendo estas tão conhecidamente quais podiam desejar os que procuram e pretendem nossa ruina, tirar Deus delas a nossa conservação e maior exaltação bem claramente se vê ser obra mais que natural de sua omnipotência. Queira Deus que lhe saibamos dar as graças, e que ao menos a dêem publicamente a Êle os que têm por officio prègar a verdade.

Muito desejo sempre ter uma hora de discurso com

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

V. S.^a nesta matéria; e, como tão particular e tão sua e da casa de V. S.^a, não me contentara com muitas horas.

As utilidades do parecer de V. S.^a, dos progressos do exército, opressão e clamores de Castela, e conseqüências da paz eram manifestas: mas sem meios não se podem conseguir fins, e as razões de quem está vendo tudo de mais perto não têm resposta; e o que me faz temer é que, se o successo não fôsse qual Deus quis que fôsse, havia de cair a queixa e culpa sôbre a inocência, como agora cai à lisonja e o aplauso sôbre a omissão.

Foge o lume dos olhos, quando agora se vê o que de antes se não via, e se presumia, pôsto que não por todos, em tão diferente estado. Mas Deus é tão bom que, quando não temos que comer, dá-nos a vitória em jejum; e quando não temos carruagem, traz-nos o inimigo às portas; e quando não podemos entrar em seus quartéis, põe-no-lo fora dêles.

Outras considerações tem a matéria, em que tanto é mais profunda a providência divina, quanto o discurso humano não pode tomar nela pé nem achar-lhe fundo. Tudo são extremos da fortuna de S. M., e acertos do seu governo, que tanto tem mais de glorioso quanto mais encobre de mistérios. Tudo nos convida a crer que são estas as vésperas das maiores felicidades que esperamos, a que não ajudarão pouco as disposições dos ânimos de Castela, com o desengano da experiência e expectação desta campanha.

Frei Lucas (1), cuja carta folguei muito de vêr, o discorre quanto podemos desejar, e dirá belíssimas cousas sôbre os

(1) Frei Lucas de los Angeles, que parece escrevia de Castela, já mencionado na carta de 13 de Maio.

efeitos que causou a nova do successo (1). V. S.^a, como já pedi, me fará mui particular mercê na breve comunicação destas novas, como de todas as que V. S.^a tiver de Alentejo, cuja notícia não é só conveniente, senão mui necessária, para que se saiba a verdade, tomada em sua fonte e não nos rios e regatos, em que traz a côr, o sabor e às vezes o veneno dos lugares inficionados por onde passa.

Não dou novas da saúde a V. S.^a, porque não há constância na melhoria que alguma vez me promete. V. S.^a a logre tão inteira e com tantos gostos do céu e da terra, como eu sei desejar a V. S.^a, cuja pessoa guarde Deus muitos anos para muitas felicidades.

Vila Franca, 6 de Julho de 1665.

Pela mercê que V. S.^a faz ao parente do Padre Francisco da Veiga, beijo as mãos muitas vezes a V. S.^a— Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA C

A D. Teodósio de Melo (2)

1665 — Julho 11

Senhor. — Agora quisera eu ter um grande requerimento com V. S.^a, para o mandar tão bem apadrinhado. Vai carta daquele amigo, e tão amante como V. S.^a verá. Êle me tinha avisado poderá partir por todo êste mês em uma fragata portuguesa, que se dá ao Embaixador Sande para tornar a França com a metade dos casamentos que

(1) A batalha de Montes Claros.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

trouxe(1); mas por outra via se avisa que, como êste ministro está entrado em grande valimento, não apressará a jornada para mais lograr os favores.

O requerimento da minha restituição disse o Conde(2) que S. M. o mandara consultar com algumas pessoas, sôbre que andava fazendo boa diligência; mas eu creio mais a minha fé que a sua esperança. Vai a décima acusada(3); o certo é que os nossos cabos nem em prosa nem em verso se ajustam bem. Etc.

Coimbra, 11 de Julho de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) O casamento do D. Afonso VI, porque o Infante D. Pedro recusou o seu.

(2) De Castelmelhor, segundo parece, pôsto que de outras vezes fôsse designado nas cartas por Conde valido.

(3) Décima sôbre a batalha de Montes Claros :

Passou da marca o Marquês
No valor na bizzarria ;
S. João teve o seu dia
A dezassete do mês :
O meu César desta vez
Soube vir, ver e vencer ;
Com Jaques não há perder ;
Meneses todo é Luís ;
O Denis fez quanto quis ;
Não há mais Flandes que Scomber.

Não deve ser composição de Vieira. Alude aos generais Marquês de Marialva, Conde de S. João, Pedro César de Meneses, Pedro Jaques de Magalhães, D. Luís de Meneses, Denis de Melo, e Conde de Schomberg. Êste último tinha servido com o Príncipe de Orange; porventura de aí a referência a Flandres. Compare-se o oitavo verso com o mote, no vilancete de Camões :

Com vossos olhos *Gonçalves*,
Senhora, cativo tendes
Êste meu coração *Mendes*.

CARTA CI

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Julho 12

Senhor. — Fico entregue da carta, que remeterei com segurança, e o amigo receberá com todo o encarecimento do gôsto: o meu se mortifica sumamente com ver que os efeitos do achaque de V. S.^a não param, e que os médicos de Lisboa receitam a V. S.^a dois remédios tão universais e tão últimos, como costumam ser fontes e mudança de sítio. Êste segundo me faz suspeitar que as saudades, que a côrte tem de V. S.^a, deviam ditar a receita. Tem muita razão, se estivera em tempo que ela valera. Eu sempre entenderei que importará mais à saudade de V. S.^a a companhia que o lugar, seguindo o ditame daquele verdadeiro amor do qual se disse: *Maluit exilium pati, quam desiderium.*

O trôco de Tentúgal por Almeida mais parece desobediência dos confessados que conselho do confessor (2), e se conforma esta resolução com o que eu esperava das promessas antecedentes, e por isso dizia que venerava as profecias, que em tudo se vão cumprindo e hão-de cumprir-se.

O pensamento de V. S.^a, em arguir que agora me hão-de apartar desta vizinhança, é semelhante ao que deu motivo

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(2) Referência ao Duque de Cadaval, que teve licença para ir às Caldas e passar-se depois a Tentúgal. Parece que D. Teodósio attribuía a mudança a conselho do confessor régio, Frei Pedro de Lima, tio de Castelmelhor.

às cartas do general e seu irmão (1); e ambas estas máximas parecem estudadas naquela escola onde se aprenderam tantas outras que hoje vemos praticadas; por isso os pertos de V. S.^a temidos, e os longes continuados, se valerem, como presumo, não hão-de valer as receitas dos médicos de Lisboa.

Desde o primeiro aviso que tive de V. S.^a os dias passados, determinei aproveitar a benevolência do meu vizinho (2), quanto ela se acomodasse; e não tenho faltado às disposições com toda a destreza, achando nêlle inclinação e affecto ao serviço da casa de V. S.^a, com significação de sentimento de a ver tão fora do seu lugar, condenando os instrumentos desta violência.

A carta do Duque, que Deus guarde, veio em muito boa forma para eu poder usar dela em ocasião que assim o aconselhe. Quererá Deus que o Roque, ainda que jogado por mão alheia, faça o que dizem pode (3); e tenho eu meus indícios, para cuidar que folgará de aumentar seu poder com ter da sua parte os mais poderosos; mas sobretudo me persuado que tôdas as diligências humanas, no tempo em que estamos e em que imos entrando, hão-de montar pouco, porque os sucessos de todo êle correm por conta da disposição e providência divina, e dela se hão-de esperar, naquele dia, hora e circunstâncias em que por seus decretos estão determinados. Etc.

Vila Franca, 12 de Julho de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Marquês de Marialva e D. Rodrigo de Meneses? A vizinhança de Vieira com o Duque de Cadaval inspiraria suspeitas na côrte.

(2) O Reitor da Universidade.

(3) Roque jogado por mão alheia: Roque da Costa Barreto, favorito de D. Afonso VI, e sôbre quem o Reitor da Universidade, seu tio, influiria a favor do Duque de Cadaval, por pedido de Vieira.

CARTA CII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Julho 13

Senhor. — Crescem cada dia tantas circunstâncias de grandeza à vitória do sr. Marquês, que com razão dizem nesta Universidade se devia tornar a repicar por ela em todos os correios; e assim não é muito que o excesso do meu gôsto torne a dar uma e muitas vezes a V. S.^a o parabém.

Ainda ontem se fez a última pregação em acção de graças, em que houve muito que dizer de novo; mas eu sempre creio que as línguas estrangeiras saberão melhor avaliar as circunstâncias de tamanho successo, porque as nossas sempre são curtas em louvar, podendo mais a inveja dos particulares que o amor comum da pátria. Queira Deus que a tardança desta tão desejada relação seja para maior perfeição dela, e que ao menos iguaemos a verdade, quando todos os escritores em crédito da sua nação a costumam exceder.

Foi pena morrer o filho de Castrilho(2); mas sem êstes refens(3) poderá seu pai mudar de opinião, e querer agora a paz, que pudera ter comprado a menos preço: o que agora sobretudo se espera, e deseja com grande ânsia, são as notícias do abalo que fez em Madrid a nova, que seria igual e ainda maior que o nojo dos generais.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Prisioneiro em Montes Claros. Supra, p. 190.

(3) Talvez: *com* estes refens.

Pela lembrança que V. S.^a teve de mim no dia da Rainha Santa, beijo mil vezes a mão a V. S.^a

Por várias partes me chegaram as significações de um grande ministro (1), que pode ser seja o mesmo com quem V. S.^a falou, e, pôsto que o modo a tempo vence mais que a porfia, eu estou certo que, se houvera vontade, nem fôra necessária a porfia nem ainda o modo; mas há muitos modos de intentar, de que usam os homens, assim como Deus tem muitos de libertar, quando é servido.

Para êle só apelo e nêle só confio, e a êle dou muitas graças por poder fazer já esta a V. S.^a com os pés no chão, depois de cento e cinco dias de cama.

O mesmo Senhor guarde a V. S.^a com os anos de vida e inteira saúde que a V. S.^a desejo e êste reino há mister.

Vila Franca, 13 de Julho de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CIII

A D. Teodósio de Melo (2)

1665 — Julho 16

Senhor. — Sempre para mim é de maior alvorôço o correio de Tentúgal que o de Lisboa; mas hoje com mui avantajada razão, porque o de Lisboa não trouxe novidade nem cousa digna de relação, e de Tentúgal me traz duas tão grandes novas e de tanto gôsto, como a melhoria do achaque de V. S.^a, e a esperança de eu a ter também per-

(1) Supra, p. 195.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

feita, com a vista de V. S.^a e lôgro da sua presença, que sumamente estimo.

O dia e hora fique à eleição de V. S.^a, e à comodidade da saúde e à ventura de tempo, cuja oportunidade e conjunção nesta estalagem, como V. S.^a tem experimentado, se não pode observar nem prevenir com certeza; mas com aviso diante poderá haver lugar de alguma cautela, agora que já ponho os pés no chão.

O texto da profecia depende da intelligência do tempo ou ano de que fala, o qual pela equivocação das palavras é capaz de muitos sentidos. Conforme alguns dêles, já esta promessa está cumprida; mas, segundo outros que não tenho por menos prováveis, entendo que ainda se há-de cumprir, ou seja dentro ou fora de Portugal, em ordem porém às suas maiores felicidades.

Na presença me explicarei melhor, e também direi o mais que entendo das esperanças dêste mundo, que todas se devem pôr só em Deus. Etc.

Vila Franca, 16 de Julho de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CIV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Julho 20

Senhor. — Começando pelo fim da de V. S.^a, dou a V. S.^a o parabém da chegada do sr. Marquês, que Deus

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

guarda, com vida e saúde, que é só o que faltava para aperfeiçoar o gosto de tamanhas felicidades, em que a mim me não toca a menor parte, pôsto que sou 'o menor criado da casa de V. S.^a

Agora desejara muito saber o triunfo com que S. Ex.^a foi recebido em Lisboa, pôsto que me lembra ser lei da inveja romana que nenhum general triunfasse três vezes, e não tenho melhor conceito da nossa; os inimigos da campanha podem-se vencer uma e muitas vezes, os da nossa côrte são invencíveis; aqueles com as vitórias vão-se diminuindo, estes com elas crescem mais.

Por cá chegou uma lista ou rol de mercês e títulos, em que muitos estranharam não ver o nome do sr. Marquês; eu pelo contrário o estimei muito, porque quem foi dono de toda a vitória não é bem que se conte no mesmo número dos que só tiveram alguma parte nela. A consideração do que fôra de nós, se a não ganharamos, é a maior de todas. Eu a fiz muitas vezes depois do sucesso, e a tinha também feito antes dêle, porque, como menos animoso, temia o que nos podia succeder, e não esperava tão singulares misericórdias, quando com tão repetidos excessos de ingratição provocamos a divina justiça. Por cá se publicam festas e com muita razão, mas eu antes quisera ver chorar pecados e emendar vidas, para que fizessemos seguras as felicidades.

O que agora se segue não sei com que palavras o diga a V. S.^a, porque se corre a minha indignidade da excessiva honra e mercê que me faz a sr.^a D. Juliana (1), pois quer e me ordena que um memorial que tem com V. S.^a se presente a V. S.^a por minha mão. Vem a ser o requerimento,

(1) D. Juliana de Meneses, irmã de D. Rodrigo, freira em Santa Clara de Coimbra.

que o Padre Frei Diogo do Espinheiro seja eleito em capítulo por confessor de Santa Clara de Coimbra, e que para isto, se fôr necessário, mande S. A. um recado ao Visitador. Os merecimentos da pessoa são: ser religioso de muita autoridade e virtude, e que serviu a S. M. nas fronteiras em tempo do sr. D. Álvaro(1). O motivo principal: o serviço de Deus, e o gôsto e consolação espiritual que desta eleição terá a sr.^a D. Juliana, como hoje foi servida significar-me por um papel mui encarecido.

Tenho dito o que não sabia dizer. Por conta de V. S.^a fica, nesta primeira ocasião, em que a sr.^a D. Juliana me honrou com se servir de mim como seu criado, que seja com tão bom efeito, e tanto à satisfação de S. S.^{as}, que mereça eu muitas vezes o mesmo favor.

Ao Marquês, meu amo e senhor, beijo mil vezes a mão, pedindo sempre me tenha em sua graça, como sempre me tem a seus pés. E Deus me guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 20 de Julho de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CV

A. D. Teodósio de Melo (2)

1665 — Julho 25

Senhor. — Sirva-se V. S.^a de me mandar muito boas novas de sua saúde, e de como V. S.^a tem passado com as

(1) Provavelmente D. Álvaro de Abranches, que foi governador das armas da Beira, e um dos fidalgos que aclamaram em Lisboa a D. João IV no 1.º de Dezembro.

(2) No t. 2.º da 1.ª ed.

calmas dêstes dias, tão desacomodados para convalescer como para caminhar, que são os dois cuidados com que V. S.^a me deixou. De Lisboa, assim de dentro como de fora da cidade, se queixam todos do rigor do tempo; mas não são só estas as queixas, nem só estas as causas.

Assim como no correio passado veio a lista de mercês, assim agora veio rol de queixosos, e entre êles Tôrre e Niza, de quem se não esperava; e, sendo que as vozes da queixa costumam ter pouca harmonia, o que mais me admira é que todas as que por cá chegam vêm concordes. Verdadeiramente se deve ter compaixão dos ministros do nosso govêrno, pois não bastam os acêrtos de suas disposições, nem a felicidade de seus sucessos, para os defende-rem de tão injusta perseguição. Mas isto é governar portugueses.

A diligência, que dizia aquele grande ministro andava fazendo(1), parou no desengano que eu sempre esperava; e deu por última resposta que S. M. a queria consultar e despachar por si mesmo. Certo estou que, se houver tais consultores, que não serão os mais amigos; contudo os meus me escrevem em tal forma que dão boas esperanças; mas não sei em que as fundam. V. S.^a o poderá saber melhor, se tem já falado com pessoa que viesse daquela banda; porque estas falam mais claramente que as cartas, cujos mistérios se não entendem e talvez parecem mistérios sem o serem.

Como ainda não pude sair fora, não busquei o Reitor, o qual chegou à cidade para voltar. Pôsto que passou por aqui, não houve tempo de lhe falar com particularidade, como farei na primeira ocasião. A junta, que nos tinha

(1) Supra, p. 195.

assustado, descarregou sôbre o filho de D. João Soares (1), a quem os becas conformemente queriam logo tirar a cabeça; mas o Conselho de Estado o considerou melhor, e se contentou com que fôsse melhor guardado, menos assistido de dinheiro, dando-se lhe só do que vier de Castela o que fôsse necessário.

Escrevem-me que a mudança, que tinha prometido o confessor, ainda não está concedida (2), e que as indulgências e favores não correm já tão expeditamente por esta via; com que V. S.^a me dirá o que devo crer. Etc.

Vila Franca, 25 de Julho de 1665. — criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CVI

A D. Rodrigo de Meneses (3)

1665 — Julho 27

Senhor. — Já dei a V. S.^a o parabém, e muitas vezes tenho dado as graças à Divina Bondade, por o sr. Marquês se haver restituído à sua casa e à presença de V. S.^a, sôbre tão glorioso successo, com tão inteira saúde que não é pequena mercê de Deus, depois de tão continuado trabalho, e em dias tão rigorosos como todos estes têm passado. Tudo são experiências e argumentos novos de quanto devemos à Providência Divina, e de quanto suas disposi-

(1) D. Francisco de Alarcão, prisioneiro em Montes Claros. Supra, p. 191.

(2) Mudança do Duque de Cadaval para Tentúgal. Supra, p. 196.

(3) No t. 1.^o da 1.^a ed.

ções foram encaminhadas em tudo a nosso remédio e crédito.

O demais, que se houve e se estranha, não é para falado de tão longe, e vinham a mui bom tempo as diligências de V. S.^a, se a opposição que sustenta o meu destêrro não estivera tão empenhada nêle; e, pôsto que sei também com quão boa vontade o sr. Marquês, que Deus guarde, ajudará o intento de V. S.^a, estou certo e firmíssimo em que se não há-de conseguir por êsses meios, em quanto o tempo não trazer outros de mais alta providência, por que esta e outras dificuldades de maior importância se facilitem.

Desta banda não há mais que festas e mais festas, e só nos falta, para cumprimento do gôsto, a notícia dos sentimentos de Madrid, que já têm tempo de haver chegado, pôsto que ainda não espero a verdade da resolução que hão-de tomar, que deve ser mui diversa depois de esfriarem as feridas.

Nessa côrte anda requerendo há muitos dias o licenciado Domingos Vaz Correia, Vigário geral que foi do Estado do Maranhão muitos anos, e onde com seu grande zêlo e cristandade fez muitos serviços a Deus. É pessoa que tenho por digníssima de qualquer lugar eclesiástico, e que há muito poucos no reino de Portugal, a quem com mais segura confiança se possam entregar as ovelhas de Cristo. Além desta razão geral, lhe devo algumas obrigações particulares, pela diferença que depois experimentamos em outros, lobos que lá se mandaram com nome de pastores. Se V. S.^a, no que houver lugar, fôr servido de apadrinhar seu merecimento, além de ser obra muito grata a Deus e muito de seu serviço, me fará V. S.^a muito particular mercê, em cuja confiança o aviso se pode valer do amparo de V. S.^a, pois eu não tenho outro,

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Vila Franca, 27 de Julho de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CVII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Julho 31

Ex.^{mo} Sr. — Se de Lisboa para Coimbra houvera tão seguro portador como o desta carta, não me deixara a do correio passado na suspensão, em que ainda estou, de V. Ex.^a não passar do coração ao papel as razões que V. Ex.^a chama de desabafar, e as do gôsto botado, que em parte devem de ser as mesmas, juntas, segundo eu suspeito, com outras causas e cousas maiores; mas bem poderá ser que a esta hora esteja tudo trocado, pela experiência que tenho de não haver melhor terceiro, para fazer ou reconciliar amizades, que o inimigo à vista.

Ontem bem tarde me chegou aviso do nosso Duque (2), com uma carta do Governador de Aveiro para a Câmara de Buarcos, pela qual constava estar a armada de Castela na barra dessa cidade, que não deve ter causado nela pequena perturbação, pelo pouco costumada que está a semelhantes rebates, e mais quando as prevenções de touros e galas não são as que mais servem para estas festas. Sem eu saber dêste acidente, me pareceram mui anteci-

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) Duque de Cadaval.

padas as que no Pôrto e aqui se fizeram, como no mesmo dia de ontem tinha praticado com o Cónego António de Figueiredo.

Os que estamos tão longe, e não temos notícias do poder que o inimigo traz por mar, nem do que tem ou pode ter em terra, não podemos fazer juízo certo, nem ainda conjectura provável, de seus intentos, que podem ser de alguma e ainda de muita consequência, depois do nosso exército duas vezes desfeito; e se fôsse certo, o que eu não creio, como se prometia em Madrid, que em Portugal havia quem houvesse de ajudar os intentos desta armada a tempo e poderosamente, não era matéria de pequeno cuidado; mas estes segredos sabê-los-há melhor Pedro Fernandes Monteiro(1), pôsto que a sua secretaria não está hoje tão avaliada, como nem a sua jurisdição tão temida.

Em uma carta dêste correio, se me dizia que a relação do successo passado se empregava mais em atenuar as fôrças de Castela que em engrandecer a nossa vitória, e que, falando desta armada, lhe chamava imaginária, e será muito bom que assim esteja já estampado, para que conste ao mundo e a Castela o pouco que dêle e dela sabemos, quando de Cadiz a Lisboa e do Betis ao Tejo há tão poucas léguas. Não tenho tempo para mais, porque em dia de Santo Inácio está o almocreve muito apressado.

A resolução daquele ministro(2) terá o Padre Reitor já comunicado a V. Ex.^a; se o tempo o não mudar, sempre será a mesma, e eu me consolo muito com serem mais certas as promessas de Bandarra do que as suas.

(1) Juiz da Inconfidência. Falta o nome na 1.^a ed.

(2) O Conde de Castelmelhor, que prometera intervir em favor de Vieira. Supra, 195 e 203.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos como desejo e Portugal há mister, principalmente nestes tempos.

Vila Franca, 31 de Julho de 1665. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CVIII

A D. Rodrigo de Menezes (1)

1665 — Agôsto 3

Senhor. — Em grande restituição me está, temporal e espiritualmente, aquela vontade contra a qual, depois de tão largo tempo e na circunstância de tamanha ocasião, não aproveitam diligências nem porfias; e digo temporal e espiritualmente, porque quem tanto me aparta da presença de V. S.^a não só me priva do alívio das saudades, mas também da grande consolação e alento, que o meu espírito receberia com a comunicação de V. S.^a, cuja alma vejo tão unida e conforme em tudo com a vontade de Deus, e com ditames e resoluções tão superiores a tudo o que segue e estima este mal entendido mundo em que vivemos.

Bem necessária é toda esta generosidade, para fazer pouco caso do que V. S.^a me diz, que eu li não só admirado, mas corrido de que em uma nação tão honrada como a nossa haja quem tal chegue a dizer; mas a tanto chega o poder ou a fraqueza da inveja, cuja vitória não é menos que a dos maiores exércitos. E assim aplico eu nesta ocasião ao sr. Marquês, que Deus guarde, o que se

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

disse no epitáfio do Marquês de Pescara (1): *Et Martem, et mortem vicit, et invidiam.*

Sempre eu temi que a relação da vitória, não necessitando ela de côres alheias, lhe havia de apoucar a grandeza e escurecer o lustre. Mas não deixo de ter minha raiva, contra a prudência e dissimulação de V. S.^a em a deixar passar sem emenda, sendo êste o officio e obrigação do tribunal em que V. S.^a preside (2); e será bem merecido o castigo da nossa má política, ou da infelicidade e violência dos tempos presentes, verem os castelhanos e ver o mundo estampado em Portugal uma ignorância tão ridícula, como chamarmos armada imaginária à de Castela (3), quando ela está saindo ao mar com quarenta navios, como se Cadiz estivera na Índia ou no Japão.

No mesmo dia em que pela manhã tinha recebido a carta de V. S.^a, me mandaram à tarde uma do Governador de Aveiro, em que fazia saber à Câmara de Buarcos tinha recebido aviso de S. M. que a armada do inimigo estava sôbre a barra de Lisboa; foi isto em quinta feira, e na noite de sábado para o domingo se viram em Coimbra muitos fachos de Tentúgal e Montemór, e se ouviram algumas peças de artilharia, e depois chegaram novas de Esgueira, que todas as companhias daquela comarca iam correndo para Aveiro, por aparecerem lá vinte e tantos navios. Não me parece que podem fazer ali cousa de consequência, nem em toda esta costa, salvo nos portos mais chegados ao Minho, se em terra tiverem exército com que

(1) Fernando Francisco de Avalos, marido de Vitória Colona, general famoso, a quem principalmente se attribui o êxito da batalha de Pavia. Morreu em 1525 em Milão. Foi sepultado em Nápoles.

(2) O Desembargo do Paço, que fazia a censura das publicações impressas.

(3) Supra, p. 207. Suposição infundada de Vieira.

se dêem as mãos; mas dêste não há atégora noticia alguma, e só se avisou no correio passado que o Conde do Prado chamava os terços auxiliares.

Com grande alvoroço espero o aviso de como em Madrid foi recebida a nova da nossa vitória, que devia causar bem diferentes efeitos, segundo os ânimos e pareceres dos que lá governam.

Cá se divulgam profecias e prognósticos para o mês de Setembro, em que se não pode fazer juízo sem saber as disposições interiores do mundo. V. S.^a, que está tanto sôbre êle e o vê de perto, me dirá o que devo crer ou esperar. A meu amo, o sr. Marquês, a cujos pés estou sempre, beijo mil vezes a mão, pedindo a Deus igualmente em meus sacrifícios, que já começo a dizer, nos conserve e guarde a pessoa de S. Ex.^a e de V. S.^a por tão dilatados anos como Portugal há mister.

Vila Franca, 3 de Agôsto de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CIX

A D. Teodósio de Melo (1)

1664 — Agôsto 25

Senhor. — A carta de V. S.^a me achou fora de casa, e por isso não pode ir a resposta com ela. Remeto a V. S.^a as novas de Madrid, e bem pudera V. S.^a participar-me as da nossa côrte, pois me dizem que há muitas. As daquela peça no nosso enxadrez (2) procurei saber de raiz, e é certo

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(2) Supra, p. 197, nota 3.

que houve algum arrufo, mas da parte do valido, e se argúe dêle muito maior confiança e segurança na graça.

Por mui acertado tenho ir buscar V. S.^a a saúde na vizinhança dos ares naturais; só receio a desconveniência do tempo, por serem caniculares, e assim tomara saber quais são os médicos que tão apressadamente receitam a V. S.^a esta jornada; mas, como V. S.^a conhece que a mudança de sítio, assim como costuma ser remédio pode ser também perigo, a prudência e regimento de V. S.^a será a guia mais segura que nos livrará, aos criados de V. S.^a, de cuidado.

Também, quando li ao princípio aquele papel, me ocorreu que o hóspede de Urania de sangue régio era o esperado dos sebastianistas; mas a poucas voltas da chave se descobriu que era outro o mistério dêste segrêdo. Não falta quem espere a revelação dêle neste mesmo ano em que estamos, e ainda neste mesmo mês. Do seguinte se afirma constantemente que é fatal. O nosso Vice-Rei da Índia (1) haverá dois anos que me escreve assim; e me certificou pessoa de crédito que, com a mesma asseveração, avisara por uma carta ao Conde valido que dos dezanove até vinte tivesse grande vigilância, porque naquelas horas nos ameaçava um grande perigo; e que guardava a resposta desta carta e a certidão de se ter entregue. Tanta confiança faz do que lhe dizem as suas estrêlas, que eu tenho por testemunhas não merecedoras de tanta fé.

Aqui chegam agora uns padres de Itália, e dizem que para o ano que vem se esperam lá grandes mudanças no mundo. O clérigo de Alentejo (2) não tem paciência para

(1) João Nunes da Cunha.

(2) Provavelmente alguém que divulgava prognósticos sob aquele nome.

esperar tanto, como V. S.^a verá do papelinho incluso, que me mandou o Padre Reitor de Santo Antão, por lhe o haver mandado um padre que certifica havê-lo visto e lido antes da batalha de Carracena.

O successo da armada inglesa me mandaram também com as particularidades que V. S.^a verá (1); mas a maior de todas neste correio é haver dito o Conde valido, no mesmo dia em que êle partiu, que a armada do inimigo tinha lançado gente em Sagres. Livre-nos Deus de alguma traição, que é o que mais se pode temer naquele lugar.

Dos progressos da inteira saúde de V. S.^a estimarei ter sempre ter as novas que desejo, e que por êste meio se consigam os demais, que tudo se pode esperar da disposição e indústria de V. S.^a, negociando de perto.

Eu já me acho com alento de poder fazer uma romaria até Santo António dos Olivais, se a partida de V. S.^a não fôr tão apressada, que não consinta às minhas saudades o alívio de dar um abraço a V. S.^a antes desta ausência. Etc.

Vila Franca, 7 de Agôsto de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CX

Ao Duque de Cadaval (2)

1665 — Agôsto 10

Ex.^{mo} Sr. — O excesso de mercê que V. Ex.^a me faz é o que encolhe a minha incapacidade, para que só me atreva

(1) Batalha naval ganha em 3 de Junho na costa inglesa pelo Duque de York, contra a esquadra de Holanda, que o Almirante Opdam comandava.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

nas cartas do sr. D. Teodósio a me pôr aos pés de V. Ex.^a, onde V. Ex.^a me terá em todo o tempo, ainda que êle faça tão estranhas mudanças como de sua inconstância se podem esperar.

A novidade de faltarem cartas a V. Ex.^a neste correio me confirmou o receio de uma suspeita em que estava, porque também nêle me faltou carta do Marquês(1), o que não succedeu até agora, e temo que uma e outra cousa seja curiosidade poderosa. Se assim fôsse, ficará mais conhecida a inocência e mais desenganada a malícia; mas nem isso bastará.

As estrêlas de João Nunes da Cunha me parece que têm agora o crédito mui seguro, com o aviso que fez ao Conde valido(2); porque, quando não succeda o prognóstico, dirá que a sua diligência o atalhou, e quando succeda, do que Deus nos livre, provará que era tão verdadeira e infalível, que com nenhuma diligência nem cautela se pôde atalhar. O certo é que as profecias de Portugal e os avisos de Castela todos falam em conjuração, e eu vejo onde ela se pode fundar, sendo os mais desgostados os mais fieis; e o melhor é que assim o conhece e diz todo o mundo.

Sôbre a minha romaria falo ao sr. D. Teodósio, não sabendo já quando há-de chegar o dia de me ver aos pés de V. Ex.^a, que é o que mais desejo.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos, como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Vila Franca, 10 de Agôsto de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) De Gouveia.

(2) Supra, p. 211.

CARTA CXI

A D. Teodósio de Melo(1)

1665 — Agôsto 10

Senhor. — Esta carta de V. S.^a me deixa cheio de grandíssimas esperanças, porque não há cousa tão dificultosa no mundo que se não deva esperar e crer, quando vejo a V. S.^a tão declaradamente sebastianista, o que eu tinha por incrível e impossível. Para bem lhe seja a seita, e a constância com que V. S.^a a quer defender e disputar, e porventura convencer-me e converter-me a ela. Eu a tenho por muito boa para rir, mas não para crer, e creia-me V. S.^a que não mudo as guardas à chave daquele papel(2). Faça-no-lo Deus tão certo, como é verdadeiro, e sem dúvida o sentido, em que eu o entendo, e em que V. S.^a também o há-de entender no dia da conferência, que espero não chegue a ser disputa.

Qual êste dia haja de ser não posso dizer ainda agora a V. S.^a, porque me falta meu companheiro esta semana, no fim da qual há-de fazer a sua última profissão, e não me quero fiar de outro(3). Também concorre neste tempo serem férias, em que parte do colégio alternadamente está sempre em Vila Franca; e assim por esta razão, como por outras muitas do meu desejo, quisera ser eu o que fizesse

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

(2) Alusão ao que disse sôbre o mesmo assunto na carta de 7, p. 211.

(3) Padre José Soares. «Fez profissão de coadjutor espiritual formado no colégio de Coimbra, no mês de Agôto de 1665». Barros, *Vida do Padre António Vieira*, Liv. IV.

a jornada, ficando por conta de V. S.^a assinalar-me o lugar, ou nêsse onde V. S.^a está, ou em algum outro da vizinhança, mandando-me V. S.^a ao caminho modo com que possa ir fechado. Desta sorte, além de lograr a presença de V. S.^a, poderei também beijar os pés ao Duque que Deus guarde, que é o que sumamente desejo, e haverá tempo para alargar mais a conferência, e falar nas estrêlas do céu e nas da terra, que nem sempre hão-de ser contrárias.

V. S.^a me fará mercê avisar até sexta feira com as novas que vierem de Lisboa, para que, sendo praticável êste modo, possa eu acomodar o dia conforme as disposições do que cá se oferecer.

A causa daquele eclipse foi com toda a particularidade, e me tenho aproveitado da ocasião, pôsto que me não promete a esperança grandes consequências, salvo as da contrariedade, que tenho por mais seguras e impossíveis de reconciliar, com que também venho a admirar o muito bojo dos homens grandes; mas, como marinheiro que tem padecido tantos naufrágios, sei que nunca estes estão mais certos que quando menos se teme a tempestade. Etc.

Vila Franca, 10 de Agôsto de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Agôsto 10

Senhor. — Com a carta de V. S.^a recebi a cópia de Madrid, e não me admiram os artificios de Carracena, com

(1) Do t. 1.^o da 1.^a ed.

que a sua soberba quis diminuir a sua desgraça, e adoçar a dor de tamanha perda (1); mas perco a paciência em ver que a verdade dela não esteja metida em Castela por mil partes, e divulgada em todas as do mundo, onde Castela se não terá descuidado de dar as primeiras tintas, e espalhar a primeira fama, que sempre é a que mais se imprime nos ânimos, com tanta injúria da nossa glória. Se a não queremos dar aos homens, ao menos não a tiremos a Deus, que é género de ingravidão aonde só podia chegar a nossa: fazer êle as maravilhas e nós desfazermo-las!

E pôsto que a verdade não pode estar muito tempo dissimulada, é consolação esta muito boa para os vindouros, e não para nós, em tempo que os efeitos da nossa conservação dependem principalmente do crédito, não só na mesma Castela, que pela vizinhança e experiência pode melhor conhecer suas perdas e nossas vantagens, mas em França, Inglaterra, Holanda, Itália, onde por falta de indústria ou não chegam as notícias das nossas vitórias, ou chegam tão trocadas que parecemos nós os vencidos.

Aqui chegaram agora dois padres de Sicília que, com serem moradores na cidade de Palermo, afirmam que nunca lá ouviram que D. João de Áustria fôra vencido em Portugal. E que fácil fôra ter um escritor em Itália, outro em França e outro em Alemanha, que com mui leve salário divulgassem em todas aquelas nações e línguas o que nem na nossa queremos dizer!

Daqui se segue o que eu vi em autor alemão, que escreveu as histórias de nossos tempos, e, tirando o que êle chama sublevação do Duque de Bragança, não fala mais

(1) Talvez referência à carta do general castelhano a Filipe IV, em que não confessava a derrota. Saiu publicada no *Mercúrio* de Setembro.

palavra de Portugal, como se o não houvera no mundo. Quanto mais estamos no fim dêle, tanto mais havíamos de introduzir nas outras nações êste comércio, porque das relações, que agora se imprimem, se compõem depois as histórias; e quem mais e melhor escreveu de si foi o que mais parte teve nos anais da fama. Sem sair de Lisboa se pudera achar italiano, francês e alemão, que escrevesse e mandasse imprimir a suas terras. Perdoe-me V. S.^a estas loucuras, que amo muito a nossa pátria, e não tenho paciência para a ver desluzida, quando Deus e os homens a têm ilustrado tanto.

As novas das naus da Índia e frota do Brasil são as melhores que podíamos desejar. Deus as traga a salvamento, para que nos não falte com que fazer opposição ao inimigo, que na esperança de seus milhões dizem quer fazer a guerra de bolsa a bolsa e não de braço a braço; mas o sofrimento dos nossos soldados está feito à prova de mal pagados.

Não repete o rebate de ter a armada inimiga lançado gente em Sagres, como disse o Conde valido no dia do correio(1). Queira Deus que êste aviso não tenha tão pouca certeza como o que veio a Aveiro, de cujo governador vi eu a carta, em que dizia o avisara S. M. que a armada de Castela estava sôbre a barra de Lisboa.

Se V. S.^a puder haver as profecias de Santa Hildegardis, que andam em livro particular de sua vida, far-me-á V. S.^a grande mercê, porque, tanto que o permitirem os primeiros alentos, quisera tornar à antiga teima, antes que o tempo chegue e lhe tire a graça. Ao sr. Marquês peço me tenha na sua, e Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como havemos mister.

(1) Supra, p. 212.

Vila Franca, 10 de Agôsto de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXIII

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Agôsto 11

Senhor. — Grande susto me causaram as primeiras duas regras desta carta de V. S.^a, porque cama e sangrias, sendo palavras tão mal soantes, não podiam deixar de ser respondidas do meu coração com ecos muito sentidos. Viva-me V. S.^a mil anos, pela certeza de não haverem de passar dêste número, e pela esperança dos bons efeitos que da minha parte farei por ajudar a dispôr com os sacrificios de todos estes dias. A botica e o colégio está todo à ordem de V. S.^a, mas dê-me V. S.^a licença, não como médico, mas como enfermeiro experimentado, para que interponha uma interlocutória à quantidade da receita. Eu tenho tomado a purga de maná muitas vezes, e nunca menos de três onças, três e meia, e quatro; porque êste género de medicamento é demasiadamente benigno, e, como vem de Itália, não chega cá tão vigoroso; mas isto *sub censura* e *salvo meliori judicio*; por isso vão duas onças em um papel e uma em outro.

A D. António tenho dobradas razões de servir, e serei mui diligente servidor e solicitador em tudo o que prestar quanto ao merecimento de sua pessoa seja necessário o meu cuidado. Do valimento do Bispo confessor dou a V. S.^a

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

o parabém: princípio querem as cousas, e das extremidades de Lisboa se pode chegar a maiores extremos. Os dias bem merecem amaldiçoados, porque estes das férias trazem consigo a maldição, e cada hora topo com maiores dificuldades(1); avisarei quando poderá ser vencerem-se. Ao Duque meu senhor beijo a mão muitas vezes. E Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

• Vila Franca, 11 de Agôsto de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXIV

Ao Duque de Cadaval (2)

1665 — Agôsto 14

Ex.^{mo} Sr. — De todos os meus cuidados me livra V. Ex.^a sempre, porque na protecção e amparo de V. Ex.^a tenho o seguro de todos.

Algum susto pode dar ao nosso govêrno confirmar-se a nova do Algarve(3), que sempre será intento de alguma nova consequência, e de muita, se por aí nos quizerem divertir, segundo rezam os avisos de Madrid.

Sinto o achaque do Marquês(4); que os de Lisboa neste tempo costumam ser mais pesados do que começam. Me-

(1) Para a ausência em visita a D. Teodósio e ao Duque de Cadaval. Supra, p. 214.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(3) Que a armada de Castela tinha desembarcado tropas em Sagres. Supra, p. 212.

(4) O Marquês de Gouveia.

lhor saúde tinha, quando estava longe da côrte (1). O certo é que só Deus sabe o que faz, e que sempre devemos muitas graças à sua providência, cujos decretos eu muito venero acêrca da pessoa de V. Ex.^a, e considero nêles mui superiores fins (2).

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, para que o vejamos os criados de V. Ex.^a

Vila Franca, 14 de Agôsto de 1665. — Criado de V. Ex..

António Vieira.

CARTA CXV

A D. Rodrigo de Meneses (3)

1665 — Agôsto 17

Senhor. — Sabe Deus que as cartas de V. S.^a são para mim o entretenimento de toda a semana emquanto se esperam, e depois que chegam o único alívio de quanto padeço, assim na dificultosa convalescença da enfermidade passada, como no temor ou cêrteza das futuras, de que nenhum médico duvida, pela experiênciã de todos estes anos e conhecida contrariedade dêste fatal clima.

Já não falo a V. S.^a nesta matéria, por ser de tão pouco gôsto quando eu desejo dá-lo em tudo a V. S.^a; e só é bem que cuide e me alegre das ocasiões que V. S.^a tem de o lograr muito grande, quanto o estado desta mortalidade permite.

(1) Isto é, no destêrro.

(2) Veja-se a nota a pág. 91.

(3) No t. 1.º da 1.ª ed.

Li a relação (1), e, pôsto que diz muito, folgo de a haver de reputar antes por diminuta que por encarecida, que é a maior glória do successo, e o mais seguro e universal testemunho de sua grandeza. No estilo e narração dela, depois de V. S.^a ter já interposto seu parecer, fico eu incapaz de dar juízo, porque, sem seguir os impulsos da vontade, se não sabe apartar nunca o meu do que V. S.^a julga, como tão acertado sempre e tão livre dos affectos que costumam escurecer a razão.

Aqui chegam por várias partes pessoas que vêm de Castela, e todos falam pelo estilo da carta daquele amigo, que com as segundas notícias no-las dará melhores do desengano da perda, a qual não podia estar dissimulada muitos dias, por mais que se multiplicassem os artificios de Carracena. Contudo dizem constantemente que êle se apresta para voltar, cousa que parece impossivel, pelas difficuldades de novo exército, e muito mais pelas do tempo e da campanha. Se vier, será para última ruína sua, pôsto que a nossa seja tão merecida, no mal que agradecemos a Deus as mercês que nos faz, devendo considerar que se pode alguma vez cansar sua providência de se pôr sempre da parte dos ingratos.

Eu, senhor, não posso deixar de o ser (2) ao muito favor, que V. S.^a não só me faz a mim senão a todos os meus recomendados, por que beijo a V. S.^a a mão muitas vezes, e o farei com mais particular gosto, quando souber que está conseguida com efeito a eleição daquele religioso,

(1) Deve ser a que se publicou em apenso ao *Mercúrio Português* com o título: *Relacion verdadera y puntual de la gloriosissima victoria que en la famosa batalla de Montes Claros alcançõ el exercito del-Rey de Portugal.*

(2) Ingrato? Lápso de pena evidente.

que a sr.^a D. Juliana tem autorizado com o seu patrocínio (1).

Na graça do sr. Marquês me encomendo sempre, cuja pessoa e a de V. S.^a nos guarde e conserve Deus muitos anos, como Portugal há mister.

Vila Franca, 17 de Agôsto de 1665. — Capelão e criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CXVI

Ao Duque de Cadaval (2)

1665 — Agôsto 22

Ex.^{mo} Sr. — Envio a saber da saúde do sr. D. Teodósio, e me alegro que V. Ex.^a a logre tão inteira, e tão superior a tudo o que o mundo chama trabalho e desgosto. Padece V. Ex.^a o que podem dar os homens, e logra o que só pode dar Deus, sinal certo que é vontade sua: debaixo desta providência se faça pouco caso daquelle rigor. Emfim o sr. Conde de Atouguia nos diz que na côrte se adocece; e em V. Ex.^a nos mostra Deus que em Almeida e em Tentúgal se vive, e que não é tão má sorte a dos desterrados que não haja outra menos tolerável.

Do mundo vão tais novas que não parece o mesmo que começou êste ano; e ainda não está acabado. Holanda dizem que aparelha nova e mais poderosa armada, e que França se tem declarado por sua parte; que os príncipes de Alemanha se armam, sem se saber o fim; que em Po-

(1) Supra, p. 201.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

lónia começam grandes revoluções, e que se temem em Europa mais universais guerras que nunca ; que Carracena, feito grande, vai governar Nápoles ; e que a conquista de Portugal se torna a entregar a D. João de Áustria. Assim o diziam as profecias de Évora muito antes dêste aviso. Um de Madrid se me tem prometido para o correio ; vindo irá a V. Ex.^a

• Da côrte há carta em que se escreve a notícia de descontentamentos vários, afora os da impressão ; nesta última se despede Mercúrio, mandando que não se escreva mais (1). Eu lhe sofrera o estilo, com que Deus nos desse muitas ocasiões de escrever vitórias. O mais digo ao sr. D. Teodósio, cuja saúde por agora tenho mais segura nêsses ares que nos de Lisboa.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos, como Portugal há mister.

Vila Franca, 22 de Agôsto de 1665. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXVII

A D. Teodósio de Melo (2)

1665 — Agôsto 22

Senhor. — Vai o portador desta trazer-me novas de V. S.^a, que eu estou desejando todos os momentos, e as solicitara todos os dias se tivera outra liberdade. Sirva-se

(1) Do *Mercúrio Português* não consta a suspensão a que alude Vieira, e a publicação continuou mensalmente como até aí,

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

V. S.^a de me mandar dizer como tem passado com o medicamento, e se têm sido tão favoráveis os efeitos como prometiam os que o receitaram. Melhor será ir lograr a saúde nos arrabaldes de Lisboa que buscá la neles; porque se afirma que não estão de presente aqueles ares mui sádios, e que as partes de além do Tejo ardem em graves doenças, não sem temor de que se passem desta outra banda. Viver, senhor, é o que importa, e viver onde Deus fôr servido, e esperar as disposições de sua providência no lugar que êle sabe é mais conveniente.

Já disse a V. S.^a a pouca fé que eu dou às estrélas e a seus intérpretes; mas, como nessa carta que vai de João Nunes da Cunha me escreveu êle tais asseverações acêrca do dia 19 de Setembro, entendo que verdadeiramente merecem alguma atenção, e que roguemos particularmente a Deus pela continuação dos anos que ontem fez S. M.; os 9 do mesmo mês também diz que são de expectação para Portugal. Podemos agradecer aos seus prognósticos, que se nos mentem ao menos não nos cansam, pois são tão breves os prazos que nos mandam esperar. O certo é que o cometa vai saindo com os seus efeitos, e que estes são temidos em muitas partes, porque em Roma e em Madrid se proibiram todos os juizos que sôbre êles tinham e iam saindo.

O Marquês de Sande parece que está de vagar (1), porque, excusando-se Frei Luís de Sousa (2) de vir à festa dos anos de El-Rei por não haver Rainha, lhe respondeu o Conde valido que a Rainha era flor da primavera, mas que viesse contudo. De aqui à primavera há muitas noites que dormir fora, e as flores do ano de 1666 pode ser que pro-

(1) Isto é, não partiria por enquanto para França, a buscar a Rainha.

(2) Monge de S. Bernardo e Abade geral; tio de Castelmelhor.

duzam mui diversos frutos dos que atégora deu França a Portugal (1).

Não há dúvida que a fortuna de S. M. o tem guardado para maiores felicidades daquelas com que se contentam aqueles que o assistem de mais perto. Não é mau princípio dizer-se que já não vai o N. (2), e que tem mudado de entretenimento. Não creio que seja tão constante no aborrecimento quem o é tão pouco no amor; de onde se infere sem temeridade que as pertinácias que se padecem devem ser alimentadas de outras raizes. Aquela peça de enxadrez (3) depois da reconciliação, logra os mesmos favores, e ainda avantajados; mas não me parece que por esta via se pode dar xaque nem mate, e digo isto depois de ter tomado o vau ao Mondego (4).

Ao Padre Manuel Luís mandei o abraço de V. S.^a, e êle a mim o último, com aviso que parte hoje. Também eu desejava apressar a minha romaria (5), mas por mais diligências que tenho feito, e traças que tenho cuidado, não poderá ser nestas três semanas. Diga-me V. S.^a se a jornada se pode dilatar até 12 do que vem, qorque neste dia se acabam os embaraços das férias.

(1) Êste ano era designado pelos cabalistas para a realização de sucessos extraordinários. António Vieira esperava ver nêlo cumprido o seu sonho do quinto império do mundo, com o monarca português por soberano, como então escrevia na *História do Futuro*. Nêsse tempo havia já renunciado à crença na ressurreição de D. João IV, (Veja-se a carta LXXXIII do t. 1.º da presente edição) e atribuía o feito triunfal a D. Afonso VI.

(2) Talvez no original: a N., significando o sítio aonde ia por de-leite, ou para encontrar-se com alguém de sua afeição.

(3) Roque da Costa Barreto. Supra, p. 197, nota 3.

(4) Referência ao Reitor da Universidade, que morava em quinta vizinha de Vila Franca.

(5) A visita a D. Teodósio em projecto.

Bem mostra o largo desta que sem queixa do achaque considero a V. S.^a, pois o tenho cansado tanto.

Vila Franca, 22 de Agôsto de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXVIII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Agosto 24

Senhor. — Quando V. S.^a me faz mercê dizer que desejara falar comigo, e com tanto encarecimento, que posso dizer eu, cujo coração há mais de três anos está cozendo desgostos e discursos, sem poder romper o silêncio? Esta é a enfermidade de que adoeço, e a falta dêste remédio a que me há-de matar, se Deus não abrir algum extraordinário caminho, com que me veja aos pés de V. S.^a, pois todos os ordinários estão tão fechados. Não havia mister o ânimo de V. S.^a tantos desenganos do mundo, para V. S.^a conhecer e se desenganar dêle; mas assim costuma Deus tratar a quem ama e aos que quer só para si. Mais deve Portugal ao sr. Marquês na sua constância que no seu valor; e mais venero eu esta vitória, do que admiro todas as suas, conhecendo o estilo da Providência Divina, que na frágua destas sem-razões está lavrando e dispondo a S. Ex.^a outras coroas maiores.

Do Pôrto me escrevem que já Carracena está deposto do officio e substituído outra vez por D. João de Áustria (2);

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Assim parece ser a lição correctá, e não: *outra vez D. João de Austria*, como na 1.^a ed.

sinal certo, se assim fôr, de que as primeiras notícias da batalha estão já bem desenganadas em Madrid. O aviso o dirá.

Aqui se diz que o conde de Castriho se chama *Garcia* e se dá essa explicação ao último verso da décima de *Bandarra* (2). Sirva-se V. S.^a de me dizer se é assim. E também disseram uns frades da serra de Ossa que a casa, que os Duques de Bragança têm na Tapada, se chama a *Cabana*. Espero que tudo o mais se cumpra e que seja muito cedo.

A sr.^a D. Juliana manda saber de mim, em todos os correios, se tenho resposta de V. S.^a acêrca do religioso seu recomendado, o qual eu não tenho confiança para lembrar a V. S.^a, depois de ter dito por quem esta eleição é patrocinada (2).

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos como desejo e Portugal há mister.

Vila Franca, 24 de Agôsto de 1665. — Capelão é menor criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Dizia a Relação da vitória de Montes Claros (Supra, p. 221, nota 1), e se acreditava geralmente, que a mesma fôra predita nas *Trovas* do *Bandarra*. Eis a décima:

Ao redor da grã cabana,
Naqueles montes erguidos,
No vale que se diz Cana,
Ouvimos esta semana
Lobos que andavam fugidos,
Dando grandes alaridos,
Fazendo grande sgonia;
Muitos mortos e feridos;
Outros andavam fugidos,
Cá no baile de Garcia.

Grã cabana: o solar de Vila Viçosa. Nome do Conde de Castriho: D. Garcia de Haro.

(2) Supra, p. 201.

CARTA CXIX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Agosto 31

Senhor. — Com o que leio, nesta carta de V. S.^a de 21, qualifico e confirmo mais o nome que dou de loucuras aos desejos do meu zêlo; e mui bem convence V. S.^a a indiscrição dêle, em desejar que as notícias de nossas vitórias se estendam pelo mundo em todas as línguas, quando o nosso descuido as dilata tanto na própria, e até os mesmos vencidos e inimigos reprovam a desigualdade do pouco que se escreve ao muito que se obra. Grande bem será que saiam outras relações conformes com a verdade, ainda que tarde, para que desfaça, e não perpetue, o esquecimento, o que calou a negligência ou a desgraça. De todo o género de palavras somos avarentos, e nenhum género há de ingratição, em que a nossa se não qualifique com Deus e com os homens.

Amanhã entra o mês de Setembro, em que os intérpretes nos têm alvoroçado tanto a expectação; e, pôsto que o prazo parece mui limitado para grandes mudanças, em alguma cousa se podem ajustar os discursos astrológicos com as considerações políticas.

Dizem-me que se tem formado nessa côrte uma junta de ministros de todos os tribunais, para arbitrios de tirar dinheiro em grande soma. A necessidade o pede assim, e nunca será tão grande a soma como a necessidade. Mas haver

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

chegado neste mesmo tempo a frota das Índias(1) nem é boa concorrência para a fama dos estrangeiros, nem para o alento dos inimigos. Não falo na opressão dos naturais, de cuja fidelidade e obrigação se pode fiar tudo; mas também pudera sobrevir este acidente menos intempestivo em ano mais abundante que o presente, cuja esterilidade por estas partes ameaça muito aos pobres e não empenha menos aos ricos. Eu sempre me encosto à parte do receio, e não sei se é isto covardia, se é amor. Meios tem Deus com que acudir a tudo, e bem fácil era o da idade e novo achaque de El-Rei Filipe: *Ut unus moriatur homo, ne tota gens pereat.*

Muito estimei ver a carta daquele amigo, e o desgano dos primeiros artificios, que cada hora se irão declarando mais.

A introdução de graça de D. João de Áustria é matéria problemática(2): se tiver a dos naturais, de que mais se pode duvidar, é certo que tem a dos estrangeiros, assim em Flandres como em Itália, com maior conhecimento dos Estados, nações e pessoas, do que teve nenhum rei de Espanha depois de Carlos; mas a suposição deste mesmo caso dará maiores motivos, e espertará mais os pretextos em França. Cartas há para todo o jôgo, e mais se as baralhar a nossa fortuna. Nunca falei a V. S.^a no casamento da Infanta de Castela e na dilação e no desvanecimento dos nossos(3). O autor da carta sabe e costuma lisonjear; e os meus pensamentos também me têm lisonjeado a mim

(1) Refere-se às Índias de Castela.

(2) Retirado em Consuegra, sua residência como Grão-Prior de Castela, depois da batalha do Ameixial.

(3) Da Infanta, filha de Filipe IV, com o Imperador Leopoldo; e o de D. Afonso VI demorado, o do Infante D. Pedro desmanchado.

nesta matéria, e não poucas vezes nem em poucas ocasiões.

Muito ama Deus a S. M. Não conheço o prègador dos seus anos, mas sei que no Brasil há assúcar branco e mascavado, e que ainda no fino há mais e menos. Os engenhos naquela terra há queixas que estão perdidos, e nesta (o que V. S.^a por lhe fazer mercê acredita) não só perdidos, mas de todo acabados (1); e melhor foi que não caísse o descontentamento sôbre a eleição de V. S.^a Em tempo em que só vale a lisonja, não podia parecer bem quem professa só a verdade: mas êle (2) terá paciência emquanto Deus o não muda, que será, se eu me não engano, muito brevemente.

De Alemanha vi um notável prodígio por relação impressa, que não refiro, porque supponho haverá chegado a V. S.^a Também dizem os que entendem das estrêlas que apareceu estes dias uma nova na nau *Argos* (3). Bom prognóstico para os que esperam por mar as felicidades (4). A minha esperança não limita lugar nem elemento. De qualquer parte e com qualquer nome que Deus mande à sua Igreja o remédio da cristandade, o aceitarei com igual acção de graças. V. S.^a me tenha na sua, e o mesmo peço ao Marquês meu senhor, a cujos pés estou sempre.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Vila Franca, último de Agôsto de 1665.—Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Alusão satírica e trocadilho referido ao prègador, que seria brasileiro.

(2) O Rei?

(3) A constelação dêste nome.

(4) Os sebastianistas.

CARTA CXX

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Agôsto 31

Senhor. — O meu cuidado assiste sempre a V. S.^a, e sinto que não possa a presença acompanhar o cuidado. Na melhora de V. S.^a me não enganou êle, porque eu a supunha ; mas nos medicamentos sim, de cujos martírios imaginava eu a V. S.^a já livre, por não virem receitas ao nosso boticário, que é na sua faculdade o lente de prima desta terra : mas quanto os remédios tiverem menos de botica, terão menos de fastio e poderá ser que mais de eficácia. Emfim V. S.^a é o melhor Sanfins de seus males, e espero que o há-de ser também dos nossos.

As notícias que dá o Bispo confessor me não têm chegado por outra via, e bem poderão as estrêlas ter dado êste aviso a quem se comunicam tão familiarmente, e revelam tantos segredos. Já as considerações políticas tiveram menos fundamentos para se ajustarem com os discursos astronómicos. Chegou a frota das Índias (2), e nós no mesmo tempo fazemos uma junta de ministros de todos os tribunais para arbítrios de tirar dinheiro, de que dizem se padece extrema necessidade. Não é boa concorrência de causas, nem para a fama dos estrangeiros, nem para o alento dos inimigos, nem para opressão dos naturais, e mais em ano tão estéril.

De Alemanha e da Índia se escrevem notáveis prodí-

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

(2) De Castela. Veja-se adiante, p. 235.

gios, que deixo para a conferência ; mas não poderá ser nestas duas semanas em que duram as férias, tanto apesar das minhas saudades. Etc.

Vila Franca, último de Agôsto de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXXI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Agôsto 31

Ex.^{mo} Sr. — Pode V. Ex.^a dizer-me que já no dia de antes celebrava V. Ex.^a os anos de S. M. com se começar a levantar ; mas eu não posso dizer a V. Ex.^a quanto celebrei e festejei esta nova, e quanto foi o contentamento, que com ela recebeu o meu coração, o qual vacilava entre a esperança e o cuidado, pôsto que com grande confiança de que Deus nos havia de fazer esta mercê, por que tantas orações e sacrificios se lhe tinham oferecido. Seja infinitamente louvada sua bondade, e celebre V. Ex.^a e conte tantos anos com muito inteira saúde quantos Portugal há mister.

Amanhã entramos no mês de Setembro, em que tantas fatalidades nos prometem e ameaçam as estrêlas daquele amigo (2), causadas, como êle diz, das influências de Marte ; e certo que, se aos discursos astrológicos se ajuntarem as considerações políticas, nem a frota das Índias (se é verdade o que se diz) tem chegado aos castelhanos

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) João Nunes da Cunha. *Supra*, p. 224.

intempestivamente, nem a junta que nós formamos, para arbitrar os modos de tirar dinheiro, no mesmo tempo, é proporcionada oposição para os crescimentos daquele poder. Igualmente temo nela a fama entre os estrangeiros, e a opressão dos naturais, e mais em ano tão estéril de pão, que se cuida não farão pouco os pobres em manter as vidas, e os ricos em sustentar suas casas. Deus tudo pode; mas não sei se a nossa ingratidão merece antes os officios da sua justiça, que os milagres da sua omnipotência.

Se a multidão de tantos médicos descobrir remédios convenientes a esta que V. Ex.^a chama antiguidade, não será pequena maravilha de sua sciência; mas temo que falem as fôrças ao enfermo, e mais quando a ruína é certa, se o mal continua até o cair da fôlha. Eu, que estudo só pelas das árvores, vejo as desta quinta, que muitas vão já secando, e que não tardarão muito em cair.

Não invejo a comissão ao Conselheiro de Estado sôbre que se houver de autorizar a presidência, e estimo que as reliquias do achaque sejam em oportunidade, que divirtam êste pêso dos ombros de V. Ex.^a, que são dobrados motivos para conhecer as disposições da Providência Divina e lhé multiplicar as graças; mas é tanta a fôrça da que outros chamam ambição e eu zêlo, que haverá contudo tantos oppositores a êste lugar como ao que vagou pelo Conde de Atouguia (1). Se houvesse boa armada, não era mau o pôsto, e ainda melhor se a não houvesse nem má nem boa, como em todos estes anos. Olhamos para os nomes e não para as significações, e fazemos mais conta da que se recebe, que da que se há-de dar.

Muito é para estimar que o nosso Mercúrio tenha licença

(1) D. Jerónimo de Ataíde, General da Armada Real, falecido a 16 de Agôsto.

dos queixosos para continuar (1); correrão seus papéis com três licenças, com que ficarão mais qualificados que todos, mas ainda lhe aconselhara que se não metesse a avaliar merecimentos. Muito terá que dizer no oitavário dos touros, enquanto o silêncio das armas não dá outra matéria; mas soa por estas bandas que D. João de Áustria se veio avistar na Çafra com Carracena.

Desejo que V. Ex.^a convalesça bem e de vagar, e assim o peço a Deus, que guarde a V. Ex.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Vila Franca, último de Agôsto de 1665. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXXII

Ao Duque de Cadaval (1)

1664 — Setembro 4

Ex.^{mo} Sr. — Mais fértil está o correio de Tentúgal que o de Lisboa, o qual veio esterilíssimo; e, para o meu contentamento ser inteiramente perfeito, basta-me saber que a pessoa de V. Ex.^a passa com tão boa saúde, e que o sr. D. Teodósio a tem restituída, e se acrescenta que não é menor circunstância dêste contentamento termos a V. Ex.^a e a casa de V. Ex.^a muito longe de Lisboa nestes dias.

Direi não só o que sinto, mas o que conhecem todos os criados de V. Ex.^a com grande evidência. Os caminhos e conselhos de Deus são mais altos que toda a nossa

(1) Supra, p. 223.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

compreensão, e claramente se vê que tudo são efeitos da Providência Divina, que dispôs por êste meio (pôsto que tão violento) ter guardada a pessoa de V. Ex.^a para o que êle só sabe, e eu, se o não sei, suspeito. Êste ponto e os que V. Ex.^a reserva ficarão para a conferência, de cujo dia não posso ainda dizer cousa certa.

O achaque de S. M. (Deus o guarde), e o sentimento de S. A. com Simão de Vasconcelos e Sousa (1) é muito para sentir, pois são as duas colunas da nossa conservação, que, divididas no desagrado do valido, não ficam tão bem situadas como a firmeza do nosso edificio há mister. Deus nos dê a paz interior, para que a guerra de fora não faça os progressos, que em ano tão mal disposto se podem temer.

Ontem chegou nova que o inimigo nas fronteiras da Beira tinha junto todo o poder daquela parte, e que Carracena era chegado a Alcântara com quatro mil cavalos e seis mil infantes, e ia puxando por mais gente. Agora se afirma que encaminhava a Valença, mas pode ser que não seja esta praça o termo dos intentos de quem traz no pensamento a conquista de todo Portugal, e mais com o alento da chegada da sua frota, e a evidência da nossa necessidade, de que se escrevem as maiores misérias, não sendo a menor o pregão de uma junta de todos os tribunais para arbitrios de dinheiro.

A frota dizem que constava de trinta navios mercantes e cinco galeões de prata, que, ainda que são poucos para a escolta, podem trazer os mesmos tesouros que antigamente se seguravam com oito. Quer Deus que os mares de aqui por diante não darão tanta comodidade à invasão das nossas costas.

(1) Irmão do Conde de Castelmelhor.

De Lisboa se não avisa ainda nada da guerra da Beira, de onde partiram os avisos esta segunda feira; mas não devem de ser as nossas espias mui diligentes, nem as nossas inteligências mui interiores, quando as prevenções do inimigo se vêm a saber pelos efeitos.

Setembro tem entrado com bastantes disposições para se verificarem os prognósticos do Pôrto, e a interpretação daquelas estrêlas, entre as quais dizem aparece uma de novo e de particular grandeza, e me o afirmou pessoa inteligente que a vira, e que, examinados os globos, se não achava nêles tal astro, com que se confirma ser verdadeiramente nova. O mesmo aconteceu no ano de 1604, que foi o do nascimento de El-Rei D. João, sôbre que se escreveram muitos livros, e os maiores matemáticos concordaram em que aquele prodígio havia de ter seus efeitos de ali a sessenta anos. Estes dois, em cujas raias estamos, são reputados por fatais de todas as nações. Espero em Deus que hão-de ser felicíssimos para a nossa, ao menos em seus fins.

O mesmo Senhor nos guarde a V. Ex.^a como Portugal em todos os seus sucessos há mister.

Vila Franca, 4 de Setembro de 1665.— Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXXIII

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Setembro 7 (?)

Senhor. — Cada dia me dá V. S.^a melhores novas das que eu sobretudo desejo, que são as dêste importuno acha-

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

que, que pode ser fôsse mais intempestivo na mesma continuação, que tanto cuidado nos dava. Viva V. S.^a, senhor, e trate da conservação da saúde como do maior bem particular e comum, pois é de todos, e nos há-de ser muito necessária, ainda que o mundo de hoje a tenha tão ociosa; mas êle corre tanto pela posta a mudar-se, que, antes de se contarem muitas manhãs, pode ser muito outro. Não é pequena mudança a de terem buscado o nosso Marquês (1), que me escreve se não pode levantar de uma camilha. As mortes de uns e as doenças de outros, tudo são disposições de quem é senhor das vidas. D. Diogo da Silva ficava sangrado nove vezes, mas sem perigo conhecido, pôsto que as febres dêste ano todas se conhece que são traidoras; bem têm de quem aprender esta má qualidade.

O Reitor da Universidade esteve aqui esta manhã, e não teve novidade no correio; seus parentes, como de antes, mas nem por isso contentes.

Em Inglaterra se escreve que há peste, e que os Reis por esta causa estavam fora da côrte; mas êste mal lá não é nem extraordinário, nem tanto para temer como nos nossos climas (2).

Muito estimo a estampa da batalha, que restituirei depois de a participar aos amigos.

Amanhã começa a última semana dos meus embarços (3): já não tenho paciência para tanta dilação. Os 9 e os 19 dêste mês, dizem, serão dias assinalados, e para mim

(1) De Gouveia.

(2) Calcula-se que da epidemia pereceram, sòmente em Londres, cêrca de cem mil pessoas. Carlos II e a Rainha D. Catarina tinham-se retirado da capital para Hampton-Court, fora de Londres.

(3) Alusão à visita em projecto a Tentúgal. O advérbio, no começo da frase, parece indicar que a carta foi escrita no dia 5, sábado, ou 6, domingo, e não em 7, como no impresso.

o será o em que me vir aos pés do Duque meu senhor e de V. S.^a que Deus guarde. Etc.

Vila Franca, 7 de Setembro de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXXIV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Setembro 7

Senhor.— Mais novas do que V. S.^a me dá se me comunicaram neste correio, com especialidade sobre a pessoa do sr. Marquês, que Deus guarde, e sobre o lugar onde V. S.^a assistia aquella semana; e todas concordam muito com o nome ou definição de Babilónia, que é o que melhor explica a confusão da nossa côrte, e as confusões em que se acham os entendimentos e vontades de todos os que amam o corpo desta cabeça, e zelam sua conservação. Nem me admira que com V. S.^a lhe chamar Babilónia me deseje V. S.^a nela, porque os mistérios com que se fala por papel acrescentam o tormento e as perplexidades, que só podem ter alívio, quando não remédio, na comunicação da presença.

Esta é a maior pensão do meu destêrro, e do grilhão que só por esta causa desejara muito ver quebrado, ou mudado para lugar onde a distância me não impossibilitara tanto este alívio. Seja Deus bemdito, que assim o dispôs sua Providência, por meios em que eu cuidei que era elle servido e não ofendido. Mas, emquanto me não faltar a consolação de que V. S.^a e o sr. Marquês passam com

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

saúde, em tudo o mais me conformarei, esperando o benefício do tempo, que por todas as vias vai confirmando as esperanças que nos tem dado.

Por todas as razões, que V. S.^a pondera, me parece também impossível a campanha que o inimigo publica, sem embargo do aviso de S. M., que o Reitor da Universidade teve, de que êle intentava entrar pela província da Beira, e^o se afirma estar já em Alcântara o mesmo Marquês de Carracena com pé de exército, como avisou Afonso Furtado(1), mandando ir com pressa os auxiliares destas comarcas.

Mais cuidado dá a peste de Inglaterra, para cuja cautela mandou S. M. se nomeasse aqui um guarda-mór da saúde, com superintendência a todos os portos desta costa, porque, havendo de ser admitidos, como também se ordena, os navios, pessoas e fazendas dos ingleses, não costuma ser a nossa vigilância tão exacta que nos segure do grande perigo.

O ano tem trazido a fome, que ainda se teme maior se as chuvas, que por esta parte começam, continuarem; e nos vemos ameaçados, no mesmo tempo, com os três açoutes que Deus denunciou a David, por um pecado que não excedia de venial. Não sei se os nossos, sôbre as circunstâncias da ingratição, merecem o nome de venialidades. Deus abra os olhos aos que tão cegos estão com os favores da misericórdia, para que não experimentemos todas as execuções da justiça. Ao Marquês, meu senhor, beijo mil vezes a mão pela mercê que me faz, cuja pessoa e a de V. S.^a nos guarde a Divina Majestade, como eu desejo e lhe peço, e Portugal há mister.

(1) Afonso Furtado de Mendonça, que comandava um corpo em operações na Beira.

Vila Franca, 7 de Setembro de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXXV

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Setembro 7

Ex.^{mo} Sr. — Pouco me durou o contentamento da semana passada, com o novo cuidado da doença do sr. D. Diogo, e receio de o poder dar maior; e é terrível tormento haver de padecer esta suspensão de correio a correio, não podendo livrar dela o pensamento, como me acontece em todas as cousas que tocam à pessoa e casa de V. Ex.^a, ainda que não sejam tão de perto como esta. Quererá Deus que a esta hora esteja V. Ex.^a livre de tamanho cuidado, que será o mais eficaz remédio, para que a convalescença de V. Ex.^a vá em grande aumento, e se restitua V. Ex.^a à perfeita e inteira saúde, que a V. Ex.^a desejo e desejam todos os que amam a Portugal,

Veio próprio ao Reitor da Universidade, com aviso da peste de Inglaterra, e ordem para se pôrem nos portos desta costa as cautelas necessárias, as quais se teme muito não sejam bastantes, como também se ordenam as dos navios, pessoas e fazendas dos ingleses.

Com o mesmo aviso veio a notícia de o inimigo intentar facção pela província da Beira, e ordem ao Reitor para que assista a João Nunes da Cunha, o qual é mandado ir

(1) No t. 3.º da 1.ª ed.

a Aveiro, com a superintendência das prevenções e guerra marítima.

Destá maneira entrou Setembro, cujas ameaças, se forem por diante, bem podem concordar com os prognósticos das suas estrêlas, pois nos vemos no mesmo tempo com temores de peste, de guerra e de fome. O pecado, por que Deus pôs na eleição de David um dêstes três açoutes, não passou de venial, e não sei se os nossos procedimentos com as circunstâncias da ingratição merecem nome de venialidades.

Abra Deus os olhos a quem os tem tão cegos, e de V. Ex.^a e do sr. D. Diogo me mande novas tão boas como eu desejo, e em todos os meus sacrificios e orações lhe peço; e o mesmo Senhor guarde a V. Ex.^a como o reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Vila Franca, 7 de Setembro de 1665. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXXVI

Ao Duque de Cadaval (1)

1665 — Setembro 9

Ex.^{mo} Sr. — Cada papel de V. Ex.^a é uma arte política e militar, pela qual, se se emendaram os nossos erros, tivéramos colhido mais fruto das vitórias que Deus nos dá, e estivéramos expostos a menos sobressaltos. O da Beira chegou ao Reitor da Universidade por aviso de El-rei, com ordem de assistir a João Nunes da Cunha, que por

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

esta ocasião era mandado a Aveiro, e não sei se terá ido, porque o correio passado passou por aqui sexta feira, e ontem tive carta sua de sábado; mas nesta hora recebo um escrito do Padre Ministro do colégio, o qual me refere um capítulo de uma carta da Beira, escrita ao padre Pedro do Amaral por um seu sobrinho do mesmo apelido, pessoa nobre e de pôsto, que pode ser V. Ex.^a conheça, cujo teor é o seguinte: «Ontem que nos estávamos preparando para Penamacor, aonde havíamos de estar aos dez dêste, chegou um correio que não fossemos e os auxiliares tornassem a voltar. Carracena se mostrou em Pedras Alvas (lugar queimado seu junto à raia) com oito mil homens, e de ali se tornou a Alcântara, de onde partiu para Catalunha, o que se soube por correios, que se lhe tomaram, vindos de Madrid».

Atéqui o dito capítulo, e não se me diz a data da carta. Bem se pode suspeitar que estes mesmos correios sejam artificios de Carracena, principalmente não sendo fácil de conjecturar a causa que agora o possa levar a Catalunha; contudo, parece que não há dúvida em se haverem mandado recolher os auxiliares, porque ontem chegou da Beira um homem dêste colégio, que deu as mesmas novas. Por tudo são muito para estimar, e eu agora recebo delas maior contentamento, pelo cuidado em que me havia de deixar a ausência de V. Ex.^a, cujas finezas venero como elas merecem, e só desejara que fossem obradas em tempo que os homens as souberam agradecer, e sempre o meu affecto se conformará com o voto de Pedro Jaques(1). Mas V. Ex.^a, com os exemplos do seu zêlo e valor, não só quiere

(1) Colige-se que o Duque tencionava regressar a Almeida, a juntar-se às fôrças comandadas por Pedro Jaques de Magalhães, aconselhando-lhe êste que não fôsse.

vencer a fortuna, mas confundir a inveja e envergonhar a injustiça.

Estas disposições, que deram princípio ao mês de Setembro, confirmam as esperanças ou os temores das suas facilidades, mas bem se puderam conseguir sem terem parte nelas os exércitos de Castela.

Se a dilação de V. Ex.^a, no caso da jornada, fôr até domingo, ainda terei lugar de beijar os pés de V. Ex.^a, que Deus guarde muitos anos.

Vila Franca, 9 de Setembro de 1665. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXXVII

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Setembro 9

Senhor. — De todas as mentiras da côrte nenhuma é mais para estimar que esta, que V. S.^a me diz correu lá, da enfermidade de V. S.^a, pôsto que ainda assim me assusta. Enganem-se êles, já que não acabam de se desenganar, e saibam que V. S.^a vive e há-de viver muitos anos, muito a pesar dos maus, como a prazer de todos os bons. Eu me alegro, em nome de todos êles, de que V. S.^a esteja vivo e muito vivo, porque não importa menos a viveza que a vida, e mais nos tempos em que imos entrando.

As novas da Beira, que agora aqui chegaram, refiro ao Duque, meu senhor, e as que amanhã chegarem de Lisboa ficarão com tudo o mais para a conferência. Esta

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed., com a data errada de 1669.

estalagem ainda há-de ter seus impedimentos para a semana que vem; mas tem-se apurado de maneira a impaciência das minhas saudades, que as não posso dilatar mais, principalmente na contingência de o Duque poder fazer jornada (1).

Domingo pela manhã (2), quanto mais cedo melhor, estimarei que V. S.^a dê ordem que venha carruagem, e que espere no olival e se me dê recado, porque toda a cautela é necessária, para a dissimulação com que importa fazer esta ausência, e desmentir tantos olhos e discursos. Etc.

Vila Franca, 9 de Setembro de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXXVIII

A. D. Teodósio de Melo (3)

1665 — Setembro 10

Senhor. — A esta hora, que são as dez da noite, me sobreveio de parte superior um impedimento inevitável, para não poder fazer a jornada de domingo, nem outra; e é o impedimento de qualidade que o não posso eu manifestar a V. S.^a, e muito menos por papel (4). Não se pode viver em tal terra, nem ainda morrer, porque nem nas sepulturas há segurança. Julgue V. S.^a qual eu ficaria com

(1) Veja-se a carta anterior.

(2) 13 de Setembro.

(3) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(4) Intimação do notário do Santo Officio, que escrevia no seu processo, para entregar sem demora a defesa escrita, ainda por acabar.

tal notícia ou tal notificação, e em tais dias. Dê Deus paciência e sustente a vida, que uma e outra é necessário ser de bronze, e mais que de bronze, para tanta sem-razão.

De Lisboa não vieram hoje mais que mortes de D. Diogo da Silva e de Jorge de Melo (1), e já contam no mesmo número a Condessa de Penaguião, pôsto que não tenha expirado. Tudo são misérias e tristezas, públicas e particulares, e não há quem não lamente. Se a vida está em Tentúgal, esteja o Duque meu senhor e V. S.^a em Tentúgal, que menos mal é ouvir de longe estas tragédias.

Para o partido de Afonso Furtado, escrevem, se mandam alguns terços, e que Carracena traz a mulher para Badajós, que é resolução que combina pouco com a viagem de Catalunha.

Ao Duque, meu senhor, não escrevo, porque não tenho coração para isso. Se V. S.^a houver de fazer jornada à côrte, não seja sem fazer a romaria primeiro a Santo António dos Olivais (2).

Vila Franca, 10 de Setembro de 1665.— Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) O primeiro, irmão do Marquês de Gouveia. O segundo, irmão do Monteiro-mór, Francisco de Melo; tinha servido nas armadas e na expedição de 1626 à Baía; fôra um dos mensageiros que levaram a Vila Viçosa, a D. João IV, a notícia da aclamação.

(2) Lugar próximo, de Coimbra, onde havia um convento de franciscanos da Piedade. Provavelmente para aí se verem.

CARTA CXXIX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Setembro 14

Meu Senhor. — Sempre a saúde e a vida de V. S.^a e a do sr. Marquês, que Deus guarde, são o mais particular assunto das minhas orações e sacrificios; e, lendo esta última carta de V. S.^a, dei ao mesmo Senhor infinitas graças por nos conservar uma e outra, no meio de tantos estragos quantos fazem as doenças nessa cidade, pôsto que não bastam estas notícias, na consideração da fragilidade da vida, para livrar de um contínuo cuidado a quem tanto ama a pessoa e casa de V. S.^a: e assim é hoje mui acompanhado de temores o alvoroço com que sempre espero o dia do correio; mas confio na misericórdia e bondade divina, que tanto favorece nossa conservação e os meios dela, me mandará em todas as novas que eu desejo e lhe peço, e as que o reino há mister, pôsto que tão castigado e tão merecedor de maiores castigos.

Já o mês de Setembro não acabará de todo livre dos trabalhos e fatalidades que nêle se prognosticam. Queira Deus que parem as ameaças de sua ira só em lagrimas particulares. A morte de D. Diogo da Silva foi mui sentida nesta Universidade, por sua idade e pelo bemquisto que era nele, e pela soledade de seu irmão e consequência de

(1) Com o título: *A D. Teodósio*, e mutilada, no t. 2.º da 1.ª ed. Publicado o trecho que falta na *História de António de Vieira*, t. 2.º, por J. Lúcio de Azevedo, da cópia no Cód. 1.724 da Biblioteca Nacional.

sua casa; e, pôsto que a circunstância dos anos do sr. Jorge de Melo tem as razões do alívio da natureza, não podem deixar de sentir muito a sua falta os que conhecem quão grande coluna era da pátria, e quão contados são hoje em Portugal os que merecem êste nome, e possam encher os respeitos do seu lugar.

Neste mesmo correio me avisaram que a fazenda de minha irmã e seu marido (1), que tinha escapado do naufrágio(2), e antes dêle estava passada a êste Reino, e era mui considerável, a tomaram os ministros de S. M. a titulo de empréstimo, que vem a ser o mesmo que confiscá-la, não merecendo êste castigo os seus serviços nem os de seus herdeiros; e que o mesmo se fará aos seus officios, de que eram proprietários, e dados em satisfação de tão grandes serviços de pais e avós, que confessou El-Rei não tinha com que os pagar. São as duas Provedorias da Fazenda e Alfândega de Pernambuco, e, sem serem lugares de guerra, dizem-me que se darão a algum valente.

No mesmo dia, que foi quinta feira, me vieram também novas assás lastimosas do que no Maranhão padecem as cristandades e gentilidades, e com elas os missionários, pastores infelizes de gado tão perseguido, desterrado sempre e nunca defendido da carniçaria do interêsse. Tinha

(1) D. Leonarda de Azevedo Ravasco, casada com Simão Álvares de Lapenha, Provedor da Fazenda em Pernambuco. Tinham perecido em naufrágio, com um filho e quatro filhas, quando vinham do Brasil para a metrópole, onde as donzelas deviam fazer-se religiosas. Em 4 de Novembro de 1662, fôra concedida ao Provedor licença para a viagem, segundo consulta favorável do Conselho Ultramarino. A data da viagem e a do naufrágio são por emquanto desconhecidas.

(2) No texto impresso: *que tinham escapado*. Concordância errada, e provávelmente emenda do copista, supondo se referia o verbo às pessoas e não à fazenda.

eu esperanças que o sr. D. Fradique (1) remediasse estes danos; mas também me avisam que está sua partida mais dilatada.

Com isto cuidei, senhor, que se acabavam naquele dia os correios de Job, quando chegou o último e sôbre êle outro, com maiores motivos que os passados e maiores que toda a paciência. É a matéria de sumo segrêdo, que no peito de V. S.^a estará mui seguro, e o direito natural me dá licença para que eu neste mesmo foro o revele.

Lembrado está V. S.^a daqueles intentos acêrca do papel escrito ao bispo do Japão (2), que foram impedidos pelo sr. Marquês, interpondo-se a autoridade da Rainha nossa senhora. A estes pontos me mandaram responder os ministros desta Universidade (3), apontando nêles tudo quanto disse ou escrevi, e tudo quanto imaginei dizer ou escrever em minha vida, que de tudo se pediu conta, e de tudo se me fez cargo. A tudo prometi responder e satisfazer, e sôbre matérias (que são infinitas e não tratadas até agora pelos doutores) tenho escrito muito, mas falta muito mais por escrever, e tudo por concluir, porque as pedras dêste edificio estão lavradas a pedaços e sem nenhuma ordem, como acontece em todas, e muito mais nas dêste género,

(1) D. Fradique da Câmara, irmão do Conde de Vila Franca, nomeado em 1664 Governador do Maranhão, que requereu e parece recebeu a ajuda de custo para a viagem, mas nunca embarcou, até que em 1666 o substituiu António de Albuquerque Coelho de Carvalho.

(2) Em forma de carta, e intitulado: *Esperanças de Portugal, quinto império do mundo, primeira e segunda vida de El-rei D. João o quarto, escritas por Gonsaleanes Bandarra*. Carta LXXXIII do t. 1.^o da presente edição.

(3) Aliás do Santo Officio. Porventura eufemismo, para não traír abertamente o segrêdo imposto por juramento no Tribunal.

de que V. S.^a pode bem ser testemunha, pela mercê, que me tem feito, de descobrir e me mandar tantos livros, e ainda de me mandar buscar fora do Reino os que não têm chegado. E é de direito natural que ninguém possa ser julgado sem se lhe dar defesa e o tempo necessário para ela. Sôbre ser muito desproporcionado o tempo que se me tem dado para a minha, a despeito da multidão das matérias e qualidades delas, é tal o rigor da minha desgraça que me não querem levar em conta o tempo das minhas enfermidades, sendo tão graves e tão perigosas, por serem mui dilatadas, e que me não valha o axioma tão recebido e ditado pela mesma natureza, que *legitime impedito non currit tempus*: represento e requeiro que, ou se me dê tempo suficiente para responder por escrito, ou que me permitam responder verbalmente, ao que me ofereço desde logo. E sendo esta resposta tão justa e tão justificada não é recebida, e, sem embargo do estado em que estou, continuam as baterias com tal apêrto que parece me querem matar, como já estivera morto por esta mesma causa, se Deus me não sustentara a vida depois de tão desconfiados todos dela; porque dos excessos que fiz, sendo obrigado a estudar e escrever de dia e de noite, vim a lançar muito sangue pela bôca, de que tantas vezes me queixei a V. S.^a, e últimamente a cair em uma cama com tanto risco. Tenho notícia que todos estes apertos manam dessa cidade, e como nela não tenho outra esperança nem outro amparo mais que aquele ministro, parente de V. S.^a, que tão propício se mostrou sempre às minhas cousas (1), estima-

(1) Talvez D. Veríssimo de Lencastre, Deputado no Conselho Geral do Santo Officio, que tinha uma irmã casada com D. João de Castro, Senhor de Reriz, primo de D. Rodrigo em segundo grau. Isto explicaria as boas relações que Vieira teve mais tarde com êle, quando foi Inquisidor Geral.

rei muito que V. S.^a nesta tão apertada ocasião me valha com êle, esperando da sua inteirêza e piedade queira acudir por minha justiça, e que ela, pois é tão manifesta neste incidente, de que depende o demais, não pereça ao desamparo.

Não digo mais, meu senhor, porque falo com V. S.^a, e por que ainda estas poucas palavras escrevo com receio e não sem risco de me fazerem recair.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo, e todos, e eu mais que todos, havemos mister. Coimbra, onde já fico por esta causa, 14 de Setembro de 1665.

Nêste último negócio peço muito a V. S.^a a brevidade, porque se deve resolver nêste correio, e eu não tive notícia para poder avisar antes. — Capelão e menor criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CXXX

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Setembro 14

Ex.^{mo} Sr. — Não sei que diga nem que hei-de escrever a V. Ex.^a nesta ocasião, porque de quinta feira a esta parte ando fora de mim (2), e não se aparta um momento a minha memória dos pés de V. Ex.^a; e, pôsto que na fé e na consideração dos meios, por onde a Providência Divina dispõe a predestinação, e na vida e virtudes do sr. D. Diogo, meu senhor, acho grandes motivos para Deus o querer para o

(1) Do t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) Pela nova da morte de D. Diogo da Silva, irmão do Marquês.

céu, e para apressar tanto o prémio de seus merecimentos, nenhum se me oferece bastante a consolar a dor de V. Ex.^a em tamanha perda e soledade. Só fio da grandeza do ânimo de V. Ex.^a haverá oferecido a Deus êste sacrificio, e suportado o rigor dêste golpe com a mesma constância e valor, com que V. Ex.^a tem vencido tantos outros desgostos, em que tinha menos parte a mão e vontade de Deus, que sempre ordena o que nos está melhor, pôsto que nós não alcançamos as causas de seus decretos.

O que só peço a V. Ex.^a, no excesso de tão devido sentimento, é que V. Ex.^a se lembre do dano que êle pode causar à saúde de V. Ex.^a no estado em que ela se acha, e das razões que V. Ex.^a tem para hoje, mais que nunca, amar e conservar a vida, de que tanto depende o bem e aumento da casa e estado de V. Ex.^a, e todos os que somos criados dela, e do mesmo reino, que Deus por tantas vias castiga. Meu senhor, guarde Deus muitos anos a V. Ex.^a, com os auxílios de sua graça e consolação do céu que a V. Ex.^a deseja.

Coimbra, 14 de Setembro de 1665. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira

CARTA CXXXI

A João Nunes da Cunha (1)

1665 — Setembro 15

Senhor. — Também eu quero começar pelo céu: e digo que vi a estrêla no lugar e às horas, e com a grandeza

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed. para D. Rodrigo de Meneses, mas, certamente, para a pessoa indicada no título acima, como outras atrás.

e luz admirável, e mais circunstâncias com que V. S.^a a descreve; e tudo comuniquei ao Padre Condone, que é matemático italiano, e êle também a observou, e segundo a sua astronomia diz que é a mesma Venus, a qual, pelo sítio em que agora se acha com o sol, está cheia, e por isso se mostra dobradamente maior que si mesma em outro tempo. V. S.^a julgará se esta sua razão é bem fundada, da qual eu não posso fazer juízo, e muito mais sendo encontrada à minha fé, que é seguir em tudo o parecer de V. S.^a

Vindo à terra, notáveis são as novidades que V. S.^a me diz do mundo, e me persuado que Deus quer sem dúvida humilhar e acabar aos holandeses (1). Só nos faltava agora que com a morte de El-Rei Filipe se concluísse uma paz ou comprida trégua entre nós e Castela, para que, desembaraçados dêste impedimento, pudessemos empregar uma boa parte no nosso poder no Oriente, e ter V. S.^a instrumentos com que reduzir à prática as ideas do pensamento, e conseguir os triunfos que também entendo começou Deus a dispor na eleição da pessoa de V. S.^a (2).

As novas de Lisboa são lastimosas, e mais que todas as que tocam ao nosso Marquês e atenuação de sua casa (4). Diziam-me que começava a estar bem visto do valido, mas êste desgosto é maior que tudo o que pode contrapesar a graça dos homens.

Dê-nos Deus a sua, e a V. S.^a guarde muitos anos para o que eu de sua Providência espero.

(1) Talvez por êsse tempõ constassem os intentos de Luís XIV, de apossar-se de uma parte de Flandres, em detrimento das Províncias Unidas, quando morresse Filipe IV, já então perto disso.

(2) Para Vice-Rei da Índia.

(3) O Marquês de Gouveia, que não tinha filhos, e cujo sucessor seria o irmão, D. Diogo da Silva, falecido.

Coimbra, onde já fico, 15 de Setembro de 1665.—
criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXXXII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665—Setembro 21

Senhor. — A ocasião, de que avisei a V. S.^a no correio passado, me tem tomado o tempo de maneira que mal me deixa lugar de escrever estas duas regras. Os aproches se apertam com grandíssimo rigor, e não sei que se possa esperar desta vitória, havendo tão pouca ocasião para tanta guerra. Queira Deus que me a não faça quem no-la faz (2). Espero com cuidado a resposta de V. S.^a, e de todas as notícias que V. S.^a puder colhêr me importará muito o roteiro, para saber como hei-de navegar em mar tão tempestuoso e noite tão escura.

Ontem foram os 20 de Setembro, e me tinha escrito João Nunes da Cunha, em carta de 14 de Agosto, que neste dia ameaçavam as estrélas um grande perigo nessa côrte. E acrescentava as palavras seguintes: «*O dia 9 de Setembro é de expectação para este reino. Isto é o que se lê nas estrélas; o Senhor delas fará o que fôr servido. Vossa Paternidade guarde esta carta, porque quero que se conheçam os meus erros. Eu cuido que será o successo no Reino, mas pode ser que fora déle*». Atéqui as palavras da

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Castela? Suspeitaria Vieira que influências de lá lhe moviam a perseguição?

carta, a qual eu mostrei logo então; e todos nos admirámos da segurança daquele modo de falar.

Não falta quem cuide que é ajudado de algum oráculo religioso da cidade do Pôrto ou vizinhança sua; e, como todas as cartas, que tivemos do correio, concordam em que o successo de Alentejo foi aos 9(1), e que o inimigo vinha empreender uma praça, e que lhe tomámos a artilharia e muitos prisioneiros, e que o encontro foi dentro e fora do Reino, por todas estas circunstâncias se entende que as estrêlas ou oráculo falou verdade no primeiro prognóstico, e assim se teme que possa ter sido no segundo; e por essa tenção se disseram ontem muitas missas, e se espera com maior cuidado a certeza de ter passado aquele dia com tanta paz de Lisboa, saúde e felicidade da pessoa de S. M., como havemos mister.

O certo é que na presença e na ausência acompanha as nossas armas a felicidade de seu general, de que dou a V. S.^a o parabém, e ao Marquês meu senhor, cujas mãos beijo sempre.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 21 de Setembro de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Recontro com um troço de cavalaria, saído de Badajós, que foi desbaratado, tendo assistido ao successo o Marquês de Caracena. Cf. o *Mercúrio Português*.

CARTA CXXXIII

A D. Teodósio de Melo (1)

1665 — Setembro 21

• Senhor. — Pela carta que hoje escrevi a V. S.^a (2) terá V. S.^a visto o meu cuidado, e como, apesar de todas as desgraças, não quero perder a ocasião da pequena liberdade, que elas me consentem no dia de quarta feira (3), cujas vésperas eu fôra celebrar de mui boa vontade em qualquer parte, se a casa do doutor, que V. S.^a aponta, não tivera os inconvenientes que direi na presença.

Fique isto e o mais para ela, porque os breves momentos desta tarde também querem os meus perseguidores que não sejam meus (4).

Guarde Deus a V. S.^a como desejo e hei mister.

Coimbra, 21 de Setembro de 1665. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) Falta esta carta, em que provávelmente repetiria o que diz a D. Rodrigo de Meneses e ao Duque de Cadaval, sôbre o prognóstico para o dia 20.

(3) 23 de Setembro.

(4) Dêste dia é a extensa petição ao Conselho Geral do Santo Officio, para que lhe seja prolongado o prazo de apresentar a defesa.

CARTA CXXXIV

Ao Duque de Cadaval (1)

1665 — Setembro 21

Senhor. — Nas que hoje escrevo ao sr. D. Teodósio, deu o meu cuidado razão de si, e da causa porque há tantos dias não pude procurar novas de V. Ex.^a Serão para mim todas as que posso desejar dizer-me V. Ex.^a que passa com boa saúde; porque o demais, quando o negue Setembro, não faltará outro mês que o dê, pois corre por conta da Providência, a quem obedecem os dias e mais as estrêlas.

As de João Nunes da Cunha estão muito acreditadas nesta casa, porque me escreveu uma carta, em 14 de Agôsto, em que dizia as palavras seguintes: «*Aos 20 de Setembro ameaça S. M. um grande perigo de febre aguda, incêndio, caída, traição, ou outro semelhante mal, daquelles que com a cautela podem evitar os sábios. O dia 9 do mês de Setembro, é de expectation para este reino. Isto é o que se lê nas estrêlas: o Senhor delas fará o que fôr servido; mas Vossa Paternidade guarde esta carta, que quero que se conheçam os meus erros. Eu cuido que será no Reino; mas poderá ser que suceda fora d'ele*».

Atéqui as palavras da carta, que eu mostrei logo, e todos nos admirámos da grande segurança daquele modo de falar. E como todas as cartas do correio dizem que o successo do Alentejo foi aos 9, e que o inimigo vinha en-

(1) Inédita. Do Cód. mss. — *Obras do Padre António Vieira*, t. 12.º — na Biblioteca Nacional de Lisboa.

treprender Campo Maior, e que lhe tomámos duas peças de artilharia com muitos prisioneiros, e o encontro succedeu dentro e fora do Reino; por todas estas circumstâncias se entende que as estrêlas falaram verdade no primeiro prognóstico, e assim assim se teme que possa ser no segundo, e por esta tenção se disseram ontem muitas missas, e se espera com maior cuidado a certeza de ter passado o dia de ontem com tanta paz de Lisboa, e felicidade da pessoa de S. M., como havemos mister.

Isto é o que agora se fala destas portas a dentro: de-las para fora não sei cousa que mereça relação. Para mim será o Setembro ditosíssimo, se no dia em que espero me vir aos pés de V. Ex.^a, a quem Deus guarde muitos anos, como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Coimbra, 21 de Setembro de 1665. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXXXV

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Setembro 21

Ex.^{mo} Sr. — Não posso fazer estas regras senão por mão alheia; tal é o estado em que a minha convalescença me tem pôsto, depois que aos meus achaques se ajuntou o sentimento do desgosto de V. Ex.^a Com êle me recolhi para o colégio, que foi o luto e demonstração, com que meu estado me permitia confessar o foro de criado da casa de V. Ex.^a nesta ocasião(2).

(1) No t.^o 3.^o da 1.^a ed.

(2) Repare-se como na adulação dissimula o motivo por que se

Espero que a benignidade divina haja moderado o rigor do golpe passado, com ter dado a V. Ex.^a a inteireza da perfeita saúde que a V. Ex.^a desejo, e me tem agora em maior cuidado.

Assim continuo em o pedir a Deus em meus sacrificios e orações, e a V. Ex.^a, meu senhor, me atrevo já a pedir se sirva V. Ex.^a de me mandar dizer que nos tem Deus feito esta mercê, porque na ausência das pessoas da casa de V. Ex.^a, que residiam nesta terra, não tenho quem me dê novas certas, pôsto que as procuro.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos, como êste reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Coimbra, 21 de Setembro de 1665. — Capelão e menor criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXXXVI

A Diogo Velho (1)

1665 — Setembro 21

Senhor meu. — Não conheço a pessoa de V. M.^{cê} mais que por fama, como V. M.^{cê} a mim por delitos; os quais devem estar tão mal reputados nêsse sagrado Tribunal, como se vê pelos apertos com que sou instado, a despeito da saúde

recolheu de Vila Franca ao colégio, que foi o indicado a p. 243, nota 1; e na razão simulada de escrever por mão alheia, tendo-o feito pela própria a outros, nêsse dia.

(1) Secretário do Conselho Geral do Santo Officio. Original autógrafo no Arquivo Nacional, cartório da Inquisição, processo de António Vieira. Publicada pela primeira vez pelo dr. António Baião na revista *Serões*, n.º 22, como dirigida ao Inquisidor Geral.

e da própria vida. Se eu tivera liberdade para ser ouvido, pode ser que se tivera outro conceito de minha justiça, cujo melhoramento espero por mãos de V. M.^{cé}, no breve despacho dos requerimentos inclusos (1). V. M.^{cé} dará a êsse débil papel o espírito que falta às razões escritas, ainda quando é a alma delas a mesma verdade. Custou-me cuspir de novo sangue o escrevê-lo com tal pressa, e parece que meu estado merecia compaixão, quando não favor. Em todo o que V. M.^{cé} fizer a esta causa, terá V. M.^{cé} o merecimento dos que favorecem aos desamparados e perseguidos, e o de muitas obras de grande serviço divino, que do bom expediente dela estão pendentes. De mim não ofereço nada porque não sou nada, mas se algum dia tiver ser terá V. M.^{cé} em mim um mui obrigado servo.

Deus guarde a V. M.^{cé} muitos anos, como desejo e hei mister.

Coimbra, 21 de Setembro de 1665. — Capelão de V. M.^{cé}

António Vieira.

CARTA CXXXVII

A D. Teodósio de Melo (2)

1665 — Setembro 25

Senhor. — Muito me obrigam as raivas de V. S.^a pelo que descobrem do coração, que eu conheço demonstrati-

(1) Petição ao Inquisidor Geral, em data de 21 de Setembro de 1665, impressa em *Obras Inéditas*, t. 1, p. 61, com a indicação inexacta de ser dirigida ao Santo Officio de Coimbra.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

vamente, sem serem necessários à minha evidência novos argumentos. Êste correio parece que não trouxe novidades de Lisboa, que é a mão descoberta de onde se tiram as pedradas: quererá Deus não nos esmechem de maneira que nos seja necessário ressuscitar o Guilherme (1).

Deixemos fazer aos homens e permitir a Deus, o qual é tão poderoso na disposição de sua providência, que espera se arrependam êles muito, alguma hora, do que agora parece que fazem só por gôsto. O meu todo é ver a V. S.^a com muito inteira saúde, e que V. S.^a só trate de a conservar e aumentar, que tudo o mais não importa nada.

As novas seculares mando ao Duque meu senhor, e as eclesiásticas são que sôbre os despojos de D. Diogo da Silva houve grande disputa, sendo o maior opositor à sua conezia de Lisboa D. Simão da Gama (2); levou-a Francisco Barreto, o Inquisidor (3), em que dizem valeu muito a graça de Roque da Costa, para que S. M. interpusesse sua autoridade, com que D. Simão se resolveu a ir requerer a Roma: lá pode ser que tenha melhores assistências.

Não há mais que saudades e mais saudades da Lamasrosa (4).

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Coimbra, 25 de Setembro de 1665.

(1) Algum curandeiro célebre? A referência tanto pode ser a médico, cirurgião ou curandeiro afamado, como a qualquer curioso, da familiaridade de Vieira e D. Teodósio.

(2) Filho segundo do Marquês de Niza.

(3) Tio de Roque da Costa Barreto, e sobrinho do Bispo do Algarve D. Francisco Barreto, a quem sucedeu na mitra em 1671.

(4) Freguesia no concelho de Tentúgal, onde, segundo parece, foi em visita no dia 23, como na carta de 21 dava a entender, e se infere da seguinte, ao Duque de Cadaval.

Fica a relação para a comunicar com os amigos. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXXXVIII

Ao Duque de Cadaval (1)

1665 — Setembro 25

Ex.^{mo} Sr. — A quem vem da presença de V. Ex.^a nenhuma cousa o molesta mais que a memória dela, em que há tanto que lograr e tanto que sentir. O sereno se ajuntou com a conjunção do equinócio, mas toda esta conjunção de influências, pôsto que em todos os achaques desta casa fez grande descomposição, em mim não pôde obrar semelhantes efeitos, porque me achou armado com tão eficás contraveneno como foi a vista de V. Ex.^a, acompanhada de tanta mercê e favores por que beijo os pés a V. Ex.^a

O successo da Beira é muito para estimar (2), e eu estimo particularmente nêle a circunstância de ser discurso de V. Ex.^a, cujos acertos ao longe e ao perto sempre são os que mais nos convêm e os mais bem logrados.

As novas que tive do mundo poderá V. Ex.^a ver pela inclusa de D. Rodrigo de Meneses. Depois dela tive outra, escrita aos 19, em que diz ficava S. A. sangrado, com que parece que a febre havia repetido; mas agora chegaram dois padres de Lisboa, que, havendo partido à terça feira,

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(2) Aos 15 de Setembro, entrada de Pedro Jaques de Magalhães e Afonso Furtado de Mendonça por Castela, fazendo prisioneiros. Cf. o *Mercúrio Português*.

dizem estava livre do perigo. Mas o juizo das doenças dêste ano tem enganado muito aos médicos, com que é fôrça que não estejam livres de cuidados os que amam o estabelecimento de Portugal.

Confesso a V. Ex.^a que fôra grande o meu sentimento, se, na consideração do que pode succeder, me não consolara o desquite daquele discurso. Deus sabe o que mais nos convém, e de sua misericórdia espero elegerá sempre os meios e instrumentos da nossa maior felicidade.

Tem-se por certo haver campanha no Minho, e em ordem a ela vêm correndo de Lisboa para esta parte alguns Mestres de campo.

Dizem que morreu o irmão do Imperador, e que o casamento da Infanta de Castela está desfeito (1), pôsto que acho algumas implicações nesta nova. S. M. se acha muito bem disposto, com que o golpe dos 19 parece que se inclinou para a parte de S. A. Do Terreiro do Paço ao Corpo Santo não é grande distância, com que não vem a ser muito o êrro das estrêlas do nosso matemático (2).

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos como desejo, e o reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Coimbra, 25 de Setembro de 1665. — criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Supra, p. 229.

(2) Id., p. 256.

CARTA CXXXIX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1665 — Setembro 28

Ex.^{mo} Sr. — Acho-me nêste correio com duas cartas de V. S.^a, pelas quais beijo a mão a V. S.^a duas mil vezes. Em ambas leio o que sempre conheci e conhecerei sempre; e êste conhecimento é o que me dá confiança para só revelar a V. S.^a os meus trabalhos, cujos mistérios são os que me têm mais confuso, experimentando nos efeitos o maior rigor, e não podendo descobrir nas causas a menor culpa.

Emfim, eu não tenho na terra outro amparo senão o de V. S.^a, e, porque estou tão seguro dêle, não quero cansar mais a V. S.^a com matéria de tão pouco gôsto.

Depois de receber a última de V. S.^a chegaram aqui uns padrés, que partiram dessa côrte à terça feira, e nos deram mui boas novas da melhoria de S. A., com que considero a V. S.^a mui aliviado daquele grande cuidado. Oiça Deus nossas orações e aceite nossos sacrificios, e nos sustente e conserve esta coluna de Portugal como há mister.

Se não fôra o impedimento acima referido, que há muitos tempos começou, não era necessária segunda lembrança de V. S.^a para ir o sermão. Quererá Deus que me veja desembaraçado dêle, e não só o sermão do Maranhão, mas todos se porão logo em ordem de ir às mãos de V. S.^a

Entretanto guarde-me Deus a V. S.^a com tantos anos

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

de felicidades como desejo, e ao Marquês meu senhor, a cujos pés estou sempre.

Coimbra, 28 de Setembro de 1665. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXL

Ao Marquês de Gouveia (1)

1665 — Setembro 28

Ex.^{mo} Sr. — Arriscado estive a não escrever a V. Ex.^a naquele correio, pelas causas que então disse, e agora as não quero renovar; mas já constará a V. Ex.^a que escrevi nêle e no seguinte, e depois que vi a firma de V. Ex.^a o faço com maior alívio, pôsto que não sem grande sentimento, por ver quanto se retarda a convalescença, e que ainda V. Ex.^a padece tão multiplicadas queixas. A fraqueza, a cabeça e o estômago, tudo são indicações de que as causa o desgosto, e a demasiada apreensão dêle, o qual não pode curar a medicina nem a natureza, nem ainda a razão senão acompanhada da fé.

Use V. Ex.^a daquele aforismo do anjo Rafael a Tobias, que é só o que nêste sentimento me tem dado algum alívio: *Quia acceptus eras Deo, necesse fuit, ut tentatio probaret te.*

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

Esta é a última carta conhecida, antecedente à prisão. A 1 de Outubro foi chamado Vieira ao Santo Officio, e ficou detido, sem nenhuma comunicação com o exterior até à sentença, em 23 de Dezembro de 1667.

E espero eu na bondade do mesmo Senhor que, se tirou a V. Ex.^a umas esperanças, com sua providência tem muitos e muito avantajados caminhos por onde restituir a felicidade. O primeiro efeito dela, e pelo qual eu não cesso de o importunar com meus sacrificios e orações, com a maior eficácia que posso, é a perfeita e inteira saúde de V. Ex.^a, de que espero me mande V. Ex.^a tão melhoradas novas como desejo.

Guarde Deus, meu senhor, a V. Ex.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Coimbra, 28 de Setembro de 1665. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXLI

Ao Duque de Cadaval (1)

1668 — Janeiro 3

Ex.^{mo} Sr. — Conheço quanto devo à grandeza e piedade de V. Ex.^a, e quanto ela poderia valer, se os decretos da Providência Divina se puderam impedir com diligências humanas.

Os homens escreveram a sentença, o céu a ditou, e eu a aceitei com a paciência e conformidade que se deve às suas ordens. Sôbre tanto desengano do mundo estava e estou resoluto a o tratar como êle me tem tratado, e não aparecer mais onde me veja.

Debaixo desta condição, que não pode deixar de parecer bem a V. Ex.^a, irei para onde me mandarem, pois

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

assim V. Ex.^a o manda (1), cuja obediência para mim foi sempre o mais seguro acêrto, ainda antes de meus erros estarem tão conhecidos e condenados. Eu, senhor, fico sempre aos pés de V. Ex.^a, sem discurso nem juízo, e hoje mais rendido que nunca, porque hoje mais obrigado.

Deus guarde V. Ex.^a, 3 de Janeiro de 1668.—Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXLII

Ao Duque de Cadaval (2)

1668 — Janeiro 9

Ex.^{mo} Sr. — Bem mal cuidou António Vieira que a esta hora não estivesse muito longe de Portugal, sendo para isso tão grandes as causas, cuja dôr tanto cresce mais quanto mais se vão esfriando as feridas. Mas os extremos do affecto e obrigação, que devi nêste trabalho a V. Ex.^a, me prenderam de sorte que, por não incorrer nota de ingrato, quero antes viver afrontado na pátria, entre os ódios dos naturais, que ir buscar em outras melhores partes do mundo a honra, que sei me fazem por lá os estranhos.

Ao Padre Provincial mostrei a carta de que V. Ex.^a me fez mercê, e êle me ordenou obedecesse a V. Ex.^a, e fôsse para onde me mandasse; com que cessou o escrúpulo da

(1) Vieira fôra condenado a reclusão, na casa da Companhia de Jesus em Pedroso, perto do Pôrto. O Duque interessava-se pela transferência para Lisboa.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

consciência, pôsto que não o do crédito, que a cada hora está mais vivo na minha immortificação.

Por um escrito que aqui me chegou do Secretário de Estado, soube da ordem que S. A., que Deus guarde, mandou, e entendi quanto o cuidado de V. Ex.^a se adiantou para que esta demonstração de favor ou piedade se não dilatasse(1). Os senhores de cá(2), que me têm visitado por vezes, tiveram a mesma notícia, pôsto que ainda não o despacho. Outras cousas entendi dêles, que poderiam ser de algum alívio se as soubera o mundo. Fique o mais para quando me vir aos pés de V. Ex.^a, que Deus guarde muitos anos.

Coimbra, 9 de Janeiro de 1668. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXLIII

Ao Duque de Cadaval (3)

1668 — Janeiro 16

Ex.^{mo} Sr. — Bem creio que não por desocupado me faz V. Ex.^a mercê de tão larga carta, pois é fôrça que sôbre os ombros de V. Ex.^a carreguem os maiores cuidados da monarquia, quando é tão grande o pêso dêles que pedem

(1) O Conselho Geral do Santo Officio, talvez por insinuação do Regente, mandou cumprir a reclusão no colégio de Coimbra e dispensar ai da para Pedroso, sítio ermo e sem os cómodos mais frugais.

(2) Os Inquisidores de Coimbra.

(3) No t. 2.º da 1.ª ed.

o concurso de toda; mas os affectos de V. Ex.^a medem-se pela grandeza do ânimo, e tão impossível é em V. Ex.^a o deixar de honrar muito, como em mim natural o merecer pouco.

Pelo conceito que V. Ex.^a tem do meu coração dou a V. Ex.^a as graças com todo êle. Mas eu, que o conheço de dentro, tenho mui diferente opinião do seu valor: padecer por fôrça é fraqueza; não desmaiar nos trabalhos, necessidade.

A adoração, com que amo ao nosso Príncipe e meu senhor, não nasce dos retratos que por toda a parte espalha a fama, pôsto que são os do mais perfeito monarca, na justiça, na prudência, no valor, na gentileza, na majestade, e em todos os outros attributos que pode criar a natureza e esmaltar a graça; mas é nascida de uma idea muito mais antiga, que se não distingue da alma, na qual sempre tive assentado, com certíssima esperança, tudo o que ainda creio por fé e V. Ex.^a já logra por vista. Para ela guardo um caso bem particular que me aconteceu nesta matéria, quando eu não sabia o que passava no mundo.

Mil parabens dou a V. Ex.^a de tudo, e da grande parte que em tudo V. Ex.^a teve, e de se haver conseguido com tanta felicidade e aplauso o que V. Ex.^a há tempo e com todo o desvêlo procurava, depois de tão bem traçada e tão bem sucedida fábrica (1). Com razão toma V. Ex.^a o nome de architecto; mas só lembro a V. Ex.^a que, em tão baixa e tão pesada fortuna como a minha, parece impossível a toda a arte fazer que dê volta à roda. O passar de Coimbra para a Cotovia, e da profissão para o noviciado, não

(1) Deve ser a alusão ao ajuste da paz com Castela, muito exaltado na carta seguinte.

sei se é ir adiante se tornar atrás (1). Ao sr. D. Teodósio digo o mais (2).

V. Ex.^a me perdôe tanta ignorância, que se em outro tempo houve em mim algum juízo, nesta ocasião se perdeu todo; e se o não perdi é porque o não tinha. Os golpes que chegam à alma, como ela é imortal, fazem o efeito nas potências; e das minhas só ficou a memória, para nunca a perder do que a V. Ex.^a devo. Assim que não esereve a V. Ex.^a o António Vieira que foi, senão o que é ou o que deixou de ser, para que V. Ex.^a se não admire da diferença do seu estilo, e dê V. Ex.^a por bem empregada toda a piedade que tem dêle.

Guarde Deus a a V. Ex.^a muitos anos.

Coimbra, 16 de Janeiro de 1668. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXLIV

Ao Duque de Cadaval (3)

1668 — Fevereiro 20

Ex.^{mo} Sr. — Não recebo esta carta, de que V. Ex.^a me faz mercê, como repreensão do esquecimento, pois êste se não pode nunca presumir de quem por tantas obrigações

(1) O lugar da reclusão foi afinal transferido para a casa da Covovia em Lisboa. *Da profissão para o noviciado*: equívoco sôbre o sentido; da casa professa, que era o colégio, para a dos noviços ou Noviciado.

(2) Falta esta carta.

(3) No t. 2.º da 1.ª ed.

deve a V. Ex.^a toda a memória ; mas beijo a mão a V. Ex.^a mil vezes, por assim querer animar o retiro do meu comedimento, e dar-me em tal ocasião e tempo a confiança de o tomar a V. Ex.^a, que era o meu maior receio, quando os negócios, ou os mares em que se navega (como V. Ex.^a lhe chama) são tão grandes. Bemdito seja o Autor de todos os bens, que nos chegou o navio a tão bom pôrto e em paz. Do piloto e da derrota não digo nada, porque pede outro discurso e mais largo tempo. Muitas graças devem a Deus os que êle guardou para tanta felicidade e para instrumentos dela.

Que imaginação cuidou nunca, senhor, nem que desejo se atreveu jámais a esperar, nem a presumir, o que hoje se está vendo com os olhos ? Quando veio ao pensamento, aos que deram princípio a esta que êles mesmos chamavam desesperação ou loucura, que Espanha havia de pedir as pazes, e que estas se haviam de pactear em Lisboa, e que no primeiro tratado e em menos de um mês se haviam de concluir, e de rei a rei ?

Por cá se ouviam estas cousas, a que eu não acabei de dar crédito senão depois que as li debaixo da firma de V. Ex.^a, e não só tenho em segrêdo o autor, senão também a nova, porque as mercês que V. Ex.^a me faz quero-as só para mim, e não quero dar que comer à inveja, quando já não tenho mais que os ossos.

Além do segundo negócio, que V. Ex.^a diz está bem e em boa altura, se fala noutro terceiro e de igual grandeza, em que dizem há controvérsia ; mas a minha fé a não tem, porque está mui segura, como sempre estive, de que assim há-de ser ; e, quando Deus o não faça por meio dos homens, caminhos tem para o fazer por si mesmo (1).

(1) Segundo negócio : o casamento de D. Pedro com a Rainha, a

Só quisera ouvir falar, e que se falara muito, em um ponto que eu toquei a V. Ex.^a em Tentúgal, que sendo mui particular da casa de V. Ex.^a, pertence tanto ao comum como todos os mais(1); mas isto fique para quando o bairro da Cotovia fôr o da Boa Vista(2). Como V. Ex.^a não repara no modo, mal pode achar inconveniente nêle quem obedece em tudo, como V. Ex.^a lhe mandou, aos olhos fechados. Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos.

Coimbra, 20 de Fevereiro de 1668. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXLV

A D. Teodósio de Melo (3)

1669

Plinius (lib. xxxv, cap. ix): Deprehenditur tamen Zeuxis grandior in capitibus, articulisque; alioqui tantus di-

favor de quem se ia pronunciar no mês seguinte o divórcio. Terceiro negócio: a assunção da corôa pelo Regente, em que Deus podia intervir fazendo morrer a D. Afonso VI. Compare-se com desejo idêntico acêrca de Filipe IV. Supra, p. 229.

(1) Sem dúvida o casamento do Duque, com a Infanta D. Maria, filha natural de D. João IV. Cf. supra, p. 150.

(2) Trocadilho: a visita esperada do Duque em Lisboa.

(3) No t. 2.º da 1.ª ed. Sem data, mas evidentemente de 1669, e nos primeiros dias de Agôsto. A carta refere-se a um passo do sermão pregado em 31 de Julho, na festa do fundador da Companhia de Jesus: «Houve-se Deus na formação de Santo Inácio como Zeuxis na pintura de Juno, deusa das Deusas, etc.». O trecho, ao que parece, suscitou críticas, transmitidas por D. Teodósio, e a que Vieira replica.

ligentia, ut Agrigentinis facturis tabulam, quam in templo Junonis Lacinae publice dicarent, inspexerit virgines earum nudas, et quinque elegerit, ut quod in quoque laudabilissimum esset, pictura redderet.

Estas, senhor, são as palavras com que Plínio refere a história, de que coligem os que assim o interpretam que a imagem dedicada no templo era da mesma deidade, que nêle se honrava. Nem parece que se houvesse de dedicar a Juno a memória da sua maior injúria na formosura de Helena, prémio da sentença de Páris; e assim como Cícero diz que sucedeu o caso entre os crotómatas, e Plínio entre os agrigentinos, assim podiam variar na aplicação do retrato; mas, de qualquer modo que haja sido ou não sido, a semelhança é a mesma, cuja decência está qualificada com a modéstia do grande Padre Barradas (1), que no liv. VII, cap. x não duvidou de comparar as virtudes da Virgem Senhora Nossa com os dotes naturais das donzelas de Zeuxis, para que os cristãos o imitem.

Sirva-se V. S.^a que êste papel não passe da mão de V. S.^a, pois não é minha tenção dar satisfação aos críticos, mas obedecer à vontade de V. S.^a que ontem entendi.

Colégio, sábado (2). — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Padre Sebastião Barradas, famoso escritor jesuíta, autor de — *Commentaria in concordiam et Historiam Evangelicam*, obra muitas vezes reimpressa, de onde no t. 1.º, e lugar citado na carta, Vieira colheu a referência a Plínio.

(2) Provavelmente 3 de Agosto.

CARTA CXLVI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1669 (?)

Ex.^{mo} Sr. — É falecido Diogo Lopes de Ulhoa (2). Vagou por sua morte o ofício que servia em Setúbal; pretende-o um seu neto, filho do Provedor-mór da Fazenda real no Brasil, o qual na capacidade e juízo não só iguala a seu avô, mas o excede muito nas letras, de que eu sou testemunha, porque o vi examinar em Coimbra com admiração de todos; e, porque sei que para o favor de V. Ex.^a são estas as maiores valias, só digo que em tudo o que V. Ex.^a fôr servido fazer-lhe receberei muito particular mercê, e com ela me desempenhará V. Ex.^a, por sua grandeza, de muitas obrigações que ao pretendente, a seu pai e avô devo.

Deus guarde a V. Ex.^a como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Colégio, quinta feira. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed. Sem data. Pode-se supor que de 1669, quando Vieira, dispensado da pena, tinha passado do Noviciado para o colégio de Santo Antão.

(2) Provedor-mór da Fazenda do Brasil, cargo que passou a seu filho António Lopes de Ulhoa. Tinha alvará de ofício de um dos fornos da Ordem de Santiago em Setúbal. Ao filho concedera a portaria de 4 de Abril de 1658 a pensão de cinquenta mil réis, emquanto não fôsse também provido em um dêles.

SEGUNDA JORNADA A ROMA

PRIMEIRA PARTE

(NOVEMBRO DE 1669 A DEZEMBRO DE 1673)

Desconsolado de não encontrar no Regente D. Pedro aquele acolhimento que fiava da afeição à sua causa, pela qual padecera, António Vieira decidiu expatriar-se, e em Agosto de 1669 partiu para Roma, onde por seis anos se conservou. O pretexto da viagem era a incumbência de promover nas estâncias próprias a beatificação dos chamados mártires do Brasil, Padre Inácio de Azevedo e trinta e nove companheiros, trucidados em 157c, no mar das Canárias, por corsários calvinistas franceses, a qual, já antes empreendida, não tivera seguimento. Na realidade, além do móvel do despeito, levava-o também para perto do Pontífice a esperança de obter a revista do processo de Coimbra, no Santo Ofício de Roma, e a reabilitação completa. O negócio dos mártires era acessório. Lembrado de seus antecedentes diplomáticos, o Duque de Cadaval, viúvo recente, encomendara-lhe que buscasse, entre a nobreza romana, senhora a quem pudesse propôr noivado, encargo de que Vieira logo à chegada cuidou.

Durante muito tempo o afligiram saudades da pátria e da côrte, e hesitou entre elas, que o impeliavam a voltar, e o aguilhão do despeito, que o afastava. Debalde esperou anos seguidos um convite decisivo de D. Pedro para regressar. Uma vez pareceu-lhe que a ocasião chegara, mas em breve a esperança se dissolveu em desengano. Afinal proporcionou-lhe ensejo de justificar consigo mesmo a ausência a perseguição aos cristãos novos, seguinte ao roubo sacrílego na matriz de Odívelas, em 1671, e, devotado à defesa dêles, se deixou ficar em Roma quatro anos mais.

Prêgou lá com êxito mediano no templo de Santo António dos Portugueses, em portuguêz e a portugueses, depois com grande aplauso, em outras partes, na língua italiana.

Com tal efeito que a Rainha Cristina de Suécia, então residente em Roma, onde era o seu palácio uma quasi academia, o nomeou seu prêgador, sendo-lhe também prestadas as maiores homenagens pela sociedade culta e altas dignidades da Igreja. Grande apreciador seu foi o Geral da Companhia, João Paulo Oliva, orador de fama igualmente, que se desvanecia de o ter por émulo.

De Roma entreteve assídua correspondência com os mesmos cortesãos a quem de Coimbra escrevia. Com êsses e de certo com outras pessoas. Mas o maior número das cartas que possuímos são dirigidas a Duarte Ribeiro de Macedo, embaixador em Paris, com quem travara amizade durante o destêrro no Pôrto: cartas imensamente noticiosas, e onde confiadamente exprime suas opiniões sôbre os successos do Reino e os do mundo em geral.

No regresso visitou em Florença o Grão-Duque Cosmè de Medicis, de quem fizera 'conhecimento na ida para Roma, e esboçou um projecto de casamento do herdeiro ducal com a Princesa D. Isabel, filha do Regente e presumível sucessora do trono.

Êste grupo de cartas é o mais numeroso da colecção, e, pela relevância e variedade dos assuntos tratados, do máximo interêsse para a história da época. Nos primeiros tempos vemos o autor principalmente empenhado na criação de uma companhia para a Índia; depois disso em proteger os cristãos novos: um e outro objecto ligados ao intuito de se poderem melhor utilizar, em proveito da nação, os cabedais e a actividade dos hebreus.

CARTA CXLVII

Ao Duque de Cadaval⁽¹⁾

1669 — Novembro 22

Ex.^{mo} Sr. — Cheguei ontem; amanhã parte o correio, e hoje fui dar a obediência e oferecer-me ao serviço da sr.^a Duquesa, cujo amor para com a pessoa de V. Ex.^a e casa é muito maior ainda que o parentesco (2). Não houve tempo de falar de espaço no negócio principal (3), mas tudo se tocou por maior, e me parece que tudo o que sr.^a Duquesa aprovar se pode e deve aceitar sem mais exame, porque ninguém tem melhor conhecimento das famílias, nem pode dar melhores notícias, nem deseja e zela a autoridade e grandeza de V. Ex.^a, da sua casa e descendência, com mais fino e interessado amor.

Parecia-lhe a S. Ex.^a que haveria sido muito conveniente vir V. Ex.^a a Roma com esta embaixada de obediência (4), porque, ainda que se não ganhasse autoridade, não se perderia, e iria V. Ex.^a casado, e com um capêlo para

(1) No t.2 .º da 1.ª ed.

(2) Duquesa de Sermonetta, D. Leonor Pimentel, tia-avó do Duque, do lado materno.

(3) O projectado casamento do Duque.

(4) Ao Papa, para a qual foi escolhido o Conde do Prado, elevado a Marquês das Minas.

o sr. D. Teodósio. Emfim, senhor, o futuro é o de que se há-de tratar; e, ainda que pelas terras de Itália por onde passei lancei minhas inculcas, ainda não tenho que dizer com fundamento a V. Ex.^a Sucessivamente o farei.

As novas de cá chegarão a V. Ex.^a por outra via, tão certas como as que devem mandar aos ministros de S. A. De Portugal e das Ilhas ouvi muitas em Espanha, França e Itália, piores que más; porque tenho por menos mal serem verdadeiras que haver entre nós quem as semeie falsas.

Fico muito bem recebido do Padre Geral e mais padres, e sempre aos pés de V. Ex.^a, a quem Deus guarde muitos anos.

Roma, 22 de Novembro de 1669.

António Vieira.

CARTA CXLVIII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1669 — Novembro 27

Senhor. — Depois de haver tomado Alicante, e arribado com um grande temporal a Marselha, cheguei emfim a Roma, e, pôsto que a viagem foi larga, teve menos perigos e trabalhos do que experimentaram outros, que navegaram o Mediterrâneo neste inverno; mas parti em dia de Nossa Senhora da Assunção e cheguei em dia de Nossa Senhora

(1) No t. 3.º da 1.ª ed., com a data de 7 de Dezembro. Mais certa parece a da Colecção da Academia das Sciências, t. 11.º, pela qual se optou.

da Apresentação (1), e espero que, assim como foi estrêla do mar, o será também da terra.

O Padre Geral me recebeu com demonstração extraordinária de affecto, e o mesmo experimento em todos os religiosos desta casa, que hoje é uma recopilação de toda a Companhia, por se acharem nela em congregação os enviados trienais de todas as Províncias. O certo é, senhor, que os portuguezes conhecem a António Vieira, pois só êles o trataram como merece.

O Padre Assistente de Portugal (2), com quem nunca tive correspondência, e outros muitos senhores me foram receber duas milhas fora de Roma com duas carroças, sendo tanto mais para estimar êste amor, quanta é a diferença com que El-Rei D. João, que está no céu, mandou a Roma êste mesmo homem há vinte anos, então com a maior confiança e autoridade, e hoje, quando só me era necessária, com suma indignidade.

Nos termos das cartas, que trouxe para o Embaixador e Protector (3), não falo pela reverência que devo à firma de S. A., que Deus guarde, e porque temo que a dôr de chaga tão fresca me obrigue a alguma voz, de que se ofenda o meu amor. Perdoe-me V. S.^a êste silêncio, que só do coração de V. S.^a o fiara, como daquele em que os extremos da minha adoração só reconhecem igualdade.

Não me falte V. S.^a com novas suas, que sempre foram o alívio das minhas penas, e hoje serão a âncora das minhas desesperações. *Magnus dolor est laesus amor.*

Ao senhor Marquês (4), meu amo, peço me tenha em sua

(1) Partiu a 15 de Agôsto, chegou a 21 de Novembro.

(2) Padre Gaspar de Gouveia.

(3) O Cardeal Orsino, encarregado dos interêsses da corôa portuguesa, denominado por êsse motivo Protector.

(4) De Marialva.

graça, como sempre me tem a seus pés, e Deus me guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e hei mister.

Roma, 27 de Novembro de 1669. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXLIX

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1669 — Dezembro 3

Senhor. — Já dei conta a V. S.^a da minha chegada a Roma, onde também tive notícia da forma que S. A., que Deus guarde, tinha dado ao despacho ordinário, e o lugar que V. S.^a tem nêle, de que não dou a V. S.^a o parabém, mas de muito boa vontade beijara a mão a S. A. pela resolução e eleição.

Agora dou conta do meu negócio a V. S.^a que já se não poderá tratar nêste pontificado, porque o Papa fica morrendo (2). Presente é a V. S.^a que o papel censurado foi escrito no Maranhão (3), e enviado de lá por mãos do Confessor à Rainha Nossa Senhora que está no céu, e para seu alívio na morte de El-Rei. Dêste papel, interpretado como pareceu aos qualificadores, se formaram proposições

(1) No t. 2.º da 1.ª ed., com a data de 7 de Novembro de 1665, e mutilada. Restabelecido o texto, segundo a cópia no Códice n.º 1.724 da Biblioteca Nacional. Na colecção da Academia das Ciências, t. 11.º, 3 de Dezembro de 1669.

(2) Clemente IX expirou em 9 de Dezembro.

(3) O escrito denominado *Esperanças de Portugal*, e que era a carta ao Bispo do Japão, Padre André Fernandes, confessor da Rainha, no t. 1.º, p. 488, da presente edição.

e se mandaram a Roma, onde foram censuradas, sem aqui nem em Portugal eu ser ouvido, porque quando isto se fez estava eu no Maranhão, sem se me dar noticia de tal cousa. Suposto isto, eu não quero ter pleito algum com os Inquisidores de Portugal, que foram meros executores das censuras, e só quero e devo ter com os ministros de Roma que as censuraram, e pedir ao Papa que, pois eu não fui ouvido, me oiça, e depois de cuidar a razão do que eu disse mande julgar de novo o que fôr justiça. Assim que, o meu pleito todo é em Roma com os ministros romanos, não entrando para mal nem para bem nesta causa os ministros de Portugal; com que fica totalmente cessando o reparo que S. A. tinha de que a autoridade do seu Embaixador se interpusesse a favor dêste negócio, e é tanto assim que o mesmo Inquisidor Alexandre da Silva (1), por cujas mãos correu toda a causa, me exortou e aconselhou que assim o fizesse, alegando muitos exemplos de que os Inquisidores não tiveram sentimento algum, pois não ofende seu crédito e autoridade que o Papa desfaça, ouvindo a parte, o que o mesmo ou outro Papa fez, não a ouvindo. Sendo esta suposição tão diversa e tão alheia de todo o inconveniente, espero que S. A. me favoreça com uma carta para o Embaixador, em que lhe mande dizer que, além do negócio das canonizações dos mártires do Brasil, tenho outro que lhe comunicarei, e que me assista com tudo o que puder, etc (2).

Também estimaria muito, para o mesmo fim, que S. A.

(1) O Inquisidor encarregado do processo de António Vieira no tribunal de Coimbra.

(2) Assim também no Códice n.º 1:724 referido, não se podendo saber ser está conforme ao original, ou se houve também aqui mutilação.

me fizesse mercê honrar com uma carta sua em resposta da inclusa, dando-me confiança ou atrevimento para pedir êste favor o grande número de cartas, que se acham registadas em ambas as secretarias, que El-Rei, que está no céu, me mandou sempre escrever, não só de negócios mas de benevolência, além das particulares que não iam a registo.

E se êste exemplo não bastar, sirva-se V. S.^a, por me fazer mercê, de trazer à memória a S. A. que eu sou aquele que tantas vezes arrisquei a vida pela sua corôa, indo a Holanda, Inglaterra, França e Itália, sem mais interêsse que o do zêlo; e aquele que por respeito e serviço de S. A. foi desterrado, e afrontado por haver dado os meios com que se restaurou o Brasil e Angola, e com que o reino teve fôrças e cabedal para se defender (1).

Ainda tenho mais com que cansar a V. S.^a Do dinheiro que S. A. mandou pagar, e da consignação que mandou fazer, não há havido atégora efeito algum (2). O Padre Procurador Geral do Brasil há-de pedir favor a V. S.^a sôbre uma e outra cousa; espero que V. S.^a por sua piedade lhe não falte, pois é obra que tem tantas circunstâncias de misericórdia como já representei a V. S.^a; e V. S.^a me perdôe tão repetidas e importunas moléstias, que a mercê e affecto tão verdadeiro, que no ânimo generoso de V. S.^a experimentei sempre, me dão confiança e atrevimento para tanto.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo, e em

(1) A criação da Companhia do Brasil, por insinuação sua, com cabedais fornecidos pelos cristãos novos. Mais claramente o mesmo na carta à Rainha de Inglaterra. *Infra*, p. 288.

(2) Está o negócio explicado na carta de 15 de Fevereiro de 1670, também a D. Rodrigo.

todos os meus sacrificios e orações peço a sua Divina Majestade.

Roma, 3 de Dezembro de 1669. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CL

Ao Duque de Cadaval (1)

1664 — Dezembro 6

EX.^{mo} Sr. — A esta hora, que é uma da noite, chego de falar toda a tarde (e esta é a primeira vez) sobre o negócio de V. Ex.^a com a sr.^a Duquesa, de cujo amor e affecto para com V. Ex.^a, e do extrêmo com que zela suas conveniências como próprias, já dei conta a V. Ex.^a no correio da semana passada.

Primeiramente, senhor, havendo-se examinado e discorrido tudo o que há em Roma, Nápoles, Milão e ainda Génova, os grandes senhores por estas partes muito difficilmente querem casar suas filhas, por não diminuir a substância das casas, cuja conservação e aumento é o seu principal cuidado, querendo-as antes muito grandes e opulentas que bem aparentadas; e neste número entra o príncipe de Caserta (2), com se chamar filho da sr.^a Duquesa e ter três filhas de nove até quatorze anos, mas destinadas ao convento, como sua irmã.

Quando se possa vencer esta difficuldade, e a dos pais

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed., com a data de 6 de Outubro, evidentemente errada. Dezembro 6, como acima, em *Várias Obras no Padre António Vieira*, t. 12.^o, manuscrito da Biblioteca Nacional.

(2) Enteadado da Duquesa de Sermonetta.

quererem apartar de si suas filhas, e elas desterrar-se a países estranhos, darei parte a V. Ex.^a Onde há dinheiro não há qualidade, e onde há qualidade supõe a sr.^a Duquesa que não há dinheiro nem para a viagem. Com esta condição, em caso que V. Ex.^a se conforme, há em Nápoles uma senhora de quatorze anos e belísimas partes pessoais, filha dos Marqueses de Pescara e Basto, duas vezes grandes em Espanha, e por sua mãe da casa Carafa, por todas as vias a melhor cousa daquele reino; tem esta senhora um tio cardeal, que há-de vir necessariamente ao conclave (porque da morte do Pontífice não se duvida), e com aviso de V. Ex.^a falará a sr.^a Duquesa ao Cardeal; e, tirando êste casamento com suas incertezas, que podem ainda ser maiores do que agora se representam, de Itália não há outra cousa que esperar.

Casamento em França de nenhum modo o aprova a sr.^a Duquesa, pela experiência que tem de alguns senhores de Itália que de lá trouxeram mulheres, todos para destruição de suas casas, pela liberdade grande com que as senhoras francesas são criadas, pela largueza excessiva de seus gastos e appetites, e outros inconvenientes de maior reparo, que em França não tiram crédito e em Portugal não são tão toleráveis; e, querendo-se vedar, será sem paz e em perpétuo desgosto, e muito mais sendo a pessoa, como se supõe, de relevantes qualidades, como convém para satisfação da pátria a quem vai buscar mulher fora dela.

O que suposto, e ser necessário que V. Ex.^a case quanto mais depressa, o que parece à sr.^a Duquesa (e eu também o julgara, como criado de V. Ex.^a) é que V. Ex.^a pelas melhores vias devia apertar o negócio de Carnide (1), até averi-

(1) A pretensão sôbre a Infanta D. Maria, recolhida no mosteiro de Carnide. Supra, p. 271.

guar o efeito ou o desengano, e com êste, quando não haja em Portugal, como V. Ex.^a julgava que não havia, sujeito com quem aparentar còmodamente, pedir licença para o fazer em Castela, onde não faltarão conveniências de qualidade e dote, juntas com as da vizinhança, sem despesas, que também vem a ser uma boa parte delas.

Nêste caso a sr.^a Duquesa, que é o melhor mapa das qualidades de Espanha, se oferece a tratar por vias mui decorosas o que V. Ex.^a julgar mais conveniente; e, como os correios são tão certos e ordinários, se poderá fazer sem grandes dilações. O que importa é que V. Ex.^a, depois de o resolver, faça os avisos com brevidade, e, ainda que seja deferindo uma consulta do Conselho de Estado, não se esqueça V. Ex.^a de escrever à sr.^a Duquesa, que por todos os títulos o merece a V. Ex.^a muito, muito.

O Marquês de Astorga, Vice-Rei que foi de Valença, e agora do Conselho de Estado e Embaixador de Espanha, é primo da sr.^a Duquesa, e por conseguinte tio de V. Ex.^a; e por algumas consequências, que podem servir a V. Ex.^a e ao sr. D. Teodósio, pareceu à sr.^a Duquesa que de parecer de ambos o visitasse eu, como fiz ontem, e êle estimou muito e me disse: «*Que las obligaciones que devia al señor duque de Cadaval y al señor Don Theodosio las tenia muy dentro en las venas, para desearlos servir en todo*».

V. Ex.^a julgará se convém escrever-lhe, e, quando V. Ex.^a não aprove o cumprimento, o zêlo de quem o mandou fazer e de quem o fez merece desculpa.

As novas de Roma dou ao sr. D. Teodósio (1), por não

(1) Falta a carta.

tomar mais o tempo a V. Ex.^a, que Deus guarde muitos anos, como Portugal e seus criados havemos mister.

Roma, 6 de Dezembro de 1669. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira

CARTA CLI

A D. Teodósio de Melo (1)

1669 — Dezembro 16

Senhor. — Pelo correio tinha escrito sempre a V. S.^a e ao Duque que Deus guarde. No último dei conta do negócio que S. Ex.^a me fez mercê encarregar, sendo mais fiel a conta que venturoso o negócio, pôsto que apadrinhado da autoridade da sr.^a Duquesa, e do seu excessivo zêlo e amor, que é maior que de mãe (2). Esta tarde estive com S. Ex.^a, cuja discretíssima conversação só pode aliviar as ausências de V. S.^a, ainda que, quando V. S.^a está em Coimbra, tanto monta Roma como Lisboa.

O padre João de Almeida me avisou a novidade desta resolução, que, se teve alguma cousa de menos boa, foi não ser feita mais cedo (3). Estude V. S.^a e faça seus actos como seus, e, ainda que a conversação dos grandes não faz conseqüências, diga-me V. S.^a a mim o que diz nelas,

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(2) O casamento do Duque, patrocinado pela Duquesa de Sermonetta.

(3) D. Teodósio tinha ido para Coimbra cursar os estudos teológicos, a fim de ser investido no cargo de Capelão-mór, com que o tinha agraciado a Rainha D. Luísa durante a regência.

porque me quero acreditar com a sr.^a Duquesa de tão amante como isto de V. S.^a

Senhor: porque os Conselheiros de Estado não têm tempo de escrever novas (1), pôsto que a mim também me falta, quero dar a V. S.^a as de Roma, que pode ser que não passem tão facilmente o Mondego como o Tejo.

Morreu enfim o Papa, nosso senhor Clemente X, em 9 do corrente pelas três horas da manhã, que lá chamamos sete; celebraram a sua morte os validos com sentimento, os demais com alvorôço; uns pela novidade, outros pela esperança. Ao dia seguinte, com duas horas de noite, passou pela nossa porta a pompa do entêrro pela ordem seguinte: iam diante os estafeiros de S. Santidade com tochas, logo a guarda dos tudescos, e nêste lugar o corpo revestido de pontifical, descoberto por todas as partes, em umas andas de veludo de carmezim bordadas, acompanhado de um e outro lado com os doze penitenciários de S. Pedro, todos padres da Companhia; seguiam-se seis peças de artilharia, levadas por cavalos em suas carretas e guarnecidas de alguns infantes; após estas duas companhias de cavalo, uma de couraças, e outra de cavalos ligeiros com as lanças enristadas; e por fim os oficiais do palácio pontificio em carroças. Saíu de Monte Cavallo para ser depositado em S. Pedro, onde se vão continuando as exéquias. *Sic transit gloria mundi.*

Deixou êste bom pontífice sua memória mais rica de fama que os parentes de fazenda. O conclave se prepara, onde ficará recolhido o Sagrado Colégio aos vinte. Está nomeado por confessor dêle o Padre Ximenes, Reitor da Penitência. O nosso Embaixador teve sua oração ao Consistório, com que ficou nesta côrte com igual opinião

(1) Alusão ao Duque de Cadaval.

de orador que de político; porque soube negociar depois do Pontífice morto o que sua enfermidade lhe atalhou fazer em vida (1). Com que já está públicamente recebido. O cortejo que levou foi grande; mas o da entrada que se está preparando dizem que será o mais ostentoso que nunca viu Roma. O demais dirá a sr.^a Duquesa, que também me mostrou uma caixa de guantes para V. S.^a, que não poderá levar o correio.

No passado recomendava a V. S.^a um negócio meu com carta para a Rainha nossa senhora; mas espero que onde está o Duque, meu senhor, não sinta êste criado falta da presença de V. S.^a que Deus guarde.

Roma, 16 de Dezembro de 1669. — Capelão e menor criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CLII

À Rainha D. Catarina de Inglaterra (2)

1669 — Dezembro 21

Senhora. — Tem V. M. a seus reais pés a António Vieira nêste papel, porque é tal a sua fortuna que o não pode fazer em pessoa, por mais que o desejou e procurou.

A quem me queixarei do Príncipe D. Pedro, meu senhor, senão a V. M.? Por sua causa, depois do primeiro destêrro padeci as indignidades que me não atrevo a refe-

(1) O Marquês das Minas, não tendo podido entregar ao Papa a carta credencial, foi recebido na qualidade de Embaixador pelos cardeais em conclave.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.

rir; e quando, para o reparo delas, esperava o escudo de sua real protecção, nem uma fôlha de papel para o seu embaixador pude conseguir, em que lhe encomendasse me assistisse nesta Cúria, querendo antes favorecer com nome de fé àqueles que, na vida e depois da morte de El-rei que está no céu, faltaram provavelmente à sua, como testemunha a tôrre de Belém e o Noviciado da Cotovia (1).

A Companhia do Comércio do Brasil, que restaurou Pernambuco e Angola, e deu cabedal ao reino para se defender, por ser invento e arbítrio meu me tem trazido à presente fortuna, quando se pudera prometer uma, muito avantajada e honrada, quem tivesse feito ao seu rei e à sua pátria um tal serviço, sôbre tantos outros em que tantas vezes, e com tão úteis efeitos, arrisquei sem nenhum interêsse a vida. Mas permite Deus que nos príncipes da terra se experimentem semelhantes galardões, para que só de sua grandeza e verdade se esperem os que não hão-de ter fim.

Quis fazer a minha viagem a Roma por Inglaterra, para antes de morrer ter a consolação de ver a Rainha da Grã-Bretanha, minha senhora, como ainda espero, e comunicar a V. M. de palavra muitos particulares, que se não podem fiar de papel; e só porque os Inquisidores (2) não

(1) O Inquisidor Geral, D. Francisco de Castro, por ocasião da conjuração de 1641 contra D. João IV, na tôrre; Sebastião Cesar de Meneses, acusado de entendimentos com Castela, em 1665 no Noviciado. Ésse também Inquisidor Geral em 1665. O sentido da alusão confirmado adiante, na carta de 9 de Setembro de 1673 ao Padre Manuel Fernandes. No motim de Junho de 1663, em Lisboa, após a entrega de Évora aos castelhanos, foi assaltada a residência de Sebastião Cesar, que o populacho em brados apelidava de traidor.

(2) Falta a palavra na 1.^a ed., substituída por N. Está a carta na impressão três vezes mutilada. Restabelecido o texto segundo os manuscritos da Biblioteca Nacional, códice 1724 e colecção da Academia das Ciências, t. 7.^o

dos defuntos, de que ainda se não arrecadaram os três, sôbre que S. A. passou tantos decretos (1).

A fazenda real nos deve há mais de cinco anos vinte mil cruzados, que se tomaram a meu irmão (2) para o apresto das naus da Índia; o que peço a V. S.^a, por esmola e obra de misericórdia, é que efectivamente se consignem seis mil cruzados dêstes vinte, em qualquer das rendas que S. A. tem na Baía; porque desta maneira se acudirá a esta necessidade prontamente, sem a fazenda em Portugal desembolsar cousa alguma.

O padre João Pimenta há-de falar a V. S.^a neste negócio; espero que, com o amparo de V. S.^a, se consiga de modo que tenha efeito, como terá, se a provisão se passar para que o pagamento se faça na Baía, em qualquer das rendas ou efeitos que S. A. tem naquela cidade. Assim o espero do ânimo de V. S.^a, e que os três mil cruzados dos defuntos se entreguem ao padre Procurador Geral, que é testamenteiro dos órfãos e tem procuração de meus irmãos e minha, para que eu tenha com que acudir a meus gastos e empenhos, que são muitos e cada vez será necessário serem maiores, depois que começar a ser requerente (3).

Tudo confio da protecção de V. S.^a, pois nunca tive outra fiel e segura, nem maior necessidade dela que na ocasião presente.

(1) Maria de Azevedo, natural da Baía, desposada com Jerónimo Sodré Pereira, que tinha servido no exército em Portugal, e depois passara ao Brasil. Os seis mil cruzados seriam da herança da irmã, D. Leonarda, falecida em naufrágio. Supra, p. 247.

(2) Bernardo Vieira Ravasco, Secretário do Estado do Brasil.

(3) Na revista do processo, sôbre a qual nada intentara ainda, como diz supra, p. 280.

imaginassem que S. A., por êste rodeio, consentia no fim da jornada, me não concedeu que passasse uma vez, por amor de mim, aquele mesmo canal de Inglaterra, em que sete vezes me vi perdido pela conservação da sua corôa.

Mágoa é maior que toda a paciência a consideração de que experimente estes rigores em um filho de El-rei D. João o IV e da rainha D. Luísa, de immortal memória, um criado tão favorecido de ambos, que um o nomeou por mestre, e outro por confessor, de quem o trata assim depois de tão indignamente tratado por seu respeito.

V. M. por sua clemência pordõe a indecência destas queixas, que a dor não tem juízo, e nenhuma é maior que a do amor ofendido.

Determino pleitear de novo a minha causa, e buscar em Roma a justiça que não achei em Portugal; e ainda que espero me não falte Deus, como defensor da verdade, tenho grande confiança que, por meio da protecção de V. M., terei mais segura a divina.

O Cardeal Francisco Barbarino é o Presidente do tribunal, em que há-de correr a minha causa. Se, como a Protector dos reinos de V. M., V. M. lhe mandasse escrever uma carta, em que V. M. lhe encomendasse muito favorecesse, com particular assistência, os negócios que tenho nesta Cúria, seria para mim a melhor mercê que da Real casa de V. M. recebi em minha vida, pois não me importa menos que a honra. Esta deverei eternamente à protecção e amparo de V. M.; e se V. M. me não conceder êsse favor como irmã do Príncipe D. Pedro que Deus guarde, seja como irmã do Príncipe D. Teodósio que está na glória, e como filha daqueles grandes reis, cujos vassallos não tiveram maior desgraça que não haverem acabado as vidas com êles.

Rainha e senhora minha, Deus guarde a Real pessoa de

V. M., como a Igreja universal e os vassallos e criados de V. M. havemos mister.

Roma, 21 de Dezembro de 1669.

António Vieira.

CARTA CLIII

A certo prelado (1)

1670 — Fevereiro 14

Meu senhor. — A de V. S.^a Ilustríssima de 2 de Novembro recebi esta semana e li com lágrimas, fazendo dêste favor e affecto de V. S.^a tanto maior estimação, quanto a experiência do mundo me tem mostrado ser raro o que permanece quando os tempos se mudam. A diferença dêstes me trouxe a Roma, por não haver outro destêrro menos decente, depois de Portugal me haver tratado como eu lhe não merecia.

Levou Deus para si o papa Clemente, em que a Igreja perdeu grande pastor e V. S.^a grande amigo. Há cinquenta e oito dias que o Sagrado Colégio está em conclave, sem se concordar. Ao princípio estava dividido em quatro partidos, que hoje se reduzem a dois: um de Barberino, outro de Chigi(2), e cada uma das partes tem vinte e cinco votos, sendo os cardeais por todos sessenta e seis; com

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed. É provável que para Pedro Vieira da Silva, Bispo de Leiria desde 1668, por nomeação do Infante Regente.

(2) Os cardeais Francisco Bárberino, nepote de Urbano VIII, e Flávio Chigi, sobrinho e Primeiro Ministro de Alexandre VII, ambos de muita autoridade no pontificado de Clemente IX.

que cada um vem a ter segura a exclusiva, não bastando os que se chamam volantes, ainda que se inclinem a qualquer delas, para eleger pontífice. Entretanto se desfada Paschino, e se escreve de todos em prosa e verso com tanta paixão como indignidade.

De tudo o que vejo tiro uma consolação muito desconsolada, e é que de todos os cristãos do mundo nós somos os mais católicos, do que venho a não desesperar do que alguma hora esperei.

O Turco faz em Constantinópla e Cândia maiores aparatos de guerra que nunca, mas não há quem o tema.

Deus se lembre da sua Igreja, e a V. S.^a Ilustríssima guarde Deus (1) muitos anos para bem dela, como havemos mister.

Roma, 14 de Fevereiro de 1670. — Capelão de V. S.^a Ilustríssima.

António Vieira.

CARTA CLIV

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1670 — Fevereiro 15

Senhor. — Não escrevi a V. S.^a todo o mês passado porque estive em cama, e porque não tive ânimo para o fazer enquanto não chegaram as novas do sr. Marquês se haver livrado inteiramente do grande perigo, em que se dizia estava S. Ex.^a, de que dou a V. S.^a o parabém com toda a alma. Sempre me animei muito com os oráculos,

(1) A repetição desta palavra talvez do copista.

(2) No t. 3.^o da 1.^a ed.

que têm prometido a vitória do Turco às armas de Portugal, debaixo do govêrno do sr. Marquês de Marialva, cuja fama é tão grandê por todo êste mundo de Levante, que ela só leva consigo ametade da vitória (1).

As esperanças, que não quero chamar profecias, se vão dispondo por seus passos contados. Estamos no fatal ano de setenta, e o Turco fica fazendo em Constantinopla e Cândia os maiores aparatos de guerra, que nunca jámais se viram; e, como estes são pela maior parte marítimos, ainda que Alemanha e Hungria eram as que mais se temiam, já se entende que dará o raio em Itália, na qual se trata de acrescentar motivos à justiça divina.

Ainda não temos Pontífice, nem se espera tão cedo, porque está dividido o Conclave em dois partidos iguais, um de Barberino, outro de Chigi (2), e cada um procura que a eleição seja sua: entende-se que se virão a concordar em algum decrépito, a que aqui chamam Papa em depósito, para que, no *interim* de sua pouca duração, com os accidentes do tempo possa cada um melhorar de partido. Dê Deus à sua Igreja o pastor que mais lhe convier; e, qual êle fôr, tais entenderemos que são os intentos de sua providência.

Senhor: recebi nesta ocasião cartas do Brasil, e me pesa de não as poder mostrar a V. S.^a, para que se lastimasse de mim e de tudo o que tenho neste mundo. Tenho nesta idade uma irmã de mais de quarenta anos, órfã de pai e mãe, que há dois ou três anos está concertada para se casar, e lhe faltam seis mil cruzados para ajustamento do dote, além dos seis que estão em mão do Tesoureiro

(1) *Supra*, p. 91.

(2) *Guize* na 1.^a ed., evidentemente êrro.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos como desejo para amparo de desamparados.

Roma, 15 de Fevereiro de 1670. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CLV

Ao Marquês de Gouveia (1)

1670 — Fevereiro 21

Ex.^{mo} Sr. — Carlos Bonacosi, gentil-homem florentino, que esta há-de dar a V. Ex.^a, parte a essa côrte a negócios de importância; é muito da obrigação de um religioso da Companhia, por sua qualidade e postos uma das maiores pessoas que ela tem em toda a Itália, a quem eu devo particular affecto e obrigações; e me pediu esta carta da recomendação para V. Ex.^a, por ser tanta a mercê que V. Ex.^a me faz, que a toda a parte onde chego se não pode esconder.

Se houver ocasião em que o dito Carlos Bonacosi se valha do patrocínio de V. Ex.^a, em todo o favor que V. Ex.^a fôr servido fazer-lhe receberei particular mercê, e conhecerá o mundo que não sou tão pouco como meus desterrados publicam, pois V. Ex.^a me conserva no número de seus criados.

Deus guarde a pessoa de V. Ex.^a etc. (2).

Roma, 21 de Fevereiro de 1670. — criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

(2) Assim no impresso.

CARTA CLVI

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1670 — Março 15

Senhor. — Acho-me rico com três cartas de V. S.^a, uma de 5, outra de 15 de Dezembro, e a terceira de 10 de Janeiro; muitas para a minha estimação, poucas para o meu amor, e breves para a minhas saudades. Só êste reparo tem a contingência em que me vejo de não tornar a Portugal, concorrendo em mim razões de desejar estar muito longe dêle.

As lembranças do Príncipe, que Deus guarde, por que beijo mil vezes os Reais pés de S. A., estimei como suas, e a V. S.^a dou as graças de me ressuscitar em sua memória, onde a minha fortuna me publica tão morto e sepultado. Pedi a V. S.^a segunda carta para o Embaixador (2), em que se reparassem as desatenções da primeira; mas já não peço nem espero nada, porque as experiências do que vejo e experimento me desenganam de tudo o que posso desejar ou esperar.

De Madrid se avisa que tem ordem o Embaixador de Portugal de se retirar da Cúria, tanto que der a obediência; se assim fôr, não é necessária a recomendação. Alguns presumem que ficará aqui com os negócios o Secretário Roxas (3); outros que o Secretário da Embaixada; outros

(1) No t. 3.º da 1.ª ed.

(2) Da primeira carta fala em 27 de Novembro anterior. *Supra*, p. 279.

(3) João de Roxas de Azevedo, Desembargador do Paço, secre-

que o agente que temos em Madrid: em qualquer dêstes casos, ou em qualquer outro, não tenho que lembrar a V. S.^a a importância de que os ministros do meu príncipe me não desassistam, quando os dos outros me convidam com as assistências, e mais quando os termos do meu negócio, na forma em que o pretendo intentar, como já dei conta a V. S.^a, são tão justificados e sem ofensa de terceiro. Falo a V. S.^a com esta clareza e confiança, pois há tantos anos que a tenho qualificada com as experiências e o título de mais fiel amigo, com que V. S.^a, sendo meu senhor e eu seu escravo, por me honrar se firma.

A João Pereira da Silva, criado da sr.^a D. Francisca (1), servirei, como V. S.^a me ordena, com tudo o que valer por mim e por meus amigos, e assim lhe o tenho significado.

Não acabam os Eminentísimos de nos dar pontifice, havendo oitenta e oito dias que estão em conclave.

Ao Imperador nasceu agora segundo filho, que também se não logrou, como o primeiro, e só teve de vida o que bastou para morrer baptizado.

Os hereges de Hungria estão levantados e se presume que têm inteligências com o Turco: êste se arma poderosamente em Constantinopla e Cândia. Em Nápoles se fazem algumas prevenções; em Sicilia, que é a mais ameaçada, nenhuma. Com o estabelecimento da triple aliança (2) se dá por mui segura Castela, hoje mais inimiga nossa que nunca.

tário de D. Pedro antes da deposição de D. Afonso VI. Também como secretário tinha servido com Francisco de Sousa Coutinho, seu cunhado, em Paris e Roma. Precedeu ao Marquês das Minas, como Enviado à côrte pontifícia.

(1) Irmã de D. Rodrigo, casada com o Barão de Alvito.

(2) De Inglaterra, Suécia e Itália contra a França, realizada em 1668.

As novas da saúde do Marquês, meu senhor, estimo, quanto foi o cuidado que me tinham dado as contrárias; mas a minha fé sempre esteve firme, como cada vez o está mais a minha esperança. A vida do sr. Marquês corre muito por conta de Deus, que tem muito para que o haver mister (1).

Estando êstes dias doente, me mandou o Príncipe de Toscana (2) umas quintas essências, de que seu pai usa para reparar o calor natural e multiplicar os espíritos vitais e outros efeitos maravilhosos que dizem as receitas; e, porque as tenho por mais bem empregadas na saúde e vida de S. Ex.^a, as mando a V. S.^a pelo padre Jorge da Costa, que fica de partida.

Meu senhor, Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como eu lhe desejo e peço em todos os meus sacrifícios, e os criados de V. S.^a havemos mister.

Roma, 15 de Março de 1670. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

Não torno a recomendar a V. S.^a o negócio, em que o padre João Pimenta há-de falar a V. S.^a, sôbre a arrecadação daquela parte do dinheiro dos defuntos, e dívida que a fazenda de S. M. pode facilmente pagar no Brasil para ajustamento do dote daquela órfã minha irmã (3), porque sei que a piedade de V. S.^a não pode faltar a uma obra de

(1) Supra, p. 292.

(2) Cosme de Medicis, com quem Vieira tinha viajado de Marselha a Liorne e de ali a Florença. O Príncipe estivera em Lisboa, em Fevereiro do ano anterior; atravessou Portugal até à Galiza e na Corunha embarcou para Inglaterra. Cf. *Monstruosidades do tempo e da fortuna*.

(3) Supra, p. 293.

tanta misericórdia, e de uma casa onde todos somos criados de V. S.^a

CARTA CLVII

A Duarte Ribeiro de Macedo⁽¹⁾

1670 — Abril 12

Meu Senhor. — Não me tenha V. S.^a por tão descuidado de mim que, depois de chegar a êste último pôrto de meus trabalhos, não procurasse logo o mais seguro alívio que êles podem ter em tanta distância. Escrevi a V. S.^a em um maço do padre António Verius⁽²⁾, de quem me não faltou a resposta, porque a minha o era, e agora entendendo que facilmente se podia desencaminhar uma outra carta, por me haver dito o Padre Assistente de França era incerta a sua assistência em Paris. De qualquer modo que haja sucedido, V. S.^a me faça mercê restituir ao meu amor o conceito que não desmerece o seu cuidado, o qual estima a ocasião de haver parecido menos diligente, pela de se ver prevenido dos favores de V. S.^a, por que beijo a mão a V. S.^a muitas vezes.

O meu primeiro intento, como na outra dizia, foi fazer a viagem por Paris, quando menos para conferir com V. S.^a

(1) Impressa pela primeira vez em 1827 no vol. *Cartas do Padre António Vieira da Companhia de Jesus a Duarte Ribeiro de Macedo*. Cópia da época no arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Lisboa.

(2) Certamente Verjus, jesuíta, mais tarde teólogo célebre e missionário; irmão de Luís Verjus, Conde de Crécy, que viera de França por secretario particular da Rainha Maria Francisca de Sabóia.

os crimes do Pôrto, de que me disseram em confiança havia testemunhas, das que julgam fazendas e vidas, entendendo eu tanto o contrário, que as havia de alegar em minha defesa, se me dessem lugar para ela (1). Mas em terra estou onde cuido me não negarão a revista; nem o direito da natureza, quando em tudo me falte o da justiça.

A falta de Pontífice tem os negócios parados, nem há esperanças de o haver tão cedo, se as calmas do Conclave não apertarem mais o temor que não causaram os tumultos da Croacia.

O sr. Marquês (2) me participou as novas dêsse mundo, que de Madrid se referem com menos segurança. De Portugal não se avisa novidade digna de relação. Só posso dizer do antigo que alguns dos amigos de V. S.^a fizeram tudo o que deviam ao amor de V. S.^a e da pátria; mas por desgraça dela puderam pouco (3). Por estas e outras semrazões se pode sentir menos a sorte de estar tão longe.

O meu coração não tem que oferecer de novo a V. S.^a: êle e eu somos os mesmos.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos com a felicidade que desejo e a sua Divina Majestade peço.

Roma, 12 de abril de 1670. — Criado de V. S.^a sempre obrigadíssimo

António Vieira.

(1) Alusão ao tempo que estive no Pôrto desterrado, onde se dava com Macedo e outros Dezembargadores da Relação. Cf. a carta ao mesmo, supra, p. 11.

(2) O Embaixador Marquês das Minas.

(3) De uma carta posterior se infere que Macedo pretenderia suceder ao Marquês das Minas, como Embaixador junto à Santa Sé.

CARTA CLVIII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1670 — Maio 10

Senhor. — Muitos dias há que me faltam novas de V. S.^a, não por eu as não ter procurado muitas vezes; mas também sei que não é porque V. S.^a se esqueça dêste seu mais humilde criado, que tão largas experiências tem da verdade e firmeza do coração de V. S.^a, em que nem a distância nem a fortuna fazem mudanças. Eu tenho muitas graças que dar a Deus na minha, pois são nela tão repetidos os desenganos de que só a Êle se deve servir; mas sou tal que nem assim o faço: espero contudo em sua graça que me a há-de dar, para que emende nestes últimos dias os erros do passado.

Nas primeiras que de aqui escrevi pedi a V. S.^a, e também fiz a mesma proposta ao sr. Conde da Tôrre (2), que, se fôsse possível, na forma em que então representei, me viesse uma carta de S. A., que Deus guarde, para o Embaixador, pois os termos do meu negócio eram sem ofensa de terceiro, antes com permissão e aprovação dos mesmos que podiam ser ou parecer partes. Do silêncio da res-

(1) No t. 2.º da 1.ª ed., onde se acha mutilada. Segue-se o texto do códice 1724 da Biblioteca Nacional.

(2) D. João de Mascarenhas já então Marquês de Fronteira. Parece ter exercido por algum tempo o cargo de Escrivão da Puridade de D. Pedro, para que, dizia-se, fôra escolhido por diligências do confessor do Príncipe, P.º Manuel Fernandes, e do P.º António Vieira. Cf. *Monstruosidades*, cit.

posta supponho que V. S.^a acharia dificuldade; e assim não falo mais, nem falarei em tal matéria. Deus fará o que fôr servido, e, de qualquer modo que suceda, lhe deverei sempre muito, e só a Ele. Ah senhor! que bem nos sabe Deus ensinar, e vingar-se de nossa ingratição, e de pormos nou-trem o amor que só a Êle é devido!

Saberá V. S.^a, a quem nunca tive nada encoberto, que a senhora Rainha de Inglaterra (1) está de fogo e sangue contra mim; e falo por estes termos, porque ainda são muito moderados para o que me consta nesta parte. A causa é cuidar que tive eu parte nas mudanças de Portugal e ler que segui tão descobertamente no sermão dos anos impresso o que dêle se conhece (2). Poderei dizer com Henrique VIII: *Omnia perdidimus*; e mal cuidei que nem uma nem outra cousa se pudesse verificar nos filhos de El-Rei D. João IV. *Surrexit rex novus, qui non cognoscebat Joseph*.

Sôbre outros negócios importunarei também a V. S.^a, que, como são obra de misericórdia para V. S.^a e de justiça para S. A., não necessitarão mais que de lembrança do Padre João Pimenta. Êle há-de pedir a S. A. cartas para o Sumo Pontífice e para o Cardeal nepote (3) sôbre a canonização dos mártires do Brasil, que vem a ser cópia das passadas, para o novo pontificado e seus ministros.

(1) Substituída a designação por N. N. na 1.^a ed.

(2) Sermão no aniversário da Rainha, em 22 de Junho de 1668, em que justifica o casamento de D. Pedro e a deposição do Rei. Impresso, mas não pronunciado pelo autor.

(3) Tinha sido eleito Clemente X a 29 de Abril. Nepote era o Cardeal Altieri, elevado a Primeiro Ministro, o qual, em virtude de uma aliança de família, tomara aquele apelido, que era o do Papa, e por insinuação dêle.

Far-me-á V. S.^a particular favor em admitir ao dito padre e o favorecer nêste requerimento.

Ao sr. Marquês, meu senhor, me fará V. S.^a mercê dizer que o Turco continua nos aprestos de uma poderosa armada, subtil(1) e de alto bordo, não se descuidando de Alemanha pela Croácia e Hungria, e que somos entrados na era de setenta, em que tantos prognosticam sua ruína, e eu a felicidade de poder ver a S. Ex.^a em Levante, tão 'carregado de triunfos como no Poente(2).

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e os criados de V. S.^a havemos mister.

Roma, 10 de Maio de 1670. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CLIX

A Duarte Ribeiro de Macedo (3)

1670 — Junho 16

Senhor meu. — A de que V. S.^a me fez mercê, escrita em 16 de Maio, recebi a tempo em que já era partido o correio; mas, ainda que estes intervalos sejam grandes para as minhas saudades e consolação que recebo, com ouvir a V. S.^a do modo que o sofre a distância, também se me fazem racionais com poupar a V. S.^a o tempo, que V. S.^a emprega sempre tão frutuosamente, e em matérias de tão diferente importância. Eu aqui pudera não estar ocioso,

(1) *Naval* em vez de *subtil* na 1.^a ed.

(2) A mesma alusão de p. 293.

(3) Inédita. Autógrafo no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

segundo me instam estes Padres, e muito mais o Padre Geral, a que dê à estampa os meus borrões (1); mas como a melhor parte dêles foi condenada antes de nascida, e levada a juizo antes de animada (cousa que só succedeu aos meus embriões antes de serem capazes de pecado original) será necessária toda a fôrça da obediência para vencer tão justificada repugnância. Agora veremos se achamos na regra da fé aquella rectitude que, debaixo do mesmo nome, julgou por menos consoante a ela, o que entendia de outra maneira quem tantos anos tem gastado com as Escrituras Sagradas e seus melhores intérpretes; mas espero em Deus que me há-de ajudar, e tanto mais quanto desassistido de todo o outro património, ainda daquele que, não me merecendo os desterros, nem me os paga nem me os quer dever.

Bem conheço quanto perdeu a nossa verdadeira politica, em quem tanto contra minha vontade quis ir morrer à Índia (2). Ajudará Deus a nossa boa tenção, mas não a nossa justiça, nem a nossa cristandade, que cuida que edifica o que destrói. Assim o cuidava também El-rei D. João quando veio de Vila Viçosa, mas desenganou-o a experiência, e os anos que ainda faltam a quem lhe succedeu; e assim como se lhe parece tanto no juizo, assim com o tempo o fará também nas resoluções. Mas o fruto destas esperanças será para os que têm a idade mais verde e menos decrépita que a minha.

As misérias de Madrid me participou o sr. Marquês das Minas (3), se bem as dissimulam as cartas castelhanas.

(1) Os sermões.

(2) João Nunes da Cunha, Vice-Rei, falecido no ano anterior.

(3) Seguramente as desavenças da Rainha viúva com D. João de Áustria.

Eu desejo muito a vida àquele Rei (1), porque não vejo capacidade na nossa terra de tirar da contrária ocasião o que ela podia oferecer a quem a soubesse manejar. Não quiere Deus que nós devamos nada, nem nós lhe queremos pagar o que lhe devemos. Também da nossa côrte se escrevem misérias, e também nestas de Itália se imprimem.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 16 de Junho de 670. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CLX

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1670 — Agôsto 2

Senhor. — A mesma falta de cartas de V. S.^a, em todos estes tempos, me dizia bem claramente a causa por que me faltavam; e, ainda que carecia do alívio de as ler, tinha a consolação do motivo, bastando-me, para vingança desta minha ridícula fortuna, o verdadeiro e certo conhecimento de que só do coração de V. S.^a não triunfou a mudança do tempo. Há muito que conheço o mundo, e assim não estranho nada do que nêle vejo, antes dou muitas graças a Deus por me reservar os desenganos para êste último

(1) Carlos II, nascido em 1661. De compleição débil, temia-se que succumbisse em tenra idade, como o Infante Filipe Próspero, seu irmão primogénito. Quanto ao sentido geral da frase, compare-se ao que diz a pág. 229 acêrca de Filipe IV.

(2) No t.º 3.º da 1.ª ed.

quartel da vida, em que, ao menos, o mesmo mundo se não gabará de me deixar antes de eu o haver deixado.

A carta da secretaria, que me pareceu muito de quem a ditou(1), recebi por via do Padre Procurador do Brasil, e a comecei e acabei de ler pela firma de S. A., que no affecto é o princípio e fim de todo o meu amor e adoração, assim como no discurso pudera ser o de todo o meu sentimento. Do ânimo de S. A., que V. S.^a tanto me assegura, nunca duvidei; porque não podia duvidar nem do seu juizo, nem da sua bondade, nem da sua grandeza; antes dou muitas graças a Deus por nos haver dado um príncipe tão senhor de suas acções, que prevaleçam nelas as razões da justiça; que estas devem de ser as do próprio desejo e affecto, que nas pessoas reais são tão poucas vezes dominados.

S. A. resolveu melhor do que eu soube pedir; porque, se o que peço é justo, ficará mais justificado sem a protecção do seu real favor; e, se o não é, fica menos arriscada a interposição da sua autoridade ou de um seu ministro(2).

De Roma e Itália não dou a V. S.^a novas, porque não as há: mais as pudera dar a V. S.^a de Portugal, mas não as escrevo, porque não as creio; e certo que só para desfazer algumas delas se me pudera dar em Roma uma pensão, com que pagar o aluguer desta minha cela. Nela vivo mais contente que o Papa no Vaticano; e, se me aconselhar com a minha comodidade, dela me levarão à sepul-

(1) Parece alusão ao Secretário de Estado Francisco Correia de Lacerda, irmão do autor da *Catástrofe de Portugal*, Fernando Correia de Lacerda. Segundo as *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, começou a baixar o valimento de Vieira com o Príncipe, depois da nomeação daquele para o cargo.

(2) Referência ao pedido de recomendação para o Embaixador. *Supra*, p. 281.

tura, ainda que viva muitos anos. Só o esquecimento de Portugal me pode levar a Portugal; mas, enquanto a minha memória tem lá a V. S.^a, é impossível êste esquecimento.

Beijo mil vezes a mão a V. S.^a pelo favor que V. S.^a faz ao padre João Pimenta na causa daquela órfã (1), sôbre que me obrigou a falar a V. S.^a a piedade mais que o sangue.

O Padre Jorge da Costa haverá já chegado; não pôde levar as quintas essências, porque não cabiam na maleta, havendo-se resoluto a ir por terra escoteiro; irão com o Núncio que fica de partida, e só parece aguarda a vinda do Próprio, que há quinze dias começa a tardar. Sempre estou aos pés do Marquês, meu senhor, e do sr. D. José (2).

Deus guarde a V. S.^a como desejo, e os criados de V. S.^a havemos míster.

Roma, 2 de Agôsto de 1670. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

Saberá V. S.^a que o Duque de Toscana e o Cardeal de Medicis (3), que está aqui, têm sentido com grande extremo a diferença que S. A. mandou usar com o Embaixador de Sabóia a respeito do seu, que muitas vezes desejou aceitar do nosso Embaixador o tratamento que lhe faz o de Espanha e França, com tanto que o não desigualasse aos outros embaixadores de testa não coroada. Isto se poderia adoçar com o tratamento que S. A. desse ao novo Grão-Duque,

(1) A irmã de Vieira. Supra, p. 293.

(2) O Marquês de Marialva, e D. José de Meneses, filho de D. Rodrigo.

(3) O Grão-Duque Cosme de Medicis, que sucedera nêste ano ao pai, falecido, e o irmão Cardeal Fernando.

na forma em que escrevi a V. S.^a; mas esta notícia, como digo, não passe de V. S.^a pelo inconveniente que só de V. S.^a fio.

CARTA CLXI

A Duarte Ribeiro de Macedo(1)

1670 — Setembro 26

Senhor meu. — Grande é aquele mal que até para solicitar os alívios tira o alento. Tal foi o meu estado todo este mês de Setembro, em que, guarecido dos pés, me cometeu o humor à cabeça, com terríveis dores de dentes e defluxão a uma face, que, ajudadas agora das novas águas e humidades, quando toda Roma sai a tomar no campo a refrescata, fico eu no da minha paciência, experimentando quão desigual é para juntamente resistir aos sentimentos do corpo e aos do espírito.

Passando a êstes, já me tenho queixado a V. S.^a da tirania do meu zêlo, e da obstinação do meu amor, a que não bastam ingratidões, desenganos e ainda desesperações, para não sentir os males de quem por vontade os quer e sem juízo os não melhora.

Aqui se diz que El-rei está livre na Ilha, e que nós não estamos seguros de seus parciais em Portugal(2).

(1) Impressa em 1827. Autógrafo no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) D. Afonso VI, que em Maio do ano antecedente fôra transportado para a Ilha Terceira. Dizia-se em Lisboa que a ilha estava levantada, e aclamado nela D. Afonso, tendo êste pedido socorro a Inglaterra. Cf. *Monstruosidades*, cit

Escrevem os maiores ministros de Castela que agora era o tempo de recuperarem o seu, que assim lhe chamam. As cartas particulares do Reino não dizem tanto; mas dizem alguma coisa, porque insinuam mistérios. O sr. Marquês(1) tem cartas da ilha, que mostra, e eu também as tenho de alguns dos maiores ministros, com que defendo a nossa reputação nesta casa, que é um teatro de todas as nações, e nem todas amigas: mas o que basta para os refutar a elles não é bastante para me convencer a mim.

Vejo ir o nosso Embaixador de Holanda a Inglaterra e oiço que há-de tornar (2); vejo eleger Embaixador da França (bem escusada eleição onde V. S.^a está), e que se escusam dela (3); vejo sair de Lisboa em uma esquadra tão pequena três cabos tão grandes (4); e sôbretudo vejo a nossa desatenção e o nosso descuido, antes o cuidado que pomos em aumentar inimigos dentro e não conservar amigos fora, nem aplicar os meios com que só se concilia o respeito de uns e a constância dos outros. Dizem que temos valor, mas que nos falta dinheiro e união; e todos nos prognosticam os fados que naturalmente se seguem destas infelizes premissas.

(1) Marquês das Minas, Embaixador em Roma.

(2) D. Francisco de Melo, Alcaide-mór de Lamego. Acompanhou a Rainha D. Catarina a Londres, Embaixador a Holanda em 1668, e depois a Inglaterra, onde Carlos II o não quis receber em audiência pública, de que resultou demorada controvérsia, afinal terminada pela intervenção do govêrno francês.

(3) O Marquês de Fronteira, antes Conde da Tôrre, nomeado em Julho.

(4) Saíram a 12 de Agôsto de Lisboa quatro vasos de guerra, levando por general a Pedro Jaques de Magalhães. Seu fim era fazerem escolta à frota do Brasil, que não encontraram, voltando ao Tejo quando ela já se achava no pôrto (*Monstruosidades*, cit.).

Eu não quisera crer em profecias, como tão escandalizado delas; mas também não posso negar o que tenho visto e vou vendo. Se fiara mais dêste papel, mandara a V. S.^a um em que há duzentos anos está escrito tudo o que vimos nêstes quatro últimos, e só falta o que já se começa a dizer. Mas, como tudo é para fins de grande glória de Deus, e daqueles a quem êle faz mercês acinte, não acabo de me desconsolar e desanimar de todo. V. S.^a, pelo que lhe merece o meu coração, me faça mercê de participar alguma coisa do que com isto pode ter analogia, principalmente se são certas as resoluções que em nosso despeito se têm tomado, conforme dizem, em Inglaterra. A da Rainha (1), que Deus guarde, quanto ao divórcio, não posso crer, estando tão bemquista do reino como o mundo publica. Mais me temo do amor de seu irmão que do desamor de seu marido ou vassallos.

Esperamos ao sr. Bispo de Laon (2), a quem quisera mais capellos vagos, porque os Eminentíssimos, apesar dos anos, teimam a viver.

O Padre Confessor da Princesa, nossa senhora, me dá boas esperanças do que tanto se deseja (3). O da Rainha de Castela (4) está nesta casa, e todos os castelhanos dizem lindezas sôbre o matrimónio (5), em cuja validade falam de maneira que se consideram hoje mais herdeiros de Portugal

(1) D. Catarina, mulher de Carlos II.

(2) *Lans* no original, e assim de outras vezes. César d'Estrées, tio da Rainha D. Maria Francisca, pretendente ao cardinalado.

(3) Padre Francisco de Ville, jesuíta. As esperanças eram sôbre a prenhez, que se anunciava.

(4) Padre João Everardo Nithard, jesuíta alemão, confessor e valido da Rainha viúva, expulso de Espanha por imposição de D. João de Áustria.

(5) Do Regente D. Pedro com a cunhada.

que em tempo de Filipe II. Por todos os modos nos fazem a guerra que podem, e onde têm tão poderosa parcialidade qualquer rumor basta, se não para produzir grandes males, para impedir grandes bens.

O Marquês (1) trabalha com juízo, indústria e valor, e foi a mais cabal eleição que podia fazer Portugal; mas peleja com armas muito desiguais, ainda que destrissimamente meneadas. Esperamos o parto dos bispados, que em Portugal se suspiram com maior desejo do particular que zêlo do comum (2).

Parece que o falar com V. S.^a alivia; mas a cabeça e os dentes, que não se governam pelo racional, me obrigam a não ir por diante. Julgue V. S.^a como poderá prevenir papéis para a estampa quem não pode continuar tão poucas regras (3). Só por milagre da obediência poderei fazer alguma coisa, de que darei conta a V. S.^a

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 26 de Setembro de 670. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Marquês das Minas.

(2) A nomeação de bispos pelo Pontífice, objecto de diligência da coroa portuguesa desde a Restauração, e que o Marquês das Minas negociava.

(3) Os sermões, cuja publicação ordenara o Geral da Companhia, Padre João Paulo Oliva.

CARTA CLXII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1670 — Outubro 11

Senhor. — A carta que V. S.^a me fez mercê escrever, em 9 de Agôsto, recebi ao primeiro de Outubro, e com toda a verdade do meu coração digo a V. S.^a que, para êle, não há outro alívio, nem outra consolação maior que o conhecimento e fé de quanto leio nas cartas de V. S.^a Pague Deus a V. S.^a êste affecto, que eu nem mereço nem posso gratificar a V. S.^a mais que com a contínua memória, diante do mesmo Senhor, em todos os meus sacrificios, oferecendo-os a Sua Divina Majestade pela vida e conservação da pessoa e casa de V. S.^a, com muitos aumentos de sua graça, que são os que V. S.^a só deseja, como quem faz dêste mundo ao outro a verdadeira diferença que entre êles há.

Muito estimo que S. A., que Deus guarde, esteja informado da mudança que tenho experimentado, na antiga mercê que a sr.^a Rainha de Inglaterra me fazia, e da causa desta diferença (2). Todos os meus trabalhos e infortúnios tiveram e têm a mesma origem, que foi o zêlo e amor da pátria e dos príncipes que Deus nos deu, e do excessivo desejo e esperança de suas felicidades presentes e futuras, sôbre todos os outros príncipes do mundo; matéria que ainda aqui me faz não pequena guerra, como tão mal sofrida de todas as nações. E eu sou tão louco que nenhuma ex-

(1) No t. 3.º da 1.ª ed.

(2) Supra. p. 301.

periência nem desengano basta a me emendar: por sinal que, prègando dia de Santo António aqui(1), disse tais cousas da nação portuguesa, que, sem tocar em nenhuma outra nação, conciliei contra mim o ódio de todas, principalmente da castelhana, em cuja graça e estimação pudera eu ter muito grande lugar, só com me mostrar menos apaixonado português. Mas já hei-de seguir êste fado até à morte, pela satisfação, que terei depois dela, de que conheça a alma de El-rei D. João a fidelidade que guardei às suas cinzas, ainda que tão mal conhecida de seus descendentes.

O affecto e boa vontade que V. S.^a me segura de S. A. prezo quanto devo, e ainda prezara muito mais que S. A. acabara de se conhecer a si, e de usar do seu juizo e valor, em que Deus o fez tão superior a todos os príncipes do mundo, de maneira que todo êle estivera muito cheio da fama de suas gloriosas acções, e que êles puseram silêncio a todo o ódio e inveja de nossos émulos.

Êste é o meu sentimento, e êste o sentido em que alguma vez tenho falado com aqueles que entendo têm o mesmo coração, como aqui fazia com o Enviado João de Roxas. E, se na mesma conformidade escrevi alguma coisa a êsse reino, de que não estou lembrado, foi a pessoa de quem os nossos príncipes fiaram todo o seu govêrno e secretos mais-de vinte e quatro anos(2), e mal podia eu presumir que revelasse êste, e muito menos em diferente sentido; mas eu prometo a V. S.^a de emendar êste bom con-

(1) Sermão no dia do Santo, em que se solenizou a primeira audiência do Papa Clemente X ao Marquês das Minas, impresso no t. 2.^o da 1.^a ed.

(2) Certamente Pedro Vieira da Silva, Secretário de Estado de 1642 a 1662 e depois em 1667 e 1668.

ceito que tinha dos homens, e de fiar só de V. S.^a o que sei não há-de passar do seu peito.

Assim o faço nesta ocasião, em que digo a V. S.^a que sôbre a expedição dos bispos receio uma grande tormenta. O Embaixador me perguntou meu parecer, e eu lhe o dei de palavra, na forma em que o remeto a V. S.^a, para que V. S.^a com a verdade destas notícias aconselhe a S. A. o que mais convier.

Peço muito encarecidamente a V. S.^a que êste papel não passe dos olhos de V. S.^a, e que nenhuma pessoa saiba que eu dei voto nem fui perguntado nesta matéria; porque tudo quanto se passa nessa côrte e Conselhos de S. A. se sabe logo nesta, e, se houver a menor notícia ou presunção de que eu me oponho em qualquer modo às pretensões dêstes ministros, no mesmo ponto fico perdido, assim fora como dentro de casa, e ficam também perdidos e desesperados para sempre os intentos que me trouxeram a Roma: com isto tenho dito a V. S.^a tudo o que posso e devo.

Dou a V. S.^a infinitas graças pela mercê que V. S.^a faz a meu irmão e seus procuradores(1). Ao sr. Marquês de Fronteira escrevi, e estou muito certo da mercê que sempre me fez e fará.

Ontem chegou aqui uma carta, em que se refere por um religioso nosso que S. A. tinha acrescentado o título ao sr. Marquês(2), sendo todos muito menores que o merecimento e fama de S. Ex.^a, de que me dou o parabém, como tão antigo criado da casa de V. S.^a Pelo verda-

(1) Com respeito ao pagamento da dívida da Fazenda Real a Bernardo Vieira Ravasco. *Supra*, p. 293.

(2) Ao Marquês de Marialva, talvez para Duque, como antes se tinha divulgado. Cf. *Monstruosidades*, notícia de Agôsto de 1669.

deiro lenho farei todas as diligências; espero ainda que V. S.^a seja tão dono das relíquias de Jerusalém que nos não seja necessário buscá-las em Roma (1).

O Turco dispõe exército com o Grão-vizir, que foi dêle mui bem recebido em Constantinopla, onde estão alojados todos os soldados velhos, que são em grande número, com ordem de estarem prestes para o princípio de Março, e a êste fim se mandaram refazer pontes e estradas.

Não sei a que propósito me lembrou agora aquilo que há tanto tempo se diz de interdito. Tenha-me V. S.^a em todos êstes disparates o segredo que peço. E Deus me guarde a V. S.^a muitos anos, como o reino e os criados de V. S.^a havemos mister.

Roma, 11 de Outubro de 1670. — Criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CLXIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1670 — Novembro 18

Senhor meu. — Bem necessitava de tão grande alívio o estado em que me achou esta carta de V. S.^a, de 24 de Outubro, mal convalescido de uma febre com que me receberam os primeiros rigores do inverno, para que me não queixasse das calmas do estio. Sinal certo que não estão

(1) Quando o Marquês de Marialva tiver conquistado a Terra Santa, como dos vaticínios.

(2) Impressa em 1827. Antógrafa no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

as causas no tempo, senão no sujeito, a quem todos os elementos avisam da brevidade com que caminha a se resolver no mais baixo dêles.

Tenha-me V. S.^a lástima, porque nem tudo isto basta para acabar de me esquecer dêste mundo, e o tratar como muito bem sei que êle merece, para que nem no engano tenha alguma desculpa. Mas, porque não é razão que eu repita a V. S.^a os meus trabalhos, quando experimento a verdade de coração com que V. S.^a os sente, que direi a V. S.^a de tudo o que V. S.^a me diz?

Primeiro que tudo digo, senhor, que li as cartas de V. S.^a, escritas, não à Rainha, mas para a Rainha (1); e, depois de admirar a compreensão, juízo e estilo delas com a veneração que merecem, e desejar beijar mil vezes a mão que as escreveu, afirmo a V. S.^a que me rebenta o coração de zêlo, de dôr e de raiva, por ver que seja tal a nossa nação que tenha a V. S.^a em França, e não tão junto do Príncipe que nunca se apartara do seu lado. Não digo que o há-de castigar Deus, porque já o vejo castigado, e esta é a origem primeira do seu e nosso castigo.

As desatensões de Lisboa, que V. S.^a experimenta, se padecem igualmente cá, e tanto mais quanto é maior a distância e as dependências mais presentes. Foi o Próprio, e deteve-se perto de três meses em Lisboa, e em quatro correios ordinários que neste tempo vieram se não respondeu uma palavra aos negócios que dependiam tanto da resposta, que sem ela nem se podia dar um passo nem ainda introduzirem-se com o fundamento que convinha. O Marquês (2) verdadeiramente faz tudo o que deve e pode

(1) Cartas de que Macedo mandava as cópias a Vieira, e que seriam para a Rainha D. Catarina, falando nêle, e sôbre o conflito com o Embaixador na côrte de Londres.

(2) Marquês das Minas, Embaixador.

um grande, prudente e zeloso ministro; mas que importa que elle trace e disponha, se tudo quanto cá se arma em Portugal se descompõe?

Os maiores poderes, aqui como em toda a parte, são as apreensões do temor e do interêsse; para as segundas falta o cabedal, e para as primeiras, ainda que poderá obrar muito a indústria, tudo quanto com ela se começa a obrar se desfaz com as resoluções dos nossos Conselhos, as quais são tão públicas que não há banqueiro em Lisboa que as não escreva a Roma, com que se riem dos nossos medos, e tudo quanto se tem intentado é para acrescentar mais o descrédito. Emfim em Portugal querem ter e ser bispos de qualquer modo, e assim o serão por muito mau modo e o de mais perigosas consequências.

João de Roxas deu um escrito, em que prometeu que o Príncipe e seus sucessores aceitariam os bispos *ad supplicationem*, e que nunca pretenderiam outro direito (1); e, como êste escrito não foi pedido sem grandes fins, nêle se faz todo o fundamento de os conseguirem, e assim têm resolutivo que não se hão-de dar os bispados senão nesta forma, parecendo a questão de vocábulo e topando só na substância. Avisou-se a Portugal, e de lá se responde, com piedade santa, que se aceitem de qualquer modo, fazendo um protesto por parte do direito do Padroado, de que são e hão-de ser juizes os mesmos a quem importa que nós o não tenhamos.

Este é o estado em que aqui estão os negócios; e estão aqui assim porque nós estamos assim em Portugal. Tudo

(1) O estilo era que para certas dioceses fôsem as nomeações do Pontífice *ad supplicationem*; para outras, entre as quais as das colónias, *ad nominationem* ou *ad praesentationem*. A diferença mostra que direitos a Santa Sé reconhecia à corôa portuguesa.

isto fio só de V. S.^a, e não o fiara nem fiarei de outra pessoa, porque o maior crime que hoje se estranha, e ainda castiga, na nossa terra é sentir mal do govêrno, com o que o govêrno se lisonjeia, e os males não se sentem ainda que se padeçam.

Para que V. S.^a não estranhe a resposta dos avisos sobre Batevilla (1), os quais eram tão bem fundados que, desejando êle que eu o visse, e mandou-me o significar por pessoas muito grandes, eu o não quis fazer nem usar das imunidades do meu hábito, por não parecer do número dos que entravam em sua casa, constando me lá e cá que tenho maiores obrigações aos castelhanos que aos portugueses (2). Estas são as nossas francesadas, e êste é o mal francês de que nos não havemos de livrar por mais que suemos. O nosso Núncio (3), estando embarcado em Liorne, tomou o caminho por terra, porque se diz aqui que em Lisboa não hávia de ser recebido sem primeiro chegar a investidura dos bispados; e assim será, ainda que se não detenha muito no caminho, mas na forma que tenho dito a V. S.^a Também dizem que há-de chegar a essa côrte, onde foi bem aceito, e que vai estabelecer certos intentos em ordem ao futuro conclave. Se aí fôr, estimarei que V. S.^a por minha conta lhe faça um cumprimento, porque se dá por meu amigo, e me importa tê-lo propício para certo intento, e importará muito que entenda êle que V. S.^a me sabe o nome e me faz mercê, e que eu informei a V. S.^a de suas qualidades, que verdadeiramente tenho por muito merecedoras do officio, e que há-de satisfazer nêle às obrigações da terra sem faltar às do céu.

(1) Barão de Bateville, Embaixador de Espanha em Portugal. Morreu em Lisboa em Agôsto de 1670.

(2) Redacção conforme ao original.

(3) O Arcebispo de Sidónia, Francisco Ravizza.

O estado dos negócios de Inglaterra estimo quanto não posso encarecer a V. S.^a, pôsto que também estou fora da graça daquela Majestade, por entender que segui mais as partes de Lisboa que as da Ilha Terceira, no sermão em que me obrigaram a fazer um manifesto, em que cuidou falei com mais decôro que o tão bem visto e premiado Catástrofe (1).

V. S.^a não espere nem agradecimento nem aprovação, e obre só por Deus tudo o que obrar, ao menos em desempenho das prendas com que tanto entre todos os homens singularizou a pessoa de V. S.^a

Aqui chegou aviso, e a mim por boas vias, que o nosso Duque (2) estava casado em França com *Mademoiselle* (3) de Rieux, e que S. M. Cristianíssima tinha dado seu consento; mas de Lisboa não se fala palavra desta matéria. O Duque (4) me mostrou sempre as cartas que recebeu de V. S.^a, e do Embaixador de Holanda quando ali esteve, sôbre esta matéria; e por cá se falava noutros casamentos, assim de Flandres como de Castela. Se fôr assim, sirva-se V. S.^a dizer-me que senhora é esta.

(1) A *Catástrofe de Portugal*, publicação famosa contra D. Afonso VI, e em justificação de D. Pedro, attribuída na época ao Secretário de Estado Francisco Correia de Lacerda. É possível ter êste colaborado no escrito, mas não há dúvida que o autor foi seu irmão, Fernando Correia de Lacerda, mais tarde Bispo do Pôrto, cujo nome figura em anagrama junto ao título. O termo *Catástrofe*, que só no português moderno passou ao feminino, dá lugar a que a alusão possa abranger tanto a obra como o suposto autor. O sermão mencionado é o do aniversário da Rainha D. Maria Francisca, em 1668, de que se ofendeu D. Catarina.

(2) Duque de Cadaval.

(3) *Madamuisella* no original.

(4) D. Francisco de Melo.

Em Lisboa me mostrou Feliciano Dourado (1) um livro francês intitulado *Corona Mystica*, cujo autor tomei em lembrança, mas não acho a memória. Entendo que foi dedicado a Pio V; é juntamente teólogo e jurista, e de língua mais antiga que moderna. Não o acho em Roma pelo título, mas tenho por sem dúvida que pelo nome se achará. Estimarei que, se V. S.^a não tem notícia dêste autor, mande V. S.^a fazer diligência por êle, e me faça V. S.^a mercê avisar do nome e ano em que foi estampado.

Os meus achaques me apartam muito do prelo, mas não deixo de trabalhar alguma coisa nas horas sucessivas, que são poucas, e animado com o favor de V. S.^a se alentará a minha fraqueza a mais ainda do que pode.

Meu senhor, Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo, e com todas as felicidades que V. S.^a merece, que são todas as que o meu coração pode querer.

Roma, 18 de Novembro de 1670. — Humilde criado e maior venerador da pessoa de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CLXIV

Ao Marquês de Gouveia (2)

1671 — Janeiro 31

Ex.^{mo} Sr. — Faltou-me nêste correio carta de V. Ex.^a, e nem por isso me tenho por menos favorecido, porque

(1) Secretário da Embaixada em Holanda, no tempo em que lá esteve António Vieira, e depois Conselheiro Ultramarino.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.

sei quanto tempo levam as visitas, e quão precisa é a paga destas dívidas, de que já considero a V. Ex.^a mais desempenhado.

Aqui não há novidade. Por toda a semana que vem, me disse ontem o nosso Embaixador, irão os bispados com as letras abertas ou cerradas, sôbre que se fizeram duas congregações, e ainda não está resoluto; melhor fôra não intentar que não conseguir; nem desejar os fins se não se hão-de aplicar os meios. Acabada esta função, e não havendo capelos, porque estes que havia estão providos, parece que fica pouco que fazer e menos que esperar(1).

Fez o Vice-Rei de Nápoles, Embaixador de obediência, as suas entradas com ostentação; eu as vi porque passaram pela nossa porta, sendo tão pouco curioso que morrem papas e se coroam, e nada vejo. Mais gosto de ver em Roma as ruínas e desenganos do que foi, que a vaidade e variedade do que é, e com isto me parece o mundo muito estreito e a minha cela muito larga: só me falta poder discorrer com V. Ex.^a sôbre isto uma tarde, ainda que não fôra à vista das muletas do Tejo nem das hortas de Santo Antão. Hoje começam as máscaras do carnaval, em que eu digo as tiram, porque verdadeiramente mostram que não são por dentro o que parecem por fora.

Muito nos magoou o successo da Rainha que Deus guarde(2), e muito mais o conselho que a deixou meter em tal perigo; de cá o vi e escrevi, e hoje recebi uma carta em que, dando-me a nova, me chamaram profeta; mas sem-

(1) O Marquês das Minas tinha ordem de procurar a nomeação de dois cardeais: o Bispo de Laon, e outro de indicação da corôa portuguesa.

(2) Abôrto em Vila Franca, indo em jornada para Salvaterra, onde se achava D. Pedro, a fim de passar o Natal.

pre o será quem de más resoluções prognosticar semelhantes sucessos.

Nesta côrte (1) está o padre António Vaz, de quem sou antigo amigo, e o pudera ser de menos tempo a esta parte, pela semelhança da fortuna. Em Lisboa o trataram como inconfidente, sendo um dos mais finos portuguezes de quantos se prezam dêste nome; V. Ex.^a deve ter bastante informação de seus talentos, e a melhor de todas será a experiência, que toda a mercê que V. Ex.^a lhe fizer a receberei mui particular.

Eu fico trabalhando na canonização dos mártires (2), que por muitos, e portuguezes, têm encontrado grandes embaraços na emulação; contudo esperamos que antes da Páscoa nos dê S. Santidade estas boas festas: passadas elas, entrarei em consulta com a minha vida, esperando a resolução do que tem o lugar de Deus, porque não quero ter parte nela. Vejo que se inclinam a que se escreva (3), e só me inclino a não ter nem mostrar inclinação, e a fazer o que me ordenarem, que é a mais segura razão que posso dar a Deus, quando me pedir conta, para que só trato de me aparelhar, e com isto a tenho dado de mim a V. Ex.^a quanto de presente posso.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos como o nosso reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 31 de Janeiro de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Certamente: *nessa côrte*. O Marquês de Gouveia achava-se em Madrid, para onde partira como Embaixador no mês de Novembro.

(2) Os mártires do Brasil, Padre Inácio de Azevedo e seus companheiros jesuítas, que pereceram às mãos de corsários franceses, protestantes, quando em viagem para aquele país.

(3) Assim na 1.^a ed. *A que eu escreva*, isto é, trabalhando nos sermões e outras obras, parece harmonizar-se melhor com o sentido.

CARTA CLXV

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Fevereiro 14

Ex.^{mo} Sr. — Êste correio, que trouxe dessa côrte novas do novo descobrimento de minas (2), me enriqueceu com duas cartas da mão de V. Ex.^a, que beijo mil vezes por tanta mercê e honra, e dou graças a Nosso Senhor que V. Ex.^a passe com a saúde que havemos mister, ainda que entre neves, de que atégora aqui estamos lívres.

A carta, em que V. Ex.^a dá os parabens ao sr. Embaixador, de haver botado de parte o negócio dos bispados, lhe quis mostrar ante-ontem, mas, sendo já dadas as onze, pela medida dos nossos relógios, ainda o achei na cama, restituindo ao sono, como me disseram, as horas que lhe tinham tirado as comédias do carnaval, que aqui se fazem de noite; e digo que se fazem e não se representam, porque o que se vê mais parece obrado pela natureza que fingido pela arte, mudando-se de repente os edifícios em

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

(2) Deve tratar-se das supostas minas da serra de Itabaiana, em Sergipe, descobertas ao que parece por D. Rodrigo de Castelo Branco, a quem foi concedida, em 25 de Julho de 1673, tença de 200 mil réis pelos serviços que lá ia fazer. (Chancelaria de D. Afonso VI). Em 1674 mandou o Governador do Brasil Afonso Furtado de Mendonça as primeiras amostras, que se perderam em naufrágio. A exploração, pelo beneficiário da tença, não confirmou as esperanças, a que deram lugar as pesquisas iniciais. Cf. Informação de Sebastião Cardoso de Sampaio. Documento n.º 1.838 dos do Rio de Janeiro, no Arquivo da Marinha e Ultramar, anexo à Biblioteca Nacional.

bosques, a terra em mar, os penhascos em jardins; e o melhor que isto tem é que também o podemos ver os padres da Companhia nos nossos seminários, onde êste ano se recitaram pelos mesmos estudantes duas famosas histórias, uma de Santa Ita, outra de Santo Canuto. Nas nossas quarenta horas se representou pelo mesmo artifício a batalha de Josué, com o sol parado, que foi coisa majestosa e muito para ver, não se vendo mais que os reflexos dos lumes, que eram mais de seis mil. E tudo isto é o que posso dizer dêstes dias a V Ex.^a; o demais, se o houver, irá no Próprio, que cada dia parte e não acaba.

Das novas do Norte terá V. Ex.^a nessa côrte mais frescas e certas notícias. As de Levante prometem grandes novidades nesta primavera, porque os aparatos do Turco, assim da terra como marítimos, são formidáveis. Uns falam em Malta, outros em Sicília; e esta voz se tem por mais provável.

Um grande príncipe de Polónia, agravado de se lhe negar certo pôsto que pretendia, mostrou quão pouco merecedor era dêle, com se sujeitar ao Turco e lhe jurar fidelidade. Também se passaram à Transilvania alguns senhores e magistrados dos de Hungria; e de Croacia se escrevem coisas semelhantes, que aqui não dão muito cuidado.

Casa uma sobrinha do Cardeal nepote com um príncipe da casa Ursina, que será herdeiro dela (1); e para um seu irmão, frade de S. Domingos (2), dizem que está destinado um dos primeiros capelos que vagarem: mas os Eminentíssimos, passando muitos de setenta anos, se defendem da vacatura galhardamente. S. Santidade (Deus o

(1) A sobrinha do Cardeal Altieri com o Duque de Gravina.
(2) Vicente Maria Orsiño de Gravina, futuro Papa Bento XIII.

garde) está muito bem disposto, e promete guardar o depósito por mais tempo do que supôs a concórdia dos eleitores (1). É de vida inocentíssima, e mais benemérito dos santos que muitos de seus antecessores juntos.

Esperamos a declaração dos quarenta mártires do Brasil, mas é a maior dificuldade serem muitos.

O nosso malogrado Príncipe cá anda estampado nas gazetas (2), e de boa mão me escrevem se repete a viagem a Salvaterra.

De aqui por diante começarão a ser mais pontuais as novas de Madrid, em que sempre espero com ânsia muito boas de V. Ex.^a.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 14 de Fevereiro de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CLXVI

Ao Marquês de Gouveia (3)

1671 — Fevereiro 21

Ex.^{mo} Sr. — Dizem que parte amanhã um correio, e, pôsto que o Próprio e ordinário entendo chegarão nos mesmos dias, não quero deixar de solicitar os favores de V. Ex.^a por todos, como em todos os espero.

Emfim vão neste despacho sete bispados, a saber:

(1) Alusão ao dito: *Papa em depósito*, supra, p. 292.

(2) *Malogrado Príncipe*: o abôrto da Rainha.

(3) No t. 1.^o da 1.^a ed.

Guarda, Lisboa, Coimbra, Leiria, Goa, Baía e um *in partibus* para o Capelão-mor, com título de Hiponia; e será o sr. Luís de Sousa digníssimo sucessor de Santo Agostinho (1). Lembra-me um dito de El-Rei D. João ao Capelão-mor Manuel da Cunha, mas não quero fazer memória dos mortos, porque me não causem as saudades que me não merecem os vivos. Estes são os bispados da primeira plana, sôbre que será muito para ouvir o Arcebispo de Évora, pôsto que sem razão (2); mas, como fala tão alto, também cá chegam as suas queixas, como chegam os seus votos.

Vão as bulas abertas, e ainda não sei como se concordou esta dúvida. Oiço que dizem: *Dilecto filio Regi Portugaliae*, e que mais abaixo se nomeia D. Pedro, Príncipe e Governador de Portugal, que, sem embargo das regras em meio, se devem entender como substantivos continuados. O que tenho por certo é que os termos, quaisquer

(1) D. Teodósio de Melo tivera de ceder a instâncias do Regente D. Pedro, e renunciar o pôsto em favor de Luís de Sousa, Governador da cidade e Relação do Pôrto, e irmão do Condê de Miranda.

(2) Em Setembro de 1668 tinha o Regente nomeado o Duque de Aveiro, D. Pedro de Lencastre, que recusou, como protesto contra as nomeações feitas então para algumas das outras dioceses. Cinco prelados mais, dos nomeados, lhe seguiram o exemplo, e D. Pedro, aceitando as renúncias, substituiu a todos. Na partilha nova das dignidades tocou a mitra de Évora ao Inquisidor Diogo de Sousa, do Conselho Geral, primeiramente eleito Bispo da Guarda. Debalde o Duque impugnou o provimento, alegando que D. João IV lhe dera o Arcebispado; para o seu émulo veio por fim de Roma a confirmação. É provável que a estes incidentes se refira o texto. O autor das *Monstruosidades* comenta o caso assim: «O Duque de Aveiro, que não quis o Arcebispado de Évora rogado, quando se rogou para o ser, ficou excluído. Assim succede a quem não sabe que nada tão depressa foge de entre as mãos, que a ocasião e a fortuna».

que sejam, devem ser muito honoríficos e muito sem escrúpulo, pois o sr. Embaixador os admitiu, tendo trabalhado nêste ponto, como nos demais, tanto à portuguesa no valor como à romana na destreza. Se êles entendem uma cousa e nós entendemos outra, cada um cuidará o que lhe estiver melhor.

Vão poderes ao Núncio, para sagrar os primeiros bispos com assistência de duas dignidades. Dêle se não sabe mais que haver partido de Paris para a Rochela, e suspeitar-se em Madrid que estava oculto naquela côrte; mas, ainda que eu tenho tão grande opinião da sua grandeza, não me parece tão pequena cousa o Núncio de Portugal que se pudesse esconder nela.

Isto é, senhor, tudo o que posso dizer de presente, mais por falar com V. Ex.^a que por dar notícias de Roma, quando V. Ex.^a as tem mais verdadeiras e puras da mesma fonte, onde eu acudo poucos vezes porque não tenho sêde nem vasilha.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos como desejo, e como o nosso reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 21 de Fevereiro de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CLXVII

A D. Teodósio de Melo (1)

1671 — Fevereiro 23

Senhor. — Depois que V. S.^a passou a Coimbra (2), como se o Mondego fôra o Letes, não se lembrou V. S.^a mais de

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.

(2) *Supra*, p. 286.

quem nunca se esquece de V. S.^a; e, se não fôra pelas poucas cartas da sr.^a Duquesa, seria necessário crer por fé que o sr. D. Teodósio estava nêste mundo, pois por certo que algumas das minhas cartas, pelo aviso que eu nelas fazia, mereciam saber eu que haviam chegado às mãos de V. S.^a Como não seja pelas causas do meu receio nêsses ares, e V. S.^a tenha a inteira saúde que desejo, para tudo o mais se acha com cabedal a minha paciência.

As gazetas de Itália nos dizem que, pelas procuras de Mr. de Lionne está já celebrado em Paris o matrimónio(1). Dou a V. S.^a o parabém, como aos impressores as graças desta notícia.

Parte um Próprio a levar os bispados da primeira plana, que são sete, a saber: Lisboa, Coimbra, Leiria, Guarda, Goa, Baía e um *in partibus* (2).

Como se abrirem as portas de Jano, saberemos em que param as grandes prevenções do Turco por mar e por terra. Teme-se Polónia e Hungria, em que não faltam alterações; nem estão sem receios Sicília e Sardenha, pôsto que as novas ameaçam a Malta.

A sr.^a Duquesa, cujo amor se sabe irar mas não se pode esquecer, obra nas pretensões de Évora como quem quer e pode, de que tem avisado a V. S.^a (3).

O Papa vive e promete viver; é santo e faz milagres e santos. Eu trabalho na canonização dos meus, que por muitos têm dificuldades, e por portuguezes invejas(4); tam-

(1) Do Duque de Cadaval. Lionne: Secretário dos Negócios Estrangeiros de Luís XIV.

(2) O Capelão-mór, que não nomeia em respeito ao melindre de D. Teodósio. Supra, p. 326.

(3) A Duquesa de Sermonetta procurava então, e alcançou do Pontífice, a mercê do deado de Évora para D. Teodósio.

(4) Os mártires do Brasil, que eram quarenta.

bém destas se não livram os jesuitas. Se os vejo declarados por mártires, tratarei de me fazer confessor, ainda que não hei-de ser canonizado, pôsto que faça milagres. Não será êste o primeiro que façam os desenganos do mundo, em que V. S.^a não deixa de ter a sua parte (1).

Não quero cansar mais a V. S.^a, ainda que não haja de pagar o enfado desta, pois vai sem porte. Ao Duque, meu senhor, não escrevo, porque me não dão tanta confiança os seus cuidados, nem o determino fazer senão quando nos alegrar com o primeiro sucessor. Sejam tantos e tão brevemente, que a Igreja possa lograr e V. S.^a o que o meu conhecimento e o meu desejo espera (2).

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos.

Roma, 23 de Fevereiro de 1671. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CLXVIII

A D. Rodrigo de Meneses (3)

1671 — Fevereiro 23

Senhor. — Muitos dias há que me faltam novas de V. S.^a, pôsto que eu as procuro por todas as vias, sem

(1) Alusão à perda da Capelania mór.

(2) O sentido geral do período parece ser que, tendo prole o Duque de Cadaval, não ficava a continuação da casa dependente do matrimónio dêste único irmão, que assim podia sem escrúpulo seguir a carreira eclesiástica.

(3) No t. 3.º da 1.ª ed.: mutilada. Texto completo segundo o Códice 1724 da Biblioteca Nacional, e t. 11.º da coleção manuscrita da Academia das Ciências.

molestar nem querer tomar o tempo a V. S.^a, e me alegro com todo o coração de que Deus conserve ao sr. Marquês e a V. S.^a a saúde que desejo, e que em meus sacrificios e orações peço a sua Divina Majestade continuamente.

Vão os bispados no número e forma que V. S.^a verá. Sôbre um só ponto, em que fui perguntado, disse em secreto a V. S.^a o que me pareceu, com o zêlo que devo ao serviço de S. A. que Deus guarde, e o desejo de sua maior veneração e autoridade, respeitos que nesta côrte, cabeça do mundo, pelas atenções de todo êle, importam por ventura mais do que de longe se considera (1). Emfim se fez o que se ordenou se fizesse, e se perdeu a ocasião que não se poderá repetir em muitos séculos, se o mundo não der tantas voltas como nêste nosso.

Estou seguro que aquele meu ditame não passaria dos olhos de V. S.^a, e que aprovaria a cautela com que preveni que, nas cartas públicas, não fôsse metido o meu nome, que não só bastará para me fazer mal a mim, mas para desacreditar qualquer matéria em que êle se possa cuidar teve alguma parte. Não era assim neste mesmo lugar, hoje faz vinte e dois anos; mas, como estou tanto de partida para o outro mundo, melhor é dever obrigações aos defuntos que aos vivos.

(1) Falta a carta. O ponto referido versaria sôbre a fórmula das bulas ser em todas *ad nominationem* ou *ad praesentationem*, como no tempo do domínio castelhano e sempre em Espanha. Como foram expedidas, umas continham a fórmula *humiliter praesentavit*, outras *humiliter supplicavit*, referida ao Regente. É de crer molestassem assim o patriotismo meticoloso de Vieira. Em Portugal não houve descontentamento, e o autor das *Monstruosidades* nota que foram providos os bispados « com todas as circunstâncias e ceremónias com que a Sé Apostólica os concedeu a todos os reis de Portugal, que precederam aos intrusos castelhanos ».

Também escrevi ao Secretário de Estado, muito forçado e muito contra minha vontade, sôbre o tratamento do Grão-Duque de Toscana, parecendo-me que não perdia nada o nosso Príncipe em ter correspondência com quem todos os do mundo a têm tão particular, nem em mudar ou melhorar alguma cousa dos estilos antigos, a exemplo dos que assim o fazem, estando mais longe e com iguais independências. O Imperador, El-Rei de França, Castela e Inglaterra, todos lhe enviaram pessoas de grandes títulos e autoridade, a dar o pêsame da morte do pai e o parabém do estado; e, sendo que os reis de Inglaterra o não tratavam de irmão, mudaram agora o tratamento, como V. S.^a verá da cópia inclusa, de que tive em minha mão o original.

Ah! senhor, que mal entendemos hoje em que consiste a verdadeira autoridade! Perdoe-me V. S.^a, e consinta-me que diga que ainda lá nos não amanheceu. Há mais de trinta anos que tenho visto toda a Europa, e são tão cegos os meus olhos que vêem mais os que só viram o mundo no mapa, e o mar do Tejo. Não tenho paciência para ler as gazetas do mundo, e ver falar nelas de todos os príncipes e reinos, e só do nosso um perpétuo silêncio, como se fôra Portugal um canto de terra incógnita. Batalha França, Inglaterra e Holanda sôbre a Índia, e nós, tendo paz e soldados, deixamos o que tanto sangue custou aos portuguezes, e tanto e tanto desvêlo aos reis, que nunca tiveram um herdeiro de tantas prendas como hoje tem. Confesso a V. S.^a que não posso considerar nisto sem grande dor, nem ouvir falar aos estrangeiros sem grande confusão. Todos cuidavam que, acabada gloriosamente a guerra de Castela, se haviam de pôr no mar as fôrças da terra, e que havíamos só tratar de recuperar o perdido, e de tirar o nosso das mãos de nossos inimigos,

quando não fôsse por ambição de honra, nem por cobiça de riquezas, ao menos por zêlo da fé. Torno a pedir a V. S.^a me perdoe, e que me não tenha por mais louco do que eu me conheço, pois estando na minha cela, e tão longe de Portugal, me dão cuidado estes pensamentos, quando são tão diferentes os daqueles a quem por tantos títulos pertencem.

Das prevenções de França, Inglaterra, Holanda e Alemanha terá V. S.^a mais breves e frescas notícias, pôsto que aqui vêm parar todas com maior certeza, e não se discorrem com menor juizo. As do Turco, Polónia e Hungria, como mais vizinhas, prometem grandes novidades na primavera, de que se esperam outras consequências, em que eu não falo mas oiço falar muito a pessoas entendidas e santas. O certo é que, se há Deus e Providência, não pode esta tardar.

Tenho feito diligência pelo santo lenho, da segurança que V. S.^a deseja, e bem cuidei que o pudesse enviar nesta ocasião, mas ainda me não têm deferido.

Aqui estou sempre aos pés de V. S.^a e do sr. Marquês com o mesmo coração. Fico tratando da canonização dos mártires, em que brevemente se tomará a última resolução, depois da qual saberei o que há-de ser de mim.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 23 de Fevereiro de 1671. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CLXIX

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Fevereiro 28

Ex.^{mo} Sr. — Pelo correio ordinário, e pelo Próprio que despachou o sr. Embaixador pouco depois, escrevi antes de haver recebido a última de V. Ex.^a, que, como sempre digo e nunca saberei bastantemente declarar, é o único alívio dêste destêrro, como o único argumento de que ainda não estou de todo sepultado, pois vivo na memória de V. Ex.^a

Daqui não há que avisar mais que irem nesta ocasião três bispados: Braga, Pôrto e Algarve. Do primeiro e último dou a V. Ex.^a o parabém, e não sei se mais do último, porque sei quanto corre a V. Ex.^a pelas veias mais a amizade que o sangue (2).

De Lisboa não se avisa cousa que tenha nome, mais que a prisão de D. Francisco de Lima (3) e o alívio da de

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed. Autógrafo em um volume de cartas, adquirido por subscrição de alguns estudiosos para o Arquivo Nacional.

(2) Arcebispo de Braga, D. Verissimo de Lencastre, parente em grau distante: a mãe do Marquês era da numerosa estirpe dos Lencastres. Bispo do Algarve, D. Francisco Barreto.

(3) «Mandou S. A. prender a D. Francisco de Lima, fidalgo que depois de viver muitos anos na Índia veio para Portugal no ano de 1666 com muito cabedal, e foi bem recebido e estimado. Agora dizem que por queixas que vieram da Índia». (*Monstruosidades*, Fevereiro de 1671). Por êste tempo foi também prêso o Conde de Mesquitela, que andava homiziado, pelo assassinio do Marquês de Sande

Francisco de Brito(1), ambos por culpas ultramarinas. A desgraça de Vila Franca(2) me diz D. Teodósio foi mui ante-vista, e que entre os brados dos que pediam se não fizesse a jornada de Salvaterra entraram também os requesamentos do Juiz do povo.

Da letra julgará V. Ex.^a que também em Roma se passam muitos frios(3). Os cobertores de papa aqueçam cá melhor que os de Madrid(4); mas não são tão largos que se estendam a todos; contudo estão contentes os povos, porque se tira menos lã às ovelhas que noutra tempo.

Já representei a V. Ex.^a a amizade que professo com o padre António Vaz, e as obrigações que lhe devo(5), enquanto não canso a V. Ex.^a com outros memoriais; o que digo, porque ontem me pediu uma para V. Ex.^a um frade castelhano.

Ex.^{mo} Sr.: Deus guarde a V. Ex.^a como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, último de Fevereiro de 671 — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

em 1667. A vítima ia na liteira de D. Francisco de Lima, que o acompanhava, e o motivo da prisão d'este foi realmente julgarem-no cúmplice no crime.

(1) Francisco de Brito Freire, prêso na Tôrre de Belém em 1669 por se haver recusado a conduzir à Ilha Terceira a D. Afonso VI, e se demitir do comando da esquadra que ia de escolta, foi nesta ocasião transferido para a tôrre de S. Julião.

(2) O abôrto da Rainha.

(3) Letra muito tremida no original.

(4) Trocadilho com o vocábulo *papa*.

(5) Na carta de 31 de Janeiro.

CARTA CLXX

Ao Duque de Cadaval (1)

1671 — Março 13

Ex.^{mo} Sr. — Nenhum dos criados que servem a V. Ex.^a de mais perto, que é só o que eu lhes invejo, me faz vantagem na estimação e gosto, com que todos os que amam a pessoa e estabelecimento da casa de V. Ex.^a têm festejado a nova felicidade dela, que V. Ex.^a por sua benignidade e grandeza me faz mercê participar (2); e, pôsto que bastava ser eleição de V. Ex.^a para todos a julgarmos mais que acertada, anteciparam-se os aplausos do mundo de tal sorte a esta aprovação, que me não deixam lugar mais que de dar a V. Ex.^a mil vezes o parabém, como já o tenho feito ao sr. D. Teodósio, desejando que S. S.^a signifique a V. Ex.^a êste meu affecto, com aquella demonstração dêle que não cabia nas minhas palavras. Seja Deus para sempre bendito, que me chegou a ver tão felizmente concluído o que tanto importava à pessoa e estado de V. Ex.^a, e ao bem universal do reino.

Desta banda não há de que dar conta a V. Ex.^a mais que a aliança do nosso Cardeal Ursino com o Cardeal reinante, por meio dos nepotes destas duas casas (3), com o qual parentesco, e maior lugar em palácio e graça do Pon-

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed., com a data errada do ano anterior.

(2) O casamento ajustado com M.^{lle} de Harcourt, filha do Conde de Harcourt, bisneta de Henrique IV de França e Gabriela de Estrées.

(3) Cardeal Ursino: Orsino ou Orsini, Protector de Portugal, Cardeal reinante: o Primeiro ministro Altieri.

tífice, poderão ser mais eficazes os auxílios do Protector de Portugal, e mais bem merecidas as pensões, de cujos efeitos me significou com sentimento não vira atégora resulta.

Os bispos foram e irão sempre sem controvérsia, ou na mesma forma, que pareceu a mais decorosa, ou na que S. A. de novo julgar por mais conveniente, pôsto que esta segunda resolução se admirou tanto em Roma quanto o expediente da primeira se tinha dificultado. E verdadeiramente, senhor, os escrúpulos, que nesta matéria se consideram, mais agravam a confiança do que autorizam a corôa. Deixe-se S. A. chamar rei sem nome, pois só lhe falta o nome de rei que não quer; e não queira ser igualado no tratamento com os príncipes, pois lhes faz tanta vantagem no poder, no direito, na posse, e em todos os attributos da majestade. Eu não quero ter parecer naquilo que não querem tenha parte; mas o meu zêlo ninguém me o pode tolher, nem que deseje em tudo a maior autoridade e soberania do meu príncipe, a qual nós não devemos pôr em dúvida quando o mesmo Pontífice a supõe (1).

Com isto tenho respondido ao que entendi queria V. Ex.^a saber de mim, debaixo do secreto que supponho; e, se acaso erra o meu juízo, êle está tão desenganado de si, que facilmente confessará que Roma se pode ver melhor de Portugal que de Roma.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos. 13 de Março de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) As bulas tinham por enderêço: *Charissimo in Christo filio Regi Portugaliae et Algarbiorum*, calando o nome; e no texto designavam: *Petrus, Portugalliae et Algarbiorum Princeps et Gubernator*.

CARTA CLXXI

Ao Marquês de Gouveia⁽¹⁾

1671 — Março 14

Ex.^{mo} Sr. — Manda-me V. Ex.^a que me emende na correspondência, e não pode haver para mim preceito nem de maior honra nem de maior gôsto, pôsto que espero tenha a experiência mostrado a V. Ex.^a que, não por emenda de algum descuido, mas por conhecimento de minha obrigação, tenho eu satisfeito a esta em todos os correios não só ordinários mas extraordinários de que heí tido notícia, e, se não chego a tê-la de todos, é porque a minha cela no meio de Roma está muito longe da cúria.

Nela não há outra novidade pública mais que haver falecido o Cardeal Ginetti, com tão apressada morte como larga vida, porque, sendo esta de oitenta e sete anos, duvida-se que chegasse a ter uma hora em que soubesse que morria; mas viveu sempre como quem sabia que havia de morrer. Vagaram por sua morte bons lugares, que logo foram providos com o acêrto que S. Santidade costuma, succedendo no vicariato de Roma o sr. Cardeal Altieri. A vacância do capelo tem muitos e muito dignos opositores, a quem se entende não será mui agradável a vinda do sr. Bispo de Laon, que se esperava brevemente, e depois dêle a do Duque seu irmão, Embaixador extraordinário⁽²⁾.

Isto é tudo o que sei de Roma; mas também darei a

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Francisco Aníbal d'Estrées, Duque de Estrées, primogénito.

V. Ex.^a novas de Madrid, que aqui chegaram de Lisboa, onde ainda o Limoeiro parece que dá fruto. Há aqui uma carta de lá, em que diz que em um encontro mataram a V. Ex.^a cinco lacaios e um cocheiro, e acrescenta a gazeta de Génova que esta nova foi recebida em Lisboa com indignação. A dita carta é de 29 de Janeiro, mas foi Deus servido que tivesse eu a de que V. Ex.^a me fez mercê, de 11 de Fevereiro, e outra de Francisco Ferreira Pais (1), da mesma data, com que se tirou a subsistência a esta quimera. De outras me avisaram, que não refiro a V. Ex.^a porque não são tão para rir, e certo que me puderam deixar viver em Roma os que não quiseram que eu vivesse em Portugal. O tempo os poderá desenganar, ainda que nem isso espero, porque nenhuma cousa desengana a quem quer enganar-se.

Ouçõ que vão nesta barcada os bispados de Évora, Lamego, Viseu e Funchal. Dos demais negócios, se os há, terá V. Ex.^a as notícias por uma e outra fonte, daquelas de que não bebo.

Passei estes quinze dias quasi sempre em cama, de uma defluxão, de que tenho pouco menos que perdido um ouvido, e segundo o que se ouve não é grande perda.

O que desejo é que V. Ex.^a passe com a saúde que havemos mister, e que a purga radical o haja sido de maneira que ficasse V. Ex.^a livre de toda a queixa.

A canonização dos cinco santos está dilatada até o domingo de *Pastor Bonus* (2), com que a dos nossos mártires esperará até à Congregação da semana seguinte, se não sobrevier outro acidente que a prorogue mais.

(1) Francisco Pais Ferreira na carta seguinte; capelão do Marquês.

(2) 12 de Abril.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 14 de Março de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CLXXII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Março 28

Senhor. — Com mais gôsto dera a V. Ex.^a as boas Páscoas, se estivera livre do susto em que me têm as novas dêste correio (2). Francisco Pais Ferreira me as deu de V. Ex.^a ficar com grande melhoria do acidente, e o Grão-Duque de Toscana me assegurou muito mais o haver V. Ex.^a livrado de todo (3) o perigo; mas o meu cuidado não se satisfaz até não me constar, com toda a segurança, de que V. Ex.^a está inteiramente restituído à saúde, que tão necessária nos é, e entre todos os criados de V. Ex.^a nenhum mais que eu deseja.

Eu há mais de um mês que padeço muito; mas todos os outros sentimentos cessarão se o correio que esperámos me trazer esta alegre nova, pela qual ofereço a Deus todas minhas orações e sacrifícios.

(1) No t. 1.º da 1.ª ed., com a data errada de 1670. Autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) Correria em Lisboa a nova de haver tido o Marquês um acesso de paralisia, correndo risco a sua vida. (*Monstruosidades*).

(3) No original: *de tudo*.

O mesmo Senhor guarde a V. Ex.^a, como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 28 de Março de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira

CARTA CLXXIII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Abril 11

Ex.^{mo} Sr. — Dou infinitas graças a Nosso Senhor pelo susto de que nos livrou êste correio, que era igual ao meu cuidado, pôsto que com notícias não de tanto mal como o que leio nesta, de que V. Ex.^a me fez mercê. Espero que a moderação, com que V. Ex.^a tem resolutivo negar ao gôsto os regalos dessa e da nossa côrte, será o mais presente preservativo para não padecer tão sensíveis mortificações o nosso, como já me lembra o roguei muito a V. Ex.^a, e agora, com o zêlo e confiança de tão antigo criado, e com a experiência de navegante, torno a pedir com maior instância não seja êste voto como os das tempestades, pois ela foi tão grande (2).

Aqui não há novidade mais que o matrimónio da sobrinha do Cardeal Patrão com o sobrinho do Cardeal Ursino (3), herdeiro daquela casa, aos quais ante-ontem lançou a benção S. Santidade, com que o nosso Protector ficará

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed. Autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) Provavelmente o propósito de se abster de festas e banquetes, como precaução higiênica.

(3) Supra, p. 335.

mais entrado em palácio e na graça, e nos poderão ser mais eficazes os auxílios da sua.

O sr. Embaixador me disseram em sua casa que secretamente ia mandando embarcar algum fato, e que fazia contas com os mercadores que o assistem, que são sinais de algum movimento, de que não temos notícias por outra via.

Àmanhã se celebra a canonização dos cinco santos confessores, e depois dela se entenderá com muita aplicação na dos quarenta mártires, que ainda não estão livres de inimigos.

Deus guarde a V. Ex.^a com a saúde que eu lhe peço em todos meus sacrificios, e o reino e criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 11 de Abril de 1671. — Criado de V. Ex.^a

Antônio Vieira.

CARTA CLXXIV

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Abril 25

Ex.^{mo} Sr. — Estas cartas, de que V. Ex.^a me faz mercê, têm trocado os efeitos, porque, costumando trazer o maior alívio, há muitos correios que multiplicam pesares. Não quisera ver o achaque tão contumaz, e os acidentés, ainda que menores, tão repetidos, e desejara estar mui perto, para que o meu amor receitasse a V. Ex.^a um secreto, que

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed. Autógrafo no Arquivo Nacional.

em semelhantes circunstâncias é o mais seguro e o mais presente. Senhor, o que importa é viver, e, se Madrid se não acomodar a isso, seja em outra parte. Como criado que tão verdadeiramente ama a V. Ex.^a, não quisera que V. Ex.^a se aconselhara neste caso com a sua generosidade, senão com a razão.

O maior serviço que V. Ex.^a pode fazer à pátria é conservar a saúde e a vida, para a honrar e autorizar e governar muitos anos. Não me deixa o meu sentimento e o meu temor ir por diante nesta matéria, e, se V. Ex.^a o julgar por demasiado, lance V. Ex.^a toda está culpa ao meu coração, que toda a outra dor sofrerá mais facilmente que as apreensões da que nem imaginar se atreve.

Espero que a primavera nêsse lugar seja mais constante que nêste, onde começou com rigores de Julho, e hoje, sendo as três da tarde, não vejo o que escrevo.

Não há outra novidade desta banda, pôsto que ontem me disse quem tem obrigação de saber do mundo que a Cândia eram chegadas cincoenta grandes galés de Constantinopla, com sequito de outros aparatos, que, se foram certos, deveram fazer maior rumor.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a muitos anos, com a saúde que Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 25 de Abril de 1671. — Criado de V. Ex..

António Vieira.

CARTA CLXXV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1671 — Maio 11

Senhor. — Para eu conhecer que a falta de cartas de V. S.^a não nasce de diferença do ânimo, basta a minha fé, e sobeja a minha experiência tão antiga e tão provada; nem é necessário que me o certifique o Padre Procurador (2), que sempre me dá particulares novas de V. S.^a, que é o de que só necessita a minha ausência e as minhas saudades.

Quanto ao demais, que me refere o dito Padre haver-lhe V. S.^a comunicado, digo, senhor, que eu estou sempre aos pés de S. A., adorando seus pensamentos, e pronto a obedecer ao menor aceno de sua vontade, sem outra ambição nem interêsse mais que o de satisfazer ao meu affecto e obrigação, e às muitas e grandes que devo a S. A., e à memória de seus gloriosos pais e irmão, que tantas ocasiões tiveram de me conhecer, e hoje me conhecem ainda melhor, pelo muito que tenho padecido por sua causa.

A mercê que me quiseram fazer, e me significaram por muitas vezes, tem muitas testemunhas entre os mortos, e pode ser que ainda vivam alguns, que por seu mandado me quiseram persuadir a que a aceitasse, que também sabem quanto estimo mais o canto da minha cela que qualquer outro lugar, dos que mais estima o mundo (3). Eu de pre-

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) Padre João Pimenta, Procurador do Brasil.

(3) Em 1643, estando Vieira para ser expulso da Companhia, mandou D. João IV propôr-lhe um bispado, pelo Secretário de Es-

sente [estou na primeira cidade dêle, e na primeira e melhor casa da minha religião, que é bastante comodidade para quem trocou as côrtes de Lisboa, Paris e outras pelos desertos do Maranhão. Estes padres não são portugueses, e com isto digo que vivo entre êles com mais quietação, que é o que só desejei sempre. Vivo com Deus e comigo, e com isto tenho tudo, e me tenho também a mim.

Quer o Padre Geral que estampe os meus sermões em diversas línguas, e nisto trabalho sem emulação e com merecimento, porque o faço por obediência, que é a melhor disposição para a outra vida, de que só quisera tratar.

Se eu vira que em Portugal servia a S. A., também soubera ajuntar o seu serviço com o de Deus, como em outro tempo fiz, e não era necessário outro motivo para eu me não apartar de seus Reais pés; mas, como experimentei que não era útil para nada, e que êste sagrado me não valia contra a perseguição de meus émulos, pareceu-me melhor tirar-me de seus olhos, e ver se podia escapar de suas línguas, de que ainda me não vejo livre: mas estas setas, de mais longe, ou não chegam ou ferem menos; com que tenho a satisfação que nêste vale de misérias pode lograr quem o conheceu tarde.

Com isto tenho dito o que basta para que a V. S.^a lhe conste do estado de minha vida, e da disposição de meu ânimo, que sempre foi, é e será o mesmo, pôsto que mais desenganado e também magoado; procurando porém de alcançar aquela insensibilidade, que só com a consideração e com o tempo se pode mudar.

tado Pedro Vieira da Silva; sendo a resposta que — «não tinha S. M. tantas mitras em toda a sua monarquia, pelas quais êle houvesse de trocar a pobre roupeta da Companhia de Jesus». Cf. Barros, *Vida*, Livro 1.

Desta banda não há novidade mais que andar o mar Adriático infestado de galés do Turco, cujos intentos se não descobrem ainda e se temem sejam maiores. Ao sr. Marquês, meu senhor, beijo a mão mil vezes, não cessando de rogar a Deus em meus sacrificios pelo estado e felicidades da pessoa e casa de V. S.^a, que o mesmo Senhor conserve e guarde muitos anos, como desejo e os criados de V. S.^a havemos míster.

Roma, 11 de Maio de 1671. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CLXXVI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Maio 12

Ex.^{mo} Sr. — Duplicadamente me chegaram as novas, primeiro da conhecida melhora e depois da inteira saúde com que, a Deus graças, tem V. Ex.^a entrado nos meses que mais no-la asseguram. Estas novas, sim, que podem sarar os ouvidos, sem temor de que nenhuma outra os façam adoecer.

Parte êste Próprio com a segunda parte das bulas, que foi muito mais fácil de conceder que de concordar a primeira. E certo que êste só argumento bastava para se entender na nossa terra o pouco que somos amados nesta. Qual dos dois exemplares nos pode estar melhor? Ouvi e vi que lá lhe chamaram monstruosidade, como se o não

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

fôra um rei com exercício e sem nome (1). Isto se quis concordar, e assim o rezavam as bulas, que de nenhum outro modo podiam ir abertas, entendendo o Pontífice e os seus ministros que se nos fazia uma grande graça, como agora entenderam que em a renunciarmos nos fariam ofensa, e as consequências o mostraram.

Aqui não há novidades mais que correr estes dias que o mar Adriático andava infestado de muitas galés do Turco, que é certo faz grandes prevenções nos portos mais vizinhos a estas costas, e em distância de menos de vinte léguas.

S. Santidade celebrou ante-ontem o dia de sua coroação, que cá se chamam os dias das mentiras, porque todos lhe significam que veja muitos semelhantes, e é o menos que se deseja; mas a disposição, em que se acha, promete que lhe não dará êste gôsto em muitos anos.

Fez-se a primeira congregação, que chamam preparatória, dos nossos mártires. Durou quatro horas com grande controvérsia; dividiram-se os votos dos consultores, mas esperamos ter os dos cardeais, que são os decisivos, e que S. Santidade não negue esta glória a seu merecimento, cujas provas se ficam corroborando. A maior dificuldade é serem quarenta, padres da Companhia, e muitos dos consultores de outras religiões: emulação que chega ao céu não pode ser senão muito grande.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 12 de Maio de 1671. — Criado de V. Ex.^a

Antônio Vieira.

(1) D. Pedro, que governava com os attributos de rei, e se denominava Príncipe.

CARTA CLXXVII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Maio 23

Ex.^{mo} Sr. — Com o Próprio dei conta a V. Ex.^a do pouco que êle veio buscar e levava, e do mais também pouco que então se ofereceu. Agora temos a côrte no campo, onde se vão os Eminentíssimos despedir dêle até às mutações: lá está também o nosso Embaixador, mais livre de negócios do que considero a V. Ex.^a, encomendendo sempre a Deus, como devo, o bom successo de todos.

Os rumores do Turco estão em silêncio, mas não o castigo dos que se fiaram na sua vizinhança. Mandou o Imperador degolar ao Conde Nadasdi em Viena, ao Conde Serini e ao Marquês Frangipani em Neustadt, que eram os principais cabeças da conspiração, e em Possonio de Hungria a Francisco Roniz, pessoa também de conta (2), além de muitos outros de menor qualidade, que juntamente foram justificados e serão ainda, entendendo-se que também passará a execução a algumas cabeças do género feminino. As causas dizem que se estamparão, e não todas, pela enormidade de algumas.

O que agora nos tem em suspensão é a jornada e exército de El-rei de França a Dunquerque, pela vizinhança de

(1) No t. 3.º da 1.ª ed. Autógrafo no códice do Arquivo Nacional.

(2) Nadasdi, Zriny, Frangepan, cabeças da conspiração húngara contra o domínio de Austria. *Francisco Roniz*: talvez Francisco Raccoczy. *Possonio*: Pozsony, Presburgo.

Flandres, Holanda e Inglaterra, sôbre a qual se discorre com indícios passados e presentes muito a favor da fé(1). Se assim fôr, será acção verdadeiramente cristianíssima.

Eu fico, como sempre, aos pés de V. Ex.^a, cuja Excellentíssima pessoa Deus guarde muitos anos, como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 23 de Maio de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CLXXVIII

Ao Marquês de Gouveia (2)

1671 — Junho 6

Senhor. — Todos os correios me trazem melhoradas novas da saúde de V. Ex.^a, com que tenho quanto desejo, nem quero outras do mundo. O de Itália está todo quieto, e sem mais novidade que nascer um filho ao Grão-Duque, fruta que êste ano se deu mal fora do terreno de Florença (3). O Papa vive, o Cardeal reina (4) e ambos o fazem bem, porque um excede na santidade, outro na prudência; e, tirando os que desejam a sucessão daqueles lugares, todos os mais estão contentes. De França se avisa

(1) A suposição fundada de que Luís XIV preparava uma agressão à Holanda herética.

(2) No t. 1.º da 1.ª ed., com a data de 1670. Original no Códice do Arquivo Nacional.

(3) João Gastão de Medicis, que foi o último soberano da família. A mãe, Luísa Margarida de Orleans, tinha-se ausentado para França, e tentava anular o casamento, a fim de contrair outras núpcias.

(4) O Primeiro ministro Altieri. ~

ser embarcado o Nuncio, que já deve estar em Portugal, e não mui longe a Duquesa de Cadaval, porque me diz Francisco de Andrade partiria de Paris até os 15 ou 20 de Maio.

Espera-se aqui por horas o Bispo de Laon, e ouço se queixam em Portugal que o nosso Embaixador não aplica à sua pretensão todas as instâncias, sendo que tem feito e faz as possíveis (1). Ser o modo das bulas útil e danoso, se é implicação é consequência de outra, que eu estou lembrado advertiu V. Ex.^a no seu voto.

Eu não tive parte neste negócio, como em nenhum outro, mas já tenho dado a V. Ex.^a conta do que em Roma se julga, e têm estes olhos por si o estarem mais perto. Mais temo nos negócios de V. Ex.^a os nossos Conselheiros que os de Castela.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como desejo, e o mesmo Portugal e criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 6 de Junho de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CLXXIX

Ao Marquês de Gouveia (2)

1671 — Junho 20

Ex.^{mo} Sr. — Se algum dia teve lugar o *si vales, bene est, ego quidem valeo*, é na esterilidade dêste correio. Da

(1) Era a pretensão o capelo de cardeal.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed. Autógrafo no Códice do Arquivo Nacional.

minha saúde não o posso afirmar com tanta certeza; como porém a tenho da de V. Ex.^a sempre de bem e melhor, é tudo o que posso desejar.

Eu, senhor, prèguei em Roma dois sermões (1), porque era governador de Santo António um filho do sr. Embaixador, a quem todos devemos esta obediência por sua pessoa, e mais pela que representa, ainda que nem a imagem nem o santo hajam feito milagres por mim.

Já disse a V. Ex.^a que não me atrevo a prègar em Roma, porque os italianos não entendem o que digo, e os castelhanos querem entender mais do que digo; e assim ficou êste ano Santo António sem sermão, não faltando nesta côrte portugueses que puderam não se haver escusado, pois tinham menos justificada causa.

Eu fico tirando em limpo estes e outros sermões, no pouco tempo que me dá lugar a demanda dos mártires. Não sairão à luz sem primeiro terem a aprovação de V. Ex.^a, com que se prometam a do mundo.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 20 de Junho de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) O de Cinza e o de Santo António, respectivamente no t. 1.^o e 2.^o dos *Sermões*, 1.^a ed.

CARTA CLXXX

A Duárte Ribeiro de Macedo(1)

1671 — Junho 3o

Senhor meu. — Não me faltam também há muitos dias novas de V. S.^a por eu as não procurar, mas também na terra há naufrágios. Aqui me informei e me disseram que, mandando-as francas, passariam em paz de Lião até Paris; mas experimentei o contrário.

Esperava pelo sr. Duque de Laon(2) para ter as estradas mais seguras, como entendo que esta as terá. Dito senhor chegou com boa saúde, está muito bem alojado no melhor palácio de Roma, de onde ainda não sai nem recebe visitas públicas, suspeito que por se ajustarem entretanto os tratamentos.

S. Ex.^a me admitiu e fez toda mercê, que se podia esperar e prometer um criado, a quem a Rainha nossa senhora faz tanta, por sua benignidade e grandeza(3).

Falámos muito em tudo, e em V. S.^a não pouco, sentindo quanto se deve que, havendo S. A. que Deus guarde ter ministro em Roma, se não considerasse quanto V. S.^a estava mais perto que todos e diante de todos(4). Mas assim há-de ser para que em nada acertemos, e procedamos coerentemente em tudo, sem outra solução

(1) No t. 3.º da 1.ª ed. Autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Aliás Duque de Estrées, Embaixador de França. Supra, p. 337.

(3) Alusão ao parentesco da Rainha D. Maria Francisca com o Duque.

(4) Tinha sido nomeado Residente Gaspar de Abreu de Freitas, transferido de igual posto em Londres.

que a de saber mais o sandeu no seu que o sisudo no alheio, como se as cousas de Portugal foram menoç nossas, dos que por cá andamos, que dos que só lhe podem chamar suas porque as logram e dispõem delas como absolutos senhores, por não dizer possuidores injustos.

A maior pena que aqui padeço é ouvir falar em Portugal, porque todas as nossas acções desmerecem a nossa fortuna, quando a pudermos por todas vias adiantar ao sumo auge da felicidade e grandeza. Mas, como o que há basta para a ambição dos presentes, não querem aventurar nada com a esperança, porque possuem o que nunca esperaram.

Se aqui me pudera consolar com V. S.^a, fôra um grande alívio; mas nem êsse posso ter, porque não há por cá quem se desconsolle. Deus lhe faça bem com o seu pouco, e lhe o sustente por muitos anos, como êle só sustenta, obrando, como na criação do mundo, sem concurso de causas segundas.

Ontem busquei ao sr. Marquês Embaixador para lhe apresentar o livro de V. S.^a, mas não estava em casa, onde lhe o deixei a bom recado para que pudesse responder nêste correio. Ao Abade Francisco de Azevedo dei o que lhe tocava, e o seu ao padre Bento Pereira, que muito estimaram (1).

Eu li os meus de dois fôlegos (2), que a doçura do estilo não me consentiu fazê-lo com menos sofreguidão. Aprendi

(1) Francisco de Azevedo, abade prebendário em França, que estivera ao serviço dos diplomatas Francisco de Sousa Coutinho e João de Roxas de Azevedo, com o primeiro dos quais tinha ido para Roma em 1655.

(2) Por estas palavras seriam dois os livros: *Panegirico histórico e genealógico da Sereníssima Casa de Nemours*; e *Nascimento e genealogia do Conde D. Henrique, pai de D. Afonso I*; impressos em Paris, o primeiro em 1669, o segundo em 1670.

muito, e o maior encarecimento que posso dizer do meu gosto é que não invejei nada, sendo que conheci que não sei falar português. Não sei se faz bem aos príncipes saberem que têm tão altas descendências!

O caso de Odivelas, com que foi recebido o Núncio, nos têm suspensos por todas suas circunstâncias (1): estimarei que V. S.^a me diga o que por lá se sabe ou se suspeita, porque aqui chegou alguma carta que dá a entender podia ser o furto católico, não por fazer desacatos, mas para mostrar os que já se fizeram e podiam temer.

Queimando-se um palácio na antiga Roma, e vendo um senador que estavam muitas mulheres chorando, mandou-as buscar água ao Tibre, dizendo-lhes que com esta se podia apagar o fogo, e não com a das suas lágrimas. Sabemos chorar e não sabemos pôr remédio. Enlutamo-nos por um desacato público, e não olhamos para os ocultos que mandamos fazer por obrigação a quem não tem vontade disso (2). Senhor meu: já que V. S.^a não vem a Roma nem eu posso ir a França, entenda-me V. S.^a, e compadeçamo-nos ambos do que entendemos.

Em Modena me dizem agora que sucedeu um notável terremoto. Aqui tudo está quieto, e, pôsto que S. Santidade não fez a função de S. Pedro, dizem que passa com melhor saúde do que a sua idade prometia e seus sucessores desejam.

(1) Chegou a Lisboa o Núncio Francisco Ravizza em 5 de Maio. No dia 11 de manhã appareceu arrombado o sacrário da matriz de Odivelas; também várias imagens e altares tinham sido profanados. A acção attribuiu-se logo aos cristãos novos.

(2) Alusão aos cristãos novos, obrigados às práticas da religião católica em que não criam.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como havemos mister.
Roma, 3o de Junho de 671. — De V. S.^a capelão e criado

António Vieira.

CARTA CLXXXI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Julho 18

Ex.^{mo} Sr. — Escrevo a V. Ex.^a do purgatório, tais são as calmas com que aqui se passa, de que também não considero livre Madrid, pôsto que com maiores defensivos. O que fôr melhor para o estabelecimento da saúde de V. Ex.^a é o que desejo ao tempo, e o que peço à cautela de V. Ex.^a

Lastimoso foi o incêndio do Escorial (2), e de peiores conseqüências a perda de Panamá, que aqui se consola com a esperança de que os agressores se contentarão com o saque (3). Aos castelhanos e a nós quisera mais navios, pois se não podem unir com outras pontes monarquias tão divididas.

Por avisos de Flandres e Inglaterra se sabem aqui novas de Goa e Bombaim, de até fins de Novembro do ano

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) Em 7 de Junho, na ala norte do edificio, sendo o maior estrago nas tórres.

(3) *Sacco* no original. No princípio dêste ano, o pirata Morgan, saído da Jamaica, desembarcou em Chagres, atravessou o istmo, derrotou em batalha campal as fôrças espanholas que defendiam Panamá, e saqueou a cidade, regressando à ilha carregado de despojos.

passado, em que nem era chegado o Viso-Rei(1) nem navio algum da sua conserva.

Gaspar de Abreu(2) deu conta da sua promoção ou mudança para esta Residência, com os ordenados de João de Roxas(3), e cópia da carta, em que S. A. ordena ao Marquês das Minas lhe entregue os papéis e se recolha à sua casa, que dizem fará depois da refrescada, porque o Residente se passava dali a quinze dias a França com sua casa, até Marselha, e promete esperar em Itália as mutações.

Espera-se o Próprio com a última resolução sôbre o ponto das bulas(4), em que parece não haverá dificuldade, como nunca a tem o menos depois de concedido o mais. Assim se cuida cá; mas de lá se escreveu, a certo ministro nosso, que mais sabe o sandeu no seu que o sisudo no alheio. O que supõe êste ditado compreenderá V. Ex.^a melhor do que eu sei dizer.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a, como o nosso reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 18 de Julho de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Luís de Mendonça Furtado, nomeado com o título de Conde do Lavradio.

(2) Gaspar de Abreu de Freitas, que estava nesta ocasião em Paris, de passagem para Roma. — «Carregado de anos e de família, e com mais bondade da que é necessária para tratar negócios em uma côrte tão fina». (Carta de Duarte Ribeiro de Macedo a António Vieira, 20 de Julho de 1671, no volume das *Cartas* do Padre, publicado em 1827).

(3) João de Roxas de Azevedo, que exercia o cargo antes de chegar o Marquês das Minas.

(4) *Supra*, p. 336.

CARTA CLXXXII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1671 — Julho 18

Senhor. — Não é necessário que me retardem tanto as cartas de V. S.^a, para que eu as espere com ânsia, e as receba com sumo gôsto, e ache nelas todo o alívio e consolação. O Padre Pimenta me tinha alvoroçado com a esperança dêstes dois correios antes; alfim chegou, por que beijo mil vezes a mão a V. S.^a

A segurança, que V. S.^a me dá, de S. A. que Deus guarde me ter em sua graça, estimo quanto ela merece; mas muito mais estimo ainda, se pode ser mais, as novas que V. S.^a me dá de suas acções e resoluções, e de Deus ter singularizado a nossa idade e a nossa nação com um tão excelente príncipe.

Mas é tal a ambição de meu amor que ainda me não satisfaço; porque isto que V. S.^a e eu conhecemos quisera o conheçera o mundo, e que não se ouvira outro nome nem andara outro príncipe na bôca da fama senão o nosso. Tem os maiores e melhores vassallos do mundo (e bastava ter-se a si); não os tenha ociosos. Olhe para o mapa, tome os compassos a Portugal e meça os outros reinos da Europa, e não se estreite um tão grande coração a tão

(1) No t. 3.º da 1.ª ed., mutilada. O trecho omitido, aqui transcrito, encontra-se na Parte I dos *Inéditos da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, publicados pelo Director interino da mesma, Ernesto Donato.

pouca terra. Para conquistar as do Turco é necessário primeiro recuperar as suas (1).

A Holanda chegaram doze naus da Índia e se esperam sete. A Londres chegou nau de Bombaim, partida em fins de Novembro, e não era chegado a Goa o Vice-Rei nem navio algum da sua conserva: lembro-me dos rios de Cuama; mas receio-lhe o invernar em Moçambique.

Vejo que V. S.^a me diz que não se regam estes pensamentos com as águas do Tibre; mas admire se V. S.^a de que se não tenham murchado com as do Tejo. De lá sai e lá estou e sempre aos pés de S. A., ainda que tão pisado.

Muita honra me faz S. A. em me mandar estampar os meus sermões; mas também me houvera mandar um seguro (se é que me poderia valer para com êsses senhores) de que as não proibirão os Inquisidores de Portugal, quando os têm aprovado os de Roma e de Espanha. Não posso alcançar tal diferença, se existe nos ânímos e nas vontades, se na capacidade e inteligencias.

Obedecerei a S. A. e imprimirei sermões quando de-vera escrever apologias. Desejei fazer um sôbre o caso de Odivelas (2), e ponderar as causas desta permissão em tempo de um príncipe tão pio, tão zeloso, tão vitorioso e tão desembaraçado de guerras. A primeira é para que dêste sacrilégio público se arguam os sacrilégios secretos. A segunda, para que S. A. se resolva a remediar eficazmente tantas ofensas e desacatos de Deus, no reino de que o fez senhor.

Muito me edificam os lutos; mas muito mais me edifi-

(1) Primeiro se deviam recuperar as praças tomadas na Índia pelos holandeses, para depois conquistar a Terra Santa e fundar o Quinto Império do mundo, attribuído à coroa portuguesa pelas profecias.

(2) Supra, p. 353.

cara o remédio; e não sei se bastarão a aplacar a Deus as procissões, quando se falta às execuções. Alimpe S. A. o seu reino, e o contágio da fé, e a honra da nação, e o escândalo do mundo, e ouça os meios e escolha o que fôr melhor para tudo. Se S. A. o fizer assim, será o seu reinado no ceu e na terra o mais glorioso, e vencerá a fama de todos os reis seus progenitores. Dera eu agora todo o sangue das veias por uma hora dos pés de S. A., sem outra testemunha do que dissesse mais que V. S.^a, entendendo que, se fôsse ser mártir ao Japão, não faria tão grande serviço a Deus nem tão grato sacrifício.

O padre Juzarte não chegou ainda a Itália (1).

V. S.^a me tenha na sua graça e na do sr. Marquês, e Deus guarde a V. S.^a muitos anos com as verdadeiras felicidades que a V. S.^a desejo.

Roma, 18 de Julho de 1671. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CLXXXIII

Ao Marquês de Gouveia (2)

1671 — Agôsto 1

Ex.^{mo} Sr. — Nunca me deram cuidado os negócios de V. Ex.^a nessa côrte, porque, quando não tenham a fortuna que depende de vontades alheias, sempre terão mui segura a do acêrto, que está fora de sua jurisdição. A saúde de V. Ex.^a é a que só me deu cuidado, do qual porém me livram

(1) O Padre Pedro Zuzarte, missionário da Índia, para onde foi em 1641. Procurador da Província Japónica em 1672.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed ; autógrafo no Arquivo Nacional, com a data de 1 de Julho visivelmente emendada.

as novas de que V. Ex.^a me faz mercê, que estimo infinitamente, sem ser lisonja italiana, como é a palavra.

Não chega o Próprio, e, se é por vir mui carregado de dinheiro, trará o que se há mister. O Marquês das Minas entrou acompanhado de *deudos* e sairá, como já se disse nessa côrte, acompanhado de *deudas* (1); se bem é tanta a sua pontualidade, que lhe tenho ouvido muitas vezes não há-de ficar devendo nada a ninguém, e esta será para Roma a melhor guarnição das suas librés.

Por Holanda vieram novas da China, em que o Imperador havia levantado o destêrro aos pregadores católicos, e admitido a grande familiaridade três padres da Companhia, que iam quási todos os dias a palácio a fazer-lhe demonstrações astronómicas, de que é muito afeiçoado (2). Já isto são princípios de levantar os olhos ao céu.

V. Ex.^a aceite estas novas eclesiásticas, pois a paz dos políticos não dá por esta banda matéria a outras. V. Ex.^a me não disse nada do nombramento do Padre Confessor (3); eu digo a V. Ex.^a que já está presentado a S. Santidade.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como desejo, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 1 de Agôsto de 671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) *Deudos, deudas*, em castelhano *parentes e dívidas*. Tinham ido com o Marquês das Minas seus filhos, D. João e D. Pedro de Sousa, e o Conde da Atalaia, seu genro.

(2) A cargo dos missionários jesuítas estava o Observatório ou Tribunal Astronómico de Pequim, de que era director nêsse tempo o Padre Fernando Verbiest, de nação belga, tendo por colaborador o Padre Gabriel de Magalhães, português. Cf. artigo do Padre Manuel Rodrigues em *Revista de História*, t. 12.º: «Matemáticos portugueses na China».

(3) Veja-se adiante a carta de Setembro 26.

CARTA CLXXXIV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1671 — Agôsto 1

Senhor. — No correio passado escrevi a V. S.^a, e, não supondo fazê-lo nêste, sou obrigado a isto por um aviso que tive do Brasil. Em mim é atributo da natureza, em V. S.^a obra de caridade, e em S. A., se fôr servido fazer-nos a mercê que se pede, acção da sua Real grandeza.

É o caso que uma irmã, que ainda tinha sem tomar estado, em que outras vezes falei a V. S.^a, está casada na Baía com Jerónimo Sodrê Pereira, que serviu a S. A. com satisfação em Alentejo. Pretende o pôsto de Mestre de campo, que ali está vago, e, segundo sou informado, excede na qualidade a alguns de seus antecessores, e os iguala nos procedimentos pôsto que não na antiguidade dos serviços. El-rei que está no céu, sem eu lhe pedir, como nunca lhe pedi nada, me fez mercê, ainda quando o tinha servido ménos, mandar passar e registrar uma portaria, em que se diz que nos requerimentos de meus parentes se haverá respeito a meus serviços (2).

Fui duas vezes a Holanda, duas a França, uma a Itália, em serviço de S. M., passando também a Inglaterra, e havendo de chegar à dieta de Munster, com negócios de

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) Portaria de 17 de Dezembro de 1649: concede mercês diversas ao pai, irmão e uma irmã de António Vieira — «pelos serviços que prestou nos vários encargos do serviço Real». (*Inventário dos Livros das Portarias do Reino*, t. 1.^o).

tanta importância e de tanto risco como pode dizer o Bispo de Leiria (1); e de algum teve também notícia o sr. Marquês de Marialva. Se no govêrno da Rainha, que está no ceu, desejei servir a S. A. e quanto me custou êste desejo, a V. S.^a é bem presente; mas não trago isto à memória mais que para significar a V. S.^a que o não quero alegar para dever-lhe tôda a mercê, que de S. A. espero nesta ocasião só a sua grandeza e affecto, de que V. S.^a tanto me assegura.

E para que diga tudo a V. S.^a, com a sinceridade que devo e costume, toda a razão dêste meu empenho é querer que êste parente tenha pôsto as raizes na Baía, para que fique nela e não se resolva a vir a Portugal, com o perigo que já experimentou outro cunhado e outra irmã com cinco filhos, que ficaram sepultados no mar (2). A cabana em que nasci não tem outra esperança de ter successor legítimo senão esta: e, pôsto que o affecto do sangue está em mim tão morto como outros, vive ainda nos que pedem isto com as maiores instâncias, e eu não tenho onde as remeter senão à protecção de V. S.^a

Vejo quão importuno sou e quanto molesto a V. S.^a; mas a benignidade tão experimentada de V. S.^a me anima a confiança a que passe de seus limites.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e os criados de V. S.^a havemos mister.

Roma, 1 de Agôsto de 1671. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Pedro Vieira da Silva, como Secretário de Estado.

(2) Simão Álvares de Lapenha, sua mulher D. Leonarda de Azevedo Ravasco, e os filhos.

CARTA CLXXXV

Ao Príncipe D. Pedro (1)

1671—Setembro 7

Senhor. — No maço do Residente escrevo pela secretaria a que será presente a V. A. Nesta darei conta de algumas circunstâncias que não convém passem à notícia dos ministros, para melhor execução do que V. A. me tem ordenado.

Entreguei ao Padre Geral a carta que V. A. foi servido mandar-lhe escrever; e êle, depois de considerar dois dias a matéria, me disse ontem sentia grande repugnância em me apartar de si e de Roma, não só pelo affecto que me tinha, mas principalmente pelo serviço e crédito da religião, e pelo desprazer que disso teriam muitas das maiores pessoas desta Cúria; e sôbretudo porque havendo mudança de pontificado, em caso que a houvesse também no prægador do Vaticano, como muitas vezes acontece, tinha êle por mais provável que concorreriam os votos de todos os cardeais a que se me desse aquele lugar, o qual seria de igual honra para a Companhia e para a nação; e que, se a cousa estivesse nestes termos, êle se havia de atrever a replicar a V. A., pedindo lhe por mercê me deixasse ficar em Roma. Porém que, sendo esta esperança dilatada e contingente, a sua resolução era que êle e eu obedecêssemos logo a V. A., metendo-se só de permeio aquele tempo que fôr necessário para se ver conseguir o modo com que eu possa ir seguro de alguns inconvenientes,

(1) No t. 3.º da 1.ª ed.

que me podem prejudicar, e ao mesmo serviço e intento de V. A., o qual, e a honra que V. A. me faz e quer fazer, ficaria frustrada e exposta a um efeito tão contrário; e que assim o havia de representar a V. A., ou em carta pública por termos gerais, ou em outra secreta com mais particular expressão (1).

Até aqui as palavras formais e resposta do Padre Geral, em que eu não pude negar a fôrça da última razão, a qual só, sem fazer caso de nenhuma das outras, represento a V. A., para que V. A., sôbre a verdadeira suposição dela, seja servido mandar-me ordenar ou significar pelo portador desta o que fôr mais do seu Real agrado; porque afirmo a V. A., com toda a verdade e sinceridade de fiel criado, e com todo o affecto do meu coração, que ainda com êste risco, e qualquer outro de honra e de vida, o meu maior e único desejo é ver-me aos Reais pés de V. A. tanto mais cedo quanto fôr possível, e que não há cadeias, por mais douradas que se representem, as quais me possam deter um momento, para que por mar, por terra e pelos ares, não siga o menor aceno da inclinação e vontade de V. A., não só pela obrigação de vassalo ao seu príncipe, mas pelo affecto e adoração à pessoa de V. A., a quem depois de Deus mais venero e amo.

O mesmo Senhor guarde a Real pessoa de V. A., como a cristandade e os vassalos de V. A. havemos mister.

Roma, 7 de Setembro de 1671.

António Vieira.

(1) Vieira pretendia ser isento da jurisdição do Santo Offício em Portugal, temendo que êste novamente o perseguisse.

CARTA CLXXXVI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Setembro 12

Ex.^{mo} Sr. — Escrevo estas poucas regras furtadas aos direitos, porque ficamos com meia parte da casa fazendo os exercícios espirituais, e nêste concurso de orações, em que as minhas podem participar o merecimento das dos companheiros, me não esqueço de as oferecer, como sempre faço, pela vida, estado e felicidade dos negócios de V. Ex.^a

Os de aqui me parece se dão por concluídos. Tarda o Próprio, e em todos os ordinários se diz ao sr. Embaixador que por êle lhe escrevem. O Residente estará cedo em Itália; vem por Avinhão embarcar-se a Niza ou Monaco, mas protesta que se não há-de declarar por Residente até não receber as ajudas de custo. Por aqui quer começar a entrada, como também o sr. Embaixador a saída pela satisfação das dívidas. Assim, que a refrescada há-de vir de Portugal.

O braço de S. Nicolau, de que escrevi a V. Ex.^a (2), ainda êstes últimos dias continuava as sangrias: queira Deus que sejam para saúde universal do corpo; na cabeça não têm feito abalo algum.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) Falta a carta. S. Nicolau, Bispo de Mira, viveu no quarto século, e suas relíquias guardam-se em Bari, na Itália, onde, segundo a carta, obravam nêste tempo prodígios.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como desejo e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 12 de Setembro de 1671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CLXXXVII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1671 — Setembro 15

Senhor meu. — Chega-me ao coração dizer-me V. S.^a que passa com moléstias. E menos sinto as dos anos sem recurso, que as das sem-razões sem remédio; porque a vida está na mão de Deus, e a ingratidão nos corações dos homens. Se o de V. S.^a se pudera consolar com o mal de muitos, não lhe faltariam exemplos desta banda, onde também se não serve com inteira fortuna. Mas é tal a da nossa pátria que, quando havia de apurar as paciências, apura as finezas.

As novas que V. S.^a me dá da Índia são lastimosas, pela morte de D. Jerónimo Manuel (2), e por todas as outras

(1) Inédita. Autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) «Depois de ganhar D. Jerónimo Manuel uma gloriosa vitória contra os árabes que sitiavam Moçambique, e entrar no pôrto de Mascate e lhe queimar as naus que haviam escapado da batalha, morreu no mar de uma doença». (Carta de D. R. de Macedo, de 20 de Julho de 1671, no volume das *Cartas* publicado em 1827, cit.). D. Jerónimo, moço fidalgo da Casa Real serviu no Brasil de 1649 a 1652, e depois, como capitão de infantaria, na fronteira de Trás-os-Montes. Passando à Índia, de lá requereu em 1661 patente de General da armada de alto bordo daquele Estado, que obteve por fim em 1671. Nesta última expedição comandava sete fragatas e alguns navios de remo,

conseqüências que V. S.^a infere das nossas conquistas, quando se deveram empregar na restauração delas as mãos, que depois de tantas palmas queremos ter ociosas.

Com a notícia do que aqui succedeu ante-ontem, verá V. S.^a o desafôgo que se lhe devera dar com utilidade, para que o não tomem com risco. O que mais se admira nesta temeridade é que, depois de haverem feito o que fizeram, com muita paz de alma se foram continuando o cortejo até Santa Maria Maior, e depois de estarem lá muito devagar, e Roma cheia do caso, se vieram sós na sua carroça pelo meio dela, como se vieram de ganhar as indulgências. As casas ofendidas não eram menos que dos dois Cardeais, nepotes dos dois últimos Pontífices, onde concorreu o poder e a lisonja dêste grande mundo, com as outras circunstâncias que V. S.^a saberá mais miudamente por outra via(1). O que eu vi é que a praça do nosso Embaixador estava fervendo em povo, e o seu palácio tão quieto, com os gentis-homens às janelas, e os estafeiros uns passeando outros jogando, como se lhe não pertencera nada da festa. E o que mais é, o sr. D. João(2) saíu ao seu costumado passeio do Corso a tomar o fresco da tarde, e com menos estafeiros do que costuma. V. S.^a considerará quão edificadas ficariam estes senhores destas acções. Mas va-

(1) Conta o autor das *Monstruosidades*: «Toparam-se de cara a cara, em uma rua daquela Cúria, a carroça do Cardeal Chigi com a do filho do Embaixador de Portugal. É estilo parar a de qualquer príncipe, não sendo embaixador de rei, até que a carroça do Cardeal passe. Parecendo à soberba do esvaecido moço que era menoscabo de sua pessoa seguir o estilo dos príncipes, que o puderam ser seus, mandou ao seu cocheiro que andasse; fizeram-lhe opposição os gentis-homens do Cardeal, e chegou o excesso a haver feridos da outra parte, ficando a de Portugal de melhor partido». Veja-se a carta seguinte.

(2) D. João de Sousa, filho do Marquês das Minas.

mos às do Marquês, que verdadeiramente mostrou nesta ocasião o extrêmo do seu valor e juízo.

Tanto que chegaram do cortejo os cúmplices, os despediu logo de casa, e mandou o seu secretário das embaixadas a significar o sentimento com que ficava ao Cardeal Chigi, cujos criados foram os mais ofendidos, e com esta diligência entendeu S. Ex.^a que tinha dado toda a satisfação que devia.

O Embaixador de Castela, como foi o primeiro que teve notícia do caso, mandou aviso logo a S. Ex.^a, com os termos de maior fineza que se podiam nem desejar nem esperar; e se meteu a ser mediano da composição, mandando continuos recados e vindo depois em pessoa, respondendo sempre e a tudo o nosso Marquês, como publica o mesmo Embaixador de Castela, em os termos de maior autoridade, prudência e crédito: emfim como se estivera em campanha, com muita vantagem de sítio e de poder.

Com esta mesma confiança, não quis admitir no seu palácio nem franceses, nem saboianos, nem os castelhanos que o Embaixador lhe ofereceu com ânimo resolutó e sincero. Finalmente, o negócio ficou ajustado, no mesmo dia, com que o Marquês mandasse segundo recado ao Cardeal Chigi, porque o primeiro não o achou em casa, a que êle respondeu com as maiores demonstrações de cortesia e amisade. E tudo está em paz, qual Deus no-la dê em todas as nossas guerras.

Aos padres portuguezes, que nos achamos nesta casa, também nos cabe nossa parte dêste mundinho, agasalhando modestamente o parabém que todos nos dão de ter o nosso Príncipe um tal Embaixador; sendo o primeiro nesta aprovação e aplauso o Padre Geral que, sem embargo de estar retirado em exercícios espirituais, me mandou chamar para se congratular connosco dêste successo tão felizmente con-

cluído. E, porque sei quanto V. S.^a o estimará o quis referir tão miudamente.

No sr. Duque de Laon (1) não falo, porque já se vê quanto tomou êste negócio por seu, assistindo por momentos do seu palácio com avisos, e recados sôbre recados, com excessivo cuidado e empenho, e ainda com sentimento de não ser S. Ex.^a o que com sua autoridade ajustasse tudo. Mas, como o Embaixador de Castela, por ser o caso em função sua (2), se adiantou de si mesmo e sem o fazer saber ao Marquês, não houve lugar de eleição.

Sempre espero com ânsia novas de V. S.^a, que estimarei sejam de muito melhorada e inteira saúde.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 15 de Setembro de 671 — Capelão e servo de V. S.^a muito obrigado.

António Vieira.

CARTA CLXXXVIII

Ao Marquês de Gouveia (3)

1671 — Setembro 26

Ex.^{mo} Sr. — Já se vai conhecendo em Roma a entrada do inverno pela tardança dos correios de Madrid; mas os do mesmo inverno começam já a fazer seus efeitos nos meus anos, com as repetições dos achaques. Estimarei que a diferença dos de V. Ex.^a a faça tão grande nos tempos,

(1) O Duque de Estrées, Embaixador de França.

(2) Entende-se que o cortejo era em festa tocante a Espanha; talvez as que seguiram à canonização de S. Francisco de Borja.

(3) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional,

que todos sejam para a saúde de V. Ex.^a os mais acomodados, e que V. Ex.^a os passe tão livre de toda queixa que eu o esteja também de todo cuidado.

O Padre Confessor, em que falei a V. Ex.^a, não era o do nosso Príncipe, senão o da Rainha Católica, o Padre Everardo, que vive nesta casa com parte da autoridade de Inquisidor Geral, e toda a modéstia que se pode desejar em um jesuíta, com que nos edifica e dá exemplo a todos(1). A nomina que dizia é para o capelo de cardeal, sôbre que fizeram extraordinárias instâncias o Embaixador e mais ministros de Castela, na promoção que houve de dois capelos, que estavam vagos; e, por não desgostar as coroas, os conservou S. Santidade *in pectore*, onde ainda estão, não se duvidando que os eleitos nesta forma sejam o Bispo de Laon e o irmão do Duque de Gravina, que casou com a sobrinha do Cardeal Patrão; é religioso de S. Domingos, não tem vinte e quatro anos de idade(2): mas, além dos merecimentos da qualidade, concorrem nêle os de grandes virtudes, não sendo a menor dizer-se que não quer o capelo.

Os gentis-homens do nosso Embaixador tiveram um encontro, dia do Triunfo da cruz, com as carroças dos cardeais Rospigliosi e Chigi, em que desta parte ficaram alguns feridos, e o Cardeal Chigi se pôs em armas; mas no mesmo dia ficou tudo composto por mediação do mesmo Embaixador de Castela. O sr. Marquês das Minas se portou com grande autoridade, cortesia, prudência e valor, porque, tanto que soube do caso, e que os seus criados haviam excedido, os despediu, e mandou ter cumprimento

(1) Padre João Everardo Nithard, Inquisidor Geral em Espanha, e confessor que tinha sido da Rainha.

(2) *Supra*, p. 324.

com o Cardeal Chigi, cuja carroça foi a mais ofendida, e no público esteve a sua casa desarmada, sem admitir oferecimento de franceses nem saboianos, nem do mesmo Embaixador de Castela(1), que lhe ofereceu sua família e toda a nação; e no mesmo dia, no maior fervor das prevenções contrárias, saiu seu filho a passear no Corso, como costumava, e o mais que V. Ex.^a lerá em relações mais miudas, a que eu me não posso estender.

O Residente está em Liorne, mas o Próprio não acaba de chegar; e para a entrada e saída é necessário que êle venha e que traga(2).

Tem-se por sem dúvida o rompimento do Turco com Alemanha, mas cuida-se não será êste inverno. El-rei de Polónia está em campanha contra os cossacos; correu que lhe dera uma grande rota, mas as novas daquelas partes não se costumam crer aqui senão no terceiro correio.

A festa de S. Francisco de Borja se faz no seu dia(3) com oitavário; o aparato é riquíssimo, mas não de matéria que se derreta, ouro sôbre carmesin, e sempre chegará a armação a trinta mil cruzados da nossa moeda; mas servirá ao santo mais que nesta ocasião, porque, excepto a música, tudo o demais ficará em casa. Esta é a modéstia dos padres da Companhia de Roma, que não quiseram competir com nenhuma das outras Religiões. Esperamos a relação das festas de Madrid; nas de Lisboa não se fala palavra; as de Alemanha foram honradas com a presença do Imperadór, que foi na procissão, e com a da Imperatriz,

(1) Marquês de Astorga. Supra, p. 285.

(2) *Entrada* do Residente, e *saída* do Embaixador, para que era necessário chegar o correio, portador das ajudas de custo. Supra, p. 364.

(3) 10 de Outubro. O santo era jesuíta, como se sabe.

que assistiu com o Imperador ao sermão, e ambos comeram no nosso refeitório.

Morreu em Sicilia apressadamente o Cardeal Visconti, com cujo capelo se poderão acomodar as diferenças e sair do peito de S. Santidade os cardeais.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a, como o nosso reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 26 de Setembro de 671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CLXXXIX

Ao marquês de Gouveia (1)

1671 — Outubro 10

Ex.^{mo} Sr. — Toda esta semana supús não podia escrever a V. Ex.^a neste correio, e agora faço estas duas regras para que a falta delas não acrescente maior suposição ao achaque. Com a entrada do inverno carregou a defluxão da cabeça sôbre uma parte do rôsto, de maneira que foram necessárias ventosas sarjadas e outros remédios violentos, sem bastarem para desfazer a inchação, e tirar de todo as dores com que ainda fico, se bem melhorado, havendo passado em cama todo o oitavário de S. Francisco de Borja. Vai o raconto da festa e não há outra novidade.

O sr. Marquês das Minas se anda licenciando do Sagrado Colégio, e se entende que terá em Roma poucos dias do mês seguinte. O Residente se espera até os 19 dêste.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

Dá-me cuidado a saúde de V. Ex.^a, mas espero não sentirá já êste ano a diferença do clima, e assim o-peço a Deus com todas as minhas instâncias.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como o nosso reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 10 de Outubro de 671 — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXC

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1671 — Outubro 24

Soli

Senhor. — V. S.^a não estranhe a cláusula, porque é a com que na nossa Religião se escreve aos prelados, quando a carta não há de passar a outros olhos nem ouvidos.

Recebi a de que V. S.^a me fez mercê, escrita em 31 de Agôsto, e a li com tanto agradecimento como dor, a qual me atravessou a alma tantas vezes quantas li o nome de S. A., que Deus guarde. V. S.^a me segura a sua graça, e eu mereço a S. A. toda, porque ninguém ama e adora a sua pessoa, nem estima a sua fama, nem deseja a conservação, felicidade e aumento de sua monarquia mais que eu; e digo mais e não tanto, porque falo com V. S.^a, a quem só reconheço igualdade nêste affecto.

Mandá-me V. S.^a diga o que sinto acêrca do caso de Odi-

(1) No t. 2.º da 1.ª ed., mutilada. Texto reconstituído pelo do Códice 1724 da Biblioteca Nacional.

velas (1), e remédio de semelhantes escândalos. Confesso a V. S.^a que no mesmo dia em que chegou a nova, com a sagrada hóstia nas mãos me senti inspirado a dizer o que se me oferecia; mas, considerando que as razões, que eu dissesse, bastava serem minhas para que não se aceitassem, me pareceu melhor deixá-las à ventura de que occorressem a outros sem êste perigo, pôsto que, segundo a cópia do decreto que cá chegou, vejo que não occorreram ou não foram recebidas, com que me cresce novo motivo de desconfiar delas. Contudo, porque V. S.^a me manda e falo com V. S.^a, farei conta que não passam de mim; e assim direi brevissimamente o que diante de Deus julgo por mais conveniente ao seu serviço, e ao de S. A. que é o mesmo.

Os danos, senhor, que experimentou atégora Portugal com os cristãos novos, se reduzem principalmente a cinco. Primeiro: a contágio do sangue pela mistura com os cristãos velhos. Segundo: os sacrilégios ocultos que são infinitos e sabidos. Terceiro: à infâmia da nação, pela língua que falam, em todo o mundo. Quarto: a perda das Conquistas, com a extensão da heresia e impedimento da propagação da fé, pelo que ajudam as armas e o poder dos hereges. Quinto: a diversão e extinção do comércio, cujas utilidades logram os estrangeiros, assim pelos mercadores que têm em Portugal, como pelos cabedais dos portugueses, que por medo da confiscação trazem seguros em todas as outras praças de Europa.

Estes inconvenientes se pretenderam atégora evitar por meio da Inquisição, mas pôsto que êste tribunal seja santíssimo e unicamente necessário para a conservação e pureza da fé, a experiência tem-nos mostrado que não basta só êle

(1) Supra, p. 353.

para o remédio, e a mesma experiência ensina que, quando um remédio não aproveita, se devem buscar outros mais eficazes, como S. A. com tanta piedade e prudência resolveu se fizesse.

Se os meios, que se propuseram e se têm decretado, foram suficientes para acudir a estes inconvenientes, não havia mais que desejar (1). É porém certo que, excepto o primeiro dano dos casamentos, que em parte se remedia, todos os outros não só ficam em pé, mas com muito mais danosas e evidentes conseqüências, assim para a mesma fé como para o Estado.

Se é êste o comum sentir de Roma e de toda a Europa, informe-se S. A. de seus ministros. Eu só posso testemunhar desta casa, que, como já disse a V. S.^a, é uma abreviatura do mundo. Ao Padre Assistente e mais portugueses que aqui nos achamos, parece que a dita resolução se não devia tomar, e muito menos executar-se, pelos manifestos inconvenientes dela, a que não chamam menos que perdição do reino e das Conquistas. O mesmo sentem os padres italianos, franceses e alemães, não com pouca admiração do decreto, ainda que com grande reverência do zêlo de S. A. Só os castelhanos por dentro estimam muito esta expulsão, não só pelo que experimentam na sua dos granadinos, mas porque consideram a diferença e conseqüências que se lhe podem seguir, tirados de Portugal e passados a Castela os que com os seus cabedais sustentaram a guerra.

Suposto isto, o meu voto seria uma doutrina muito

(1) Decreto de 22 de Junho dêste ano: manda expulsar do reino os cristãos novos, réus confessos de judaismo, e suas famílias, e os que nos autos de fé abjurem por suspeição veemente. A pena, applicável também aos casos passados, nunca se executou.

alta, mas em matéria muito baixa, como é a de que se trata, e que muito claramente demonstra tudo. O estêrco (diz Santo Agostinho) fora do seu lugar suja a casa, e pôsto no seu lugar fertiliza o campo: e, applicando-se a doutrina e semelhança ao nosso caso, com o maior dos doutores digo, senhor, que os judeus se tirem de onde nos sujam a casa, e que se ponham onde nos fertilizem o campo. Assim o faz o Papa, e a Igreja Romana, que é a regra da fé e da cristandade, tirando desta permissão muitos proveitos espirituais, e evitando muitos inconvenientes temporais. Lancem-se de Portugal os judeus, os sacrilégios, as ofensas de Deus, e fiquem em Portugal os mercadores, o comércio, a opulência, e tenham de aqui por diante separados a doutrina, que nunca tiveram atégora, e os que se converterem serão verdadeiros christãos, e os demais importa pouco que vão ao inferno de aí ou de outra parte, como de aqui vão também aos pés de S. Pedro.

Pregunto a V. S.^a pelo amor de Deus, pelo amor da fé, e pelo amor do Príncipe: Qual é melhor? Judeus declarados, ou judeus occultos? Judeus que casem com cristãs velhas ou judeus que não casem? Judeus que confessem e comunguem sacrilegamente, ou judeus que não façam sacrilégios? Judeus que afrontem a Nação, ou judeus que a não afrontem? Judeus que enriqueçam Itália, França, Inglaterra e Holanda, ou judeus que enriqueçam a Portugal? Judeus que com seus cabedais ajudem os hereges a tomar as conquistas e impedir a propagação da fé e propagar a heresia, ou judeus que com os mesmos cabedais ajudem as armas do príncipe mais católico a recuperar as mesmas conquistas, e dilatar a fé por todo o mundo? Assim o tinha determinado El-Rei, que está no céu, e não o fez, porque não tinha paz nem acesso ao Pontífice.

Mais, senhor, é certo que heresia é mais contagiosa

que o judaismo: antes o judaismo não é contagioso, e a heresia sim e muito, como se experimenta com todas as nações da Europa, onde tantos se fazem hereges, e nenhum judeu. Pois se Portugal em Lisboa, e em todas as praças do reino, permite hereges ingleses, holandeses, franceses, alemães, que vivem com liberdade de consciência, misturados com os católicos sem sinal e distinção, só pelas utilidades do comércio, que não são utilidades senão destruição dêle; porque razão, pelas utilidades do mesmo comércio, se não permitirá o mesmo aos judeus portugueses, estando não misturados, senão separados como em Roma, e com sinal por onde sejam conhecidos, com obrigação (como aqui) de ouvirem prêgações e doutrinas, em que se impugne a sua seita?

Vejo que só se pode opôr que os judeus de Portugal são baptizados, mas também são baptizados os calvinistas de França, e por justas causas se lhe permite a dita liberdade, e assim se pode permitir aos ditos judeus; propondo-se as causas ao Pontífice, que é o legítimo juiz desta matéria, e quando êle o resolva, ficam seguras as consciências do Príncipe e seus Ministros, e livres de todo o escrúpulo, não deixando de o haver muito grande em algumas cousas que no decreto se tem resoluto, fundado sôbre uma presunção muito duvidosa.

O modo da execução é assinalarem-se bairros, onde esta gente viva, e certo tempo em que se declare, sendo moralmente infalível que todo o que fôr judeu (pois se não afrontam antes se presam da sua lei) se declarará, como fazem em toda a parte onde têm a dita liberdade: e os que forem verdadeiros cristãos serão conhecidos por tais, ficando sujeitos às penas do Santo Officio, como atégora.

Isto é senhor resumidamente o que me parece, e que esta imundície, que atégora se sofreu com tanta indecência,

se lance em lugar separado, como faz a economia nas casas, a política nas cidades, a natureza nos corpos, e a utilidade e o remédio nos campos; e se acaso a V. S.^a se oferecer algum reparo, como têm todas as cousas grandes, creio e espero que não será de tanto momento que possa entrar em pêso com a pureza da fé, limpeza do sangue, honra da nação, opulência do reino, recuperação das conquistas, conversão da gentildade, e infinitas outras conseqüências do serviço de Deus e salvação das almas, não só dos cristãos e gentios, senão ainda dos mesmos judeus, como aqui se experimenta, seguindo-se do contrário tantos inconvenientes e perigos, quais se podem temer a um reino pobre, e que de vassallos úteis faça inimigos poderosos, tendo tantos e tão vizinhos.

A matéria não era para tanta brevidade; mas falo com V. S.^a, ficando certo que, quando V. S.^a reprove êste pensamento, não deixará V. S.^a de conhecer que tenho visto muito mundo e ouvido aos maiores homens dêle, estudado alguma cousa, e sacrificado a vida à propagação da fé e padecido muito por ela, e que só tenho no coração a glória de Deus, o serviço e honra do meu príncipe, e a conservação e aumento da sua monarquia, sem nenhum outro interêsse humano.

Olhemos sólidamente, e não por apreensões do vulgo, para o que verdadeiramente é fé e religião, e servir a Deus e aumentar sua honra, e evitar pecados e salvar almas; e se o Príncipe, que Deus guarde, quizer tudo isto, e ser juntamente o mais poderoso monarca do mundo, use da ocasião que tem entre mãos, e sem mais despesa que o seu beneplácito o poderá conseguir. *Soli, soli*, outra vez. E Deus me guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Todos os dias digo missa pelo Príncipe, para que Deus o alumie nesta ocasião, e o faça tão grande propagador da

sua fé sôbre todos os do mundo, como o extrêmo do seu zêlo e piedade merece.

Roma, 24 de Outubro de 1671.

Em nau que partiu de Liorne remeto a V. S.^a, por via do padre João Pimenta, dois tomos grandes, em que se continua a história de Famiano, escrita por outro padre da Companhia, a quem dão a palma na pureza da língua latina. — Criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CXCI

Ao Marquês de Gouveia⁽¹⁾

1671 — Novembro 7

Ex.^{mo} Sr. — Estas são as únicas regras que escrevo nêste correio, por não faltar à única obrigação, ainda que tão maltratado, como de ontem a esta parte me acho. Traga-me Deus melhores novas da saúde de V. Ex.^a

Morreu ontem o Cardeal Celsi⁽²⁾, que foi um dos que estiveram próximos ao pontificado; e também correu a mesma nova do Cardeal Pallavicino, que está em Bolonha, e só se verifica estar em perigo: com que haverá capelos bastantes para se satisfazer aos interêsses mais poderosos, e o Padre Everardo poderá exercitar o novo cargo de embaixador⁽³⁾ sem o reparo do hábito, que não só dizem está

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

(2) Angelo Celsi, cardeal nomeado por Alexandre VII. Alcançou votos nas primeiras sessões do conclave de 1670, mas foi excluído depois.

(3) Embaixador de Espanha, interinamente, substituindo ao Marquês de Astorga, que se retirava para assumir o pôsto de Vice-Rei de Nápoles.

vencido, mas com grande aprovação e aplauso do Cardeal Patrão.

O Marquês Embaixador se parte dentro de dois ou três dias, e entendo o terá V. Ex.^a por hóspede nessa côrte (1). O Residente ainda se não levanta da cama, antes está rē-caído, que sôbre os seus anos é ruim queda. O embaraço de D. Francisco de Melo em Inglaterra nos dá cuidado, e a mim muito grande a resolução a que se inclinava, pois não estamos em tempo de provocar ou declarar mais inimigos (2); e sou eu tal, que me dão mais cuidado estas e outras cousas que a minha febre.

Já dei conta a V. Ex.^a que se estavam traduzindo e pondo em ordem de impressão alguns dos meus sermões, sendo uma das línguas a castelhana: tenho notícia que se tratam de reestampar os que nêsses reinos andam divulgados (3), e será êrro pior que o primeiro e sem utilidade de quem tomar êste empenho. Se fôsse fácil a um criado de V. Ex.^a tirar-me um privilégio, para que em nenhum reino de Espanha se possam imprimir obras minhas, na forma em que se costuma conceder aos autores, por espaço de dez anos que estão em uso, seria mercê mui particular que V. Ex.^a me mandaria fazer, e, porque sei que peço esta a V. Ex.^a, a não encareço mais.

De Macau chegaram cartas escritas nêste mesmo ano, em que se afirma o recebimento do nosso embaixador, com extraordinária benevolência e nunca vistos favores do Im-

(1) O Marquês das Minas, de regresso a Lisboa, passaria por Madrid.

(2) Supra, p. 309. D. Francisco de Melo pensava em retirar-se de Londres sem cumprir a embaixada.

(3) A edição de 1664 em Madrid, por José Fernandes de Buendia, duas partes em um só volume.

perador da China, liberdade a todos os cristãos e grandes outras esperanças de florescer aquela Igreja, e o nosso comércio, que também está livre. É a carta de um religioso da Companhia, alemão, vinda por via de Holanda a Roma em menos de onze meses.

Não cuidei que pudesse escrever tanto; mas o falar com V. Ex.^a de qualquer modo não pode deixar de me dar alentos.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como o nosso reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 7 de Novembro de 1671.

A êste momento me dizem é certo que o padre Everardo está nomeado Arcebispo de Edessa na Síria, com obediência de aceitar pelo impedimento do quarto voto (1).
— Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXCI

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1671 — Novembro 10

Senhor meu. — Sendo tão útil e necessário para a saúde de V. S.^a, não posso deixar de estimar muito que V. S.^a tenha o despacho de voltar para os ares pátrios, ainda que não poderá ser sem experimentar os rigores dêste inverno, que desta banda começam a ser menos toleráveis que os

(1) O quarto voto dos jesuítas consiste na obediência indefectível ao Papa.

(2) Impressa em 1827. Autógrafo na Secretaria dos Estrangeiros.

do ano passado. Conserve Deus a V. S.^a a saúde, com os aumentos de anos que eu desejo e lhe peço, conhecendo quanto nos importa a vida de V. S.^a, se nós nos souberamos aproveitar dela.

Dizem-me que sem dúvida sai da Secretaria de Estado Francisco Correia. E o haver de esperar V. S.^a por embaixador de França é argumento que não querem, naquela terra, acabar de entender o que só lhes convém (1).

A forma monstruosa do nosso govêrno cada dia pare novos monstros, antevistos todos dos que naturalmente aconselham a coroa ou a regência. Mas prevaleceu contra o juizo comum o capricho obstinado de três homens de poucas cãs e nenhuma experiência (2). Lembra-me a história de Roboão, e o pior é que já vemos a capa feita em retalhos (3): queira Deus que V. S.^a e eu não sejamos profetas.

De Madrid se me escreve com mais apertados e declarados termos, e suspeito que, como de mais perto, seja já com alguns fumos de fogo que se esconda debaixo destas cinzas. Eu não sei em que juizo possa caber que tantas

(1) A substituição de Francisco Correia de Lacerda por Macedo, que de Paris escrevia a Vieira: «Eu espero, como já avisei a V. Paternidade, que S. A. nomeie ministro para me vir resgatar». Carta de 9 de Novembro, no volume das *Cartas*, edição de 1827, cit.

(2) Em Portugal dividiam-se as opiniões sôbre a conveniência de assumir D. Pedro o título de rei, em vida do irmão deposto. «Alguns camaristas, sendo principal o Conde de Vilar Maior, considerando que perderiam o lugar se S. A. passasse a Majestade, lhe meteram muito em consciência o coroar-se: é o Príncipe muito escrupuloso e facilmente se persuadiu às razões». *Monstruosidades*, cit.

(3) «Mas Roboão desaprovou o conselho dos velhos, e consultou os moços que haviam sido criados com êle, e o tinham acompanhado sempre». (*Paralipómenas*, Liv. II, Cap. X). *Retalhos da capa*: os domínios da Índia, de que se iam apossando os holandeses.

cousas e tão grandes, ainda que fôsem muito modificadas e muito úteis, se emprendessem juntas no mesmo tempo (1).

Beijo a mão mil vezes a V. S.^a pelas cópias daqueles dois papéis, que só com êste favor se podiam adoçar as notícias dêles. Eu as comuniquei logo ao sr. Marquês das Minas, que tornou a execrar a nossa teima, em que êle sempre foi de parecer contrário. Forte coisa é que queiramos fazer quimeras, e que teimemos em que o mundo as respeite e adore (2)! Tem-me em grande cuidado a resolução a que estava inclinado o Embaixador de Inglaterra, porque, ainda que seja muito conforme à reputação e ao brio, não estamos em tempo mais que de dissimular e sofrer.

Se o Príncipe, que Deus guarde, tomara o conselho de algum vassalo que muito o ama, estivera o reino em estado, opulência e poder que o temeram os inimigos, e o respei-

(1) Provavelmente alusão às negociações para entrar Portugal na liga de França e Inglaterra contra os holandeses. Pretendia Luís XIV igualmente que, no caso de Espanha se pronunciar a favor das Províncias Unidas, D. Pedro lhe declarasse a guerra, e para isso oferecia socorro de gente e dinheiro. Além disso diligenciava o monarca francês obter a cessão de algumas praças na Índia, um tratado de comércio, e a faculdade de estabelecer uma espécie de base naval em Lisboa. Consta das instruções ao Embaixador Saint Romain em 1669, e Enviado extraordinário d'Aubeville em 1671. (Cf. *Recueil des instructions données aux ambassadeurs et ministres de France depuis les traités de Westphalie jusqu'à la révolution française*, volume-relativo a Portugal).

(2) Falta a carta de Macedo, que devia esclarecer o sentido dêste passo. Do seguimento, todavia, pode inferir-se que alude à situação de D. Pedro, rei de facto sem o ser de nome, que motivara o conflito de pragmática com o embaixador em Londres. A resolução dêste era retirar-se, no caso de se lhe não dar audiência pública, como pretendia, e isso mesmo lhe foi depois ordenado de Lisboa.

taram os amigos; mas cuidamos que Portugal depois da paz se colocou no céu empíreo, e que os meteoros que perturbam o mundo já o não podem inquietar (1).

O sr. Embaixador (2) me disse que se partia hoje, mas entendo que não será senão amanhã; vai regalado de reliquias e indulgências, e também fez regalos que custam mais, ainda que valem menos,

O Residente ainda se não levanta. Morreu o Cardeal Celsi. Veio nomeado embaixador o padre Everardo, para exercitar, enquanto não chega o Marquês de Liche; e para o fazer em outro hábito, enquanto se não acomoda a promoção da púrpura, está nomeado Arcebispo de Edessa, com uma obediência de aceitar e outra de não replicar (3). A Companhia comtudo replica, mas entendende-se que será sem efeito.

Fico trabalhando nas prevenções da estampa (4), que desejo comece com o ano que vem; mas em terra e casa tão grande como esta não há momento de tempo livre, nem a saúde e a idade ajuda a aproveitar das noites do inverno, que na repartição regular são iguais às de verão.

V. S.^a me não falte com novas suas, e Deus me guarde a V. S.^a muitos anos, como com todo o coração desejo.

Roma, 10 de Novembro de 671. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira

(1) *Vassalo que muito o ama*: o proprio Vieira. O conselho era de favorecer os cristãos novos, aproveitando o concurso de seus abedais para a opulência do reino.

(2) Marquês das Minas.

(3) *Supra*, p. 38o.

(4) Dos sermões.

CARTA CXCIH

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Novembro 21

Ex.^{mo} Sr. — Estimo eu muito que o inverno de Madrid não descubra tão má cara como o de Roma, em que as chuvas e os frios têm fácil remédio, mas atégora se não tem achado para os raios com que freqüentemente nos visita, e, como os altos desta terra são tão reverenciados do céu, é maior o temor que nos cabe aos pequenos.

O Marquês Embaixador partiu aos 10 em direitura a Liorne, havendo mandado visitar ao Grão-Duque (2) por seu filho D. João. Saiu com bom tempo, mas seguiram-se logo muito trabalhosos dias, e não serão estes os piores, se se lembrar de onde saiu e para onde vai.

O Padre Everardo está já em hábito arquiiepiscopal, sôbre o qual conserva a veste da Companhia, com que nos edifica tanto nesta casa, como sempre fez com seu raro exemplo. Temeu-se êstes dias que certo acidente do Marquês de Astorga (3) lhe apressasse a substituição; mas parece que não quiere ir ao céu sem passar pelo purgatório de Nápoles.

Continuam em Inglaterra as resistências (4), que bem de-

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) De Toscana, Cosme III.

(3) Embaixador de Espanha, nomeado Vice-Rei de Nápoles, e substituído na embaixada pelo Padre Everardo.

(4) A receber em audiência pública o embaixador D. Francisco de Melo.

claram o amor daquele parente, mais à coroa que à pessoa de seu cunhado. As resoluções meias sempre vêm a parar nestes extrêmos, sendo o que V. Ex.^a aconselhava o de mais quieta conveniência e mais segura fama (1).

Esperamos o parto desta prenhez de França, de que escreve com assombro Duarte Ribeiro (2). Se o raio, como se entende, cair sôbre Holanda, que mau era estarmos agora prevenidos para a restauração da Índia? Dois padres, que aqui chegaram daquelas partes, dizem que todos os gentios, escandalizados da infidelidade dos holandeses, não fazem senão gritar-nos: porque os não resgatamos de sua tirania? Escrevo por estas e semelhantes notícias a Portugal, e respondem-me que tudo se deseja mas que não há cabedal; e eu perco ou torno a perder a paciência já perdida, vendo os meios que de presente se tomam para nos fazermos ricos.

Vão continuando as soberbissimas exéquias do Cardeal António (3), e de presente se fica fabricando nesta nossa igreja uma máquina, que custa da nossa moeda melhor de doze mil cruzados, com que os herdeiros puderam casar muitas órfãs, e dar maior gôsto à alma do defunto. Acaba a vida e não acaba a vaidade!

Excelentíssimo senhor, Deus guarde a Excelentíssima

(1) O Marquês de Gouveia era dos que opinavam dever o Regente pronunciar a definitiva deposição de D. Afonso VI, e assumir declaradamente a dignidade régia.

(2) De Macedo. Alusão aos preparativos bélicos de França, de que se não conhecia seguramente o objecto.

(3) Assim era costume designar o Cardeal António Barberino, sobrinho de Urbano VIII, e sujeito de grande autoridade na côrte pontifícia.

pessoa de V. Ex.^a como desejo, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 21 de Novembro de 671. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CXCIV

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1671 — Novembro 21

Senhor. — No correio passado obedeci a V. S.^a; neste respondo ao restante da carta, que toda vem cheia das seguranças, que V. S.^a me dá, da graça de S. A.: e verdadeiramente, senhor, para me sustentar nesta fé bem necessárias são tantas escrituras, e que estas sejam da autoridade e verdade de V. S.^a, que eu tenho por infalível, havendo-me desenganado de todos os outros oráculos, na pouca certeza de suas promessas, e manifesta mudança ou esquecimento de seus affectos, que em alguns pudera eu chamar obrigações. Mas como havia a fénix de ser única? Sofra-me V. S.^a que cuide que só V. S.^a nasceu em Portugal, e que nasceu de si mesmo.

Aqui não há novidade mais que haver morto o Cardeal Celsi, que no conclave passado teve muitos votos de papa: e, com serem quatro os capelos vagos, ainda não saiem as nomeações que S. Santidade reservou *in pectore*, porque se não pode satisfazer com êste número a todos os empenhos

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.; incompleta. Restabelecido o texto pelo do códice 1724 da Biblioteca Nacional.

das coroas, e da casa reinante (1) que, para continuar a successão e séquito, deve multiplicar criaturas.

Desejara eu em Rôma parte do zêlo de S. A., e em Portugal parte das atenções de Roma. Nem nos lembramos do passado, nem olhamos para o futuro, nem dispomos o presente. Desgraça grande é, e parece fatalidade, que nos não dê cuidado nem o ódio de Castela, nem o desamor de Inglaterra, nem a cobiça de Holanda, nem os intentos de França, quando a todos devemos temer igualmente, e mais aos mais distantes.

Diz-me V. S. que estamos faltos de cabedal, e não podia o juizo de V. S.^a deixar de conhecer que êste é o fundamento do poder, da autoridade, do respeito e da conservação de todas as monarquias. E que meios são, senhor, os que nós applicamos ao aumento dêste cabedal, quando o pouco que temos o levam genoveses, franceses, ingleses, holandeses, e quantas nações há na Europa, afora o que nos rouba África? A pior circunstância que isto tem é o meu coração, e desvelarem-me estas considerações em Roma e na minha cela, quando tinha tantas razões de o amor de Portugal se me converter em ódio, e as memórias em detestações. Mas, quando me haviam de doer as minhas bofetadas, dão-me só das suas.

A pessoa de maior autoridade, de maiores letras e de maiores merecimentos que tem Roma, com lugar em todos os tribunais e o primeiro da casa do Pontífice, me perguntou um destes dias se era certa a resolução que se dizia em Portugal. E, enfeitando eu o melhor que pude, respondeu: «Como era possível que se intentasse uma tal

(1) Altieri, a que pertencia o Papa, e por adopção o ministro, cardeal dêste nome.

loucura, uma tal injustiça e uma tal impiedade?» (1) São palavras formais. Dizem todos os italianos que temos muito valor, mas que não temos nenhum juízo nem govêrno. Eu, contudo, espero que Deus há-de ajudar o bom zêlo de S. A. e de seus ministros, pôsto que os exemplos ditam o contrário. Falo a V. S.^a com esta clareza e sinceridade, porque falo só com V. S.^a, e V. S.^a me o ordena assim.

Aqui chegou e está o padre Juzarte, que ama a S. A. e tem tantas obrigações particulares para isso, e outro padre, que por via de Inglaterra veio da Índia, igualmente zeloso e amante do reino (2); e, como mais noticiosos do mundo, ambos lamentam o que eu há mais tempo choro. Dizem que todos os gentios da Índia têm ódio mortal aos holandeses e suspiram por nós e dizem: «Portugueses, porque dormis, porque nos não vindes resgatar desta tirania»? Quando foi das guerras de Inglaterra com Holanda, em que lhe não foram socorros, todos os reis gentios se alegravam e faziam particulares favores aos cristãos, e diziam os mesmos holandeses: «Olham para o sol que nasce», dando-se por perdidos.

Hoje recebi carta de Duarte Ribeiro, em que dá por quási certo que os aparatos de França desarmarão sôbre Holanda. E que mau seria que agora tivéssemos na Índia poder com que os lançar fora? Torna V. S.^a a me dizer que não há cabedal, e eu torno a dizer a V. S.^a que sim há, porque o pode haver; e, deixados os meios que estão das portas a dentro e queremos deitar fora (3), tudo

(1) A expulsão dos cristãos novos confessos de judaísmo. Supra, p. 374.

(2) Padre Pedro Zuzarte (supra, p. 358) e Padre Baltasar da Costa, Provincial que tinha sido do Malabar, ambos jesuítas.

(3) Alusão aos cristãos novos.

o que vier das Conquistas gaste-se nelas, e faça S. A. conta que não vieram naus da Índia nem frotas, ou que se perderam, como tantas vezes se têm perdido; e, se gritarem os interessados, trate-os S. A. como loucos, pois não entendem que se lhes tira um interêsse menor para se lhes dar outro maior, e lhe o conservar para sempre. Não é vergonha que se diga pelo mundo todo que, para El-rei de Portugal pagar um correio, é necessário que se vá pedir emprestado à Rua Nova?

Seja S. A. rei, seja rico, seja poderoso, mande aperfeiçoar as fortificações que se perdem, tenha muita cavalaria no seu reino, e extinga-se, como em França, a maldita espécie dos jumentos (1); ponha poderosas armadas nos seus mares, e cuide-se só nisto, e verá S. A. se lhe regateiam as cortesias a seus embaixadores, se lhe guardam os privilégios de seus antepassados em Roma (2), e se é respeitado e temido em todas as partes do mundo, e se ganha mais almas e mais fé em um dia que agora em muitos anos. Oh! se V. S.^a ouvira rir aos mais santos e mais doutos homens do mundo das implicações a que nós chamamos zêlo da fé, perdendo milhares de léguas dela quando cuidamos que queremos conservar polegadas! No que também nos enganamos, com a cegueira que todo o mundo vê e abomina, e só nós não vemos porque nos fecham os olhos.

(1) Já em 1670 fôra determinado que sòmente os eclesiásticos e magistrados usassem muares para sela. «Não havia quem tratasse de cavalos para seu serviço, tudo eram machos e mulas, no que padecia o reino grande detrimento, e na ocasião nem haveria quem soubesse andar a cavalo, nem se acharia um cavalo para a guerra». (*Monstruosidades*, cit.).

(2) Referência ao conflito diplomático em Inglaterra, e formulário das bulas de confirmação dos bispos.

A única regra da fé que Deus deixou no mundo é o Papa. Ponha S. A. estes negócios e a sua consciência e a dos seus ministros eclesiásticos nas mãos do Vigário de Cristo; veja êle as leis, examine os estilos (1), informe-se da verdade inteiramente, e se mostrar que há injustiça emende-se, e ajude a isso um príncipe tão justo, e filho de um rei tão justo: e se pelo contrário se achar que há justiça, continue-se e acrescente-se mais, se assim convier ao bem da fé e da religião. El-rei que está no céu o queria fazer assim, e o deixou escrito e firmado de sua letra e sinal, que está em Roma, e se naquele tempo não teve efeito foi porque não forão recebidos seus embaixadores (2); quem não quizer isto, como El-rei queria, ouvidas as partes, não quer justiça.

Acabo com o que disse aqui um grande teólogo: «Fazem isto os portugueses, e o pior é que se não hão-de confessar disso». Só digo que esta será a última palavra que direi nestas matérias, e que só me obrigará a falar nelas o escrúpulo de a não manifestar, sendo V. S.^a um ministro tão interior de S. A., e mandando-me que o diga. E, se V. S.^a ainda me não conhece, saiba que diz estes disparates a V. S.^a quem tem estudado quarenta e cinco anos pelos teólogos, e estima mais não cometer um pecado venial que todas as coroas e tiaras do mundo.

Tornando depois de tão largo discurso ao tema desta, que é a graça, que V. S.^a tanto me assegura, de S. A., digo, senhor, que se assim é, não duvido de estar esta graça

(1) Da Inquisição.

(2) D. João IV tinha concedido licença aos cristãos novos para requererem ao Pontífice a reforma do modo de processar na Inquisição. A autorização tem a data de 10 de Dezembro de 1649, pouco antes de Vieira partir para Roma a primeira vez, e provavelmente seria êle o portador.

tão secreta que só V. S.^a tivesse notícia dela, e todos, dentro e fora do reino, cuidem o contrário.

Li um dia dêstes um famoso exemplo de Júlio César quando lhe trouxeram a cabeça de Pompeu, em que se demonstra que o coração do príncipe se lê no rôsto de seus criados. Aplico: foi Afonso Furtado ao Brasil, e a primeira cousa em que se empregou foi em tirar ao irmão de António Vieira o assento que tinha nos conselhos (1); e não havia de fazer isto, se entendera que era irmão de um homem que tem na graça de S. A. o lugar que V. S.^a me assegura.

O Secretário de Estado do Brasil tem as mesmas preeminências do da Índia, onde os Conselheiros se assentam em banco e há Conselheiros de Estado. No Brasil não há tais Conselheiros, e os que vêm às juntas, que chamam Conselhos, são os mestres de campo, sargentos-môres e capitães de infantaria, e os oficiais da Câmara e outras pessoas particulares, cidadãos da república; e parece grande desproporção que um Secretário de Estado, fidalgo, alcaide-mór, com vinte anos de serviço da guerra e trinta de secretário, não tenha igual assento a pessoas tão inferiores.

Se houvesse nisto dificuldade, com S. A. fazer mercê ao dito secretário de que tivesse voto no Conselho (pois é a pessoa de maior experiência daquele Estado), com êste meio, sem dar preeminência ao ofício, se podia autorizar a pessoa; e lembrado estará V. S.^a que Francisco de Lucena se lhe deu assento e bufete diante de El-rei, quando todos os secretários escreviam de joelhos.

(1) Afonso Furtado de Mendonça, Visconde de Barbacena, Governador; tomou posse em Maio de 1671. Bernardo Vieira Ravasco irmão de Vieira, era o Secretário de Estado e Alcaide-mór de Cabo Frio.

Não falo no requerimento do Jerónimo Sodré Pereira(1), que é pessoa de melhor qualidade e serve na guerra do Brasil, e casou com minha irmã por se haver enganado que a melhor parte do dote era ser meu cunhado. Creio em tudo quanto V. S.^a me faz mercê dizer da graça de S. A., que assim era bom que fôsse, para maior merecimento da minha fé e fineza do meu amor.

Muito tem V. S.^a que me perdoar desta vez, mas para alcançar a absolvição valha-me o sr. Marquês (2), meu senhor, a cujos pés estou sempre.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, com as felicidades que lhe desejo.

Roma, 21 de Novembro de 1671. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CXCV

A Duarte Ribeiro de Macedo(3)

1671 — Novembro 24

Senhor meu. — Com a carta de 28 de Outubro recebi a inclusa do Marquês das Minas em 21 do corrente, e no mesmo dia lhe a remeti a Liorne, por via de um mercante, com ordem que, quando já ali não estivesse, lhe a remettesse a Génova ou a qualquer outra parte. Êle partiu de aqui aos 10 dêste, e de caminho mandou visitar por seu filho D. João ao Grão-Duque, que se mostrou tão agrade-

(1) Supra, p. 360.

(2) De Marialva.

(3) Impressa em 1827. Autógrafo na Secretaria dos Estrangeiros.

cido a esta cortesia, como está pouco contente de em Portugal não lhe quererem dar o tratamento nas cartas, que lhe dá o Imperador e El-rei de Inglaterra e de Polónia. E assim não tem correspondência com o nosso Príncipe, deixando tê-la muito intrínseca. Eu fui o medianeiro secreto desta desgraçada negociação, como o serão todas aquelas em que eu tiver alguma parte, principalmente emquanto a secretaria de Estado não tiver a catástrofe que todos lhe desejam (1).

A segunda parte da conferência estimei ver quanto a primeira: todos os papéis em que V. S.^a mete a pena se não podem ler sem muito gôsto, ainda que as matérias sejam de tão pouco (2). Os escrúpulos de Inglaterra mostram bem qual é a sua consciência: não sei se se aquietarão com a resposta e proposição de V. S.^a, incapaz de toda a réplica; tornarão ao ceremonial, em que só têm aparência de razão, pois não querem seguir os exemplos que êles deveriam dar. Queira Deus que nos não seja ainda mais

(1) *O Catástrofe*, no original. Equívoco com que Vieira significava o desejo de ser nomeado Macedo Secretário de Estado. Cf. a nota 1 de pág. 319. António Vieira tinha aconselhado que nas cartas a Cosme de Medicis o tratasse D. Pedro por irmão. Supra, p. 331.

(2) As conferências, de que Macedo mandava a notícia, deviam ter relação com o incidente diplomático em Londres, que Luís XIV buscava resolver, como afinal resolveu, no propósito de conseguir que Portugal aderisse à liga contra Holanda, em que tomava parte Inglaterra. Parece que os ministros franceses alvitavam que D. Pedro se declarasse rei, como se pode inferir do que, em 6 de Dezembro, escreveu Macedo a Vieira: «Nem êste caso [de D. Francisco de Melo], nem o parecer dos ministros desta côrte, que V. P. terá visto das minhas conferências, fizeram lá [em Lisboa] o menor abalo, para cuidarem em melhorar a forma do govêrno, parecendo mais conveniente continuar no êrro que confessá-lo». (No volume das *Cartas*, cit.).

custoso êste parentesco (1). Vejo tudo encaminhado a o Príncipe acabar de se enganar em tomar a corôa, se os autores daquela resolução não teimarem ainda nela.

Os aparatos de França merecedores são do cuidado de toda Europa, pôsto que dos Pirenéus para lá parece não são cridos, segundo as desatenções de todas aquelas gentes. E que mau seria, senhor, que agora tivessemos na Índia com que nos aproveitar de tão boa ocasião e da disposição dos reis gentios? Não faltou quem o dísse, mais há de dois anos, nem falta quem o lembre em todos os correios (2): e se desculpam com a falta de cabedal, quando tratam de lançar fora o que só têm, e não querem admitir o que se lhe pudera ajuntar. Que oportuna fôra agora uma poderosa companhia oriental, pela qual tenho gritado e padecido tanto! Não pode haver maior cegueira que não querer ser rico e poderoso com o cabedal alheio (3).

O nosso Residente ainda se não pode ter em pé: os frios são grandes, os seus anos mais que muitos, a enfermidade habitual, e trezentas outras cousas que muito me desconsolam e sôbre as saudades de V. S.^a me acrescentam a dor. Mas ainda trocava a assistência de V. S.^a aqui pela de Lisboa. Muitas vezes o pratiquei com o Marquês das Minas e o escrevi ao de Gouveia, Duque de Cadaval e D. Rodrigo de Meneses, ainda que seja do mesmo apelido a pessoa em quem se fala (4). Muito me queixo de que V. S.^a esteja sem mercês nem assistências, que é ingratição e

(1) O cunhadio de Carlos II com o Regente.

(2) António Vieira tinha novamente proposto em 1669 a criação de uma companhia para a Índia.

(3) Isto é, dos cristãos novos.

(4) D. José de Meneses. Talvez um que foi segundo primo de D. Rodrigo. Veja-se a carta de 22 de Dezembro, para Duarte Ribeiro de Macedo.

injustiça; mas que não queiram a assistência de V. S.^a me acaba toda a paciência e esperança, porque parece falta de juízo, e que não queremos ver nem saber o que mais nos importa.

Aqui não há de novo mais que a morte do Cardeal António(1): nesta nossa igreja se fica acabando para o fim desta semana uma máquina que custa seis mil escudos, em que se mostra o agradecimento dos herdeiros e a riqueza do herdado, que, sôbre haver dispendido tanto, ainda deixou êstes desejos. Acaba-se a vida e não se acaba a vaidade; e tão pouca fôrça tem a fé na sua própria fonte!

O Padre Everardo fica já vestido do hábito arqui-episcopal, com o título de Edessa, para exercer a embaixada de Espanha depois da partida do Marquês de Astorga, que estes dias se temeuz fizesse mais apressada e mais longa jornada que a de Nápoles(2); mas já fica melhor. Os capelos nomeados *in pectore* não saiem nem se espera sairão, com estarem vagos quatro, até que seja tal o número que se possa dar satisfação às coroas e aos familiares da casa reinante. Riamo-nos do mundo. E V. S.^a tenha a saúde, vida e felicidades, que o meu coração a V. S.^a deseja.

Roma, 24 de Novembro de 671. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

P. S. — Não remeto cifra porque, ainda que sei a confiança que V. S.^a faz de mim, não sei a que querem que V. S.^a faça.

(1) Supra, p. 385.

(2) Supra, p. 384.

CARTA CXCVI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Dezembro 19

Senhor. — Recebi a de que V. Ex.^a me fez mercê escrita em 10 de Novembro, com a relação e duas cópias inclusas, que é o mesmo que mandar-me V. Ex.^a as profechas com o comento. Não sei que dirão agora os que fundaram tão grande máquina sôbre uma presunção tão falível. O que me fez rir e triunfar muito, como faço em todos os sucessos de V. Ex.^a, é a santa sinceridade com que V. Ex.^a confirmou o seu voto e impugnou os contrários, só com referir a consulta, pareceres e resolução dessa côrte (2).

Ela é cousa admirável que os Conselheiros de Castela se conformem tanto com os nossos, e que tenham tão pouca cristandade e política que queiram para o seu reino, e só para êle, o que nós lançamos do nosso. Mas nem por isso entendo se darão por mui carregadas as suas consciências no que se tinha transplantado para Holanda e Inglaterra, não sendo menos o que tem vindo para Itália, onde, quando se soube a resolução de Portugal, se disse: «É o pior é que se não hão-de confessar os portuguezes disto»!

(1) No t. 1.º da 1.ª ed., com a data errada de 1670, e repetida no mesmo volume como de 1671. Autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) De Madrid. Se o sentido do trecho se liga ao do parágrafo seguinte, o assunto seria o decreto da expulsão dos cristãos novos; teria sido o Marquês convidado a pronunciar-se; e o govêrno espanhol estaria na disposição de acolher os expulsos. A referência adiante diz respeito aos judeus emigrados de Castela e Portugal.

O negócio de Inglaterra nos ajuda a acabarmos de entender, se quisermos, quanto nos devemos fiar de correspondências, nem esperanças fundadas mais que em Deus e em nós. Temi muito que D. Francisco de Melo seguisse o brio de se querer sair da côrte; mas, emquanto êle se acomodar com a dissimulação, parece que obrará tão prudentemente, como nós em nos prevenirmos de tal poder e opinião, que não se nos façam desprezos sem temor; e o melhor que tudo fôra haver seguido a disjuntiva ou da coroa ou da regência, e não querer introduzir no mundo uma novidade, de que não podiam nascer senão monstros; mas quem os aconselhou devia de os antever, e também terá prevenido o remédio, para que não morram sem baptismo.

O Residente está já melhor, e em estado que lhe disse eu hoje que importava ou tornar a adoecer ou sair a público, havendo três meses que está em Itália e dois em Roma. Mas em Portugal se esquecem tanto dêle que, sôbre lhe estarem devendo sete mesadas, atégora nem mesada nem ajuda de custo lhe tem vindo, e até carta lhe faltou neste correio.

Espera-se a prenhez de França (1), de que hoje correram novas de alguma perturbação considerável, a que se não dá crédito. As gazetas de Ancona dizem que o Abade de S. Germen (2) trouxe ajustado um socorro de dois terços portuguezes, e liga entre França e Portugal contra os holandeses na Índia. O secreto desta negociação me faz provável poder ser assim, quando o dos aparatos franceses se têm conservado impenetrável às inteligências de todo o mundo.

(1) Supra, p. 385.

(2) Aliás Saint-Romain, Marquês dêsse nome, Embaixador de França em Lisboa, que se retirara pouco antes.

Aqui não há novidade mais que o começar a exercer com o nome de Jesus o embaixador jesuíta (1); a casa dizer que será mui luzida, mas toda de roupas largas, sendo certo que não faltará um ministro tão religioso de concordar a autoridade com a modéstia. O inverno agora vem moderado.

Deus guarde a V. Ex.^a em todos os tempos, como nosso reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 19 de Dezembro de 1671. — Criado de V. Ex.

António Vieira.

CARTA CXCVII

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1671 — Dezembro 22

Senhor meu. — Recebi a de V. S.^a de 19 de Novembro e com ela antecipadas as boas festas que desejo a V. S. muito felizes, e continuadas por muitos anos, em que V. S. na pátria e nos lugares que lhe são devidos logre os frutos de tantas peregrinações. E verdade, como dei conta a V. S.^a, que S. A. me manda abrevie quanto puder ser a minha, e me torne para Portugal; mas não é este cumprimento o que me há-de levar lá, sendo o mesmo que foi e não se melhorando em nada a potência, a justiça e a razão, que sem razão nem justiça se tem eximido de toda a potência, sendo o mais sujeito quem é superior a toda a sujeição. Dei as graças a S. A. da mercê que me fazia

(1) Padre Nitard, Embaixador de Espanha.

(2) Inédita; autógrafa no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

e do affecto que repetidamente me manda significar; mas não creio nem creerei nunca a quem pode o que quer, enquanto não quizer o que pode. O nosso reino está dividido em muitos reis, e a nossa Igreja em muitos papas; e eu não quero estar sujeito mais que a um que reconheço por Vigário de Cristo.

Boa ocasião era esta para se examinarem e reformarem aqui os estilos singulares, que com tenção de conservar a fé a não melhoram em Portugal e a perdem na Índia, e isto é o que deixou escrito e formado de sua mão El-rei que está no céu, e o que por muitas vezes ouvi praticar ao Príncipe (1), que como sábio e santo não se deixava levar das apreensões do vulgo. O projecto que leu a V. S.^a João Nunes da Cunha não vi (2); mas ouvi-o discorrer muitas vezes nesta matéria, com o mesmo juizo que fazem em Roma não só os políticos senão os mais letrados e timoratos religiosos, abominando com execrações tremendas o que nós temos por sacratíssimo. O sacrilégio de Odivelas(3) já tem autor provado por sua própria confissão, e com todas as evidências e demonstrações que se podiam desejar nem imaginar no caso; e contudo se debate ainda sobre lhe darem tratos em cabeça alheia, chegando êste incidente a doze juizes que emfim sentenciaram se lhe não deviam dar, replicando o Procurador da Coroa, em cujas mãos ficava. Achou-se que era cristão velho, pôsto que não querião que o fôsse, e querem que ao menos fôsse mandado por algum cristão novo, para que não fique tão feia a levíssima presunção sobre que se

(1) D. Teodósio, herdeiro da coroa.

(2) Devia dizer respeito aos cristãos novos e regime da Inquisição.

(3) *Supra*, p. 353.

assentou toda a máquina dos decretos (1). Vi o papel muito largo que fez o Duque de Aveiro, o qual basta para o fazer legitimamente suspeito àqueles de que o elegeram por supremo juiz (2). Também vi outro que se deu a S. A. contra êste, em que, abstraindo de todas as razões políticas, se mostra com evidência que tudo o que se intentava, era contra a fé, contra a justiça, e contra a consciência por muitos capítulos (3).

Não sei que letras, nem sei que juizos são os nossos, nem que pretende Deus na paz depois de tantos favores na guerra. Eu não espero nenhuns bons efeitos da que V. S.^a me insinua (cujas disposições, como eu gritei há muitos dias, deviam estar prevenidas), porque não são os fidalgos da nossa era os do tempo de El-rei D. Manuel, e muito menos tratarão da Índia se tiverem 36 Índias sem passar mar (4). Se o Príncipe a quer recuperada, entre-

(1) A investigação posterior, pelo Santo Officio, mostrou que o delinquente António Ferreira, de vinte e três anos, tinha por ambos os lados, paterno e materno, ascendentes cristãos novos; sem que todavia o delicto tivesse outro fim que o roubo.

(2) D. Pedro de Lencastre, Inquisidor Geral, nomeado neste ano.

(3) Deve ser o escrito atribuído ao mesmo Vieira, e impresso em *Obras Inéditas*, t. 2.^o Anda nas colecções manuscritas com este título: «Papel que fez o Padre António Vieira estando em Roma a favor dos cristãos novos, no tempo em que o Príncipe Regente D. Pedro tinha mandado publicar uma lei de vários castigos contra elles, movido do roubo que se fez ao Sacramento da paróquia de Odivelas, o qual papel se deu ao Príncipe, sem nome, em 1671».

(4) Guerra aos holandeses no Oriente, a que Luís XIV tentava impelir Portugal, negociando para esse efeito o Embaixador Saint Romain em Lisboa, e necessariamente em Paris o Secretário Pomponne com Macedo. (Supra, p. 397). — 36 Índias: Trinta e seis eram as comarcas do reino (João Baptista de Castro, *Mapa de Portugal*), e em Agôsto aventou-se a idea de ficarem as corregedorias reser-

gue-a ao braço daqueles de quem elles se fizeram; e faça uma Companhia Oriental muito poderosa, e com cabedal alheio, tendo por certo que todos os de Holanda se passarão a Portugal se estiverem seguros da confiscação.

O discurso de V. S.^a sôbre os aparatos dessa coroa parece o que só pode ser, alfim penetrado pelos olhos de V. S.^a, que só nisto não parecem portuguezes. Dizia-se que queriam nomear Secretário de Estado a D. José de Meneses (1), em que já se não fala, e êste silêncio me anima a esperar que esperem por V. S.^a Se assim fôr terei eu também esperanças de que abramos os olhos, e de que tudo se ponha em estado que eu troque Roma por Lisboa. Entretanto não me falte V. S.^a com novas suas, e Deus me guarde a V. S.^a, como desejo e havemos mister.

Roma, 22 de Dezembro de 671 — Capelão e maior criado de V. S.^a

António Vieira.

vadas por direito aos fidalgos. A pretensão indignava em extremo o noticiarista das *Monstruosidades*, que comentava: «Os povos experimentados nas tiranias da guerra, não hão de sofrer as da paz; pois é certo que cada um dêstes com a vara de corregedor há-de roubar mais do que rouba com o bastão de fronteiro».

(1) Seria o primo segundo de D. Rodrigo, filho de D. Afonso de Meneses. Eclesiástico, Desembargador dos Agravos; foi também Reitor da Universidade e Governador de Coimbra, e mais tarde Arcebispo de Braga.

CARTA CXCVIII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Janeiro 3

Ex.^{mo} Sr. — Começarei esta por onde acabam todas desejando a V. Ex.^a os bons anos, e muito melhorados que o passado. Bem me lembro que esta usança se tinha já exterminado da nossa côrte, e permitida só aos janeireiros mas como o novo senado de Lisboa se emprega todo em ressuscitar antiguidades, emquanto me não consta do que ordena nesta parte, permita-me V. Ex.^a que o affecto, com que desejo a V. Ex.^a todas as felicidades, siga desta vez o ceremonial de Portugal o velho; e verdadeiramente senhor, que vão os anos tão estéreis de novidades, que, se o começarem uns e acabarem outros nos não derem esta tão ordinária matéria, não haverá com que encher um quarto de papel, ainda que seja tão pequeno como êste romano.

Os embaixadores de Espanha se não mudaram ainda, nem o nosso Residente, que já começa a andar por casa, teve a primeira audiência do Papa. Isto e muito frio é o que só há em Roma.

Deus guarde a V. Ex.^a como os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 3 de Janeiro de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

CARTA CXCIX

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Janeiro 5

Senhor meu. — Sempre as novas de V. S.^a são para mim o único alívio, e já estou sentindo a ausência de V. S.^a para tão longe (2), se entretanto os negócios que me detêm em Roma não tomarem algum expediente, com que me mude para mais perto de Portugal; não sendo pequena a conveniência das imprensas dêsse país, pelo mal que me parecem todas as que hoje há em Roma (3). Emfim Deus disporá o que fôr para maior serviço seu, que é o que só deve procurar a minha idade, quando me não obrigara mais a isso a profissão.

Acêrca da resolução de Inglaterra me escreveram de Madrid uma carta, em que se mostra estarem os nossos ministros muito valentes, e que se aconselham mais com a razão e com os brios que com as fôrças e o tempo (4). Um e outras puderamos ter muito em nosso favor, se as prevenções tantas vezes advertidas se tiveram disposto para

(1) Impressa em 1827. Autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Na suposição de que fôsse Macedo chamado a Lisboa para a Secretaria de Estado, como da carta anterior.

(3) Parece dêste passo que Vieira pensava em passar a França, e lá imprimir os sermões.

(4) Macedo tinha escrito a Vieira em 6 de Dezembro: «A resposta de Lisboa me veio esta semana, hoje a terá D. Francisco [de Melo] na sua mão: na substância é que se retire a êste reino, não havendo de ser recebido com todas as honras da coroa». (No volume das *Cartas* cit.).

êste e todos os casos que pode oferecer a boa e a má fortuna, principalmente quando a mudança de Holanda era ainda mais certa que a ruim correspondência de Inglaterra.

Muito me alentam as boas esperanças, que o Secretário Arlinton (1) dá a D. Francisco de Melo, cujo juízo e indústria se saberá mui bem ajudar das ordens que tem, não podendo deixar de obrar alguma cousa no parentesco, se a obstinação não está de todo rematada.

Sempre me persuadi que as informações de V. S.^a, e respostas dos ministros de França, acabassem de desenganar aquele triumvirato (2) que tanto pode não tendo razão de saber tanto, e que bastasse êste nosso motivo para que a quimera do nosso reinado se reduzisse a uma das formas que só se conhecem no mundo, e que acabasse o Príncipe de se querer chamar o que é (3): mas V. S.^a terá sempre a consolação de ter feito o que devia, e aqueles senhores nunca terão desculpa a nos meterem nos perigos e implicações, de que a maior fortuna nos não pode tirar a salvo sem grande detrimento da fama.

Em Lisboa dizem se levanta gente de guerra e se multiplicam embarcações para a Índia. Aqui está, além do Padre Baltasar da Costa, um procurador do Japão (4), muito

(1) O Secretário de Estado Conde de Arlington, grande confidente de Carlos II.

(2) Também nas cartas de Macedo a Vieira há menção do triumvirato. Em carta posterior (10 de Janeiro de 1673) dá a entender Vieira que influíam muito nas decisões do govêrno o Marquês de Távora e o Conde de Aveiras. Se acrescentarmos o Conde de Vilar Maior, a que faz referência várias vezes, teremos completo o grupo de sua abominação.

(3) Supra, p. 381, nota 2.

(4) Padre Pedro Zuzarte, supra, p. 358.

versado em todas aquelas conquistas, e de grandes notícias e experiências; ambos concordam em que será fácil a restauração do perdido, se de Portugal fôr dinheiro com que se paguem os soldados prontamente; e asseguram que, se houver as ditas pagas, a maior parte dos que servem os holandeses se passarão a nós, a quem desejam ajudar todos os reis gentios; mas que, se não fôr dinheiro, toda a outra diligência será inútil, e que irão morrer à Índia a puro desamparo, como succede, todos os que se mandarem de Portugal; porém, quando vejo que V. S.^a não é assistido, nem ao Residente Gaspar de Abreu tem vindo atégora um real, não espero que façamos cousa de proveito.

O delinqüente de Odivelas não estava ainda sentenciado, e se dilata esta execução, segundo escrevem, fazendo-se diligências por que seja cristão novo, e se verifique a suposição em que se fundava o decreto (1), constando evidentemente que o crime foi de ladrão e não de herege. Eu disse, porque me o perguntaram, o que entendia na matéria (2); mas sei de certo que não havia de contentar o meu voto, sendo que dava o único meio com que podia acudir à fé, à limpeza, à fama e à fazenda: o que me consola é que o Príncipe procede com boníssimo zêlo, e que Deus favorecerá sempre a sua boa tenção.

Aqui se diz que estão já publicadas as guerras entre França e Holanda, e se espera esta grande novidade sem haver outra. O Embaixador de Castela se licenciará até os 20 do corrente.

Deus me guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 5 de Janeiro de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Decreto de expulsão, de 22 de Junho de 1671.

(2) A D. Rodrigo de Meneses, carta de 24 de Outubro de 1671.

CARTA CC

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Janeiro 12

Senhor meu. — Muito me consolou V. S.^a com as notícias dêste correio, principalmente as de Inglaterra que, segundo vejo pelas cartas de Madrid, parece davam cuidado daquela banda. As da mesma Inglaterra no-lo tinham dado maior, porque antes de eu receber a de V. S.^a se tinham lido outras nesta casa, em que se afirmava que o nosso embaixador fôra recebido com cerimónias régias, mas não em nome do Príncipe senão da corôa, a qual opinião eu desfiz com o texto de V. S.^a O certo é êsses parentes não podem encobrir o que têm no coração.

A ocasião da Índia é a melhor que nos podia oferecer a fortuna. Das nossas disposições e instrumentos espero muito pouco, mas tenho grandes confianças em quem nos deu Pernambuco e Angola, que ainda terá reservado algum milagre para aquele Estado, por cuja fé lhe temos sacrificado tanto sangue. Lembra-me que um Irmão santo que tivemos na Índia, chamado Basto (2), cujas profecias estão aprovadas com contínuas experiências, disse que Deus lhe mostrava três cidades com as armas de Portugal e mitras em cima, e, como não conhecesse que cidades eram,

(1) Inédita. Autógrafo no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Pedro de Basto, muito alegado pelos sebastianistas. O Padre Fernão Queirós, da Companhia de Jesus, escreveu-lhe a biografia, publicada em 1691, onde refere um sem número de profecias, revelações e visões, por que foi afamado na Índia aquele confrade seu.

mandaram-lhe os superiores que as retratasse, porque sabia pintar, e feitos os retratos, conheceu-se claramente que eram Ormuz, Malaca, e Sacatrá (1). Se assim succeder, animar-nos-emos a crer outras cousas que também predisse, de muito maior expectação e glória de Portugal e da Igreja.

Aqui correu estes dias se havia dado ordem que, vindo embaixador de França ao Sumo Pontífice, se lhe notificasse que não entrasse no Estado Eclesiástico. O que se tem por certo é que da parte de S. Santidade se mandou significar a algum ministro de França que, vindo o Duque seria recebido com toda a benevolência, mas não na qualidade de embaixador, emquanto o Nuncio não fôsse recebido e ouvido em França (2).

Sôbre a demanda de Castro se fez consistório pleno de todos os cardeais, e se venceu que se não desencarasse (3), havendo só sete votos em contrário. Morreu súbitamente o Cardeal Borromeu, e com o mesmo género de morte vacaram em poucos meses outros três capelos, mas nem por isso faltam oppositores às mortalhas desta côr. Estão

(1) Castanheda escrevia: Çacotorá, e Barros Çocotorá.

(2) Luís XIV, que tinha nomeado por direito próprio seu embaixador o Duque d'Estrées, pretendia ser igualmente direito seu não receber o Nuncio, Francisco Nerli, Bispo de Andrinopolis, que fôra escolhido sem preceder aprovação da coroa de França.

(3) Talvez *desencamerasse*, do italiano *incamerare*. Dizia-se das terras que se uniam ao domínio da Câmara Apostólica. O Ducado de Castro tinha sido sequestrado, com o de Ronciglione, ao Duque de Parma, e pôsto sob a administração romana, em garantia de empréstimos, levantados nos Estados do Papa, e de que o Duque não pagava os juros nem o principal. Já duas vezes tinha êle procurado libertar-se do sequestro, por meio das armas. Ultimamente pretendia se fizesse venda das terras confiscadas, até onde bastasse para a dívida, tornando à posse dêle as restantes. Seria esta a demanda sôbre que o consistório se pronunciou.

vagos cinco, mas dizem que é necessário serem oito, para se poder satisfazer às corôas e juntamente a outras obrigações. Faz-me lástima o Conde de Castelmelhor ainda que em algum tempo lhe não devi semelhante affecto, e lhe desejo todo o bom successo (1).

V. S.^a me tenha em sua graça quanto o meu coração lhe merece. E Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo, e onde mais havemos mister.

Roma, 12 de Janeiro de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCI

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1672—Janeiro 26

Senhor meu. — Nêstes dois últimos correios me faltam cartas de V. S.^a, e, pôsto que eu no passado não escrevi por me haver equivocado no dia, em todos os outros o tinha feito, encaminhando as cartas pela via que me parece mais segura, que é a do Padre Procurador de França.

O nosso Residente contudo me deu novas de V. S.^a, com que fiquei livre de cuidado. Também me participou a

(1) O Conde tinha estado em França, e não cessava de requerer autorização para voltar a Portugal, buscando a intercessão de todos aqueles que podiam ter valimento com o Regente. De uma carta sua consta que também Luís XIV interveio em seu favor. (Cf. *Correspondência do Conde de Castelmelhor com o Padre Manuel Fernandes e outros*, publicada por Edgar Prestage). A essa interferência seria a alusão de Vieira.

(2) Inédita. Autógrafo na Biblioteca Nacional.

relação da entrada do nosso embaixador em Londres, que folguei muito ver, e em particular as assistências da Rainha, que parece se lembra da pátria com mais igualdade da que guarda aos affectos do sangue.

Aqui há pouco ou nada de novo. Ante-ontem se sagrou o Arcebispo de Edessa em uma capela particular desta casa, com assistência do Embaixador e cardeais da feição de Espanha. Domingo próximo será a primeira audiência do Pontífice, e o nosso Residente no seguinte. Tudo isto me acrescenta as saudades de V. S.^o, a quem quisera mais perto ou mais longe (1).

Chegou nova do ajustamento de Colónia, com bem diferente efeito do que supunham as gazetas de Holanda (2). O Marquês (3) me escreveu de Madrid as propostas do embaixador dessa côrte, a que ainda se não havia deferido. Mas entende êle, e todos aqui, que não serão aceitadas nem são aceitáveis, e que quererá Castela antes a união daqueles com quem são os interêsses comuns (4). Tudo isto acrescenta a suspeição dêstes aparatos, cujas despesas prometem que não ficarão frustrados de algum grande efeito, que também se não tem por seguro na suposição de qual-

(1) Embaixador em Roma ou Secretário de Estado em Lisboa.

(2) Conforme o *Mercúrio Holandês* dêste ano, um emissário das Províncias Unidas tinha obtido do Bispo Eleitor de Colonia a declaração de que guardaria as condições do tratado de paz de Aquisgrana; mas que não poderia recusar a passagem pelas terras do principado a nenhum dos seus aliados. O Eleitor tinha desde Fevereiro de 1669 tratado de aliança com Luís XIV.

(3) De Gouveia.

(4) Luís XIV tinha mandado propor em Madrid a troca de Flandres pelo Russilhão, Cerdanha, e uma parte da Navarra francesa; e o govêrno espanhol prometera auxílio aos holandeses, e aliança defensiva, no caso de represália, por parte da França, em Flandres.

quer fortuna, entendendo-se que a má não desfará os inimigos, e a boa os acrescentará. *Staremo a vedere*. As levas do nosso reino dizem se acham esfriando, e pôsto que o frio é tão natural daquele clima não sei se serão influências de outro.

Não tem bastado a evidência do caso de Odivelas, para que o que estava decretado sôbre aquela suposição se não queira ainda continuar, ou em parte ou em todo. Com que se presume que as casas daquela gente mais poderosas mudarão voluntariamente para lugares mais seguros, e que se aproveitem, por ventura contra nós, do que nós desprezamos (1). Ajudará Deus o bom zêlo de S. A., que só reconheço desinteressadamente por tal, pôsto que o dos ministros o podem (*sic*) também ser. Mas nem a política nem a fé romana havia de tomar semelhante resolução. A doença da Rainha dizem que não dá cuidado (2), nós ajudamos com as nossas orações as que se fazem no réino.

Aqui prenderam agora em um convento ou hospital de Sancti Spiritus ao Padre Fabri, Penitenciário do Papa, bem conhecido por seus escritos, sem outra causa que certa apologia que fez em defesa de alguns autores da Companhia (3). Espera-se que se dêem por satisfeitos com tão

(1) Entende-se que, em virtude do decreto da expulsão, os cristãos novos mais ricos se haviam de retirar para outras terras.

(2) «Nos primeiros dias de Dezembro enfermou a Senhora Rainha, e deu cuidado aos médicos seu achaque, em quanto se não descobriu que eram bexigas; conhecido o mal, se curou como mal conhecido». (*Monstruosidades*).

(3) Padre Honorato Fabri jesuíta, professor em Lião, de onde foi chamado a Roma para o pôsto de Penitenciário. A obra incriminada devia ser a que tem por titulo: *Honorato Fabri Societatis Jesu Tractatus Apologeticus Doctrinae moralis ejusdem Societatis*, publicada em 1670 em Lião.

grande demonstração os émulos, que dizendo mal não querem ouvir.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 26 de Janeiro de 1672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Janeiro 30

Ex.^{mo} Sr. — Melhoradas novas me trouxe êste correio, com que fiquei livre do grande cuidado com que havia passado estes quinze dias, que em semelhante suspensão são muito largos. Os de aqui ainda nos não dão novas da primavera, em que tantas novidades se esperam.

As propostas do Embaixador de França nessa côrte bem mostram o contrário do que asseguram, e, segundo uns avisos secretos que hoje vi de Holanda, lá se desespera totalmente da paz, com que as prevenções suas e de Flandres se apertam, altercando-se ainda sôbre o generalato das armas na pessoa do Príncipe de Orangê, em que as Províncias não estão unidas; e com a paz de Colónia falta aquella esperança e cresce o temor.

O manifesto de França ainda não é manifesto, mas veio à rainha de Suécia. Dizem contém três pontos principais: — 1.^o que El-rei Cristianíssimo lhe faz guerra por

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

serem os inimigos da Igreja católica que maiores danos têm feito aos Estados de todos os príncipes cristãos, cuja satisfação êle quer tomar, e lhe pertence por mais vizinho;

2.^o — que, sem embargo do poder com que se acham suas armas, está disposto a aceitar a paz, se os holandeses quizerem vir em condições justas, e que estas sejam a restituição do que têm ocupado a seus legítimos senhores: e aqui entram algumas praças de Flandres a El-rei de Espanha, os mares da pescaria dos arenques a El-rei de Inglaterra, a Índia a El-rei de Portugal, as comendas a Malta, certas cidades a alguns príncipes de Alemanha, etc.;

3.^o — dá a entender que o move também a querer fazer esta restituição o haverem alguns de seus maiores concorrido para sua liberdade, na guerra que fizeram contra Espanha, com que cresceram à opulência em que hoje se acham, sendo cousa indigna que de tais princípios tenham crescido a estado que presumam fazer opposição às coroas e repúblicas da Europa. Isto é o que entendi da pessoa que viu o manifesto.

Beijo a V. Ex.^a a mão pela mercê do privilégio(1), sem o qual me não acomodarei a fazer a impressão, porque não se atrevesse(2) outra e se impida o gasto dos livros, principalmente em Roma, onde a diferença da nossa moeda o faz mui considerável.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos como desejo, e os criados de V. S.^a havemos mister.

Roma, 3o de Janeiro de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Dos sermões em Espanha. Supra, p. 379.

(2) Talvez lápso por *atavesse*.

CARTA CCIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Fevereiro 9

Senhor meu. — Quanta consolação recebo com as cartas de V. S.^a, tanto me desconsolam as cláusulas de outras que V. S.^a me refere. Bem pudera nosso amo mudar e trocar a pena com que escreve (2), e acabar de tomar esta tão importante resolução; mas também a mesma esperança dela me tem em temor, porque receio que não seja a que convém, ao menos porque se não conheça a diferença. Deus se lembre de nós.

S. A. dizem ficava prevenindo a jornada de Salvaterra, e também dizem se desejava o acompanhasse a Rainha já convalecida, para que o divertimento do campo não fôsse *seguido de outros divertimentos, que parece são nesta era os apêndices das coroas, que tanto as desdouram* (3).

De Madrid me escreve o Marquês tinha cessado o decreto da expulsão (4), e que também se impedia a publicação dos motivos dêle, o que não entendi até ler em uma carta de Lisboa que o Santo Ofício havia proibido um papel castelhano, em que com razões políticas se aprovava e persuadia a dita expulsão. Era papel sem nome, nem

(1) Inédita. Autógrafo no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Isto é, de Secretário de Estado; mas receava que o sucessor não fôsse Macedo, consoante seu desejo.

(3) Alusão provável a Luís XIV. O itálico sublinhado no original assim como o da seguinte alínea.

(4) Dos cristãos novos delinquentes de judaismo,

lugar, nem era, mas estampado, e a *Inquisição o censurava de impio, e sapiente haeresim*. Demais dêste se diz haviam aparecido no reino outros papéis, de mão e impressos, na mesma língua. O Inquisidor Geral ainda não tinha tomado posse, e se ficava sagrando em Azeitão, e prevenindo grandes aparatos (1).

Tive aqui notícias por via certa (mas de nenhum modo passe de V. S.^a) que o decreto se tinha mandado a Roma a se aprovar com autoridade pontificia, e estava remetido ao Tribunal da Inquisição. Desejo que sejam ouvidas as partes; mas era necessário procurador público, e com poderes de quem se não atreverá a lhe os dar — que também se tem advertido. O nosso zêlo é como o dos lavradores do evangelho desta semana: *Vis imus et coligimus ea?* e não sei se o pai de familias responde: *Non ne fortè eradicetis simul et triticum*. Bem puderam entender ao menos os nossos políticos que a raiz do poder e da conservação dos reinos é o dinheiro, e a do nosso o comércio: e que se se passar aos hereges plantar-se-á a sua fé, e acabará nas conquistas a que nós plantámos.

Muito estimei ver as duas cartas: já Deus começa a humilhar os holandeses com o temor; espero em sua Providência os humilhe com o castigo. Mais fácil será isto que meter em uso de razão os ministros a quem falta. V. S.^a pelo que deve à pátria se não canse de porfiar (2).

(1) Inquisidor Geral era o Duque de Aveiro, D. Pedro de Lencastre, que de feito entrou com grande aparato em Lisboa no 1.º de Abril. Conta o autor das *Monstruosidades* que «de grande ostentação foi sua entrada: trazia quatro carroças com capelães e officiais de sua casa, uma de estado, e a liteira em que vinha de singular riqueza e artificio; quarenta lacaios, muitos escudeiros e pãgens; ... não faltou ministro do seu tribunal que o não acompanhasse».

(2) Macedo tinha escrito em 15 de Janeiro: «Da cópia das cartas

Por outra via tenho também entendido que são alguns de voto que se esperem os primeiros efeitos da guerra, e que esteja tão empenhada que se não possam as partes reconciliar facilmente. O certo é, e todos os italianos o dizem, que se desta vez não recuperamos a Índia que lhe percamos as esperanças, e dêmos também por perdida a reputação.

O nosso Residente fez ante-ontem a sua entrada, como tinha feito a sua o Arcebispo de Edessa oito dias antes. Em uma e outra se viu a diferença dos postos e das coroas, pôsto que não faltámos à decência. Eu sou mau de contentar, e tudo me renova as saudades de V. S.^a

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 9 de Fevereiro de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

juntas verá V. Paternidade o que teme Holanda e o que prepara França, e por elas que se não pode duvidar da guerra. Eu cuidava que, da mesma sorte que Deus moveu no ano de 67 o coração de El-rei [de França] a fazer a guerra a Flandres, para obrigar os castelhanos a nos dar a paz, da mesma sorte lhe move agora o coração à guerra de Holanda, contra a esperança de todo o mundo, para nos restituir a Índia; mas nós somos tais que havemos de desprezar esta ocasião, e condenar a ambição dos franceses, como sei que fazem alguns dos nossos ministros, e dizer que não queremos entrar em nada com êles... Tudo quanto posso faço por que se siga o contrário». Do volume das *Cartas*, edição de 1827, cit.

CARTA CCIV

Ao marquês de Gouvêa (1)

1672 — Fevereiro 13

Ex.^{mo} Sr. — Os mesmos dias já maiores, que me trazem mais depressa as novas de V. Ex.^a, entendo eu que são a causa natural de me as trazerem tão melhoradas, com que desejo que seja perpétua a primavera.

Muito é que o sr. Marquês das Minas não tivesse chegado a Madrid aos 13 de Janeiro, quando se prometia estar muito antes em Lisboa. Espero que a conferência, que terá com V. Ex.^a nessa côrte, seja mui útil às resoluções da nossa.

O que V. Ex.^a me diz, de lá se impedir a publicação dos motivos daquela em que V. Ex.^a foi de contrário parecer, não entendi senão depois que li em uma carta que se proibira pelo Santo Ofício certo papel estampado em língua castelhana, em que a execução se persuadia com razões políticas, as quais se diz também foram censuradas na dita proibição, por ímpias e escandalosas e próximas a heresia.

O nosso Residente teve a primeira audiência de S. Santidade domingo passado, de que ficou muito satisfeito. Tem todas as preeminências do último Residente que aqui houve de Espanha, e para as conservar com decência necessita de ser melhor assistido do que atégora.

O Embaixador de França ficava em Marselha, e ontem correu que seria aqui dentro em dois dias. Se a guerra

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

se romper, como se tem por sem dúvida, podem succeder ocorrências, em que a autoridade de Espanha se conserve melhor com ministro de capa e espada que de mantelete; e esta razão, que aqui é advertida de muitos, me alenta a esperança de ver muito cedo nesta Cúria ao sr. Marquês de Liche (1), pôsto que a promessa, com que eu disse me não despedia de S. Ex.^a, nem era para tão longe nem para tão tarde; mas Deus sabe melhor cumprir as profecias do que os homens podem cumprir os desejos. Os meus bem conhece V. Ex.^a que são de ânimo nem interessado nem desagradecido.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a muitos anos como desejo, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 13 de Fevereiro de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCV

Ao Marquês de Gouvêla (2)

1672 — Fevereiro 27

Ex.^{mo} Sr. — Não dou a V. Ex.^a o parabém da promoção do sr. bispo de Coimbra (3): ao mesmo bispado se deve dar e a todo o reino. Não poderá S. A. fazer muitas eleições semelhantes, mas, sendo único o exemplar, justo

(1) A dilação do Marquês de Liche, que por muito tempo se escusou, dera lugar à nomeação do Padre Everardo por embaixador.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

(3) D. Frei Álvaro da Silva, religioso capucho, irmão do Marquês, e anteriormente Bispo da Guarda.

era que se pusesse em teatro tão público, para que da fonte onde se vão beber as sciências se leve e se derrame por toda a parte a reformação dos costumes. A tardança argúe pleito nas pretensões, mas a vitória assegura que não podia haver pleito no merecimento; por esta mesma causa estimo que V. Ex.^a estivesse ausente nesta ocasião.

Cá também tivemos esta semana promoção de cardeais, um em França, outro em Alemanha e o terceiro na casa Ursina, ficando dois *in pectore* (1). Esperava-se que saíssem também nesta maré o sr. Bispo de Laon e o Arcebispo de Edessa, mas o vento que lhes faltou se dividiu pelos cervelos dos discursivos, que sempre adivinham a pior parte. Tarda o Embaixador de França, com cuja vinda, como é fogoso, se prognostica alguma borrasca; mas o piloto é tão destro, que de tudo saberá sair sem perder viagem (2).

Chegam repetidos avisos das angústias dos holandeses na união de Inglaterra com a França, e discorrem os espanhóis mais sisudos que o lugar que Espanha deve tomar para ver o successo desta tragédia é o da neutralidade.

Beijo a mão a V. Ex.^a pelo empenho do meu privilégio (3); parece que é despacho que se não deve negar, quando não peço licença para imprimir, mas que se não dê a outrem para estampar o meu ou não meu em meu nome.

Fica Roma toda em máscara, e com os mais rigorosos frios que jámais se padeceram nela.

(1) *Infra*, p. 420.

(2) *Supra*, p. 407.

(3) Da impressão dos sermões em Espanha, ponto também tratado na carta de Janeiro 3o.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como desejo e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 27 de Fevereiro de 672 — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCVI

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Fevereiro 29

Senhor meu. — Tudo o que é ter a V. S.^a mais perto é o que está melhor ao meu desejo e ao meu alívio(2), afirmando a V. S.^a com toda a sinceridade que o único que tenho é ler as cartas de V. S.^a, não servindo todas as outras mais que de me dar pena; e assim temo os correios de Portugal, e, antes de receber ou ouvir ler as cartas que de lá vêm, se não faço actos de contrição, faço muitos de resignação e conformidade com a vontade de Deus, porque não sei que fatalidade é a dos nossos conselhos e resoluções.

Eu não tenho de lá que esperar nem que temer, mas não posso apartar do coração êste zêlo do comum, que é o maior tirano dos que não têm atado o amor às próprias conveniências; muito disto ou pouco de juizo devem ter os

(1) Impressa em 1827. Autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) D. R. de Macedo tinha escrito em 29 de Janeiro: «Da nossa terra me fazem esperar sucessor esta primavera, mas além de que quando lá se faz o que se promete é muito tarde, parece que querem que eu instrua o ministro que há de vir, e espere a pé quêdo êste reudentor».

que têm parte no govêrno presente, e só os desculpo com não terem visto mais mundo que de Lisboa a Belém. Lá desejava eu a V. S.^a, mas, se não fôr para o lugar que convém, melhor é ouvir nossas cousas de três em três semanas que vê-las todos os dias.

Eu não sei quando poderei sair de Roma, e me contentam muito as impressões francesas; veremos que termo toma esta demanda dos mártires, e com a resolução, qualquer fôr, saberei o que há-de ser de mim, inclinandome sempre mais àquela parte onde possa segurar o que houver de imprimir com a aprovação ou emenda de V. S.^a (1).

Ontem se deram três cardeais, um ao Império, outro à Polónia e o terceiro à casa Ursina (2). O nosso Bispo de Laon ficou de fora, e o pior é que se teme lhe suceda o mesmo sempre neste pontificado, se a instância e presença de seu irmão (3) não fôr mais poderosa que a vontade ou sentimento de quem distribue estas prebendas, que dizem está queixoso da isenção ou soberania com que o sr. Bispo se tem portado neste requerimento.

Também ficou de fora o Embaixador Arcebispo de Edessa, e não pouco mortificados os espanhóis, pôsto que não faltam muitos e os maiores que, segundo se diz, fo-

(1) Já se viu que Vieira afagava o propósito de se transferir para França. Aguardava o desfecho da canonização dos mártires do Brasil, para que fôra a Roma, e que nunca alcançou.

(2) O Abade de Fulda, Marquês de Baden-Durlach, pelo Império; Pedro de Bonzi, Arcebispo de Tolosa, Embaixador de Luís XIV em Varsóvia e Madrid, pela Polónia; e Vicente Maria Orsino de Gravina que foi depois Pontífice.

(3) O Duque de Estrées, Embaixador de França, que se esperava em Roma. O Bispo de Laon era candidato da coroa portuguesa, mas como francês e pela desafeição de Luís XIV ao Cardeal Altieri, teria porventura contra si a má vontade dêste último.

mentem a repulsa, entrando nêste número os dois cardeais que se acham em Madrid (1), e muitos ministros mais entrados no govêrno, por não quererem ver êste em lugar de se restituir ao pôsto antigo, onde com a graça indubitável da Rainha Regente seja árbitro de tudo.

Grandemente estimei as notícias que V. S.^a me [dá] das cousas de Holanda e união de Inglaterra. Suponho que, atacados aqueles inimigos por mar e por terra, e mais ainda por mar, ficarão com a sogá que merecem na garganta, e que sendo a facção tão grande, se Deus a favorece, se poderá expedir em poucas campanhas.

Falei ao Padre Procurador do Japão (2), cujo parecer se resume: 1.^o — que, podendo ser, fôra melhor não dar praça; e nisto cuido que convimos todos; 2.^o — que havendo de se dar alguma seja Chaul, que vem a ser cidade, pôrto e uma fortaleza que tem defronte; 3.^o — que os ingleses queriam em tempos passados vender Bombaim, e que com parte do preço de Chaul se podia resgatar esta praça, sendo de maior consequência para França a de Chaul, em razão do comércio da terra a dentro, que em Bombaim não há (3).

(1) O Cardeal Moncada, que antes de ter o capelo exerceu grandes postos militares e políticos, declarado inimigo de Nitard; e o Cardeal de Aragão, Arcebispo de Toledo, igualmente intrometido nas cabalas da côrte.

(2) O Padre Pedro Zuzarte. Em carta de 12 de Janeiro dizia Macedo: «Se nós quisermos empenhar ou vender a católicos romanos um pôrto, não faltará dinheiro debaixo do segrêdo necessário. Comunique V. Paternidade com o Procurador do Japão esta matéria, e se teremos alguma cousa em que não percamos muito, cuja perda valha a esperança de restaurar Ceilão e Malaca. Eu cuidava em Chaul». (No volume das *Cartas*, edição de 1827).

(3) Trecho da instrução ao Embaixador Saint-Romain, de 16 de Março de 1669: «Sa Majesté veut que le dit sieur de Saint-Romain, instruit de toutes les raisons contenues dans ce mémoire, les insinue

Atéqui o dito padre. Eu há mais de três anos aconselhei fizessemos uma companhia oriental, e que para isso se desse tal liberdade aos cristãos novos, de dentro e fora do reino, que tivessem lá seguras suas fazendas e pessoas, apontando tais meios e condições com que a fé ficasse muito melhorada, os pecados diminuídos, a honra recuperada, e a fazenda e poder imensamente crescido. Mas não parece isto bem àqueles com quem eu não trocarei a minha cristandade, nem os que sentem isto mesmo o seu juízo.

Deus guarde a V. S.^a como desejo.

Roma, 29 de Fevereiro de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira

CARTA CCVII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Março 9

Senhor meu. — Grande nova é para mim escreverem a V. S.^a de Lisboa que S. A. está com V. S.^a em Paris(2).

en toutes occasions dans les esprits du Prince, de la Reine et de tous leurs ministres, et travaille incessamment à les porter à traiter avec Sa Majesté de quelqu'une de leurs places dans les Indes». (*Recueil des Instructions*, cit). Macedo, segundo toda a aparência, favorecia este intuito, como de suas cartas se vê.

(1) Inédita. Autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Escrito por Macedo, em 12 de Fevereiro: «Na posta passada me diz um Conselheiro de Estado, dos mais velhos da nossa terra, que dá graças a Deus de que S. A. se ache neste tempo comigo em Paris, e eu acho-me em Paris com cinco meses e meio de falta de providimentos, e sem a menor acção ou palavra de onde infira que são

Ainda assim estimava eu muito mais que V. S.^a estivera com S. A. em Lisboa, principalmente nêste tempo, em que é tão necessário que a nossa côrte esteja muito em si. A mim me escrevem o mesmo, por diferentes palavras e em cartas diferentes, e me parece que ambos podemos replicar, como replicou Gedeão quando o anjo lhe disse *Dominus tecum:— Si Dominus nobiscum est, quomodo apprehenderunt nos mala?*

Em grande expectação me tem pôsto dizer-me V. S.^a que a tempestade das armas francesas se vai avizinhandos aos horizontes de Holanda. E se aqueles homens tão devanecidos se perturbam justamente, não é menor perturbação a que se conhece em Madrid, de onde me avisam que começa Portugal a ser galanteado, e que desejam os ministros daquela corôa, antes de responder a essa, saber primeiro quem os pode assistir ou desamparar no caso da guerra, a que parece os inclina mais, ao que eu entendo, a sua fatalidade que a sua razão. Fica-lhes melhor verem o que são que lembrarem-se do que foram; mas esta mesma perturbação de potências é efeito do destino. Não sei que faremos nem que fazemos, que facilmente pudéramos passar Amsterdam a Lisboa, se a fé da nossa terra não fôra tão cega que escurece a sua mesma luz. Pasmam todos da nossa desatenção, e não acabam de nos detestar, porque do mesmo silêncio argúem o que debaixo dêle se pudera obrar e dispor, de que eu não vejo indícios com que me consolar.

Não conhecia quem é António Ferreira de Sande, mas o Padre Procurador do Japão, que o conhece, abona muito

agradáveis a S. A. os meus serviços». (No volume das *Cartas*, edição de 1827). O dito significaria que o Regente aprovava a acção do diplomata em Paris.

seu talento, e aprova a eleição (1); mas nem êle nem eu vemos o que se possa obrar em Holanda, quando ela não tem outra substância maior nem melhor que a Índia, nem se pode presumir que venham com ela a partidos de utilidade e segurança. Muito temo também que, enquanto o Rei está pregado e tão pregado aos cravos da sua cruz, lhe dividam as vestiduras (2). As vozes de V. S.^a estão longe, e as minhas muito mais, e tão mal ouvidas que já me canso de bradar. Ontem dizia o nosso Residente que se havia de pôr lei que ninguém entrasse no Conselho de Estado sem primeiro ter visto toda Europa, e mais com um Secretário de Estado que não passou de Sacavém.

Aqui não há de novo mais que o eleito Cardeal Gravinga não querer aceitar, dizendo que não deixou o seu ducado para ter outras dignidades (3). É exemplo poucas vezes visto, e menos nesta era; mas nem por isso escapa de haver quem o interprete a motivos temporais, em obséquio da Rainha de Espanha, como napolitano, pelo empenho daquela Magestade com o Arcebispo seu confessor. Contudo o Geral de S. Domingos é partido a Bolonha a persuadi-lo que aceite, e dizem que leva obediência pontificia quando

(1) Talvez António Pais de Sande, fidalgo da Casa Real, e secretário do Estado da Índia onde o Procurador do Japão podia tê-lo conhecido. Autor de um parecer sôbre a liga com França e Inglaterra contra Holanda, o qual principalmente versa sôbre a Índia. Cópia no códice 748 da Biblioteca Nacional. Foi mais tarde Conselheiro Ultramarino, e cartou-se com Vieira, quando êste tornou à Baía.

(2) Escrito por D. R. de Macedo, em 12 de Fevereiro: «O que temo é que estas duas coroas [França e Inglaterra] repartam depois sem nós o que foi nosso e o que é de Holanda». (No volume das *Cartas*, edição de 1827).

(3) Tinha renunciado ao título em favor do irmão, para ser religioso. *Supra*, p. 369.

a sua não baste. O Padre Gaspar da Costa parte amanhã para Portugal, com o Padre Bento Pereira (1) que se achou muito mal da asma, e nós ficamos fazendo *quaresima*, como cá dizem, com pouco peixe e ruim; mas do mal o menos.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 9 de Março de 1672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCVIII

Ao Marquês de Gouveia (2)

1672 — Março 12

Ex.^{mo} Sr. — Vai entrando a primavera com muito melhor rosto para os cortesãos que para os lavradores, não sem temor de esterilidade, que sôbre a do ano passado se teme chegue a ser fome. Eu espero que os medicamentos applicados nela restituam a V. Ex.^a a tão inteira saúde, que a dieta não passe os limites da quaresma, que aqui se passa com mais fácil dispensação à carne que aos ovos.

Todos os avisos de Flandres publicam que Castela tem ratificado a liga com Holanda; e, pôsto que a política de Roma, seguindo aquella máxima — *divide et impera* —, en-

(1) Padre Gaspar da Costa: talvez Baltasar (supra, p. 388). Padre Bento Pereira; jesuíta como aquele, gramático afamado no seu tempo; tinha ido para Roma com o encargo de revisor das obras escritas por membros da Companhia.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

cos passos fora de Lisboa, e dêstes se me diz em uma carta : *Erat subditus illis*; perdendo-se por esta sujeição o melhor entendimento e a melhor vontade que tenho conhecido em Príncipe.

El-rei dizem que vive na Ilha e também na terra firme, e que não há só memória do seu nome mas saudades de seu tempo. Todos se queixam de que não há um vintem, e as mercês no mesmo tempo se fazem a milhares de cruzados. E pois falei em dinheiro, respondo a o dos genoveses que o nosso comércio da Índia, segundo as informações de lá, está acabado; porque Goa não tem senão o que vem de fora, e quasi tudo o de fora está em mãos de estranhos. As naus que agora partiram vão descarregadas, por não haver quem embarque para a Índia, e a razão de não embarcarem os poucos mercadores que há é porque têm lá os seus cabedais detidos, por falta de drogas em que se empreguem, e isto me consta por boas vias. Assim que eu não sei que utilidade podem tirar daquela navegação os genoveses, nem nós da sua companhia, salvo se com elles a fizermos (pois não queremos com os nossos) para a recuperação do que temos perdido, e para alguma conquista ou descobrimento do muito que ainda está por conquistar e descobrir, que seria conveniência e prudência, antes que nos prevenissem os que com olhos tão vigilantes estão aspirando a fazer sua a fortuna dos holandeses, como êstes se fizeram senhores da nossa.

S. Santidade esteve os dias passados muito doente, e hoje fica tão mal convalescido que se teme o que não asseguram seus anos. Tiraram-lhe os médicos o chocolate, e receitam-lhe tisanas, mas não se espera que a natureza se restaure por esta via. O Embaixador dessa corôa (1) teve

(1) De França.

ontem audiência brevíssima ; está muito bem visto de Palácio, e mui acreditada sua prudência e cortesia. Espera-se que depois da festa saiam do peito os dois capelos. Ao sr. Bispo de Laon não pude ainda oferecer as lembranças de V. S.^a Teme-se grande fome em Itália, e não se duvidam depois dela maiores calamidades. Lisboa manda trigo a Sicilia, e Liorne pode mandar pimenta e canela a Portugal. Ontem me disse o Embaixador de Espanha que aquella corôa não há-de deixar de assistir aos holandeses ; entendemos que no demais quererá observar a neutralidade, se isto bastar para que se lhe aceite.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo, e como devem desejar todos os que vivem nesta era, em que as prenhez do mundo induzindo (1) às profecias, parece que apressam o tempo delas.

Roma, 11 de Abril de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira:

CARTA CCXIV

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1672 — Abril 16

Senhor meu. — Não quero esperar pelo dia do correio para dar a V. S.^a as boas páscoas em seu próprio dia. Os italianos falam com a maior propriedade, porque dizem

(1) Por conjectura. Palavra em parte ilegível no manuscrito, por se achar o papel corroído. *Prenhez do mundo*, como atrás *preñez de França*, p. 385, 397, etc.

(2) Impressa em 1827. Original no Ministério dos Estrangeiros.

crédito à sinceridade dêste amor. Declarou-se que o dito senhor Cardeal estava *in pectore* desde a primeira promoção, e o Cardeal Nitardo desde a segunda, e conforme esta antiguidade se precederam nas visitas, que depois de hospedados do Cardeal Patrão fizeram ontem à tarde na sua carroça.

Muito para sentir é que, cobrando todos as suas penas, só nós nos descuidemos da restituição das nossas, e, o que mais é para temer, que as duas potências coligadas as conquistem como próprias do possuidor, e nós percamos o nosso direito e domínio. Já disse a V. S.^a que o meu voto, há mais de três anos, foi que metessemos poder e mais poder na Índia, que segurássemos o que possuíamos, que nos antecipássemos a ocupar os portos e lugares importantes, antes que o fizessem os pretendores daquele comércio, e que, enquanto isto se dispunha sem ofensa de terceiro, aguardássemos ocasião de romper com os holandeses, que não podia tardar muito: e que afim de tudo isto, pois o nosso cabedal estava tão atenuado, se fizesse Companhia Oriental mercantil, com tal estabelecimento e segurança, real e pontificia (1), que os interessantes não duvidassem meter o seu dinheiro em Portugal.

Julgue V. S.^a se, havendo-se disposto isto, concorreria agora lá todo o dinheiro da Europa, e nós com a paz lograríamos sem risco todos os úteis do comércio, navegando livremente em ambos os mares. Isto é o que me parecia então, e ainda agora, pôsto que tarde, se podia fazer alguma cousa; mas isto é contra a fé, e estes são os nossos entendimentos. A maré de rosas com os dois reis (2) depende

(1) Segurança do Pontífice por se tratar de cristãos novos e judeus.

(2) De França e Grã-Bretenha.

das condições com que elles queiram entrar: estimarei que V. S.^a me as participe, porque o seu poder, emquanto nós o não queremos igualar ou superar, sempre temo que se nos faça suspeito; se bem, postas as circunstâncias em que nós nos quisemos pôr, sempre será melhor a utilidade com companheiros, que a total ruina sem elles. Falo às cegas, e conheço quanto pode ser errado todo êste discurso.

A marcha de El-rei Cristianíssimo é como de tão grande soldado, e parece se encaminha pela parte menos forte ao coração e cabeça das Províncias, que é um tiro que vale por todos (1).

Deus prospere a empresa, e a V. S.^a guarde muitos anos como desejo.

Roma, 17 de Maio de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXIX

Ao Marquês de Gouveia (2)

1672 — Maio 21

Ex.^{mo} Sr. — Não me dá V. Ex.^a tão boas novas, como eu esperava na fé dos médicos e auxílios da primavera. Se a de Madrid é como a de Roma, ainda podemos confiar algum bom efeito da mudança do tempo, o qual aqui se desatou em tais dilúvios de água, que de oito dias a

(1) Luís XIV tinha declarado a guerra em 6 de Abril, e em 23 partiu de Saint-Germain para o exército, que avançava em direcção ao Reno.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

esta parte ontem foi o primeiro em que vimos a cara ao sol.

Entre estes nublados saíram do peito de S. Santidade os dois capelos, com aplauso de ambos os embaixadores e nações (1), e, pôsto que o correio, que haverá passado a Portugal, leva cartas em que se nos perfilha esta graça, o certo é que no extracto da eleição, que se publicou pela estamperia apostólica, o primeiro se chama *gallus* e o segundo *hispanus*.

Vi ontem um aviso doméstico de Turim, em que se diz havia chegado àquela côrte um enviado francês, o qual dizia entre outras cousas que de França haviam partido muitas naus para a Índia, com cartas fechadas de El-rei, e ordem para se abrirem em tantos de Março. As premisas argüem alguma conseqüência, que se poderá coligir melhor das proposições que fizer em Lisboa o Enviado daquela coroa. Em grande suspensão nos tem a sua resolução, da qual me fazem duvidar algumas noticias que de lá ouvi ler, e muito mais as que V. Ex.^a me insinua.

Com as chuvas não têm chegado atégora os avisos de Veneza, nem temos do Turco mais clareza que o referido na posta passada. O cuidado em Alemanha é o mesmo, e o segredo da marcha de El-rei de França tão misterioso, que de um dia para o outro se não sabe: a fama é formidável, e mais formidável o ruído da moeda, de que se contam oitenta carros, cada um com meio milhão de libras; mas assim nos guarismos (2) dos soldados, como nas listas do dinheiro, são fáceis de multiplicar as cifras. O successo

(1) Nomeados cardeais o Padre Nitard, confessor da Rainha de Espanha, e o Bispo de Laon, César d'Estrées, francês, recomendado da coroa de Portugal.

(2) Algarismos?

mostrará se se ofende ou se agrada a fortuna desta pompa, e da futura vitória, já cantada em todas as línguas.

Suponho que já haverá chegado às mãos de V. Ex.^a a fábula das rãs com o sol, elegantemente descrita, se não for fábula. Na nossa terra não se tem a bom agouro cantarem os galos antes de tempo; e me lembrou a êste propósito certo caso de Lisboa, com que V. Ex.^a mandou inquietar a vizinhança, e madrugou menos ao paço naquele dia.

O que importa é que V. Ex.^a tenha a inteira saúde que os criados de V. Ex.^a desejamos e havemos mister.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos.

Roma, 21 de Maio de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXX

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Maio 31

Meu senhor. — Muito me consola e anima dizer-me V. S.^a que de todos os movimentos presentes tira V. S.^a conseqüências úteis e gloriosas para a nossa Pátria. Também vejo que pode ser preocupação do amor, ou que a dor busque alívio na consideração de bens futuros, e estima ter tão bom companheiro, ou tão grande exemplar para desculpa dos meus que outros chamam delírios. As minhas conseqüências são tiradas de premissas contrárias e totalmente opostas, e só fundadas na sabedoria e poder de Deus, e nas promessas daqueles oráculos que a experiência do

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

passado nos prova e convence serem seus, e não poderem ser de outrem. Com êles me consolo, e os examino e pondero muitas vezes, e aquele *conto cheio*, que se há-de cumprir ou começar nos *trinta e dois anos e meio* (1), me parece que se enche pontualmente de aqui a um ano, contando desde o ano de quarenta, que é o ponto fixo e precedente sôbre que se vão continuando as outras contas. Se é sonho eu durmo, e se é loucura eu sou louco, e, em qualquer destas suposições, quando não haja de ser felicidade verdadeira para todos, basta que seja alívio e consolação para mim.

As palavras do sr. Marquês de Távora folguei muito de ler(2). Com razão chama grande lástima ao menos amor e crédito do govêrno de S. A., e ainda lhe chamara maior lástima se ouvira o que dizem as outras nações, sôbre o pouco que vêem e o muito que esperavam. Não é nem que o Príncipe que Deus guarde seja nem mais bem entendido nem mais bem intencionado. Que fôsse menos dócil é o que eu lhe desejo, sendo tanta a ambição dos muitos que o assistem, e tão diversamente entendidos e capazes, com que a mesma utilidade vem a ser a maior

(1) Alusão à profecia do Bandarra :

Trinta e dois anos e meio
Haverá sinais na terra,
A escritura não erra,
Que aqui faz o conto cheio.

Veja-se o t. 1.º, p.º 542.

(2) «Eu tenho uma carta (vá em confissão) do senhor Marquês de Távora que diz estas palavras : — É grande lástima que a ambição dos que assistimos a S. A. faça menos amado o seu govêrno do que merece a sua pessoa, que todos os dias é mais dócil, mais entendido e melhor intencionado». (Carta de D. R. Macedo, de 6 de Maio, no volume cit.

confusão e perplexidade do govêrno, e a maior variedade e inconstância dêle é a ruina de tudo. As outras monarquias perdem os vícios; a nossa as virtudes, ou a falsa apreensão dêles, que com verdadeiro nome vem a ser cegueira e ignorância. Já V. S.^a estará livre do cuidado do sr. Cardeal de Estrées, a quem está muito bem a púrpura.

Dos movimentos do mundo não temos atégora mais que a expectação e suspensão. A fama é tão vária que parte de Roma faz sitiada Utrecht, e a outra parte põe a El-rei Cristianíssimo em Calez, abocando-se com El-rei de Inglaterra. O meu texto são as notícias de V. S.^a, e enquanto V. S.^a me não diz o contrário supponho que os exércitos haverão hoje marchado para Nuys (1), em que a minha geografia acha grandes conveniências, e o golpe mais sensível e que por línea mais recta ao coração se pode atirar aos holandeses. Se estes têm pôsto a sua armada no canal, como se diz, antes de se unir a de França com a de Inglaterra, também reconheço grande vantagem na antecipação, porque ou impedirão o unirem-se, ou pelejarão com o poder dividido. Brevemente se decifrarão estes prognósticos, e também saberemos o que se responde ao Enviado de França, de que só se escreve haverem-lhe nomeado para as conferências o Duque do Cadaval e os Marqueses de Niza, Marialva e Minas (2). Cá veio a relação canónica do successo de Humanes, em que não posso levar com paciência a escudeirice daquela alcatifa bordada, como a pedanteria de outras escusadas razões (3).

(1) Na mesma carta acima: «El-rei saíu de aqui a 27 do passado; a 4 do presente chegava a Charleroi, e no mesmo dia o Príncipe de Condé a Sédan. A 12 se entende que destas duas praças sairão os dois exércitos, que têm nove dias de marcha até Nuys».

(2) Supra, p. 431, nota 2.

(3) O Conde de Humanes, Embaixador de Espanha, foi recebido

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.
Roma, último de Maio de 672. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXXI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Junho 4

Ex.^{mo} Sr. — Esta de V. Ex.^a de 4 de Maio me chegou às mãos muito tarde, e me causou não pequeno cuidado pelo que havia lido na do correio próximo; e assim me fui logo a buscar novas de V. Ex.^a, que me deu o Residente, confirmadas com os bons princípios do primavera e esperanças do desempenho das promessas dos médicos. *Così sia*, que é a graça e glória com que se acabam os sermões.

Não tenho que dizer a V. Ex.^a das causas das atenções do mundo sôbre nossas acções e resoluções, pois V. Ex.^a as reduz àqueles dois contrapostos, do que havemos feito e do que não fazemos. Verdadeiramente é assim; e os que nos achamos por estas partes não achamos já que responder a tanto silêncio. Não sabia eu que o nosso norte

em audiência no dia 7 de Abril. Ao que contam as *Monstruosidades* houve da parte dêle descuidos de etiqueta, que se tomaram por ofensa. Vieira, oposto a Castela, indignava-se talvez do excesso das honras concedidas ao diplomata, a que chamava escudeirices.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed. Impressa com a data errada do mês de Julho. Autógrafo no Arquivo Nacional.

tinha ido de levante (1). As estrêlas, que mudam os lugares, bem podem mudar ventura.

Aqui se continua na expectação dêste parto, de que os espanhóis sentem as dores e os franceses ante-tempo têm começado os repiques. Se os holandeses meterem a sua armada no canal antes da união das outras duas (2), terão vantagem onde só se lhe conhece partido igual. Celebram os italianos a resposta do Governador de Flandres (3), a quem El-rei de França com um enviado, e carta em que o tratava de *Mon cousin*, mandou pedir faculdade para os seus exércitos marcharem por algumas terras daqueles países. E êle respondeu que sôbre a matéria não tinha ordem alguma do seu rei; que expediria logo um correio a Madrid, e que no entretanto fizesse S. M. o que lhe parecesse, representando sòmente os tratados que Espanha tinha com os Estados de Holanda. O tudo e o nada da significação destas palavras é o que aqui se devia estimar, pela semelhança que tem com as romanas.

O Turco, segundo os últimos avisos, parece espera ver empenhadas as armas cristãs para declarar as suas, e no entretanto as tem dîvididas em dois troços, ameaçando com um a Polónia e com o outro a Hungria.

De Alemanha se escreve que, vindo o Imperador de Luxemburg, de visitar a Imperatriz Leonora, um húngaro no caminho lhe dera uma carta, em que o avisavam que estivesse advertido, porque em espaço de seis semanas não estaria seguro em Viena.

(1) Presumivelmente o propósito de não intervir Portugal na guerra, sugerido por Castela.

(2) De Inglaterra e França, que efectivamente se juntaram, dias depois, dando batalha aos holandeses.

(3) D. João de Haro y Guzman, Conde de Monterrey, filho segundo de D. Luís de Haro, valido de Filipe IV.

Temos por governador de Cândia um português baxá, chamado Franc Maemet, que faz grandes favores aos cristãos, e dizem os italianos que ainda haverá em Portugal com que prover outras praças.

O terremoto de Rimini e mais cidades da Romanha se comunicou por debaixo do mar com as ilhas do Arquipélago, porque na mesma hora caíram muitos edificios em Chipre, e se subverteu com mais de setenta mil almas a celebrada ilha de Có, pátria de Hipócrates e Apeles.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 4 de Junho de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXXII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Junho 18

Ex.^{mo} Sr. — Desejo que a entrada do verão seja mais favorável aos achaques de V. Ex.^a do que tem sido à minha velhice, porque de oito dias a esta parte me não deixa uma febre lenta, que teve principio em uma ardentissima efimera; e quero antes ir passando assim que entregar-me aos médicos romanos, de cujas mãos são mui poucos os que escapam, e por isso se usam aqui mais as prevenções que os remédios.

Continuam os terremotos de Itália, e já se começam a sentir em Roma. Quarta feira, terceira oitava do Espi-

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

rito Santo, senti nesta minha cela que se movia a cadeira em que estava assentado, e, porque outro padre que estava em pé não sentiu o mesmo movimento, não me quis dar por autor de terremoto; mas no dia seguinte se publicaram muitas testemunhas de o haver advertido àquela mesma hora, e se filosofou que devia ser correspondência de algum maior movimento sucedido em outra parte; e assim foi, porque na mesma hora houve grande tremor de terra na Calábria e Romanha, e particularmente em Aquila, Loreto e outros lugares, entre os quais se diz ficou totalmente arruinada Matriche (1), que é povo de mais de três mil almas, que tiveram tempo de salvar as vidas.

Do Turco vêm melhores novas: que tinha suspendido a marcha por notícias da liga, que se escreve estar feita contra êle entre Polónia e Moscóvia.

El-rei de França, deixando sôbre Mastrich quinze mil homens, em lugar tomado por fôrça aos liegeses e em outros dois daqueles confins, se passou a Nuys com todo o corpo do exército, e se suspeita que pretende passar o Is-sel, para entrar no coração de Holanda.

As duas armadas de Inglaterra e França estão já unidas e se dividem em três esquadras, que, conforme as cores das bandeiras, se chama uma a branca, outra a azul, outra a vermelha. A palma, que é a do verde, veremos a que parte inclina. O certo é que os holandeses, por falta de ventura ou diligência, perderam o partido de pelejar com elas divididas, ou de as não deixar unir se primeiro se meteram no canal. Não somos nós só os que tardamos.

De Lisboa se escreve, não a mim, que o povo está com Castela e os ministros com França, excepto um marquês,

(1) Talvez Matrici ou Matrice.

que também nomeiam, e dizem segue e sustenta a voz do povo. Esta noutro tempo era a voz de Deus, que guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como desejo, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 18 de Junho de 1672 — Criado de V. Ex.^a

António Vieira

CARTA CCXXIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Junho 21

Senhor meu. — Recebi esta de V. S.^a de 27 de Maio, e beijo a mão de V. S.^a mil vezes pelas notícias tão exactas dêsse mundo bélico, que não só tem posto em suspensão a curiosidade, senão também os interêsses de todos os que estão em paz, e muito particularmente desta côrte, cujas atenções são mais discursivas, como aquella que imperando sôbre todas depende de todas.

Logo no mesmo dia a levei ao sr. Cardeal de Estrées, que me disse não tivera carta de V. S.^a, e a leu com inexplicável gôsto duas ou três vezes, estimando quanto devia a satisfação com que El-rei de Inglaterra ficara da armada francesa, e da pessoa do Conde de Estrées (2), e dos favores que lhe havia feito.

Aqui vêm muitas relações de diversas partes, mas ne-

(1) Inédita; autógrafo no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) João d'Estrées, irmão do Embaixador em Roma e do Cardeal, comandante da armada francesa, que se tinha juntado à da Grã-Bretanha.

nhumas se parecem com as de V. S.^a, nem na certeza das notícias, nem na disposição, clareza, e individuação das matérias, nem na felicidade, brevidade e compreensão do estilo, e acertadíssimo juízo de tudo. De sorte que o maior regalo, como cá dizem, que posso fazer a meus amigos, é ler-lhes alguns parágrafos das cartas de V. S.^a, tirando todos por conclusão: Grande ministro tem Portugal em França. Já V. S.^a vê quanto isto me pode alegrar e desconsolar também. Ontem chegaram novas dos progressos das armas de El-rei em Rimberg, e mais praças ocupadas até os 10 dêste, e do successo das duas batalhas ou encontros navais, e perda dos holandeses, em que se contam por maior nove naus tomadas, e outras nove deitadas a fundo(1). Eu considero que esta fortuna não podia ser tão a mãos lavadas que os vencedores não recebessem grande perda, e assim tenho guardado um ouvido até o correio ordinário, em que na balança da justiça se contrapese o preço desta vitória, que ainda creio tem necessidade de outras. Também espero o successo das naus, que por este tempo devem chegar da Índia, e dar novo motivo ao mais interessado empenho de uma e outra parte.

De Lisboa dizem pouco os nossos, mas os estrangeiros falam com maior liberdade, e dizem que temos um príncipe assediado ou cativo, e com poucas esperanças de se haver de querer resgatar. Vi em carta de um grande ministro que, quando seja forçoso deixar a neutralidade, devemos seguir antes a Espanha e sua fortuna. Julgue

(1) Rhinberg, Orsoy, Vesel, Burick. «Quatre villes dont le nom ne mérite de place dans l'histoire que par cet évènement». (Voltaire, *Siècle de Louis XIV*). A 7 de Junho batalha naval em que Ruyter derrotou as armadas reunidas de Inglaterra e França. As primeiras novas atribuíam a vitória aos aliados.

V. S.^a que paciência é necessária para tolerar isto, abraçando-nós com quem nos não pode fazer mal nem bem, e deixando aos que tanto bem e tanto mal fazem e podem fazer. Se debaixo disto não está oculta alguma grande Providência Divina, não sei para onde havemos de apelar. O Marquês de Gouveia supõe que necessariamente nos havemos de unir com uma das partes. Os italianos esperam que agora sejamos senhores da Índia, e de Lisboa me dizem que não há com que aviar três fragatas, para sairem à costa com nome de armada, em tempo que os outros reis, e os que não são reis, contam os seus galeões a centos, e cada um dêles também a centos as peças de artilharia.

No correio seguinte remeterei a V. S.^a os nomes dos bispos ultramarinos, sôbre cuja expedição nos move grandes dúvidas a Congregação de Propaganda.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 21 de Junho de 672. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXXIV

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Junho 28

Senhor meu. — Recebi a de V. S.^a de 10 do corrente com inexplicável gôsto, pelas notícias que V. S.^a é servido dar-me da nossa terra, pôsto que elas não sejam de tanto gôsto. E pôsto que me acho com tão poucas fôrças, que já não

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

sei se poderei levar esta ao cabo, quero começar pelo que mais importa.

Não posso deixar de me admirar muito de que o conselho se peça quando já estão tomadas e pronunciadas as resoluções. A proposta de França verdadeiramente não é muito para aceitar no estado em que nos achamos, e quando por falta do mesmo cabedal deixamos de emprender a guerra da Índia; que, sôbre a recuperação do que lá nos tem tomado Holanda, nos livrávamos juntamente da contribuição de Setúbal, que no modo que está consignada quasi não vem a ser despesa da fazenda real (1). Contudo me parece muito sêca e desabrida a resposta, que se deu ao enviado de um rei que, pela amisade passada e presente, e por tantos outros respeitos, se deve conservar e reverenciar, ainda quando pretenda o não justo nem possível. E assim julgo o parecer de V. S.^a por totalmente adequado, e tão prudente e medido com as ocorrências presentes que nem se pode deixar nem mudar. Estimarei grandemente

(1) O teor da proposta consta da instrução dada posteriormente ao Embaixador Guénégaud: «Comme il ne s'agissait en 1672 que de la guerre que la France et l'Angleterre étaient sur le point de déclarer aux hollandais, Sa Majesté chargeat le dit sieur d'Aubeuille [antecessor de Guénégaud] d'inviter le Portugal à entrer dans ce parti. Elle lui fit envisager les avantages qui pourraient lui en revenir, soit en faisant des progrès sur les Etats Généraux dans les Indes Orientales, soit en se délivrant du payement en sel, que cette couronne est obligée de leur faire durant un grand nombre d'années pour Cochim et Cananor». (*Recueil des Instructions* cit.). Pelo tratado de paz, de 31 de Julho de 1669, concluso em Haia, Portugal obrigara-se a dar à Holanda uma indemnização de quinhentos mil cruzados, pagos em sal, a entregar em Setúbal, e mais, durante vinte annos, cento e cinquenta mil cruzados em cada um. Para o pagamento foram consignados todos os direitos do sal, e as praças de Cananor e Cochim ficaram por garantia em poder da Companhia da Índia Oriental.

que com as propostas de Inglaterra mude este negócio de face, que verdadeiramente é feia e indecente, mais com as cores que lhe não soubemos dar que com as que ela levava, principalmente sendo oferecida sobre a prática ou tratado de um dos nossos primeiros ministros, de que me não atrevo a afirmar nem descrever.

A proposição de Castela é tão disparatada que não sei como foi ouvida, nem como o podia ser, ainda quando eramos súbditos daquela coroa, e ela podia ser de utilidade aos amigos e de terror aos inimigos (1). Só tem ou pode ter o serviço e a conveniência que V. S.^a lhe descobre, ajudando-nos dela para fazer preciosa a nossa neutralidade, e entreter ambas as coroas com a gelosia de ambas.

O intento de El-rei Cristianíssimo na extinção do calvinismo é tão divino, e tão útil em uma Igreja, que não pode Deus deixar de o ajudar, como já começa a ver o mundo com admiração: e deveram todos os príncipes ajudar e concorrer a este fim, fechando os olhos a todos os outros interesses e considerações do futuro, que são os que maior golpe fazem na apreensão de todos, de que nem a mesma Roma se livra. O Papa dizem manda a El-rei muitas medalhas de indulgência, com este verso repartido nas duas estampas: *Miles ego Christi, Christo duce sterno rebelles.*

Ante-ontem caiu um raio em palácio, com circunstâncias que o fizeram notável, porque veio de repente sem disposições, estando o tempo quieto, sem vento nem chuva,

(1) Segundo as *Monstruosidades* seria a proposição: «Liberdade para que a coroa de Portugal pudesse mandar cada ano cinco naus aos portos das Índias de Castela, e que a cinco embarcações suas se concedesse a mesma franqueza, para poderem navegar aos portos do Brasil, para que com o trato do comércio e comunicação das viagens se germanassem as coroas e os vassallos». O comentário de Vieira presta verosimilhança à versão.

e mostrando-se sòmente o céu escuro. Deu no relógio que está sòbre o quarto de S. Santidade, levando sòmente a bandeirola, e de ali passou à capela particular onde diz missa, deixando-a cheia de fumo e mau cheiro, e saindo ao jardim desapareceu.

As novas que lá chegaram do Turco são as mesmas que aqui tivemos no mesmo tempo. Mas esta semana são muito outras, porque dizem que as prevenções que se faziam para a parte de Polónia pararam, e que esta mandava embaixadores ao Turco, e o Turco pretendia também acomodamento com ella por meio do Tártaro, e que no entretanto marchava lentamente o exército do Grão-Visir em direitura do Danúbio.

Temos noticia de seis praças tomadas brevissimamente por El-rei Cristianissimo, de que são as últimas Emerich e Rus; e por Veneza chegou aviso que tinha S. M. passado o Issel, com que concorda a carta de Monsenhor Nuncio de Paris, dos 16 do corrente, em que com a nova do nascimento do Duque de Anjou (1) corre que também afirma ter El-rei tomado Arnhem. Todos agora andamos com os olhos no mapa e com o compasso na mão, e dêste passo a Amsterdam achamos muito poucas jornadas. Do combate das armadas navais se dizem mil variedades, com que não consta cousa certa: eu tenho para mim que se é verdade haverem pelejado, não cortadas, como diz o aviso de Calez, senão de poder a poder, haverá sido necessariamente com grande dano de uma e outra parte, se o vento ou outro acidente não desse tal vantagem a um dos partidos que também a tivessem as suas balas.

Remeto a V. S.^a a lista dos bispados e bispos na forma

(1) Filho de Luís XIV e da Rainha Maria Teresa, que se não criou.

em que estão providos (1). Sôbre o de Tânger e há aqui suas dúvidas, querendo o Embaixador de Castela prover o bispado de Ceuta; e duvidando-se, da nossa parte, se com a cidade foi também transferido o padroado.

Confesso a V. S.^a que me acho muito mal disposto, não sabendo de que me queixar, senão de tudo.

Guarde Deus a V. S.^a muitos anos com a saúde que desejo e havemos mister.

Roma, 28 de Junho de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

Reconheci todas as cartas de V. S.^a de Abril, e não acho a de 10. Lembra-me porém que rompi uma ou duas pelo segrêdo da matéria. Se é cousa de importância V. S.^a me a aponta (2) para que eu ache na memória o que não posso saber das cartas.

CARTA CCXXV

Ao Marquês de Gouveia (3)

1672 — Julho 2

Ex.^{mo} Sr. — Dobrada pena é padecer os achaques e os remédios, e só nos deixam estes a esperança que com a

(1) De Angola, Frei António do Espírito Santo, carmelita; de Malaca, Padre Bernardo da Madre de Deus, da Ordem de Santo Elói; de Cochim, D. Bernardo de Santa Maria, cônego regrante de Santo Agostinho. (Cf. *Monstruosidades*).

(2) Assim no original; talvez lapso pelo imperativo.

(3) No t. 1.^o da 1.^a ed., com a data errada de Junho 28. Autógrafo no Arquivo Nacional.

continuação, como acontece e eu tenho experimentado, vencerão a resistência, que quando se não rende ao aço mostra verdadeiramente ser grande; mas o mesmo género da cura parece que assegura serem as queixas de V. Ex.^a daquelas que, ainda que dão moléstia, não trazem perigo. Estas são as consolações que busco no discurso, quando as novas, que V. Ex.^a me dá, não são as da inteira melhoria e perfeita saúde, que a V. Ex.^a desejo e a Deus peço.

Aqui não há mais novidade que a morte do Cardeal Manchini(1), com que estão vagos dois capelos, que segundo o que se entende serão dados brevemente a Rospillosa e Colona.

O inverno se despediu dois dias depois do S. João, com um raio caído em palácio no quarto de S. Santidade, que, depois de levar a bandeirola do relógio, entrou na capela privada onde diz missa, e sem fazer dano se foi enterrar no jardim.

Cada dia chegam novas dos grandes progressos que fazem por terra as armas de El-rei de França, maiores do que se imaginou. Por mar(2) parece que não é igual o poder ou que é menor a fortuna; porque, havendo-se dado batalha aos 7 do passado todo o dia e parte da noite, dizem as relações de Holanda e Bruxelas que a vitória ficou pelos holandeses, e elles senhores do mar(3); e, pôsto que os franceses o neguem, haverem tido correio dos 15 e não mostrarem documentos é argumento que faz muito suspeitosa a opinião que defendem, se bem a autoridade contrária não é de todo sem suspeita. Esperam-se as particulari-

(1) Francisco Maria Mancini, aparentado de Mazarini, e tio de Maria Mancini, paixão famosa de Luis XIV.

(2) *Por terra*, no autógrafo, equívoco evidente.

(3) Esta é a notícia exacta, sendo vencedores os holandeses em Southwold Bay.

dades no correio seguinte, e entretanto se sente que esta côrte não porá lutos pelos sucessos, tendo por mais conveniente para a república do universo que a balança que se levanta por uma parte se abata por outra.

Também se diz que o governador de Flandres depois desta batalha assiste aos holandeses com maior prontidão e poder; e alguns esperam que estes socorros sejam ainda nesta campanha mais declarados, se o Imperador se vir seguro das armas do Turco, cujo exército ou está totalmente parado, ou marcha muito lentamente depois da confederação de Polónia com o Moscovita.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 2 de Julho de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXXVI

A Duarte Ribeiro de Macedo(1)

1672 — Julho 2

Meu Senhor. — Tive e não tive neste correio carta de V. S.^a, porque chegou a retardada da semana passada com as cópias das cartas do campo(2), que logo comuniquei ao nosso Residente; e, pôsto que sabíamos muita parte do que nelas se refere, sempre trazem particularés que cá não chegam tão facilmente, e sobretudo a certeza, que, segundo

(1) No t. 3.º da 1.ª ed.; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Isto é, de onde se achavam os exércitos, com as novas da guerra.

os diversos géneros de partidos e affectos desta côrte, sempre anda confusa, e ainda com os mais autênticos testemunhos não consegue inteiro crédito.

Livrrou-me esta carta do cuidado e receio que avisei a V. S.^a, e muito mais porque nas costas vinha notada em francês a razão de não ter vindo no outro correio, que parece foi por se haver dado a horas em que já estava entregue o maço. Já que temos tantas causas de desconsoiação, deixe-nos ao menos o alívio de sabermos que se não sabem as nossas queixas: eu o faço assim, disfarçando as causas quanto posso entre esta gente, que está sempre com os olhos abertos, e com a balança na mão pesando as acções, movimentos e pensamentos dos príncipes. Mas nós somos tão bons homens que públicamente confessamos as nossas misérias.

Espera-se com cuidado a resolução de Amsterdam, de que muito se duvida: e já há quem cuide que o fruto desta guerra será mais de Espanha na recuperação das praças que tem presidiado, e de Inglaterra nas que pretende, e do Príncipe de Orange na autoridade e por ventura domínio das reliquias das Províncias, e do Eleitor de Colónia e Bispo de Munster na restituição e conquista do que lhes pertencia, que de El-rei Cristianíssimo, a cujas despesas todos se melhoram, não falando nos embolsos de Suécia (1); e só El-rei se não fôr por diante até dominar tudo, como se tem por mais provável, ficará com alguns lugares muito distantes do seu reino, dificultosos de conservar, e com retirada não fácil, em caso que a liga de Alemanha, e o poder a que se tem resumido Holanda, junto com o de Espanha ou Flandres, se atrevam a lhe pôr embargos à passagem,

(1) Suécia tinha aderido à liga contra Holanda, a trôco de subsídios da França.

depois de tão empenhado no coração das Províncias. Isto é o que ouço discorrer e temer, ainda aos que não são de affecto espanhol; porque êstes, depois que os diques lançaram água na fervura ao ímpeto das vitórias francesas(1), não só respiraram, mas quasi triumpham.

Eu afirmo a V. S.^a que nestas dúvidas quasi não sei desejar. O meu primeiro desejo era que nós nos houvessemos governado de maneira que tudo o nosso na Índia tornasse a ser nosso; mas porque isto, nas circunstâncias e desatenções passadas e presentes, parece que já não pode ser, ao menos contentara-me que partissemos com as duas coroas(2), ou elas connosco, como pedia a melhoria do nosso direito e dos nossos socorros, que, quando não tenham outra vantagem mais que a dos nossos portos, sempre é superior a tudo o que de Europa sem elles se pode pretender. Emfim, Deus fará o que fôr servido, que, estando as cousas como estão, e pior se forem por diante, temo que zombem de nós e que tratem só de si.

A guerra de Itália está duvidosa, pôsto que S. Santidade tenha tomado à sua conta a mediação da paz. Os genoveses recuperaram as terras da sua fronteira, com retirada dos saboianos, mortes e menos crédito das armas do Duque(3). Em Mântua também não há quietação. De El-rei de Polónia vêm tão más novas que estes dias o publicaram aqui não só prêso, mas degolado pelo partido contrario; e marchava para lá o Turco, que é nova diversão para Alemanha e desesperação para Holanda.

(1) Os holandeses tinham rompido os diques de 15 a 20 de Junho, e provocado a inundação, salvando assim Amsterdam.

(2) De França e Inglaterra.

(3) Nêste mês romperam as hostilidades entre Sabóia e Génova, tendo as forças ducaes occupado Savona, que pertencia à república.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como havemos mister.
Roma, 2 de Julho de 672. — De V. S.^a capelão e criado

António Vieira.

CARTA CCXXVII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Julho 12

Senhor meu. — Não pude escrever no correio passado a V. S.^a, porque me sobreveio naquele dia um acidente, de que não fiquei livre senão passadas as horas em que desta casa se podem mandar as cartas: e verdadeiramente o senti muito, porque a suspensão em que estavamos com os avisos de Bruxelas e Amsterdam, acêrca da armada naval, era muito para dar cuidado; mas todos os meus temores e discursos, com a vitória que se referia dos holandeses, ainda que melhoraram com a relação de D. Francisco de Melo (2), com as que no mesmo tempo chegaram por via de Colónia se puseram em muito pior estado, e tal é o em que fico.

Vejo que já V. S.^a começava a se doer da pressa com que as cousas de Holanda caminhavam a ruína da parte de além do Issel; mas depois de passado êste, tomada Nimegen, Arthnem, Schenke e Utrecht, que se pode esperar senão que nesta mesma campanha, e muito nos princípios dela, se dê fim à conquista de Holanda, e que, junta a

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.; original no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Embaixador de Portugal em Londres.

sua potência marítima com a marítima e terrestre do vencedor, tenha êle lugar de levar por diante seus vastíssimos pensamentos e os conceber ainda maiores? Já aqui dizem os franceses que se despida Portugal da Índia, e se contente com o Brasil, que também não estará seguro, nem Espanha nem Portugal.

Com as primeiras novas apontei ao Residente que seria conveniente avisar logo por terra ao Viso-Rei da Índia, e mandar-lhe as mesmas gazetas e cartas de Amsterdam, para que com estas notícias procurasse reduzir os holandeses a algum bom acomodamento; e, pôsto que aqui se acha um frade franciscano, que ia mandado pelo Príncipe para a Índia, de onde tinha vindo, e foi tomado dos turcos, que era muito bom mensageiro, a resolução foi que se avisaria a S. A. Também em Portugal não haverá advertência de mandar duas ou três caravelas com estas notícias, e ainda às mesmas naus da Índia holandesas, convidando as com os nossos portos. Emfim, senhor, mais há de três anos que eu previ grande parte disto, e o que devíamos fazer para o caso desta guerra; mas não estavam reservadas as riquezas de Amsterdam para as nossas companhias, senão para quem se aproveitará delas e de todos os comércios do mundo, com a execução e pressa com que o sabe fazer.

Dizem que já de Amsterdam se tinham mandado deputados a El-rei, e também se afirma que em dia de S. João [se] cantou o *Te-Deum* na mesma cidade. Os espanhóis mais zelosos antevêem e choram o que lhes pode suceder com um rei de dez anos (1). Nem esta desculpa temos. Tudo é dizer que não há um vintém, e fôra melhor não o

(1) Carlos II nascera a 6 de Novembro de 1661.

dizer, porque não pode haver melhor reclamo para chamar contra nós e contra nossas conquistas ainda os que podem pouco.

Aqui se tem começado guerra entre o Duque de Sabóia (sendo êste o agressor) e a república de Génova: todos entendem que êste repentino movimento tem as raízes mais fundas e mais longe que em Turim. Os ministros da Igreja estão assás impressionados desta novidade, e não aplaudem os progressos de França, quando devem estimar o abatimento de Holanda. Tudo é confusão e discursos; e Itália tão dividida em Estados como Holanda em cidades: tudo cabeças, sem cabeça nem união. Duvida-se por outra parte que em um mesmo tempo se empreendam duas guerras tão grandes em lugares tão apartados; mas para tudo há poder e para tudo pode haver fortuna, sendo tão pouca a opposição, que nenhuma resistência promete.

Lembra-me que o manifesto de El-rei Cristianíssimo era de querer sujeitar os holandeses como ladrões públicos, para restituir a cada um o que lhe tivessem tomado, e já dizem que o começa a fazer assim nas praças do Eleitor de Colónia; mas estes políticos não se querem persuadir a tanta generosidade e cristandade, pôsto que, segundo Deus ajuda aquelas armas, parece que não pode deixar de ser muito justa e santa a intenção delas. Se assim fôr, immortalizará El-rei Cristianissimo seu nome, e todos os devotos de sua grandeza daremos por bem empregadas nossas orações e sacrificios. Mas Deus quer que da nossa parte ajudemos antes as boas tenções que as tentações alheias. V. S.^a deve de ter nesta ocasião grandes instruções da nossa terra, e assim não quero tomar o tempo a V. S.^a, que também creio terá ordem de seguir o exército, pois é razão que, capitulando-se sôbre o nosso, sejamos nós ouvidos.

Não me falte V. S.^a com novas suas e nossas, e Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 12 de Julho de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXXVIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Julho 19

Meu Senhor. — Escrevo a V. S.^a de mão alheia, porque há cinco dias me acho impedido de uma febre, e tão maltratado dela em princípio de caniculares, que quasi me persuado irei seguindo ao nosso Padre Gaspar de Gouveia(2), a quem Deus'foi servido levar para si aos 14 dêste, com menos de quatro dias de cama.

A de V. S.^a de 24 de Junho recebi com as cópias inclusas, e inteira notícia do estado de nossos negócios, de que dou a V. S.^a as graças. E se disser a V. S.^a que a maior causa dos males que padeço é a apreensão dos mesmos negócios, e da ocasião que temos perdido, e do risco em que estamos de acabar de nos perder, pode V. S.^a dar-me crédito. Já se me acabou a paciência, e tenho tão pouco coração e tão pouco juizo, que também me há-de acabar a vida êste indiscreto amor de uma pátria que tão pouco o merece.

(1) Inédita; original, de mão estranha, provavelmente do Padre José Soares, companheiro do autor, no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Assistente português do Geral dos Jesuítas.

No correio passado disse a V. S.^a o que se me ofereceu sôbre os progressos da conquista de Holanda, e quanto importaria a presença de V. S.^a junto à pessoa de El-rei Cristianíssimo, e folguei de ver que está V. S.^a no mesmo pensamento. Mas quem não perderá a saúde e o juízo, vendo que por miséria e falta de tão pequenas assistências deixemos perder o que não tem preço, nem terá remédio.

Já disse a V. S.^a que o comum desta côrte não faz grandes aplausos a estas vitórias; e se em Holanda se impugnaram tão fortemente as armas de França, como aqui se impugnam e repugnam todas as novas que vêm em seu favor, ainda não estivera passado o Issel. Contudo S. Santidade, como pai universal, dizem espera pela nova de Amsterdam, para cantar pùblicamente o *Te-Deum*, e mandar a S. M. Cristianíssima o estoque (1). Os movimentos de Sabóia contra Génova ainda não acabam de declarar se são guerra ou demanda. O enviado genovês que foi ao campo mandará a resolução desta primeira dúvida, se bêm corre que o dinheiro que aquela república tem em Holanda, que dizem ser dez milhões, ou será ou está já embargado por El-rei, como também o de Lorena, e o de todos os hebreus, em que Lisboa não deve ter pouca parte. Ouvi que Jerónimo Nunes da Costa (2) se tinha retirado, devendo de entender que era mais segura esta cautela que a confiança que lhe podia dar a patente de Agente de Portugal. As consequências, que êle considera sôbre Holanda conquistada, primeiro se sentirão noutras partes do mundo do que as experimente Eúropa, e nós não nos poderemos queixar, pois teremos o que quisemos.

(1) Alusão ao costume antigo de mandar o Papa um estoque dourado, bento, ao soberano vencedor dos infieis.

(2) Judeu português, agente da corôa em Holanda.

V. S.^a me perdoe estas melancolias (1), e se forem as últimas não será pequena desconsolação morrer em Roma, por esta causa, quem tanto fez e tanto navegou, para dar a vida por outros.

Por tudo dou infinitas graças a Deus, que guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 19 de Julho de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXXIX

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1672 — Julho 26

Meu Senhor. — No correio passado escrevi a V. S.^a por mão alheia, e com pouca confiança de o poder fazer neste; mas foi Deus servido que ao quinto día se despedisse a febre, deixando-me mais livre do acidente que dos efeitos que êle tinha causado, com que ainda vou passando cada dia menos molestado. Queira Deus que o correio que amanhã esperamos não traga, como todos costumam, nova causa de reincidência.

O nosso Residente me participou as gazetas de Inglaterra, e me pediu as novas de terra, de que V. S.^a o avisava; mas não me chegou às mãos a carta acusada, de que estou com grande cuidado, porque temo que alguma curiosidade interessada a divertisse, querendo assegurar

(1) *Malenconias* no original.

(2) No t. 3.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

os seus pensamentos com a notícia dos nossos. O mesmo temor tenho da carta que escrevi a V. S.^a, hoje faz quinze dias, na qual me alargava sôbre as conseqüências dos progressos da campanha de Holanda: estimarei que V. S.^a me diga se recebeu, e que causa poderia ter faltar-me a de V. S.^a, para que mudemos de via, se esta, que parecia tão segura, o não fôr (1).

Atégora não temos mais moderno aviso que o de Amsterdam alagada, com resolução dos holandeses se põem à defesa das outras praças da Província de Holanda, e prefunção de serem mais assistidos do Governador de Flandres nas praças vizinhas ao seu distrito; e, pôsto que ontem me afirmou o Cardeal Ursini que El-rei havia entrado em Amsterdam aos 2 ou 3 do corrente, dizendo que viera o aviso por um extraordinário de Sabóia, não se dá inteiro crédito a esta relação. Dizem que os holandeses querem pactear paz e não entrega, com partidos de tantas vantagens às armas vencedoras, que se pode crer os aceitem, principalmente devendo-se cuidar que as mesmas fôrças de França, com os danos da guerra e diversão dos presidios, estejam necessàriamente muito diminuídas.

Eu quisera os holandeses antes sujeitos e dominados que com autoridade de ser obedecida na Índia, que sem dúvida será a primeira e mais estimada vítima dêste sacrificio de paz. Queira Deus mover-lhes os corações a que queiram antes a nossa amizade e companhia, que a daqueles que nem a êles nem à nós guardarão nunca maior fé, que a que costuma o maior poder. Tudo deveremos

(1) Em carta de D. R. Macedo, sem data, no códice 901 citado, se lê que as de Vieira lhe mandava pontualmente a casa — «o Padre Principal do Colégio de Creremont (Clermont), sobrinho do Padre de Villes».

a Deus, em quem só ponho as esperanças, ficando totalmente desconfiado dos meios naturais e humanos.

Em Génova se continuam as levas, e em toda a Itália os temores, não de Sabóia. Hoje li um manifesto de um bispo francês, dos mandados à Índia, que em Paris havia um seminário para a conversão do Oriente, levantado a despesas reais, para se prosseguir a propagação da fe, por meio da Companhia ou companhias orientais da mesma nação, e que o dito seminário fôra erigido com autoridade apostólica de Alexandre VII, e assistida toda a missão com grandes favores e indultos da Congregação de Propaganda, como se não houvera Portugal no mundo nem os nossos privilégios tiveram valor. Tudo é muito bem empregado: e, já que Deus nos tira o juízo, dê-nos paciência.

O mesmo Senhor guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 26 de Julho de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXXX

Ao Marquês de Gouveia (1)

1671 — Julho 30

Ex.^{mo} Sr. — No correio passado não escrevi, impedido de uma grande febre, que foi Deus servido se despedisse ao quinto dia, de que ainda não fiço convalescido, mas com grande contentamento de V. Ex.^a me dizer vai tanto por

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

diante a melhoria, que já hoje espero em Deus seja tão inteira saúde como havemõs mister.

As primeiras novas, que a esta cõrte chegaram da guerra de França por mar e terra, foram as mesmas que também aqui se receberam de Bruxelas e Anveres; mas durou pouco esta alegria aos ministros e parciais dos vizinhos de V. Ex.^a (1), porque com assombro de todos se começaram a verificar os progressos do exército, que, estando já senhor de cinco províncias, tem reduzido a de Holanda à única esperança ou desesperação de romper os diques e alagar as campanhas, para ter tempo de pactear, como já se escreve fazer. Os que discorriam de outra maneira têm a desculpa da razão e exemplos passados, e os holandeses o castigo que merecia sua insolência. Dos outros interessados nesta desgraça não falo, porque têm o que quiseram.

O rompimento entre Sabóia e Génova vai continuando, e um dia dêstes tiveram um encontro, em que ficou de melhor partido a república. S. Santidade interpõe sua autoridade para o ajustamento das diferenças, que não será difícil, se os intentos de Sabóia não têm mais fundas raizes que as de Turim. Brevemente se saberá a verdade dêste segrêdo, que já parece vai rebentando por Mântua, onde a gente de guerra daquele ducado se atacou com a de Milão, e dizem que em Casal se meteu presidio francês.

As cousas de Polónia, de onde nunca vem nova que tenha constância, é certo que estão mui duvidosas, e El-rei com tão pouco partido que estes dias se disse estava retirado a um castelo, e hoje corre que lhe cortaram a cabeça. É

(1) Os castelhanos. O Marquês estava, como se sabe, em Madrid, por embaixador.

boa ocasião para o Turco, cujo exército estava já nos confins da Valaquia.

Estas são as novas que aqui se ouvem, e as que a mim me tocam no coração é capitularem os holandeses sobre a nossa Índia, digo, sobre aquela Índia que foi nossa, e pudera ser nesta ocasião, se concorreram no teatro outras personagens, onde uma só faz figura.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos como dasejo, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 3o de Julho de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXXXI

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Agôsto 9

Meu Senhor. — Há dois correios que não tenho carta de V. S.^a, e, se bem o nosso Residente me participa as suas e as novas dêsse mundo, ainda que se satisfaz a curiosidade não se dá por satisfeito o amor, parecendo-me que só ouço e leio a V. S.^a quando V. S.^a fala comigo, pelo particular affecto com que V. S.^a o faz. E assim peço muito a V. S.^a me mantenha na continuação dêste favor.

Sempre se estão esperando com ânsia os avisos do campo, em que tanto têm empenhado a expectação do mundo os largos passos com que marchou a fortuna de El-rei Cristianíssimo, nos princípios desta guerra.

Duvida-se se corresponderão os fins, e com esta dú-

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

vida se defendem sòmente os do contrário partido, alistando em Roma setenta mil soldados de Alemanha e trinta mil de Flandres (1), que, juntos às reliquias de Holanda, prometem hão-de mudar a scena de maneira que dêem matéria a um famoso catástrofe (2).

Autor temos em Lisboa que o saberá escrever, se as suas occupações não delegarem o assunto ao Padre Macedo (3), que me escreveu um destes dias estava resolutto a se passar a Portugal, de onde era chamado para exercitar o officio de Cronista latino do Reino: terá mais que escrever da guerra que da paz, da qual temo que nos perca a nós assim como perdeu aos holandeses.

A mediação ou entreposta autoridade de S. Santidade entre o Duque de Sabóia e os genoveses teve o efeito que se imaginava, porque não teve nenhum efeito, respondendo o Duque, segundo corre, que tinha agravos da república que não podiam ficar sem satisfação e ainda sem castigo. Argue-se que esta resolução não deve ser tomada nem declarada sem se dar conta primeiro a El-rei Cristianíssimo, e isto é o menos que se cuida. O Duque dizem que saía em campanha aos 8 deste com doze mil infantes e dois mil cavalos, e que se ficavam fazendo maiores levas.

Ontem houve consistório, em que se abriram as bôcas aos dois últimos cardeais. Esperamos que falem ambos eficazmente a favor dos quarenta mártires (4), que é o titulo da minha assistência em Roma. Pedem-se cartas a todos os príncipes, e particularmente a El-rei Cristianíssimo. Se

(1) Isto dizia Vieira por mofa do que divulgavam na cidade os desafectos a França.

(2) Trocadilho idêntico ao de p. 319.

(3) Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, então em Itália.

(4) Do Brasil, dos quais Vieira promovia a canonização.

se escrever a tempo que S. M. esteja já em Paris, estimarei que V. S.^a nos faça mercê de sugerir o necessário, para que pareçam empenho e não cumprimento.

De Lisboa não temos mais que a chegada de uma nau da Índia às Ilhas, que parece ser a primeira das três, e segundo o tempo da sua partida antes da monção se julga ser de aviso. Queira Deus que traga melhores novas das que nós lhes podemos mandar.

O mesmo Senhor guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 9 de Agôsto de 672. → Capelão criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXXXII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Agôsto 13

Ex.^{mo} Sr. — Como V. Ex.^a me dá boas novas de sua saúde ou melhoria, tenho todas as que desejo e hei mister. Todo o meu cuidado está em Madrid, porque os silêncios de Lisboa não merecem nem querem merecer cuidados. Parece que a nossa terra se passou a outro mundo, porque neste nem ela se ouve nem há quem fale nela. Os italianos nos perguntam as causas deste silêncio no meio de tantos rumores, e não temos outra resposta mais que meter-nos no escuro de algum grande mistério, cujos arcanos, como não chegam a V. Ex.^a ao menos por aquela

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo do Ministério dos Estrangeiros.

antiga regateira(1), não só suspeito, mas conheço com grande dor, quais possam ser ou não ser.

Os progressos das armas francesas correm a passo mais lento, e não só porque os holandeses lhe deitaram água na fervura. É certo que, depois que os presidios espanhóis entraram nas praças, começaram elas a ser fortes, custando tempo e sangue. Assim como a morte de Longavila foi o sossêgo de Polónia, assim querem que a ferida do Condé fôsse o reparo de Holanda(2).

Todos os avisos de Alemanha concordam na união de um grande exército, pago por três meses, que estará em Egra aos 25 de Agôsto, composto de vinte mil soldados do Imperador e vinte e cinco mil do Marquês de Brandeburg, e outras tropas de outros príncipes, em número de sessenta até setenta mil combatentes, sendo o general de tudo Montecuculi.

Ontem correu por um extraordinário(3), chegado do campo a Turim, que El-rei de França se recolhia a Paris, onde seriam juntos aos 8 de Agôsto os comissários de Holanda e Inglaterra, para composição da guerra e ajustamento das condições. Estou vendo nesta concórdia perdida e despedaçada aquela a que chamávamos nossa Índia.

As hostilidades de Sabóia e Génova continuam com reciprocos danos, em que cada uma das partes se atribui a vantagem. Crescem as levas de ambos os partidos, e cresce o receio de que a campanha de Holanda se passe a Itália,

(1) Que informava o Marquês, segundo por chiste êle dizia. Supra, p. 428.

(2) O Duque de Longueville morreu em combate na passagem do Reno, sendo ferido na mesma ocasião o Príncipe de Condé. O primeiro era pretendente ao trono da Polónia, onde o partido adverso ao rei Miguel Korybut tentava arrancar a êste o govêrno.

(3) Correio extraordinário.

onde os lírios (1) tomem raizes. O Pontífice tem interposto sua autoridade para apagar estas faiscas, de que se prevê o incêndio; mas, não tendo efeito da primeira vez, o mesmo se presume da segunda. A canícula vai furiosa, e dizem os astrólogos romanos que nela há-de morrer um grande togato.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos como desejo, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 13 de Agôsto de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXXXIII

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1672 — Agôsto 13

Senhor. — Muitos tempos há que vivo desconfiado, não da vontade senão da memória de V. S.^a Vai a um ano que não vejo firma da mão de V. S.^a, nem uma carta de mão alheia; e, quando comparo esta diferença com a dos tempos passados e, olhando para o meu coração, o acho sempre o mesmo e sempre aos pés de V. S.^a, não posso deixar de me ver em uma grande suspensão, acompanhada de maior sentimento.

Açrescenta-me esta imaginação e escrúpulos dela a matéria das últimas duas cartas, que escrevi a V. S.^a o ano pas-

(1) Das armas de França.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.: mutilada. Restabelecido o texto pelos do códice 1724 da Biblioteca Nacional, e colecção manuscrita da Academia das Ciências. — *Obras do Padre António Vieira*, t. 11.^o

sado (1), e a sinceridade e zêlo com que manifestei a V. S.^a o meu parecer, e o juizo que faziam sôbre aquela matéria os homens mais doutos e timoratos da cabeça da Igreja, que sem ódio nem amor a consideram: O efeito mostrou quanto se enganaram os intérpretes daquele caso, e o justo sentimento do sacrilégio (2) convence a necessidade de se buscar pronto e breve remédio a tantos quantos se cometem occultamente, sem bastar o fogo para atalhar o incêndio; e, finalmente, o consultar a Sé Apostólica, e pôr a causa de Cristo nas mãos do vigário de Cristo, não é justificação mas consciência, a qual em tais circunstâncias não pode de outra sorte estar segura.

Isto é em suma o que dizia a V. S.^a naquelas cartas, referindo algumas admirações e execrações das pessoas que alegava, e as conseqüências da pureza da fé, honra e utilidades do reino que de aqui se seguiam. Se tudo pareceu mal a V. S.^a, não devia porém parecer mal nem o zêlo e serviço de Deus e do Príncipe, nem o ânimo e sinceridade com que escrevi, principalmente tendo-me V. S.^a ordenado que o fizesse. E todas estas considerações, e a ignorância das causas de tamanha diferença, não podem deixar de lastimar muito a quem sôbre tantas desatenções do reino, em que V. S.^a assiste, chega a cuidar que também isto podem ser influências suas. Se assim é não quero nem espero outra razão de V. S.^a, e com o silêncio, como atégora, a haverei por entendida; mas, se não é esta a causa, sirva-se V. S.^a, pelo que lhe merece o meu coração, de me livrar dêste cuidado.

Não deixarei contudo de confessar a V. S.^a que, contra

(1) De 24 de Outubro e 21 de Novembro de 1671, em que falava nos cristãos novos. *Supra*, p. 372 e 386.

(2) O desacato no templo de Odivelas. *Supra*, p. 353.

à presunção e tristeza dêstes pensamentos, se opõe o muito que sempre me escreve o Padre João Pimenta da firmeza do affecto de V. S.^a, e o muito que me referiu o Padre Pedro Juzarte, e ainda Manuel da Gama, dizendo-me recebera V. S.^a a minha carta com grandes demonstrações de contentamento (1); mas, como nem desta nem de nenhuma outra vi resposta, não basta a benignidade tão natural, e cortesia de V. S.^a, para desfazer tantos argumentos e tão interiores.

Eu, senhor, estou em Roma com mais comodidade da que desejo, nem quero de Portugal mais que o seu bem; e, pois me não sei mudar nem esquecer sôbre tantas ingratições, julgue V. S.^a se mereço um desengano, que é o que só peço.

Com esta dará a V. S.^a o Padre João Pimenta uma carta para S. A., que Deus guarde, em que peço outra para S. Santidade, em que se recomende eficazmente a causa dos quarenta mártires, de que se nos hão dado novas esperanças, e entendemos se quer fazer esta graça a instâncias de Suas Altezas. Não remeto a carta à secretaria porque importa a brevidade, e eu tenho tão pouco favor naquela casa como a V. S.^a é presente.

Também me torna a pedir Manuel da Gama, supondo-me na graça de V. S.^a, [o patrocine para com V. S.^a] (2). Eu, como não sei o estado em que estou, só o refiro a V. S.^a, protestando que de qualquer modo V. S.^a e o sr. Marquês me terão a seus pés.

(1) Carta de 9 de Abril por mão de Manuel da Gama de Pádua. Supra, p. 432.

(2) Falta a oração em colchetes no impresso, e no códice da Biblioteca Nacional.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e os criados de V. S.^a havemos mister.

Roma, 13 de Agôsto de 672. — Criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CCXXXIV

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Agôsto 16

Meu Senhor. — Não tenho muito que dizer a V. S.^a neste correio; muito que desejar me diga V. S.^a, sim.

Corre, e se confirma cada dia mais, que El-rei Crístianíssimo é passado a Paris, e se escreve constantemente de Turim que no primeiro dêste estaria nessa côrte, onde aos 8 seriam juntos os comissários de Inglaterra e Holanda, para o ajustamento desta guerra ou dêste triunfo. Estimo que seja assim, e me confirmo com os quinze dias de pão que V. S.^a me diz tinha El-rei mandado prevenir, sinal de marcha mais comprida. Ao menos, já que V. S.^a não foi ao campo, virá o campo a V. S.^a, e, pôsto que sem instruções, que em parte tenho por melhor, poderá V. S.^a acudir pela desamparadíssima Índia, da qual dizem que se não despegarão os holandeses, ainda que houvessem de perder tudo mais.

Escrevem que a Inglaterra chegaram doze naus, e nós estamos muito contentes com uma naveta que tinha chegado às Ilhas; mas, como se façam palanques no Terreiro do Paço e haja touros, o que está mais longe perca-se

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

embora. Estas são as ourelas de um pano que Deus teceu para cortar dêle o melhor Príncipe do mundo; mas cada um trata de se vestir, quando V. S.^a e eu choramos. *Super vestem meam miserunt sortem.*

Agora ouvi a um *politicone* romano que El-rei ficava com todas as praças conquistadas e as de Brabante; o Príncipe de Orange com o título e soberania de Holanda e Zelanda; Amsterdam, Rotterdam e Meldeburgo, feitas cidades hanseaticas; Flessinga com presidio de Inglaterra, e os demais aliados com o que lhes pertencer. Isto parece mais discurso que noticia certa, porque não vejo de onde ou por onde pudesse vir, não havendo correio extraordinário. Consolou-me não ouvir falar na Índia. Bem pudera a Mina (1) estar recuperada, com pouco mais que as três fragatas, que saíram ou estavam para sair à costa; mas eu leio que se tomou uma prêsa da mesma Mina com quatrocentos mil cruzados de ouro. Nem temos conhecimento nem sentimento. Contentamo-nos com que o Duque de Bragança seja rei de Portugal, e não nos dói que o rei de Portugal não seja o que era.

As armas de Sabóia continuam, e as de Génova lhes fazem tão poderosa opposição que dizem têm não só recuperado o que se lhes tomou na primeira invasão, senão que têm conquistado alguns dos confins com perda considerável dos saboiardos. Tudo isto serve só de acender o fogo, não bastando a o apagar a autoridade do Pontífice. Tem-se cada hora mais que a campanha de Holanda se passe a Itália: mas o temor não passa a remédio nem a grande cuidado. Poucos se lembram do sangue de S. Nicolau(2),

(1) A fortaleza de S. Jorge da Mina, perdida em 1637.

(2) Supra, p. 364.

e o sangue pode ser este, senão se embainhar a espada vitoriosa e, segundo se presume, ofendida.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 16 de Agôsto de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CCXXXV

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Agosto 23

Senhor meu. — Nesta suspensão do mundo espera todo êle com ânsia pelo fim de tão notáveis princípios (2); e eu, que interpreto a mesma suspensão a beneficio grande da Providência Divina, espero que ela queira suprir, como costuma, as nossas desatenções, dando tempo e lugar a nos aproveitarmos, pôsto que tarde, do que tempestivamente, se souberamos usar da ocasião, pudera ser e ter sido com tão vantajosas utilidades. Haver V. S.^a de assistir aos tratados é só o que me tem ressuscitado as esperanças, que totalmente estavam caídas e quasi mortas. De aqui trabalho o que posso, applicando ou dirigindo os remédios mais por infusão que em substância; e, segundo vejo, parece que aproveitam mais assim em estomagos tão estragados.

De Lisboa tive cartas de pessoa muito interior, em que me confessa tudo o que eu tenho gritado, e conclui dizendo que somos tontos, e que queremos ser mais escrupulosos

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) A paz entre França e as Províncias Unidas.

que El-rei D. João, a quem chama de saudosa memória. O pior é que chegam a fazer saudades outras memórias menos antigas, e de que nos não podemos lembrar sem vergonha. Também me diz a mesma pessoa que o presidente daquelas que sempre impugnaram êste remédio, está prontíssimo a tudo o que fôr conveniente ao estabelecimento e opulência do reino, acrescentando e aconselhando que nos ajudemos para isso do presente pontificado em tudo o que pode ser necessário(1). Veja V. S.^a se se pode desejar mais, e que fatalidade é a que no concurso de todas as causas impede os efeitos. Contudo me afirmam que o negócio está hoje de muito melhor ar, e que o desengano tem persuadido o que não pode a razão.

V. S.^a se aproveite destas notícias, que supponho terá V. S.^a mais expressas, para proceder mais animosamente; se bem a minha dor sempre se acomoda de má vontade a fazer partilhas do todo, que foi e devera e pudera ser nosso(2). Emfim V. S.^a está ao pé da obra, onde de mais perto vê as premissas e conseqüências de tudo, e o estado em que podem ficar os holandeses, e a firmeza da união entre França e Inglaterra, de que muitos duvidam, e a resolução que toma Espanha e o Império e mais peças dêste jôgo, sêm a compreensão do qual não podem mover pedra segura os que estão tão longe do tabuleiro.

De Lisboa não temos mais que a nova da morte do nosso amigo D. Teodósio(3), que me tem lastimado quanto êle me merecia. A Duquesa(4) está em breves esperanças

(1) Parece dêste trecho supôr António Vieira que o Inquisidor Geral estava de acôrdo com se concederem favores aos cristãos novos.

(2) A Índia, sôbre que imaginava se faziam negociações.

(3) Irmão do Duque de Cadaval.

(4) De Cadaval.

de dar sucessão àquela casa, com que o Duque consolará esta perda, que na sua estimação e sentimento não sei se é tão grande como nos que deviam ao defunto menos amor.

D. Francisco de Lima com a sua retirada deixou à misericórdia o que será do fisco, e, pois foi tirado da Índia, bem se poderá empregar nela (1); e fôra melhor que houvesse ficado em Portugal o que se levou para Galiza. Parecia-me a mim que, quando houve fundamentos para se meter o corpo no Castelejo (2), se pudera com os mesmos fazer um sequestro à fazenda; mas parte desta também ficaria nas mãos dos carcereiros.

Chegou alfim o correio que levou a nova do capelo do sr. Cardeal d'Estrées; e, para que V. S.^a veja quais são os officiais da secretaria, as cartas do Papa e Cardeal Patrão vieram por via do Núncio, e as da Rainha lançadas no correio, e nenhuma ao ministro que aqui tem S. A.

A guerra de Itália no mesmo estado, se bem com vantagem dos genoveses, e pouca ou nenhuma esperança de acomodamento; não parando porém, antes crescendo, os temores de que avisei a V. S.^a (3). Cá não estamos ao fogo das chaminés, porque toda Roma arde.

(1) D. Francisco de Lima, prêso em 1671 no castelo de Lisboa (Supra, p. 333), conseguira evadir-se em Julho (Cf. *Monstruosidades*, cit.). Tinha ido em 1643 para a Índia, onde foi capitão geral das armadas de remo e exercitou outros postos. Distinguiu-se em empresas de guerra, principalmente em Ceilão, e parece ter grangeado cabedal considerável, pois fez várias vezes adiantamentos à coroa, para socorro das fortalezas, e em particular para reedificação da de Sofala. Por êsses serviços recebeu muitas mercês, desde o tempo de D. João IV.

(2) Parte fortificada do castelo de S. Jorge, ao Norte, onde se alojava a guarnição e eram provavelmente as prisões.

(3) Supra, p. 486. O Duque de Sabóia fazia guerra à república de Génova, a instigação do govêrno francês.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como havemos mister.
Roma, 23 de Agôsto de 672. — Capelão e criado de
V. S.^a

António Vieira

CARTA CCXXXVI

Ao Duque de Cadaval (1)

1672 — Agôsto 27

Ex.^{mo} Sr. — Entre todos os criados de V. Ex.^a a nenhum tocou tão de perto êste golpe (2), nem penetrou mais interiormente, que a quem só faltava esta desgraça para não ter já no mundo que sentir nem que temer. Eu há muitos dias ia dispendo o ânimo para ella, procurando repará-la, se possível fôsse, com todas as fôrças humanas e divinas; mas a providência do céu, que criou para si aquella alma, não foi servida que a lograsse mais cedo a terra, que a não merecia.

Esta só consolação considero a V. Ex.^a em tamanha perda, emquanto o mesmo céu a não substitui com a companhia de outra prenda, que tanto será de maior alívio a V. Ex.^a quanto mais se parecer com o sr. D. Teodósio (3); e êste será de aqui por diante o emprêgo de minhas orações e sacrificios, como também o foi antes.

Em recebendo a carta de V. Ex.^a, fui logo ao palácio da sr.^a Duquesa (4), que já tinha lido a triste nova em carta

(1) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(2) A morte de D. Teodósio de Melo, irmão do Duque.

(3) Alusão ao nascimento esperado de um filho. Supra, p. 488.

(4) De Sermonetta, tia do Duque.

do Conde de Humanes (1), e bem necessário foi a S. Ex.^a todo o seu entendimento, valor e cristandade, e toda a assistência e juizo do Duque, para se conformar com a vontade de Deus, e lhe oferecer êste sacrificio, que em uma mãe não podia ser mais sensível.

Não diminuiu nada a dor de S. Ex.^a o não-ter visto ao sr. D. Teodósio, porque o via retratado nas suas cartas; sei contudo que deseja muito um retrato seu natural, não para recordo da memória, mas para consolação dos olhos, a quem tantas lágrimas tem custado.

Dei a nova ao nosso Padre Geral, que a sentiu grandemente, e além de outras muitas orações applicou logo mil missas pela alma do dito senhor, que entendo não tem já necessidade de sufrágios: e, pôsto que todos os meus sacrificios vão oferecidos a Deus por sua conta, igualmente me encomendo na sua intercessão e protecção, a qual tenho por muito segura e verdadeira, como príncipe que já é daquela côrte onde tudo é verdade.

V. Ex.^a me tem sempre a seus pés; e, ainda que me falta tão grande valia, espero que V. Ex.^a me tenha sempre na sua graça, e me conserve no foro que por ela alcancei de criado de V. Ex.^a, que Deus guarde muitos anos.

Roma, 27 de Agôsto de 1672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Embaixador de Espanha em Lisboa.

CARTA CCXXXVII

A Duarte Ribello de Macedo (1)

1672 — Setembro 6

Senhor meu. — Leio nesta última carta de V. S.^a o facto das primeiras acções, e o juizo ou juizos das futuras, e me conformo em tudo com o de V. S.^a Se não faz menção V. S.^a do exército de Alemanha, cujas tombetas, mais sonantes que as da nova invenção, nos atroam aqui os ouvidos, e neste socorro, que se supõe por infalível, se fundam todas as esperanças dos holandeses romanos, que excedem muito em número aos franceses: o certo é que o inverno se chega e o dito exército tarda.

Mas que me diz V. S.^a às novas que Madrid nos manda de Lisboa? Bem entendo que V. S.^a as haverá tido pelos nossos ministros, pôsto que o Marquês (2) as não refere; mas eu direi em suma o que aqui corre. Escrevem daquela côrte que o Enviado de França propôs ao nosso Príncipe, da parte de seu Rei, que rompesse guerra com Castela, e que, no caso que S. A. não quisesse vir nisso, êle, Rei de França, a romperia com Portugal cruel e poderosamente, e que traria da ilha a El-rei D. Afonso, e o restituiria à coroa, ajuntando que lhe pagassemos quatro milhões que tinha despendido nos socorros que nos deu. Até aqui a proposta: a qual ouvida pelo Príncipe dizem que fizera logo Conselho de Estado, e que os conselheiros todos, excepto um, foram de parecer que a dita guerra se acei-

(1) Inédita; autógrafo no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) De Gouveia.

tasse. Mas que sabido isto no povo, como se sabe tudo quanto se trata nos nossos conselhos, êle se amotinara, e que, parte em vozes, parte em cartazes fixados nos lugares públicos, ameaçava de queimar as casas de todos os que fôsem dêste voto, sem perdoar ao paço nem as mesmas pessoas reais, se tal guerra se resolvesse (1). Isto é o que corre por Roma, em diversas versões colhidas de diferentes cartas escritas de Madrid, sendo um dos que avisaram esta nova o mesmo Núncio, e alegando todos certo aviso do Conde de Humanes, mandado pela posta à Rainha. Não posso dizer a V. S.^a o ruído que aqui tem feito esta ou fábula ou notícia, recebida de quasi todos com aplauso, porque quasi todos hoje invejam aos franceses, e na suposição de uma proposta tão extraordinária dizem contra êles blasfêmias. Eu totalmente suspendo o juizo; e, se isto tem algum fundamento, só me parece possível a proposição de guerra com assistências e promessas, e não com ameaças. E que, se estas tiveram alguma ocasião, seria tomada ou coligida por conseqüências remotas de alguma palavra do ministro francês, que dizem é eficaz, e com a presente fortuna de seu amo se alargaria em algum discurso político. O certo é que quem aponta a ferida não a quer executar, e que esta era a que mais podia tocar no vivo a todos *utriusque sexus*. Finalmente, se houve tal motim e tais quarteis, também podia ser destreza das que nós não temos, para dar honesta côr à negativa. O correio nos dirá o que foi ou não foi, e o que podemos temer ou esperar.

A guerra de aqui continua a favor de Génova, e como

(1) A nova da ameaça de guerra pela França era falsa; mas em Lisboa discutia-se a proposta, e (refere o autor das *Monstruosidades*) — «andava tão acesa a prática que se temia algum alvoroço».

esta República, por sua devoção, tudo attribui a Nossa Senhora, observando que sempre as suas festas lhe deram nova vitória, esperamos agora qual será nesta semana a do dia da Natividade (1). Sinto que V. S.^a esteja tão mal assistido, nem vejo que da nova junta possa sair cousa que nos remedeie, havendo de ser tanto maior a desunião quantos mais forem os votos.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 6 de Setembro de 1672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXXXVIII

A D. Rodrigo de Meneses (2)

1672 — Setembro 10

Meu Senhor. — Prometi escrever a V. S.^a sôbre os meus particulares; mas o comum não sofre que me lembre de mim.

Chegou aqui nova, mandada de Madrid a Roma pelo Núncio de Castela, e de Lisboa a Madrid, segundo se refere, pelo Conde de Humanes em correio extraordinário, que nesta côrte tem feito grande ruido, e assim me causa grande cuidado.

Confirmou-se o mesmo aviso por várias cartas, e todas

(1) Os genoveses tinham-se apossado em 15 de Agôsto da praça de Oneglia, rendendo-se à discricção os saboianos occupantes.

(2) Publicada pela primeira vez em *Obras Inéditas do Padre António Vieira*, Lisboa, 1857, t. 3.^o

vêm a dizer que o ministro de França fez a S. A. uma proposição de guerra contra Castela, acompanhada de ameaças e feiússimas circunstâncias, uma das quais é a restituição de El-rei D. Afonso; que seus parciais tinham fixados papéis descomedidos nos lugares públicos, e até nas portas do paço; que S. A. fizera Conselho de Estado, e que todos os votos, excepto um, foram de que a guerra se fizesse a Castela; mas o povo, tendo esta notícia, ameaçava incêndios às casas dos conselheiros, e ainda a outras mais sagradas; e que tudo estava em grande confusão.

As gazetas de Inglaterra, referindo parte disto, dizem que o fogo do Faial se ateava na Terceira (1), e que El-rei D. Afonso, a quem não faltavam amigos naquele reino, estava com boa saúde. As de França, queixando-se de certo contrato quebrado pelos turcos sôbre os negócios do Levante, dizem que se refarão com os da Índia Oriental, ao qual se applicarão os mercadores com maiores cabedais. De tudo isto, senhor, algumas cousas creio, outras duvido, e sôbre outras discorro diversamente; mas todas temo.

Não ponho muito dúvida que França nos proponha a guerra contra Castela; pois não será esta a primeira vez. As ameaças não posso crer, mas ouço que o ministro francês é demasiadamente eficaz, e que, assoprado da fortuna presente de seu amo, em alguma conversação ou discurso político se poderia alargar a qualquer palavra.

Também considero que os votos dos conselheiros, e alvoroço do povo, poderia ser indústria de satisfazer a

(1) Comunicação de D. Rodrigo de Macedo em 26 de Agosto: «D. Francisco de Melo me escreve correr em Inglaterra que na ilha do Faial se haviam aberto dezassete volcões, com tamanho dano e perigo da terra, que os moradores se passavam às outras ilhas». (*Cartas*, vol. cit.).

França; mas não ajuda nada o crédito que o povo tenha ou se lhe dê tanta mão. Todos estes inconvenientes acarreta a necessidade a quem a não quer prevenir de longe.

Tenha sido ou não sido o que quer que fôr, só digo a V. S.^a resolutíssimamente que Castela, França, Inglaterra e Holanda são inimigos piores que declarados, e que não tardarão muito em se declarar. Castela quer Portugal; Inglaterra e França querem Índia e Brasil; e Holanda quer na Índia o que possui e no Brasil o que perdeu: nisto não há dúvida. E, porque todos estes interessados vêem que na ocasião presente podemos recuperar na Índia ou tudo ou parte do perdido, por isso todos e de todas as partes nos pedem navios e gente, que são os instrumentos da nossa restauração; e, porque não conseguem isto, ao menos nos querem inquietar e atemorizar dentro em casa, para que não obremos fora.

Isto deve S. A. (1) ter por infalível, e executar pronta e eficazmente o que mais convier, empregando-se nisto tudo o que houver fora da Igreja, e também nela e nos altares, se fôr necessário; porque é servir a Deus com o ~~nosso~~ e com o seu.

Ah! meu senhor, quanto tomara uma hora em que falar, gritar e chorar com V. S.^a aos pés de S. A.!

Agora é que começa a guerra; porque contra Castela ajudaram-nos todos, e hoje Castela e todos são e hão-de ser contrários.

Quando se fala em aliança nossa com Inglaterra e França sôbre a Índia, perco a paciência, lembrando-me do que tantas vezes disse da Companhia Oriental, com que houvéramos recuperado o nosso mui facilmente, ou nesta ocasião ou antes dela; mas o passado não tem remédio, e

(1) E não *Sua Majestade*, como em *Obras inéditas*.

o presente está em termos que poderá cuidar França e Inglaterra que nos não haverão mister na Índia, e que sem nova guerra sucederão no bom ou mau direito dos holandeses.

No meio de tão grande mal menos mal, nos será a liga, pôsto que meias e partilhas com companheiros tão poderosos sempre são de temer; mas ainda estamos em estado, se quisermos, que possamos ser temidos, principalmente naquelas terras e mares onde o nosso valor nasceu e é natural.

Tenho a particular providência divina estes embarcos, que Holanda pôs ao curso das vitórias de França, para que, com a guerra, a diversão nos dê tempo de acordar e obrar (1).

V. S.^a perdôe o meu zêlo; e, se o fundamento do que se escreveu de Madrid não subsiste, nem por isso despreze V. S.^a estes meus temores; porque basta ser possível o que se diz, para que não faltemos à prevenção, principalmente sendo certas e infalíveis as pretensões dos que querem senhorear e lograr o que Deus e o nosso sangue nos deu com tanta honra.

Beijo mil vezes a mão ao Marquês (2), meu senhor, a quem desejo ver entre mãos o manejo de tudo isto, para que conserve S. Ex.^a o que conquistou, e conquiste o demais. O seu nome é famosíssimo no mundo, e pasma o mesmo mundo de o ver hoje com silêncio.

Não vem fora dêste propósito dizerem-me que se de-seja nêsse reino, para compor a história da guerra passada, o Padre Macedo, que o fará com estilo mui conhecido e

(1) *Tenha a particular providência e guerra e divisão* se imprimiu em *Obras Inéditas*, lição que parece defeituosa.

(2) De Marialva.

com a maior prontidão: tem notícias disto, mas aconselham-no cardeais seus amigos (um dos quais me disse) que não deixe o seu lugar e cadeira que tem em Itália sem ser chamado por carta de S. A. (1).

O Padre António de Macedo há-de falar a V. S.^a nisto, e todo o favor que V. S.^a lhe fizer estimarei eu muito; porque, além de ser meu amigo, é esta uma matéria de grande crédito do reino, e [em] que a casa de V. S.^a terá a maior parte da glória.

Guarde Deus a V. S.^a, como desejo, muitos anos e como havemos mister.

Roma, 10 de Setembro de 1672 — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXXXIX

Ao Marquês de Gouveia (2)

1672 — Setembro 10

Ex.^{mo} Sr. — Merece o meu affecto a V. Ex.^a o cuidado, que V. Ex.^a por sua grandeza me faz mercê significar, de minha saúde. O estio se vai despedindo e, com ameaçar o inverno, foi êle tão rigoroso que quasi o faz desejar; mas tudo será tolerável com que V. Ex.^a passe sem queixa e com a inteira saúde que havemos mister.

Também não repito as novas do Norte, porque nessa côrte se sabem igualmente, ou se ignoram como nesta,

(1) Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo, nêsse tempo catedrático de filosofia moral na universidade de Pádua.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

onde não só os discursos são diversos como os desejos, mas também os factos se dividem em opiniões. As do exército de Alemanha, de que parece depende tudo, não são inteligíveis; o certo é que tarda, não só porque se espera, mas porque Montecuculli se move com os passos da gôta e da velhice (1). Cuida-se que não só Suécia é a rémora, mas também alguns príncipes do mesmo Império, que não querem gente armada nos seus Estados. Doreskenko, general dos cossacos rebeldes, ajudado de tártaros e turcos, deu uma grande rota aos de Polónia, com que dizem se acha o reino em igual consternação, e com o exército do Turco assediando a mais forte praça das suas fronteiras.

Tem feito grande ruido nesta côrte uma nova mandada dessa pelo Núncio e outras pessoas de autoridade, em que se refere que no nosso reino há grandes sedições e motins, por não sei que propostas do ministro de França, em que se fala em guerra contra Espanha e restituição de El-rei D. Afonso. Esperamos com ânsia o correio de Lisboa, que nos tire dêste cuidado, que sôbre tantos outros não é pequeno. Lembre-se Deus da Índia, do Brasil e de tudo, e a V. Ex.^a guarde muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 10 de Setembro de 672.

No correio passado pedi a V. Ex.^a favor para a pretensão de certo ministro de Nápoles (2); mas é tal a subtileza italiana, que me advertiu a pessoa interessada que a diligência do maior ministro de outra coroa, se fôsse conhe-

(1) Monteculli, que comandava as tropas imperiais contra os franceses, nasceu em 1609.

(2) Falta a carta.

cida, podia fazer mal ao negócio. Represento a V. Ex.^a este escrúpulo; por isso mesmo estimarei mais o bom efeito, que torno a pedir a V. Ex.^a com o mesmo encarecimento. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXL

A Duarte Ribeiro de Macedo(1)

1672 — Setembro 13

Meu Senhor. — Mereço a V. S.^a todo o cuidado que V. S.^a dá a minha saúde, pôsto que ela não mereça nenhum cuidado, e quando se perde tão pouco numa vida de tão pouco préstimo. O certo é que os outros me conhecem, e só V. S.^a me ama, com que não posso deixar de agradecer muito a V. S.^a este affectuoso engano.

Já disse a V. S.^a o ruído que fez nesta côrte, e o cuidado que nos tem pôsto, aquele aviso de Madrid(2), que os franceses negam e os espanhóis publicam, uns para acrescentar a inveja, outros por defender a honra. E eu me ponho sempre da parte destes, pois não devemos condenar os amigos pela informação dos inimigos. Mas bom é acautelar dos que o são, e temer os que o podem ser, e fazer que o sejam uns e outros, o que só se pode conseguir pondo-nos em estado que nos hajam mister.

A queixa de V. S.^a não ser assistido só poderá ter consolação nos companheiros: Roma e Inglaterra se acham no

(1) Inédita; autógrafo no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Supra, p. 492.

mesmo estado, e não sei se também Madrid. Os ministros desta última côrte me parece pelas suas cartas que não estão muito conformes, nem nos ditames nem na correspondência, com que o supremo tribunal terá em que eleger, se não tomar por resolução o não resolver-se, que é o mais fácil, e o que mais se costuma na nossa terra, e o que perde a todos os que se perdem.

* O exército de Alemanha também aqui é ininteligível: suponho que dêle e das suas determinações dependem todas, e que nenhum dos príncipes interessados sabe até agora o que há de fazer, mais que com a sciência média. A ninguém é mais proveitosa esta suspensão que a nós, se nós também não estivermos suspensos. Eu devendo calar falo, porque devendo não amar amo. E já me tenho queixado muitas vezes a V. S.^a de mim, e dêste meu coração, tão meu inimigo e tão amante de quem não tem razão de o ser. Não quero ter mais pátria que o mundo, e não acabo de acabar comigo não ser português. Êste é o mal de que V. S.^a padece, e sem remédio; querendo V. S.^a dar-lho e podendo, e só não querendo quem pode.

No dia em que aqui chegou a nova de D. Teodósio (1), tinham seus tios os Duques de Sermoneta ajustado para êle o Deado de Évora, de que S. Santidade tinha feito graça à Duquesa, e a mesma Duquesa quis que passasse a Cristóvam de Chaves de Abreu, sobrinho do nosso Residente, que já tem na mão êste grande despacho. Por isso (e não era esta a principal razão) desejava eu que V. S.^a mudasse de côrte, porque na de Paris não se logram estes percalços. Queira Deus que saiba o remunerador da terra pensar estas diferenças, pois abalanzado seu juizo é tão capaz para tudo. Mas eu me atenho ao do céu, e só o quisera

(1) Da sua morte.

saber servir a elle, pôsto não acerto. V. S.^a faça por Deus o que faz, e terá uma coroa de mártir na outra vida, pelo que merece tantas palmas nesta. Não pude reconhecer as cartas; fa-lo-ei no correio seguinte, e haverá mais matéria se o de Lisboa, que esperamos amanhã, nos confirmar, ou desfizer, como eu cuido, estas novas de Castela. Da guerra de Génova não temos novidade, nem aqui há de presente outra.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 13 de Setembro de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXLI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Setembro 24

Ex.^{mo} Sr. — Não me diz V. Ex.^a quanto tenha ajudado o verão os medicamentos; e dêste silêncio de queixas infiro e interpreto a grande melhoria ou inteira saúde que desejo, e de que dou a V. Ex.^a o parabém.

Êste correio nos livrou do cuidado em que nos tinham posto as novas da nossa côrte, que dessa se espalharam, as quais eu sempre tive por falsas ou muito duvidosas, advertindo que nem na carta do Residente nem na minha fazia V. Ex.^a menção de tal cousa, com que a secretaria de V. Ex.^a não aquistou pouco crédito com os primeiros ministros, que, avisados do seu, quizeram informar de nós.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

Emfim parece que o exército de Alemanha vai desenganando os que o não criam ou mostravam desprezá-lo, e só com se avizinhar às fronteiras tem feito levantar os sítios de Groningen e Mastrich, ficando êste sòmente bloqueado, e havendo-se passado Turena ao Reno com as suas tropas, para que, juntas com as de Munster e Colónia, esperem os designs das imperiais e lhe façam opposição; entretanto Orange se estabelece, e os povos o ajudam a desfazer a república e nome de Estados.

Se V. Ex.^a ouvir dizer que o Padre Vieira prègou em Roma em lingua italiana, não condene V. Ex.^a a temeridade, porque êle a teve por tal, e resistiu sempre, não só aos empenhos de grandes senhores desta còrte, mas ao desejo e instâncias do seu Geral, o qual por última resolução lhe pôs obediência que prègasse, respondendo a todas as objecções que êle lhe mandava que se desonrasse a si, e o desonrasse a êle e desonrasse a Companhia; e assim o fiz.

Deus guarde a Excelentissima pessoa de V. Ex.^a como o nosso reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 24 de Setembro de 672.

Dizem as gazetas impressas que de Portugal vêm dois mil infantes em socorro de Sabóia, de que creio o que devo. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXLII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Setembro 26

Senhor meu. — Êste correio não tive carta de V. S.^a, nem o nosso Residente me disse se a tivera. E pois falamos nêste ministro, digo a V. S.^a que eu lhe não comunico cousa alguma das que V. S.^a me participa, porque não entenda êle a confiança, ou maior confiança, que V. S.^a faz de mim. E pela mesma razão peço a V. S.^a que, se alguma vez eu entrar nas cartas de V. S.^a escritas a êle, não seja com tão descoberta afeição como a que vi em alguma, em que V. S.^a se doía da minha enfermidade, porque tenho fundamentos para cuidar que a diferença dos meus ditames, e da maior eficácia com que eu desejara se trataram aqui alguns particulares do nosso reino, me tem um pouco fora da sua graça. O certo é que eu, por lhe acrescentar autoridade, não reparo em alguns pontos, não digo da minha (que não é autoridade), mas da da minha religião, com quem êle tem menos correspondência do que em Lisboa os embaixadores das coroas.

Corre aqui por certo que o exército germânico ou tem chegado ou vai chegando às ribeiras do Reno (2); e que por esta causa o bispo de Munster levantou o assedio de Groningen, e Turena o de Mastrich, deixando-a sòmente bloqueada (3) como de antes estava, e que as tropas de um e outro, com as de Polónia, se uniam nas fronteiras dos países con-

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) *Do Rhim* no autógrafo.

(3) Na carta antecedente, p. 503, escreveu: *bloqueado*.

quistados ou aliados, a esperar os intentos dos imperiais, e lhe fazer opposição no caso de quererem passar os seus limites.

Não posso deixar de dar conta a V. S.^a que um dia destes me obrigaram a prègar em italiano, em uma das maiores solenidades desta Cúria (1). E porque V. S.^a o não attribua a temeridade, não havendo eu feito estudo algum desta língua, quero que seja presente a V. S.^a que fiz por mais de um mês as mais obstinadas resistências, até que o nosso Padre Geral, que é o mais empenhado em que eu prègue, me mandou por obediência o fizesse; respondendo às objecções que últimamente lhe fiz, fundadas na impossibilidade minha e crédito da Religião, estas formais palavras: «Quero que V. R.^a se desonre a si e me desonre a mim e desonre a Companhia, e assim o mando a V. R.^a». Este foi o preceito. Eu cuido que o cumpri à risca, mas o auditório disse que não. V. S.^a me creia a mim, que ao menos tenho bom voto na matéria.

Espero com cuidado a continuação do tratado da Inglaterra, ou dissolução dêle. Os avisos de Madrid dizem que nós na Índia, em companhia dos franceses, com igual número de navios temos recuperado Ceilão; e as gazetas publicam que damos mais mil infantes a Sabóia contra Génova, que de uma e outra parte não se fazem hostilidade mas acrescentam poder. Tão pouco creio uma cousa como outra.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 26 de Setembro de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) O sermão das Chagas de S. Francisco, vertido a português no t. 12.º da 1.ª ed. dos *Sermões*.

CARTA CCXLIII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Outubro 3

Ex.^{mo} Sr. — Do desenfado desta última carta de V. Ex.^a vejo que ou a queixa dos achaques tem totalmente cansado, ou dá bastantes tréguas à guerra tão porfiada e importuna. Eu recebi a dita carta na mesma hora em que entrava a fazer os exercícios, que ontem se terminaram com as vésperas de S. Francisco; e bem necessários me eram oito dias de meditação, para me não desvanecerem os favores, ou verdadeiramente graças, com que V. Ex.^a me honra. Vá por diante a saúde, que é o que nos importa e eu desejo, e a mim me basta dêste mundo ter sempre seguro o meu lugar aos pés de V. Ex.^a

Mais cuidado me deram os avisos do Conde de Humanes, se lhe não tiveram tão diminuída a fé as experiências dos passados; contudo há carta em Roma em que avisam de Paris que Chumberg (2) passa a Portugal, e que já tem partido; mas também os evangelhos daquela côrte não são canónicos.

O termo da suspensão das armas entre Sabóia e Génova se acabou ontem, e pôsto que de uma e outra parte estão nomeados commissários para o tratado de paz, e que o lugar do congresso seja o Casal, duvida-se muito da conclusão, pela muita gente de França que se vai juntando em Asti e Penharola, e inteligências secretas que se afirma

(1) No t.^o 1.^o da 1.^a ed.

(2) Schomberg.

ter aquele rei com o Duque de Mântua. O certo é que os genoveses se não fiam, e vão crescendo as suas tropas, para govêrno das quais se chamaram os nossos dois soldados Pesinga e Vanichelli (1), a um dos quais deram a superintendência da Ribeira do Poente, ao outro a de Levante.

Na mesma Génova se acharam estes dias D. Francisco de Lima, que passará ali o inverno, e com a primavera o teremos em Roma, e o Conde de Mesquitela, que se não sabe por onde veio e ao presente fica na côrte do Grão-Duque. Só falta nesta scena a alma do Marquês de Sande para se inteirar a tragédia (2).

Os dois exércitos não querem acabar de avistar-se, como nem Polónia de unir-se; antes se escreve nesta posta que, com as novas de exércitos, se começa a pôr em campo, e a parcialidade contrária não se receia de guerras civis. O Turco mandou cortar a cabeça ao general que levantou o assédio de Leopólis, e se intende quer invernar fora de casa.

Ante-ontem, vindo em carroça o Patriarca, não sei se de Jerusalém se de Alexandria, lhe atiraram quatro arcabuzadas de que ficou mal ferido. Tinha êste prelado o

(1) Um e outro tinham servido nas guerras da Restauração. Pedro Picinga (Opecinga nos documentos portuguezes) siciliano, veio para Portugal em 1654, e foi Mestre de campo no Alentejo; comandava em Évora, quando a cidade se rendeu a D. João de Áustria, em 1663. João Vannicelli, romano, esteve de 1653 a 1662; Mestre de campo General, distinguiu-se nas linhas de Elvas, e em outras acções notáveis. (Cf. Cristóvam Aires, *História do exército portuguezs*. Provas, t. 4.º).

(2) D. Francisco de Lima tinha-se evadido do castelo de Lisboa (Supra, p. 489); o Conde de Mesquitela, desterrado para a Índia em 1661, evadira-se igualmente; culpados ambos da morte do Marquês de Sande, em 1667.

governo de certo recolhimento de senhoras, uma das quais, por ser herdeira de grande casa, entre ela se reparte a suspeita dêste caso, que em Roma é inaudito e de perniciosíssimo exemplo.

O Cardeal Ursino (1) está muito contente com lhe haverem chegado de Portugal as suas pensões. É Protector de França e de Polónia e nosso; e tem capacidade para tudo, se os interesses de tantas coroas a tiverem para se não encontrarem.

Deus guarde a V. Ex.^a etc. (2).

Roma, 3 de Outubro de 1672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLXIV

Ao Marquês de Gouveia (3)

1672 — Outubro 8

Ex.^{mo} Sr. — Dou a V. Ex.^a as graças pelas relações ultramarinas, de que veio acompanhada esta última de V. Ex.^a, se bem a melhor de todas, e para mim de maior estimação, é lograr V. Ex.^a a saúde que lhe desejo, sem o cuidado em que nos pôs o inverno passado.

Verdadeiramente não sou dos mais orgulhosos no de-

(1) Virgínio Orsino, cardeal nomeado por Urbano VIII, muito adicto aos interesses de França. Não se confunda com Vicente Orsino de Gravina, nomeado por Clemente X, e que depois foi Pontífice.

(2) Assim na 1.^a ed.

(3) No t. 1.^o da 1.^a ed.

sejo dos fins, pôsto que se representem muito úteis; e só sinto que na nossa terra se não trate tão prontamente dos meios, como pede a necessidade. Nem sou tão amigo de companhia que, em muitas matérias, não tenha por mais verdadeira máxima: *Antes só que bem acompanhado*. Isto é o que sempre me dói, e grito quanto posso contra os que nos querem ligados contra a Índia, onde é melhor ter um inimigo que três, todos desiguais na fé e maiores no poder (1).

Se eu conhecera os arcanos de Portugal, e até onde chegam as chaves do seu segredo, consolara-me com as considerações dêste; mas todos os nossos pensamentos sabem-se primeiro no mundo que nos conselhos de Estado. E, ainda que êstes saíram muito acertados, como eu presumo, e fôssem muito secretos, as razões (2) não são as que sustentam os Estados, senão as execuções; e estas nem as há, nem as pode haver sem meios. De boa vontade trocara eu todos os nossos segredos e conselhos com que se soubesse em França, Inglaterra e Castela que tínhamos no Tejo uma muito poderosa armada, e muito dinheiro com que armar outras, e grandes exércitos, quando nos fôssem necessários; porque só isto causa respeito nos inimigos, e mantém o amor ou correspondência dos amigos. Fôra-o eu de todos, e cuidara de todos que podem não o ser; e fiara-me só do meu, com tal desconfiança que sempre o fôra acrescentando e fazendo mais seguro. Se isto é murmuração, isto é o que murmura o meu amor, tendo por companheiros todos aqueles que com amor ou sem êle olham para as nossas cousas.

(1) *Melhor um só inimigo* — Holanda, que três — França, Inglaterra e Castela. Veja-se abaixo.

(2) *Resoluções*, na coleção da Academia das Ciências, t. 9.º

Morreu o Cardeal de Este⁽¹⁾, com que estão vagos três capelos, que serão provavelmente de Colona, Rospiliosi e Crecêncio. A guerra de Itália crê-se que sem dúvida se porá em paz brevemente. A de Holanda depende dos dois exércitos, que distavam só uma jornada, segundo⁽²⁾ dizem os últimos avisos.

Corre por certo que o Turco tem tomado Kaminies, chave de Polónia, e que a Hungria com alguns socorros do mesmo Turco se começava a sublevar, tendo já tomado alguma cidade e obrigado a se retirarem alguns presidios do Império, que por ocasião do exército se haviam diminuído.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa V. Ex.^a muitos anos, como os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 8 de Novembro de 1672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXLV

A Duarte Ribeiro de Macedo⁽³⁾

1672 — Outubro 8

Senhor meu. — Muita razão tem V. S.^a de duvidar da minha saúde, quando falta carta minha em algum correio, e assim foi no passado: entrou o inverno com tanto rigor,

(1) Reinaldo de Este, da casa reinante de Modena; grande amigo e co-protector de França.

(2) Assim na coleção da Academia das Ciências, t. 9.^o *Segredo* lê-se na 1.^a ed., o que deve ser errado.

(3) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

que há muitos dias ando mui maltratado, estando alguns de cama, de que ainda mal me levanto, sendo porém atégora maior a moléstia que o perigo. Acrescenta-se a êste trabalho o da applicação à lingua italiana, e quererem à força que fale nela em público, que é a mais terrível obediência que se podia impor à minha idade; mas lembro-me do que a S. Pedro disse Cristo: *Cum esses junior, cingebas te; postquam autem senueris, alius cinget te et ducet te quo non vis.* V. S.^a me tenha compaixão, porque sôbre êste insupportável jugo se acrescenta ainda a boa tenção de quem assim me carrega a cerviz (1), dourando-a com não sei que fins, cuja apreensão é ainda mais repugnante à vida e ao descanso que os mesmos meios. Seja Deus bemdito, que assim o quer.

Aqui não temos mais que a publicação de um jubileu universal, pelas guerras de Polónia e paz entre os príncipes cristãos, com procissão que o Papa há-de fazer esta semana à igreja de Santo Estanslau, que é da mesma coroa. Tudo pode Deus fazer, e não será pequeno argumento da sua particular providência se virmos acomodados os príncipes, sendo tão opostos os seus interêsses e tão custosos os seus empenhos.

Desta concórdia ou guerra entendo bem que depende a abertura do novo tratado, razão porque nos devíamos ~~faz~~ principalmente do nosso e tratar dêle.

De Itália me escreveu pessoa, que o pode saber, que em Lisboa se fazia uma junta do desempenho para as rendas reais; mas, segundó me disseram depois, é negócio que virá a ter efeito de aqui a setenta ou oitenta anos, e de presente nenhum lucro. *Carpent tua poma nepotes.*

(1) O Geral da Companhia, Padre João Paulo Oliva. Supra, p. 501 e 504.

As armas do Duque e república estão suspensas por um mês; mas não se tem a paz por segura, pôsto que a reputação de Sabóia com os sucessos próximos se estime já restaurada. Os genoveses chamaram de aqui a D. Pedro Pecinga para governar suas armas, com bons partidos, sinal que nem êles se asseguram.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 8 de Outubro de 672. — Capelão criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXLVI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Outubro 22

Ex.^{mo} Sr. — Grande susto me causou esta carta de V. Ex.^a com as primeiras regras, lembrado da erisipola de Lisboa. Como Deus foi servido que V. Ex.^a livrasse tão brevemente, pôsto que com a pensão de seis sangrias, que nessa terra é um número inaudito, dou ao mesmo Senhor as graças e a V. Ex.^a o parabém, sendo circunstância para mim de grande estimação que uma e outra nova pudessem vir juntas no mesmo correio, que é a única conveniência ou desconto, com que alguma vez se saboreiam as pensões da ausência, sabendo-se os males depois de passados.

Beijo mil vezes a mão de V. Ex.^a, pelo extrêmo favor com que, sem embargo do achaque, na mesma manhã foi servido tomar tanto debaixo de sua protecção o requeri-

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

mento ou despacho do meu recomendado (1). Nem podia nesta côrte e casa haver para mim maior crédito que saber-se nela me faz V. Ex.^a tão particularmente mercê. Os escrúpulos de que fiz aviso a V. Ex.^a na segunda instância se converteram agora em dobradas esperanças, e as pessoas empenhadas se prometem o que pretendem com tanta segurança como se já o tiveram alcançado, de que eu não duvido, e o torno a suplicar a V. Ex.^a com todo o encarecimento, porque cada dia crescem mais as obrigações que devo ao irmão do pretendente.

V. Ex.^a se não quiz vingar de mim, e eu o faço com o sermão incluso, que tão pouco merece os portes (2). Mandou-me o Padre Geral que prégasse em italiano, e não bastaram as minhas tão justificadas resistências para que me não pusesse obediência; e o pior é que, sendo este o primeiro, não querem os Eminentísimos que seja o último, e já me têm intimado duas capelas, em que se ajunta o Sagrado Colégio, podendo ter por agouro quererem ouvir uma língua bárbara.

Polónia está quasi occupada pelo Turco, e, a bom livrar, ficará este com duas provincias, de Podolia e Ukrânia, confinantes por uma parte com os seus Estados, e pelas outras três com a mesma Polónia, Alemanha e Hungria; e de aí com passo aberto para Itália. Começa esta vizinhança a dar grande cuidado em Roma, e se fizeram já várias congregações de Estado, em que mais se reconhece o perigo do que se acha o remédio. Fala-se em Bula da Cruzada, que é meio, sobre pouco efectivo, geralmente mal aceito. Alguma pessoa bem grande sei eu que põe os olhos na re-

(1) *Supra*, p. 499.

(2) O sermão das Chagas de S. Francisco; *supra*, p. 505.

tirada de Portugal(1), e me comunicou êste pensamento; não de zombaria. Se é o primeiro que o diz, não será o primeiro que o predisse(2). O certo é que êste acidente fará mudar a scena a toda a Europa.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como eu e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 22 de Outubro de 1672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXLVII

A D. Rodrigo de Meneses(3)

1672 — Outubro 22

Senhor. — Duas vezes tomei a pena para falar a V. S.^a nos meus particulares, em conformidade do que V. S.^a foi servido avisar-me na última, mas sempre me divertiu dêste intento o zêlo da pátria e do serviço de S. A., sôbre que disse tantos disparates como V. S.^a se haverá cansado de ler, mas todos nascidos daquele coração cujas culpas V. S.^a me perdoa sempre.

Agora falarei em mim e de mim brevissimamente. Com esta vai um sermão que o Padre Geral me obrigou a prègar em língua italiana, como há muito tempo deseja. E,

(1) Isto é: em retirar-se para lá o Pontífice.

(2) Vieira nas *Esperanças de Portugal*, vaticinava a entrada do Turco em Roma, e a união do Papa com o Rei D. João IV ressuscitado; designadamente no t. 1.^o desta edição, p. 133.

(3) No t. 2.^o da 1.^a ed., mutilada em dois lugares. Completo o texto segundo o códice 1.724 da Biblioteca Nacional.

sem embãrgo dos defeitos de pronúncia de que nêle me desculpo, foi tão bem recebido dos cardeais e grandes desta côrte, que o mesmo Padre Geral me tem avisado para prègar em dois congressos, em que assiste junto todo o Sagrado Colégio, a instâncias das mesmas Eminências. É o Padre Geral o único prègador que tem o Papa, e o maior de Itália, e quer êle e muitos que eu lhe suceda no officio.

Também querem que eu seja Assistente das Províncias de Portugal, a que tenho resistido fortíssimamente, e qualquer dêstes grilhões, ainda que tão dourados, me prendirão de maneira em Roma que morrerei nela, pôsto que me dure muito a vida, e ajudarão não pouco a me a abreviar, sôbre outros grandes inconvenientes e pensões muito alheias dos meus intentos, e da quietação com que me quisesa aparelhar para a morte.

Sei a língua do Maranhão e a portuguesa, e é grande desgraça que, podendo servir com qualquer delas à minha pátria e ao meu príncipe, haja nesta idade de estudar uma língua estrangeira, para servir, e sem fruto, a gostos também estrangeiros. Acrescenta-se que, com qualquer destas occupações, não poderei acabar nem imprimir os meus livros, assim latinos como portugueses, em que tanto tenho trabalhado, e dos que os viram e não viram são muito desejados. Falo com esta sinceridade a V. S.^a porque falo com V. S.^a, e com a mesma espero que V. S.^a breve e efectivamente se sirva responder-me, para que eu possa tomar as medidas à minha vida. Se S. A., ou no Reino ou nas Conquistas, se quer servir de mim, importa que logo logo me mande escrever uma carta, que eu possa mostrar, com ordem muito apertada em que o diga assim, e me mande ir para Portugal; e quando V. S.^a não ache esta vontade e disposição muito verdadeira e sólida no ânimo de S. A., peço a V. S.^a que, com a mesma verdade

e brevidade, se sirva avisar-me por duas regras de sua mão, para que eu com êste desengano saiba o que hei-de fazer de mim, prometendo a V. S.^a que, quando vá buscar a quietação que só desejo a outro reino, não será para viver na côrte de nenhum outro príncipe, pôsto que saiba que só no da senhora Rainha de Inglaterra não serei bem recebido, por aquele sermão que lhe custou muitas lagrimas, em que defendi o direito de S. A., de que tenho em meu poder testemunho autêntico (1).

A mercê que me deseja fazer o Duque Inquisidor Geral (2) é muito conforme a sua grandeza, justiça, piedade e letras. Muitas proposições das que me impuseram não são minhas, mas ainda assim, vistas umas e outras pelas pessoas mais doudas de Roma, todas concordam em que nenhuma é merecedora de censura teológica, porque umas são de fé, outras certas, e as demais quando menos prováveis; e se admiram todos do modo com que foi tratado por juizes portuguezes e condenado um assunto de suma glória da Igreja e de Portugal.

Tenho em grande altura um livro latino intitulado o *Quinto Império*, ou *Império consumado de Cristo*, que vem a ser a *Clavis Profetarum*; e ninguém o lê sem admiração, e sem o julgar por importantíssimo à intelligência das escrituras proféticas. Toda a minha desgraça esteve no tempo, e em me não ouvir o senhor Inquisidor Geral presente, que eu desejara muito me ouvisse, com palavra sua de que me concederá revista e me ouvirá, como em tantos casos tem feito a Inquisição suprema de Roma, à qual o Padre Geral não quis que eu recorresse, por guardar res-

(1) O sermão no aniversário da Rainha D. Maria Francisca, em Junho de 1668.

(2) O Duque de Aveiro, D. Pedro de Lencastre.

peito à de Portugal; e com a ordem que digo de S. A. estou pronto a me partir logo.

Tenho-me confessado com V. S.^a; V. S.^a conforme o que achar nêstes dois tribunais me mandará a absolvição ou a penitência.

E Deus me guarde a V. S.^a e ao sr. Marquês muitos anos, como hei mister.

Roma, 22 de Outubro de 1672. — Criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CCXLVIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Outubro 25

Senhor meu. — Não gostarão os holandeses desta terra (2) com as novas dêste correio, e é cousa digna de espanto e lástima que tenham ainda atenções para os interesses alheios, quando se vêem em tanta contingência os próprios.

No passado dei a V. S.^a as novas que aqui chegaram de Polónia e dos progressos das armas do Turco: tudo êste ano vai por modo de inundaçào; esperamos á posta de amanhã com grande cuidado, porque já na próxima se falava em condições de paz, que, se se fizer com aquelas que quer o Turco, ficará Polónia tributária e êle senhor das duas províncias de Podólia e Ukrânia, com que Ale-

(1) Impressa em 1827 com a data de 21; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Entenda-se que os partidários dêles.

manha e Hungria o terão em casa e Itália à porta. Fazem-se aqui algumas deprecações, mas não se acham meios para o dinheiro que El-rei de Polónia pede, não sendo muito.

Não sei se disse já a V. S.^a que se falava em Bula da Cruzada, e que êste arbítrio não era bem aceito, por não dar que falar aos hereges.

Agora se levantou uma demanda entre as quatro casas mais principais desta côrte, sôbre um casamento e herança, em que é a primeira chamada a casa Ursina, que recorreu ao Embaixador de França, e tudo o poderoso de Roma anda empenhado e perturbado com êste acidente ou interesse, trabalhando-se de todas as partes com indústria e poder, sendo uma das mais empenhadas a família Altieri; mas, portando-se esta com grande modéstia e rectitude, não faltam murmurações.

Reconheço todas as dificuldades que tem a paz dêsses países, e nelas a providência com que Deus nos dá tempo a que obremos alguma cousa. Ontem ouvi, não falando nisso nenhuma das minhas cartas, que a nossa *Principina* (1) estava sangrada quatro vezes de uma febre que não deixava de causar apreensão. Dê-lhe Deus fiador e muitos fiadores, como havemos mister, pôsto que não faltam desconfianças, fundadas em alguma descomposição daquele parto (2). Os castelhanos sentem isto também, mas de uma esperança passam a outra maior. Perdôe Deus aos que impediram o casamento da sr.^a D. Maria (3).

(1) A infanta D. Isabel, de três anos.

(2) Alusão ao acidente que tivera a Rainha (supra, p. 321), desconfiando-se, por motivo dêle, que não poderia ser mãe novamente.

(3) Filha ilegítima de D. João IV; teria sido pretendente o Duque de Cadaval.

Tenha V. S.^a a saúde e felicidade de negócios que desejo, e Deus me guarde a V. S.^a muitos anos.

Roma, 25 de Outubro de 672. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLIX

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Novembro 5

Ex.^{mo} Sr. — Com toda a alma sinto as queixas, que nesta última leio, da pouca melhoria de V. Ex.^a Queira o Senhor da saúde e dos tempos que este inverno nos seja mais favorável aos achaques de V. Ex.^a que o passado, e que V. Ex.^a possa trocar o merecimento da paciência com o da acção de graças, que são as que eu desejo poder dar ao mesmo Senhor, totalmente livre dêste cuidado.

Hoje chegou aviso da suspensão de armas entre Sabóia e Génova, com duas vitórias últimas dos saboiardos. Parece que se pôs a balança da reputação em equilíbrio; e, pendendo para aquela parte a inclinação de El-rei de França, entende Itália se fará a paz com as condições do seu respeito, sem se atender aos ápices da justiça.

Uma esquadra francesa de sete ou oito navios se começou a empenhar, na altura de Liorne, a entrar dentro no pôrto, para queimar algumas naus holandesas que ali se achavam desarmadas; mas, sendo avisado o Grão-Duque, venceu com razão e cortesia o que parecia principio de maior rompimento, e se conservou a imunidade daquele

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.

pôrto, o qual contudo se fechou e reforçou de armas e vigilância, e assim se continua.

As más novas de Polónia continuam com a certeza de ser tomada Leópolis; e de El-rei e Rainha, de cuja retirada se fala, não há cousa constante: e isto é tudo o que se ouve por estas partes, deixando o novo caminho dos dois exércitos pleiteantes e a nova marcha do Príncipe de Condé a Lorena, de que V. Ex.^a terá mais vizinhos e certos avisos.

Guarde Deus a V. Ex.^a muitos anos, com a inteira saúde que a sua Divina Magestade peço em todos meus sacrificios.

Roma, 5 de Novembro de 1672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira

CARTA CCL

Ao Marquês das Minas (1)

1672 — Novembro 16

Ex.^{mo} Sr. — Não quero que esta ache a V. Ex.^a em cama, nem por muito leve achaque, pois não só os criados de V. Ex.^a, mas todos, devemos desejar a V. Ex.^a os passos e acções muito livres para nos honrarmos com êles.

Com cuidado espero o parto dos embriões, quando V. Ex.^a os avalia por de tal coturno que possamos fazer grão papel no teatro do mundo (2). O certo é que a fortuna

(1) No t.^o 2.^o da 1.^a ed.

(2) Deve ser referência à possível intervenção de Portugal na guerra, a instâncias do governo francês.

e a ocasião se poderão queixar de nós, e não nós delas. Todos correm tempestade, e a bonança que todos nos invejam não será crédito que seja calmaria ; mas, quem ainda agora não estuda mais que os rudimentos italianos, não pode decorar lições das suas políticas.

Aqui se publicou jubileu pelas guerras de Polónia, universal para todo o mundo. As novas que de lá se escrevem não são tão funestas. Tinham os seus commissários ajustado paz com o Turco, cedendo-lhe a cidade de Kaminies (1), que êle fortifica, e as duas províncias de Ukrânia e Podólia, com certo tributo anual debaixo de nome de regalo ; mas a nobreza não quiz ratificar êste tratado, senão prosseguir a guerra, para a qual juraram a união com El-rei, e cominação de perdimento de officios e Estados a todos os que não obedecerem, cortando logo a cabeça a um barão que não quiz assinar. Contudo, como são muitos e mui poderosos os que se não acharam nesta assemblea, teme-se que a guerra venha a ser civil.

A cidade de Leópolis com quatro dias de assédio se resgatou por dinheiro, e os tártaros que vagavam pela Polónia tiveram algumas rotas. Os últimos avisos dizem que o Turco passava parte das suas armas em socorro dos rebeldes de Hungria, onde tem occupado algumas cidades: isto é o que aqui dá maior maior cuidado, mas não tanto que o sr. Cardeal de Guisa (2) não fizesse uma ostentosa comédia fora de Roma, a que foram convidados todos os príncipes.

Entre Génova e Sabóia há suspensão de armas, e, pôsto em ordem à paz, agora crescem de uma e outra parte as levas, e para governar as genovesas foi de aqui

(1) Kamenetz Podolskii, capital de Podólia.

(2) Provavelmente Chigi.

chamado D. Pedro Pecinga: isto é tudo o que dá de si o mundo por esta banda. Eu espero muito boas novas da saúde de V. Ex.^a: isto é também tudo o que quero da pátria, a que não chamarei ingrata, pois V. Ex.^a me o ordena; contudo não darei o nome de agradecida até não ver premiados os méritos de V. Ex.^a, se não com tudo o que ela deve, ao menos com tudo o que pode.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 16 de Novembro de 1672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLI

Ao marquês de Gouveia (1)

1672 — Novembro 19

Ex.^{mo} Sr. — Não quero que V. Ex.^a me mande encobrir a notícia de seus achaques, porque, a quem ama e deseja tanto a inteira saúde de V. Ex.^a, mais o aflige a suspensão e cuidado, que as mesmas notícias. Sirva-se V. Ex.^a de interpretar o serviço de S. A. e zêlo da pátria mais a favor da mesma pátria e do mesmo Príncipe; e se os ares de Lisboa prometerem, como parece, mais saúde que os de Madrid, restitua-se-nos V. Ex.^a àquela côrte, pois será mais útil, ainda ao bem público, viver V. Ex.^a mais livre de queixas nela que padecer tanto nessa; e assim creio que o devemos representar a V. Ex.^a, e querer, todos os que somos criados de V. Ex.^a

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

Os dois exércitos de Alemanha e França parece que se não querem avistar, nem que saiba o mundo seus intentos; contudo se tem por mais provável que o de Alemanha se encaminha a Lorena, para onde partiu o Príncipe de Condé. Se o acidente de Cadiz, como se avisa de Génova, é verdadeiro, não poderá deixar de dar novos motivos ao rompimento, que aqui se teme e deseja variamente (1).

As armas de Sabóia e Génova estão suspensas, e a paz no arbítrio de França, a qual começa a estar mais bem vista nesta côrte, porque promete introduzir nas condições a vitória de dois pleitos que a república tinha com a Igreja, sôbre o Inquisidor e Arcebispo.

As cousas de Polónia prometem alguma melhoria. Os commissários daquele reino tinham ajustado com o Turco deixar-lhe Kaminies e as duas provincias de Podóliã e Ukrânia, remido já o sítio de Leópolis com certa soma de dinheiro; mas não quis a nobreza polaca ratificar o tratado, e querem prosseguir a guerra com juramento de união e fidelidade a El-rei, e cominação de perda de officio e Estados a todos os que contravierem a esta resolução, havendo-se logo cortado a cabeça a um que a quis resistir; contudo seguiam ainda o partido contrário mais de quarenta cabeças, com que se temem novos tumultos. Os últimos avisos dizem que o Turco se passava a ajudar os rebeldes de Hungria, e haverá mais que recear desta parte.

(1) Tiroteio dentro do pôrto entre um navio francês de guerra e outro espanhol, perdendo-se o primeiro. Refere o *Mercúrio Hollandês* que os franceses tinham a bordo certa porção de ouro, passado em contrabando dos galeões chegados da América. Os espanhóis quiseram proceder à visita do barco e foi-lhes recusada a entrada. De aí o conflito, que resultou em batalha.

Os nossos novos Presidentes (1) só são aqueles que lograrão a paz e poderão quietamente administrar justiça; se bem me escreve algum grande ministro (2) que andavam entre mãos embriões de tal expectação que, se chegarem a sair à luz, também faremos papel no teatro do mundo. O certo é que nos dá bastantes cabelos a ocasião, se soubermos tecer as tranças.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a, como o reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 19 de Novembro de 672. — Criado de V. Ex.^a

Antônio Vieira.

CARTA CCLII

A D. Rodrigo de Menezes (3)

1672.— Novembro 19

Senhor. — A carta de que V. S.^a me fez mercê, escrita em 2 de Outubro, recebi nesta posta, como também havia recebido e respondido à mais antiga, debaixo do maço do Padre João Pimenta, que é via segura e sem suspeita. Com ela veio também a carta de S. A. para o Papa, por que beijo muitas vezes a mão a V. S.^a (4); e, como foi entregue ao dito Padre, pôsto que com coberta para o Resi-

(1) Provavelmente do Desembargo do Paço, e de alguns dos Conselhos, de nomeação recente.

(2) O Marquês das Minas. Supra, p. 520.

(3) No t. 3.^o da 1.^a ed.

(4) Carta pedida por Vieira, relativa à canonização dos mártires do Brasil. Supra, p. 484.

dente, fica entretanto em mão do Padre Geral, como outras do Imperador e Rei de França, para a seu tempo se apresentarem juntas ao Pontífice, por mão dos embaixadores dos mesmos príncipes.

Estimo quanto devo, e tenho dado particulares graças a Deus, de o sr. D. José (1) haver livrado bem das bexigas, e tanto mais quanto êste ano passado foram peste em Roma e em toda a Itália. O Padre João Pimenta me avisa que, no mesmo dia da posta, havia chegado outra carta minha para V. S.^a, na qual V. S.^a tornaria a ler as segundas fúrias do meu zêlo, que verdadeiramente é maior do que a pátria me merece; mas basta estar em Portugal a casa de V. S.^a para que eu lhe deseje todos os bens, e lhe perdôe todas as ingratidões. Depois destas duas escrevi a que ainda não haverá chegado (2), sôbre meus particulares, na qual dou a V. S.^a sinceríssima conta de todos, e espero resolução de V. S.^a, para também a tomar do emprêgo dêstes poucos dias que me pode durar a vida, pondo-a toda nas mãos de V. S.^a

Aqui se passa com quietação mas não sem receio. Sabóia e Génova têm feito suspensão de armas, e, pôsto que cada uma das partes cresce as suas quanto pode, é só em ordem aos partidos da paz, de que El-rei de França será mais árbitro que mediador.

As cousas da Polónia com a reunião da nobreza prometem melhor estado; mas se o Turco voltar sôbre a

(1) D. José de Meneses, filho de D. Rodrigo.

(2) Carta de Outubro 22, supra, p. 514. As outras duas seriam a de Setembro 10, p. 494, e uma que falta, de assunto igual, como indicam as palavras — *segundas fúrias do meu zêlo* — em que se lhe refere o escritor.

Hungria, como dizem os últimos avisos, terá Itália mais perto as causas do seu temor.

Toda a Europa nos inveja o sossêgo com que estamos, e os motivos que nos dá a ocasião para grandes aumentos. Depois que vejo inclinado a V. S.^a a esta parte, e V. S.^a me diz que o sr. Marquês (1) é do mesmo parecer, tenho entrado em maiores esperanças; e é tanta a minha ambição, que não quisera nelas companheiros, e assim me não posso alegrar com o tratado de Inglaterra e França.

Beijo a mão a V. S.^a pelo voto que V. S.^a se serviu de dar na causa de Manuel da Gama (2), e, sendo tão douto e evidente, não sei como S. A. se não confirmou com êle.

Fico continuando com os meus nominativos italianos, sempre aos pés de V. S.^a e do sr. Marquês meu senhor.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 19 de Novembro de 1672. — Criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CCLIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (3)

1672 — Novembro 22

Senhor meu. — Dou a V. S.^a o parabém de ter chegado ao fim com os preliminares do nosso tratado (4), que sempre,

(1) De Marialva.

(2) Supra, p. 433.

(3) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(4) O tratado que nunca veio a efeito, estipularia os subsídios e

e muito mais entre nós, são as maiores dificuldades. Igualmente estimo que as disposições dessa côrte sejam tão boas e tão sinceras como V. S.^a assegurou à nossa : e verdadeiramente, se as nossas praças perdidas se houverem de restituir aos antigos possuidores, e não repartir-se entre os coligados, terei êste negócio totalmente por milagroso. Muito será que França se contente com isto, quando tem os olhos postos no Oriente, e armado companhias, e empenhado tantos cabedais, e procurado tanto que dos nossos portos lhe dessemos algum.

Aqui vi os dias passados um livro traduzido do francês, em que o seu autor declarava, debaixo do pretexto da fé e zêlo da propagação dela e das missões, quanto El-rei Cristianíssimo as queria adiantar naquelas partes. A êste fim são mandados lá bispos franceses, que, com as omnipotências que de aqui levam, perturbam as jurisdições dos nossos bispados, e têm inquietado quanto lá estava em paz, não sem graves indícios e provas quási certas de que são iscados de jansenismo. E contudo aqui os defendem, e se opõem à observância de nossos antigos privilégios, sem valer nenhuma razão ou justificação dêles, sendo mais claros que a luz do sol, e não tendo outros Espanha, a quem se guardam inviolavelmente.

Tudo isto faz e pode a prata de uma coroa e as bandeiras despregadas da outra. E nós cuidamos que podemos ter vitórias sem interêsse nem temor! Tudo o que

auxílio militar que havia de dar o govêrno francês, quando Portugal resolvesse declarar guerra à Espanha. Quatro mil homens de pé e mil de cavalo, e duzentas a trezentas mil libras por ano, segundo a instrução do Enviado M. d'Auberville. (Cf. *Recueil des Instructions* cit.). Além disso haveria na paz a recuperação das praças tomadas na Índia pelos holandeses.

não tem opposição alcançam e alcançarão os nossos ministros, com poucas diligências que façam; mas em juizo contraditório sempre ficaremos os vencidos e ainda desprezados.

De Inglaterra são maiores as minhas desconfianças, pelo que tem metido em testa, de que andam cheias as gazetas. Todas publicam que naquela côrte se reputa a nossa princesa por ilegítima, e o matrimónio por inválido, e a rainha D. Catarina por herdeira. A propósito do casamento do Duque de York com a casa de Áustria se dizem e escrevem sôbre isto cousas indigníssimas. Deixo a maldita cláusula de Ceilão(1). Em fim, como outras vezes tenho dito a V. S.^a, na assistência de V. S.^a tenho livradas todas as minhas esperanças; e, pôsto que V. S.^a não está longe ainda aqui será mais perto. Holanda é mau inimigo, mas um; e na fé não é mais católica Inglaterra.

Ouçõ que em Portugal se trata de Companhia Oriental, e dizem que com bons fundamentos(2). Eu sempre desejei companhia e não companheiros. Lutemos com os holandeses arca por arca, e não será pequena a ajuda a França e Inglaterra esta diversão. Por ela bem merecemos a introdução no tratado da paz, quando se faça; e também entendo que só a ameaça desta liga por si é um não pequeno torcedor para se ajustar; e não será justo que fiquemos nós com o ódio e outros com o interêsse. Falo a V. S.^a como ignorante, mas com toda a alma na pena, e só a V. S.^a a manifesto.

(1) Pelo tratado de 1661 e casamento de D. Catarina, Portugal, em caso de recuperar Ceilão, obrigava-se a entregar aos ingleses o pôrto de Gale.

(2) Proposta dos cristãos novos, apresentado em carta do Padre Baltasar da Costa ao Regente, em 7 de Setembro de 1672. (*Dedução Cronológica. Provas*).

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.
Roma, 22 de Novembro de 672. — Capelão e criado
de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLIV

A Duarte Ribeiro de Macedo⁽¹⁾

1672 — Dezembro 4

Senhor meu. — Assim como chegaram a V. S.^a duas cartas minhas juntas, assim recebi nesta posta, com a carta de 2 de Setembro, a de 9 do mesmo, não bastando as diligências de V. S.^a, tão antecipadas, para que se me não haja dado por desculpa haver chegado a tempo em que já estavam entregues os maços. Todas chegam e sempre são bem vindas, e me trazem com as novas de V. S.^a, que são as que mais desejo, muitas notícias das do mundo, que aqui ou se não sabem, ou se referem com aquela grande variedade e diferença com que as compõem os affectos.

Escrevem de Veneza que os dois exércitos de França e Alemanha estavam em distância de uma só jornada, e que as tropas de Brunswick se tinham agregado às do Império. Esperamos o efeito, de que dependerá em grande parte a paz ou a guerra. Contudo eu me inclino a cuidar que os impériaes se conterão dentro dos seus limites, tendo por bem empregadas as despesas do exército com a diversão dos assédios de duas tão grandes praças, e com entreter e suspender as armas de França sem mover as suas. E mais se no mesmo tempo sair em campanha Orange,

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

como se escreve, afirmando-se ter occupado ou restituído dois lugares junto Crevecœur(1). Mas os intentos dêste príncipe, por todas suas acções, mais nos persuadem estar unidos que contrários aos dois reis, e que depois de bem firmado na sela, se entretanto lhe não succeder algum desastre, se unirá com êles e estabelecerá a presumida soberania.

De Lisboa tivsmos boas novas, que V. S.^a haverá também recebido, pelo Próprio que não acaba de chegar ou de partir; e, se vierem acompanhadas dos socorros de dinheiro, como ao nosso Residente, aliviarão os empenhos de V. S.^a Alegramo-nos com três naus da Índia; e não nos lembramos, ou não computamos êste número com o que vem todos os anos a Inglaterra e Holanda. Cuidei que os direitos da Índia e da África, de onde também vieram três embarcações laureadas, se applicassem todos às Conquistas; mas não vejo fazer isto, antes supôr o contrario, querendo antes, não sei quem, meter as mãos no presente que pôr os olhos no futuro.

Aqui se publica por carta, dizem, de ministro interior da nossa côrte, estarmos ligados com França e Inglaterra contra Espanha. O que me assombra, e de nenhum modo creio, é haver-me escrito pessoa soberana (2) que de Portugal o avisavam serem passados a Castela, por desgostos com o Príncipe, os Marqueses de Marialva e Távora (3).

(1) Assim no impresso: interpretação evidentemente arbitrária do original, onde se lê *Cranceor*.

(2) De certo o Grão-Duque de Toscana, com quem Vieira se correspondia.

(3) Nova inexacta: contam as *Monstruosidades* que a Marquesa de Távora fôra desterrada da côrte por haver maltratado a ama da Princesinha D. Isabel, e o Marquês pedira licença para acompanhar a mulher, morrendo pouco depois. A margem dêste parágrafo a palavra *Soli* no original.

Também se diz que estes eram contrários ao sentimento comum do Conselho de Estado.

Sobre esta quimera me vêm outras ao pensamento, sobre a armada que dizem saíu de Cadiz, governada pelo Duque de Veraguas, que uns encaminham a Flandres, outros à Jamaica, levando sete mil infantes. Quem ama, tudo cuida e tudo teme; e lembro-me do que os castelhanos há poucos dias quizeram imputar à França (1), sinal quando menos de que lhe vem ao pensamento. De aqui partirá aviso por terra à Índia, onde o Vice-Rei obra como experimentado e noticioso do Estado, e aprestava armada de remo e alto bordo.

Nos tratados que se houverem de fazer em Inglaterra me dói muito a cláusula do casamento, que fala em Ceilão(2), onde me escrevem mataram os gentios muitos holandeses e nos chamavam.

Considero que as armadas da liga(3) não podem chegar à Índia senão no ano que vem, ou muito depois, e que no entretanto podemos ter ganhado o que deve ficar fora das condições da liga, com expressão que não dê motivo a dúvidas.

Emfim V. S.^a está ao pé da obra, e com isto se aquieta e assegura o meu cuidado.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos.

Roma, 4 de Dezembro de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) A imposição da liga, com ameaça de guerra. Supra, p. 493.

(2) Supra, p. 528.

(3) A liga em ajustes, de Portugal, França e Inglaterra contra as Províncias Unidas.

CARTA CCLV

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Dezembro 5

Senhor meu. — Nessa côrte morrem os príncipes meninos, a quem se deseja a vida, e aqui vivem os velhos, a quem, se se não deseja a morte, ao menos se espera, e tarda. Ouvi ontem a um austriaco que o Duque de Anjú era fruto dêste verão, em que não serão duráveis os dêsse país (2). Grandes esperanças tem concebido com a união de Inglaterra e assistências de Espanha, para a qual dizem que conquistaram as armas francesas nesta campanha o que ela não poderá recuperar com exércitos de muitos anos. Pelo que V. S.^a me diz dos frios que se experimentam em Inglaterra, se pode bem cuidar que a scena presente tenha maior mudança.

Do que escrevi a V. S.^a no correio passado julgaria V. S.^a quais são òs meus temores, e com esta última carta de V. S.^a me confirmo mais, não tanto na opinião do que se trata em Londres quanto do que quisera se tratasse em Portugal. Fiemos do nosso, e procuremos assegurar por todas as vias o Reino e as Conquistas, ño qual e nas quais nos podemos mais facilmente achar necessitados de tudo aquilo que agora não queremos prevenir. Aqui me comunicou pessoa, que o pode saber, que em Lisboa se faziam oferecimentos ao Príncipe de grandes somas de dinheiro, e assistências a suas armas, sem nenhum empenho

(1) Inédita ; autógrafo no Códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Alusão à morte do príncipe, que nascera em Junho.

de interêsse, e que S. A. ou tinha aceitado, ou estava inclinado a o fazer. Deus lhe inspire o melhor.

De Inglaterra não fio cousa alguma, e muito menos depois dêste casamento (1): pùblicamente se estampa nas gazetas de Itália que ela se há-de unir com Espanha, para a conquista e repartição de Portugal. Se a paz se fizer, não será impossível esta guerra. Os ânimos dos castelhanos nunca estiveram mais arrabiados. Assim que seria bem prevenir para tudo, e obrar nesta suposição: entendendo também que os holandeses de aqui por diante hão-de ser espanhóis por agradecimento e por necessidade. Já tenho dito a V. S.^a por muitas vezes que só com V. S.^a me confesso: por isso não lembro o sigílo em nenhuma das cousas que ou refiro ou discorro.

A guerra de Itália se não estima cá por tão concluída, mas uma vez que a paz se haja de fazer em Paris, será sem dúvida. Os genoveses chamaram para o govêrno repartido de suas armas a D. Pedro Pcinga e Vanichelli, ambos soldados do Alentejo (2). Na mesma Génova se acha de presente D. Frãncisco de Lima, e no mesmo tempo appareceu ali o Conde de Mesquitela. Só faltava uma semelhante aparição da alma do Marquês de Sande, para que todas as figuras desta tragédia se juntassem no mesmo teatro (3). Dizem que D. Francisco virá aqui buscar a indulgência plenária, para a qual lhe fôra melhor ter o dinheiro em Lugares de Montes (4) que na Misericórdia de Lisboa.

(1) Deve ser referêcia ao matrimónio em projecto do Duque de York com uma princesa da casa de Áustria. Veja-se a carta a D. Rodrigo de Meneses, de 31 dêste mês.

(2) *Supra*, p. 507.

(3) Comentário igual em data anterior, na carta de 3 de Outubro, para o Marquês de Gouveia.

(4) *Luoghi di Monti*: empréstimos ao tesouro pontificio, de que

Mesquitela está hoje em Florença, não se sabe por onde veio, nem para onde vai.

Aqui feriram uma noite destas, com uma de quatro balas que lhe tiraram, um Patriarca não sei se de Jerusalém se de Alexandria, Núncio que foi em Veneza, de que a côrte está justamente escandalizada. Dizem haver sido a ocasião certo casamento de uma grã senhora, a quem êle governava, a cujo dote aspiravam quatro das maiores casas de Romá, e também o Embaixador de França entrava nêste empenho. Boa era a minha cela se me deixaram viver nela com tanta quietação como a que vim buscar.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 5 de Dezembro de 672. — De V. S.^a capelão e criado

Antônio Vieira.

CARTA CCLVI

A Duarte Ribello de Macedo⁽¹⁾

1672 — Dezembro 13

Senhor meu. — Cada hora estamos esperando as novas que nos manda de si o Novembro marcial. E tem V. S.^a muita razão de dizer que já se perdéram os discursos,

os juroz eram pagos por certas rendas applicadas a êsse efeito. Instituição de Clemente VII, que criou o primeiro Monte, chamado *Della Fede*.

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

porque não há onde tomar pé, com que será fôrça caminhar-se em tudo lentamente, e assim parece que o faz Inglaterra. As fôrças dêsse país já não causam tanto horror, não se podendo negar que êste foi o que teve tanta parte na torrente das primeiras vitórias. Aqui temos espanhóis, franceses e alemães, e nos rostos de todos se vêem as cores mudadas.

Haverá três dias que aqui chegou o Conde de Mesquita. Duvidou ao princípio o nosso Residente se o havia de visitar, e se resolveu consigo à parte afirmativa. Eu o vi ontem, e foi a primeira vez em minha vida, em cama. A doença não se julga por bem, segundo lá me disse o médico Miguel Lopes, que para aqui veio de Lisboa (1). Não dá muito boas novas da Índia, onde só se deteve três meses. Há naquele Estado muita falta de gente, porque a que vai de Portugal, fica sepultada nas ondas, por desgoverno e desamparo. Todas as nossas cousas são assim; e nem lhe queremos aplicar nem saber os remédios. Embarquei-me com esta última trinta e cinco vezes, e sei pouco: que farão os que viram o mar só do Cais da Pedra até Sacavém!

Um ministro grande me diz que anda na forja um negócio, que êle havia praticado comigo, e pelos sinais en-

(1) Miguel Lopes de Leão, com certeza cristão novo, devia ter-se ausentado quando, no mês de Julho, foram presos em Lisboa, pelo Santo Officio, alguns commerciantes dos mais abastados da cidade. Um dêles, António Rodrigues Mogadouro, que morreu no cárcere, tinha três filhas, de nomes Violante Henriques, Brites e Branca Henriques, todas igualmente prêsas por culpas de judaismo. A primeira era casada com João Lopes de Leão, negociante em Lisboa, e Guiomar Henriques se chamava a mulher de Miguel Lopes, de onde se pode inferir parentesco duplo, e a fuga do médico se explica.

tendo que é o de comércio e companhias mercantis (1). Queira Deus que acabemos de entender que não tem outro meio a nossa opulência, nem ainda a conservação.

Em outras cartas se escreve faz o Embaixador de Castela grandes proposições com plenipotência de Holanda, e que nos remitem a dívida de Setúbal (2), e nos largam todo Ceilão, e outras conveniências pacíficas. Se assim é, tudo se deve às instâncias de V. S.^a, e ao medo da liga que se trata em Inglaterra. Queira Deus que de um ou de outro modo nos saibamos aproveitar da ocasião.

Aqui se excomungaram domingo em todas as Igrejas os cúmplices do delito contra o Patriarca (3). Houve ontem consistório em que se esperavam novos cardeais, mas não saíram. Eu, depois que me fizeram italiano, vivo desgostossissimo em Itália, sem outro alívio que o da conformidade, que é pouca, com a vontade de Deus.

O mesmo Senhor guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 13 de Dezembro de 672. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) O plano da Companhia Oriental para a Índia, com capitais dos cristãos novos, patrocinado pelos jesuitas, e de que resultaram grandes controvérsias.

(2) As prestações em sal da indemnização de guerra, capitulada no tratado de paz, em 1669.

(3) *Supra*, p. 534.

CARTA CCLVII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672 — Dezembro 17

Ex.^{mo} Sr. — Muitos dias há que não recebi carta de V. Ex.^a, que totalmente me aliviasse o cuidado, como a desta posta. Dou infinitas graças a Deus, que parece quer confessemos só a êle a dívida da saúde de V. Ex.^a, e não ao tempo, de cujo beneficio a esperavamos, e assim será mais segura.

Aqui não há novidade se o não é estar S. Santidade bem disposto, havendo cerrado oitenta e três anos. Segunda feira fez consistório, em que se esperava o provimento dos três capelos vagos; mas entende-se que espera que sejam mais, e que o não enganará a esperança.

Ontem à noite deixei unguido o Conde de Mesquitela, sem nenhuma esperança de vida, perdidos os sentidos e movimento muitas horas antes; mas hoje amanheceu restituído a tudo, e com grandes indícios de vida, pôsto que os médicos, um dos quais é Miguel Lopes, a não seguram de todo. Veio da Índia por terra até Alexandria, de ali a Malta e de Malta a Marselha, de onde se encaminhou a Génova, e, tendo passado por Florença, chegou aqui com febre dia da Conceição, e da cama se tratava ontem de o levarem à sepultura, que êle não quis nomear, nem fazer testamento porque não tem de quê. O Residente o assiste com grande cuidado, e todos os portuguezes fazem o mesmo, exceptos os mais ricos.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

De Portugal se escreve com grande asseveração a liga com essa coroa e com Holanda; mas, como V. Ex.^a no correio antecedente ao passado me disse o não sabia nem queria saber, pôsto que as condições que se referem são mui aceitáveis, a nada dou crédito. O certo é que as cousas de França se vão pondó em tão diferente estado que podem animar seus oppositores, que é nova razão de eu os não considerar tão liberaes; mas os empenhos são tão grandes, e a fortuna tão vária, que sempre aceitará quem puser em seguro o seu partido. O que eu sôbre tudo desejo é que as influências do inverno, pois são tão benéficas, sejam muito constantes, e que V. Ex.^a ouça os vilhancicos de Madrid com o inteiro gôsto e saúde que a V. Ex.^a desejo.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a muitos anos, como os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 17 de Dezembro de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLVIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Dezembro 18

Meu Senhor. — Recebi a de V. S.^a de 23 do passado com as cópias, que são um perfeito mapa do mundo presente, e podem ser muito boa e muito certa carta de marear aos nossos pilotos; mas já eu noutro melhor tempo me queixava de que a nossa nau não fazia viagem, por se-

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

rem muitos os tímoneiros e cada um na sua ampulheta seguir diferente rumo.

Me avisam em muito secreto que Espanha tem resolute romper a guerra com França primeiro que ela o faça, e que só espera recolher as suas frotas, fazendo represálias etc.; e que o mesmo se presume com os ingleses, cujo embaixador em Madrid fez uma proposta, por termos tão ásperos que mais pareciam querer justificar o rompimento que pedir satisfações para o contrário. Quasi me persuado que isto mesmo é apertar de uma parte para que se afrouxe da outra, com que não concordam pouco os partidos que por meio de Baviera se oferecem ao Imperador. O certo é que, na liga do Império e Espanha com Holanda, ficará o resto da sua conquista ou duvidoso ou muito mais dilatado, que vem a ser tudo o que a nós nos convém. Não temos que nos queixar da Providência Divina, e ela de nós sim. Esta é a forma em que me escrevem de Lisboa, queixando-se da remissão de quem por ela deita a perder tantas outras qualidades de excelente príncipe.

As novas que vêm de Polónia são lastimosíssimas, e já se entende que estará hoje em Cracóvia (1), que dista meia jornada de Hungria e oito de Viena. Tudo isto promete mudar-se brevemente a scena do mundo. Aqui se fez Congregação de Estado, e se me disse ontem, antes de estar extra-causas, que esse Nuncio irá a Polónia, compensando a tardança com os tratados que pode levar prevenidos, que não serão tão fáceis e prontos como necessários. Sei dizer a V. S.^a que as melhores cabeças de Roma tremem e reconhecem em tudo fatalidade. O Papa não se pode pôr a cavallo, e as suas orações pode ser que não bastem a pôr freio ao castigo que parece decretado, quando Deus

(1) Faltam as palavras o *Turco*, ou equivalentes.

tira os meios. Ontem me disse uma das melhores e maiores pessoas vestidas de púrpura que se passaria Roma a Portugal, e não falava de graça. Se é o primeiro que o disse, não será o primeiro que o predisse (1).

Remeto a V. S.^a o sermão italiano, que à fôrça quizeram imprimir, para que tudo fôsse por fôrça; e o pior que tem é não ser a última, porque já tenho sôbre mim duas obediências para a capela dos cardeais: parece agouro quererem ouvir uma língua bárbara.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 18 de Dezembro de 1672 — Criado de V. S.^a

No correio passado não pude escrever, porque, estando com a pena na mão, sobreveio uma visita, que nem eu podia nem ela se quis despedir antes do correio. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLIX

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1672 — Dezembro 20

Senhor meu. — Digo brevissimamente a V. S.^a o que passa desta banda. Véspera da Conceição chegou a esta côrte o Conde de Mesquitela, com uma febre que o assaltou no caminho com poucos indícios de perigosa; e dentro em

(1) Repetição do que diz na carta de 22 de Outubro, ao Marquês de Gouveia. Veja-se a nota respectiva.

(2) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

nove dias acabou a vida, muito bem assistido do Residente, e de dois grandes médicos portugueses, um dos quais era Miguel Lopes chegado aqui de poucos dias(1). A noite passada o depositaram na igreja de Santo António, sem pompa, porque nem para se curar trazia consigo, e por isso não fez testamento, havendo-o deixado feito em Portugal. Morreu com todos os sacramentos, e benção do Sumo Pontífice, que não são pequenos sinais de predestinação, tendo feito uma tão larga peregrinação de oito meses por terras e gentes bárbaras. Um dia antes de expirar o tivemos ressuscitado, e com grandes esperanças de vida, para que chegasse a nova a Portugal por partes, aos poucos a quem causará sentimento a sua morte. Eu o senti com maiores efeitos dos que se devem à humanidade, porque além das razões da pátria, e seus poucos anos, nos poucos dias que aqui o tratei, lhe devia grande benevolência. Disse por vezes, segundo me referiram, que não fôra sua tenção dar a morte ao Marquês de Sande: e observaram os noticiosos daquele caso que, no mesmo dia e hora em que morreu o Marquês, entrou êle em Roma, e se deitou na cama de onde o levaram à sepultura. Se foi efeito da divina justiça, a falta de intenção lhe alcançaria misericórdia.

Esta noite nos teve em grande cuidado a vida do Cardeal Brancaccio, havendo três dias que padecia o acidente de que Deus levou a El-rei, que está no céu(2). Mas

(1) Supra, p. 535.

(2) D. João IV, que parece ter succumbido a uma infecção renal, causada por cálculo. (Encontram-se os pormenores no folheto *Ultimas acções del-Rey D. João IV, Nosso Senhor, escritas e oferecidas á Rainha Nossa Senhora por Vicente de Guzman Soares*; publicação de 1657, reproduzida em 1918 pelo sr. Edgar Prestage.

hoje amanheceu livre, com universal alegria de toda Roma, que o tem destinado para a tiara, se os seus oitenta e um anos forem mais robustos ou venturosos que os oitenta e três do Pontífice reinante. Os mártires, a quem sirvo, se cuida que tem maiores interêsses de glória nesta segunda vida; mas, como gozam a eterna, não lhe darão muito cuidado os aplausos humanos.

Continuam por diversas partes as novas de liga de Portugal com Espanha e Holanda, acrescentando que é ofensiva e defensiva, com entrega de Ceilão e de quanto possuem os holandeses desde Cabo de Comori até Goa. Eu só creio que faz estas proposições o Embaixador de Castela, com outras condições a nós vantajosas, que também se referem, e que semeadas no povo produzem êstes avisos, que não se confirmam com carta alguma autêntica.

De Alemanha se afirma haver o exército imperial passado o Reno sem opposição: e se lê em Roma carta do Intendente de Metz com notícia de suspensão de armas entre os dois exércitos por três meses, e que o ministro de França em Viena faz grandes instâncias pela paz, attribuindo-se a uma e outra nova a desistência da tornada de El-rei. Se isto é verdade não digo nada de novo a V. S.^a V. S.^a me diga como passa com estes frios, que, se os de Paris são como os de Roma, mais necessárias serão agora as chaminés do que o foram em Julho.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 20 de Dezembro de 672.

António Vieira.

CARTA CCLX

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1672 — Dezembro 27

Senhor meu. — Tenha V. S.^a tão alegres e felicíssimas festas, como eu tive duplicadas estas com duas cartas de V. S.^a, acompanhando a dêste correio a do passado. O de Portugal, devendo chegar, segundo o uso do inverno, na ante-véspera do Natal, estamos na segunda oitava e ainda não há novas dêle; o rigor do tempo o escusa: queira Deus que compense a tardança com alguma notícia que nos dê bom fim e princípio de ano:

Muito estimei saber o estado da negociação de Inglaterra, e tiro da pressa que agora nos dão as mesmas consequências. Poderá ser que as novas que correm das ofertas de Holanda em Portugal influissem na frieza de Inglaterra. Eu, como já me parece tenho dito a V. S.^a, nenhum fundamento faço, nem dos avisos nem das proposições do Conde de Humanes; por que as estimo totalmente vãs, e quanto mais largas e liberaes tanto mais suspeitosas de artificio e engano, para iludir ou quando menos embaraçar a simplicidade do nosso povo, e ver se com os aplausos e brados pode arrastar os votos de alguns ministros, alguns dos quais também são povo.

Estou com V. S.^a em entender que mais depressa nos darão os holandeses uma das melhores praças de Holanda que Ceilão, e muito menos Ceilão e Cochim, que vem a ser dar-nos a pimenta e canela, que são as principais dro-

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

gas do seu comércio. Perguntara eu ao Conde de Huma-
nes que caução nos há-de dar do que promete. E, como
Castela nos não há-de dar a que eu apontasse, com esta
resposta satisfaria a todas as partes. A condição de liga
ofensiva e defensiva já se vê quão impraticável é, e quão
abominável contra duas coroas, uma tão parenta, outra
tão amiga, e ambas tão poderosas. Se aceitassemos os
oferecimentos intrínsecos dos nossos homens de negócio,
são êles tais que nós sem companhia de outrem podíamos
fazer a guerra na Índia, com que nos livrariamos de gran-
des inconvenientes (1); e êste foi sempre o meu parecer e é
a minha dôr, como tantas vezes tenho manifestado a V. S.^a;
mas, pois não queremos o melhor, é fôrça que nos com-
ponhamos com o menos mau.

Até aqui tinha escrito esta esperando pelo correio;
chegou nêste último momento, e não traz novidade de que
possamos esperar melhoria de ano.

Deus guarde a V. S.^a tantos e tão felices como desejo.

Roma, 27 de Dezembro de 1672. — Capelão e criado
de V. S.^a

António Vieira.

(1) Propunham os cristãos novos formar a Companhia Oriental,
e pôr à sua custa na Índia quatro mil homens no primeiro ano, e mais
mil em cada um dos seguintes, proporcionando a coroa as embarca-
ções, a trôco de perdão geral aos acusados de judaismo, e mudança
dos estilos da Inquisição. Ofereceram depois cinco mil homens e
mil e duzentos respectivamente, tudo sem efeito.

CARTA CCLXI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1672—Dezembro 31

Ex.^{mo} Sr. — Tardou êste correio cinco dias mais do que costuma, e melhor fôra não haver chegado, pois me havia de tirar o grande contentamento, que com as novas do passado tinha recebido. Emfim, senhor, eu as não espero já seguras de Madrid, e nenhuma cousa tanto desejo como ver restituído a V. Ex.^a à nossa côrte, esperando da segunda natureza dos seus ares o que a primeira dêses nos prometia.

Viver é o que importa a V. Ex.^a, a seus criados e à pátria, cujos interêsses com essa coroa e com nenhuma outra podem pesar tanto como êste.

Aceite V. Ex.^a esta proposta, como a de um tão antigo criado da casa de V. Ex.^a e de um coração tão obrigado e tão fiel; e, porque não há cousa nova desta banda, de que poder avisar, sirva-se V. Ex.^a de receber estas regras como memorial, e despachá-lo como peço, pois tanto importa.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a muitos anos como desejo, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, último de Dezembro de 672. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

CARTA CCLXII

A D. Rodrigo de Meneses (1)

1672 — Dezembro 31

Senhor. — Com excessivo contentamento recebi esta última carta de que V. S.^a me fez mercê, escrita em 11 de Novembro; e, lendo nela tantos motivos de pouco gosto, que chegam amplificados por outras vias, só os pode aliviar saber que passa V. S.^a, e o Marquês meu senhor, com saúde, de que dou infinitas graças a Deus, confiado de sua providência que, em quanto nos conserva estas duas colunas, nos não tem deixado de todo.

Vindo ao que V. S.^a me manda que eu diga, não sei por onde comece, e se explicara melhor a minha dor com lágrimas e gemidos que com palavras. Beijo mil vezes a mão a V. S.^a por perdoar as fúrias do meu zêlo(2), e honrar e animar a verdade do coração, de onde nascem.

Portugal, senhor, está no mais miserável estado em que nunca o conheci nem considerei, e a maior miséria é o nosso engano, e a maior guerra a nossa mal entendida paz. Já me contentara que fomos a segunda Galiza com segurança; mas esta não sei nem vejo sôbre que fundamentos no-la possamos prometer. É necessário governarmos-nos com a espada sempre na cinta, e com a balança na mão, pesando os poderes de todos os príncipes e fiando-

(1) No t. 2.º da 1.ª ed.: mutilada. Restabelecido o texto pelo códice 1.724 da Bibliotheca Nacional.

(2) Na carta de Setembro 10 e em outra que falta. Cf. a nota 2, de p. 525.

nos só do próprio. Não estamos em tempo de El-rei D. Manuel ou D. João o III, em que só os nossos astrolábios sabiam navegar, e só os nossos galeões tinham nome. Holanda, Inglaterra e França se têm feito potentísimos no mar, e por isso uns podem contrastar e outros resistir à fortuna nos maiores apertos dela; e, porque Espanha (cujos erros nós seguimos devendo aprender dêles) o não fez assim, se começou a perder e perderá de todo, se não, abrir os olhos como já parece quær fazer.

A mesma Espanha é inimiga nossa irreconciliável, e todos os castelhanos em nenhuma outra cousa têm pôsto a mira, que tornar a ser senhores de Portugal. Assim o ouço nas bocas de todos, e lhe o vejo muito melhor nos corações; e cada dia saiem impressos nas gazetas de Itália e Alemanha não só indícios dêstes intentos, mas os fins e meios declarados dêles, entre os quais andou mui vulgar êstes dias o do casamento do Duque de York com a casa de Áustria, para que Espanha unida com Inglaterra nos conquistasse, repartindo-se entre os dois o Reino e as Conquistas, falando-se na legitimidade da nossa princesa e no direito do Príncipe, com termos tão indecentes a nós como assentados no juízo de muitos.

De Inglaterra não tenho que dizer de novo, e, quando falo em Inglaterra, não exceptuo a ninguém; mas Inglaterra, França e Holanda, todos têm os olhos postos em conquistas, e não têm outras para onde olhar senão as nossas, que só com armadas prontas no rio de Lisboa se podem defender, e, ainda que aí se apodreçam ao parecer inútilmente, só elas são os muros das conquistas. E não nos envergonhamos de se saber no mundo que consta a nossa armada de três fragatas!

A razão de as nações sobreditas se empregarem com tanto cabedal no poder marítimo é principalmente a utili-

dade dos comércios, tendo conhecido todas as coroas e repúblicas, por experiência, que só comerciando se podem fazer opulentas, e que os frutos das terras próprias apenas bastam ao sustento dos naturais. O Imperador e todos os príncipes da Itália interior são pobríssimos; e as riquezas de Veneza, Génova e Florença, todas lhe vêm dos seus portos e comércios, sôbre os quais cuidam e vigiam com tal gelosia, especulam com tal atenção, agudeza e minudência, que puderam parecer nimiedade e ainda vileza, se não foram as consequências de tanta importância.

Mas, senhor, o nosso caso não é este. Não quero que sejamos ricos; quero sòmente que conheçamos a nossa fraqueza e o nosso evidente perigo, e que tratemos de prevenir o precisamente necessário para conservar a liberdade, o Reino e as Conquistas; e, suposto que estamos conhecendo e padecendo com tantos descréditos a impossibilidade dos quatro palmos de terra que Deus nos deu na Europa, porque nos não havemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares e dos nossos comércios, em que Deus nos melhorou e avantajou às nações do mundo? Todas nos invejam esta felicidade e deixam as suas pátrias para a vir buscar e lograr entre nós; e só nós nos não sabemos aproveitar dela, e enriquecemos as terras estranhas com os instrumentos nascidos e criados na nossa, que a puderam fazer a mais florente e poderosa de todas.

Porque não viverão os nossos cristãos novos em Portugal como vivem em Castela, Itália e na mesma Roma, e porque não serão as nossas Inquisições como a suprema Inquisição da Igreja, em que os ministros são bispos, arcebispos, patriarchas e cardeais, e a cabeça o Sumo Pontífice vigário de Cristo, que todas as semanas assiste nela um dia?

A Inquisição é um tribunal santíssimo, e totalmente necessário, mas não pode ser santo, nem tribunal, governando-se com estilos ou injustos ou injustamente praticados, com irremediáveis danos, não digo já do temporal do reino, mas da inocência, da verdade e da mesma fé. Isto que digo a V. S.^a é certo e infalível, e todos os homens doutos e timoratos abominam e anatematizam tal modo de proceder, e lhe chamam não só injusto mas bárbaro, e se admiram e pasmam como haja príncipe cristão que tal consinta, e vassallos que tal sofram. Esta é a verdade pura e sincera, sem affectação nem paixão, e assim o sabem geralmente todas as pessoas de letras e de religião, e de todas as Religiões portuguezas, que se acham por estas partes, depois que viram nelas a differença dos estilos, e justiça com que cá se procede; e já o dizem, porque cá podem manifestar e praticar o que sentem, e em Portugal não. E dentro em Portugal todos os que tem interior notícia dos procedimentos da nossa Inquisição julgam o mesmo; nem os mesmos ministros dela, de que sou testemunha, o podem negar nem defender, e convencidos com evidência encolhem os hombros e dizem que é estilo. Pois se elles o não emendam nem remedeiam, como parece não podem, porque o não há-de remediar o Vigário de Cristo, e porque não há-de recorrer a elle o Príncipe?

Quando este remédio fôra contrário às utilidades temporais do reino, tinha obrigação S. A., como príncipe cristão e justo, de tratar eficazmente delas, sendo matéria tão universal e tão grave, e em quanto o não faz não tem segura a consciência nem a salvação; porque não há razão nem teologia alguma que o possa escusar, tendo desimpedido o recurso ao Sumo Pontífice: e por isso El-rei que está no céu, para descargo de sua consciência, ainda quando

se lhe negava o mesmo recurso em todas as outras matérias, nesta o procurou por decreto escrito e firmado de sua real mão, que veio e está em Roma, como já escrevi a V. S.^a (1).

Quanto aos medos da nossa Inquisição é cousa ridícula; e que pode ela pretender nem fazer contra o recurso do Sumo Pontífice? Emfim a nossa fé tem degenerado em loucura, como dizem com mofa, irrisão e desprezo todas as nações católicas do mundo, e todos os grandes homens eclesiásticos, religiosos e prelados da maior piedade, santidade, letras e autoridade, que concorrem neste supremo teatro da cristandade. O zelo materialmente é muito bom, mas tão indiscreto e tão cego que nenhuma iguorância o pode escusar de gravíssimo pecado contra a mesma fé, que por este caminho se destrói em muitas almas e se impede em infinitas: mas a matéria em suas evidências e conseqüências não é para tratada de tão longe.

Em conclusão, se S. A. quer fé, justiça e reino, recorra e recorra logo ao Vigário de Cristo, que é a regra da mesma fé, e descarregue nelle a sua consciência e de seus ministros, para que os estilos e prática da Inquisição seja como a da suprema Inquisição de Roma, que é a mais qualificada e aprovada por tantos Sumos Pontífices, cuja autoridade só é canónica, cuja santidade está canonizada em tantos, e não queiramos ser melhores que elles, que é o mais evidente argumento de não sermos bons nem os que devemos. De aqui se seguirá que serão castigados os culpados, e que ficarão livres de temores e enrêdos os innocentes; e para que os enrêdos passados não sejam laço e embarço da nova justiça futura, se pode co-honestar com um perdão geral, ou outro nome que tenha o mesmo efeito.

(1) Em 21 de Novembro de 1671. Supra, p. 390.

E para que os presentes no reino e os ausentes queirão e possam meter o seu dinheiro com segurança nas nossas companhias de comércio, que supponho, o dito dinheiro deve de ser livre e isento da confiscação, com dispensação do mesmo Pontífice, que entendo concederá tudo, pois estava justificado, e necessário ao bem universal de uma parte considerável da Igreja; e se houver algum impedimento será só o que lhe queiram pôr os facionários de Castela, e outros émulos da nossa conservação e aumento.

Sôbre a liga de Inglaterra e França tenho as mesmas dúvidas que V. S.^a, e cada hora maiores, porque o Estado das cousas de Holanda se vai mudando, e os seus corsários crescendo; e sempre tivera por mais útil a paz e alguma boa conveniência com êles, que uma guerra tão arriscada como a que nos podem fazer em todas as partes do mar e do mundo. Partilhas com dois companheiros tão poderosos nunca nos podem estar bem, e assim o escrevi a Duarte Ribeiro, não me podendo jámais inclinar a que partamos com tanto risco aquele todo que foi e pode ser nosso, se nos quisermos fiar mais do poder próprio que dos interêsses alheios. Na mesma conformidade falo e escrevo aos demais ministros com quem tenho comunicação; mas, como o meu zêlo está tão pouco autorizado, não é muito que se despreze.

Espero com a maior brevidade que a V. S.^a fôr possível a resposta da carta que há muitos correios escrevi a V. S.^a sôbre meus particulares, com o Padre João Juzarte (1), que já deve ser chegado a êsse reino. Nêle está também agora um meu sobrinho (2), a quem escrevo se valha do pa-

(1) Parece equívoco por Pedro Zuzarte. Em 22 de Outubro. Supra, p. 514.

(2) Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque, filho de Bernardo Vieira Ravasco, Secretário do Estado do Brasil.

trocínio de V. S.^a em seus requerimentos; e a V. S.^a peço sobretudo me não falte com a continuação da mercê de novas suas e do Marquês, meu senhor, que é a única consolação que tenho neste destêrro.

E Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como os criados de V. S.^a havemos mister.

Último de Dezembro de 1672. — Criado de V. S.^a

António Vieira

CARTA CCLXIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Janeiro 3

Senhor meu. — Cada dia crescem as razões da minha dôr de não termos a V. S.^a nesta Cúria para a guerra que nela se nos faz; mas, como dessa côrte vêm os impulsos, lá poderá V. S.^a fazer sua a vitória, e dar-no-la Deus pela indústria e eficácia de V. S.^a

O cardeal que V. S.^a nomeia será português sòmente onde se não atravessarem os interêsses de França (2), e o mesmo fará o nosso Protector (3), principalmente agora que já está de posse de dez mil cruzados em pensões eclesiás-

(1) Impressa em 1827; original no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Cardeal César d'Estrées, nomeado por apresentação da coroa portuguesa.

(3) Cardeal Virgínio Orsino, que era conjuntamente Protector de França.

ticas, que serão sempre suas, ou as mereça ou não, e ainda no caso em que desenganados passemos o título e ofício a outro sujeito. Não sei que conselhos são os nossos. De maneira que paga o nosso Príncipe vinte mil cruzados de pensões a dois cardeais que servem a outra coroa, e não só não ajudam as nossas utilidades, mas seguem declaradamente as partes dos que as impugnam.

No mesmo dia em que se fez a graça do Deado de Évora ao nosso Residente (1), e antes de firmada, veio o Cardeal Ursino dizer-lhe da parte do Secretário da Propaganda que se não haviam confirmar os bispos nomeados por S. A. para a China, Japão, etc. V. S.^a tirará a consequência e me guardará segredo.

O Padre Simão Teixeira, Procurador da nossa Assistência, que V. S.^a deve conhecer da Universidade de Évora, fez sobre esta matéria um tratado largo e muito douto e erudito, de que mando a V. S.^a a suma. Dêle consta o nosso direito, e como nenhum outro príncipe o pode ter nem pretender, antes *eo ipso* incorre em excomunhão reservada ao Papa, que é um particular motivo com que o Padre Confessor (2) pode eficazmente insistir no seu bom ânimo, e o deve fazer para descargo da consciência de El-rei e seus ministros.

A êste direito se ajunta a posse de mais de duzentos anos, continuando sempre os reis de Portugal na assistência das mesmas conquistas com infinitas despesas, de que os mesmos pontífices fazem menção nas suas bulas, com que a doação daquelas terras e mares, e o direito de le-

(1) Supra, p. 501.

(2) O jesuíta Padre La Chaise, confessor do rei Luís XIV. Segundo parece intervinha nas conversações, sobre o projecto de liga contra a Holanda.

vantar igrejas e nomear bispos, nas conquistadas e por conquistar, passou a contrato oneroso, etc.

Os governadores seculares e eclesiásticos da Índia resistiram sempre aos bispos mandados pela Propaganda, e de facto tornaram a embarcar e mandar para Europa alguns dêles, um dos quais se acha hoje em Roma; e João Nunes da Cunha, sendo Viso-Rei, pouco antes de morrer escreveu uma carta ao Cardeal Ursino, em que lhe dizia (palavras formais) que, se à Índia fôsem bispos não nomeados por El rei de Portugal, os havia de mandar enforçar na praça de Goa, ainda que fôsse com o risco da Congregação da Propaganda os declarar por mártires; e que soubesse S. Em.^a e a Congregação que não haviam de escapar em nenhuma parte, porque elle tinha soldados e armadas. Até aqui aquele nosso amigo, que deixou em Portugal poucos herdeiros de sua resolução e espiritos.

A Congregação insiste; em Portugal não se toma este negócio tão resolutamente como devia, e o Residente procede mais lentamente do que a nós nos parece convinha. Entende-se que toda esta dureza da Congregação é animada das instâncias de França e fraqueza das nossas, e tudo se reduz àquele princípio de poder ou não poder, que nós não queremos remediar.

O meio que isto tem é não ter meio. Portugal não há-de ceder do seu direito, e a Igreja e cristandade não se pode conservar com estas divisões. O que convém é que o nosso Príncipe nomeie todos os bispos, que a Congregação não mande outros, e que faça retirar aos que tem mandado; e que, se o Papa julgar são necessários outros, Portugal os nomeie e vão por via de Portugal. E que no reino, em Roma, em França e em toda a parte insistamos todos nisto, sem fazer pés atrás nem abrir porta ao contrário,

sob pena de sermos arruinados por esta brecha, que por tantas vias se está batendo.

Vejo que êste ponto também deve de entrar nas condições da liga de Inglaterra, e que esta negociação do Padre Confessor, tão justificada por uma parte, pode ser encaminhada a que França, sem nos tirar por violência o nosso direito nem em Roma nem na Índia, o queira participar em uma e outra parte por convenção e conveniência; e tudo temo, porque tudo me dói, como outras vezes tenho representado a V. S.^a

Emfim, o zêlo de V. S.^a é igual e maior que o meu, e, como V. S.^a está ao pé da obra e eu tão longe, não posso dizer mais do que tenho dito. Dificulte V. S.^a quanto puder em Portugal êste ponto, e inste em que nos aproveitemos dos nossos comércios para a conservação da Índia, porque sei de boa parte de quanta autoridade será o parecer de V. S.^a nêste particular, e que são grandemente bem recebidas as cartas de Gaspar de Abreu em Lisboa, porque o propõe e aconselha. V. S.^a lhe pode comunicar êste negócio, e será necessário pelas dependências que tem de Roma (1), mas não saiba que V. S.^a me o participou primeiro.

Tudo o que V. S.^a me diz do embaixador de Castela é o que sempre supús. Aqui amanheceu morto dia de Janeiro (2) o Cardeal Gualtieri, e são cinco os Eminentíssimos que acabaram a vida dêste modo em menos de vinte meses.

(1) Alusão à oferta dos cristãos novos acêrca da Índia, a qual era recomendada por Gaspar de Abreu de Freitas. As dependências de Roma consistiam no perdão geral, e reforma dos estilos do Santo Officio, que haviam de requerer ao Papa.

(2) Assim no original. O facto deu-se no dia primeiro, como se lê na carta seguinte.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos e muito felizes, como desejo e havemos mister.

Roma, 3 de Janeiro de 673. — Capelão criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXIV

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Janeiro 10

Senhor meu. — No correio passado escrevi a V. S.^a largamente com todas as noticias do que sabemos acêrca do negócio da Propaganda. Os interiores dêle lá os poderá V. S.^a penetrar melhor, se é certo, como se entende, que de lá se movem as águas desta piscina, onde pagamos dois anjos que não hão de fazer os milagres por nós (2).

Esta semana não recebi carta de V. S.^a, nem de novo tenho que dizer nesta mais que lamentar-me das tardanças da nossa terra, em que parece *non est virtus ad pariendum*. Ouço que, estando o feto já animado e perfeito e para sair à luz, foram chamadas certas parteiras que, se fôr macho lhe hão de torcer o pescoço, não sendo esta a tenção do nosso Faraó (3), o qual se escreve tem não só entendido

(1) Impressa em 1827. O original parece ter-se descaminhado depois disso, pois não se encontra entre as cartas da Secretaria dos Estrangeiros, nem no códice da Biblioteca Nacional.

(2) Os cardeais Orsino e d'Estrées.

(3) *Feto*: a proposta dos cristãos novos. *Parteiras*: provavelmente o Conselho Geral do Santo Ofício, a que aquela foi submetida para dar parecer. *Faraó*: o Regente D. Pedro,

mas resolutos este negócio como lhe convém. Eu o duvido, e me faz mais duvidar uma carta que lhe chama monstro.

Lastimosa foi a morte do Marquês de Távora. De Madrid me insinuam que houve suspeita de veneno; mas o médico que o curou muitas vezes e este mesmo ano, (Miguel Lopes de Leão que está aqui), me assegurou ontem que não fôra senão excesso de humor, de que o mesmo Marquês se não quis curar, fazendo disso valentia, e que elle lhe o prognosticara. Agora estou vendo se o lugar que tinha na câmara de El-rei, e o do Conde de Aveiras (1), se dão a outros, com que teremos perpetuado aquele género de governo. Não sei o que mais desejo, porque também ficará mais poderoso e absoluto o triunvirato.

Andam os castelhanos mui vãos com a nova de Charleroi, que uns fazem já tomado, outros perto disso. No palácio do Embaixador de França se disse ontem que El-rei em pessoa era ido ao socorro; do seu orgulho tudo se pode crer, mas eu lhe não dou crédito. V. S.^a tenha a saúde que lhe desejo, e me não falte com novas suas e da nossa Rainha de Inglaterra, que aqui fazem gravemente enferma.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos.

Roma, 10 de Janeiro de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Gentil-homem da câmara, como o Marquês de Távora, tinha morrido na mesma semana.

CARTA CCLXV

Ao marquês de Gouveia (1)

1673 — Janeiro 14

Ex.^{mo} Sr. — A carta que recebi nesta posta parece resposta da que escrevi na passada, em que tão instantemente pedia e protestava a V. Ex.^a a mudança de clima; mas, como êle tempera o rigor com que tem atégora tratado a saúde de V. Ex.^a, não fica lugar senão de pedir a Deus a continuação da melhora, e admirar o excessivo e generosissimo zêlo, com que a magnanimidade de V. Ex.^a sacrifica ao bem da pátria e serviço do príncipe o que nesta vida excede todo o preço, e não pode ter outra remuneração no mundo que a glória de obrar assim.

O modo da morte do Marquês de Távora me lastimou mais que a mesma morte (2). Aqui o lemos muitas vezes nas gazetas de Génova e Ancona passado a Castela,

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed., com a data errada de 1672. Autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) Era a voz corrente ter o Marquês morrido de puro desgosto. Indo à presença do Regente pedir licença para se retirar da côrte e acompanhar a Marquesa sua mulher no destêrro (supra, p. 530, nota 3), respondera aquele lhe parecia isso bem, e se fôsse em boa hora. Contam as *Monstruosidades*; «Confuso ficou o Marquês, vendo na resposta destruída toda a sua esperança, pois nem ainda lhe deixava caminho para segunda diligência. Entregue a esta consideração, se foi para a sua quinta do Campo Pequeno; recebeu pêsames de muitos senhores da côrte (excepto o Duque de Cadaval, que não quis admitir), e ocupado da veemência da sua imaginação morreu repentinamente, em a noite de 25 de Novembro».

segundo de lá escreviam, por desgostado de S. A. Se assim fôsse, não seria a primeira vez que a fôrça dêste tóxico produzisse semelhantes efeitos; mas o médico Miguel Lopes, que hoje está em Roma, me disse que o curara em uma última enfermidade, de que lhe prognosticava semelhante acidente, se não se prevenisse com outros remédios.

O primeiro dia dêste ano amanheceu da mesma sorte morto o Cardeal Gualtieri, e em menos de dois anos se contam seis cardeais mortos por êste modo, e são já dez os que S. Santidade tem enterrado, cuidando o conclave, quando o elegeu, que seria êle o primeiro.

Corre que Babilónia está tomada pelo Persiano; mas também se imagina que é fama espalhada pelo Grão-Vizir, como costuma, para descuidar os príncipes cristãos. Também se disse estes dias que Charleroi estava tomada pelo príncipe de Orange, ajudado de Marcin com socorros e artelaria de Flandres; mas as cartas de Bruxelas que chegaram ontem desafrontaram aos franceses dêste susto, e mortificaram não pouco aos castelhanos, que cantavam a vitória como sua.

Ontem me avisaram de Florença estava renovada em Portugal a antiga liga com França, que eu não posso crer; mas se êstes são os embriões em que se me falava (1) bem se podem temer monstros.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como eu e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 14 de Janeiro de 673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Supra, p. 520 e 524.

CARTA CCLXVI

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Janeiro 17

Senhor meu. — Recebi neste correio a carta do passado, desgraça que me sucede muitas muitas vezes, e diz o Procurador do Colégio Claramontano(2) ao desta casa que a ocasião de suceder assim é porque lhe chegam as cartas muito tarde. Se V. S.^a puder dar remédio sem descômodo a esta dilação, será dobrada mercê, porque é grande falta de alívio e grande tormento para a minha impaciência haver de esperar oito dias.

Primeiro que tudo dou a V. S.^a infinitas graças pela cópia das notícias enviadas a Lisboa. Se lá se souberem aproveitar de tal lição, não lhes farão falta aos nossos conselheiros as poucas que têm do mundo; e, ainda que tiveram todas, V. S.^a lhe as manda estiladas em uma tal quinta essência, que, assim como supre, excede toda a arte. Eu participei o papel em segredo a alguns amigos, dos mais noticiosos e políticos desta casa, e todos admiraram a compreensão, estilo e juízo dêle, e me deram o parabém de Portugal ter, não tais, mas um tal ministro, que eu aceitei de mui boa vontade. Com a mesma me vanglorio de que, vindo tantas notícias e por tantas vias a Roma, ninguém as tenha tão certas, nem tão interiores, nem tão profundamente ajuizadas e prognosticadas para o presente e futuro, como eu.

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Supra, p. 275, nota 1.

Vindo ao particular nosso, posso dizer com verdade a V. S.^a que, com esta carta, se me tirou uma nuvem espessíssima que trazia sôbre o coração, que não encobri a V. S.^a, tocante ao negócio que se trata em Inglaterra, de que atégora não tive mais que as notícias confusas. Como seja condição da liga restituirem-se aos antigos possuidores todas as praças conquistadas por êles, entrando nêste número Ceilão, não me parece que será racional quem a olhos fechados ou muito abertos não conhecer e aceitar a conveniência dêstes partidos. São tão grandes e tão úteis que quási excedem a minha fé e esperança; mas sempre a tive mui segura de que, sendo êste negócio proposto, aprovado e assistido por V. S.^a, não podia deixar de ser qual mais nos convenha.

Reconheço as dificuldades ou impossibilidades da paz; mas esta é a que nos dará ocasião a lograr êste beneficio, e será tanto mais fácil a se conseguir, quanto mais embaraçados estiveram os holandeses com a guerra. As suspeitas de a termos em Itália não se aquietam de todo; e a êste fim dizem que se provê Catalunha e Milão de governadores mais marciais.

Ontem foi declarado cardeal um nepote do Pontífice passado⁽¹⁾, casa Rospilhosa, dizendo S. Santidade o fazia porque Deus nos manda ser agradecidos, e foi esta a recompensa do capelo que o Pontífice presente tinha recebido de seu antecessor. Mais honesto é o contrato da comutação que o da venda, ainda que a matéria pertença à justiça distributiva, de cuja espécie há já poucos indivíduos no mundo.

Eu prègo aos Eminentíssimos *jove di grasso*, que vem a ser a nossa quinta feira de comadres, e se trocou esta

(1) Felix Rospigliosi, sobrinho de Clemente IX.

capela, a petição do Cardeal Decano, pela outra que se faz ao domingo na nossa igreja, em que o sermão não pode chegar a meia hora, admitindo-se naquela maior largueza. Eu me não sei reduzir a estas angústias, porque em muito tempo digo pouco, e em pouco nada. Confesso a V. S.^a que o faço com inexplicável repugnância, não sendo possível contentar aos ouvidos, que sempre são mais que os entendimentos, e em Itália os conceitos, que êles chamam espanhóis, têm muito pouco crédito, quanto mais os portugueses.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 17 de Janeiro de 673. — Criado e capelão de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXVII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1673—Janeiro 28

Ex.^{mo} Sr. — Não é novo em V. Ex.^a honrar-me em tudo, nem as minhas cartas podem receber maior honra que dizer-me V. Ex.^a lhe são de alívio. O certo é que, se como nelas se traslada a alma se pudera com elas infundir a saúde, já V. Ex.^a a não vira de longe, que é o que eu sobretudo sinto.

Aqui se passa tremendo; os frios são rigorosíssimos e os remédios, ainda que não faltam, também são danosos a quem os não há costumado.

A paz de Génova se tem por concluída, mas ainda não está firmada, e os genoveses no mesmo tempo vão alistando suízaros e grisões, e licenciando todos os soldados franceses que militavam em seu serviço.

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

Aqui correu que Charleroi estava tomada pelo Príncipe de Orange, com socorro das tropas de Flandres, governadas por Marcin; nova que também se teve por certa em Paris, com notável consternação daquela côrte, como de lá escrevem os mesmos franceses. Triunfavam em Roma os vizinhos de V. Ex.^a (1), mas, depois que se soube a verdade do successo, êles choram e os Galos cantam.

Agora se diz mandou El-rei de França uma resoluta embaixada à Rainha Católica, com declaração de guerra no caso em que o governador de Flandres haja dado o dito socorro por ordem sua; e, quando não, o dito governador seja logo removido do pôsto, com as mais demonstrações que pede a temeridade do caso, que assim lhe chamam.

Os alemães estão aquartelados, as pontes sôbre o Reno e rios vizinhos rôtas, e o dinhéiro de Castela e Holanda, como dizem os italianos, bebido. As cousas de Polónia pior que nunca, porque as dissensões interiores têm chegado a rompimento com sangue de ambas as partes, e o partido de El-rei antes diminui que cresce. Os suecos se entende estão com França, e Brandeburgo obrigado a acudir às fronteiras e desamparar outras partes do seu Estado, onde o Bispo de Munster lhe há ocupado pròximamente alguns lugares.

Isto é tudo o que se pratica em Roma pelos avisos mais autênticos.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a, como o nosso reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 28 de Janeiro de 673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

(1) Os castelhanos.

CARTA CCLXVIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Janeiro 31

Senhor meu. -- Também nesta posta recebi juntas as cartas desta semana e da passada, com as horas cotadas de fora a que foram recebidas no Colégio, e já representei a V. S.^a o remédio que pode ter esta falta que me fazem.

Muito estimei saber a especialidade dos despropósitos, que o Ministro de Castela faz em Lisboa, e daquela e da sua côrte se espalham pelo mundo; e sinto que sejamos nós tais que se atrevam a nos fazer estas burlas, tão indignas do respeito que se deve a um Príncipe, mas mui conformes ao seu ódio, e ao desprêzo com que em toda a parte nos tratam, o que ao menos em nossa casa devera ser com mais cautela. Um adágio português me ocorria que declara bem uma e outra cousa. Deus nos queira despertar do letargo em que vivemos.

Já V. S.^a será sabido pelas minhas que, se morreu o Marquês de Távora, também não viveu o Conde de Mesquitela. Os parentes, escrevem, se preveniam em Lisboa para fazerem ao Marquês umas soleníssimas exéquias, em que prégava o Bispo Cortesão (2), e se buscavam empresas e epigramas por todos os officiais desta arte. Parece que nos queremos vingar da morte ou zombar de Deus e de seus juizos. Emfim êste nos falta em tudo.

(1) Impressa em 1827. Original no códice 901 da Biblioteca Nacional

(2) Frei Luís da Silva, monge trinitário, nomeado em 1669. O cargo correspondia ao de assistente do Bispo Capelão-mór. (Cf. *Monstruosidades*).

Das vitórias de França, e desesperação a que podem vir os holandeses, faço a mesma consideração que V. S.^a; mas o nosso descuido a nada atende. Parece que estamos fora dêste mundo. Afirmo a V. S.^a me desejo em algum lugar, se o há tão remoto, onde se não ouça nem conheça o nome de Portugal. Tremo dos correios que de lá vêm, porque todos trazem motivos de dor e tristeza, sem depois dêste govêrno lermos uma nova de gôsto ou esperança dela.

Aquí nos enchem os padres franceses os ouvidos com havermos recuperado Cochim, e também esta notícia devia de vir por cima da fôlha. O que eu vi ontem é uma carta escrita de Aspan ao Padre Assistente de França, em que lhe dizem andam nos mares da Índia vinte e três naus de guerra francesas de até setenta peças de artelheria, com que dominam todos aqueles mares, e têm em terror todas as nações naturais e de Europa. Eu tiro de aqui as conseqüências que não hão mister muita lógica, e na mesma carta se nomeavam visos-reis, generais e governadores, com tal pompa que a não pudemos nós fazer maior no tempo de El-rei D. Manuel.

Muito é que El rei de Inglaterra cedesse daquela condição que não parecia fácil, e eu supponho ser a cláusula de Ceilão: pode ser que a não duvide porque a não espere ratificar. E verdadeiramente, se os dois Reis querem por esta via fazer guerra aos holandeses, parece que não haviam de dilatar o que, resolvendo-se logo, se não pode executar senão em tempo e com monção que não vem todos os meses.

Sôbre o que disse a V. S.^a o Secretário de Estado que foi embaixador em Holanda (1), choramos todos aqui a

(1) O Marquês de Pomponne, Embaixador a Holanda em 1669, Secretário dos Negócios Estrangeiros em 1671.

nossa cegueira; e muito mais raivosamente quando vemos que não deixa Roma de ser a cabeça da cristandade, por tolerar os judeus, que só tratam em roupa velha, contentando-se tantos pontífices santos com os obrigar a ouvir um sermão na semana, e se converter algum de ano em ano. Mas a isto me dirá aquele gran ministro o que escreveu a V. S.^a Em Lisboa tinha S. A. concedido aos cristãos novos que pudessem recorrer ao Pontífice, sôbre os estilos com que em Portugal são tratados, e depois de ajustado êste negócio, que era negócio, foi remetido ao Santo Ofício.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 31 de Janeiro de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXIX

A Duarte Ribeiro de Macedo⁽¹⁾

1673 — Fevereiro 7

Senhor meu. — Muito desgostoso exórdio é êste da última carta de V. S.^a Quererá Deus que com a mudança do tempo melhorem os achaques de V. S.^a, e que faça a benignidade do sol o que o rigor do fogo não pôde suprir. O meu estômago no inverno também padece os mesmos accidentes, porque é rara a noite em que não troque o que tenho comido, sendo que o faço com grande moderação. Pode ser que, se as minestras italianas foram

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

caldo de galinha, se acomodara mais com elas a debilidade dos meus anos, que é a vantagem que considero nos de V. S.^a Logo fiz diligência pelos pós do Papa Benedito, mas também cá se não conhecem por êste nome, sendo os nossos boticários os mais peritos desta arte. Eu muito desejo a V. S.^a em Lisboa, mas nas circunstâncias presentes também quisera a V. S.^a em Paris, em Inglaterra e em Holanda; e não é de agora êste desejo, porque há muitos dias que o representei a algum ministro dos que estão mais perto do lado de S. A., e têm nêle, segundo dizem, o lugar da maior confidência, e me respondeu que se não fazia porque não há um vintém. Torno a dizer que é grande a nossa fé, e que esta pelo mal que está entendida no nosso reino o há-de perder.

Aqui se mostra carta de Lião, em que se refere outra de Surrate, escrita por um deputadò da Companhia Oriental francesa, e esta afirma que os portugueses tinham recuperado Cochim, não sem intelligência do governador da praça, ou bem affecto ou convertido à fé católica por indústria de um Padre da Companhia. Esta carta dizem que veio por Esmirna, mas não souberam dizer de que tempo era a data: o certo é que vi eu outra de Aspam, escrita ao Padre Assistente [de] França por outro padre também francês, em que dizia que nos mares da Índia se achavam vinte e três naus de guerra francesas, de cincoenta até setenta peças, que tinham pôsto em grande terror a todas as nações daquelas partes, assim naturais como europeus; e na mesma carta se fazia menção de Viso-Rei, governadores, generais, etc., com tanta pompa dêstes vocábulos, como o pudera fazer El-rei D. Manuel. E nós cuidamos que, com ter duas gondolas em que passar a Salvaterra, somos reis de aquém e de além mar.

Ontem correu também que o governador de Utrecht

tinha tomado a Haia, e se fala nos despojos desta e das outras praças, a que não defenderam os gelos, por milhões. A nossa pobreza de espírito nos poderá segurar o reino do céu, mas não sei se o da terra. Se V. S.^a quer melhorar de seus achaques busque algum meio de não cuidar em Portugal, porque só êste remédio podem ter os que o amam, e isto é o em que eu ando cuidando há muitos dias.

O correio de Espanha, que a muito tardar havia chegar ante-ontem, ainda não é chegado, e, pôsto que os dias de toda a semana passada foram mui incómodos, suspeita-se que em França o hajam esvalijado, como se diz fizeram a outro que ia para Alemanha.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos e com a inteira saúde que desejo.

Roma, 7 de Fevereiro de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXX

Ao Marquês de Gouveia (1)

1673 — Fevereiro 11

Ex.^{mo} Sr. — Ontem chegou o correio e hoje parte; a demasiada tardança fazia suspeitar que o teriam desvalijado alguns salteadores franceses, como fizeram estes dias a outro dessa côrte que ia para Alemanha; mas eu, depois que li a carta de V. Ex.^a, entendi que tardou porque me trazia tão boas novas. Estimo, quanto não sei nem posso encarecer, que as queixas de V. Ex.^a tenham cessado, e,

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

ainda que o tempo e os medicamentos tenham sua parte nos bons efeitos da saúde, eu dou toda a glória e todas as graças ao autor de todo o bem.

Os vizinhos de V. Ex.^a andam por esta bñda muito cabiscaídos, pôsto que fazem quanto podem pelo dissimular; antevêem e temem o rompimento, e nêste teatro do mundo lhes dá mais cuidado a reputação. Ainda que eu o não sabia entender nem dizer tão bem, vejo que luta a necessidade com a soberba, e que esta costuma cair e aquela não pode vencer. Sermos nós as rémoras dos seus impulsos também o experimentamos, porque sempre se doem desta parte, e ainda que lhe queremos segurar o contrário não nos dão crédito.

Em Roma se vão continuando as festas do carnaval, com mais concurso a elas que às quarenta horas. Eu prèguei sôbre êste assunto nas de S. Lourenço em Damaso ante-ontem, com tão pouco fruto em italiano, como será em português no sermão de Cinza, que faço no nosso Santo António. Assistiram no de S. Lourenço dezanove cardeais; e, para que V. Ex.^a veja por quão português me reputam os vizinhos de V. Ex.^a, notou-se que faltaram os da facção espanhola, podendo mais com o Eminentíssimo Nitardo as razões do presente ministério que as da antiga irmandade (1). Não é esta primeira vez que confesso a

(1) Estava o ministério espanhol descontente do govêrno português, por não ter êste aceitado as propostas do Conde de Humanes (supra, p. 462). O Cardeal, Embaixador de Espanha, não queria por isto honrar com a sua presença ao prègador português. Esta parece ser a idea de Vieira. Ambos jesuítas, e validos queixosos, se tinham encontrado em Roma na mesma situação de exilados: Vieira por vontade própria, Nithard pela ordem extorquida por seus adversários à Rainha. Nisto consistiria a irmandade.

V. Ex.^a os meus escrúpulos; e ainda que é um pecado reservado, que só fio do sigilo de V. Ex.^a, V. Ex.^a me dará a absolvição.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a muitos anos, como os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 11 de Fevereiro de 673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXI

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Fevereiro 21

Senhor meu. — Recebi a de V. S.^a de 26 de Janeiro, com as cópias daqueles capítulos, que na nossa terra deviam ser recebidos como evangelhos; mas a nossa fé ainda está pagã ou idolatra nesta profissão. Deus a alumie, como parece fará se nos não castigar, e queira o mesmo Senhor que para maior castigo não seja tarde.

O nosso Residente fala no comércio com generalidade, repetindo a S. A. o que sempre avisou e propôs de Inglaterra, e acrescentando só de novo que, para o que fôr necessária a confirmação do Pontífice, parece que não haverá dúvida (2).

(1) Impressa em 1827; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) A idea da Companhia de comércio pelos cristãos novos partira de Inglaterra, onde o Padre Baltasar da Costa, que apresentou

Ele me não falou ainda no negócio do Padre Confessor(1), em que eu não posso dizer mais que havermos entendido sempre todos que as resistências da Congregação de Propaganda eram fomentadas dos ministros dessa coroa, que aqui têm a facção e autoridade que a nós falta, pagando vinte mil cruzados de pensões a dois cardeais, um por natureza, outro por graça, ambos franceses.

No que disse a V. S.^a do Cardeal Ursino (2), explico (se naquela carta o não fiz) que não foi êle o que deu ao Residente a nova do Deado; mas que no mesmo dia, depois da nova e antes de passado o decreto, lhe declarou o que na Congregação se tinha resoluto de parte do secretário, que ali, como em toda a parte, governa tudo. Com isto respondo a não responder o nosso a V. S.^a uma palavra, sôbre negócio tão importante e tão repetido.

A nossa recuperação de Cochim, a que nunca pude dar crédito, se resolveu pela parte que se podia esperar, isto é, que tivesse vitórias na Índia quem lá tem poder. Não duvido que os holandeses se procurem despigar, e que o possam fazer com efeito, o qual não desajudará nada ao nosso tratado. O socorro que pedem ao Viso-Rei da Índia, é para nos empenhar, o que êle não deve fazer sem ordem, supondo que a não tem, e a promessa do castelo não é tão

o plano ao Regente, estivera quando veio da Índia (supra, p. 388). Também o mesmo Gaspar de Abreu de Freitas tinha comunicado de Inglaterra que os judeus lá residentes propunham fazer uma companhia para povoar o Maranhão, pedindo em trôco as *liberdades judaicas*. (Carta do Secretário de Estado ao Marquês de Gouveia. Fevereiro 15 de 1672. Cópia no códice 748 da Biblioteca Nacional).

(1) A nomeação dos bispos ultramarinos. Veja-se a carta de 3 de Janeiro.

(2) Na mesma carta acima.

segura nem de tanta importância que nos obrigue o interesse.

Dizem de Holanda que o Viso-Rei tinha uma boa esquadra de doze navios, que partiam contra o Árabe; se recuperarmos Mascate não faremos pouco, pois não acabamos de querer fazer muito, como seria se em Lisboa (e mais neste tempo) levantássemos uma poderosa Companhia Oriental, com os seguros e privilégios que convém, que é o sobre que lida o meu desejo, e não acabo de ver o fim, pôsto que há muitos meses me entretêm com boas esperanças.

Aqui morreram agora dois cardeais, Roberto e Borromeu, que era Secretário de Estado. Dizem que passará o officio ao Cardeal Patrão(1) e que carregará o pêso do trabalho sobre Mr. Balhone, seu grande valido. A irmã do Papa, freira, e três anos menos velha que êle, fica unvida com poucas horas de vida. Tudo é morrer e esquecimento da morte.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 21 de Fevereiro de 673.

Agora recebi carta de Lisboa, em que me dizem de S. A. a nomeação de cardeal ao Duque de Aveiro; se o não fizerem logo, não será por falta de capelos vagos. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Cardeal Altieri.

CARTA CCLXXII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1673 — Fevereiro 25

Ex.^{mo} Sr. — Dou a V. Ex.^a o parabém da nomina do sr. Duque Inquisidor Geral (2), a qual não deixará de ser confirmada em Roma por falta de capelos vagos, pois são já três neste ano os que se acrescentaram, e em menos de cincoenta dias, a outros dois que estavam por prover; e, segundo as poucas esperanças com que alguns Eminentísimos se acham de longa vida, não parece que se contentará a morte de acabar o ano sem tornar a visitar o Sacro Colégio.

Eu também, ainda que não prègo este ano o Mandato, tenho algumas dúvidas sôbre o *Cum dilexisset suos*, pôsto que a saúde e robusta disposição do Pontífice prometem que não será o *in finem ante diem festum Paschæ* (3). Contudo, antes de termos esta nova de Lisboa, me disse o nosso Residente que lhe tinham dado ou promessas ou seguras esperanças, que nesta terra não merecem tanta fé como a sua se persuade. Os partícipes dos arcanos o saberão melhor, que eu só falo pela boca do vulgo e sem ter regateira na praça Navona (4).

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) D. Pedro de Lencastre, Duque de Aveiro, que era tio do Marquês. A pretensão era antiga. Supra, p. 427.

(3) Palavras no Evangelho de S. João, que se lê em quinta feira santa.

(4) Gracejo, em correspondência com o do Marquês, que dizia ser informado por uma regateira. Supra, p. 428.

Não sei em que se fundaram os temores de estar Amsterdã rendida, porque são muito diferentes as novas e suposições, com que daquela banda e da mesma França se escreve. O certo parece que é haverem os franceses roto a guerra na Índia com os holandeses, e occupado um castelo e pôrto na ilha de Ceilão, tendo-nos primeiro adogado esta irrupção das nossas Conquistas com a falsa nova de havermos recuperado Cochim (1).

A êste ponto chega a carta de Génova, em que se diz por maior haverem ali chegado avisos do Norte pouco favoráveis às armas de França, e não se oferece de presente matéria a que se aplicar esta notícia, senão ao exército de Turena, que sabemos ser partido em socorro de Munster, sôbre uma praça sitiada pelo Marquês de Brandeburgo.

Eu fico mui atrasado na saúde, e com poucas esperanças de a recuperar nêste clima, porque há muitos dias que o estômago me não logra alimento por excesso de frio; mas, em quanto durar a vida, sempre ao serviço de V. Ex.^a com o mesmo coração.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a muitos anos, como Portugal e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, e Fevereiro 25 de 673. — Criado de V. Ex.^a

Antônio Vieira.

(1) Supra, p. 567.

CARTA CCLXXVIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Março 7

Senhor meu. — Não tem V. S.^a razão de me agradecer o simples conhecimento com que venero os seus escritos e admiro os seus discursos, porque fôra ser muito falto de razão e de juízo, se assim o não conhecera; e no pouco que digo a V. S.^a se deixa bem ver a sinceridade com que falo, livre de todo o encarecimento e adulação.

O nosso Residente me comunicou a carta de V. S.^a, e não o vi com grandes esperanças de se poder contrastar a dureza da Propaganda (2), que também encontra em tudo as missões da Companhia, a que também Gaspar de Abreu não mostra ser mui inclinado; e me parece o seu génio daqueles que constituem a essência do espírito e religião em burel e pés descalços.

O Padre Confessor (3) me parece toma bom caminho, pôsto que mais dilatado; e folgo que reconheça a verdade e fôrça do nosso direito. Assim o conhecera o nosso ministro, a quem sinto nesta parte muito romanescado, nem cuido que na impugnação dêste e de outros pontos haja de tirar sangue nem vertê-lo, levando tudo por aquela mansa prudência, que é boa para viver, mas não eficaz para concluir, principalmente em uma côrte onde a razão

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Da Congregação da Propaganda, sôbre a nomeação de bispos ultramarinos.

(3) De Luís XIV. Supra, p. 553.

do ministro se mede pela potência do príncipe. Na nossa se faz pouco caso disto, e não sei a que atendemos, ou sei aquilo que não posso dizer de tão longe.

As cartas dêste correio falam com maior seguridade na resolução dos homens de negócio com os procedimentos do tribunal, que atégora foi o maior impedimento do comércio (1). A mim me dá a entender algum grande ministro, com termos mais de evidente consequência que de manifesta expressão. Por outra via me dizem que teve grande parte nêstes impulsos a Rainha, que Deus guarde, e que as suas razões persuadiram a S. A. o que ouvia ao princípio com horror e abominação. Por êste parto lhe poderemos perdoar a tardança dos outros; contudo eu não acabo de crer o que se diz, que, em termos populares, vem a ser perdão geral, e abertas e publicadas (2); o que me faz duvidar mais é dizerem-me que a vista, que se tinha dado às que V. S.^a chama parteiras (3), ainda não tinha resposta em 23 de Janeiro, pôsto que se prometia para o dia seguinte. Contra as suas opposições não desejo textos nem razões, mas valor.

Com grandes mistérios se escreve sôbre as negociações do Conde de Humanes, cujos próprios se repetem a Madrid com freqüência. Devem de ser dores da negociação de V. S.^a e tratado de Inglaterra, que estimo muito esteja em tão bom estado como a melhoria da Rai-

(1) Refere-se às negociações para o estabelecimento da Companhia Oriental em Lisboa, e perdão geral que requeriam os cristãos novos, e impugnava a Inquisição.

(2) *Abertas e publicadas*: a declaração aos réus das ocasiões dos delitos e nomes das testemunhas, o que era contra as regras do Santo Officio.

(3) O Conselho Geral do Santo Officio.

nha (1), pôsto que as suas desconfianças me o não mereçam.

A El-rei, na Terceira, se mudam officiais e confessor, e se attribui esta mudança a causas mais interiores que terem acabado o seu triênio os criados que o serviam; para tudo há comentos e profecias.

O argumento de V. S.^a, sôbre as duas suposições no fim desta guerra, também é concludente na minha lógica: e sempre nos está bem ficar incluídos em qualquer pacto que se faça com Holanda, ainda que seja o da última sujeição.

Por Veneza chegou nova que os dois exércitos se tinham batido, dando-se a vitória por uns autores a França, por outros a Brandeburgo; mas o mais provável parece ser a batalha suposta, porque as cartas de Colonia não dizem nada.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 7 de Março de 673.

Não peço a V. S.^a segrêdo sôbre os particulares desta, porque sei que falo com V. S.^a — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXIV

Ao Marquês de Gouveia (2)

1673 — Março 11

Ex.^{mo} Sr. — Já os correios com a sua menor tardança nos trazem melhores novas das neves, que por esta banda

(1) D. Catarina.

(2) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

em algumas partes chegaram a igualar as ruas com os telhados; contudo as não vimos nesta côrte como nessa, onde o frio ou a frieza é maior.

A disposição, que os médicos chamam neutra, quisera eu antes para a convalescência do nosso reino que para a saúde de V. Ex.^a Não só o Conde de Humanes pela sua parte, mas também os ministros franceses pela sua, ouço que nos receitam instantemente o contrário; mas as conjecturas presentes mais prometem paz a todos, que persuadem a guerra a quem tem tão pouco com que a sustentar.

A 14 do mês passado entrou Inglaterra em parlamento, tão solicitada da amizade dos holandeses como da mútua religião; e se entende que por estes dois interêsses, além do geral, não virá aquele reino em dar o dinheiro necessário para as despesas de nova armada, não estando França em estado de as suprir; com que os dois Reis ou darão ou aceitarão as condições a que os obrigar a necessidade.

Polónia se vai dispondo à união e defesa, mas vagarosamente; e o Turco, segundo referem os avisos de Veneza, fabrica em toda a parte o maior poder naval com que jámais as suas armas se viram no mar. Teme-se muito a Sicília, que também consigo não está pacífica.

De alguma das nossas ilhas chegam por cá novas que querem indiciar o mesmo; mas com a mudança que dizem, de confessor e médico(1), se sarará tudo em corpo e alma. Invejo a V. Ex.^a a quaresma de Madrid, porque aqui se ouve todos os quarenta dias a fio o mesmo prègador. Tire-me Deus em paz e a salvo de um sermão italiano, que hei-de fazer a semana que vem à Rainha da Suécia, cujo extraordiná-

(1) Do rei D. Afonso, prisioneiro no castelo da Terceira. Veja-se a carta antecedente.

rio e sublime génio se satisfaz mal, ainda do que não é ordinário.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a, como desejo, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 11 de Março de 673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXV

A Duarte Ribello de Macedo (1)

1673 — Março 14

Senhor meu. — Esta última de V. S.^a, de 17 de Fevereiro, me tem dado ocasião a grandes pensamentos. Supponho que dificulosamente virá o Parlamento de Inglaterra em contribuir dinheiro para armada dêste ano, e que sem ela se não poderá continuar a guerra de modo que os dois Reis consigam o intento, e que serão forçados a se acomodarem com a paz, dando ou aceitando as condições a que os obrigar a necessidade.

Esta se confirma com a noticia que últimamente me deu um grande ministro da nossa côrte, de que os de França e Inglaterra faziam nela apertadíssimas instâncias para que rompamos com Castela; e disto inferem lá que as duas coroas se não acham tão poderosas que, sem a nossa diversão, possam prevalecer contra Holanda e seus coligados. Acrescentam, p̄r outra via, que às sobreditas instâncias ajuntam os dois ministros ou palavras ou proposições de ameaças, com a restituição de El-rei D. Afonso,

(1) Impressa em 1827; falta o original.

com cuja liberdade comprem a sua vontade, se não fôr o nosso cativo, e tudo o mais, dentro e fora do Reino, que facilmente concederá um rei prêso, vingativo e tão ofendido, e não com tanto juizo quanto é necessário para vencer estas paixões com o respeito do bem comum: a êste fim acrescentam que se mudam os officiaes da Ilha, e particularmente o médico e confessor, com que melhor se pode segurar a saúde do corpo e alma.

Emfim, senhor, eu fora da jurisdição de Portugal não sou obrigado a renegar do Bandarra, e êle, falando sôbre o seu ano fatal de quarenta, diz: «Trinta e dois anos e meio haverá sinais na terra, a escritura não erra, que aqui faz o conto cheio» (1). E vem a ser, segundo boas contas, o Junho ou Julho dêste mesmo ano em que estamos (2). Deus sôbre tudo, mas as disposições do mundo armadas estão a qualquer grande novidade.

De Veneza se avisa que o Turco em todos os seus portos aparelha o maior poder naval que jámais pôs nêstes mares. Teme-se muito Sicilia, que dentro em si não está pacífica nem capaz de resistência; e o mesmo desamparo se prevê na contra-costa de Nápoles, e em todas as do Estado Eclesiástico.

O que V. S.^a me pergunta sôbre os mistérios da carta do Marquês de Fronteira, me diz ou insinua em repetidas cartas o Marquês das Minas (3). Na passada dei conta a V. S.^a de tudo o que sabia. É certo que lá se trata do

(1) A sentença do Santo Officio impusera a Vieira a obrigação de não tratar mais das proposições, em que fôra arguido no processo. O trecho citado encontrava-se no escrito *Esperanças de Portugal*, motivo da condenação.

(2) Desde 1640.

(3) Tanto o Marquês de Fronteira como o das Minas favoreciam a pretensão dos cristãos novos.

perdão e mudança de estilos no tribunal do Rossio(1), ao qual se deu vista, e ainda não tinha respondido.

O Duque Inquisidor Geral se mostra mui inclinado a tudo o que fôr de maior bem do reino e serviço de S. A.; e S. A. o tem já entendido assim. Últimamente me mandou escrever que me desejava muito lá, mas que de presente tinha um negócio muito de seu serviço, que queria que eu aqui fizesse. Entendo que não pode ser outro senão êste. Com que tenho concluído toda a minha confissão.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 14 de Março de 673 — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXVI

A Duarte Ribeiro de Macedo(2)

1673 — Março 21

Senhor meu. — Noutras confesso a V. S.^a todos os meus pecados; nesta manifestarei também os meus escrúpulos.

Já tenho dito a V. S.^a que da nossa côrte me escreveu pessoa, que participa os mais interiores secretos, que os dois Reis(3) instavam fortíssimamente pelo nosso rompimento com Castela. Acrescentam outras cartas que nos ameaça-

(1) A Inquisição.

(2) Impressa em 1827; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(3) De França e Inglaterra.

vam com guerra, e com a restituição de El-rei D. Afonso. Para isto ser assim, conforme uma antiquíssima escritura, só falta que El-rei saia da ilha; porque tudo o mais que lhe succedeu atégora se conta e descreve no mesmo papel, com as mais miudas e individuais circunstâncias que se pode imaginar; porque nelas se aponta a sua prisão e a ocasião dela, e o seu degrêdo, e as razões particularíssimas e interiores dêle, e o ano, mês e dia, em que prêso havia de sair da prisão, e o não se haver coroado seu sucessor, etc.; cousas todas que por nenhuma arte, ou sciência humana nem diabólica, se podiam antever duzentos anos antes; e tudo isto junto com o que mais acrescenta de felicidades de Portugal concorda com o Bandarra, que nêste ano parece conclui o seu *conto cheio de trinta e dois anos e meio* sôbre o da aclamação (1).

His positis: chegou aqui o aviso esta semana que de Marselha saira uma armada de vinte e oito naus de guerra com muita gente, e que já tinha passado o estreito. Se esta armada, ou só ou acompanhada dos outros navios que se acham no mar de Cadiz, entrar pela barra de Lisboa, ou com a pessoa ou com a voz de El-rei D. Afonso, não há dúvida que causará uma grande confusão e divisão nos ânimos daquela côrte, onde o govêrno presente não é mui aplaudido, o passado tem muitos apaixonados, e a novidade e mudança convida ainda aos que não têm que esperar. E êste mesmo acidente pode abrir uma grande porta às conseqüências prometidas nos nossos fados, aos quais a presente constituição do mundo parece que vai formando as disposições.

Bem vejo que, para isto ser ou poder ser assim, é neces-

(1) Igual afirmação na carta antecedente.

sário fechar os olhos a muitos respeitos divinos e humanos: mas os políticos não reparam em uns nem nos outros (1), principalmente quando o empenho e a necessidade concorrem a abraçar o remédio, onde se representa mais fácil e efectivo; e, quando nada disso seja nem possa ser, o amor *omnia tuta timet*.

Emquanto o meu andava vacilando sôbre estas considerações ou disparates, me mostraram ontem um livrinho estampado êste ano, ou no fim do passado, em Milão, autor um grão matemático chamado Piscatore di Chiaravalle, o qual no fim do juizo dêste inverno diz as seguintes palavras: *Anche nelle provincie del Sagittario nascerà qualche stravaganza per nuove pretensioni d'un principe relegato, e non sarà poco se cessarà la causa di quella straordinaria mutazione*. O mesmo, na lua nova de Fevereiro, acrescenta: *Saràno allestite e spalmate molte navi per formare una potente armata di mare; e sarà grande la fortuna dei marinari e comandanti. Una città metropoli comincia a sentire prima del tempo la confusione*. E no primeiro quarto da lua de Março: *La città metropoli d'una provincia maritima sarà in grandissima confusione per un assalto improvviso*. Finalmente no juizo de todo o ano, citando a Ptolomeu e Cardano (2), diz, e é conforme todos os astrólogos, êste é o tempo em que *incipiet monarchia, et omnia regentur nutu unius*.

Não é esta pequena ociosidade para quem esta noite

(1) Desde as palavras *é necessário* até aqui, sublinhado no original.

(2) Jerónimo Cardano, médico, filósofo e matemático. Dado à astrologia conta-se dêle que, tendo determinado por cálculos a data do seu falecimento, se deixou morrer de fome para não desmentir o prognóstico. Faleceu em Roma em 1576.

há-de prègar em italiano à rainha de Suécia. Estimarei saber o que continha aquela plenipotência.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos.

Roma, 21 de Março de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXVII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1673 — Março 25

Ex.^{mo} Sr. — Com grande dificuldade posso fazer estas breves regras, pela pouca saúde com que fico; mas não é bem que falte eu à minha obrigação, em quanto de todo me não falta a vida.

Sôbre o negócio do recomendado de V. Ex.^a falei logo ao Residente, que me disse estava pôsto em via, e entendi o tinha tomado tanto à sua conta, que não quer tenha outrem merecimento em servir ao gôsto de V. Ex.^a

Nisto lhe acho muita razão, e eu também fizera o mesmo, se com os documentos da matéria a pudera solicitar; mas sem êles não se que faça, mais que ratificar de novo, aos pés de V. Ex.^a, que estou sempre a êles para obedecer e seguir as ordens de V. Ex.^a em tudo o que V. Ex.^a fôr servido mandar-me; e isto sem nenhum escrúpulo, porque sei que o affecto e teologia de V. Ex.^a se acosta sempre às opiniões mais prováveis.

Da saúde e vida da senhora Rainha de Inglaterra li

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed., com a data errada de 15; autógrafo no Arquivo Nacional.

ontem em uns avisos daquela banda muito ruins novas ; mas devem não ter fundamento, pois me as não dá Duarte Ribeiro. As de Polónia são só dos preliminares da união, a que sempre acrescem dificuldades. O Turco assiste os rebeldes de Hungria, e os astrólogos italianos não asseguram dêle esta terra ; e também parece que falam na nossa e na Ilha Terceira. As pazes de Génova com Sabóia se haviam de publicar ontem, cedendo a república em alguns pontos do honorífico, por conservar o de França.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como desejo, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 25 de Março de 673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXVIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Abril 4

Senhor meu. — Só as cartas de V. S.^a são o verdadeiro mapa do mundo presente, porque nelas se vê demonstrativamente tudo o que envolto em dúvidas e opiniões chega a esta côrte por muitas vias.

Se a paz se fizer, argúo que o nosso tratado de Inglaterra não terá efeito, com que a Índia ficará nas contingências que lhe temíamos. Eu tenho por sem dúvida que os holandeses, desassistidos de Castela, procurarão a qualquer custo e dispêndio os meios da paz ; mas não sei como

(1) Impressa em 1827 ; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

Castela se acomodará a largar as praças, que tem presidiadas no Brabante holandês, e estima hoje como suas. Nem também me persuado que os dois Reis, vendo a Holanda só e sem socorro, queiram contentar-se com menos que com o absoluto domínio dela.

De um frade franciscano, que de aqui partiu para a Índia, de onde tinha vindo, há carta de Alepo, em que diz, nos últimos de Dezembro, que poucos dias antes havia chegado correio de Baçorá com nova, repetida em todas as cartas dos mercadores, que a nossa armada vitoriosa havia constrangido o Árabe a fazer pazes; mas não se fala em condições, que, como não sejam com restituição de Mascate, me não parece grande cousa. Serão contudo úteis para o comércio da Pérsia, do qual comércio, murmura uma carta mais antiga da Índia, se trata mais que da guerra.

O correio da nossa terra não é ainda chegado; só tive por outra via uma carta mais antiga de Pedro Fernandes Monteiro, em que me faz menção das esperanças dos trinta e dois anos e meio, que também segundo o seu cômputo se fecham êste ano, e me refere três regras de um prognóstico de António Pais Ferraz (1), que eu não conheço, as quais citava o famoso Galhano no seu Almanaque dêste ano (2), e são as seguintes, aludindo à conjunção de Marte e

(1) «Igualmente douto nas faculdades de filosofia, teologia, e matemática», — diz Barbosa Machado. Publicou, além de almanaques de diversos anos, a obra seguinte: *Discurso astrológico da maior conjunção de Júpiter e Marte, que sucederá a 8 de Agôsto de 1660, observado e calculado para o meridiano de Lisboa: nêle se trata da exaltação de Portugal, dos principios de seu Império e de suas felicidades*. Lisboa 1661.

(2) *Prognóstico e Lunário do ano de 1673, calculado ao meridiano de Lisboa, pelo Licenciado Manuel Gomes Galhano e Lourosa, médico*

Júpiter, que foi a mesma do ano de 40: *Invenio quod adu-
latus sit nostro regi Afonso Insulario; sed hanc denuò fe-
licitatem infelici regi attributam permittimus.* As ditas
regras se riscaram ou na Inquisição ou no Paço, e se im-
primiu sem elas o Almanaque, que não faz fim de dizer:
— Vigilância e mais vigilância, armas e mais armas!

Estas vaidades escrevo a V. S.^a porque não há desta
banda cousa de maior momento. Passo com pouca saúde
mas sempre a serviço de V. S.^a, que Deus nos guarde e
consERVE muitos anos, como havemos mister.

Roma, 4 de Abril de 673.

Esquecia-me dizer a V. S.^a na passada que o Bispo
Cortesão se chama na nossa terra o Deão da Capela (1),
parente do Conde de Vilar Maior, ou porque se chamava
assim um bispo antigo que teve a mesma dignidade, ou
porque o seu título não passa da côrte, ou por outra qual-
quer razão que S. S.^a Ilustríssima fôr servido. — Capelão
e criado de V. S.^a

António Vieira.

lusitano. Na parte relativa ao juizo do ano diz: «Abri os olhos, ó por-
tugueses, considerai que temos no ano de 73 quasi as mesmas influên-
cias celestes do tão celebrado ano de 640». E adiante: «Tomai o
conselho do grão poeta lusitano naqueles arrogantes versos:

Álerta, disse, estai, que o vento cresce
Daquela nuvem negra que aparece».

O autor publicou, durante muitos anos o almanaque, ao que pa-
rece com larga aceitação. Escreveu a *Polymathia exemplar, Come-
tographia meteorologica do prodigioso e diuturno cometa que apare-
ceu em Novembro do anno de 1664*, obra impressa duas vezes pelo
menos, em 1666 e 1668.

(1) Isto é, da Capela Real. Falta a carta mencionada. Outra
referência na de 31 de Janeiro, p. 564.

CARTA CCLXXIX

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Abril 11

Senhor meu. — Escrevo a V. S.^a de mão alheia, dando muitas graças a Deus de o poder fazer ainda por êste modo. Foi o caso que, haverá seis dias, descendo uma escada de pedra, caí de rosto por ela abaixo com todo o pêso do corpo, e ali fiquei por bom espaço por ser de noite a'desoras, até que em braços me trouxeram a esta cama, com uma ferida na testa e sem poder reger a perna direita; sobreveio febre, de que fico com alguma melhora: a ferida se cura, e dizem os médicos que não há perigo, pôsto que a perna, ainda que se não tirou nenhum osso do seu lugar, dizem se não solidará tão brevemente.

Tenho dado conta de mim a V. S.^a, e de cá se não oferece outra cousa mais que a alteração que em palácio se tem sentido, com a nova que mandou o Núncio dessa côrte por um extraordinário sôbre a cavalaria de S. Lázaro, que El-rei determina instituir ou ressuscitar, presumindo-se que será em dano da Dataria, que é aqui a dôr mais sensível (2). Também ajuntam a esta novidade a dos Expedicioneiros

(1) Impressa em 1827; original no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Por decreto dêste mês de Abril, Luís XIV mandou suprimir a ordem dos Hospitaleiros do Espirito Santo e outras, e aplicar as rendas à dos cavaleiros de S. Lázaro, resolução que o Papa impugnou, alegando não poder ser tomada sem consentimento seu. A controvérsia prolongou-se até ao pontificado seguinte, e durava ainda em 1687, quando o Marquês de Lavardin foi nomeado embaixador. Cf. *Recueil des Instructions cit., Rome*, t. 1.^o

eclesiásticos, cujo número e pessoas, dizem, quer El-rei sejam da sua eleição, tanto em Roma como em França, com pressuposto ou cominação de se haverem por nulos todos os despachos expedidos por outra via.

Por Flandres se escreve ser morta a senhora Rainha de Inglaterra, o que eu não quero crer nem devo, pela experiência de outros semelhantes avisos sôbre a vida dos nossos príncipes; escrevem o que desejam, e só sinto que os que o lêem seja pela maior parte com pouco sentimento. Não sei se o merece assim a reputação de nossas acções, que já me envergonho de não poder defender.

Dizem que partem êste ano da nossa terra duas naus e um patacho, que é o mesmo que tomar Azamor com caravelinha(1): e nisto desarmaram os estrondos da Companhia Oriental! V S.ª tem muita razão de entender que nenhuma cousa veremos *extra causas*, principalmente depois que temos tão pouco valor, que tiramos as nossas da mão do legítimo e supremo juiz, e as pomos nas dos que são partes, e tão interessadas(2).

A resolução de Brandeburgo(3) dá aqui grande cuidado a todos os que temem a sujeição ou paz de Holanda, de que prognosticam pouca quietação, por terra em Flandres e por

(1) Ditado, que se originou na malograda tentativa de tomar Azamor por conluio com alguns dos mouros moradores da praça, achando-se esta na ocasião fortemente guarnecida. Os de dentro zombavam do pouco poder dos portugueses, perguntando-lhes das muralhas se queriam tomar Azamor com quatro caravelas. A verdade é que a armada se compunha de 76 navios, e levava quatro mil homens. Na bôca popular o dito escarninho dos mouros assumiu a forma do texto. Encontra-se narrado o episódio, como origem do ditado, na *História de Arçila durante o dominio Português*, pelo dr. David Lopes.

(2) Alusão à proposta dos cristãos novos sôbre a Índia, cujas condições foram submetidas à consulta do Santo Ofício e não à Santa Sé.

(3) A aliança negociada por Guilherme de Orange.

mar em Itália. As intercadências da paz de Génova a metem em novos receios, os quais chegam até o castelo de S. Angelo. Se a guerra se romper com Espanha, terão muito em que cuidar os nossos ministros. Já estará livre dêste zêlo Pedro Fernandes Monteiro, que escrevem todos acabou a vida com grandes sinais de predestinação, e protestos da inocência de alguns indiciados no tribunal dos inconfidentes, particularmente do Conde de Castelmelhor(1).

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como havemos mister.

Roma, 11 de Abril de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXX

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1673 — Abril 18

Senhor meu. — Porque {devo crer do affecto de V. S.^a não estará sem cuidado do desastre de que dei conta a

(1) Tinha sido Juiz da Inconfidência. O dito de Vieira fundava-se em boatos correntes. Referem acêrca dêle as *Monstruosidades*: «À hora da sua morte mandou dizer ao Príncipe que restituisse à sua graça o Conde de Castelmelhor, confessando que por sua malícia e inveja o caluniara falsamente com S. A., e lhe levantara que lhe queria dar veneno, só pelo ver destruído; que pela hora em que estava lhe afirmava que não tivera S. A. nem mais zeloso nem mais fiel vasallo; e que o mesmo lhe confessava de Lucena, ao qual pela mesma causa fizera dar a morte injustamente». É provável a falsidade de tais boatos, como se pode coligir da escolha de Roque Monteiro Paim, filho do falecido, para presidente do mesmo tribunal da Inconfidência, pouco tempo depois.

(2) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

V. S.^a no correio passado, quero certificar a V. S.^a com estas poucas regras que já estou em estado de as fazer por mão própria; pôsto que ainda não livre totalmente de algumas repetições de febre, e sem poder assentar no chão o pé ofendido. Alguma vez me levanto por esta cela, mas sôbre duas muletas, sendo necessário êste exercício para não entorpecer de todo. Todas as minhas quedas são assim; mas desta quisera eu convalecer, mais que das outras sarar.

O nosso Residente me participou uma carta do Embaixador de Inglaterra, em que me refere mais por extenso toda a substância do que V. S.^a me diz. E verdadeiramente estão as cousas daquele Rei e reino em perigoso estado para a cristandade, e pouco seguro para tudo (1). De Madrid me dizem têm tomado aqueles ministros novos brios contra França depois da chegada da sua frota; com que ou se romperá a guerra, ou a paz não será tão favorável aos dois Reis, de quem também ouço que já estimam ou desejam menos a nossa amizade, e se passará finalmente uma tal ocasião, sem tirarmos dela outro fruto que o conhecimento universal da nossa inércia.

A paz de Génova não acaba de se concluir, e os avisos de Veneza continuam a nos ameaçar na Itália com uma armada turquesca de duzentas velas, falando em Sicilia,

(1) A 29 de Março publicara-se a disposição do Parlamento denominada *Test Act*, Acto de Prova, segundo a qual tinham de resignar os cargos públicos todas aquelas pessoas que não fizessem a declaração de pertencerem à Igreja Anglicana. Por êsse motivo o Duque de York, irmão do Rei, largou o pôsto de Almirante-mór, em que se distinguira. A 30, dia de Páscoa, Carlos II recebera com grande aparato a comunhão em público, segundo o rito oficial. (*Diário de John Evelyn*). Adiante (pág. 593) diz Vieira que os católicos de Inglaterra tinham já a guerra declarada, principalmente os jesuitas.

Sardenha, Calábria e mui particularmente nos portos do Estado do Papa; mas aqui se vive sem nenhum receio nem prevenção, como se Lisboa se houvera passado a Roma.

Perdôe-me Deus, pois no meio de tantas dores me lembro desta; e guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 18 de Abril de 673. — Capelão criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXXI

Ao Marquês de Gouveia (1)

1673 — Abril 22

Ex.^{mo} Sr. — Bem creio da falta de carta minha no correio passado inferiria V. Ex.^a ficar eu em estado que não podia escrever; e assim foi, porque ainda hoje faço estas regras na cama, para onde me trouxeram em braços há dezoito dias, ferido na cabeça e estropeado de uma perna, por haver caído de noite por uma escada de pedra, com grande perigo da vida, por ser descendo e de rosto, com todo o pêso do corpo e dos meus anos. Mas, a Deus graças, depois dos costumados martírios, já me começo a levantar sôbre umas muletas. Agora me receitam os ares de Albano, de onde me recolherei em quanto ou quando não permitirem mais ausência e mais alívio as mutações de Roma.

A morte de Pedro Fernandes Monteiro senti, porque o merecia o seu zêlo, e também o que falta em muitos. Os

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed., com a data errada de 27; autógrafo no Arquivo Nacional.

sinais de predestinação, com que acabou, não bastaram contra as línguas dos que invejam a herança de seus filhos, a quem se prognosticam custosos pleitos com a fazenda real(1). Ao Conde de Castelmelhor avisam que na hora da morte fizera uma solene declaração e protestaão de sua inocência por meio do Padre Confessor(2). Não sei se bastará êste testemunho para o tirar de Turim, onde se acha bem visto, mas saudoso de sua casa.

Os dias passados escrevi a V. Ex.^a que no antecedente se publicara a paz de Génova com Sabóia(3); mas não foi assim, porque se dilatou até sábado 15 do corrente. Eles não estão satisfeitos por alguns pontos de reputação, nos quais julgaram deviam satisfazer mais a El-rei de França, que ao Duque. Na paz de Holanda se fala muito, e se crê a desejam todos os interessados, e não menos os vitoriosos. Só os pobres católicos de Inglaterra têm já a guerra declarada, e nomeamente os jesuítas. Polónia está quieta, e El-rei reconhecido(4), mas não parece que em termos de sair êste ano em campanha contra o Turco, de cujas armas escrevem grandes aparatos os venezianos, e no resto da Itália é maior o receio que a prevenção.

Estimarei que êste correio nos traga muito melhoradas novas de saúde de V. Ex.^a, que é o que só me dá cuidado

(1) Segundo as *Monstruosidades* montava o acervo dos bens a quatro centos mil cruzados, e ao filho, Roque Monteiro Paim, deixara um morgado de quatorze mil.

(2) A palavra *Confessor* com maiúscula no original, parece indicar a referência ao Padre Manuel Fernandes, confessor do Regente, e não a outro, qualquer que fôsse, que tivesse ouvido a confissão do moribundo.

(3) 25 de Março; p. 573.

(4) Miguel Korybut, contra quem parte da nobreza se tinha declarado.

de além dos Pirenéus. E Deus nos guarde a V. Ex.^a muitos anos como o reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 22 de Abril de 673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXXII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Abril 25

Senhor meu. — Os médicos me receitam os ares de Albano, distante cinco ou seis léguas desta cidade; e, pôsto que eu deixarei comissão a quem me arrecade as cartas de V. S.^a, não sei se me será tão fácil o recebê-las nem o responder nesta ausência, como pouco prático da comunicação que poderá ter aquele lugar com êste; mas farei todo o possível por que me não falte êste alívio nem eu falte à correspondência. Suponho que a demora não será mais de quinze dias, em quanto a maior comodidade do tempo não fizer mais freqüentado aquele sítio, para onde se passa a maior e melhor parte de Roma, até que o termo preciso das mutações os obriga a voltar; com que lá e cá conseguirei por algumas semanas o desencontrar-me e livrar-me das gentes, e viver comigo, que é o que só desejo.

O comento da definição daquele ministro ainda a declarou melhor a V. S.^a do que eu sabia nem me atrevia a entender. Grão caso é que se faça tão pouco de um ne-

(1) Impressa em 1827; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

gócio de tanta importância e consequência ; mas toda a culpa tem o nosso govêrno, que se ocupa com as regateiras e almotacés da limpeza (1), sinal que não passam os seus olhos a outras lamas que mais enlodam, e a outros interêsses que mais nos danam. Cedo seremos só reis de Lisboa, e queira Deus que ainda essa saibamos guardar como convém.

Não sei se tenho já dito a V. S.^a que o negócio dos homens de negócio, depois de resoluto no conselho do Corpo Santo, passou ao do Rossio (2); e, detido ali muitos dias, finalmente vieram aqueles senhores com tais embargos que ou desbarataram ou suspenderam tudo, de tal maneira que os mesmos que lá mandam estes avisos, depois que o negócio foi público, falam nêle com desesperação. Julgue V. S.^a se era resposta fácil destes embargos remetê-los com a mesma causa a juiz supremo.

Também por cá se fala constantemente na paz, e eu já vou entrando em receios que El-rei de França a não poderá fazer com tão vantajosas condições como se cuidava ; porque, faltando o poder marítimo de Inglaterra, o de

(1) Por êste tempo surgira um conflito de António de Sousa de Macedo com a Câmara de Lisboa, alegando aquele a qualidade de Desembargador, para recusar-se a solver a contribuição para a limpeza da cidade. Era isto contra o decreto de 16 de Março de 1672, que mandava não se ter em conta, para tal caso, nenhum privilégio, e cuja doutrina o Regente, a propósito dêste conflito, confirmou em resolução de 17 de Junho de 1673. Já antes, o decreto de 3 de Outubro de 1672 abolira as cartas de seguro nos crimes de almotaceria, e mais faltas de cumprimento das posturas e regulamentos municipais, o que deu lugar a reclamações. Provavelmente a êstes factos alude o remoque de Vieira. (Cf. Freire de Oliveira, *Elementos para a História do Município de Lisboa*, t. 7.^o).

(2) Do palácio do Regente ao da Inquisição. O negócio era o da companhia para a Índia, mencionado em cartas anteriores.

Holanda será conhecidamente superior (1); e, não podendo os holandeses ser invadidos por mar, e tendo alagadas as campanhas das principais cidades, toda a guerra que se lhe poderá fazer duvido que seja tão apertada que os desespere da resistência, ainda de alguma poderosa diversão nos portos menos defendidos de França, ultra dos danos e impedimento do comércio de um e outro reino. Poderá ser tudo se empregue em Mastrich, mas não é a emprêsa tão fácil que não possa entreter uma campanha e impossibilitar as despesas de outra, principalmente se as tropas holandesas, ajudadas das de Flandres, formarem um corpo de exército, que ou socorra eficasmente a praça ou inquiete os sitiadores, quando os não tire à campanha em tempo que a vitória, quando menos, seja contingente. Tudo isto discorre a minha ociosidade, e não sei se me lisonjeia nela mais o desejo que o temor.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos e muito felizes, como desejo e havemos mister.

Roma, 25 de Abril de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CCLXXXIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1673 — Abril 30

Senhor meu. — Primeiro que tudo digo que recebi a carta de V. S.^a de 7 de Abril, e com ela todas as noticias

(1) Conforme a carta de Março 14, p. 578.

(2) Impressa em 1827; original no códice 901 da Biblioteca Nacional.

que V. S.^a me fez mercê participar, que foram para mim, bem estranhas e notáveis, não só por serem contra a opinião comum de todo êste mundo, mas muito mais contra tudo o que se escreve da nossa-terra. O que mais me admira é a carta que citei a V. S.^a(1), por ser de um ministro muito grande e dos mais interiores; e assim interpreto tudo o que êle me disse em consequência do que agora leio nesta de V. S.^a, por não serem muito expressos os termos com que me falava, e eu os haver entendido conforme a suposição geral do que se avisava por outras vias.

Estimo muito que El-rei D. Afonso não venha aos dois Reis ao pensamento; porque, segundo as disposições da nossa terra, qualquer voz que soasse aquele nome podia causar grande perturbação. As profecias dêste ano, ou meio ano, muito têm em que se poder cumprir, pois o teatro está armado para grande diversidade de scenas, e o profeta não nos declara qual será a cláusula notável do seu conto cheio(2). Tenho por certo que será negócio de grande consequência para as nossas esperanças; e, pôsto que a ruína de Holanda o podia ser, tendo nós tão pouca parte nela, não sei como teremos o todo das conveniências, nem ainda o melhor, senão o pior delas; mas Deus sabe e pode mais que nós.

A diferença da nossa guerra defensiva ou ofensiva contra Castela bem clara é, e também clara a razão com que os dois Reis pedem a condição recíproca da segunda, querendo nós e pedindo, como devemos querer e pedir, a primeira; mas a dificuldade da contribuição nêste caso é

(1) Provavelmente a carta de Madrid, a que faz referência na de Abril 18 (p. 591), e devia ser do Marquês de Gouveia.

(2) Supra, p. 580.

qual V. S.^a considera, e ainda tal que excede toda a consideração que não fôr a nossa ; porque ninguém supõe nem imagina o miserável estado a que está reduzida aquela pobre terra, poucos anos há tão gloriosa.

Não sei como então havia poder e dinheiro para tanto e agora falta para tudo. Despachamo-nos êste ano com duas naus e um patacho, êste para Moçambique e aquelas para a Índia. Julgue V. S.^a que poderemos lá fazer com êste socorro, ainda que chegasse inteiro: e que conceito há-de fazer a expectação do mundo !

Parece-me que quer Deus por êste caminho abrir-nos os olhos, e obrigar-nos, com a extrêma necessidade, a que nos aproveitemos do que lançamos fora da casa. Já tenho escrito a V. S.^a os lances que têm passado nêste negócio, e como o tribunal do Rossio (1) o empatou ou desvaneceu. O que me escreveram por maior, de ser necessária a minha assistência em Roma, entendi nêste sentido, nem há outro em que se pudesse entender, salvo se foi artifício de me não quererem lá. Não se repetiu êste aviso nem outro algum, e os de fora, que falavam na matéria e a davam por feita, já a passam em silêncio ou a dão por desesperada ; e isto é tudo que sei daquela banda, de onde nêste correio recebi cartas sem novidade. O ponto da liberdade do fisco era consequência do de mais, por que se não pode duvidar que nem os de fora nem os de dentro meterão nas companhias o seu dinheiro, se estiver exposto a semelhantes riscos. Emfim eu suponho o que deve ser racionalmente, mas tempre creio que se não fará nada do que é razão ; porque a nossa fé não só é sôbre ela mas contra ela.

Agora acabei de entender a rémora do rompimento de

(1) A Inquisição.

uma e outra coroa, e assim supponho que nem França se apartará de Inglaterra, nem Espanha a quererá por inimiga, e que os holandeses, assistidos sòmente como atégora ou menos, não poderão resistir aos dois poderes, se é que o marítimo de Inglaterra, contra o que eu supunha na passada, se ajuntar com o de França, como agora ouço que será.

Aqui não há cousa de novo mais que estar esta semana achacado S. Santidade, com os alvoroços que semelhantes accidentes costumam causar nesta còrte, aos que, com a mudança do govêrno, esperam melhorar de fortuna.

Eu fico êstes dias em Albano, a cujos ares me mandaram os médicos; mas atégora não tive tempo de experimentar mais que a differença e saúdades da minha cela, não sendo ruim a que aqui tenho; mas estou só, que é a melhoria certa e a que eu sobretudo desejo.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como havemos mister.

Albano, 3o de Abril de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CCLXXXIV

A Duarte Ribeiro de Macedo(1)

1673 — Maio 16

Senhor meu. — A semana passada escrevi a V. S.^a de Albano(2); agora o faço já de Roma, mas tão mal convale-

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Falta a carta.

cido que, sôbre os achaques passados, me sobreveio uma defluxão ao rosto, com que de uma parte o tenho notavelmente inchado, e a esta mesma hora não sem febre, de que só me tira o receio parecer que não tem outra causa mais que esta accidental.

O Cardeal Brancaccio esteve no mesmo retiro nos dias que eu lá me achei, e tornou tão maltratado que ontem se duvidou de sua vida; mas hoje dizem que está melhor, pôsto que sôbre oitenta e um anos de idade, que é doença que admite pouca cura, sendo um dos que tem destinado ao pontificado a comum opinião de Roma, onde não há outra novidade.

As novas de Inglaterra estimei muito, e particularmente a da acção da nossa Rainha, de que me fiz pregoeiro, não se sabendo cá por outra via, e verdadeiramente é digna da sua generosidade, piedade e juizo. A do Duque de York anima muito as esperanças dos que prometem a esta guerra maiores fins que o abatimento de Holanda (1).

De Lisboa não tenho piores notícias acêrca do negócio do comércio, antes dizem que está de novo ressuscitado. Eu o não hei-de crer, até o não ver *extra-causas*, e não vejo nenhuma por que se deva dilatar, senão a de querermos perder a ocasião, como sempre fazemos. O maior contrário me escrevem ser quem escreve, e basta isto para nunca ter fim.

Não posso mais.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 16 de Maio de 675. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Talvez referência à recusa do Duque de York de submeter-se ao *Test Act*, demitindo-se de seus cargos. A acção da Rainha D. Catarina seria qualquer acto seu em favor dos católicos.

CARTA CCLXXXV

Ao marquês de Gouveia (1)

1673 — Maio 20

Ex.^{mo} Sr. — Faltei com carta a semana passada por estar fora de Roma, em lugar onde não tive por quem a pudesse remeter. Era êste Albano, mui acreditado pela bondade de seus ares, e onde a maior e melhor parte da côrte vai lograr êste beneficio nos dias da primavera; mas para mim não há mudança em que experimente melhoria, porque sempre me levo comigo.

Esta mesma experiência me ensina a reputar por menos eficaz a mudança de Madrid a Lisboa, que eu tinha por único remédio à saúde de V. Ex.^a Sinto que o achaque teime tanto a repetir, que não bastem tantos auxílios da medicina a o vencer, e seja V. Ex.^a obrigado a tirar sangue; e só me consola que, nos princípios da primavera, o que é remédio pode ser juntamente prevenção.

Em Roma não há novidade; temeu-se grande a semana passada, porque S. Santidade se achou mal, de modo que não pôde dar a benção em dia da Ascensão; mas hoje e amanhã assistirá já a todas as funções desta solenidade.

Para a nomeação de capelos se esperava fôsem mais que os cincó, e se teme seja o primeiro o do Cardeal Braccaccio, que fica sôbre oitenta e um anos doente e recaído.

De Polónia não há mais que a perseverança da união; mas duvida-se que êste ano possam sair em campanha.

(1) No t. 1.º da 1.ª ed.

Trinta mil combatentes, com que o Moscovita os mandava assistir, dizem foram desfeitos pelo Tártaro, e que o Turco vai reforçando as suas tropas. No poder naval não se fala, e se aliviam os receios com a máxima daquele império em não empreender duas guerras no mesmo tempo.

Em Alemanha se armam todos os príncipes; não se sabem os intentos; fervem as negociações. Tem-se por certo o casamento do Imperador com a Princesa Inspruch, e que fará a viagem com grande rodeio por não passar pelas terras de outro príncipe.

El-rei de França já fica em campanha, e o Príncipe de Condé em Utrecht. Tem-se por mais provável que será atacada alguma praça de Flandres, e tanto mais se crê, quanto dizem aqui os castelhanos que em Cadiz se fazia represália, em toda a prata da frota pertencente a mercantes franceses.

Também ouço que os dois Reis fazem novas instâncias na nossa côrte pelo rompimento com Castela. O certo é que algum de seus ministros deu um memorial ao Papa sôbre o provimento do bispado de Ceuta, em que nos tratava tão indecentemente, e com tais suposições na sinceridade da paz, que não será muito de estranhar termo-la por suspeitosa, e tratarmos os vizinhos como declarados inimigos; mas nisto não nos dizem nada de novo.

Deus guarde a Excelentissima pessoa de V. Ex.^a como eu e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 20 de Maio de 1673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXXVI

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Maio 30

Senhor meu. — Também a primavera por cá se não apressa. Ontem choveu um dilúvio de água, e o terço estes dias de lama os que freqüentam as ruas, trabalho de que ainda me livra a pouca firmeza da perna. Não será de todo inútil este achaque, que por experiência se cura mal em Roma, se elle me servir para me livrar dela, como cada hora mais desejo. Vou já sendo muito conhecido, e este engano dos homens é muito contrário à quietação, que há tantos anos busco e não posso achar.

Da nossa terra nos chegou depois do correio, por via de Madrid, a morte do Duque Inquisidor Geral (2). Ainda não sabemos em que gráu foi sentida esta perda; V S.^a a avaliará como convém. Pode ser que, faltando tão forte opositor, se adiante mais aquele negócio (3), de que alguns escrevem com desesperação e eu por via mais segura tenho boas esperanças.

As cartas daquela parte, umas dizem muito, muito, outras nada, nada. Vi algumas de particulares, que dizem se dobram as guardas nas fortalezas, se fortificam as barras, se fazem levas de gente e também falam em Côrtes, e que da nossa se retiram muitos fidalgos: não devem de

(1) Impressa em 1827 com a data de 3; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) O Duque de Aveiro, que faleceu a 25 de Abril.

(3) A proposta dos cristãos novos.

ser êstes os ratos, que primeiro sentem a ruína da casa que o dono. Pode ser que creiam as profecias ou ámeaças do Galhano, sem saberem a concordância dos prognósticos de Milão e Liege. O teatro está armado para êste ano se poderem ver cousas grandes. Brandeburgo faz a figura da inconstância, e muitos cuidam que quer enganar e não a França. As galés e fragatas suas têm feito todas as hostilidades que podem às embarcações genovesas, de que aquela república está atónita.

O Papa está bem. O Cardeal que esteve quási desconfiado(1) ainda alenta as esperanças dos seus que lhe poderá succeder. Do Turco e Polónia nenhuma novidade.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 3o de Maio de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXXVII

Ao Marquês de Gouveia (2)

1673 — Junho 3

Ex.^{mo} Sr. — Grande falta fará ao bem público a da vida do sr. Duque Inquisidor Geral, se em Portugal souberem avaliar, como em Roma, esta perda. Eu também tive nella minha parte, porque me consta autenticamente tinha S. Ex.^a estranhado os procedimentos daquele juizo na minha causa,

(1) Brancaccio. Supra, p. 600.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.; mutilada. Aqui o texto completo segundo o autógrafo no Arquivo Nacional.

e, depois de a haver examinado com a diferença dos seus olhos, tratava de me dar pública satisfação, generosidade que não se achará em outro menor peito. Emfim não tem êste successo outra consolação que esperar-se, como tenho por certo, emendará esta morte a sentença dos nossos Desembargadores, e que V. Ex.^a logre aquella real herança por muitos anos (1).

Roma está em paz, e o Papa fez pessoalmente todas as funções de *Corpus*.

Suécia por seus embaixadores tem procurado instantemente a suspensão das armas, em que não quiseram vir os dois reis, de cujos intentos não temos atégora mais que uma grande expectação em mar e terra.

As galés e fragatas de França tomam no Mediterrâneo quanto acham de Génova, a título de haver consentido aquella república que no seu pôrto se armasse um corsário holandês.

Polónia ainda está mal unida, e por esta causa não sai em campanha El-rei nem a nobresa do seu partido. Tem tão pouco dinheiro como nós; faz contudo o exército que pode, mandado pelo general Sobieski.

Dos intentos do Turco se não sabe ainda cousa certa; mas, segundo cresce o corpo do seu exército, não devem de ser pequenos.

Da nossa terra soam por cá grandes aparatos de guerra, presídios dobrados nas fortalezas, fortificação das barras, levas de gente, e outros mistérios, que só concordam com

(1) Alusão ao pleito sôbre o título e bens da casa de Aveiro, perdidos pelo Duque D. Raimundo de Lencastre, por haver seguido as partes de Castela. Além de outros era pretendente à successão o Marquês de Gouveia, preterido pelo tio, D. Pedro de Lencastre, a quem por sentença ela foi adjudicada.

Trinta mil combatentes, com que o Moscovita os mandava assistir, dizem foram desfeitos pelo Tártaro, e que o Turco vai reforçando as suas tropas. No poder naval não se fala, e se aliviam os receios com a máxima daquele império em não empreender duas guerras no mesmo tempo.

Em Alemanha se armam todos os príncipes; não se sabem os intentos; fervem as negociações. Tem-se por certo o casamento do Imperador com a Princesa Inspruch, e que fará a viagem com grande rodeio por não passar pelas terras de outro príncipe.

El-rei de França já fica em campanha, e o Príncipe de Condé em Utrecht. Tem-se por mais provável que será atacada alguma praça de Flandres, e tanto mais se crê, quanto dizem aqui os castelhanos que em Cadiz se fazia represália, em toda a prata da frota pertencente a mercantes franceses.

Também ouço que os dois Reis fazem novas instâncias na nossa côrte pelo rompimento com Castela. O certo é que algum de seus ministros deu um memorial ao Papa sôbre o provimento do bispado de Ceuta, em que nos tratava tão indecentemente, e com tais suposições na sinceridade da paz, que não será muito de estranhar termo-la por suspeitosa, e tratarmos os vizinhos como declarados inimigos; mas nisto não nos dizem nada de novo.

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como eu e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 20 de Maio de 1673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXXVI

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Maio 30

Senhor meu. — Também a primavera por cá se não apressa. Ontem choveu um dilúvio de água, e o terão estes dias de lama os que freqüentam as ruas, trabalho de que ainda me livra a pouca firmeza da perna. Não será de todo inútil êste achaque, que por experiência se cura mal em Roma, se êle me servir para me livrar dela, como cada hora mais desejo. Vou já sendo muito conhecido, e êste engano dos homens é muito contrário à quietação, que há tantos anos busco e não posso achar.

Da nossa terra nos chegou depois do correio, por via de Madrid, a morte do Duque Inquisidor Geral(2). Ainda não sabemos em que gráu foi sentida esta perda; V. S.^a a avaliará como convém. Pode ser que, faltando tão forte opositor, se adiante mais aquele negócio(3), de que alguns escrevem com desesperação e eu por via mais segura tenho boas esperanças.

As cartas daquela parte, umas dizem muito, muito, outras nada, nada. Vi algumas de particulares, que dizem se dobram as guardas nas fortalezas, se fortificam as barras, se fazem levas de gente e também falam em Côrtes, e que da nossa se retiram muitos fidalgos: não devem de

(1) Impressa em 1827 com a data de 3; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) O Duque de Aveiro, que faleceu a 25 de Abril.

(3) A proposta dos cristãos novos.

ser êstes os ratos, que primeiro sentem a ruína da casa que o dono. Pode ser que creiam as profecias ou ameaças do Galhano, sem saberem a concordância dos prognósticos de Milão e Liege. O teatro está armado para êste ano se poderem ver cousas grandes. Brandeburgo faz a figura da inconstância, e muitos cuidam que quer enganar e não a França. As galés e fragatas suas têm feito todas as hostilidades que podem às embarcações genovesas, de que aquela república está atónita.

O Papa está bem. O Cardeal que esteve quási desconfiado⁽¹⁾ ainda alenta as esperanças dos seus que lhe poderá succeder. Do Turco e Polónia nenhuma novidade.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 30 de Maio de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXXVII

Ao Marquês de Gouveia (2)

1673 — Junho 3

Ex.^{mo} Sr. — Grande falta fará ao bem público a da vida do sr. Duque Inquisidor Geral, se em Portugal souberem avaliar, como em Roma, esta perda. Eu também tive nella minha parte, porque me consta autenticamente tinha S. Ex.^a estranhado os procedimentos daquele juizo na minha causa,

(1) Brancaccio. Supra, p. 600.

(2) No t. 2.^o da 1.^a ed.; mutilada. Aqui o texto completo segundo o autógrafo no Arquivo Nacional.

e, depois de a haver examinado com a diferença dos seus olhos, tratava de me dar pública satisfação, generosidade que não se achará em outro menor peito. Emfim não tem este successo outra consolação que esperar-se, como tenho por certo, emendará esta morte a sentença dos nossos Desembargadores, e que V. Ex.^a logre aquella real herança por muitos anos (1).

Roma está em paz, e o Papa fez pessoalmente todas as funções de *Corpus*.

Suécia por seus embaixadores tem procurado instantemente a suspensão das armas, em que não quiseram vir os dois reis, de cujos intentos não temos atégora mais que uma grande expectação em mar e terra.

As galés e fragatas de França tomam no Mediterrâneo quanto acham de Génova, a título de haver consentido aquella república que no seu pôrto se armasse um corsário holandês.

Polónia ainda está mal unida, e por esta causa não sai em campanha El-rei nem a nobresa do seu partido. Tem tão pouco dinheiro como nós; faz contudo o exército que pode, mandado pelo general Sobieski.

Dos intentos do Turco se não sabe ainda cousa certa; mas, segundo cresce o corpo do seu exército, não devem de ser pequenos.

Da nossa terra soam por cá grandes aparatos de guerra, presídios dobrados nas fortalezas, fortificação das barras, levas de gente, e outros mistérios, que só concordam com

(1) Alusão ao pleito sobre o título e bens da casa de Aveiro, perdidos pelo Duque D. Raimundo de Lencastre, por haver seguido as partes de Castela. Além de outros era pretendente à successão o Marquês de Gouveia, preterido pelo tio, D. Pedro de Lencastre, a quem por sentença ela foi adjudicada.

os prognósticos de Galhano, cujos temores ajudam com semelhante vaidade os de Alemanha e Itália, abrindo os alicerces êste ano à monarquia universal.

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos e com mais certas felicidades, como desejo e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 3 de Junho de 673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCLXXXVIII

Ao Padre Manuel Fernandes (1)

1672 — Junho 3

P. X.

Rev.^{mo} Padre. — Também eu entendi que havia mistério em V. Rev.^{ma} não responder às duas últimas que escrevi o ano passado, e por isso desisti de continuar, parecendo-me que V. Rev.^{ma} por esta via me declarava a sua vontade, e dispensava na minha obrigação.

Li o papel incluso, e não me pareceu nem grande fôrça nem grande substância a das suas razões, e que facilmente se podem contrariar; principalmente que supõem o único ponto que haviam de provar (2). Só me dá cuidado a sua

(1) Manuscrito do Arquivo Nacional, Armário Jesuítico, caixa 1.^a, n.º 30. Nem o texto, nem a assinatura são do punho de Vieira, mas o conteúdo não deixa duvidar que seja êle o autor. O original levaria descaminho, e os erros de escrita, que aqui se corrigem, denunciam o copista ignorante. Publicado no *Corpo Diplomático Português*, t. 14.º

(2) Devia ser a consulta do Santo Offício sôbre as propostas dos

autoridade, que em toda a parte é grande e muito respeitada, e a opinião e presunção comum da justificação de seus procedimentos, e sobretudo o sumo segrêdo dêles, com que fica dificultosa a prova do que por outras vias se sabe e experimenta manifestamente, principalmente sendo partes interessadas na causa os mesmos que melhor podiam testemunhar nela.

O negócio se reduz todo a um ponto em que se funda a justiça e necessidade do requerimento(1), que é provar e demonstrar que do estilo observado naquele juizo se seguem muitas e gravíssimas injustiças, ao menos materiais, como são padecerem muitos inocentes, e não terem nenhum remédio para se defender, perdendo honras, fazendas, vidas, e muitas vezes as mesmas almas, por não terem outro remédio de salvar as vidas que confessar o que não fizeram, e acusar muitos para adivinhar poucos, de que se segue um labirinto de infinitos enredos, não havendo inocência tão qualificada que possa estar segura, e por isso desterrando-se muitos para terras infeccionadas e contagiosas, onde ou arriscam ou perdem a fé que tinham e a de todos seus descendentes, e todos os outros danos e inconvenientes, assim espirituais como temporais, que também redundam no espiritual das Conquistas e propagação da fé. Todos êstes inconvenientes, danos e injustiças, e todas as mais cousas dêste género que lá se sabem melhor, e todos os exemplos e casos maiores que têm sucedido neste

cristãos novos, na qual alegavam os Inquisidores que êles não cumpririam as promessas feitas. Documento do Arquivo Nacional. Armário Jesuítico, caixa 1.ª. n.º 21.

(1) Súplica, que os cristãos novos pretendiam fazer ao Papa, para lhes conceder perdão geral dos delitos anteriores, e a reforma do modo de processar no Santo Ofício. Arquivo Nacional, documento n.º 20 dos citados acima.

género, devem vir apontados e declarados com toda a especialidade, e legitimamente provados, com toda a maior formalidade e evidência que fôr possível; e porque êste negócio se há-de mandar ver e examinar no tribunal supremo a que pertence, onde residem as pessoas mais graves, autorizadas e doudas do Sacro Colégio, e outras de immediata dignidade, e ainda que algumas delas estão muito bem informadas, e abominam os estilos e procedimentos que ouvem, contudo não bastam só as informações para julgarem definitivamente, se tudo o que extrajudicialmente se diz não estiver legitimamente provado, sendo certo moralmente que, havendo a dita prova, não se poderá negar o remédio, como também que se não poderá conceder se a dita prova faltar, pois é mudar as leis de um tribunal, e tal tribunal, estabelecidas e usadas por tantos anos, e fundadas em Breves apostólicos e outros particulares indultos.

A primeira e principal prova, e que dará grande pendor, é que S. A. em seu nome o mande propôr e representar a S. Santidade pelo ministro público e ordinário que tem nesta Cúria, do qual me consta que o deseja fazer e fará com bôa vontade, porque só esta autoridade, como de um príncipe actualmente reinante, a quem pertence procurar o bem espiritual de seus vassallos e a recta administração da justiça no seu reino, é por si o testemunho e prova mais qualificada, a qual parece que S. A. não poderá negar, pois lhe corre obrigação em conscinência de procurar êste remédio por todos os meios.

A segunda, que o Núncio se informe particularmente de tudo o sobredito, e escreva a S. Santidade na mesma forma; mas, para que isto seja como convem, é necessário que êle faça esta informação com algum impulso, ordem, ou recomendação a bôca de S. A., porque de outra maneira

e sem este motivo parecerá a informação suspeitosa, e ocasionada de alguma outra negociação; advertência em que muito se deve reparar e instar, porque não é minha, senão de quem muito interior e scientificamente sabe quanto necessária é, e quanto pode adiantar a breve expedição do negócio, porque, concorrendo juntamente estas duas causas, é possível que se consiga a última resolução sem se dar vista ao Santo Officio, a qual uma vez dada se pode embaraçar muito o negócio, e quando menos dilatar.

Assim mesmo importarão grandemente, se as puder haver, algumas certidões de bispos, e outros prelados ou pessoas em dignidade constituídas, e de alguns que hajam sido ministros da Inquisição, ou outros que o não quisessem ser, por escrúpulo de que cuida que há exemplos; e dos religiosos que acompanham à fogueira os relaxados, com testemunho jurado do que sentem da inocência ou verdadeira fé em que morreram, e tudo o mais deste género que pode ou fazer ou ajudar a prova, na qual como digo consiste tudo.

Depois de provadas as causas de se mudarem os presentes estilos, e os embaraços e confusões e perigos inextricáveis que dêles se seguem, então assenta o requerimento justificadíssimo do perdão geral, para que aquele juízo comece de novo a proceder sem os passados inconvenientes, e não fiquem nos cárceres nem nos livros as raízes e fermento de onde se podem originar outros semelhantes, e que em quanto se resolve se suspenda tudo.

Nisto que tenho representado a V. Rev.^{ma} se deve metter toda a fôrça e cabedal, e servirá de diminuir muito o preço e quantidade de qualquer outro, que por si só, sem a demonstração e prova do que digo, não importará nada; porque bem que se possa comprar a diligência, a pronti-

dão, e ainda o affecto, a justiça em tal matéria não é possível.

Todos os papéis que hajam de servir à prova devem vir jurídicos e justificados pela Nunciatura, e as procurações necessárias, e sobretudo carta e ordem mui recomendada do Príncipe ao seu ministro, a quem eu assistirei, se S. A. me ordenar, com tudo o que souber e puder ; e, sem isso ou com isso, de fora parte trabalharei neste negócio com toda a efficácia e zêlo, pois entendo ser tanto do serviço de Deus e bem do reino como sei que V. Rev.^{ma} o julga. E digo de fora parte, bem que as minhas diligências serão muito interiores, porque bem deve supôr e ter entendido V. Rev.^{ma} que, tendo esta matéria por opositora a Inquisição, não há-de querer o Padre Geral que a procure e solicite públicamente um religioso da Companhia, pôsto que todos os da mesma Companhia e o mesmo Padre Geral seja um dos que a julgam não só por conveniente mas necessária e precisa. Finalmente peço a V. Rev.^{ma} leia estas regras como uma breve summa do que sôbre este negócio entendem os primeiros e mais versados ministros desta Cúria, para que se faça de tudo o caso que por esta razão merece, e se disponha e encaminhe na dita forma, com que se poupará em grande parte trabalho, dinheiro, e tempo, que é o que mais importa.

Ainda que digo que o ministro aqui residente se applicará e empenhará no negócio com grande vontade, não é porque eu lhe haja participado a mínima notícia das que tenho ; mas porque falando com êle na mesma matéria, por ocasião das cartas de particulares que já (1) chegam, tenho explorado e conhecido bem a sua vontade, que com a morte do Inquisidor Geral fica agora mais expedita e

(1) Talvez *ca* no original.

livre; e se o negócio se lhe não encomendasse ficaria desconfiado êle, e todos com menos conceito da vontade de S. A. neste requerimento, pois o não encarrega ao seu ministro. E também será necessário que venha muito recomendado ao Cardeal Ursino, mas as cartas por nossa via, para que se dêem quando convenha.

Não é necessário nem conveniente que estes despachos venham por correio extraordinário, porque além de que se ganha pouco tempo seria grande estrondo, e meter o negócio em maior reputação, com que se subirão os preços a tudo, e quando o fizermos de justiça, e não de graça, se fará mais de graça.

V. Rev.^{ma} tenha a vida e saúde que a V. Rev.^{ma} deseje, e a que merece por esta obra, que fará sua memória imortal, pois é de tanto serviço e glória de Deus e aumento de tudo.

Roma, 3 de Junho de 673. — Humilíssimo e obrigadíssimo servo de V. Rev.^{ma}

António Vieira.

CARTA CCLXXXIX

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Junho 6

Senhor meu. — Mereço a V. S.^a toda a compaixão de meus trabalhos, os quais mais se mudam que acabam; porque, depois que me achei melhor daquele desastre, os dentes que então não quebrei me atormentam agora com contínuas dores. Assim passo sem experimentar benefício

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

nenhum do tempo, sendo o mesmo tempo e os anos os que me fazem incapaz de todo beneficio.

Aqui chegou ante-ontem o Padre Assistente Antão Gonçalves, e o Padre Francisco da Cruz, Revisor, que me deram as novas mais miúdas da nossa terra, de onde partiram meado Abril. Dizem maravilhas do nosso Príncipe, isto é, dos grandes dotes da natureza de que Deus o dotou, e que eu muito bem conheço capazes da maior monarquia, e merecedores da melhor fortuna; mas dizem também que só lhe falta desatar as mãos. Perguntei quem lhe as atavã, e esta foi a novidade que ouvi, porque ainda me nomearam José da Fonseca (1), de cujo bom zêlo e fidelidade tenho grande conceito; mas não sei como de Vila Viçosa a Lisboa pudesse alcançar aquelas notícias, que para o nosso govêrno no tempo presente eram necessárias. Êste sujeito me puseram no primeiro lugar da confidência, e depois o Secretário (2).

Já a esta hora suponho as armadas no mar, e os exércitos obrando alguma parte do que devem à expectação do mundo. O de Polónia escrevem sairá sem El-rei e sem muita parte da nobreza, governado pelo general Sobieski, que é indício de pouco firme união. Queixam-se de falta de dinheiro, e o muito que há, e se dispende em Roma em outros edificios, não se applica a fortalecer aquella muralha da cristandade.

Se V. S.^a fizer jornada a Colónia (3), de que duvido, dependendo de ajudas de custo e assistencias de Portugal, diga-me como hei-de enviar as cartas.

(2) Supra, p. 355, nota 1.

(2) O Secretário de Estado, Francisco Correia de Lacerda.

(3) Ao congresso, reunido sem efeito naquela cidade, para tratar da paz por mediação da Suécia.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 6 de Junho de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXC

Ao Marquês de Gouveia (1)

1673 — Junho 17

Ex.^{mo} Sr. — Não quisera que a saúde de V. Ex.^a fôsse neutra; mas dêste género e por êste meio se passa ao fim que tanto desejamos e havemos mister. Supra Deus o que atégora não pode a medicina, pois o merece a fineza com que V. Ex.^a estima mais o bem da pátria que o da saúde, e quer antes a paciência que a mudança. Ouço que se aconselha esta a V. Ex.^a com todo o amor e eficácia, mas eu não me quero retractar de ser maior generosidade servir aos príncipes que obedecer aos pais, pôsto que o ditame da senhora Marquesa, que está em Lisboa, seja o do mais fiel criado que V. Ex.^a tem em Roma.

Aqui se fez agora promoção de quatro cardeais: Nerli, florentino, que estava Núncio em França; Castaldi, genovês, Tesoureiro da Câmara Apostólica; Casanati, napolitano, Secretário da Congregação de Bispos e Regulares; Baciadoni, veneziano, Procurador de S. Marcos, que foi Embaixador nessa côrte, nesta e na de Inglaterra; todos alfm italianos, ficando o quinto capelo *in pectore*, e não sendo nem havendo de ser para Portugal, pôsto que os pretendentes

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

daquele reino se deixaram facilmente enganar na crença ou esperança do contrário.

Sentem os castelhanos por cá que em Madrid se seguissem os votos da paz, que os francezes igualmente estimam e celebram, prometendo-se a última vitória de Holanda, que será o princípio da sua guerra, pior só que bem ou mal acompanhada. De Polónia e do Turco ainda não há cousa certa, mas os ruins vaticínios que costuma prometer a pouca união e o pouco dinheiro. Deus proveja destes dois socorros ao nosso reino, de onde se escrevem muitas cousas em contrário, e a V. Ex.^a guarde como desejo, e o mesmo reino e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 17 de Junho de 673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXCI

A Duarte Ribeiro de Macedo⁽¹⁾

1673 — Junho 20

Senhor meu. — Há duas semanas me falta carta de V. S.^a: faça-me Deus mercê que não seja por menos saúde; a minha sempre vai retrocedendo, e eu o sinto menos de uns dias a esta parte, em que, lançando as contas ao mundo, achei que está naquele estado em que não só se pode deixar sem saúdades, mas com muitas conveniências.

Aqui se fez promoção de quatro cardeais: Nerli, Nuncio nessa côrte; Castaldi, Tesoureiro da Câmara Apostó-

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

lica; Casanati, Secretário de Regulares; Baciadoni, secular, Procurador de S. Marcos, e três vezes Embaixador de Veneza, nesta côrte, na de Espanha e na de Londres; todos italianos. Ficou um capelo *in pectore*: mas não é nem havia de ser para Portugal, pôsto que lá se dê crédito a isso, de que aqui se riem todos.

Esperamos com cuidado o correio de amanhã, porque no passado vieram algumas cartas, não a mim, mas de pessoas que o podem saber, em que se fala com grandes mistérios na retirada de muitos fidalgos, fortificação das barras, refôrço de presídios, levas de gente, côrtes, descontentamento, receios, prognósticos, e infinitas outras coisas de menos gôsto que cuidado. Também tornam a picar em França e Inglaterra, nomeando a El-rei D. Afonso, motivo que eu tive por não de todo sem fundamento, em quanto V. S.^a me não assegurou do contrário.

Ontem começou a correr que estava sitiado Mastrich, que foi também o prólogo da campanha passada, e que no mar se tinham batido as armadas; mas não se diz o successo. De Polónia não temos cousa certa, mais que temores do que costuma succeder aos reinos que têm pouca união e pouco dinheiro; duas espécies de que eu desejara ver bem provido o nosso. O negócio dos homens de negócio está em calma. Dos que o impediram, a um pagou Deus o bom zêlo com o céu, a dois S. A. com dois bispados (1).

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 20 de Junho de 673.— Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) O Duque de Aveiro, Inquisidor Geral, morto; e nomeados os Inquisidores Fernando Correia de Lacerda e Alexandre da Silva, aquele Bispo do Pôrto, êste Bispo de Elvas.

CARTA CCXCII

A Duarte Ribeiro de Macedo(1)

1673 — Junho 27

Senhor meu. — Também Paris tem mutações para V. S.^a, pois, saindo todos os ministros dos príncipes, só V. S.^a não segue a côrte. Assim se governa a nossa, da qual por mar e por terra chegam aqui tais novas, que fôra melhor ser surdo ou de outra nação que ouvi-las.

Tornam a dizer que se retiram os fidalgos ; o certo é que os poucos homens de algum negócio, que lá havia, ou se vão ou mandam seus filhos, os quais não duvidam dizer que muitas vezes se mandam pedir do Paço a seus pais os vinte e os dez mil réis ; assim que antes tem V. S.^a razão de lástima que de queixa em não ser assistido.

Sei que Monsenhor de Rossis, que aqui tem grande estimação de letrado, está fazendo um papel a favor da coroação do Príncipe. Acaso me chegou esta notícia, porque, se é diligência do nosso ministro, não me fez êle a honra de me a fiar. Sempre fazemos as cousas fora de tempo, e fôra melhor ou não as fazer ou fazê-las antes. Já padecemos as afrontas do êrro, agora padeceremos as da inconstância, confessando ao mundo que os arcanos que considerava nas nossas acções não tinham grandes fundamentos, pois sem grandes causas se mudam. Tornará a dizer D. Jerónimo Mascarenhas(2) que, como negros de Nossa Senhora do Rosário(3), fazemos um rei cada ano.

(1) Impressa em 1827 ; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(1) Filho do Marquês de Montalvão, que em 1641 passou a Castela, onde morreu Bispo de Segóvia.

(2) Da irmandade daquela invocação.

O de França se vai malquistando muito em Itália com as prêsas de Génova, e soberanias que usa em outros portos e ainda nos do Papa. Uns dissimulam, outros gemem, e são poucos os que desejam o aumento desta monarquia.

O ano passado por estes dias já o mundo estava assombrado com vitórias; atégora não tem chegado cá mais que o assédio de Mastrich em dúvida.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 27 de Junho de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCXCIII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1673 — Julho 1

Ex.^{mo} Sr. — Muitos dias há me não alegraram tanto as cartas de que V. Ex.^a me faz mercê, como êste escritinho de 31 de Maio, todo de dentro e fora da mão de V. Ex.^a, que pareceu um grande seguro de inteira saúde, e de V. Ex.^a estar restituído àquela antiga diligência e robusteza, com que, depois de haver visitado todo o hospital, às oito horas da manhã, em menores dias que os de agora, tinha V. Ex.^a despachado por mão própria a maior parte do correio (2).

Neste soube que mandara V. Ex.^a requerer a graça do

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) O Marquês tinha sido Enfermeiro-mor em 1651 e 1652. (Cf. a lista em *Arquivo da História da Medicina Portuguesa*, anos de 1919 e 1920).

chantrado de Évora para um filho da senhora Condessa de Santa Cruz: e também V. Ex.^a haverá sabido as grandes diligências e empenhos, que ainda desta côrte se fazem pelo mesmo benefício. V. Ex.^a sempre obrou com menos trabalho e maior efeito, porque aplica e se serve dos instrumentos mais proporcionados, como V. Ex.^a fez nesta ocasião, em que espero prevaleça o respeito de V. Ex.^a a todas as outras negociações: as que couberam na minha esfera foram apontar as razões da preferência, e incomparável excessso dela, com tudo o mais, não sendo necessária muita eloquência para o persuadir; e o digo para que seja presente a V. Ex.^a que não falto à minha obrigação, nem me é necessário nas matérias do serviço de V. Ex.^a outro aviso que a notícia dêle.

Aqui começam a chegar as primeiras flores desta campanha, que querendo-se colhêr em Saz de Gante, por se haverem descoberto certas inteligências se passou o exército de El-rei Cristianíssimo a Mastrich, menos bem presidado êste ano que o passado, e com manifesto risco, se nessa côrte e na de Viena se não derreterem os gêlos da frialdade alemã.

Das armadas navais sabemos que se combateram de frente de Ostende aos 7 do passado, e que durou aquela batalha desde o meio dia até às oito, em que se viram arder e voar alguns navios, mas não se divisou de que bandeiras. Ao pôr do sol já se não viram senão poucos navios, porque o vento os ia emarando; e se entende que no dia seguinte tornariam a provar ou continuar fortuna (1).

Dentro em quatro dias se espera aqui um embaixador de Moscóvia.

(1) Batalha naval em que os almirantes Ruyter e Tromp derrotaram os anglo-franceses.

De Polónia e Turco não há mais que preparações.
Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como o reino e os
criados de V. Ex.^a havemos mister.
Roma, 1 de Julho de 673.— Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXCIV

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1673 — Julho 4

Senhor meu. — Muito me diz V. S.^a nesta sua de 9 do passado, e eu de presente não tenho que dizer mais que a suspensão em que está toda Roma com as novas, que aqui chegaram de Turim, do successo das armadas. Já sabíamos por via de Flandres que o combate começou aos 7, e, quanto se pode ver de terra, durou do meio dia até às oito horas, em que as naus, emarando-se sempre, desapareceram antes que a noite as encobrisse. Também escrevem que viram arder ou voar quatro ou cinco, e que se conjecturou que eram das reais.

Até aqui é tudo o que se sabe de certo, porque a nova de Turim é por um gentil-homem que partiu de Utrecht, e conta a boca o que ouviu pelo caminho, trazendo a nova da morte do Conde de Soissons (2); e diz que se haviam recolhido algumas naus francesas com muitas prêsas das dos

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Tenente-General, filho do Príncipe Tomás de Sabóia, e pai do famoso Príncipe Eugénio. Morreu de repente, em jornada, quando ia juntar-se ao exército de Turenne, na Alemanha.

holandeses ; que Ruyter fôra abrasado com a sua nau ; que Tromp ficava prisioneiro, e toda a armada de um e outro desfeita ; e que a vitória era toda do Conde d'Estrées, porque os ingleses se acharam sotaventeados, e não haviam podido ter parte nesta glória, da qual os dois irmãos (1) aceitaram o parabém correntemente. Em barca de Marselha se avisa de Lionne confirmar-se êste successo com a prêsa de Mastrich.

Se tudo é verdade, é felicidade grande, em que seria bom havermos tido alguma parte, para que a tivéssemos também nas consequências ; mas, como tudo é incerto, suspendemos os affectos até amanhã, em que o correio de Flandres nos tirará da dúvida, pôsto que as novas de ali não são de todo livres de suspeita, se bem as mais desapaixonadas são as que vêm a esta casa. Os espanhóis negam tudo, e só têm por sua opinião não vermos as caras dos franceses tão alegres como noutras ocasiões.

De todos estes alvoroços estamos livres os portuguezes, porque de nós não se fala, como se não estiveramos no mundo ; eu tenho o peito feito para tudo o que vier, porque de qualquer successo vejo caminhos por onde a Providência divina, se nos soubermos aproveitar, nos pode abrir a porta a alguma não vulgar felicidade. V. S.^a goze todas as que lhe desejo, com a saúde e anos de vida que havemos mister.

Roma, 4 de Julho de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) O Duque de Estrées, Embaixador em Roma, e o Cardeal, Bispo de Laon.

CARTA CCXCV

Ao Marquês de Gouveia (1)

1673 — Julho 11

Ex.^{mo} Sr. — Não sou tão desvanecido que cuide merece a minha saúde o cuidado de V. Ex.^a; mas sou tão experimentado na mercê, com que V. Ex.^a honra a este criado, que não duvido toda a demonstração com que V. Ex.^a é servido significar-ma. Dê Deus a V. Ex.^a a inteira saúde que eu desejo, que tudo mais importa pouco.

Nem o retiro de Albano nem outros divertimentos me ajudam a reparar os dois princípios da vida, em que sempre me vejo mais atrasado, não podendo dormir nem lograr o comer; com que de novo me receitam os ares de Nápoles, que, por serem dessa coroa, não sei se me serão mais favoráveis; mas ainda não sei o que será, em quanto estamos nos meses em que se não pode entrar nem sair de Roma.

Aqui se ficam dando batalhas sobre o chantrado de Évora, em que no segundo correio foi socorrido um filho do Conde de Vila Flor(2) com uma carta em que S. A. ordena ao Residente o peça para êle em seu nome, com que se suspenderam todas as armas do nosso reino, assistidas poderosamente de quantas púrpuras há em Roma, empe-

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed.; autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) O Conde tinha casado em primeiras núpcias com D. Ana de Noronha, filha de Gaspar de Faria Severim, Secretario das Mercês, e teve dela, além de outros, a D. Gaspar Manuel, que venceu a pretensão, e foi Chantre de Évora.

nhadas as mais delas por intercessões dessa côrte. E isto é tudo o que posso dizer a V. Ex.^a sôbre êste negócio, em que o Residente, como já escrevi(1), se mostrou tão servidor de V. Ex.^a que não quis deixar parte de merecimento aos criados que V. Ex.^a aqui tem.

Também ouço, porque o não sei por via mais autêntica, que cedo irá a S. A. um breve exortatório a que se corôe. Só me havia dito o Residente por vezes que S. Santidade de *motu proprio* lhe falava nisso, e que a Rainha de Suécia(2) em seu nome lhe dissera o representasse assim a S. A., em que cuida aplica alguma diligência o senhor Cardeal d'Estrées, se bem ontem, falando nisso, me declarou mais o desejo e conveniência que a cooperação. E que me dirá V. Ex.^a a correr em Roma que El-rei Carlos II(3) casa com a Princesa de Portugal, alegando-se exemplos de que os desposórios se podem celebrar em tão poucos anos? Eu não pergunto a V. Ex.^a êste arcano, porque ò não creio; mas, se V. Ex.^a me perguntar quem se nomeia por autor desta grande obra, podê-lo-ei dizer a V. Ex.^a, e, quando tenha qualquer fundamento, direi também o que sinto.

Se V. Ex.^a tem mais certas notícias do sucesso das três batalhas navais(4) que as que chegam por Flandres e França, livrará V. Ex.^a a Roma da maior confusão em que se viram as duas parcialidades; se bem a de França, com as hostilidades contra Génova, sempre vai diminuindo entre os italianos.

Em quanto se não consegue o fim de lançarem os Rea-

(1) Supra, p. 617.

(2) Cristina, que havendo resignado o trono residia em Roma.

(3) De Espanha, nascido em 1661.

(4) No mês de Junho, entre as esquadras de Holanda e anglo-francesa.

listas (1) gente em terra de Zelanda ou Holanda, estão de melhor partido os holandeses, ainda que se queimem Ruyter e Tromp. Polónia mal armada como de antes. No Turco atégora não se fala, como o ano passado. As galés de Malta tiveram uma vitória, em que tomaram quatro navios, e quatro muito ricos.

Agora me dizem que Schomberg é passado a Inglaterra para governar as armas terrestres em Zelanda ou Holanda, com que parece se espera poder-se fazer (2).

Deus guarde a V. Ex.^a muitos anos, como desejo e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Roma, 11 de Julho de 1673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXCVI

A Duarte Ribeiro de Macedo (3)

1673 — Julho 11

Senhor meu. — Nesta grande ocasião me achei sem carta de V. S.^a, e se não foi deter-se no correio, que também podia ser indústria, quasi me quis persuadir que o seria de V. S.^a, para não faltar à verdade da narração, nem à amizade ou cortesia dos vizinhos.

Grandes cousas se escrevem por via de Holanda e

(1) As fôrças de Inglaterra e França; por opposição às de Holanda, república.

(2) Assim no original. Parece faltarem as palavras *o desembarque*, ou outras equivalentes.

(3) Impressa em 1827; autógrafo do Ministério dos Estrangeiros.

Flandres, a que eu e todos damos suas quebras. Também não são pequenas as que avisam e publicam por parte de França, convindo todos no valor com que desta parte se pelejou, mas não tanto na fortuna. Eu entendo, como não pode deixar de ser, que de uma e outra parte houve perda; mas se o intento era, como dizem, lançar gente em terra, em quanto êste se não conseguir estará a vitória pelos que o impediram, ainda que fôsse perdendo-se e queimando-se.

Nada disto me parece que será em dano de qualquer negociado nosso, nem de outros maiores intentos, quando os quizeramos ou souberamos ter. Aqui se passa alegremente, e depois desta nova mais desassombrados os temores de Génova, com os quais França em Itália não tem acrescentado amigos.

Da nossa terra recebi neste último correio cartas, de esperanças umas e de desesperação outras, sôbre aquele negócio (1), e creio mais as segundas.

V. S.^a tenha a saúde e gôsto que lhe desejo; e não me falte V. S.^a com novas suas, ainda que me as não dê do mundo, porque eu me animarei a entender tanto os silêncios de V. S.^a como as palavras.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 11 de Julho de 673 — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(2) Provavelmente o dos cristãos novos.

CARTA CCXCVII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Julho 24

Senhor meu. — Com grande consolação e gôsto me vi restituído êste correio da falta que tinha experimentado nos dois passados. Viva V. S.^a, que é o que importa, e não tome tanta pena pelo que mostra a experiência não tem remédio.

Chegou a nova da prêsa de Mastrich (2), com assombro de toda esta côrte e muito maior dos castelhanos, que não fazem senão lamentar a falta do seu govêrno, e apelar para a maioria de El-rei, como se da sua educação, e da que se costuma daquela parte, se possa esperar que chegue alguma hora a ser maior. Bom exemplo era o de El-rei de França, para excitar nos ânimos dos príncipes o que o de Carlos V no de El-rei D. Sebastião; mas temos por grande vitória ir matar um porco a Salvaterra. Bem tempestiva foi esta, para apagar a confusão com que aqui se falava nos sucesos das batalhas navais.

De Polónia não temos cousa certa, e tudo o que variamente se escreve não pode embaraçar muito os progressos do Turco, que dizem se empregará na Hungria.

As vitórias de França também conquistam Roma. O sr. Cardeal d'Estrées está entrado no Tribunal da Inquisição, pretendido antes pelo Cardeal Nitardo, com a justiça

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) Em 19 de Junho, com oito dias de cêrco, e na presença de Luís XIV.

e disposição de haver sido Inquisidor Geral de Espanha. Responderam-lhe então que se lhe não dava, porque o Cardeal d'Estrées havia de querer pretender o mesmo. E agora, esquecidos desta solução, o deram a êste e não àquele.

Dizem os pasquins secretos que em Roma há dois homens que não podem nada, um o Papa, outro o Embaixador de Espanha. Tanto importa o poder, de que tanto lá se esquecem! Eu digo que o *cervello* ainda não passou além dos Pirinéus; e para me confirmar neste pensamento basta ouvir falar a qualquer artejano de Roma, ou leigo desta casa.

Cada dia chegam maiores esperanças do negócio da gente de nação, com que se lida há um ano. O seu extermínio ou o decreto dêle, que nos destruiu, se resolveu em oito dias (1): isto, que pode ser de tanto proveito, perdendo-se a ocasião cada dia, não acaba de sair à luz; e o pior é que querem fazer Inquisidor Geral, para fazerem mais poderosa a parte contrária. Dizem que a defende só o Secretário e Vilar Maior (2), e que todos os outros não podem contrastar estes dois gigantes. Somos assemblea de polacos, em que basta um só voto para se não fazer nada. E chamamos-lhe bárbaros!

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 24 de Julho de 673. — Criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) O decreto de 22 de Junho de 1671, que ordenou a expulsão dos cristãos novos, confessos de judaísmo, e a que António Vieira attribuía o voluntário expatriamento dos mais ricos. Veja-se atrás, p. 616.

(2) O Conde de Vilar Maior, Manuel Teles da Silva, mais tarde Marquês do Alegrete.

CARTA CCXCVIII

Ao Marquês de Gouveia (1)

1673 — Julho 29

Ex.^{mo} Sr. — Ontem chegaram aqui dois padres Arrábidos, dando de cordonaços às mutações de Roma (2), que me deram muito particulares e melhoradas novas da saúde de V. Ex.^a, com as quais me tinham assás subornado, se eu fôra ministro da Congregação, aonde vêm buscar tão qualificada justiça. Eu me ofereci a os servi, em quanto por mim e pelos amigos prestar, como farei e devo em tudo o que V. Ex.^a fôr servido ordenar-me.

Já nessa côrte se crerá que El-rei de França sitiou e rendeu Mastrich em menos de quinze dias. Todos os italianos que estavam dentro e os cabos espanhóis morreram; e depois que ficaram só os soldados holandeses, sendo mais de quatro mil, não pôde o governador, matando mais de vinte, obrigá-los a que fizessem cara ao inimigo, e assim se rendeu. Estes são os valentes que nos têm em seu poder Mina, Ceilão, Malaca, Cochim e tudo o mais. Não sei se bastará êste exemplo sôbre o de Pernambuco e Angola, para que os conheçamos e nos conheçamos, e não queiramos que das vitórias de França sejam os mais ricos despojos os nossos.

Já não posso responder às injúrias que aqui se dizem

(1) No t. 1.^o da 1.^a ed., com a data errada de 30; autógrafo no Arquivo Nacional.

(2) Indignação pela ausência de cardeais e dignitários, em férias fora de Roma.

contra nós, não ficando de fora os vizinhos de V. Ex.^a, com terem mais aparente desculpa.

Os polacos, como se se aconselharam em uma terra que eu sei, não fazem nada da sua. O Turco está já com grande exército em campanha; esperam-se as novas que se podem esperar; e aqui se vive e bebe frio alegremente; estamos em véspera de Santo Inácio, dia muito ocupado nesta casa.

Deus guarde a V. Ex.^a como desejo, e os criados de V. Ex.^a e o nosso reino há mister.

Roma, 29 de Julho de 673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCXCIX

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Agôsto 1

Senhor meu. — Nesta semana recebi duas de V. S.^a, uma de 30 de Junho, outra de 8 de Julho, em que V. S.^a me faz mercê avisar da intimada viagem de Colónia (2), mas sem viático. Por isso imagino e ainda suponho a V. S.^a em Paris, e que não poderá V. S.^a abalar-se para aqueles países tão frios, senão depois de passadas as calmas, pôsto que ainda aí não haviam começado. Desta banda também os tempos não vão regulares, porque os últimos três ou quatro dias de Julho choveram dilúvios, com que os figos gentis de Roma perderam muita da gentileza, e

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) Supra, p. 612.

os melões, que sempre são maus, serão péssimos. Digo estas ociosidades a V. S.^a, porque não temos outras cousas maiores, a que nos dê matéria o pacífico govêrno dêstes altíssimos países, bem que as gazetas ou avisos secretos nunca lhes falta que contar e morder, com que o sr. Pasquino tem mudado a língua em muitas penas, e fala mais estando mudo.

Ontem foi a festa de Santo Inácio, e no mesmo dia se fez Congregação sôbre as cousas da Índia, bispados, missões, etc., em que vai tão interessado Portugal como a Companhia. Já sabemos por maior que se venceu em nosso favor, mas ainda não tenho notícias particulares, que, depois de fazer esta para se dar a boa hora, irei saber. Consta porém que fez o santo um grande milagre, sem o qual estava mui duvidoso êste bom efeito, e foi que, estando doente o Cardeal Albizzi, que favorece a causa, sarou naquella noute e pôde no dia seguinte ir à Congregação; e, estando para ir a ela Monsenhor Baldeschi, que é o maior contrário e foi atégora secretário dela, subitamente adoeceu e não pôde ir. Assim faz Deus, quando quer fazer; e quando não, o contrário.

V. S.^a se sirva dizer-me quando provávelmente será a partida, e o modo com que poderei manter-me na correspondência de V. S.^a em Colónia, de onde os correios são mais breves e de todas as semanas, que não é pequeno interêsse. Se o que se escreveu últimamente acêrca daquelle negócio se tiver expedido, como avisam, também aqui teremos costura.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 1.^o de Agôsto de 673. — Capelão criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CCC

A Duarte Ribello de Macedo (1)

1673 — Agôsto 8

Senhor meu. — Não são as campanhas dêste ano tão férteis de novidades como as do passado, e assim não há muito que escrever: muito que considerar e muito que temer sim. Fala-se aqui constantemente na paz, e eu estou sempre com o coração batendo-me no peito, e tremendo de quando me dirão que a triste Índia, como tão apeteçada, é o sacrificio ou hóstia pacífica desta reconciliação. V. S.^a irá ao congresso (2), e ainda que da autoridade, valor e indústria de V. S.^a espero mais do possível, não sei que partido podemos nunca ter, nem tirar nos frutos de uma guerra em que não quisemos ser companheiros. Não há para mim melhor nova que aquela em que se me diz que a guerra continuará, e que a paz não tem acomodamento.

A Galiza, por ventos contrários, chegou um navio da Baía, com nova de deixar ali uma naveta da Índia, partida em Setembro, e que o Viso-Rei, com uma armada mandada ao estreito da Pérsia, tinha ajustado não sei que tributos antigos, e franqueado alguns comércios com os gentios, que tudo não vem a montar, quando seja assim, quatro baiocques (3); e de Cochim, Ceilão e do de mais não se diz nada. E destas proezas como de outra dos Paulistas feita

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) De Colónia.

(3) De *baiocco*, pequena moeda do Estado Romano.

no sertão da Baía contra os Tapuias(1), se mandou um extracto ao nosso Residente pela secretaria, como se houvessemos ganhado Constantinópla; e do que importa nem se fala nem se cuida.

Já disse a V. S.^a que El-Rei Cristianíssimo, com os seus exércitos, a primeira cidade que tem conquistado é Roma, onde lhe concederão quanto seus ministros quiserem, sôbre os bispos franceses mandados ao Oriente pela Propaganda. Querem agora que, para se evitarem discórdias, se lhes dividam dióceses, e se revoguem as bulas antigas de Portugal, e se mandem excomunhões aos governadores e preladados, e outras temeridades, que só lidas assombram.

O que V. S.^a leu na carta de Lisboa, enviada a essa côrte, me escrevem nêste correio com termos lastimosos: que muitos títulos se passaram a Évora e outras partes; que nenhum fidalgo vai ao paço nem aparece lá; que se fala muito em El-rei D. Afonso; que era partido para a ilha o novo confessor que lhe mandam, primo do de S. A.; emfim temores de alguma fatalidade, dizendo-se junta-

(1) A guerra contra os selvagens, cujas depredações chegaram a muito perto da cidade, capital do Brasil, datava do tempo do Governador Alexandre de Sousa Freire, e continuou no do seu sucessor, que assumiu o pôsto em 1671. (Cf. Varnhagen, *História Geral do Brasil*, secção 36.^a, no t. 2.^o.) Do relatório dêste último Governador ao Conselho Ultramarino, consta o seguinte caso, assás demonstrativo de terror que inspirava a gente de S. Paulo aos indígenas. Tendo o Sargento-mór António Soares Ferreira confiado a um Principal prisioneiro que os que faziam a guerra não eram naturais da Baía, e sim Paulistas, mandou êle logo um filho dar aviso aos índios da sua aldeia, para que se rendessem, assegurando que a exemplo dêsses fariam o mesmo as demais. (Consulta do Conselho Ultramarino, de 22 de Dezembro de 1672, Livro 5.^o de Consultas Mistas, no Arquivo Ultramarino da Biblioteca Nacional). Efectivamente tardou pouco a submissão final dos revoltados.

mente grandes elogios dos talentos naturais do Príncipe, e juntamente grandes lástimas do cativo a que o têm reduzido. Não falta aqui quem me ajude a chorar esta desgraça, mas é certo que nem todos os corações sentem igualmente, e só do de V. S.^a creio me faz companhia. Repetem as esperanças daquele negócio; em todos os correios dizem que virá no seguinte, e nunca chega.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 8 de Agôsto de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCI

A Duarte Ribello de Macedo (1)

1673 — Agôsto 22

Senhor meu. — Com grande pena e sobressalto faço a V. S.^a estas regras, que pela mesma causa serão poucas. Chegaram hoje a Roma dois próprios de Lisboa; um enviado de Roque Monteiro em 27 do passado, com aviso da morte de João Falcão de Sousa, e valias de Madrid para se lhe alcançar a conezia vaga para seu irmão António Monteiro (2), pagando-se ao correio mais de quinhentos mil réis só por esta contingência, que tão ricos e tão liberais vassallos tem o nosso reino, quando verdadeiramente está tão pobre. Diz-me que não vem carta de S. A. por

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) António Monteiro Paim, Deão em Coimbra, mais tarde Inquisidor na mesma cidade e em Lisboa, e do Conselho Geral.

estar nas Caldas, para onde havia de partir aos 20, segundo todas as cartas do ordinário próximo. Isto é o que diz êste correio.

O outro, também extraordinário, enviado a um irmão de um amigo nosso no Pôrto, não sei se por êle se por outro irmão que tem, Inquisidor em Lisboa, com cartas não sei de quando (que não podiam ser dias senão horas depois) as quais cartas eu não vi, mas ouvi referir a pessoa digna de todo crédito, havendo-se-lhe comunicado em sumo segrêdo, dizem que Lisboa ficava levantada, e com motim originado em grande parte pelos descontentamentos comuns, e tomando-se por pretexto o favor que S. A. tinha determinado fazer aos cristãos novos, com licença de recorrerem ao Sumo Pontífice sôbre a reformação dos estilos daquela Inquisição em conformidade aos de Roma, e perdão geral ou abolição dos labirintos passados.

Esta graça me consta estar concedida aos 5 do passado, pôsto que os papéis não estavam ainda expedidos, resolvendo-se S. A. a o fazer com todo ou parte do seu conselho de Estado, sôbre os pareceres de vinte e quatro pessoas das melhores letras do reino, e muitas delas constituídas em dignidade, nos quais diziam todas conformemente que S. A. não só podia, mas era obrigado em consciência a dar esta faculdade (1). Contudo me consta que quem havia de passar ditas ordens é de contrário parecer (2), e que os in-

(1) O informador de Vieira devia ser o Padre Manuel Fernandês, jesuíta, confessor do Regente. Nos papéis dos jesuítas, referentes ao caso, guardados na Tôrre do Tombo, encontra-se a relação das pessoas que votaram não dever o govêrno impedir o recurso dos cristãos novos a Roma. Entre elas o Arcebispo de Lisboa, o Bispo de Angola, e o Padre Francisco de Ville, confessor da Rainha.

(2) O Secretário de Estado, Francisco Correia de Lacerda.

teressados (1) o contrariam quanto podem, e que têm muitos que ou por respeitos ou pela geral apreensão os seguem; e que em papel que deram a S. A., vivente o Inquisidor Geral, ameaçavam êste inconveniente. Tudo isto me faz crível alguma perturbação que, se começa, não será de pouco descrédito, quando não chegue a ser de grande dano e ainda total ruína, a qual não se descuida de nos procurar o Embaixador que lá temos de Castela (2), e os amigos desta senhora, que dizem não são entre nós poucos.

Li as implicações com que se escreve a V. S.^a, das quais se pode também argüir tudo quanto se pode temer. Não estou para falar em outro mar nem em outra terra.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 22 de Agôsto de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCII

A Duarte Ribeiro de Macedo (3)

1673 — Agôsto 29

Senhor meu. — Ainda não estou de todo livre do susto com que escrevi o correio passado, antes no dia seguinte se acrescentou uma novidade que nos tem pôsto em maior confusão; porque sôbre os dois correios rebentou aqui o terceiro, despachado pelo Secretário de Estado, e remetido

(1) A Inquisição.

(2) Conde de Humanes.

(3) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

ao Marquês de Gouveia, para que de ali o enviasse a toda a diligência, como fez, trazendo carta de 2 do corrente, sem se dar notícia ao Marquês do negócio que continha, nem o Residente disse mais que vir trazer uma carta de Pedro Sanches Farinha (1), em que pedia o canonicato para seu filho, referindo que fazia aquele aviso por correio extraordinário, para prevenir uma carta de favor que o Príncipe tinha dado a um neto do Conde de Castanheira, para o dito beneficio.

Isto é o que diz o Residente; e se tem observado que, depois de receber o dito expresso, nem pediu audiência do Papa, nem falou com o Cardeal (2) nem com outro ministro, de onde se infere que não é negócio positivo, e se teme somente que seja suspensivo, e contra-ordem das que se esperam no correio ordinário, acêrca do requerimento dos homens de negócio. O certo é que os papéis da Inquisição, dos quais se soube há dois dias com maior certeza, estão dados na Congregação do Santo Officio, em que devem de dizer maravilhas, mas, se chegarem ordens de S. A., tudo lhe aproveitará pouco.

Amanhã é o dia em que no verão chegam as postas de Espanha, e, pôsto que não podem trazer novas de Portugal, poderão vir de Madrid, aonde se não descuidaria de as mandar o Conde de Humanes, quando sejam de algum movimento dos que ameaçam as cartas dos Inquisidores, antes dizem ser já seguidos; mas o último correio não faz menção de semelhante cousa, salvo se o Residente, a quem se têm lançado bons espias, no-la encobre.

Juntamente recebi neste último correio duas de V. S.^a, uma de 29 do passado, outra de 4 do corrente, em que

(1) Secretário das Mercês de D. Pedro.

(2) Altieri, Cardeal Patrão.

avisam de Flandres se ouviram já as primeiras salvas das duas armadas, mas por extraordinário de Paris, com cartas de 10, dizem que Ruyter ficava metido na sua retirada dos bancos, e que ainda não tinham vindo às mãos.

Aqui chegaram as listas do exército imperial, mais fácil de pôr no papel que na campanha, e é sentimento comum que, em chegando ao Reno, se declarará a guerra em Flandres, ou para se prosseguir ou se fazer a paz geral. A generosidade do Duque de York é digna de um cunhado da Rainha de Grã-Bretanha, e, pôsto que seu irmão parece o não assiste na resolução, os que desejam o maior bem daquele reino o não querem, e suspeitam alguma dissimulação e inteligência secreta a maiores fins(1).

O dístico de Marcial, de que eu não estava lembrado, pôsto que em seu tempo folgava de dar àquele poeta alguns quartos de hora subsecivos, é galantíssimo em si, mas a aplicação excede muito a graça do epigrama. Se os nossos barbeiros se não derem mais pressa, cedo nos acharemos sem pêlo na barba nem cabelos na cabeça(2).

Dizem que era vindo a Lisboa o Bispo de Leiria em socorro da Inquisição, onde no tempo da sua secretaria lhe fizeram um filho deputado (3); e não digo mais a V. S.ª,

(1) Parece referência à resolução de resignar os cargos, não aceitando o *Test-Act*, executada pelo Duque de York.

(2) O epigrama 83.º do Liv. 7.º :

Entrapelus tonsor dum circuit ora Lupercl,
Expingitque genas, altera barba subit.

A aplicação seria às negociações com França e Inglaterra, a respeito da liga, de que Macedo e Vieira supunham depender a sorte da Índia.

(3) Pedro Vieira da Silva, Bispo de Leira, tinha em 6 de Agosto dirigido uma carta ao Regente, exortando êste a não conceder a licença

porque atégora não sei mais. Queira Deus trazer-nos melhores novas do que tudo isto prognostica, e dar-nos melhor opinião do que a notícia destas cousas nos grangeia em Roma.

O mesmo Senhor guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 29 de Agôsto de 673.— Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Setembro 5

Senhor meu. — Também eu não tenho muito que dizer a V. S.^a No passado disse os três misteriosos correios que aqui tinham chegado, e, pôsto que depois veio a seu tempo o ordinário, e dizem todas as cartas de particulares que trazia os despachos que se esperavam, o silêncio do nosso Residente nos tem desenganado que ou são falsos êstes avisos, o que é dificultoso de crer, ou lhe veio alguma ordem contra as primeiras, com que tudo se resolverá em fumo, e queira Deus que não seja em fogo contra os que se expuseram aos perigos dêste violento remédio ; mas não sei se D. Quixote, nos seus aforismos da cavalaria andante,

para o recurso a Roma, que os cristãos novos pediam. O filho, Luís Vieira da Silva, foi Inquisidor Deputado em Lisboa, renunciou o cargo, e, nomeado mais tarde Bispo de Portalegre, não aceitou a graça.

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

permitiria que se faltasse com a protecção aos que se tivessem metido debaixo dela, e muito mais depois de prometida e firmada, que são os termos em que falam os avisos. Queixam-se de que têm a pena na mão, como eu agora; e seríamos tão infelizes como somos, pois o não podemos ser mais, se pudessem mais as penas que os sceptros. V. S.^a já tem de mim entendido o fôro em que sempre falo, e assim não é necessário repetir esta protestação.

Haverá dois dias que, dizem, chegou aqui um correio extraordinário, não sei de que parte, e me o disse ontem o Marquês Nerli, irmão do Cardeal, com novas formidáveis. Que Turena havia marchado com quinze mil infantes e dezoito mil cavalos, a unir-se com as tropas de Baviera; que El-rei se havia acostado ao Reno com exército de trinta e cinco mil combatentes e fazia grandes pontes; que doze cidades livres de Alsácia se lhe haviam sujeitado e recebido seus presidios; que o Príncipe de Condé estava às portas de Bruxelas; e isto, junto com o poder marítimo, e o de Luxembourg por terra, a quem não fará temer ou esperar, ainda nesta campanha, muito mais do que parecia prometer?

Também os genoveses parece que não estão muito consolados; porque, havendo-se-lhes pedido os bombardeiros, que dispararam em defesa das suas barcas contra as galés de França, por se escusarem desta entrega, dizem que estão condenados à invasão de muitas galés e navios de alto bordo, em tempo que não têm recolhido o seu combói de Cadiz.

Há aqui carta de Aspan, em que se afirma, entre muitas vitórias de França naqueles mares e terras, que nós também tivemos uma em Mascate; pequena consolação para quem tem tantas causas maiores de se entristecer, sendo a maior de todas a nossa insensibilidade.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 5 de Setembro de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCIV

Ao Marquês das Minas (1)

1673 — Setembro 9.

Ex.^{mo} Sr. — Não quero dar a V. Ex.^a o parabém do Conselho Ultramarino (2); mas dera-o de mui boa vontade a S. A., que Deus guarde, por esta eleição, e o dou ao mesmo Conselho, à Índia, ao Brasil e a todas as nossas conquistas. Eu há muitos dias que as considero mortas de mais de quatro e, esperando a sua ressurreição com mais fé que Marta, só lembro com Maria, e com as suas lágrimas, o amor e patrocínio hereditário, que a V. Ex.^a merece o Brasil (3), a quem pelo segundo nascimento devo as obrigações de pátria.

Enfim, senhor, chegaram à luz aqueles embriões, que assim o dizem todos os avisos do correio passado; mas, antes dêles, chegaram a Roma, quási dentro de vinte e quatro horas, três próprios, com que ficamos assombrados, entendendo que não podia ser senão algum grande bem ou mal o que nos traziam, principalmente havendo estado en-

(1) No t. 2.^o da 1.^a ed.

(2) Nomeado o Marquês Presidente do Conselho Ultramarino.

(3) Alusão ao avô do Marquês, D. Francisco de Sousa, que fôra Governador do Brasil.

coberto por tanto tempo, e com tanto secreto que ainda o de algum dêles não está inteiramente penetrado pelos especulativos mais romanescos.

O primeiro próprio se declarou logo ser enviado por Roque Monteiro ao canonicato vago nêsse tribunal, que já dizem está dado ao Inquisidor Bento de Beja. O segundo se sabe ser despachado pelos ministros do Santo Officio, e dirigido a Frei Luis de Beja, religioso de Santo Agostinho, irmão do dito Inquisidor; e também se diz que a pôr silêncio a certos perdões, suplicados ou que se haviam de suplicar a S. Santidade, que não são de contas bentas(1). Juntamente se espalharam novas que Lisboa ficava amotinada, e o povo a ponto de tomar as armas em defesa da fé, e outras cousas ainda maiores a êste tom; com que todos estamos ainda em grande cuidado, esperando a posta desta semana.

Eu, como quem se acolhia a sagrado, perguntei logo se V. Ex.^a havia acompanhado a S. A.(2), ou se ficara em Lisboa; e, porque Tomás da Veiga me assegurou que sim, com isto cobrei ânimo, lembrado de uma história de Belém ou do Belém, porque também se contam grandes cousas do homem que hoje serve esta vara.

Finalmente chegou o terceiro próprio, também muitos dias antes do ordinário, despachado ao nosso Residente, e dêste atégora se não sabe mais que um desusado silêncio, com que se tem acrescentado o mistério, e alguns expositores mais clássicos interpretam a poder ser algum abôrto daquele parto. Espera-se o correio, de uns com alvoroço, de outros com receio, e de todos com curiosi-

(1) O perdão geral que pretendiam os cristãos novos
(2) As Caldas.

dade ; qualquer cousa que traga, será o que Deus fôr servido, que sempre é o melhor.

Não refiro a V. Ex.^a as novas da paz, e rompimento em que se acha o Norte, mais armado que nunca. O exército otomano entrou outra vez por Polónia aos 25 de Julho ; e os suezeses com grande número de tropas caminham para a mesma parte, a apoderar-se, segundo dizem, do que facilmente poderão ocupar naquele reino, que geralmente se julga perdido. Também é fama que o invade com o mesmo intento o Moscovita, que hoje tem nesta côrte um enviado de nação escôzês e de apelido Meneses, por descendente que diz ser de Portugal. Entende-se que vem pedir, e não sei se será bem entendido, pôsto que traz intérprete.

Se eu não conhecera que V. Ex.^a nem trouxe nem levou de Roma diferente condição, não carregara esta meia fôlha de papel com o memorial incluso, que por mão do Padre Pedro Juzarte mando aos pés de S. A. De S. A. creio toda a mercê que me fazia, e de V. Ex.^a espero a que desejo me faça. Só represento a V. Ex.^a que a casa de meus pais está em tão miserável estado que por consciência me obriga a pedir ; e, como é obra de misericórdia, com a representar a V. Ex.^a a tenho encarecido quanto posso (1).

Deus guarde a Excelentíssima pessoa de V. Ex.^a como

(1) O memorial versava sôbre o pagamento de vinte mil cruzados que a Fazenda Real devia ao espólio de Simão Álvares de Lapenha, cunhado de Vieira, e de mais quinze mil por que fôra vendido o officio de Provedor da Fazenda de Pernambuco, que ao mesmo pertencera ; e bem assim requeria os officios de escrivão da Câmara e dos órfãos da Baía, vagos por falecimento de outro seu cunhado, para um dos sobrinhos. O memorial acha-se publicado no t. 2.º das *Cartas*, edição de 1854.

o Reino, as Conquistas, e os criados de V. Ex.^a havemos mister.

Ao senhor Conde do Prado, e aos senhores D. João e D. Pedro meus senhores (1), beijo a mão muitas vezes.
Roma, 9 de Setembro de 1673. — Criado de V. Ex.^a

António Vieira.

CARTA CCCV

Ao Padre Manuel Fernandes (2)

1673 — Setembro 9

Recebi a de V. Rev.^{ma} de 24 de Julho, com o maço junto. Falta a carta geral, e os demais papéis que se promete haverem de vir por um Próprio, o qual, segundo boas contas, há três semanas que cá pudera estar, e por isto, e por tudo o mais que referirei, me acho em grande confusão e perplexidade; e para que conste a V. Rev.^{ma} do estado do negócio, e como se não tem faltado em nada ao serviço de S. A., segundo as antecedentes notícias que me mandou dar, e os avisos de V. Rev.^{ma}, direi nesta historialmente e por menor tudo o que tem passado.

Aos 22 de Agôsto chegou aqui um Próprio de Lisboa, (como vieram mais outros dois com fama de que trariam sòmente avisos da morte de João Falcão, para que se pre-

(1) Filhos do Marquês.

(2) Cópia muito incorrecta no Arquivo Nacional, Armário Jesuítico, caixa 1.^a, n.º 52. Impressa no *Corpo Diplomático Português*, t. 14.º

tendesse o seu canonicato), e depois se soube ser enviado pela Inquisição, e dirigidos os despachos a Frei Luís de Beja, religioso de Santo Agostinho, irmão do Inquisidor Bento de Beja.

Na manhã seguinte fui avisado, por pessoa que em sumo segrêdo viu as cartas, que nelas se dizia o seguinte: que Lisboa estava amotinada; que S. A. por esta causa (palavras formais) fugira para as Caldas; que tinham saído três pasquins cuja substância era amotinar o povo a que tomasse as armas, e advertisse que seu rei natural estava desterrado e prêso, a honra e fama perdida, o reino pobre, o govêrno tirânico, e que sobretudo queriam vender a fé por dinheiro e crucificar de novo a Cristo; que o Arcebispo de Évora era vindo de novo a Lisboa, e passava às Caldas a representar a S. A. que, se isto se intentasse, êle se partia logo a Roma; que o juiz do povo, ameaçado de lhe queimarem a casa se não fazia tomar as armas, fugira para as Caldas, e que no ponto em que aquella carta se escrevia, aos 29 de Julho, já corria voz que na Ribeira era levantado motim (1).

Atéqui as noticias secretas daquele dia. Depois se soube que estas mesmas cousas se disseram a alguns cardeais e outros ministros desta Cúria, e finalmente se romperam e são públicas entre os portuguezes e outros. No dia seguinte, de 23 de Agôsto, chegou o terceiro Próprio despachado ao Residente, que êle disse vir somente a procurar o sobredito canonicato para um filho de Pedro San-

(1) Um dos pasquins, pôsto na Capela Real, dizia :

Con El-Rey, con el Papa y la Inquisicion

Chiton ;

E senão

Irão buscar seu irmão.

(*Monstruosidades*, cit.).

ches Farinha, e prevenir uma carta de S. A. sobre o mesmo beneficio, dada a D. Jorge de Ataíde; mas como esta resposta do Residente não era verosímil, e se observou que não fazia diligência alguma com os ministros, se entendeu que o negócio era outro, e que podia trazer alguma ordem, ao menos suspensiva, contra as que V. Rev.^{ma} me tinha avisado estarem expedidas e firmadas por S. A. Mas como disto não constava, e constou que Frei Luis de Beja levara papéis dessa Inquisição a esta, nos quais, como se soube por via ou vias secretíssimas e de suma autoridade, pediam que se pusesse silêncio perpétuo a esta matéria, e, se fôsse necessário maior informação, se dessem seis meses de tempo, em que a Inquisição de Portugal mandasse pessoa, parece conveniente e necessário, e conforme a mente de S. A. e de V. Rev.^{ma}; prevenir que no Santo Officio de Roma se não tomasse alguma resolução, que depois fôsse mui dificultosa de desfazer; e a êste fim se apresentou o Memorial número 1, o qual foi muito bem aceito, e se resolveu que se não decidisse cousa alguma sem serem primeiro ouvidos os homens da nação de Portugal, e pelas mesmas vias que acima digo se assegura que os estilos sem dúvida serão emendados. Vai a V. Rev.^{ma} a cópia do dito Memorial, assim para que V. Rev.^{ma} tenha plenária notícia de tudo, como para que venham documentos e exemplos, que confirmem e proveni quanto puder ser o que nêle se expõe. Viu-se êste memorial, de que se deram antecipadamente cópias a todos os senhores cardeais da Congregação do Santo Officio, em quarta feira 3o de Agôsto, e depois se soube que na outra quarta feira, que é o dia da Congregação, se tinham já visto os papéis da Inquisição de Portugal, chegados e apresentados no dia antes. Porém estão tão bem informados alguns dos principais ministros, que já então se tinha resoluta se esperassem maiores in-

formações, sôbre a qual resolução caiu muito a ponto o sobredito Memorial.

Em todo êste tempo se esteve esperando por horas e por momentos o Próprio prometido, de que já se entende que não vem nem virá, temendo-se que, na ausência de S. A., tenham sobrevindo impedimentos de perigosíssimas consequências, e trabalhos e danos irreparáveis às pessoas interessadas, e particularmente às que tiveram parte nesta negociação, não ficando de fora a autoridade da palavra e firma de S. A., pela razão que abaixo direi. E por todos estes motivos estão feitos os dois Memoriais números 2.º e 3.º, que se apresentarão segunda feira, e serão vistos na quarta 13 do corrente, e procurando se com toda a eficácia sejam despachados na forma que se supplica, para que o negócio se possa prosseguir e assistir de lá com toda a segurança.

Isto é o que atégora se tem obrado e disposto, tudo sem notícia nem comunicação alguma com o Residente, pela razão que V. Rev.^{ma} agora ouvirá. Em 3o de Agôsto chegou aqui o correio ordinário, com o maço de V. Rev.^{ma}; logo no mesmo dia levei ao Residente as cartas que lhe pertenciam, e com cautela lhe dei só aqueles motivos que bastavam para virem por minha via, dizendo-lhe que o negócio era seu, pois êle, como me tinha comunicado, lançara nêle a primeira pedra desde Inglaterra (1), e depois de estar em Roma o lembrara sempre; e que só com sua autoridade e indústria se poderia conseguir esta obra de tão grande serviço de Deus e de S. A. etc. Êle recebeu as cartas e as pôs de parte, sem as querer abrir em minha presença, nem me dizer outra cousa senão que me não podia dizer nada, e com isto deixei, sem até hoje,

(1) Cf. a carta de Fevereiro 21, p. 570.

sendo passados nove dias, falar comigo nem com alguma das pessoas nomeadas nas procurações (1). Os mistérios d'êste segrêdo lá os saberá V. Rev.^{ma}; mas é bem (2) que V. Rev.^{ma} também saiba o que eu agora soube por pessoa digna de todo o crédito, com quem o Residente tem particular comunicação, e de quem tem grandes dependências: e é que, quando êste negócio se começou em Lisboa, o Inquisidor Geral se entendeu com o mesmo Residente, para que por parte da Inquisição impedisse, e lhe mandou crédito de vinte mil escudos de ouro, que fazem da nossa moeda setenta mil cruzados. Assim o entendi da dita pessoa, e outrem (3) diz que também lhe prometera fazer ao sobrinho deputado: poderá ser que tudo fôsse para outro fim.

Corre entre os mercantes de Roma que, com os despachos da Inquisição, viera juntamente a Frei Luís crédito de vinte mil escudos desta moeda, que da nossa fazem mais de quarenta e cinco mil cruzados (4), e o dito religioso fala com o Residente, não sendo atégora muito amigos. A opinião que tem o Residente entre os portuguezes é que atende mais aos seus interêsses particulares que aos do reino, e que se quer conservar com os ministros de lá servindo-os, e com os de cá condescendendo: de tudo o que V. Rev.^{ma} inferirá as consequências necessarias ao negócio. É lástima que à vontade, resoluções e conveniências do Príncipe lhe façam guerra seus vassallos e seus ministros, e com seu próprio dinheiro.

(1) Os procuradores encarregados de promoverem em Roma o negócio dos cristãos novos.

(2) *Se bem* no manuscrito, o que parece êrro de cópia.

(3) Talvez *outra* no escrito original.

(4) Assim no manuscrito, redução de moeda em discordância com a do período antecedente.

As pessoas a quem vieram as procurações (ainda que das quatro não sabem delas mais que duas, D. Francisco⁽¹⁾ e Baltazar Gomes) não terão dúvida ao dinheiro dos créditos, mas nenhum se quer empenhar em procurar de público no negócio, uns porque têm cá parentes de grande qualidade, outros porque os têm lá. O advogado Tomás da Ribeira é o que dá os memoriais e informa, mas não é pessoa de quem se deve fiar todo o negócio, nem a direcção, nem os papéis. Procede-se atégora com todo o segredo: e assim importa que seja sempre; vêm-se os movimentos do céu mas não a intelligência que os move. Aplica os impulsos o Abade Francisco de Azevedo⁽²⁾, de quem V. Rev.^{ma} por outra via tem notícias, pelas que deu a S. A. em todo o tempo; é pessoa de grande agência e valor, e, ainda que atégora não tirou a máscara, a tirará por serviço de S. A. e zêlo do reino, e particular affecto que tem ao negócio. A êle, se parecer, em falta do Residente, podia vir procuração, ou vir pessoa de lá; mas, como digo, êste homem é muito práctico e tem amigos e entradas, e não fará senão o que lhe disserem, servindo de meio termo como agora faz. Fazendo-se a reformação dos estilos, é necessário que vá muito individuada em todos os pontos, que são muitos e muito miudos, e em todas as cláusulas dêles; e isto tenho por certo que o Residente o não há-de fazer, senão com alguma generalidade que não aproveite, e fiquem mais servidos os Inquisidores que o reino. Assim que estes pontos é bem que

(1) Talvez D. Francisco de Lima. O interêsse que mais tarde Vieira manifesta por êste fidalgo, refugiado em Roma, favorece a suposição.

(2) Beneficiário de uma abadia em França. Tinha ido para Roma em 1655 com o Embaixador Francisco de Sousa Coutinho, e servira com o Residente João de Roxas de Azevedo. Nesta época achava-se a soldada dos cristãos novos de Lisboa.

corram por pessoa a quem doam, e os especule e os aperte, e insista forte e eficazmente em cada um dêles, o que do dito ministro só se não deve fiar nem esperar. A intelligência dos movimentos que digo é necessário que sempre obre invisivelmente, porque assim o poderá fazer e com mais efficácia.

Não posso encarecer a V. Rev.^{ma} quanto dano e quanto embaraço fazem a êste negócio os mesmos portuguezes, assim os de cá como os de lá. Os de lá escrevem quanto sabem e quanto imaginam, os de cá se são cristãos velhos vão diante pelos Inquisidores, e nêste número entram também alguns dos que o não são, por interêsses particulares, e porque não fazem conta de tornarem a Portugal; outros porque se não faz dêles confiança, outros por invejas e ódios que têm entre si, outros por desejo e zêlo indiscreto, e todos porque quizeram mexer na panela e comer dela; com que todos vêm a ser espias, e não basta nenhuma cautela nem indústria, ainda das portas a dentro, para conservar o segrêdo necessário, sem o qual se perderá tudo.

Aqui anda Pedro Lupina Freire(1), e dizem que diz foi mandado já para êste negócio: é homem terrível, e que pode servir ou danar muito para as noticias interiores da Inquisição. Como foi secretário dela tantos anos pode dar grande luz; e, por outra parte, por se congraçar com a mesma Inquisição pode unir-se com quem faz as suas partes, e parece capaz de tudo, principalmente sendo pobre, ainda que de uns dias a esta parte começou a andar mais luzido. Sei

(1) Notário que tinha sido na Inquisição de Lisboa, demitido, processado e castigado com degrêdo para o Brasil, por inconfidência, e descaminho de dinheiros. Presumido autor do escrito *Noticias recônditas*, em que se desvelam segrêdos do Santo Officio.

que é amigo de Pedro Alves Caldas (1), e seria muito conveniente tê-lo ganhado e seguro, como me parece se poderá fazer por esta mesma via, com alguma advertência de remédio enquanto aqui estiver, e promessa para o futuro. Faça V. Rev.^{ma} muito caso dêste ponto, e compadeça-se de mim por estas e por outras muitas impertinências de todos, que fôra infinito individuar; e baste dizer que, como se não procure puramente o serviço de Deus e bem do reino, em tudo o mais não há verdade nem segurança.

As duas advertências que V. Rev.^{ma} aponta são totalmente essenciais, e na mesma conformidade se tem procedido sempre, não falando em dinheiro, que é o que deu motivo a lá se dizer que se vende a fé. Justiça e mais justiça, inocência e mais inocência, êste é o fundamento de tudo, e o modo mais decoroso e eficaz; e os interêsses que se prometem ou esperam sejam só consequências, das quais de nenhum modo se fala cá, e fôra melhor que nem lá se tivesse falado, por não dar armas aos inimigos. Pela mesma razão se não fala também no estabelecimento do reino, havendo aqui mais que em nenhuma parte tantos émulos, que por diferentes fins nos desejam ver enfraquecidos. Emfim, Reverendíssimo Padre e senhor meu, V. Rev.^{ma} aponte, mande, ordene tudo o que lhe parecer mais conveniente, que por isso dou todas as notícias do que por cá passa, as quais V. Rev.^{ma} sei há-de reservar só para si, tocando a tantas pessoas particulares, e podendo nelas haver as dúvidas e incertezas que costumam ter todas as informações humanas.

Ao Residente se ouviu dizer que os consulentes dêste negócio haviam de ter algum perigo ou trabalho, e que

(1) Cristão novo, negociante em Lisboa, e um dos proponentes da Companhia Oriental.

se não deviam saber os nomes, e que de aqui a três meses se saberia em Roma tudo, e isto é certíssimo tudo, que o disse(1). Eu, como não sei o que lá passa ou tem passado, condicionalmente só posso dizer duas cousas: a primeira é que se S. A. tem revogado ou suspenso as ordens que tinha firmado, e as não sustentar constantissimamente, fará muito contra a sua autoridade, como acima dizia. Nenhuma pessoa de sciência e consciência há em Roma que não tenha esta causa por justificadíssima, e o recurso a S. Santidade por obra de grandíssima cristandade, e não só conveniente mas necessária e obrigatória, e se admiram de como isto se tenha dilatado e tolerado tanto, e nesta matéria chegam a dizer cousas que, por decência, as não refiro nem a V. Rev.^{ma}. Quando S. A. tem pendente em Roma a causa dos bispados da Índia(2), e tantas outras de tanta importância, como queremos que os ministros supremos de Roma, e o mesmo Papa defira a um príncipe, a quem seus próprios vassallos, dentro da sua côrte (e seu próprio Secretário de Estado os assiste) têm tanto poder e mando que obrigam ou pretendem obrigar a que desfaça o que tem determinado? Se V. Rev.^{ma} ouvira o que aqui se ouve, se envergonhara como eu me envergonho, não valendo contra estas demonstrações as vozes com que em toda a parte publico, e as razões com que provo, que S. A. é o príncipe de maior juízo e valor que tem hoje o mundo. Assim o sei e assim o experimentei e assim é; mas não sei, ainda que públicamente se diz, quem seja a nuvem que, opondo-se aos raios dêste sol, quasi vai escurecendo

(1) Sentido confuso no manuscrito, por falta de pontuação, e talvez por cópia infiel.

(2) Supra, p. 629.

seus resplendores. Nunca tanto desejei ver-me a seus pés como nesta hora.

A segunda cousa que digo é que S. A. tem na sua mão a quietação do seu reino, e o remédio e expedição facilíssima dêste negócio e de muitos outros. Já consta a S. A. quais são as pessoas que são desta opinião, e têm êste negócio por justo e necessário. Destas pessoas eleja S. A. logo logo o Inquisidor Geral, já que Deus com tão particular providência tirou daquele lugar a quem o encontrava, e em lugar dos dois Inquisidores, que saiem para bispos (2), meta outros dois da mesma opinião e muito de sua confidência; e dêste modo em um dia estará a cabo o pleito, e os mesmos que agora o encontram por suspeitos particulares o ajudarão e aprovarão, como devem em conveniência ajudar e aproyar, e terá S. A. por si aquele castelo, que tantas vezes se rebelou contra seu pai, e agora públicamente faz o mesmo contra S. A., como consta do que acima fica referido, que, se fôra vivo Pedro Fernandes Monteiro, havia de pertencer ao seu tribunal; isto é àquele que meteu em uma cova da Tôrre de Belém a D. Francisco de Castro, e sete anos em um cárcere da Cotovia a Sebastião César(1). Se tudo isto é obrigação de consciência e conveniência e reputação, como o não sustenta um príncipe de tão alto juizo e de tão incomparável valor, e não lhe aplica os meios tão fáceis que tem na sua mão, e não faz trêmer só com um abrir de olhos a quem, não

(1) Supra, p. 615.

(2) O tribunal da Inconfidência, de que fôra juiz Pedro Fernandes Monteiro. Estiveram presos por traição a D. João IV, D. Francisco de Castro, Bispo da Guarda e Inquisidor Geral, e Sebastião César de Meneses, Bispo de Coimbra, e do Conselho Supremo do Santo Officio.

digo se atrever, mas lhe vier ao pensamento encontrar seus decretos ?

Finalmente ponho aqui a licença que El-rei que está no céu concedeu para êste mesmo negócio, a qual, toda de sua letra e firmada por S. Majestade, está em Roma, e dela, muito bem reconhecida por mim, tiro a cópia, que é a seguinte :

Concedo aos homens da nação hebra de meus reinos a licença que pedem, para recorrer ao Sumo Pontífice sôbre matérias que pertencem ao Santo Officio da Inquisição, e o que S. Santidade determinar, ouvindo primeiro os Inquisidores, deixarei cumprir inteiramente. — Lisboa, 10 de Dezembro de 649. — Rei.

Bastará que S. A. confirme a dita licença, e bastava que a tivesse dado um tal pai e um tal rei, sem outra justificação.

Deus guarde a V. Rev.^{ma} como o serviço do mesmo Senhor há mister.

Roma, 9 de Setembro de 1673.

Depois de escrita esta, soube dissera o Padre Frei Luís de Beja que, por parte da Inquisição, se haviam de empenhar todos os familiares do Santo Officio, e assistir ao negócio em Roma com toda sua fazenda. Creio o empenho mas não a assistência. Lembro que a razão de não ter efeito a licença concedida por El-rei D. João foi por naquele tempo não haver acesso à Sé Apostólica.

António Vieira.

CARTA CCCVI

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Setembro 12

Senhor meu. — Grandes cousas me diz V. S.^a, e verdadeiramente, ou seja a paz ou a continuação da guerra, ou outras novas guerras, tudo é matéria digna de grande expectação. O caso de Schomberg não me pode parecer acaso, e entendo que debaixo desta scena se encontram grandes secretos. Não sei se me engana o desejo de ver naquele reino (2) uma mudança tão declarada como a do Duque de York.

Aqui chegou que em Londres ou havia ou se esperavam algumas novidades movidas pelo Parlamento. Lembra-me que me disse V. S.^a que El-rei queria fazer Schomberg inglês, por ventura para outros fins; e sempre tive mui guardada esta palavra, ainda que também vejo que os fins podem ser muitos outros.

De Polónia não temos mais novas que as que V. S.^a me dá. Também dizem que o Moscovita se quer aproveitar da ocasião, com que o pobre reino terá contra si três Turcos, quando a sua desunião e miséria o tem desigual às fôrças de qualquer dêles. Mas que me diz V. S.^a ao nosso?

Ainda não temos mais notícias que as que referi no passado. Amanhã as esperamos, e não poderão ser mui diversas das que sempre suspeitei depois da vinda dos Próprios.

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Em Inglaterra.

O Residente continua em calar. O procurador da Inquisição aperta, mas ouço que não falta quem lhe faça forte opposição, sem mais fôrças que as da justiça. Cuido está o pleito em estado que, com licença ou sem ela(1), se prosseguirá. Mas aqui defere-se muito, como é razão, aos ministros públicos dos príncipes; e, sem expressa ordem do nosso, parece-me que a devoção propende para aquela parte, que manifestamente se prova pode mais que o supremo poder. É o maior exemplo de cristandade que já-mais se leu de nenhum príncipe do mundo. Não deixará Deus de o ajudar, e por meios extraordinários, que os outros todos, perdida a reputação, e mais nesta côrte, significam muito pouco. Não sei se será já vindo das Caldas S. A.; se foi buscar geração, não é bom princípio começar por um tal abôrto. Acabarão de se enganar os poucos que ainda ali se detinham, levados dêste engano, e nós ficaremos com aquela cidadela mais forte e mais vitoriosa que nunca(2). Lembra-me D. Francisco de Castro e Sebastião César(3), e outros, e parece que temos perdido a memória. Notáveis cousas me escrevem todos os meus amigos, e posso assegurar a V. S.^a que o são também muito verdadeiros do reino e do príncipe, mas nem por isso ouvidos. Tenho-me malenconizado muito e meditado sôbre isto, e já me resolvi que só de Deus nos pode vir o remédio. Não tiveram culpa os que deixaram perder a El-rei D. Sebastião. Prouvera a Deus que tivéramos outra guerra, com que os nossos dinastas se contentaram de ser reis de províncias particulares, e deixaram reinar em Lisboa um prin-

(1) Licença de D. Pedro, para os cristãos novos recorrerem ao Pontífice.

(2) A Inquisição.

(3) Supra, p. 651.

cipe tão cabal como o que Deus nos deu. Ontem abriram a boca em consistório ao Cardeal Nerli. O Cardeal Odescalchi (1) vendeu a sua prata e deu doze mil escudos para socorro de Polónia. Não sei se terá muitos imitadores, havendo muitos mais ricos.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 12 de Setembro de 1673.—Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCVII

A Duarte Ribello de Macedo (2)

1673 — Setembro 19

Senhor meu. — Esta semana não hei tido carta de V. S.^a Da nossa terra as tivemos amanhã fará oito dias, e, sobre o que disse na passada, não trazem de novo mais que a tornada de S. A. para Lisboa, mais apressada do que se cuidava, e segundo as contas, chegaria até os 11 ou 12 do mês passado. A causa desta pressa sem dúvida são os pasquins, e outros papéis infamatórios que alteravam aquele rudíssimo povo, e muito mais as suspeitas dos motores que communmente se vê serem eclesiásticos e seculares, aqueles pelo interêsse, estes pelo descontentamento, e uns e outros com o pretexto da mal entendida fé, que todos os ministros desta Cúria chamam manifesta tirania; e se a execução responder aos ditames, não deixará de se pôr eficaz remédio.

(1) Futuro Papa Inocência XI.

(2) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

Dizem-me de Lisboa que impugnam êste negócio os estrangeiros todos, e muito particularmente alguns que V. S.^a melhor conhece. Todos querem o nosso, e só nós o não queremos. Dentro em Lisboa nos deixamos dessubstanciar, e fora não fazemos aquelas prevenções, que nêste mesmo ano, se se fizer a paz, nos podem ser necessárias. A Índia, o Brasil, Angola, e tudo quanto temos ou imaginamos ter, está em manifesto perigo, e não bastam os meus brados, de que nunca cesso, para espertar aquele letargo. Por amor de Deus, que V. S.^a lhes meta os medos que serão necessários para esta desatenção, porque dêsse lugar, e da fé maior que se deve dar a V. S.^a, confio que farão algum efeito.

Ontem estive com o sr. Cardeal d'Estrées. Falámos nas cousas de Portugal, que S. E.^{ma} zela como parente (e pode ser que também como vassalo e irmão de seu irmão)(1) e por isso procedo com a cautela que convém. Deseja-se que o Secretário de Estado seja removido, e se escreve que esta esperança não está tão desconfiada como nos meses passados. Só com ver a V. S.^a naquele lugar cuidarei que podemos ter remédio. Nisto mesmo convém S. E.^{ma} com grandes elogios; eu lhe signifiquei quanto importaria uma carta sua, e ficou em que a faria mui encarecida.

Não há outra cousa de que avisar a V. S.^a; queira Deus abrir os olhos a quem para tudo o mais é livre. Dizem que se ficavam tirando devassas, e que se entendia seriam culpados alguns daqueles a quem nêste caso não vale a imunidade(2).

(1) Como parente da Rainha de Portugal, vassalo do Rei de França, e irmão do Embaixador.

(2) As devassas eram sôbre os autores dos pasquins espalhados em Lisboa (supra, p. 643), presumindo Vieira que nelas saíam incriminados os Inquisidores.

Deus nos traga boas novas, e a V. S.^a guarde como desejo.

Roma, 19 de Setembro de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

Antônio Vieira.

CARTA CCCVIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Setembro 26

Senhor meu. — Recebi, como ordinariamente succede, duas de V. S.^a, uma de 15 de Agosto, outra de 1.^o do corrente. E antes de V. S.^a me advertir da pouca verdade com que os holandeses escrevem e estampam, desde principio desta guerra naval estou sempre firme no conceito que fiz dela, antes do primeiro combate do ano passado, a que os padres desta casa chamam o Almanaque do Padre Vieira: prognosticando eu desde aquele tempo (sendo perguntado, como marinheiro velho, do que entendia) que as armadas haviam de pelejar valorosamente de ambas ou de todas as três partes, como nações tão belicosas; que os holandeses haviam de ter sempre a vantagem de menear com maior facilidade os seus navios e se aproveitar dos ventos; que no demais uns a outros se haviam de fazer dano de parte a parte, mas que jámais se havia de saber por qual delas ficasse a vitória, porque esta nunca pode ser decretória nem conhecida, salvo por algum notável accidente dos elementos, que uns e outros haviam de saber prevenir ou evitar, principalmente sendo a guerra no ve-

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

rão, em que os mares guardam trégua. Isto é que sempre cuidei e supús, e assim o creio, por mais ou menos que se diga.

Quanto ao desejo, direi sincerissimamente a V. S.^a qual é o meu. Primeiramente quisera ver os holandeses não só humilhados mas totalmente perdidos, assim por serem hereges, como pelo dano que nos têm feito, e à propagação da fé de nossas Conquistas; isto como cristão e religioso. Como português, quisera que a vitória se dividisse de tal modo, entre os três contendentes, que todos tivessem razão de continuar a guerra e não vir a acomodamento de paz, na qual, como V. S.^a, considero a total ruína da Índia, e ainda passam avante os meus temores.

O bom despacho, que tiveram na Congregação de Propaganda as missões (1), se alterou ou declarou depois, de maneira que querem repartir as dioceses de forma que de um bispado nosso façam três ou quatro, e estes sejam de quem por êste modo quer conquistâr a Índia. Com a nova, que chegou, de que os franceses tinham occupado a cidade de Meliapor, se tem já pedido êste bispado em nome de El-rei de França, sendo que na diocese temos muito grandes cristandades, com governador do bispado português, e muitos vigários e missionários todos também portugueses. Esta notificação fez ao nosso Residente o Cardeal Ursino, para que V. S.^a veja que Protector temos; e o pior é que lhe demos as rendas em igrejas, que sempre êle há-de comer, ainda que tenhamos entendimento e valor para lhe tirar o officio. Assim vai tudo lá e cá.

Amanhã esperamos o correio da nossa terra, e eu o espero com ânsia para ver o que resultou das devassas dos pasquins, com a vinda do Príncipe para Lisboa, onde che-

(1) Supra, p. 629.

garia aos 12 do passado. Aqui se diz públicamente que em Portugal é melhor ser Inquisidor que Rei; e eu não sei que modo de reinar é ter ministros que encontrem públicamente as minhas resoluções, e tão poderosos, que ou per si ou por outros, ou outros com as costas neles, façam rosto a quem só devera ser poderoso. Porque não faz o Príncipe um tal Inquisidor que seja seu, e que sejam seus os que êle fizer (1), e com isto não seja necessário nem recorrer nem infamar em Roma? Deus nos alumie, e nos dê aquela fé em que nos manda crer e com que nos manda obrar.

Morreu o Cardeal Imperial (2), um dos mais reputados de juizo, letras e valor; e S. Santidade está em disposição de prover muitos mais capelos, que é toda a felicidade a que, depois da presente, pode aspirar o Cardeal reinante para o futuro pontificado. A nossa Residência esteve desconfiada dos médicos, os quais, pôsto que lhe não asseguram a vida, por ser o mal incurável, lhe prometeram dias e meses. V. S.^a vá cuidando na nova esposa, porque não falta quem entenda que, com êste desengano, se resolverá Gaspar de Abreu a seguir o exemplo de Pedro Vieira (3).

Sôbre o Breve exortatório a o Príncipe tomar a coroa (4) se falou aqui, e creio que estava o negócio muito adiantado, porque sei que se mandou fazer um papel a Monsenhor de Rossis, que têm grande opinião de letrado, e que o fez pela

(1) O Inquisidor Geral nomeava a todos os subordinados.

(2) Imperiale, genovês, governador de Roma no tempo de Alexandre VII.

(3) E não Padre Vieira, como no impresso. Referência ao Bispo de Leiria, e antes Secretário de Estado, Pedro Vieira da Silva, que enviuvando se fez eclesiástico

(4) Supra, p. 622.

parte afirmativa, pôsto que o nosso ministro me não communicou nada na matéria. Sei também que o sr. Cardeal d'Estrées está por esta parte e o deseja. De Madrid me deram a entender que El-rei de Inglaterra o impugna; e não entendo como isto possa pertencer nem ao Pontífice da Grã-Bretanha(1) nem ainda ao de Roma; mas tudo são desvios de quem não quis, e irresoluções de quem não tem querer.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo, e nos dê a paciência que havemos mister.

Roma, 26 de Setembro de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCIX

A Duarte Ribeiro de Macedo(2)

1673 — Outubro 10

Senhor meu. — Confesso a V. S.^a que me têm tão desconsolado e quasi desanimado as novas que vêm do nosso reino, que já lhe não quero esperar remédio, nem cuidar nêle como atégora fazia, e ocupar-me só em o pedir a quem só o pode dar, e não sem milagre, conformando-me com a sua providência quanto o sofre a minha imperfeição.

Não se ouve outra cousa pelas conversações, praças e boticas de Roma, senão as desuniões e alterações de Portugal, e as facções entre as parcialidades dos dois irmãos, que hoje se publica estão mais vivas que nunca. De Ma-

(1) O Rei, como chefe da Igreja Anglicana.

(2) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

drid se escreve que as Ilhas estão levantadas por El-rei D. Afonso, e que assim o confirmou um navio das Índias, que chegou a Cadiz com a nova da morte do Conde de Lemos (1). As cartas que tem o Residente do Secretário de Estado supõem, como eu também creio, tudo o contrário; mas tanto mal é que isto se diga, e que haja tantos fundamentos para ser provável ou crível, que se não é poderá ser, e que, se não é na execução, é na vontade e desafeição de muitos ou de quási todos. Só para fazer inimigos temos arte, como se não bastaram os de fora.

A presunção do concurso dos amigos do Pôrto também para comigo tem grandes indícios, porque residem aqui dois irmãos religiosos daquela pessoa, em cujas mãos vi alguma carta ou cartas, que descrevem a miséria do estado presente e as disposições do futuro, com termos ou de muito demasiada dor ou de muito desafeioada esperança, e da casta daqueles que na nossa côrte se costumam interpretar em mau sentido: o que eu nunca quis crer nem referir pelo escrúpulo da matéria, e pela relação antiga da amizade, que também pudera duvidar se foi tão fiel como a minha costuma ser, e é e tem sido nêste caso.

O pretexto da fé é tão errado, como a apreensão dela diversa de todos os homens que aqui têm uso de razão, pôsto que nem por isso tenho por infalível que a façam, pois vemos prevalecer em tudo a política. Os ministros daquele tribunal (2) têm feito a esta côrte e à de Castela aqueles serviços porque esteve prêso D. Francisco de Castro, e Sebastião César (3); e outros de seus companheiros mere-

(1) Vice-Rei do Peru; falecido no ano antecedente, a 12 de Dezembro.

(2) A Inquisição.

(3) Supra, p. 651.

ciam a mesma demonstração: e, como actualmente mostram ser mais poderosos e mais respeitados que o Príncipe, segue-se a regra de *viva quem vence*.

Contudo se negoceia por parte dos homens de negócio sobre a reformação dos estilos, em que parece não deixará de haver uma grande mudança, pela evidência de sua deformidade, tão ocasionada a padecer a inocência; mas, como não entra nisto o braço real, que parece está intimidado e revogou as primeiras ordens, ou quando menos as mandou suspender na mão do Residente, e este segue os ditames contrários, já duvido do que nunca duvidei, e não posso segurar a V. S.^a nada; tendo o mesmo nada por mais certo, pois não temos constância nem para querer. Oh! quanta cousa pudera dizer e chorar com V. S.^a, mas não o sofre o papel.

A doidice dos holandeses parece que não é tão mal fundada, segundo o que aqui se afirma da infalível rotura de Flandres, e da resolução de todos os príncipes de Alemanha depois do caso de Truveris(1), que não pode deixar de parecer ao menos intempestivo, pôsto que originado daquelas notícias que, sendo tão secretas, ainda que satisfazem a paixão, não dão satisfação ao mundo nem acreditam a política de quem parece as devera dissimular; mas Deus é o que governa o seu mundo, e cega ou alumia como mais convém aos fins da sua providência.

O Marquês, Embaixador de Madrid, me comunicou a última resolução e resposta sua sobre o caso de Humanes,

(1) Ou Treves. A 3o de Agosto tinha-se firmado em Haia o tratado de aliança ofensiva, das Províncias Unidas com a Espanha, o Imperador e o Duque de Lorena, contra Luis XIV. Por esse motivo se tornou o Estado de Flandres beligerante. Posteriormente os Eleitores de Treves e Mogúncia juntaram-se à coalizão.

de que nós fizemos tanto (1). Retirando-se o Marquês, parece consequência infalível mandar-se retirar Humanes; pôsto que o ser com licença e depois de três anos sempre deixará a porta aberta a qualquer acomodamento, quando a sua miséria e a nossa não consente a nenhuma das partes seguir a dos brios. Pode ser que fôsse mais conveniente tirar de Lisboa com esta ocasião alguma parte da peçonha; mas também esta, armada, será mais para temer. Deus nos acuda e remedeie, que só pode. Ontem disse o Residente qué Roque Monteiro emprestara ao Príncipe trinta mil cruzados para poder ir às Caldas: quem dissera isto no nosso tempo aos pais de ambos (2)!

Deus guarde e dê muita vida e paciência a V. S.^a, como eu para mim desejo.

Roma, 10 de Outubro de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCX

A Duarte Ribello de Macedo (3)

1673 — Outubro 17

Senhor meu. — Recebi esta de V. S.^a, de 21 de Setembro, estando em Exercícios. E verdadeiramente que bem

(1) Desacato ao Juiz da Índia e Mina, pelos criados do Conde de Humanes, que saíram a encontrar o magistrado, e lhe quebraram a vara do cargo, com o pretexto de que pela casa do Embaixador de Espanha não podiam passar ministros de vara alçada. O successo de-ra-se no mês de Junho. (Cf. *Monstruosidades*).

(2) Roque Monteiro Paim, filho de Pedro Fernandes Monteiro tinha herdado dêle avultado cabedal. Supra, p. 593.

(3) *Ínédita*; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

havia mister a matéria dela esta prevenção ; porque, sendo o intento de Santo Inácio, nos mesmos Exercícios, propor a todos os meios eficazes de compor e moderar as paixões que nos desviam do último fim, eu, considerando nas minhas, e na predominante contra a qual deve ser o maior combate, achei que era o affecto portuguez e imoderado amor e zelo da pátria ; e contra este tão forte inimigo me tinha armado, convencendo-o com tantas razões quantas em mim concorrem mais que em outros. Mas ainda que o tenho muitas vezes convencido, não acabo de o ver vencido ; e assim me lastimaram de novo todas as notícias que V. S.^a me dá, muito conformes às que eu tenho, não lhe esperando outro remédio senão o do céu, e não ainda o da providência ordinária, senão o da milagrosa, e mais que milagrosa, pois se observa no Evangelho que, curando Cristo todos os géneros de enfermidades e ressuscitando mortos, a nenhum doido sarou.

Tivemos cartas da Índia, e sôbre as novas que V. S.^a me dá, dizem que na China estava revogada a antiga sentença e edito promulgado contra a lei de Cristo, e que os missionários ficavam todos restituídos a suas Igrejas e províncias, sendo conduzidos a elas a despesas de El-rei ; e que no Japão se tinha dado perdão geral a todos os professores da mesma lei, com que respirará a antiga cristandade, e crescerá, ainda sem novos prégadores, porque o serão os mesmos cristãos, em que a fé tem lançado tão firmes raizes que, sem sacerdotes nem sacramentos, padeceram constantemente tantos e tão esquisitos martírios. Agora tememos só que a perseguição, que lá se tem acabado ou vai acabando, ressuscite naquela terra e entre aqueles ministros que mais a devem favorecer e ajudar.

V S.^a terá noticia das ordens que foram à Índia, para se tratar com os holandeses de se acomodarem connosco,

oferecendo-se-lhe prémios e títulos. Mas como não foi dinheiro nem gente, ainda que os governadores sejam venais, nem terão interêsse nem pretexto para quererem que seja nosso o que, ao meños por alguns anos, e em qualquer successo da Europa, pode ser seu. Grande lástima que havendo em Lisboa quem oferece navios e condução de cinco mil homens sem El-rei meter um real de cabedal (1), se estime esta conveniência delito contra a fé, e que esta estimação prevaleça contra tantas evidências do contrário. Os Inquisidores, *apertè et occultè*, fazem aqui grandes diligências para que se ponha silêncio no negócio, mandando para isso grossas somas de dinheiro, que não deve ser da sua bolsa; e contudo, os procuradores da parte contrária, pôsto que desassistidos de El-rei e do seu ministro, quando não seja occultamente encontrados, não desesperam de que a justiça da sua causa prevaleça contra todas as negociações de lá e cá. E ouvi que já tinham mandado a Lisboa um decreto de imunidade para as pessoas que públicamente se haviam empenhado neste negócio, para que o possam prosseguir sem os perigos que justamente se temem, que não foi pequena graça, nem desconfiança de que o negócio não esteja melhor visto em Roma que em Lisboa.

Aqui se diz que a guerra se romperia em dia de Santa Teresa (2), com que os castelhanos, se lhes succeder bem, poderião casar o seu patrocínio com o de S. Tiago, como não queria consentir Quevedo (3): e como é mulher que

(1) Supra, p. 544, nota.

(2) 15 de Outubro.

(3) Em 1617 se levantou em Espanha acêsa controvérsia a respeito de se declarar Santa Teresa segunda padroeira da nação. Filipe III e Filipe IV patrocinaram o propósito; Francisco de Quevedo, cavalleiro professo de S. Tiago, era-lhe contrário, e neste sentido publicou

soube reformar homens, é o milagre que há mister hoje Espanha, entrando nesta geografia a nossa parte.

O Marquês de Gouveia me escreve tem já licença para se recolher a Portugal, e que o faria meado êste mês : não será a rotura da guerra pequeno torcedor para que os castelhanos se acomodem a mandar retirar de Lisboa o Conde de Humanes, e nós nos saíamos com honra daquele empenho, que não sei se foi arriscado.

O Papa está em cama, e com febre, sôbre oitenta e três anos ; mas entende-se que não dará gôsto aos que desejam sede vacante, ponto que um carmelita descalço, que entende de estrêlas, revelou a três cardeais, o porque o mandaram sair de Roma. E isto é tudo o que aqui se fala, esperando-se a nova certa da rotura (1), que já dizem passou a Nápoles por um próprio.

Deus guarde a V. S.^a como desejo e havemos mister.

Roma, 17 de Outubro de 673 — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

em 1628 o *Memorial por el patronato de Santiago*, a que responderam vários contraditores. Não foi estranha a esta polémica a perseguição que padeceu Quevedo, prêso por ordem régia e desterrado da côrte. Durou a contenda até que em 1630 um Breve de Urbano VIII decidiu o pleito em favor de S. Tiago, dando-lhe a posse exclusiva do padroado, com que se fez silêncio sôbre a matéria.

(1) De França com Espanha.

CARTA CCCXI

A Duarte Ribeiro de Macedo⁽¹⁾

1673 — Outubro 24

Senhor meu. — Recebi a de V. S.^a escrita em 29 do passado, e me acho com as mesmas desconfianças daquele negócio, fundadas no mesmo silêncio, porque totalmente me faltam nêste correio as cartas que, por diferentes vias, me costumam falar nêle depois que se começou; de onde não posso deixar de inferir que ou nêle há alguma notável mudança, ou os interessados, como tão poderosos, mandaram tomar as cartas, que todas vinham debaixo de uma coberta. E me confirma esta suspeita saber que até nas portas de Elvas se mandaram pôr pessoas eclesiásticas, que juntamente com as sentinelas de guerra examinassem a quantos passavam a Castela, não se podendo penetrar naquella cidade a causa nem autoridade com que se faziam estas cautelas. Aqui temos pessoa com quem se fez esta diligência: e à minha pouca teologia não cabe entender como não seja expressamente contra a Bula da Ceia impedir-se o recurso ao Sumo Pontífice⁽²⁾. Mas seria outro o fim, porque não quero carregar sôbre a minha consciência as acções ou intentos das alheias.

Se V. S.^a se tem arrependido de haver falado nesta matéria, com o zêlo que V. S.^a chama liberdade, não lhe bastará a V. S.^a o arrependimento para escapar da cen-

(1) Inédita; original no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Um dos artigos condena os éditos, regulamentos ou pragmáticas, que de qualquer forma possam restringir os direitos do Papa.

sura ; como a mim me não bastou o estar em Roma, para me fazerem autor do que se obra em Portugal, onde há muito tempo não tenho voz activa nem passiva, como bem o provam os efeitos, e o modo com que as cousas se empreendem, e muito mais a inconstância com que se não prosseguem. Um dêstes dias chegou aquí carta de um grande ministro e grande parcial do nosso Secretário de Estado, em que aconselhava e pedia muito a um Padre da Companhia ajudasse as partes da Inquisição nesta Cúria ; e, relatando o sucedido em Lisboa, dizia que todo o povo estava deliberado a morrer pela fé. De maneira que é tal a nossa ignorância, que vem a ser pecado contra a fé recorrer ao Vigário de Cristo, em uma causa em que êle só privativamente é juiz, e que seriam avaliados em Lisboa por mártires os mesmos, que pela mesma causa em Roma, em quinta feira de Endoenças, são declarados por excomungados (1).

O estado em que ficava êste negócio até a partida do próprio referi no passado, e de novo não há mais que esperarmos o correio desta semana, para desengano das suspeitas que acima digo. Queira Deus ordenar as cousas dessa banda, de modo que a sua paz não seja guerra para nós, e, pois temos meios de socorrer poderosamente as Conquistas, os aceitemos a tempo em que sejam de proveito.

A saúde do Papa ainda não está tão firme que desconfiem dela os que lhe a não desejam ; tudo o demais como de antes, passando-se as férias fora de Roma com comédias e as outras delicias da refrescata.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

(1) Pela Bula da Ceia, que se lê nêsse dia, mencionada atrás.

Roma, 24 de Outubro de 1673.—Capelão e criado de
V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCXII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Outubro 31

Senhor meu. — Não tive neste correio carta de V. S.^a, e V. S.^a as haverá recebido de Madrid e de Lisboa, cheias de novidades horrendas, se bem para mim, muito tempo há, antevistas e prognosticadas. O Marquês(2), Embaixador de Castela, suponho que haverá remetido a V. S.^a a mesma relação com as cartas inclusas que a mim me enviou. As de Lisboa, escritas em 19 do passado, dizem que tudo estava quieto, e que já não bolia uma mosca. Eu tenho observado que, todas as vezes que Deus nos quer mandar avisos extraordinários, mata em Portugal um cônego. Morreu o Deão de Coimbra; e com esta ocasião se expediu um próprio a Madrid, e com êle vieram as novas e cartas dos 25, em que se referem as prisões de António Cavide, Fernão Mascarenhas, Gabriel Marques, Maldonados, e outros(3); e a fugida para Castela dos dois Mendonças, irmãos

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) De Gouveia.

(3) Conjuração que tinha por objecto restituir ao trono D. Afonso VI, e se supunha fomentada pelo Embaixador de Castela. António Cavide tinha sido Secretário de Estado de D. João IV, e de D. Afonso VI em sucessão de António de Sousa de Macedo. Nesta qualidade lavrou o termo da abdicação, em 1667. Do seu processo, visto na Mesa da Consciência (cópia na Biblioteca Nacional, códice n.º 675),

do Viso-Rei da Índia. Acrescenta Francisco Pais Ferreira que o correio lhe referira outras pessoas de maior suposição, que êle me não nomeia pelo não crer inteiramente. O Cardeal Embaixador de Castela (1), disse, no mesmo dia em que leu as suas cartas, que para França e Inglaterra eram fugidos outros fidalgos portuguezes; e de Madrid se escreve eram passados a Castela muitos outros, que também não nomeiam, nem eu creio facilmente o que se narra por êstes evangelistas. Nesta suspensão ficamos, esperando com ânsia o correio da semana que vem.

O meu discurso ou conjectura é o que agora direi a V. S.^a, pôsto que tenha contra si a objecção de Castela não haver de querer quebrar com Portugal, em tempo que está ameaçada com uma tão pesada guerra como a de França; se não é que as suas disposições e negociações lhe asseguram a paz, que é o que sobretudo temi sempre, e agora muito mais.

Suponho que a maior dor de Castela é a nossa coroa, e que o seu maior desejo é recuperá-la, ou quando menos perturbá-la, e enfraquecê-la.

Lembro-me que já no tempo do Embaixador Batavila (2) todos os descontentes do presente govêrno e favorecidos no passado se ajuntavam freqüentemente em sua casa. Consta-me que o embaixador Humanes se não descuida, e que tem feito em Portugal, e escrito a Madrid, e espalhado de ali pelo mundo o que a V. S.^a é presente. Vejo

consta que o projecto dos conspiradores era tirar o Rei do castelo de Angra, e levá-lo a Espanha, de onde, com o auxílio da Regente, faria sua entrada em Portugal.

(1) Cardeal Nithard.

(2) Barão de Batteville (em França Vatteville) Embaixador de Espanha, falecido em 1670 em Lisboa.

que a nossa desatenção é muita, o dinheiro nenhum, que não temos navios no mar nem soldados na terra, e que da cavalaria, mais dificultosa de remediar, se não fez a conta que eu sempre adverti, e que se fez somente particular estudo de acrescentar descontentamentos. Sôbretudo isto considero que em Portugal não há pessoa capaz de se fazer cabeça de uma conjuração, nem El-rei D. Afonso, ainda que estivera mais perto, é sujeito por si em que o mais desesperado de sua fortuna a haja de querer fundar. Mas é contudo uma estátua autorizada com o nome de Rei, debaixo do qual nome, que sempre é especioso, qualquer príncipe estranho, ajudado em Portugal dos seus parciais, pode intentar entre nós qualquer perturbação e guerra intestina. E de tudo isto venho a inferir ou conjecturar que os descontentes tinham intelligência com Castela, ou Castela com êles; e que êstes, na ausência do Príncipe, e com o pretexto da Inquisição, como claramente diziam os chamados pasquins, quiseram persuadir o povo a que tomasse as armas, para êles se agregarem à mesma multidão, e a atiçarem ou contra a pessoa ou contra a regência de S. A., havendo-se-lhes prometido o socorro de Castela, que bastaria, ainda que fôsse pouco, entrando com o nome de D. Afonso, e a titulo de ajudar e estabelecer a sua parcialidade; e que, vendo finalmente que isto se esfriava, Castela para os animar se declarou contra o Príncipe D. Pedro, tratando tão indecentemente o seu Embaixador, e não lhe dando satisfação (1), para que com esta

(1) A 27 de Setembro fôra assaltada em Madrid por gente do povo a casa do Embaixador, Marquês de Gouveia. O facto derivava de uma rixa havida na rua com os criados, que puxaram armas, ficando mortos alguns espanhóis. Para manifestar o seu desgosto, o Marquês retirou-se da cidade ao sítio vizinho de Caramanchel.

notícia se declarasse e tomasse fogo a mina de Lisboa, que Deus foi servido se descobrisse dois dias antes, para que Castela possa ter o merecido castigo, ou quando menos correspondência do seu ódio, tendo tenção não de nos conquistar por agora, mas de nos aliar consigo, com que mais se segurava de nós na suposição da guerra com França, sem mais empenho que passar ao interior do reino os presidios das suas fronteiras. Isto é o que conjecturo, e que estes são os sinais dos *trinta e dois anos e meio* (1), pois começaram aos 5 de Julho, em que o Príncipe firmou a licença do recurso contra a Inquisição.

Deus sôbretudo que guarde a V. S.^a como havemos mister.

Roma, 28 de Outubro de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCXIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1673 — Novembro 7

Senhor meu. — Recebi neste correio duas de V. S.^a, uma de 6 outra de 13 do passado. Ambas li na cama, de que já estou levantado mas não restituído a saúde. Os médicos dizem que causou êste acidente a diferença ou mudança do tempo, que entrou com grande rigor; mas eu que conheço melhor a causa, ainda que a dissimulo, sei

(1) Alusão à profecia do Bandarra, citada em outras cartas. Supra, p. 452, 580 e 582.

(2) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

bem que não são os ares desta terra os que me matam, senão os disparates e ferezas da nossa.

Cada dia chegam, e por muitas vias, queixas contra mim, como se eu tivera parte no que sem imaginação minha lá se propôs, lá se pediu, lá se concedeu, lá se resisto, e lá parece que se tornou a suspender com tanta inconstância como descrédito(1). Confesso a V. S.^a que, depois de ter nascido em Portugal, a maior felicidade fôra ou não chegar a uso de razão ou tê-lo perdido. Tudo são gritos que nos pomos contra a fé e favorecemos o judaísmo. Isto o que se diz, isto o que se crê, isto o que se impugna, isto o que se blasfema. Julgue V. S.^a que paciência bastará para sustentar ou suportar tal vida. Os conselheiros, escrevem que se tem retractado, ao menos em grande parte, e assim já me admiro menos da irresolução do pobre Príncipe. Contudo não posso acabar comigo de me vestir à moda, porque estou em estado de não mudar hábito, e ainda que me venha muitas vezes à imaginação a Cartuxa, dentro dos bosques ou muros dela me considero menos seguro que nesta cela. Nela estou como em um deserto, e não saio senão forçado, sendo Roma para mim uma galé insuportável. Se eu pudera participar a V. S.^a tudo o que calo, seria o maior alívio, mas é fôrça conservar dentro do peito todos estes venenos, e apelar só para Deus, de quem só podê vir o remédio.

Não deixo contudo de me lembrar e ruminar(2) que êste negócio começou a 5 de Julho, e que ali se cerrou *o conto cheio dos trinta e dois anos e meio* (3), e que tudo o que vemos são *sinais* que o podem ser para nós de grandes males,

(1) A licença para os cristãos novos reçoerem ao Pontífice.

(2) *Rumiar* no original.

(3) Referência ao Bandarra, como na carta antecedente.

e, para a Providência, que os permite e dispõe, de grandes bens. *Se um dos três que vêm arreio demonstra grande perigo* (1) já o temos em casa, e tão grande que não sei qual possa imaginar-se maior, com um príncipe de não tanta resolução como era necessária, e com tantos e tão poderosos inimigos dentro de casa e vizinhos a ela.

Hoje corre em Roma que teve o Embaixador de França aviso da rotura da guerra por parte de Espanha, e licença para se recolher. Se assim é, e não fôr este o torcedor que acabe de chegar as condições da paz a aceitá las com menos decoro quem parecia o árbitro das armas, mais cuidado poderemos nós dar a Castela que ela a nós. O caso é apertado, e se França houver de continuar na campanha não deixará de procurar empenhar-nos nela, com o socorro do que ao nosso descuido passado será necessário. Emfim estou esperando com ânsia o correio de Madrid e o de Lisboa, e do que ambos trouxerem se poderá fazer qualquer conjectura. Também reparo nas palavras: *Haverá açoute e castigo em gente que não nomeio*, e me ocorre mais de uma em que será bem empregado (2).

O caso do Abade de Cister (3) até de tão longe me

(1) Versos do Bandarra, na trova citada, que reza assim :

Trinta e dois anos e meio
Haverá sinais na terra,
A escritura não erra,
Que aqui faz o conto chelo.
Um dos três que vem arreio
Demonstra grande perigo,
Haverá açoute e castigo
Em gente que não nomeio.

Compare-se com a interpretação no t. 1.º, p. 543.

(2) A que se opunha à pretensão dos cristãos novos, e particularmente os Inquisidores.

(3) O Abade de Alcobaça, Frei António Brandão, segundo de

envergonha. Daquele outro ministro, que estimará todas as nossas conveniências enquanto o forem do seu príncipe, também tenho o mesmo conceito, e por isso duvido se fale de coração no negócio dos homens de negócio, principalmente prometendo socorros e companhias para as Conquistas.

A doença do Papa continua, e dizem que caminha mas de vagar. Deus lhe aumente e conserve a vida como a Igreja há mister, e a a V. S.^a guarde muitos anos como desejo.

Roma, 7 de Novembro de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCXIV

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Novembro 14

Senhor meu. — Nunca tanto cuidado me deram as cousas do nosso reino como nestes dias, e assim espero as novas de V. S.^a com maior ânsia. As que V. S.^a me dá de Meliapor, e do resto da Índia e seus oppositores, eram muito para estimar, e mais no tempo presente, com a rotura das guerras, se nós tivéssemos juizo e união, e indústria para nos sabermos aproveitar das ocasiões do mesmo tempo, maiores do que podia inventar nem imaginar o

nome, eleito em 1672, e que renunciou mais tarde o cargo para ser Arcebispo de Goa. O caso a que Vieira se refere viria mencionado na carta de Macedo por enquanto desconhecida.

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

mais ambicioso desejo. Seja Deus louvado, cuja providência ou justiça, para maior castigo nosso nos põe o bem à vista, e nos ata as mãos ou cega os olhos para que o não gozemos nem ainda o conheçamos.

De Madrid teria V. S.^a aviso de ser enviado a Lisboa o Abade Masserate, saboiardo, a dar satisfações do sucedido ou executado contra a casa e insignias do nosso Embaixador. Em Lisboa, de onde temos cartas dos 2 de Outubro, ainda não havia notícias do successo, mas por outros e graves indícios se entendia que Castela entrava por muitas vias na conjuração contra o Príncipe. Esta, dizem, é tão numerosa e poderosa, que ainda depois de descoberta se teme não possa ser vencida. Em S. A. não falta valor nem prudência; queira Deus que em todos os que o assistem haja aquela fidelidade que em tão grande caso é necessária. Escreve-me pessoa que tem obrigação de o saber que da Ilha tinha vindo dois ou três homens principais, com aviso de que o Bispo, cunhado de Cavide (1) tinha procurado levar a El-rei para sua casa, e que a maior parte da cidade, e o governador da fortaleza, resistira esta pretensão com grandes debates de parte a parte. Suposto isto (que eu adivinhei tanto que soube estava prêso Cavide), e suposto estar também prêso o governador de Setúbal, e o mais de que avisei a V. S.^a, entendo que o intento era trazer a El-rei da Ilha, recebê-lo em Setúbal, beijarem-lhe logo a mão os Mendonças que estavam em Azeitão (e um dêles estava feito Marquês em Castela por intervenção do Marquês de Liche), acudirem alguns dos que se tinham retirado a Evora (2), admitirem-se os presídios

(1) D. Frei Lourenço de Castro, da Ordem dos Prêgadores, Bispo de Angra.

(2) Supra, p. 631.

das fronteiras castelhanas, que dizem estavam reforçados, e, depois de conquistada a província de Alentejo, dar-se fogo à mina de Lisboa, ajudada do castelo impenetrável do Rocio (1), e executarem dêste modo tudo o que o descontentamento, ódio, inveja e ambição, debaixo dos dois pretextos de rei e fé, tinha fabricado. Acrescente V. S.^a a facilidade com que a armada de Castela posta em Cadiz podia em um dia estar dentro de Setúbal. Isto é tudo o que por cá tem chegado com certeza, deixando o demais que se acrescenta e merece pouco crédito. Nêste número ponho o que se escreve de Madrid, de que V. S.^a terá aviso.

No meio de tanto desgosto me consolam sòmente as esperanças que me dão as nossas profecias, pelas quais eu esperava até o meio dêste ano, como há muitos meses escrevi a V. S.^a, e sei que hoje se notam em Portugal, e se me referem por muitas vias, e alguma com que eu aqui as havia comunicado nas noites do inverno passado. O conto dos *trinta e dois e meio* (2) se encheu no fim de Junho; aos 5 de Julho se firmou por S. A. a licença que deu ocasião aos primeiros pasquins; a pesquisa dêstes descobriu a conjuração; e o perigo em que estava o Príncipe e o reino, que ainda não está de todo vencido, é o maior em que jámais se viu Portugal, entrando nesta conta os tempos de El-rei D. João o primeiro. Porque então sabia-se quem estava por uma ou por outra parte, e agora tudo é confusão; então não havia Inquisição, e agora é aquela da qual e de rei juntamente, como dizia aquele amigo, não é capaz Portugal. O segrêdo dêste tribunal, e o dos confessionários, e a imunidade de ambos com o

(1) A Inquisição.

(2) Supra, p. 673.

pretexto da religião é o que mais se deve temer e se teme. Êste é o *perigo* falta o *açoute e castigo* e sabermos quem é a *gente*, que o autor não nomeia (1). O tempo nos descobrirá o demais.

O Residente continua com a sua suspensão daquela ordem, de que primeiro recebeu a revogação que o decreto (2); os procuradores dos homens de negócio não se descuidam, mas, desassistidos da autoridade real, não podem alcançar a justiça que os ministros lhe concedem com as boas palavras que aqui nunca faltam. Dizem-lhe quem há-de dar vista as partes, e elas em Portugal procuram não chegar a êsses termos. Têm por si todos os bispos que todos foram ou inquisidores ou deputados, e terão também todos os que querem êste degrau para subir aquele, e seus pais e parentes e dependentes e familiares, emfim tudo. Haverá três dias que aqui chegou Raviza (3); dizem que vem empenhado pela mesma parte.

Deus nos mande boas novas e a V. S.^a guarde como desejo e havemos mister.

Roma, 14 de Novembro de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

(1) Supra, p. 674.

(2) Supra, p. 662.

(3) Francisco Ravizza, Núncio que tinha sido em Lisboa, de onde regressava.

CARTA CCCXV

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Novembro 21

Senhor meu. — Por esta carta de 28 do passado, escrita naquela noite de tanta occupação, dou as graças a V. S.^a, e também pela do antecedente, a qual, ainda que não trouxe a nova da rotura da guerra publicada naquele dia, com a antecipação do tempo me pôde ser remetida de maneira que a tive quando a esperava, o que poucas vezes succede; e de aqui por diante será de muito maior sentimento, pela incerteza em que estamos de que a guerra nos impida o comércio dos correios, e muito mais se esta se estender à nossa terra, em cujas fronteiras, escrevem, se faz infantaria e cavalaria, e estão já distribuídas todas as seus generais ou governadores das armas. E assim peço a V. S.^a que tudo o que V. S.^a tiver das notícias que nós tocarem se sirva V. S.^a de me o participar, porque é terrível o tormento da suspensão em matérias que tão interiormente tocam no coração, ainda que nos não mereçam o amor os que no-lo devem.

Ainda que sem o mistério das cifras me tinham comunicado de Lisboa os indícios que carregavam sobre o embaixador Humanes; e pôsto que de Lisboa, nem nas cartas do ordinário que são de 10 do passado, nem nas de um expresso despachado a Madrid com cartas de 7, se fala em novas prisões, ontem li em carta de Turim, de pessoa de boas notícias, que de Madrid se avisava ficarem presos em

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

Lisboa Manuel da Cunha e seu irmão, os Condes de Arcos e Avintes e o Visconde da Asseca. Não o creio nem deixo de esperar cousa semelhante, e ainda de pessoas de maior suposição, porque a tudo me dão motivo os mistérios e reticências com que me escreveu pessoa com quem se participam muitos arcanos da primeira intelligência.

Suponho que o correio mandado a essa côrte com os avisos de Portugal, e detido nela oito dias, não deixará de levar proposições de grande consequência a ambas as coroas. A nossa já estará desenganada de quão pouco segura é a paz dos vizinhos, e quanto lhe convinha ter amigos mais seguros, ainda que mais remotos, e entrar com elles em alguma liga, posto que não seja universal, com que, no caso de paz ou continuação da guerra, para esta lutemos com o inimigo enfraquecido, e para aquela o tenhamos seguro.

As cartas de 7 dizem que em Lisboa ficava resolutto convocar Côrtes, e que já estavam publicadas para o primeiro de Janeiro. Cuidava eu que o primeiro intento delas seria a coroação de S. A., mas o nosso Residente, que aqui parece tratou neste negócio, me falou em termos muito alheios dêle, e parece se funda sòmente nos interesses dos antigos conselheiros, que fizeram própria a causa que devia ser comum; e, como elles ainda governam ou podem, não se persuade que deixem de persistir no mesmo conselho, e que a pouca ambição e generosidade de S. A. se não dê por obrigada com as presentes emergências a mudar de resolução. Contudo sei que se entende, e me parece que prudentemente, ser o meio mais eficaz de alegrar o descontentamento público tirar o manejo das semanas aos particulares, e reduzir o govêrno ao estilo antigo e verdadeiramente monárquico.

Sei também com certeza autêntica que os Inquisidores

pediram e desejaram muito as Côrtes, para no congresso dos bispos, que todos foram ministros daquele tribunal, ajudados dos procuradores das suas diocèses, e das dependências que têm, não poucas, no braço da nobreza, com todo o corpo do reino, darem um grande abalo ao negócio que aqui se tem principiado, e pôr-lhe perpétuo silêncio, como pedem a S. A. com repetidos memoriais, com que não mostram grande confiança da sua justiça; mas não será a primeira vez, em que possa mais a fôrça que o direito. O remédio que isto podia ter aqui se conhece e se procura; e, se se conseguir e chegar a tempo, não deixará de ser de algum efeito.

Acabo, como V. S.^a, com pedir a Deus nos dê entendimento, e a V. S.^a guarde como desejo e havemos mister.

Roma, 21 de Novembro de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCXVI

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Dezembro 5

Senhor meu. — Recebi a de V. S.^a de 10 de Novembro. Sinto que sôbre tantos modos, com que da nossa terra nos matam, matem também a V. S.^a à fome; e que não bastem os tesouros, que dizem se descobriram nesta conjura, para não tomarem os nossos ministros por escusa a impossibilidade ou pobreza, com que tanto afrontam o miserável reino, que quando tinha guerras tudo lhe sobejava,

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

e agora com a paz lhe falta tudo. As causas dêste milagre tenho preguntado muitas vezes a Portugal, e nunca me responderam porque não devem de ter resposta.

Grandemente estimarei que na nossa terra, como V. S.^a me diz, se haja tomado fogo com o descobrimento da conjura e dos motores dela. Mas não acabo de crer esta honrada resolução, depois de tantas tão encontradas com a honra. A do acomodamento de Madrid me tem admirado tanto pela desproporção da injúria, como pela incoerência dêle sôbre a carta que o Marquês havia escrito à Rainha (2). Não me posso persuadir que tal satisfação se aceitasse sem ordem do Príncipe, nem que os seus Conselheiros de Estado votassem tão pouco briosamente; só me consolo na mesma presunção com que V. S.^a espera que isto fôsse artifício de recolher o nosso Embaixador, para se fazer alguma demonstração com o seu, sem estes refens. Mas por outra via me consta que o negócio foi recebido no nosso Paço muito docemente, e que os inimigos do Marquês são tantos e tais que, pelo ver tornar menos airoso, não reparariam na reputação pública. Êle me não escreveu nesta ocasião, tendo-o sempre feito noutras de menor importância, de onde argúo que não quis testemunhar neste processo ou contra o seu decoro ou contra o da sua obediência.

O capítulo da gazeta de Bruxelas, combinado com a relação que se imprimiu nessa côrte e se viu nesta, tem sido celebradíssimo nesta casa, onde só os castelhanos guardam silêncio. Dos exércitos se esperam grandes novidades esta semana, porque os avisos da passada sôbre o

(1) Em 2 de Outubro, e a propósito do assalto à embaixada, dizendo retirar-se da côrte até receber instruções de Lisboa. A carta acha-se publicada nas *Monstruosidades*.

sítio de Bona (1) dão motivo a qualquer grande successo, que já se começa a divulgar mais a favor dos Imperiaes que da parte contrária. A morte de El-rei de Polónia meterá em novos empenhos tanto a França como o Império.

Nada disto me dá grande cuidado, por que todo me ocupa a nossa terra, principalmente depois de chamadas as Côrtes, que não posso aprovar nesta conjuntura. Os Inquisidores as desejavam e pediam. Sei que todos estão por elles, e ainda os mesmos que votaram a favor dos homens de negócio. Se nelas se resolver contra o recurso a Roma; sôbre o qual ou contra o qual os mesmos Inquisidores fizeram ao Príncipe duas notáveis propostas, serão elles outro Parlamento de Inglaterra, e só nos faltará que lá intitulemos uma nova cabeça da Igreja lusitana. O Papa está já bom. E eu não tenho outra consolação que ler aquelas cartas velhas, que em tudo atégora tem falado a ponto.

Deus guarde a V. S.^a como havemos mister.

Roma, 5 de Dezembro de 1673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCXVII

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1673 — Dezembro 12

Senhor meu. -- Chego de fora a tempo que se está fechando o maço, e não posso dizer a V. S.^a mais que haver recebido a de 16 de Novembro com as novas do sítio de

(1) Bonn.

(2) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

Bona (1), que já se escreve daquela parte estar rendida, e também se fala de Nuys, aquela praça por onde começou a primeira scena dêste grande teatro, que alemães e espanhóis querem haja de acabar em tragédia. Confiam muito na separação de Inglaterra, mas como esta se pode reparar com a condescendência das outras pretensões do Parlamento, tudo se poderá tolerar nas esperanças de outros maiores fins.

As Côrtes da nossa terra, espaçadas, como de lá escrevem, até Janeiro, me têm com grande cuidado, e os mistérios com que falam algumas cartas me o acrescentam mais. Todos supõem que as prisões não estão ainda acabadas, e como não vejo ausentarem-se (2) os que devem temer lhes venha por casa êste perigo, venho a cuidar que são pessoas, as quais, dentro daquele território, se fiam na imunidade de carácter e jurisdição; e isto mesmo me insinua quem o pode saber.

Aquele negócio (3) não será assistido de lá senão depois de despedidas as Côrtes, e assim o prometem ou se promete aos interessados. Queira Deus ajudar a constância de quem a tem tão poderosamente contrastada. Tornou o próprio que de aqui foi ao Núncio, o qual, se escreve em grande segrêdo, fez intimar aos Inquisidores não entendessem com as pessoas que nomeadamente recorrerem a Roma, e ainda se cuida mais; e que o Núncio informou a favor da justiça. Mas como os arcanos dêste tribunal não são menos sagrados que os daquele, nenhuma cousa se sabe com infalível certeza. Não tenho tempo para mais nem matéria de importância.

(1) Desta vez *Bone* no original.

(2) *Aužentarão-se*, no original, *lápso* de pena evidente.

(3) O dos cristãos novos.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 12 de Dezembro de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCXVIII

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Dezembro 19

Senhor meu. — Todas as cartas de V. S.^a me têm chegado à mão, pelo que beijo as de V. S.^a mil vezes, sendo certíssimo, sem nenhuma côr de encarecimento, que não tenho outra consolação, e só o poderá ser maior a comunicação presencial de tantas, tão grandes e tão arriscadas matérias, a que a nossa terra nos dá motivo.

Folguei de ver a carta do Marquês (2), pela expressão com que declara a oficina de onde foram estampados aqueles papéis. Muitas graças ao povo, que, se se deixara levar da fúria a que o incitavam, no meio dela se descobririam os muitos que eu creio esperavam só a ocasião, e não duvido se aproveitem dela todas as vezes que se lhes ofereça.

Até nas gazetas italianas se fala nas fragatas que vão à Ilha Terceira, e agora me disseram vai nelas o general Pedro Jaques, com que toma mais fôrças a opinião de que vão buscar a El-rei: e, porque as viagens em inverno são

(1) Impressa em 1827; autógrafo no Ministério dos Estrangeiros.

(2) De Gouveia ou das Minas. O seguinte parece referência aos pasquins do mês de Julho e ao Santo Offício.

pouco certas, a êste fim se entende foram dilatadas as Côrtes até Janeiro.

Também dizem que querem seja a mudança do castelo da ilha para os paços de Sintra, cobertos com a fortaleza de Cascais e as outras até Lisboa, onde não se pode encobrir por muitas horas qualquer novidade que ali se intentasse. Mas tudo isto é adivinhar, pôsto que não sem fundamento: queira Deus que à vista do *Ecce homo* não levantem alarido as regateiras. A armada que vai é tão pouco numerosa que também me não assegura de qualquer assalto no caminho, principalmente em tempo em que as fôrças marítimas de mais ou menos inimigos estão desembaraçadas.

V. S.^a me diz que se tratava de embaixadores aos dois reis, e agora leio na gazeta de Génova que o de França é o Conde de Miranda, com o novo título de Marquês de Arronches.

O desgôsto da tomada de Bona(1) é geral em todos os franceses e os que aqui seguem o seu partido, admirando todos a marcha de Turena e não a desculpando, porque não sabem as causas. Eu attribuo à falta de gente, pois não pode ser de valor nem de talento.

Os polacos fizeram as exéquias a seu rei com morte de trinta mil turcos(2). Na capela pontificia se fez a acção de graças na dominga *Lætare*(3) com salvas de artilharia.

(1) A 12 de Novembro, pelas fôrças combinadas de Montecuculi e Guilherme de Orange.

(2) A 10 de Novembro morreu o rei Miguel Koribut, e nêsse mesmo dia Sobieski infligiu aos turcos em Choczim uma derrota decisiva.

(3) Por êste título se designa a 4.^a Dominga de Quaresma, em cuja missa começa por aquela palavra o Intróito. Não é crível nêste ponto um equívoco de Vieira, pelo que se pode suspeitar que o Papa

Quando se temiam desuniões e ruínas, dá Deus vitórias, para que nos desenganemos que êle é o que governa o seu mundo. Brava fúria é a dos ingleses contra o Papa. Lá se queimam as suas estátuas, mas aqui não se toma fogo.

Ouvi que se escrevia mandavam o nosso Residente a outra parte. Se houvesse a mudança que eu desejo e deixei de apontar, em falta de outra mais necessária não seria esta pouco importante àquele negócio, o qual cada vez está mais bem visto; mas não terá ultima resolução, em quanto Portugal não estiver mais quieto (1).

Não tenho mãos com o excessivo frio para ir por diante.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 19 de Dezembro de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCXIX

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1673 — Dezembro 26

Senhor meu. — Respondo à última de V. S.^a, do 1.^o dêste, no mesmo ponto em que acabo de receber as da

mandasse usar na comemoração de um grande acontecimento da cristandade o ritual daquele dia. A festa teria sido em qualquer dos domingos, 10 ou 17 de Dezembro.

(1) Vieira continuava a pensar na transferência de Macedo para Roma, na alternativa de o nomearem Secretário de Estado, que êle mais lhe desejava.

(2) Inédita; autógrafo no código 901 da Biblioteca Nacional.

nossa terra, e uma e outras concordam nos motivos de pouco gôsto.

Em Portugal continuam algumas prisões, e entre elas a de António de Conti (1). Os zelosos desejam execução no castigo, e os discursivos de mais interiores notícias a têm por perigosa. De Madrid vi carta em que se diz que aquela côrte governa a de Portugal, e que seus ministros se jactam de ter à sua obediência os nossos. De muitos não creio tal infidelidade, mas de alguns a suspeito. Pedro Jaques arribou depois de partido para a Terceira. Cuida-se que vai buscar a El-rei, e assim o escrevem de ambas as côrtes, mas uma pessoa que tem mais razão de saber êste segrêdo, chamando sonho a esta opinião, me afirma ser o fim desta jornada castigar alguns dos parciais de El-rei, e ficar na Ilha o mesmo general para a defender em caso de qualquer invasão estrangeira. De tudo colho que tudo está pouco seguro, e que disse bem quem disse dêste ano ou dêste meio ano—*Demonstra ser grande perigo* (2).

As palavras do padre de Ville são bem formais, e não vi atégora outras que falassem naquela resolução com tanta clareza. Os empenhados parece que a dissimulam por não desanimar aos que aqui insistem no mesmo negócio. Mas êles adivinharam e jogaram a mão de maneira que, antes de a suspensão se lhes poder intimar, introduziram a causa, a qual pôsto que a passo lento vai continuando, e está em melhor estado do que a sua mesma esperança podia desejar. Tanta é a fôrça da justiça e da razão! Os opositores se ocupam mediata e imediatamente em fazer papéis, que assinam por todos os que têm nome

(1) *Contes* no original.

(2) *Supra*, p. 674.

de dontos eclesiásticos e seculares; e êste deve ser um ponto muito principal das Côrtes, onde terão o sufrágio de todos os três braços. E se pode temer justissimamente que quem aconselhou que em tais circunstâncias se juntassem Côrtes quis violentar a êste fim a vontade, que já estava rendida à fôrça da razão. Dizem que S. A. a mandará declarar, acabado aquele congresso; mas eu não hei-de crer até que o não veja. Sem isto, e emquanto as cousas não estão quietas, nenhuma cousa se concluirá (1).

Tenho dito de nós tudo o que sei, agora direi de mim. Escrevem-me nesta mesma posta haver-se espalhado em Lisboa que eu estava aqui prêso na Inquisição. E segundo outra versão, ainda pior, que eu tinha fugido de Roma com quarenta mil cruzados dos cristãos novos. Não dizem para onde, mas com tanta liberdade e tanto dinheiro não devem de supôr que para me passar à Cartuxa. Isto é o que se diz em Lisboa. O que passa em Roma é que a Rainha da Suécia, contra todas minhas repugnâncias, e com obediência expressa do Padre Geral, me tem nomeado seu prêgador, e eu fico com o encargo de fazer na sua capêla todas as prêgações, duvidando qual seja a maior dificuldade, se haver de falar em italiano, se haver de satisfazer a um tal juizo, que aqui se reputa sem controvérsia pelo mais ardente e sublime *utriusque sexus*. Costuma achar-se naquele lugar tudo o maior e melhor de Roma, e eu acho-me com os meus anos e com o nosso pouco gôsto.

Deus me ajude nisto e no demais; e a V. S.^a guarde como desejo e havemos mister.

(1) Em toda esta alínea referências à pretensão dos cristãos novos em Roma, e aos manejos pró e contra, por ela ocasionados.

Roma, 26 de Dezembro de 1673. — Capelão e criado de
V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCXX

A Duarte Ribeiro de Macedo (1)

1673 — Dezembro 28

Senhor meu. — Não tenho outro alívio (se é que estes correios de Job não esgotam a paciência) senão as cartas de V. S.^a, com as quais torno a pedir a V. S.^a me não falte, e que se entreguem a horas que não fiquem retardadas, e venham a seu tempo, como estas últimas.

As que tivemos de Lisboa são de 18 do passado. Continuam os mistérios desta conjuração, que chamam grande e grandíssima; mas não vemos prender pessoas, nem no número nem na qualidade nem no posto, que correspondam a esta significação. Vi carta de Roque Monteiro (2) da mesma data, em que diz, palavras formais: «Tenho descoberto uma conjuração a maior que se podia imaginar; e assim o mostrará quando sair a público, e verá o reino quanto deve ao que tenho trabalhado; o Príncipe o conhece assim, e nenhum ministro o duvida». Atéqui o texto, escrito, como se vê, a pessoa muito interior, com quem elle tem esta confiança, e ela a fez de mim. As reticências com que outras cartas falam (também de quem deve ter boas notícias) antes acrescentam que diminuem este conceito, e uma ou duas dizem que se não fazem

(1) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional.

(2) Roque Monteiro Paim, Juiz da Inconfidência.

execuções porque se não podem fazer senão com as armas nas mãos. O nosso Residente me referiu hoje carta do Chanceler-mór, em que lhe diz que os motivos que o Príncipe dá aos Estados do reino para chamar Côrtes, ou o principal dêles, é haver-se descoberto uma conjuração contra sua pessoa, e de sua filha, e da liberdade do reino. Reparo muito nesta última palavra, a qual parece se não verifica bastantemente só com a mudança da corôa a príncipe português, e muito menos ao mesmo que atégora se chama rei. Todos carregam sôbre nossos vizinhos, em confirmação do título da relação de Paris (1), da qual aqui chegaram algumas cópias.

De Madrid nem o Residente nem eu tivemos carta alguma. Os castelhanos dizem que já está composta a história do nosso Embaixador (2), e êle restituído à côrte com grande acompanhamento dos grandes; que beijara a mão à Rainha e aceitara jóia, sendo a satisfação de tudo o destêrro dos Alcaldes de côrte e prisão de alguns populares. Não posso crer tal cousa, se bem escrevem que em Lisboa fôra o negócio tomado mais docemente do que por cá se imaginava. E também sei que o Marquês (3) tem poucos amigos, e que êstes mais facilmente lhe haviam de carregar a culpa, que procurar a desafronta e crédito da nação. Se o Marquês governou mal seus criados castigara-se a êle e a êles, mas não me aquietara sem mui equivalente e decorosa satisfação do escudo das minhas armas, e carácter do representador da minha pessoa. A Lisboa não era

(1) Certamente alguma gazeta, ou publicação avulsa, com a notícia dos sucessos de Lisboa. O título insinuaria meneios de Espanha na conjuração.

(2) Supra, p. 671.

(3) De Gouveia, Embaixador em Madrid.

ainda chegado o Abade (1), que se devia não admitir nem ouvir senão com as tardanças que costumamos ter onde não são autoridade, e que depois de nos pormos no campanário da Sé condescendessemos com a aceitação muito regateada, e vendida por mais do justo preço, pois êles e nós estamos em estado de capitular assim. Sobretudo não me persuado que havendo o Marquês reduzido-se ao que se diz, me não houvesse de dizer as causas de sua justificação, segundo a mercê que sempre me fez, em casos onde a reputação necessitava menos de quem a defendesse neste tribunal do universo.

Estimarei saber qual seja o sentimento da senhora Rainha de Inglaterra sôbre todas estas novidades; e se tem algum concurso ou influxo nelas o Padre António Vaz, que a título de vir a Roma foi lá parar, e se achava em Londres em casa do Embaixador de Espanha. Por carta do 1.º dêste se escreve de lá que o Parlamento, ou junto ou levantado, ãmpedia a conclusão do matrimónio do Duque de York, e a mesma nova dá uma nau inglesa chegada há pouco a Liorne.

De aqui não há mais que haver ontem consistório sôbre a confirmação do Primaz de Polónia, pedida com um expresso, pelo perigo em que ficava El-rei, desconfiado dos médicos. O Imperador quer que seja eleito o Duque Carlos de Lorena, sucedendo na coroa e no matrimónio, e se entende que não deixará França de ter suas pretensões, e tecer suas conveniências, como já se presume, falando se no Príncipe de Condé ou no General Sobieski (2), casado com francesa e muito mais com França.

(1) Masserate. Supra, p. 676.

(2) Efectivamente eleito com o nome de João III. Foi casado com Maria Casimira, Marquesa de Arquien.

O meu maior ou total cuidado é o estado da nossa côrte, e a brevidade das Côrtes, chamadas para o 1.º de Dezembro, desejadas e procuradas pelos Inquisidores, e desaprovadas de lá com os pareceres de muitos, com quem o meu concorda nas presentes circunstâncias, particularmente certificando-me a pessoa, que tem por officio saber os interiores do Príncipe (1), que êle se não quer coroar. Ontem vi ao Padre D. Camilo, que me falou em língua e com affecto mui portuguez, e achei nêle quanto V. S.^a me havia dito. Também falei com o Nuncio Raviza que nos conheceu muito bem, e deve dizer mais amplamente a seus amos o que não me calou a mim.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 28 de Dezembro de 673. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

CARTA CCCXXI

A Duarte Ribeiro de Macedo (2)

1671 — Outubro 20

Senhor meu. — Chegaram enfim o Residente Gaspar de Abreu, e o Padre Baltasar da Costa (3), e com sua presença e novas que me deram de V. S.^a se acrescentaram

(1) O confessor Padre Manuel Fernandes.

(2) Inédita; autógrafo no códice 901 da Biblioteca Nacional, e entre as cartas de 1672. O feitiço duvidoso do algarismo 1 no original deu ocasião ao equívoco. Por inadvertência deixou de ser colocada no lugar próprio, e por êsse motivo passou para o fim.

(3) Referência a cartas precedentes que faltam.

as invejas e saudades, e as impaciências e raivas contra a nossa côrte, que sempre acho mui concordes com as minhas no sr. Bispo de Laon, que igualmente desejava a V. S.^a em Roma (1). Seja Deus bemdito que assim nos cega, para castigo de nossas ingratições sôbre tantas miserericórdias.

O sr. Marquês das Minas se licenciará do Pontífice esta semana, e nos princípios do mês que vem se partirá a experimentar de mais perto as sem razões com que desaprovaram em Portugal o que lhe deveram agradecer, só porque outrem o não fez, ou fez o contrário. Eu não tive parte em nada, mas, porque não quis condenar o que tive por melhor ou menos mau, também creio que estou condenado, e que perdi amigos por não querer ser inimigo. Mas pouco se perde em perder tais amizades, quando se ganha o conhecê-las. S. A. que Deus guarde me chama e à pressa, e posto que me asseguram serém efeitos da sua graça, eu suspeito que são influências de quem me não quer em Roma. Dou conta a V. S.^a tão inteiramente da minha consciência, por não faltar à fidelidade que só V. S.^a me merece.

Sinto o estado da Índia, que atégora não tinha tão compreendido, e por mais que lembro sempre o seu remédio e socorro, já me tenho desenganado de todo e desesperado. As cousas se vão dispondo de modo que já os meus temores se passam a Portugal, e só falta a sua última ruína para acabarmos de perder a fama, que já felizmente tínhamos recuperada. Do decreto da gente da nação (2) tive uma cópia muito mais estendida e individuada da que se espalhou pelo mundo, e também me veio à mão o pa-

(1) Na qualidade de embaixador.

(2) De 22 de Junho de 1671. Supra, p. 374.

pel impresso em Madrid de Roque Monteiro(1). Menos mal foi deixar as coisas à opinião que publicá-las com tão pouco justificados fundamentos. Dos ministros que estão fora do reino consta serem todos de contrário parecer. E, quando em Portugal se cuida que immortalizamos a fama do nosso Príncipe com esta resolução, não há entendimento em Roma que a não admire e condene, e forme dela o conceito e consequências que nem a V. S.^a me atrevo a referir.

Fico riquíssimo com os favores de V. S.^a, de que faço a estimação que merecem por todas as circunstâncias de que se esmaltam. O Reverendo Padre Verjus me não mandou o sermão, nem eu tinha notícia desta tradução, pôsto que depois a vi em mãos do sr. Bispo de Laon(2). E sinto que sendo o discurso tão alheio da seriedade francesa se dê por amostra do pano. Fico mui em vésperas de imprimir alguma cousa de diferente suposição e fundamentos, com que se repare êste descrédito, se não bastar a ocasião em que aquelas cousas se disseram para lhe alcançarem perdão.

(1) *Perfidia judaica, Christus vindex, Munus Principis Ecclesiae ab apostatis liberata*, em que o autor Roque Monteiro Paim advogava a expulsão dos judaizantes.

(2) Sermão de Vieira traduzido em francês. Deve ser o que tem por título nesta língua: *Discours de reconnaissance sur la naissance de l'infante de Portugal, prononcé en portugais par le R. P. Antoine de Vieyra de la Compagnie de Jésus, le jour même de cette naissance*. Paris, 1671. O mesmo tradutor tinha publicado em 1669, a tradução de outro sermão para ser pronunciado no aniversário da Rainha D. Maria Francisca, em 1668, e que por causa ignorada o autor não prègou; mas é de crer seja a referencia ao primeiro. (Cf. *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, pelos Padres Augustin e Backer. Também Sommervogel, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. O Padre Verjus era irmão do secretário particular da Rainha.

Aqui esperamos o Marquês de Liche por Embaixador de Castela. E eu sempre estou esperando com ânsia muito boas novas de V. S.^a, com que peço me não falte V. S.^a, e com as notícias da nossa terra, que de agora por diante não sei se me participarão como atégora.

Deus guarde a V. S.^a muitos anos como desejo.

Roma, 20 de Outubro de 671. — Capelão e criado de V. S.^a

António Vieira.

APÊNDICE

NOTAS ADICIONAIS

Pág. 77

«As outras cruzes têm só um título de três línguas...».

Em latim, grego e arameu, que Pilatos mandou pôr na do Calvário.

Pág. 92

«Assim o escrevera Alexandre Brandão».

Êste sujeito, que vivia em Roma, era filho de italiana e português. Escreveu: *Storia delle guerre di Portugallo succedente per l'occasione della separazione di quel Regno della corona cattolica* — Veneza, 1689. Provavelmente, pelo lado materno, de sangue hebraico. Devia ser parente de António Brandão, também residente em Roma, e que tinha por mulher a Violante Mendes, filha do conhecido banqueiro Francisco Gomes Henriques, o *Forra-gaitas*, cristão novo, supliciado em 1654 pela Inquisição. (Cf. *Episódios dramáticos da Inquisição Portuguesa*, pelo dr. António Baião, vol. 2.º).

Pág. 159

Carta LXXXII — Ao Marquês de Gouveia.

Foi publicada na 1.ª edição, e nas seguintes, com o título -- Para o Duque de Cadaval — que está errado, como se vê do contexto. As cópias manuscritas, no códice 1724 da Biblioteca Nacional, e t. 8.º da coleção da Academia das Ciências, trazem o enderêço ao Marquês de Gouveia, que deve ser o verdadeiro.

«Francisco Pais Ferreira, capelão do Marquês de Gouveia».

Capelão de El-rei (Católico?) diz Barbosa Machado, no artigo em que dêle trata na *Biblioteca Lusitana*; e *capelão do Marquês de Gouveia*, no artigo referente a Roque Monteiro Paim. O certo é que assistiu muito tempo em Madrid, onde permaneceu depois de se retirar o Embaixador. De lá prestava serviços de espionagem ao Santo Ofício. Anexa ao processo de António Rodrigues Mogadouro, prêso em 1672, e queimado em estátua por ter morrido no cárcere, anda uma carta de Pais Ferreira ao Inquisidor Geral, em que denuncia o réu como protector de todos os judeus de fora, que clandestinamente entravam em Portugal. A carta é de 20 de Abril de 1673. Nêsse tempo ainda êle se correspondia com António Vieira.

«A refrescada há-de vir de Portugal».

A refrescada era o dinheiro com que o Marquês das Minas havia de pagar as suas dívidas. Tornara-se achaque habitual dos diplomatas portugueses faltar-lhes a côrte com os subsídios. No ano antecedente tinham-se vendido padrões de juros, nos quais se capitulava «ser necessário acudir prontamente ao Marquês das Minas e não se achar outro meio de remediar a necessidade» (Decreto de 26 de Junho de 1670, em *Colecções de Leis da Divida pública portuguesa*, publicada por José da Costa Gomes). Á Misericórdia do Pôrto se impôs a obrigação de emprestar para o efeito acima a soma correspondente a um conto de réis de juros.

«História de Famiano».

A obra *De bello belgico*, do Padre Famiano Strada, jesuíta, continuada pelo Padre Guilherme Dandini, igualmente jesuíta, com o título *Historia de rebus in Gallia gestis ab Alexandre Farnesio*, continuação a que alude o texto.

Pág. 379

«De Macau chegaram cartas escritas neste mesmo ano em que se afirma o recebimento do nosso embaixador».

Em 1668 mandou o Vice-Rei da Índia, João Nunes da Cunha, uma embaixada a Pequim, de que foi encarregado Manuel de Saldanha. Este, que tinha pouca saúde, deteve-se por essa causa em Macau, e só em 1671 continuou a jornada. Foi recebido com honras pelo Imperador da China e, doente sempre, faleceu quando regressava, ainda em território chinês. (Cf. *Breve Relatório da viagem que fez á côrte de Pequim o senhor Manuel de Saldanha, Embaixador extraordinário de El-rei de Portugal ao Imperador da China e Tartária*, manuscrito da Biblioteca Nacional, Caixa 10, documento n.º 1).

Pág. 461

«Quando por falta do mesmo cabedal deixamos de empreender a guerra da Índia».

Duarte Ribeiro de Macedo tinha informado a Secretaria de Estado de que França, convidando Portugal a entrar na liga contra as Províncias Unidas, propunha fornecer armas e munições, mas dinheiro não poderia dar nenhum. (Cf. *Instrução e parecer do Secretário de Estado sobre a liga com França e Inglaterra*, manuscrito da Biblioteca Nacional, no códice 748, cópia).

Pág. 509

«Nem sou tão amigo de companhia...»

Na colecção da Academia das Ciências: *Nem sou tão amigo da Companhia*. Se esta é a verdadeira lição, teríamos o trocadilho, em referência à Companhia de Jesus, gracejo natural em um jesuíta.

Pág. 631, nota 1.º

«Do relatório deste último Governador».

Afonso Furtado de Mendonça, primeiro Visconde de Barbacena

Pág. 238 do Tômoo 1.º

A nota desta página não vale.

Por *liberdades dos homens do mar*, também chamadas *liberdades da Índia*, designava-se a faculdade que tinham os tripulantes, oficiais e marinheiros, de trazer certa quantidade de especiaria, cada um segundo seu pôsto, isenta de frete e direitos, e em lugares reservados a bordo para êsse fim. A regalia fazia parte das soldadas, em cujo mapa se avaliava em dinheiro. (Cf. Luís de Figueiredo Falcão, *Livro de toda a Fazenda etc.*, pág. 198 e 199). Suspensa por decreto de Fevereiro de 1647, contra o voto do Conselho Ultramarino, em consulta de 2 Março dêsse ano. (Biblioteca Nacional, Arquivo Ultramarino, Livro 2.º de Consultas mixtas, fol. 22).

Pág. 460 do Tômoo 1.º

Não se encontra na colecção do Barão de Stuart, do Ceará, o original da carta de 20 de Abril de 1657, para D. Afonso VI, como diz a nota respectiva, nesta página. Rectifica-se o engano, segundo indicação do conhecido historiógrafo e colleccionador.

ÍNDICE ALFABÉTICO

A

- Abade Joaquim, 46, 59, 67, 78, 108, 121.
Abranches, Manuel Côrte Real, Reitor da Universidade, 134, 136, 184, 189, 237, 240.
Abreu, Cristóvão de Chaves, 501.
Afonso VI (D.), Rei de Portugal, 5, 18, 19, 23, 28, 30, 38, 115, 124, 230, 232, 262, 308, 385, 436, 492, 495, 499, 577, 615, 631, 661, 671, 676, 685, 688.—Seu casamento, 28, 44, 148, 149, 229.
Africa, 387.
Alarcão, D. Francisco de—, 191, 204.
Alarcão, D. João Soares de—, 191, 204.
Albizzi, Cardeal, 629.
Alemanha, sucessos, 16, 21, 91, 92, 262, 370, 455, 481, 501, 503, 504, 542, 563, 602.
Almanaque de Galhano, 586, 587.
Almeida, Gregório de—, *vide* João de Vasconcelos.
Altieri (Cardeal), 302, 337, 348, 369, 447, 572, 635.
Amadeu, Beato, 26, 38.
Angelos, Frei Lucas de los —, 168, 193.
Angola, 656.
Anjou, Duque de—, 463, 532.
Argel, 20.
Arlington, Conde de—, 404.
Arronches, 90, 92.
Astorga, Marquês de— (Embaxador de Espanha em Roma), 285, 321, 367, 370, 384, 395, 442, 446.
Atouguia, Conde de—, 222, 233.
Aubeville, M. de— (Enviado de França em Lisboa), 431, 527.
Áustria, D. João de—, 12, 36, 41, 82, 216, 223, 226, 229, 234.
Aveiras, Conde de—, 404, 557.
Aveiro, Duque de— (Inquisidor General), 326, 400, 414, 427, 516, 572, 573, 581, 603, 604, 605, 615.
Azamor, 589.
Azevedo, Abade Francisco de—, 352, 647.
Azevedo, Padre Inácio de—, 275.
Azevedo, João de Roxas de—, 256, 296, 317, 352, 647.
Azevedo, Maria de—, 294.

B

- Baía, 631.
Baldeschi (Monsenhor), 629.
Bandarra, 207, 227, 452, 580, 582, 674.

- Barbarino, António (Cardeal), 212, 219, 222, 234, 241, 256, 261, 385, 395.
Barbarino, Francisco (Cardeal), 265, 266, 267, 269, 277, 283, 335, 490.
Barbarino, Francisco (Cardeal), 290, 291, 293.
Barradas, Padre António, 149.
Barradas, Padre Sebastião, 272.
Barreto, Francisco (Inquisidor), 260.
Barreto, D. Francisco (Bispo do Algarve), 333.
Barreto, Roque da Costa, 190, 197, 225, 260.
Basto, Irmão Pedro de—, 406.
Batteville, 318, 670.
Beja, Bento de— (Inquisidor), 640, 643.
Beja, Frei Luís de—, 640, 643, 644, 646, 652.
Belem, 640.
Bispos: negociações em Roma e nomeações, 311, 314, 317, 321, 325, 328, 330, 333, 336, 338, 345, 355, 460, 464.
Bonacosi, Carlos, 295.
Bourey, Nicolau, 97.
Branaccio (Cardeal), 541, 600, 601, 604.
Brandão, Alexandre, 92, 698.
Brandão, Frei António (Abade de Alcobaça), 674.
Brandeburgo, 589, 604.
Brasil, 391, 470, 656.
- C**
- Cadaval, Duque de—, 37, 117, 129, 150, 178, 197, 206, 489. — Seu casamento, 271, 275, 277, 283, 286, 319, 328, 329, 518. — Cartas ao mesmo, 118, 139, 180, 184, 189, 212, 219, 222, 234, 241, 256, 261, 265, 266, 267, 269, 277, 283, 335, 490.
Caldas, Pedro Álvares, 649.
Câmara, D. Fradique da —, 248.
Camilo (D.), Padre, 693.
Caracena, Marquês de—, 82, 132, 141, 142, 145, 168, 171, 221, 226, 234, 239, 242.
Cardano, Jerónimo, 583.
Cardeal Patrão, *vide* Altieri.
Carlos II (Rei de Espanha), 305, 470, 622.
Carlos II (Rei de Inglaterra), 426, 591.
Carlos V (Imperador), 625.
Carvalho, Frei Jorge de—, 12.
Caserta, Príncipe de—, 283.
Castela, *vide* Espanha.
Castelmelhor, Conde de—, 22, 23, 195, 408, 590, 593.
Castelo-Branco, D. Rodrigo de— 323.
Castrilho, Conde de—, 62, 187, 190, 198, 227.
Castro, Ducado de—, 407.
Castro, D. Francisco de— (Inquisidor Geral), 289, 651, 654, 661.
Catarina (D.), Rainha de Inglaterra, 302, 310, 312, 316, 319, 516, 528, 584, 589, 600, 692 — Carta à mesma, 288.
Catástrofe de Portugal, 319, 393.
Cavide, António, 669, 676.
Celsi, Ângelo (Cardeal), 378, 383, 386.
César, Júlio, 391.
Chiaravalle, Pescatore di—, 583.
Chigi, Flávio (Cardeal), 291, 293, 366, 367, 369, 370, 521.

- China, 359, 379, 664, 699.
Chipre, 456.
Clavis Prophetarum, 516.
Clemente IX (Papa), 280, 287, 291.
Clemente X (Papa), 302, 324, 328,
346, 348, 369, 436, 473, 477, 537.
Cometas, 60, 105, 106, 107, 110,
115, 117, 121, 123, 125, 127, 153,
157, 168, 171.
Companhia Oriental, 394, 401, 422,
448, 496, 528, 536, 544, 576, 589.
Condé, Príncipe de —, 481, 520,
602, 638.
Condone (Padre), 252.
Congregação da Propaganda, 460,
553, 554, 571, 575, 629, 631, 658.
Conjuração contra o Regente D.
Pedro, 669, 676, 679, 682, 684,
690.
Conti, António, 22, 84, 688.
Correia, Domingos Vaz (Vigário
do Maranhão), 205.
Costa, Padre Baltasar da —, 388,
404, 425, 528, 570, 693.
Costa, Duarte Nunes da —, 16.
Costa, Jerónimo Nunes da —, 473.
Costa, Padre Jorge da —, 307.
Cristãos novos, 373 a 377, 390,
400, 422, 418, 548, 566, 576, 598,
603, 606 a 611, 624, 626, 633, 644
a 652. — Decreto de expulsão,
374, 388, 410, 413, 435, 694. —
Propostas sobre a Índia, 544,
556, 570, 595, 615, 626. — Solici-
tações em Roma, 665, 678, 684,
688.
Cristina (Rainha de Suécia), 161,
276, 411, 447, 578, 622, 689.
Cruz, Padre Francisco da —, 612.
Cuama, 357.
Cunha, João Nunes da —, 6, 7, 12,
16, 20, 29, 36, 41, 102, 129, 132,
134, 140, 179, 211, 213, 224, 240,
241, 253, 256, 304, 399, 554, 699.
Cartas ao mesmo, 162, 167, 171,
251.
- D**
- Dourado, Feliciano, 320.
- E**
- Espanha, 396, 409, 418, 423, 426,
437, 462, 523, 539, 547, 591, 597,
599, 602, 682, 688. — Guerra com
Portugal, 6, 16, 20, 27, 56, 61, 66,
67, 71, 90, 151, 154, 176, 181, 183,
184, 188, 191, 209, 235, 239, 242,
261, 262. — Negociações para a
paz, 7, 125, 135, 270.
Esperanças de Portugal, 280, 514.
Estancel, Padre Valentim, 188.
Este, Reinaldo de — (Cardeal),
510.
Estrées, César de — (Bispo de Laon
e depois Cardeal), 310, 337, 349,
369, 418, 420, 427, 433, 447, 450,
453, 458, 489, 552, 556, 620, 622,
625, 626, 660, 694, 695.
Estrées, Francisco Aníbal, Duque
de — (Embaixador de França em
Roma), 337, 351, 368, 407, 416,
418, 420, 426, 431, 436, 620.
Estrées, João, Conde de — 458, 620.
Exercícios de Santo Inácio, 664.
- F**
- Fabri, Padre Honorato, 410.
Facções em Lisboa, 444.

- Faial: notícia que correu em Inglaterra, 495.
- Farinha, Pedro Sanches de —, 635, 644.
- Fernandes, Padre Manuel (Confessor do Regente D. Pedro), 593, 633, 693.—Cartas ao mesmo, 606, 642.
- Ferraz, António Pais, 586.
- Ferreira, António Soares, 631.
- Ferreira, Francisco Pais, 338, 339, 670, 698.
- Filipe IV (Rei de Espanha), 105, 229, 252.
- Fonseca, José da —, 435, 612.
- França, 62, 347, 385, 388, 394, 397, 409, 411, 450, 481, 495, 527, 538, 563, 624.
- Freire, Francisco de Brito, 334.
- Freire, Pedro Lupina, 648.
- Freitas, Gaspar de Abreu de — (Residente de Portugal em Roma), 351, 355, 364, 370, 379, 383, 394, 397, 405, 416, 474, 537, 553, 554, 555, 571, 573, 635, 637, 645, 646, 649, 654, 659, 693.
- Fronteira, Marquês de —, 203, 301, 309, 314, 580.
- Furtado, Luís de Mendonça, 355.
- Gouveia, Padre Gaspar (Assistente do Geral dos Jesuítas), 279, 472.
- Gouveia, Marquês de —, 3, 9, 84, 129, 151, 237, 252, 385, 409, 426, 427, 428, 460, 597, 635, 662, 663, 666, 669, 671, 682, 685, 691, 692, 696.—Cartas ao mesmo: 3, 7, 11, 15, 19, 21, 27, 30, 34, 35, 40, 64, 81, 89, 102, 122, 133, 135, 144, 152, 159, 172, 206, 232, 240, 250, 257, 264, 273, 295, 320, 323, 325, 333, 337, 339, 340, 341, 345, 347, 348, 349, 354, 358, 364, 368, 371, 378, 384, 396, 402, 411, 416, 417, 425, 427, 429, 440, 441, 449, 454, 456, 464, 476, 480, 498, 502, 506, 508, 512, 519, 522, 537, 545, 558, 562, 568, 573, 577, 584, 592, 601, 604, 613, 617, 621, 627.
- Gouveia, Marquesa de —; 613.
- Gravina, Vicente Orsino de —, (Cardeal), 324, 369, 420, 424, 508.
- Gravina, Duque de —, 324, 369.
- Gualtieri (Cardeal), 555, 559.
- Guedes, Padre Francisco, 38.
- Guénégaud (Embaixador de França em Lisboa), 461.

H

- G**
- Galhano e Lourosa, 586, 604, 606.
- Gama, D. Simão da —, 260.
- Génova, 476, 493, 512, 533, 562, 585, 591, 593, 605, 638.
- Gil, S. Frei, 38, 44.
- Ginetti (Cardeal), 337.
- Gomes, Baltasar, 647.
- Gonçalves, Padre Antão, 612.
- Haro, D. João de — (Conde de Monterrey), 455.
- Henrique VIII (Rei de Inglaterra), 302.
- Henriques, Francisco Gomes, 697.
- Henriques: família dêste apelido, 535.
- História do futuro*, 19, 25, 39, 49, 59, 72, 75, 88, 124, 143, 145, 160, 166.

- Holanda, 222, 385, 388, 409, 411, 418, 423, 425, 426, 473, 536, 542, 577, 593, 596, 597.—Notícias relativas à guerra, 405, 449, 455, 457, 459, 463, 465, 466, 467, 469, 470, 475, 477, 481, 497, 551, 563, 565, 567, 574, 615, 617, 618, 619, 620, 625, 627, 638, 657, 662, 683, 686.
- Humanes, Conde de—(Embaixador de Espanha em Lisboa), 431, 453, 491, 493, 494, 506, 543, 544, 576, 578, 634, 635, 662, 663, 666, 670, 679.
- Hungria, 297, 324, 347, 585, 625.
- I**
- Imperiale (Cardeal), 659.
- Índia, 104, 331, 354, 357, 365, 385, 388, 394, 400, 404, 405, 406, 412, 415, 421, 429, 436, 443, 445, 448, 450, 461, 468, 478, 485, 496, 505, 509, 531, 535, 544, 554, 555, 565, 567, 571, 585, 586, 598, 629, 630, 656, 664, 675, 694.
- Infantado, Duque del —, 146.
- Inglaterra, 332, 393, 397, 403, 406, 409, 426, 443, 444, 528, 531, 532, 533, 547, 561, 578, 579, 591, 593, 595, 599, 600, 653, 687.
- Inquisição, Inquisidores, 258, 357, 363, 373, 390, 399, 413, 414, 416, 548, 549, 550, 576, 595, 598, 606 a 611, 635, 644, 648, 661, 665, 677.
- Isabel (D.), Infanta, 518.
- Itália, notícias de —, 297, 324, 437, 439, 440, 456, 468, 578, 580, 591, 593.
- J**
- Japão, 664.
- Jesuítas, sucessos em Portugal, 148.
- João IV (D.), Rei de Portugal, 99, 236, 282, 290, 313, 360, 375, 390, 399, 514, 549, 652.
- Juzarte, *vide* Zuzarte.
- L**
- Lacerda, Fernando Correia de —, 306, 319, 615.
- Lacerda, Francisco Correia de —, 381, 612, 633.
- La Chaise, Padre (confessor de Luís XIV), 553, 555. 575.
- Laon, Bispo de —, *vide* César d'Estreés.
- Lapenha, Simão Álvares de —, 247, 361, 641.
- Leão, Miguel Lopes de —, 535, 537, 541, 557, 559.
- Lemos, Conde —, 661.
- Lencastre, D. Raimundo de —, 605.
- Lencastre, D. Veríssimo de —, 333.
- Liberdades dos marinheiros ou da Índia, 700.
- Liche, Marquês de —, 42, 191, 383, 417, 696.
- Lima, D. Francisco de —, 333, 489, 507, 533, 647.
- Longueville, Duque de —, 481.
- Lucena, Francisco de —, 391, 590.
- Luís XIV (Rei de França), 382, 393, 407, 408, 409, 413, 426, 449, 455, 457, 462, 465, 467, 471, 486, 557, 602, 617.
- Luís, Padre Manuel, 166, 182, 225.

- Luísa (D.), Rainha de Portugal, 22, 290.
- Luz, Frei Isídoro da —, 44, 58.
- M**
- Macedo, Padre António de —, 498.
- Macedo, António de Sousa de —, 28, 595.
- Macedo, Duarte Ribeiro de —, 11, 57, 276, 382, 385, 388, 551, 699. — Extratos de Cartas suas: 381, 393, 414, 419, 421, 422, 424, 435, 452, 453, 475, 495. — Cartas ao mesmo: 11, 299, 303, 308, 315, 352, 365, 380, 394, 398, 403, 406, 408, 413, 419, 422, 434, 437, 443, 447, 451, 458, 460, 466, 469, 472, 474, 478, 485, 487, 492, 500, 504, 510, 517, 526, 529, 532, 534, 538, 540, 543, 552, 556, 560, 564, 566, 570, 575, 579, 581, 585, 588, 590, 594, 596, 599, 603, 611, 614, 616, 619, 623, 625, 628, 630, 632, 634, 637, 653, 655, 657, 660, 663, 667, 669, 672, 675, 679, 681, 683, 685, 687, 690, 693.
- Macedo, Frei Francisco de Santo Agostinho de —, 479, 497, 498.
- Magalhães, Pedro Jaques de —, 242, 309, 685, 688.
- Mancini, Cardeal, 465.
- Manuel, D. Jerónimo, 305.
- Maranhão, 571.
- Marcial, distico de —, 636.
- Marcin, Conde de — 57, 92, 103, 132, 134, 168, 559, 563.
- Maria (D.), Infanta portuguesa, 271, 284, 518.
- Maria Francisca (D.), Rainha de Portugal, 321, 351, 410, 518, 576.
- Marialva, Marquês de —, 14, 18, 19, 23, 26, 29, 32, 37, 55, 57, 58, 65, 66, 67, 79, 93, 175, 185, 201, 204, 279, 292, 307, 314, 315, 361, 392, 453, 497, 526, 530, 546.
- Mártires do Brasil, 281, 302, 322, 325, 332, 341, 346, 479, 484, 542.
- Mascarenhas, D. Jerónimo, 616.
- Mascate, 365, 572, 638.
- Masserate, Abade, 676, 692.
- Medicis, Cosme de — (Grão Duque de Toscana), 276, 298, 307, 331, 339, 348, 392, 519.
- Medicis, Fernando de — (Cardeal), 307.
- Melo, Denis de —, 191.
- Melo, D. Francisco de — (Embaixador a Holanda e Inglaterra), 309, 379, 382, 384, 397, 403, 404, 469.
- Melo, Jorge de —, 245.
- Melo, D. Teodósio de —, 278, 285, 326, 444, 488, 490, 491, 501. — Cartas ao mesmo: 68, 69, 114, 116, 119, 128, 141, 147, 149, 150, 164, 174, 178, 182, 188, 194, 196, 199, 202, 210, 214, 218, 223, 231, 236, 243, 244, 255, 259, 271, 286, 327.
- Mendonça, Afonso Furtado de —, 239, 245, 391, 699.
- Meneses, D. Francisca de —, 297.
- Meneses, D. José de — (filho de D. Rodrigo de Meneses), 307, 525.
- Meneses, D. José de — (filho de D. Afonso de Meneses), 394, 401.
- Meneses, D. Juliana de — 201, 202, 227.

- Meneses, D. Rodrigo de —, 13, 261, 445.— Cartas ao mesmo: 13, 17, 24, 31, 37, 43, 45, 47, 51, 52, 55, 58, 60, 65, 67, 70, 72, 73, 75, 77, 78, 83, 85, 87, 90, 91, 93, 95, 96, 98, 100, 105, 107, 110, 112, 115, 120, 126, 130, 131, 137, 142, 154, 156, 158, 175, 176, 185, 186, 192, 198, 200, 204, 208, 215, 220, 226, 228, 238, 246, 253, 263, 278, 280, 292, 296, 301, 305, 312, 329, 343, 356, 360, 372, 386, 432, 482, 494, 514, 524, 546.
- Meneses, Sebastião César de —, 289, 651, 654, 661.
- Mercúrio Holandês*, 409.
- Mercúrio Português*, 24, 27, 42, 56, 104, 125, 128, 136, 186, 223, 233.
- Mesquitela, Conde de —, 333, 507, 533, 537, 540, 564.
- Mina, S. Jorge da —, 486.
- Minas, descobrimento, 323.
- Minas, Marquês das — (Embaixador em Roma), 279, 287, 304, 309, 311, 316, 327, 341, 352, 359, 364, 366, 367, 369, 371, 379, 382, 383, 384, 392, 416, 444, 453, 524, 580, 685, 694, 698.— Cartas ao mesmo: 430, 520, 639.
- Miranda, Conde de —, 29, 41.
- Miranda, Henrique Henriques de —, 22.
- Missões no Pará e Maranhão, 3, 5, 247.
- Moçambique, 357, 598.
- Mogadouro, António Rodrigues, 698.
- Monstruosidades do tempo e da fortuna*. Extractos: 333, 366, 389, 401, 410, 414, 434, 443, 462, 493, 558, 590, 643.
- Montecuculli, 481, 499.
- Monteiro, Pedro Fernandes, 94, 97, 207, 438, 586, 590, 592, 651.
- N**
- Nerli, Francisco (Núncio em França), 407, 613, 614, 638, 655.
- Nevers, Duque de —, 28.
- Nithard, Padre João Everardo, 310, 359, 369, 378, 380, 383, 384, 395, 398, 418, 420, 421, 427, 448, 450, 569, 625, 670.
- Niza, Marquês de —, 12, 203, 453.
- O**
- Odescalchi, Cardeal, 655.
- Odivelas, sacrilégio de —, 353, 357, 372, 399, 405, 410, 483.
- Oliva, Padre João Paulo (Geral da Companhia de Jesus), 276, 278, 279, 362, 367, 511, 515.
- Orange, Príncipe de —, 428, 467, 486, 503, 529, 589.
- Orsino, Cardeal (Protector de Portugal), 279, 335, 508, 552, 553, 556, 571, 658.
- Ossuna, Duque de —, 41.
- P**
- Pádua, Manuel da Gama de —, 433, 484, 526.
- Paim, António Monteiro, 632.
- Paim, Roque Monteiro, 80, 131, 133, 590, 593, 632, 640, 663, 690, 695.

Panamá, saque da cidade, 354.

Pecinga, D. Pedro, 507, 512, 522, 533.

Pedro (D.), Infante, 13, 15, 22, 23,

97, 151, 165, 179, 235, 261, 262,

267, 268, 279, 280, 281, 288, 290,

306, 313, 326, 343, 372, 381, 386,

390, 392, 398, 404, 405, 413, 432,

452, 556, 581, 650, 663, 693, 694.

— Carta ao mesmo: 362.

Penharanda, Conde de —, 146.

Pereira, Padre Bento, 352, 425.

Pereira, Jerónimo Sodré, 294, 360,
392.

Pereira, Padre Manuel, 40.

Perfidia judaica, 695.

Pérsia, 586, 638.

Pescara, Marquês de —, 209.

Pimenta, Padre João, 98, 112, 294,
343, 356, 484, 525.

Plínio, 271.

Polónia, 324, 370, 463, 468, 477,

481, 499, 510, 513, 517, 520, 521,

523, 539, 563, 578, 585, 593, 601,

605, 612, 628, 641, 653, 683, 692.

Pompeu, 391.

Pomponne, Marquês de —, 565.

Portocarrero, Cardeal, 427.

Portugal, notícias, 434, 457, 459,

460, 480, 487, 492, 494, 499, 503,

511, 518, 530, 564, 595, 600, 603,

605, 615, 616, 624, 631, 633, 640,

643, 680.

Prodígios, 158, 160, 161, 163, 165,

230, 231, 364, 439.

Profecias e prognósticos, 17, 21,

25, 32, 38, 63, 67, 97, 128, 132,

134, 200, 213, 217, 236, 253, 256,

293, 303, 452, 583, 586, 597, 672,

673, 674, 677, 688.

Ptolomeu, 583.

Q

Quevedo, D. Francisco de —, 665.

R

Ravasco, Bernardo Vieira, 294,
314, 391, 551.

Ravasco, Gonçalo, 551.

Ravizza, Francisco (Núncio em
Lisboa), 318, 317, 353, 693.

Razis, Serafino de —, 44.

Ribeira Tomás da —, 647.

Roboão, 381.

Roma, notícias, 287, 291, 293, 321,

324, 328, 334, 335, 338, 340, 366,

407, 409, 415, 418, 420, 426, 430,

433, 436, 438, 442, 445, 447, 450,

456, 460, 462, 465, 479, 482, 507,

511, 513, 518, 521, 534, 536, 539,

561, 569, 572, 573, 588, 599, 601,

604, 605, 613, 614, 621, 622, 625,

626, 628, 629, 632, 639, 642, 659,

666, 668, 674, 692.

Rospigliosi, Cardeal, 369.

Rossis, Monsenhor de —, 616, 659,

Ruyter, Almirante, 618, 620, 623,
636.

S

Sá, Frei Luís de —, Carta ao mes-
mo, 76.

Sá, Salvador Correia de —, 131,
133.

Saavedra, Diogo Fajardo de —,
445.

Sabóia, 471, 473, 477, 479, 481, 486,
489, 506, 519, 523, 525, 593.

Saint-Romain, Abade de —, 382,
397, 421.

- Saldanha, António de—, 131, 133.
Saldanha, Manuel de—, 699.
Sande, António Ferreira de—, 423.
Sande, António Pais de—, 424.
Sande, Marquês de—, 194, 224, 333, 507, 533, 541.
Sanfins, Doutor, 15, 65, 105, 108, 130, 142, 160, 161, 162.
Santa Teresa, 665.
Santelmo, 79, 127.
Santo Agostinho, 375.
Santo Isidoro, 121.
Santo Ofício, *vide* Inquisição.
São Francisco de Borja, 368, 370.
São Lázaro, cavaleiros de—, 588.
São Nicolau, 364, 439, 446, 486.
São Tiago, 665.
Schomberg, 23, 124, 135, 140, 164, 506, 623, 653.
Sebastianistas, 211, 230.
Sebastião (D.), Rei de Portugal, 38, 108, 125, 128, 625, 654.
Sermonetta, Duquesa de—, 277, 283, 284, 285, 286, 288, 328, 488, 501.
Severim, Gaspar de Faria, 621.
Silva, Alexandre da— (Inquisidor), 281, 615.
Silva, D. Frei Álvaro da— (Bispo de Coimbra), 417.
Silva, D. Diogo da—, 40, 133, 172, 237, 245, 246, 250, 260.
Silva, Frei Luís da—, 564.
Silva, Luís Vieira da—, 637.
Silva, Pedro Vieira da— (Bispo de Leiria), 291, 313, 344, 361, 636, 659.
Silveira, Frei João da—, 50.
Soares, Padre José, 43, 214, 472.
Sobieski, 605, 612, 686, 692.
Soissons, Conde de—, 619.
Soure, Conde de—, 3, 4, 7, 8, 28, 34.
Sousa, Fernão Lopes de—, 161.
Sousa, D. Francisco de—, 639.
Sousa, D. João de—, 359, 366, 384, 642.
Sousa, João Falcão de—, 632.
Sousa, D. Luís de— (Capelão mor), 29, 326.
Sousa, D. Pedro de—, 359, 642. •
Sousa, Simão de Vasconcelos e—, 235.
Strada, Famiano, 378, 698.
Suécia, 605.
- T
- Távora, Marquês de—, 404, 452, 530, 557, 558, 564.
Teixeira, Padre Simão, 553.
Teles, Padre Baltasar, 24.
Teodósio (D.), Príncipe, 45, 127, 290, 399, 433.
Tôrre, Conde da—, *vide* Marquês de Fronteira, 203.
Tromp (Almirante), 618, 620, 623.
Turenne, 638, 686.
Turquia, 94, 297, 315, 324, 342, 345, 346, 357, 370, 440, 442, 446, 450, 455, 456, 457, 463, 466, 578, 580, 585, 602, 605, 628.
- U
- Ulhoa, Diogo Lopes de—, 273.
Ursino, *vide* Orsino.
- V
- Vanicelli, João, 507, 533.

- Vasconcelos, Padre João de —, 38.
Vaz, Padre António, 322, 334, 692.
Veiga, Padre Francisco da —, 194.
Veiga, Tomás da —, 431, 640.
Velho, Diogo, 258. — Carta ao mesmo, 258.
Verjus, Padre António, 299, 695.
Vieira, Padre António. — Destêrro, 8, 25, 46, 51. — Enfermidades, 13, 14, 48, 64, 65, 68, 71, 127, 149, 151, 153, 154, 156, 160, 162, 164, 167, 170, 175, 177, 178, 308, 311, 315, 338, 371, 472, 474, 476, 566, 574, 584, 588, 591, 592, 600, 611, 621. — Negócios de Família, 282, 293, 298, 307, 360, 641. — Processo na Inquisição, 113, 248, 258, 267, 275, 290, 516, 580, 604. — Sermões, 18, 43, 44, 49, 88, 91, 92, 94, 304, 314, 357, 379, 383, 403, 412, 418, 695. — Sermões em Roma, 311, 313, 350, 503, 505, 513, 514, 540, 569, 578.
Vila-Flor, Conde de —, 621.
Vilar Maior, Conde de —, 381, 404, 587, 626.
Ville, Padre Francisco de —, 310, 633, 688.
Visconti, Cardeal, 371.
- Y**
- York, Duque de —, 212, 528, 547, 591, 600, 636, 692.
- Z**
- Zuzarte, Padre João, 551.
Zuzarte, Padre Pedro, 358, 388, 404, 421, 423, 551, 641.

CORRECÇÕES

ág.	Linhas	Erros	Emendas
58	16	1663	1664
72	5	Julho 5	Julho 28
94	31	como talvez	talvez como
98	24	D. Afonso IV	D. Afonso VI
169	24	<i>senissimo</i>	<i>serenissimo</i>
210	22	1664 — Agôsto 25	1665 — Agôsto 7
234	16	1664	1665
244	4	contigência	contingência
246	24	nele	nela
257	5	assim assim	assim
267	24	ai da	a ida
277	20	tia-avó	tia direita
283	7	1664	1669
287	7	Clemente X	Clemente IX
297	32	Itália	Holanda
381	33	<i>Paralpómenas</i>	<i>Paralipómenos</i>
461	33	Cochinm	Cochim
464	1	lânger e há	Tângere há
480	25	Ministério dos Estrangeiros	Arquivo Nacional
487	2	senão	se não
489	5	misericórdia	Miseriçórdia
495	28	D. Rodrigo de Macedo	D. R. de Macedo
530	7	tivsmos	tivemos
531	27	da ga	da liga
584	20	não se que faça	não sei que faça
627	9	a os servi	a os servir
677	19	<i>trinta e dois e meio</i>	<i>trinta e dois anos e meio</i>

As cartas de p. 466, 469, 474 e 480 para Duarte Ribeiro de Macedo foram pela primeira vez impressas em 1827, e não no t. 1.º da 1.ª ed., como se lê nas respectivas notas. Outros erros, de mais evidência, não passarão despercebidos ao leitor.

EDIÇÕES DA IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

(EXTRACTO DO CATÁLOGO)

BIBLIOTECA DE ESCRITORES PORTUGUESES

SÉRIE A)

Publicados:

BERNARDIM RIBEIRO e CRISTÓVÃO FALCÃO. — *Obras*. Conforme a ed. de Ferrara. Edição preparada e revistá por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. 2 vols. Esgotado.

No prelo:

SILVIA DE LISARDO.

LIVRO DAS CANTIGAS D'AMIGO. — Colecção de poesias dos séculos XII, XIII e XIV, organizada e prefaciada pelo Dr. José Joaquim Nunes, 3 vols.

SÉRIE C)

Publicados:

P. ANTÓNIO VIEIRA. — *CARTAS*. Coordenadas e anotadas pelo sr. J. Lúcio d'Azevedo. Tôm. I e II.

DISPERSOS, de Camilo Castelo Branco. Compilação e notas do Dr. Júlio Dias da Costa. Vols. I e II.

No prelo:

P. ANTÓNIO VIEIRA. — *CARTAS*. Coordenadas e anotadas pelo sr. J. Lúcio d'Azevedo. Tôm. III.

FR. HEITOR PINTO. — *Imagem da vida christã*. Rev. e pref. pelo Dr. Joaquim de Carvalho.

DISPERSOS, de Camilo Castelo Branco. Compilação e notas do Dr. Júlio Dias da Costa. Vols. III e IV.

JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS. — *Memorial das proezas da segunda Tavola redonda*. Conforme a 1.ª ed. Rev. pelo Dr. Alberto Fejo.

RODRIGUES LOBO. — *Églogas*. Rev. e anotada pelo Dr. José Tavares.

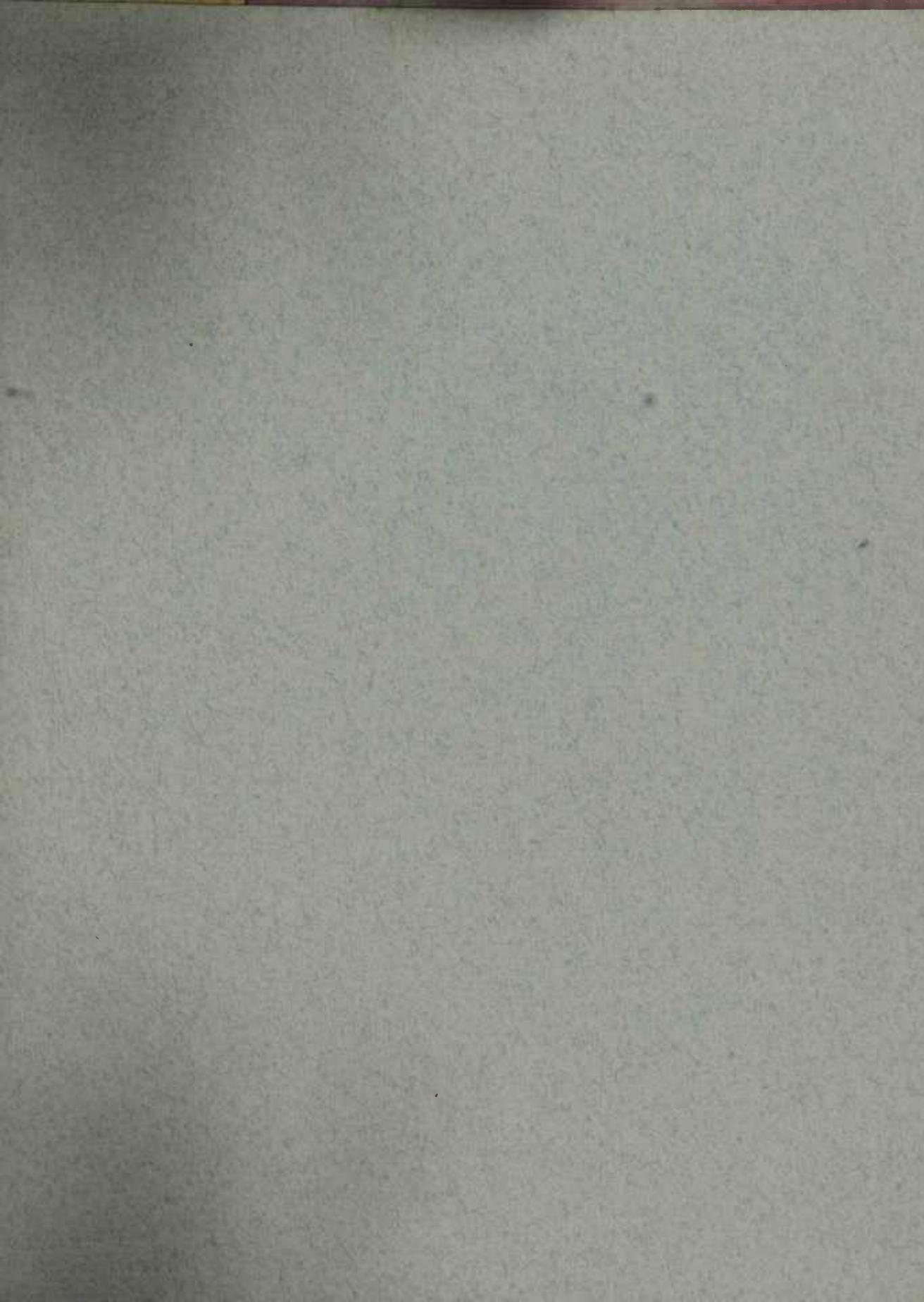
Em preparação:

ALMEIDA GARRETT. — *Discursos parlamentares*.

RUY GONÇALVES. — *Dos privilégios e prerogativas que o genero feminino tem por direito comū e ordenações do reino mais que o género masculino*.

BALTAZAR ESTAÇO. — *Sonetos, Canções e Églogas e outras Rimas*.

ESTEVAM RODRIGUES DE CASTRO. — *Rimas*.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).